
ARTES E LETRAS

1873 2.º ANNO



EDITORES ROLLAND & SEMIOND LISBOA

Collaboradores

A. A. da Fonſeca Pinto — A. Filippe Simões — Alberto Pimentel — Alberto Telles — Alfredo Campos — Antonio Ennes — A. X. Rodrigues Cordeiro — Brito Aranha — Bulhão Pato — Camillo Caſtello Branco — Chriſtovam de Sá — Claudio de Chaby — Eduardo Auguſto Vidal — Eduardo Coelho — Franciſco Antonio Barata — Franciſco Gomes de Amorim — Franciſco M. Tubino — Gomes Leal — Gonçalves Creſpo — Guilherme Franco — Ignacio de Vilhena Barboſa — Innocencio Franciſco da Silva — Joſé Maria de Andrade Ferreira — Julio Ceſar Machado — Latino Coelho — Luciano Cordeiro — Lucio de Mendonça — Luiz Auguſto Palmeirim — Luiz Guimarães Junior — Manuel M. Bordallo Pinheiro — Maria (D.) Amalia Vaz de Carvalho — Marquez de Souſa Holſtein — Marx de Sori — Narciſa (D.) Amalia — Pinheiro Chagas — Ramos Coelho — Raphael Bordallo Pinheiro — Ribeiro Guimarães — Simões Dias — Souſa Viterbo — Thomaz Ribeiro.

Rangel de Lima — Director



AS FLORES DA JANELLA.

Desenho de Max Kaltenmozer.

ARTES E LETRAS



LISBOA — JANEIRO DE 1873

LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

(Conclusão)

V



os 22 de janeiro de 1799, poucos dias depois de se terem assenhoreado do castello de Sant'Elmo, os francezes entraram na cidade de Napoles.

Logo, entre clamores de alegria e manifestações ruidosas, se proclamou a republica parthenopêa. As tropas francezas, para que fosse menos repugnante a idéa de *occupação estrangeira*, tomaram o nome de *exercito napolitano*. Os tribunos explicavam ao povo nas ruas e praças os principios do novo governo. Os frades e sacerdotes, devotados á causa da revolução, prégavam tambem, mostrando a conformidade das idéas de liberdade, egualdade e fraternidade com as maximas fundamentaes do Evangelho [1].

Leonor da Fonseca Pimentel redigia o *Monitor Parthenopêo*, cujas paginas, escriptas com desaffectada e natural eloquencia, accendiam em todos os corações o mesmo santo amor da liberdade que a inflammava.

Nos theatros representavam-se algumas das tragedias de Alfieri e outras peças egualmente proprias para excitar os sentimentos patrioticos. Uma noite, no theatro de S. Carlos, aproveitaram essa excitação para publicar algumas noticias desagradaveis que temerosamente ameaçavam a sorte da republica. N'um entre-acto uma actriz veio ao proscenio annunciar a marcha victoriosa do cardeal Ruffo e a derrota das tropas republicanas.

Os espectadores pediram em altos gritos o hymno da liberdade, voltando-se para um camarote, onde estava Leonor da Fonseca Pimentel e bradando muitos: «A Pimentel! A Pimentel!» Queriam que o hymno fosse cantado não pela actriz, mas pela illustre poetisa, pela inspirada redactora do *Monitor*, a quem chamavam a sybilla napolitana, o genio da republica parthenopêa.

Ella hesitou; porém, vendo a unanimidade da manifestação, desceu ao palco, onde foi saudada e calorosamente applaudida.

Depois, succedendo ao ruidoso tumulto profundo silencio, Leonor acompanhada pela orchestra começou a cantar:

> Il tiranno é caduto, sorgete
> Gente opressa, etc.

Terminado o hymno, houve em toda a sala uma agitação indescriptivel. Aos bravos, palmas e applausos de toda a sorte ajuntavam-se o brandir das armas, os clamores de vingança e as juras dos que promettiam vencer ou morrer na defeza da republica.

Com muito custo serenára a tempestade no resto da noite, para se desencadear mais furiosa no dia seguinte nas praças, ruas e clubs de Napoles. Estes ultimos, depois de animadas discussões, deputaram ao governo, a fim de conjurar os males que ameaçavam a republica, alguns de seus principaes membros.

VI

Encontraram-se, perante os ministros no palacio nacional, Vincenzo Russo e o general Matera por parte dos exaltados e por parte dos moderados o bispo de Vico e Leonor da Fonseca Pimentel.

Pretendiam os exaltados que se suspendesse a constituição e se nomeasse um dictador e se lançassem impostos forçados e, emfim, se levantassem forcas para os inimigos da republica, ou para quem se oppozesse aos meios energicos e violentos que julgavam indispensaveis. Queriam o *terror*, como em França no anno de 1793.

N'este sentido fallára o general Matera, cujos discursos vehementes e acrimoniosos mal pudera rebater o ministro Manthoné. Antes que outros dos moderados tomassem parte na discussão, levantou-se Leonor da Fonseca Pimentel, dominada de profunda commoção, que na pallidez do rosto e no estremecimento da voz bem se patenteava.

«Oh! exclamou ella. Melhor me fôra ter morrido no patibulo juntamente com Manuel de Deo e com Vitaliano! [1] Ao menos teria descido ao tumulo entre as lamentações affectuosas de meus irmãos e profundamente convencida de que os defensores da liberdade podem ser martyres, mas jámais criminosos.

«Quê! Pois nós os sequazes da justiça e da verdade, os apostolos da nova fé, nós os republicanos queremos imitar os satellites da tyrannia, os homens das trevas, oppondo aos crimes, aos roubos, aos assassinios de Ruffo, Mammone e Fra Diavolo, delictos similhantes, levantando forcas e arrancando aos innocentes a honra, os bens e a vida?!

[1] Entre os membros do clero que melhores serviços prestaram á republica cita Vannucci os padres F. Conforte e M. Scotti, M. Ciccone, G. Belloni, Cavallo, M. Guarano, Caraffa e Jerocades. Os bispos Serao, Sarno, Natali, Troisi, o bispo de Sansevero e o arcebispo Zurlo. O historiador Cuoco assevera que foram de trinta a quarenta os prelados que tomaram parte na revolução. Alguns pagaram com a vida o terem pugnado pela liberdade e pelo bem da patria.

[1] Estes e V. Galiani tinham sido enforcados em 1794, quando o rei e a rainha suspeitaram de haver uma vasta conspiração contra a realeza. O mais velho dos tres contava apenas vinte e dois annos e dezenove o mais novo.

«Não, por certo, ó cidadãos! Pereça a republica parthenopêa, arraze-se a cidade de Napoles e fiquemos sepultados em suas ruinas, antes que fazer o menor mal a innocentes ou derramar o sangue de transviados concidadãos, que não deixam, por isso, de ser irmãos nossos e filhos da mesma mãe commum!»

Grandes e geraes applausos, que os membros do club dos exaltados não ousaram contrariar, acolheram as palavras de Leonor, e-a incitaram a proseguir:

«Não sou eu a quem applaudis, porém á virtude da caridade, ao amor da patria e da humanidade, aos altos sentimentos que me inspiram. E, com quanto muitissimo pudesse dizer sob a influencia de tal inspiração, dispensa-me de longos discursos o participardes dos mesmos generosos sentimentos. Concluirei, por tanto, em poucas palavras:

«A sanguinosa anarchia da França, os tristes dias de terror fizeram amaldiçoar na Europa a republica e os republicanos. Agora pertence-nos a nós, filhos da Italia, nascidos na terra do genio, da virtude e da gloria, rehabilitar a republica e os republicanos.

«A liberdade está ameaçada. Talvez que seus altares venham a ser de novo derruidos pelo fanatismo ignorante e cego. Talvez que nossas cabeças tenham de cair aos golpes do algoz. Embora. Consuma-se o sacrificio, mas digam de nós as gentes e declare a historia:

«*Pereceram por haverem querido o bem dos homens!*»

A assembléa deliberou em seguida conferir a Manthoné, ministro da guerra, o commando em chefe do exercito republicano, com larga faculdade de levantar novas tropas, de ordenar as antigas, de dirigir, em summa, todos os aprestos para a defeza da patria.

Resolveu tambem que se considerassem filhos adoptivos da republica as mães, as viuvas e os orphãos d'aquelles que, defendendo-a, perdessem a vida.

Em quanto se discutia esta ultima lei, Gabriel Manthoné levantando-se exclamou:

«Cidadãos, espero que minha mãe virá a aproveitar os beneficios de tão generoso decreto!»

VII

No meiado junho de 1799 as tropas do cardeal Ruffo, auxiliadas pelo populacho de Napoles, entraram na cidade. Os chefes republicanos refugiaram-se nos castellos, onde resistiram por alguns dias, até que obtiveram uma capitulação honrosa que lhes permittia, conforme quizessem, ou embarcarem nos navios, ou permanecerem na cidade sem que fossem perseguidos.

Mas a rainha Carolina, sedenta de vingança, deputou a Nelson lady Hamilton, cujas seducções o levaram a violar a capitulação, algemando oitenta e quatro cidadãos, que entregou á furia da plebe para serem apunhalados nas ruas ou conduzidos á força.

O rei veio de proposito da Sicilia para instituir tribunaes, onde foram condemnados muitos republicanos. Dizem que sómente nas cadeias de Napoles chegaram a contar-se trinta mil.

Leonor da Fonseca Pimentel foi tambem condemnada á morte. Escutou a sentença com animo tranquillo; e antes de seguir para a forca pediu e bebeu café, repetindo o verso de Virgilio:

Forsan haec olim meminisse juvabit.

Depois, como dama superior á desgraça, percorreu com rosto sereno e passo firme as ruas que da cadeia conduziam á praça do mercado, onde tinham levantado a forca.

Da immensa turba que a rodeava, alguns a injuriavam com cantigas obscenas ou lhe gritavam que désse vivas a el-rei Fernando. Ella, chegando ao sitio elevado da forca, pediu com a mão e com a voz alguns momentos de silencio á bruta multidão para dizer as ultimas palavras, que seriam, por certo, dignas de seus altos espiritos. E já principiava, quando os carrascos, receiando algum tumulto, lhe cortaram com a vida a palavra.

Entretanto os lazzaroni cantavam:

La signora Dianora
Che cantava neoppa u triato
Mo abbala miezzo a u mercato

Viva, viva u papa Santo
Ch'a mannate i cannoncini
Per distruggere i giacobini

Viva a forca e masto Donato [1]
Sant'Antonio sia laudato [2].

A. FILIPPE SIMÕES.

[1] O carrasco.

[2] Além da carta de Leonor da Fonseca Pimentel que publicámos n'uma das notas precedentes, guarda-se tambem na bibliotheca de Evora a seguinte, dirigida ao bispo de Beja D. frei Manuel do Cenaculo:

«Exmo e rev.^{mo} sr.—Com a occasião que volve para essa côrte o sr. D. Diogo de Noronha, ministro d'ella junto á de Roma, me valho d'esta opportunidade para renovar a v. ex.^{a} rev.^{ma} os protestos do meu obsequio, e remetter-lhe pelo mesmo a obra dos direitos da neutralidade, da qual fallava já a v. ex.^{a} na minha carta passada, e que, referindo-se muito ao estado de neutralidade armada nas ultimas guerras, julguei que não lhe seria desagradavel passal-a debaixo dos olhos.

«Não me permittiram de accrescentar o volume do paquete, e por esta causa não pude incluir tambem n'elle a obra sobre a legislação do cavalheiro Filangieri, e da qual tem até agora saido sete tomos, que ficam esperando nova commodidade de remessa. Juntamente com o indicado livro achará alguns livrinhos de ephemeras poesias por mim compostas, que ainda que não merecedoras de occuparem o seu tempo, as receberá v. ex.^{a} como um tributo da minha veneração, e para que lhe tenham viva na memoria a lembrança d'ella; e terá a bondade de entregar a meu tio o pequeno plico que vae para elle e contém alguns exemplares das mesmas poesias, e quanto devo lhe agradeço as honras e favor que lhe faz.

«Novidades que interessem as letras aqui não ha mais que a nova instituição que a côrte cuida em fazer das escolas normaes em todo o reino, para que em toda a extensão d'elle possa a baixa gerarchia do povo aprender a ler e escrever, e por cujo effeito se mandaram dois religiosos tomar as instrucções no imperio, que já tornaram; e está um desembargador encarregado do plano necessario para a execução, que cedo se espera; e além d'ella o abrir que por ordem da mesma côrte se vae fazendo dos antigos portos de Bajo (aonde se está fabricando um magestoso molo e um excellente forte) e de Miseno, cuja communicação já se abriu com o mar morto, o qual fará como um porto interno a respeito do outro, e além do abrigo e grande commodidade para as naus, já se tira a da rectificação d'aquelle ar pelo enxugamento das muitas aguas encharcadas nas terras circumdarias, e que deformavam aquelles amenissimos sitios das delicias e da grandeza romana. Importante descoberta é a que um douto socio da Academia de Padua tem feito nos montes cerca de Verona, como de um carneiro de ossos de elephantes de grandeza como nunca se conheceram, e sobre os quaes compoz uma dissertação que se ha de publicar com os ultimos actos da dita Academia; e que eu devo em breve receber pelo mesmo auctor e cujo conteúdo, não podendo deixar de ser curioso e instructivo, communicarei a v. ex.^{a}

«Que faz entretanto a Academia de Historia Natural, instituida em Lisboa debaixo dos auspicios do sr. duque de Lafões? E, pois me parece que com tão illustre presidente não deve estar ociosa, teria pela honra d'esta minha madre patria gosto de saber quaes os actos publicos ou memorias particulares que tenham saido d'ella. V. ex.^{a} fique certo do meu rendimento e desejo de servil-o no que o meu pouco prestimo póde valer, e de ser muitos annos como deseja a mais obrigada e obsequiosa serva—*D. Leonor da Fonseca Pimentel.*»

Esta carta, autographa, não tem data, mas em razão de alludir aos sete volumes publicados da obra de Filangiere, intitulada *Sciencia da legislação*, parece ter sido escripta em 1785 ou pouco depois, por se terem publicado n'esse anno os tomos 6.º e 7.º da mesma obra.

AS FLORES DA JANELLA



A REGAR as flôres a vemos nós; mas o olhar, Deus me perdoe, não vae para o regador, vae para a rua...

É tarde. O papá está dormindo; a mamã foi-se deitar; — a criada engomma. Ouve-se ao longe o cantarolar de um trecho de musica

O ciel tu sai si Mathilde m'é cara!

Ella vae regando as flôres...

Dois lugubres soldados, a escabecear gravemente, caminham, encostando-se pelas paredes, como quem véla pela patria com mais ares patrulhaticos... que patrioticos!

Ouve-se um assobio; cadente, melodioso...

O regador já não tem agua; mas ella vae regando sempre... Que flôres aquellas, que tanto amor lhe devem!

Plinio, o antigo, falla de umas flôres côr de oiro e côr do sol, que abrem pela primavera; e conta que os magos usavam d'ellas por terem o condão de dar felicidade. Mas onde nasce essa preciosa planta e de que modo é cultivada, é que elle não diz; talvez por nascer na primavera em toda a parte, como a esperança, e ser no coração — antes das paixões o queimarem — que deve ir buscar-se o balsamo para as regar!

O que dizem essas flôres da janella, não o sei; ha livros para isso, e por ahi correm no poder de toda a gente a dizer-nos a linguagem d'ellas. É por signal bem galante, essa troca de nomes entre o mundo vegetal e o mundo intellectual, dando ás idéas a graça e o aroma das plantas e ás flôres o dom de discorrer.

Talvez se realise, sabe Deus onde, este sonho da terra.

Quem sabe, se no mundo em que habitam os namorados, não se metamorphoseará em flôr cada palavra dada e não se andará a pisar imagens, promessas, esperanças, como aqui, nos jardins, latadas de geranios e violetas?

A hora é perigosa. É á meia noite que os paes se fecham, e os namorados passam. Este não tem duvida, porque não sabe agradar: aquelle tambem não, porque lhe tarda a falla; o outro ainda menos, porque lhe tarda a idéa: mas, lá apparece um ás vezes, que é todo palavras encantadas, ternuras e juramentos.

— Juro-lhe por isto!

— Juro-lhe por aquillo!

Um egypcio! Um verdadeiro egypcio dos que estavam sempre a jurar, — pelos deuses Iris e Osiris, que, ao menos, tinham cara de gente, por Ambis, que tinha focinho de cão, pelo boi Apis, pelo macaco, pelo crocodilo, e pelo alho, pela cebola, *et cœtera!*

Assim elle é capaz de jurar pelas pedras da rua, e pela charuteira, e pelo seu cão, ou pelo cão do pae d'ella, ou pelo cão que nem o pae d'ella nem elle proprio tiverem.

Maneira entretida e suave, maneira de todo o ponto meridional, de passar as noites de verão, conversando ao luar, sorrindo, olhando-se...

Mas póde lá vir um — de noite os namorados são como os regadores, todos se parecem em distancia — que seja o mau olhado, a fatalidade, a má sorte... E depois a visinhança que principia a fallar; e as flôres regadas distrahidamente, preoccupadamente; e os invejosos, os ruins, os diffamadores, corsarios que vão abicar sempre como os passaros ladros no melhor fructo...

Ou então algum bem meigo, bem meiguinho, que goste das flôres e de quem as rega, por gostar ainda mais da burra do pae. Diacho! Flôres é coisa linda; mas tambem dinheiro... Ha opiniões!

Ás vezes a burra do pae resiste, e não ha remedio senão dar-lhe assalto... saltando ás flôres.

Depois, lá se vae tudo; consideração, honra, coração e alma; e a felicidade d'aquella janella á hora de regar as flôres desfolhar-se-ha como ellas e não ficará sendo senão uma lembrança penosa; flôres ainda, mas rôxas e tristes, — saudades.

Vamos, — bonita! Para dentro! Já está prompto, já estão regadas as flôres! Vae; fecha a janella; esconde-te. Pensa, deseja, espera o que quizeres, — sósinha: á janella, não. D'aqui a nada virá elle, embuçado no capote, fumando o seu charuto, á saida do theatro ou de um club...

Esconde-te.

Não lhe digas nada, senão quando estiveres só, quando elle não te ouvir. O estar só para ti é a noite: o vel-o é o dia; esconde-te. Faze como alguma d'essas flôres, que ahi tens, que de dia dobram as pétalas e não teem confiança senão na noite...

Já que esse homem é o sol para ti, ó namorada! faze como o rouxinol que tem medo do sol e não quer mostrar-se sem elle se apagar, ou então como uns bichinhos de que os sabios fallam, que se envolvem durante o dia em atomos de pó e fluctuam ao cimo d'agua como folhas seccas, fingindo não ter vida para que ninguem lhes faça mal, e só apparecendo á noite, moscas pequenas, com umas azinhas bonitas e olhos de esmeralda...

É o que tu deves fazer, namorada! Não abrires as azas senão quando ninguem t'as puder vêr!

A janella e as flôres são a tentação; tua e de quem passa. Não ha coisa mais real, mais verdadeira, mais positiva que uma janella: para ti, não chega a haver coisa mais phantastica.

E talvez — por que não? talvez tambem para elle sejam essas flôres as do paraiso, — nem o ha melhor do que o coração de uma mulher de quem se gosta e que saiba gostar de nós, coração para onde se nos vae a alma, e as idéas amorosas que volteiam como anjos, resplandecem como estrellas, e desabrocham como flores...

O peor é, que esse retiro magico que tão formoso Deus nos dá, jardim de delicias, paraiso inspirado — qual é de nós que o não perdeu?

Vamos! As flôres estão regadas. Fecha a janella...

JULIO CESAR MACHADO.

GIL VICENTE E A CUSTODIA DE BELEM

Estamos deante de um dos monumentos mais extraordinarios da ourivesaria religiosa do seculo xvi, ao qual se prende o successo mais fecundo da historia moderna, por isso que foi destinado a commemorar a descoberta do Oriente; mas o enthusiasmo do artista tem de ceder ante a necessidade da investigação critica para resolver os embaraçosos problemas que envolvem o creador d'essa maravilha. Sabe-se que a Custodia de Belem foi feita por Gil Vicente, como se declara em uma clausula do testamento de el-rei D. Manuel; será por ventura esse genio, o do mesmo homem que fundou com os seus Autos o theatro portuguez? Á falta de argumentos, os espiritos medianos vêem-se forçados a admittir duas entidades, para não darem a um mesmo Gil Vicente a corôa dramatica e o talento da ourivesaria; procurados documentos, consultadas as genealogias manuscriptas, interpretadas as allusões historicas, comprehendido o espirito encyclopedico do seculo xvi, estabelecida a connexão de escolas, e mostrada a relação intima entre os Autos do poeta e a technologia da ourivesaria, as duas personalidades confundem-se em uma só, e a fundação do theatro portuguez, que dera até hoje a immortalidade a Gil Vicente, torna-se um accidente casual na sua vida, consumida principalmente nos altos lavores da arte, que se tornaram uma manifestação forçada das grandes riquezas das nossas descobertas. Sigamos cada um dos topicos indicados, e a verdade se tornará evidente. Não é Gil Vicente o unico homem que em Portugal se tornou inexcedivel em mais do que uma forma de arte; o seu contemporaneo Garcia de Resende tambem foi politico, poeta, musico, historiador, desenhador e architecto. Era este o caracter d'esse seculo forte pelo sentimento da antiguidade, pelo gosto da sumptuaria que levava á comprehensão do bello, pela actividade intellectual; sob este ponto escreve Cournot, que se lhe não póde contestar, o ter sido o seculo dos artistas, e n'este sentido incomparavel: «Artistas, como Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, que são simultaneamente geometras e architectos, esculptores, pintores, poetas, engenheiros, physicos, philosophos, e que primam em generos tão differentes, não podem ser mais especialmente grandes, incomparaveis artistas, senão porque vivem em um tempo e em um paiz em que a arte captiva de preferencia as mais altas e as mais completas intelligencias. Ora, isto mesmo constitue um phenomeno historico de primeira ordem, uma singularidade, de que não ha precisamente exemplo no passado, e tal, que tudo leva a crêr que o phenomeno não se reproduzirá mais.» [1] Gil Vicente pertence a esta pleiada pelo genio e pelo seculo: quando elle escreveu a D. João III a dar-lhe conta do modo como applacou o povo de Santarem que tentava trucidar os judeus, deixou uma prova do seu tino politico; quando desmascarava nos seus Autos a absorpção que o poder clerical estava exercendo sobre a sociedade civil, e quando pugnava pela liberdade de consciencia e pela descentralisação, mostrou esse espirito da independencia do terceiro estado que os grandes jurisconsultos souberam sustentar; discutia sobre a scena como theologo os mais altos mysterios da fé, contra os combates que os padres lhe davam para que elle não pudesse prégar, como succedeu com o nascimento do infante D. Luiz; pela sua parte os eruditos da Renascença portugueza chamavam-lhe Pasquino, porque possuido da poesia profunda da edade media, não deixava penetrar sobre a scena a comedia pelo gosto de Plauto e de Terencio. Era elle quem nas grandes pestes distrahia a côrte que fugia para Evora, Thomar ou Coimbra; e nos desastres que assaltavam a familia real, victima do seu fanatismo, era tambem elle quem possuia o condão do riso, quem dispensava os thesouros da alegria. Este seu ultimo aspecto faz lembrar Boccacio e Rabelais. Caracteres tão diversos, como estes, que já foram tratados na *Historia do Theatro portuguez*, bastavam de per si para filial-o n'essa grande pleiada dos espiritos encyclopedicos do seculo xvi; porém o facto de nos apparecer o seu nome firmando o mais assombroso monumento da ourivesaria portugueza, obriga-nos a estudal-o sob um aspecto, que até hoje só pertencia aos primeiros genios da Renascença.

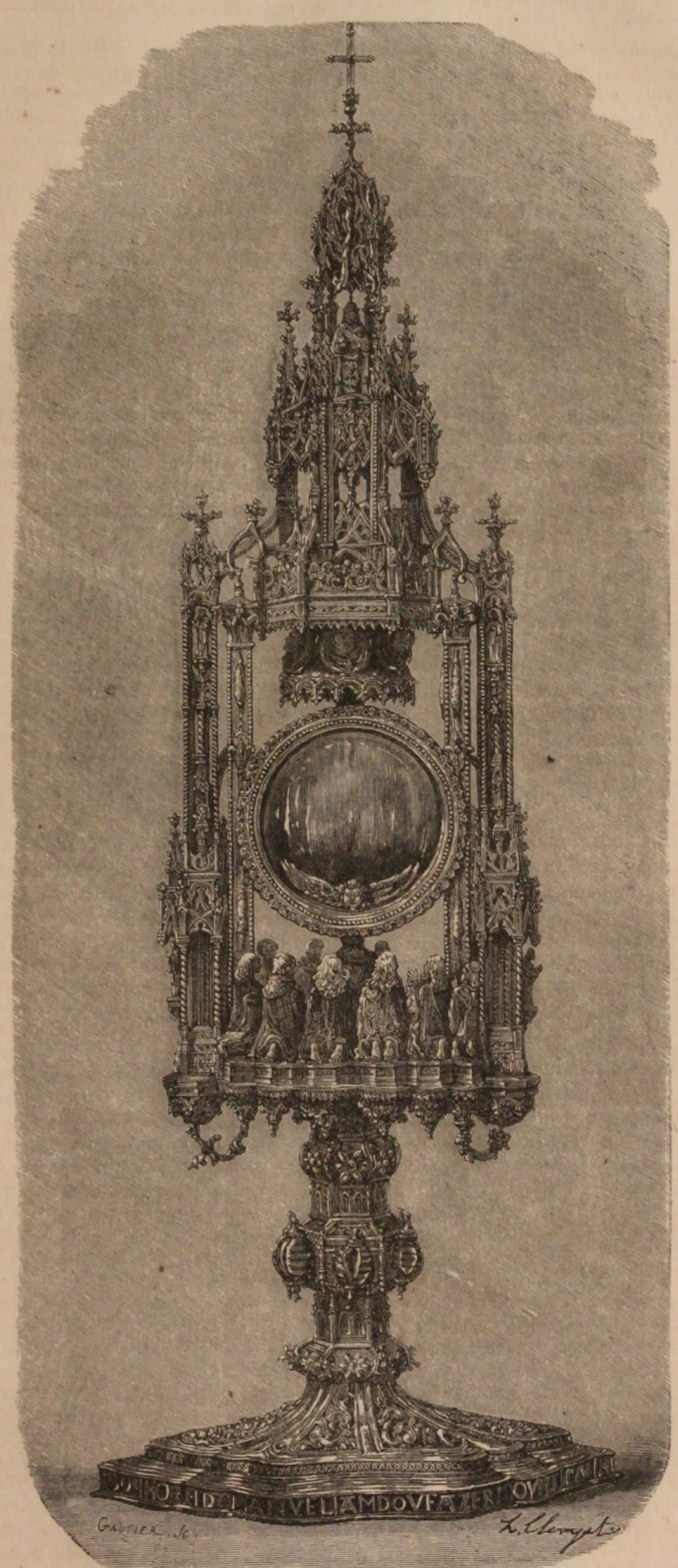
No testamento de el-rei D. Manuel, de 7 de abril de 1517, encontra-se esta clausula importante: «Item, Mando que a *Custodia feita por Gil Vicente para o Mosteiro de Bellem*, seja entregue á dita Casa, bem como *a grande Cruz*, que foi guardada na minha thesouraria, *feita tambem pelo mesmo Gil Vicente*, e tambem as Biblias escriptas á penna, que fazem parte do meu guarda roupa, as quaes são guarnecidas de prata, com cobertura de veltudo cramesi.» [1] Como se vê, por este importante documento, a Custodia foi mandada entregar ao Mosteiro de Belem em 1521, e ali permaneceu até á extincção das ordens religiosas; não é portanto possivel duvidar ácerca do nome do auctor; na base oval da Custodia, se lê sobre um friso em letras de esmalte branco: * O * MVITO * ALTO * PRINCEPE * E * PODEROSO * SEHOR * REI * DO * MANVEL * AMDOV * FAZER * DO * OVRO * I * DAS * PARIAS * DE * QUILOA * AQVABOV * E * CCCCCVI. Rara será a obra que tenha mais caracteres de authenticidade incontroversa do que esta. A unica difficuldade que existia até hoje consistia em saber quem era esse pasmoso artista? Houve um francez que lhe chamava *Aquabov*, antes de se conhecer o trecho do testamento de D. Manuel; conhecido o nome de Gil Vicente, cresceu a difficuldade por causa da divergencia com o fundador do theatro portuguez. Como solver esta obscuridade, se a mesma personalidade do poeta creador do theatro, se resumia em alguns poucos resultados de uma Memoria de Aragão Morato, e de umas fracas glossas d'esta memoria no prologo da edição de Hamburgo! Tinham rasão em acreditar na existencia dos dois typos diversos; mas as obras de arte, quando produzidas pela inspiração, quando creadas pelo genio, tem um caracter de profunda verdade: contemplada a Custodia de Belem e confrontada com a Custodia de prata dourada que se guarda na collegiada da Oliveira em Guimarães, saltava ao espirito a existencia de uma mesma tradição artistica, de uma mesma escola. Seria Guimarães que teria influido sobre o gosto da ourivesaria em Lisboa? É certo que a tradição, recolhida por Barbosa Machado, dizia que disputavam o nascimento a Gil Vicente Lisboa e Guimarães. Este criterio nos dirigiu nas investigações, e no manuscripto de Christovam Alão de Moraes, datado de 1667, que tem o titulo de *Sedatura lusitana* [2] encontramos estes factos preciosos: «*Martim Vicente, foi um homem natural de Guimarães; dizem que era Ourives de prata; não podemos saber com quem casou; só se sabe de certo que teve a Gil Vicente.*» Isto já bastava para acreditarmos que o auctor da Custodia de Belem era natural de Guimarães; mas o manuscripto genealogico é mais explicito, e declara-nos que esse Gil Vicente, filho do ourives de Guimarães, é o afamado poeta da côrte de D. João II, D. Manuel e D. João III: «GIL VICENTE, *filho unico d'este Martim Vicente, foi homem mui discreto e galante, e por tal foi sempre muito estimado dos Princepes e senhores do seu tempo. Foi o que fez os Autos, que em seu nome se imprimiram, e por sua muita graça foram sempre celebrados pelos melhores que se fizeram n'aquelle genero. Está sepultado em Evora.*» O grão de authenticidade que nos merece este manuscripto é irrefragavel; porque Christovam Alão de Moraes datou a *Sedatura* de 1667, e elle segue esta genealogia até 1668, em que figurava o seu trisneto Manuel Barreto de Pina, que viveu em Torres Vedras, e n'esse anno foi procurador em côrtes.

Achado tão incalculavel subsidio, é que se conhece o que havia de verdade nas caracteristicas da escola de ourivesaria de Guimarães. Gil Vicente veio para a côrte unicamente pelo seu extraordinario talento como ourives; o seu nome apparece-nos como *laurante da rainha D. Leonor*, mulher de el-rei D. João II; o seu talento como poeta dramatico só se revelou accidentalmente. Succedeu o mesmo com Lope de Rueda, ourives de Sevilha, e tambem fundador do theatro hespanhol. A profissão explica este encyclopedismo artistico; é tambem um ourives, Fortiguerra, quem descobre a gravura. A ourivesaria, como disse o bibliophilo Jacob, era a escola de todas as artes na edade media; ali se aprendia a chimica e o esmalte, a ceramica, o desenho, a architectura, a estatuaria, a gravura, a pintura; cada vocação particu-

[1] *Considerations sur la marche des Idées*, t. I, p. 178.

[1] Sousa, *Provas da Hist. Geneal.*, t. III, p. 328.
[2] Bibliotheca do Porto, Ms. 441, fl. 176.

lar seguia o seu instincto; os espiritos vastos, que abrangiam em si a comprehensão de todas as formas do bello, ficavam ourives, dominavam como semideuses. Em Portugal, não foi Gil Vicente o unico que seguiu esta tendencia; no *Cancioneiro geral*, apparece-nos um ourives, Ruy Fernandes (1516) figurando como poeta nos serões do paço, e egualmente citado nos Autos de Gil Vicente. Que outros artistas mereciam no seculo XVI estas honras? Na epoca em que floresceu Gil Vicente, a escola de ourivesaria de Guimarães era florescente; como contemporaneo de seu pae Martim Vicente, encontramos o nome de Pedro Alves, de 1480; este artista era natural de Guimarães e d'elle se acha noticia nas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, do padre Torquato Peixoto de Azevedo; fallando de um homem de virtude, morto em 1480, que com as suas orações curava as feridas dos cães damnados, diz que a sua cabeça «a trouxeram a Guimarães, a casa de um ourives chamado *Pedro Alves*, que morava na rua Sapateira nas casas da esquina da travessa que vae para a cadeia da correição, o qual foi avô do Conego Manuel da Silva; e este tirou da cabeça os queixos debaixo, e encastoados em prata á sua custa os deu aos que a trouxeram, por lhe deixarem o resto da cabeça, o qual guardou em sua casa, aonde os doentes a iam tocar e recebiam saude: e por sua morte a mandou collocar na Egreja de Nossa Senhora da Oliveira aonde... está: no dito Cartorio está tambem o inventario feito em 1527, que diz: Item, *outra arca de marfim, chapeada de arame dourado*, aonde está a cabeça de um Santo, que presta para mordeduras de cães danados.» (Op. cit. p. 210.) O estylo da escola de Guimarães tambem se conhece pelo Calix offerecido pelo Chantre Fernão Alves á Collegiada em 1527: «É o Calix de prata dourada, e tem de pezo outo marcos menos uma onça; no pé vêem-se esculpidas em alto relevo as figuras de outo Apostolos; no meio estão seis estatuas, a de Nossa Senhora e a de cinco Apostolos, mettidos em nichos, inteiramente vasados, aos quaes fazem corôa uns arrendados baldaquinos, guarnecidos de delicadissimos lavores; na parte superior tem um côro de anjos em adoração, cinzelado com singular esmero. Este precioso calix foi dadiva do Chantre Fernão Alvares, no fim do reinado de D. Manuel ou no principio do de D. João III.» [1] Vista a Custodia de Gil Vicente, o mesmo gosto dos doceis ou baldaquinos, dos nichos, da adoração dos Apostolos usado na ourivesaria de Guimarães, mostra-nos uma mesma corrente artistica. Fóra de Guimarães Gil Vicente não deixaria de influir na escola aonde recebera a educação; el-rei D. Manuel offerecendo á Collegiada da Oliveira: «Um thuribulo,... que peza sete marcos e tres onças;» e «Uma naveta, que deu o mesmo rei, que peza quatro marcos e seis onças» [2] não deixaria de occupar o protentoso ourives da côrte, como abaixo veremos.



Depois da morte de Gil Vicente, a ourivesaria continuou a florescer em Guimarães: mas as leis sumptuarias que prohibiram na vida civil os ornamentos de ouro e prata, não puderam atrophiar o talento que ali se manifestava quasi por uma fatalidade ethnologica. Em 1563 floresceia o afamado João Gonçalves, mais conhecido pelo nome de *Engenhoso*, e o introductor do serrilhado na moeda; [3] e mesmo em nossos dias o grande gravador de medalhas, José Arnaldo Nogueira Molarinho, representa para nós essa antiga seiva artistica de Guimarães.

A primeira epoca em que Gil Vicente apparece na côrte, pode-se fixar pelo processo poetico do *Cancioneiro* de Resende, [4] em que a rainha D. Leonor o manda versificar no feito de Vasco Abul; foi isto depois de 1492, e na rubrica do processo é chamado *Mestre Gyl Viçente*, o que denota já a profissão com que figurava na côrte. Por certo que a rainha D. Leo-

[1] J. A. de Almeida, *Dicc. Chorog.* t. I, p. 498.—*Mem. resuscit.* pag. 214.

[2] *Mem. resuscit.* p. 216.

[3] Aragão, *Description des Monnaies*, n. 639, p. 56 — Sousa, *Provas*, t. IV, p. 161. —*Elucidario* de Viterbo, p. 403.—Raczynski, *Dictionaire*, p. 118.

[4] *Canc. ger.* fl. 210, col. 5.

nor, depois da sua viuvez em 1495, toda occupada em actos de piedade, não tinha que dar a fazer a um *laurante* exclusivamente seu; demais, Gil Vicente no *Auto pastoril castelhano* allude a D. João II, «*com seu cajado real*» É crivel que Gil Vicente viesse para a côrte por influencia de Fernão Vicente, que era Escrivão da Chancellaria desde 1460. É impossivel fallar no talento poetico e artistico de Gil Vicente, sem esboçar o caracter extraordinario da rainha D. Leonor, e da acção prodigiosa que exerceu sobre a civilisação portugueza; a esta illustre senhora, é que a imprensa portugueza deveu os seus mais brilhantes progressos; ella fundou tambem os primeiros hospitaes [1]; animou Gil Vicente na creação do theatro portuguez, e defendeu-o sempre contra todos os seus detractores. A desgraça de Gil Vicente começou depois da morte da rainha D. Leonor.

(*Conclue.*)

* * *

O CHIMICO

CONHECE-SE a escola flamenga só com olhar para a gravura. Depois vae-se procurar o nome do artista e encontra-se — Teniers. Não podia deixar de ser pintor que estivesse juramentado á bandeira de Van-Dick e andasse celebrado na historia a par de Synders, Snegers e Diepenbech.

Não é o *Chimico* decerto um quadro vivamente colorido, cheio de animação, de pujança, de vida, mas para logo se revela o *bem-acabado* de que falla o Garrett com referencia á escola flamenga, a minuciosa verdade de descripção, a inimitavel fidelidade nos typos e nos pormenores, que a caracterisa.

Está-se no laboratorio de um chimico, de um alchimista talvez, de um d'esses infatigaveis sonhadores do oiro, das pedras preciosas, da panacea universal. É porventura um dos paes da chimica, que viveram procurando a pedra philosophal no arsenico, no mercurio, no antimonio, e até nas lagrimas! Verdade é que ainda agora tem a gente o seu tanto de alchimista, porque muitas vezes lhe parece que as lagrimas são — não oiro, como elles queriam, — mas perolas... E qualquer de nós seria capaz de ir procurar uma lagrima ao fim do mundo, como se realmente estivesse n'ella a verdadeira pedra philosophal, comtanto que tremesse n'uns olhos docemente melancolicos.

Tudo alli é labutação e... alchimia.

Ha fogão, ha retortas, ha machinas, vasos, cabeças de animaes mumificadas, e até o fiel companheiro do trabalho assiduo, — o cão, mas note-se, sobre uma almofada, porque se está n'um paiz frio. Ao fundo do laboratorio trabalham dois auxiliares, um fazendo uma preparação ao fogo, outro pulverisando uma droga no almofariz. O primeiro parece um dedicado neophyto da alchimia; o segundo esquece-se do trabalho para responder talvez, chasqueando do mestre, ás maliciosas interrogações de um dos quatro estranhos que estão á mesa. Quem serão elles? Por certo companheiros do pagem que está seguindo curiosamente o labutar do chimico, porque lhe arde no coração a impaciencia de possuir o amavio que veio procurar.

Anda namorado o pagem, e sabe que só com magico elixir poderá vencer a isenção da castellã esquiva. Veio talvez comprar a mandragora, uma unica folha de mandragora, que, tomada em qualquer liquido, faz a gente sentir-se subitamente amoroso; ou o azedarach, colhido no ultimo sabbado do mez, benzido com a grande fórma cabalistica de Salomão, ou finalmente um preparado de musgo cosido com sapos, que tem mysteriosa virtude... Pagará com a sua bolsa o elixir, e a castellã render-se-ha, porque elle lhe ha de dizer, doidamente apaixonado, que lhe dera a beber um elixir, e ella bem sabe que a magia do elixir é irresistivel. Render-se-ha pois, não por amor, mas por superstição, ou talvez por superstição e amor.

Por uma janella espreita para o interior uma cabeça curiosa. É um ocioso que está contemplando a Edade-media, observando a credulidade do pagem que veio procurar o amor na charlataneria, sendo o amor a coisa mais desartificial d'este mundo. Ocioso, não digo bem, um criado que não trabalha n'esse momento, justamente porque o amo está trabalhando.

Por outra janella, lateral, descobre-se uma nesga de ceo, — do ceo tão erradamente estudado pela alchimia, cujo elemento mystico revive ainda na superstição e cujo elemento chimico foi o primeiro germen de uma sciencia importante.

Este alchimista anonymo de Teniers por dois titulos egualmente notaveis merece o nosso respeito: porque elle nasceu do pincel de um artista celebre, e porque d'elle nasceram Geber, Rhazés, e Alberto o Grande. É que em verdade os philosophos hermeticos não são tão risiveis como a muita gente se affigura; realmente descobriram uma pedra philosophal, — a chimica. Foram mais longe que os philosophos contemporaneos que vivem a procurar a pedra philosophal do nosso tempo, e raras vezes a encontram — a gloria...

Porto — 1873.

ALBERTO PIMENTEL.



[1] «*Instituição da confr.ª da Misericord.ª d'Evora.*

«Anno do Nascimt.º de N. S. Jezus Christo de 1499 a 7 dias do mez de dezembro e na vespora da Conceição se começou a St.ª Confr.ª da Mesr.ª em esta cidade d'Evora, a qual foy receber o convento de S. Francisco aa parte da Alagoa com procissão e grande solemnidade e pregação que logo se fez no dito mosteiro e as despezas que nisto se fizerão mandou pagar El-Rey D. Manoel nosso senhor; e o principio desta santa confr.ª foy a snr.ª Rainha D. Leonor irmãa d'ElRey nosso Senhor

» Primeiros confrades:
ElRey nosso snr.
A R. D. Maria
A R. D. Leonor
O Mestre de Santiago
O Conde de Tentugal
Vasco da Sylveira e sua m.er D. Brites
Fernão da Sylveira e sua m.er
Ruy Per.ª da Sylva e sua m.er
B.meu Dias criado de Ruy de Mello
Vasco da Sylv.ra e sua m.er (Repetido este nome. Não é erro da copia.)
Daniel e Souza
M.ª de Lemos f.ª d'Alvaro de Lemos.»



D. TENIERS p.t W. FRENCH sc.

O CHIMICO.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

CONFIDENZZA

A M. A.

Perguntaste-me um dia a vida que eu levava,
Mimosa e eburnea flôr,
Em antes de te ver; respondo-te: sonhava,
Ouviste, meu amor?

Não era bem sonhar, ás vezes longo espaço
Ficava-me a sorrir
Para os quadros, que eu via em luminoso traço
Nas télas do porvir.

Presta-me o ouvido attento: escuta-me, querida,
Os que me lembram mais!
Assim, fita nos meus, ó pomba estremecida,
Os olhos teus leaes!

Imagina, creança, um prado extenso e franco:
Uma aurora de abril:
Da longa estrada á beira um campanario branco:
O ceo — profundo anil —.

Um confuso rumor; um acordar de aldeia;
Aromas pelo ar;
Bois ao longe a mugir; a ramaria cheia
De alegre chilrear.

De uma casa á janella uma creança loira,
Mimosa e festival,
Fiando á luz do sol, que leve a sobredoira
De aureola ideal.

Toda risos e festa a doce creatura
Olhava para mim;
E eu repetia a sós: «alcanço-te, ventura!
Serei feliz emfim!»

De um outro quadro então recordo-me saudoso,
E alongo os olhos meus
Para o quadro gentil, o sonho mais gracioso
Que me caiu dos ceos.

Fica ao longe da vil poeira das cidades
E do seu vão rumor,
O palacio esquecido; á hora das trindades
Entremos n'elle, flôr!

Deixemos os jardins, as áleas e o arvoredo,
E o oloroso pomar.
Subamos essa escada, agora a furto e a medo,
Comecemos a olhar.

É vetusto o salão: em flaccida poltrona
Repousa e scisma alguem;
Alguem que nos recorda a imagem da Madona,
Grave e sisuda mãe.

D'esse alguem no regaço um anjo se reclina
Confiado e feliz;
Sae-lhe um aroma subtil da boca purpurina,
Falla: não sei que diz.

É casta essa creança e pura entre as mais puras
Que em sonhos vi jámais;
Tem o vago explendor das biblicas figuras
Dos antigos missaes.

É moça e é menina, olhar nenhum ainda
De leve a maculou;
Dorme no seio d'ella o amor, a crença infinda,
Que Deus lhe confiou.

Quando ella ergue sorrindo as palpebras franjadas,
Ficâmos a pensar
Nos mysterios do ceo, nas coisas ignoradas,
Que descobre esse olhar.

Deixa que eu me ajoelhe, extasiado e mudo,
Cego de tanta luz!
E que tremulo beije o tepido veludo
De seus pésinhos nús.

E não córa, bem vês! a candida creança,
Antes meiga sorri,
E entre risos me diz compondo a longa trança:
«Pensava agora em ti!

«Porque tardaste tanto, ó poeta? eu te esperava,
«Na minha solidão!
«Vem os thesouros ver, que para ti guardava
«Dentro do coração!»

Concertae vossa orchestra, harmonicas espheras,
No celico explendor!
Maria, essa creança, ó flôr das primaveras!
Eras tu, meu amor!

Coimbra — 72.

GONÇALVES CRESPO.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

O illustre philosopho celebrou a peregrinação das almas e o pastor fez o elogio da sua progenie com um visivel enternecimento. Fritz havia de ser padre. Nada o entretinha como a Biblia. Era uma creança cheia de intelligencia. Wilhelm tinha as mais felizes disposições para o commercio, e Ludvig, que levava o dia inteiro a tocar pifano, não deixaria de chegar a general.

Matheus não queria de modo algum contradizer as opiniões philosophicas do amavel pastor, mas no fundo do seu espirito pensava que todos elles pertenciam indistinctamente á familia dos pinguins, notaveis pelas suas azas curtas, ventre dilatado e gulodice correlativa.

Foi uma grande satisfação para o illustre philosopho, quando a sobremeza veio confirmar as suas previsões. Os pequenos começaram a devorar nata, pasteis e tortas, com espantosa avidez: Fritz quebrava nozes, Wilhelm mettia uvas no bolso e Ludvig, o mais pequeno, bebia o vinho de Gredel todas as vezes que esta voltava a cabeça para sorrir a Coucou Peter.

No fim da ceia, o pastor pediu o seu cachimbo de espuma, que accendeu emquanto Frantz lhe rogava para prégar no templo a sua doutrina. Schweitzer, recuando então a sua poltrona, lançou algumas baforadas de fumo, e respondeu com a maior serenidade:

— Illustre philosopho, o ardor philosophico que o

anima, commove-me a ponto que o meu maior prazer seria servil-o. Mas lá o templo é que não póde ser, porque realmente eu não posso estar a arranjar como adversario contra mim um raio de eloquencia como a sua. Não se póde exigir tanto da fraca humanidade. Felizmente temos em Saverne um Casino que é um logar onde se reune a boa sociedade, a gente mais selecta da terra. Vae ahi encontrar advogados, juizes, procuradores, que são todos pessoas muito instruidas, que decerto o ouvirão com o maior prazer, e aproveitarão das suas luzes. Se quer mesmo...

— Sr. pastor, interrompeu Matheus, levantando-se, sinto que é o Ser dos séres que lhe inspira o pensamento de me levar a esse sitio. Partamos. Não ha um momento a perder. Demais tem o universo jazido na duvida e na incerteza.

— Devagar, devagar, illustre philosopho. Socegue. Em primeiro logar é prudente engraixar essas botas. Que eu bem sei que um espirito superior se não preoccupa com estes detalhes vulgares, mas emfim as botas engraixadas não podem tambem prejudicar a sua eloquencia. Depois a Gredel vae-lhe escovar um tanto ou quanto o fato, só tirar a maior, porque me parece que quererá conformar-se com as regras oratorias que recommenda Cicero. Por esse tempo acabo eu a minha cachimbada e partimos com a graça de Deus.

Estas judiciosas considerações decidiram Matheus a moderar a sua impaciencia.

Coucou Peter vestiu-lhe o roupão e as chinellas do pastor. Gredel foi engraixar as botas e escovar o fato; e o proprio Frantz se collocou diante d'um espelho para fazer a barba como costumava no Graufthal.

Por fim, tendo no quarto proximo mudado de camisa, o illustre philosopho e o pastor encaminharam-se juntos para o Casino.

Coucou Peter, que ficava com Gredel, allumiou-os até á porta desejando-lhes todas as felicidades possiveis.

XVIII

Emquanto Frantz subia a antiga rua dos Capuchinhos, sentia-se penetrado de um gozo immenso por ter mudado de camisa, por ter feito a barba, e tudo isto lhe enchia o espirito de invenciveis argumentos, ao passo que a lua parecia na frente guial-os para o Casino.

Um murmurio confuso annunciava que a capella de S. João estava cheia de fieis. Nas ruas não se ouvia o menor ruido. As mulheres estavam nas egrejas e os homens nas tabernas.

Frantz e o pastor caminharam por algum tempo calados, respirando com delicia o ar fresco da noite, tão agradavel depois de uma boa ceia; olhando para os clarões que relampejam das portas que se abrem e fecham rapidamente, para as lanternas como que sósinhas se viam caminhar na noite, para as sombras que appareciam por detraz das vidraças esclarecidas das janellas, e emfim para todos estes vagos accidentes da noite, tão cheios de mysterio, de devaneios, e de indefinivel encanto.

O illustre philosopho, animado pelas meditações anthropo-zoologicas, começava ás vezes a andar muito depressa.

— Mais devagar, meu caro, mais devagar, dizia então o pastor, olhe corre como uma lebre. Deixe-me tomar o folego.

— Já estarão todos reunidos? perguntava Matheus.

— Qual! Não tenha pressa, homem. Que diabo não se diria, se os juizes, os advogados e os procuradores, fossem para alli beber e jogar quasi ao meio do dia? Não póde ser, não é decente. É preciso esperar que não haja gente nos cervejeiros; em summa, é preciso dar exemplo de bons costumes.

Isto dizia o bom do pastor, sem que conseguisse que Frantz deixasse de estender as pernas cada vez com mais enthusiasmo, dizendo a si proprio:

— Animo, Frantz! Não dês ouvidos aos conselhos de uma falsa prudencia e de um cobarde amor pelo repouso. Os desvios capciosos do sophisma não poderão allucinar a tua intelligencia, nem demorar a tua marcha triumphante.

O pastor não fazia senão rir da precipitação do philosopho.

— Mas onde vae, homem, disse elle finalmente já á porta do Casino. É aqui.

Frantz voltou-se e viu umas janellas altas que brilhavam illuminadas na sombra. Atravez de uns cortinados vermelhos, descobriam-se distinctamente uns vultos que se agitavam.

— E' aqui, pensava elle, que vae emfim realisar-se a regeneração dos homens.

E esta idéa começou a impressional-o profundamente.

Quando porém o pastor abriu a porta, mostrando uma sala vasta e esclarecida por um sem numero de luzes, a sua commoção foi extrema.

Já alli estava muita gente. Alguns liam jornaes. O tabellião Creutzer jogava o *piquet* com Swiebel, um advogado. O nobre barão de Pipelnaz, estirado n'uma grande poltrona, discutia gravemente os negocios publicos. O moço delegado Papler, ria e conversava com a formosa Olympia, que estava sentada atraz do balcão.

Havia muitos annos que Frantz se não lembrava de ter visto uma coisa assim; e quando, ao passar por diante de um dos espelhos de moldura doirada, se viu em pé no meio da sala, com o seu casaco escuro, os seus calções e o seu grande collete, agradeceu interiormente ao pastor o havel-o feito engraixar as botas e escovar o fato.

Os dignos membros do Casino voltavam a cabeça e sorriam entre complacentes e ironicos do aspecto do bom doutor. Parecia-lhes um aldeão da Alta Alsacia, perdido nas espheras superiores. Divertia-os o seu ar espantado.

Quando porém o pastor lhe offereceu uma cadeira e pediu duas canecas de cerveja, pensaram que seria algum padre aldeão e ninguem pensou mais em tal.

— Quantos tem, sr. Swiebel? perguntou o tabellião.

— Quarenta e sete.

— Cincoenta, tres reis... tres damas...

A formosa Olympia tocou a campainha, e vieram servir a cerveja sobre uma bandeja envernizada e cheia de pinturas brilhantes.

Póde imaginar-se como Matheus não estaria maravilhado de tantas magnificencias. Os candeeiros tinham os lumes no centro de globos brilhantes e as cadeiras tinham estofos de veludo tão macio como a lã de cordeiros.

De modo, que apesar das suas inabalaveis convicções, o doutor sentia-se vencido por esta timidez natural aos que se acham pela primeira vez em presença dos grandes da terra.

— Então o meu illustre philosopho quer que annuncie o seu discurso? perguntou o divertido pastor.

— Um momento, um momento, respondeu Frantz em voz baixa, ao passo que uma repentina vermelhidão invadia as suas veneraveis faces. Ainda não preparei o exordio.

—Pois é tempo, é tempo. Se me dá licença, vou ler este jornal. Quando estiver prompto, é só dizer-me.

Matheus respondeu que sim com a cabeça, e tirou da algibeira o seu reportorio anthropo-zoologico.

A prudencia não faltava de todo ao illustre doutor. A sua natureza timida havia-o habituado nas transformações successivas a ter as orelhas fitas de modo que muitas vezes quasi se podia asseverar que dormia com os olhos abertos. De modo que percorrendo o seu reportorio não deixava por isso de observar o que se passava na sala, e escutar com a maior attenção o que se dizia em volta.

A cada passo appareciam novas pessoas. Uma vez era Stoffel, recebedor das contribuições, com uma cadeia de ouro grossa e uma grande confusão de berloques. D'outra vez foi Hoepes, pharmaceutico, homem de voz forte e ruidosa que se ouviu logo que entrou no vestibulo. Uma outra Seypel, guarda geral, com a sua farda bordada em todas as costuras.

Todos elles paravam um instante no balcão, dirigiam alguns galanteios á formosa Olympia, que movia a cabeça sorrindo com a maior graciosidade; depois iam sentar-se e pediam um jornal.

Pouco a pouco a conversação animou-se. Fallava-se no proximo baile do sub-prefeito e citavam-se as pessoas que concorreriam. Havia um jantar de gala no encerramento dos trabalhos. Já vinha a caminho o grande pastel que se mandára fazer a Strasburgo. O guarda geral quando lhe fallavam em perdizes e gelinotes sorria com finura, mas não dizia palavra.

Depois vinham as confidencias; cada um tirava do bolso o bilhete de convite.

—Tambem vae? quanto folgo!

—E o meu amigo?...

Felicitavam-se, apertavam as mãos.



O Ser dos seres ordena. Seja feita a sua vontade!

O que fez chegar ao auge o geral contentamento foi a noticia dada pelo nobre barão de Pipelnaz da proxima chegada do prefeito. Então todos acharam a mais intima correlação entre esta chegada e o baile do sub-prefeito.

O prefeito dignar-se-hia sem duvida assistir. Que acontecimento! Os convidados olhavam-se com uma especie de extasi. Estar n'um baile com o prefeito! Ceiar á mesma meza com o prefeito!

Os que não haviam ainda recebido convite continuavam a jogar gritando:

—Tres de rei, quatorze de az! como se não ouvissem de que se fallava.

O pastor parecia ler o seu jornal com a mais completa attenção.

Não conseguiam porém disfarçar completamente o seu despeito. De resto, todos os lamentavam sinceramente. Coitados!

—Oh! grande Demiurgos, pensava Frantz, é possivel que em vez de pensarem na transformação dos corpos e na peregrinação das almas, os homens se occupem de taes futilidades!?

A piedade profunda que esta gente inspirava ao illustre philosopho tel-o-hia feito tomar immediatamente a palavra, se lhe não parecesse conveniente esperar que o enthusiasmo que o rodeava se tivesse um pouco acalmado.

Haviam-se então formado pequenos grupos de intimos para tomar punch ou vinho quente.

Não se fallava por toda a parte senão nas graças da mulher do sub-prefeito, na sua incomparavel distincção, nas suas excellentes ceias.

O nobre barão de Pipelnaz, *maire* da cidade, insistia na recepção que se devia fazer ao prefeito. Havia vinte annos que, segundo o uso, o barão comprimentava á porta da *mairie*. N'uma circumstancia porém tão excepcional, parecia-lhe que deveriam ir esperal-o fardados e não duvidava mesmo, elle, encarregar-se de um pequeno discurso de felicitação.

A chegada do delegado Kitzig interrompeu esta agradavel conversação. Era um antigo condiscipulo de Schweitzer na universidade de Strasburgo; todas as noites se juntava no Casino para jogar uma partida de jouker.

A roda dos elegantes divertia-se muito á custa das maneiras ordinarias do delegado Kitzig, que segundo diziam não sabia conservar-se no seu logar, fallando familiarmente com qualquer. Todos porém lhe faziam boa cara, porque occupava uma alta posição em Saverne, e porque ninguem póde gabar-se de que nunca terá nada que fazer com um delegado do procurador regio.

Todos pois sorriam para o delegado que se limitava a responder com movimentos de cabeça e algumas palavras insignificantes.

—Tem tanta bondade, sr. delegado.

—Favores seus, sr. delegado.

—Por quem é, sr. delegado.

—Ah! ah! ah! que farça, hein? disse o pastor ao ouvido de Matheus. Diga-me se viu cousa assim no Graufthal.

Mas o illustre philosopho não respondeu. Reconheceu em Kitzig um individuo da raça canina pela qual, como se sabe, as lebres teem uma singular veneração.

Passados poucos momentos o delegado veio ter com

o seu amigo Schweitzer, apertou-lhe a mão, comprimentou Matheus, sentou-se e disse:

—Então, Karl, vamos ao nosso jouker? Preciso distrahir-me.

—Quando quizeres, Miguel.

—Imagina, continuou Kitzig, que não faço outra cousa ha cinco horas senão ouvir testemunhas, e Deus sabe quantas ainda me virão da feira.

—Da feira de Horlach? perguntou o pastor, olhando para Matheus.

—Sim. Sabes lá o que por lá vae! Dois bandidos alvorotaram a população com predicas incendiarias, atacando as leis, a moral, a religião, até chegaram a fazer milagres. É uma causa-crime importante.

—Então se cairem nas mãos da justiça?...

—É caso de uns vinte annos de galés, respondeu Kitzig, tomando uma pitada de tabaco com indifferença. Vamos ao que importa. Tragam cartas.

Nunca Matheus se encontrára em tão terrivel situação. Pensou primeiro em se denunciar, sustentando a sua doutrina á face do mundo inteiro. Mas só esta idéa lhe fez eriçar os cabellos; olhou para a porta e ficou immovel.

O pastor tambem não estava muito á vontade. Teve porém o sufficiente sangue frio para dizer:

—Apresento-te o sr. doutor Matheus do Graufthal, que chegou hoje de Nideck.

—Ah! disse o delegado baralhando as cartas, veio das ruinas do Nideck? Então passou por Horlach?

Frantz julgou que ia desmaiar. Felizmente a lingua começou machinalmente a mover-se e conseguiu balbuciar:

—Não, senhor, eu vim pela serra.

—É pena, podia talvez dar-nos bons esclarecimentos, concluiu Kitzig.

Em seguida deu as cartas e começou a partida.

Que situação esta para Frantz!

No momento em que ia emfim conseguir o mais magnifico triumpho oratorio, proclamando o seu systema, ser obrigado a calar-se, a renegar a doutrina, a occultar-se como um criminoso! Porque, afinal, quanto mais pensava em denunciar-se, mais os seus instinctos naturaes se lhe oppunham com uma força invencivel. Sentia caimbras no estomago e a sua intima dôr parecia dizer-lhe:

—Pobre Matheus! Pobre Matheus, a que ponto chegaste! Ir para as galés na tua idade! Pobre Matheus! Que fizeste para merecer uma tal sorte? Porque sacrificaste o teu repouso, as tuas mais caras affeições pela felicidade do genero humano! Pobre Matheus!

E sangrava-lhe o coração e todo o seu ser soffria por tanta humilhação, e todavia, e todavia... não sentia força para se denunciar—tinha medo.

E quando depois da primeira partida, Kitzig lhe observou com um ar distrahido que devia por força ter passado por Horlach, visto que o caminho de Nideck vem ter a essa povoação; Matheus negou outra vez, negou com energia, dizendo que passára pelo lado de lá do Schneeberg e fazendo uma descripção inventada da estrada e das bellezas da natureza, descrevendo sempre grandes rodeios em volta de Piefenbach e de todas as terras por onde tinha passado.

—Veio por um caminho bem comprido, notou o delegado; depois a partida continuou sem interrupção.

De tempos a tempos, Kitzig fazia suas reflexões ácerca da rudeza dos caminhos da serra e do perigo de prégar doutrinas novas, e então o illustre philosopho estremecia até á medula.

Assim se passou esta noite que devia decidir da gloria eterna de Frantz Matheus, do progresso da civilisação e da felicidade das raças futuras.

De tudo isto só ficaram os transes mais crueis.

E em quanto a maior alegria se estabelecia em volta do pobre doutor, em quanto o nobre barão de Pipelnaz dava largas á sua vaidade e todos aquelles seres vulgares se embalavam nas mais risonhas esperanças, elle, tão bom, tão justo, tão benevolo, só podia pensar em fugir, pensando tambem em levar para a America os thesouros da sua sciencia.

—Alli ao menos, pensava elle, as doutrinas são livres, e nem ha delegados nem gendarmes. Todos podem fazer milagres á vontade.

Acabava de dar meia noite. Já muitos dos socios do Casino se haviam retirado, quando Kitzig, o delegado, se levantou e dirigindo-se a Matheus disse:

—Está por força enganado. Não póde deixar de ser. Veio metter-se na estrada de Saverne pouco antes da aldeia de Harlach e atravessou-a.

Frantz Matheus jurou pela terceira vez como transportado de indignação, que não sabia mais nada senão que nunca havia passado por tal sitio.

Este enthusiasmo tel-o-hia trahido se elle não tivesse a physionomia mais bondosa que se póde imaginar. Quem poderia suppor que aquelle bom tio Matheus, doutor no Graufthal, era esse terrivel reformador, esse grande criminoso que concebera o designio audacioso de revolucionar o universo? Kitzig não fez pois mais que rir da sua singular exaltação, desejando-lhe felizes noites.

O pastor e Frantz sairam no fim; e, quando se acharam a sós, na rua, o pobre doutor, comprehendendo a sua fraqueza, começou a chorar. Por mais que o pastor com palavras consoladoras, quizesse reanimal-o, não conseguiu que elle se perdoasse a si proprio. Sem o auxilio do bom pastor não poderia até dar um passo, tanto soluçava e tamanha era a exasperação que lhe agitava o corpo.

(Continúa.) B.

AQUELLA CASA TRISTE...

(Conclusão)

As quatro musicas reunidas na ponte da Trofa, depois de espavorirem os passarinhos, que, ao descer da tarde, se emboscavam nas ramarias do rio Ave, retrocederam, porque o Duque não chegou. Os promotores da festa, mandando sobraçar os feixes de foguetes de tres estoiros, disseram entre si que o Africano, faltando á hora da espera triumphal, bem demonstrava ser filho do capador da Lamela. Outro era de parecer que o Duque, tratando de resto as pessoas que o obsequiavam, dava a perceber que não queria amigos do seu dinheiro.

O Africano havia escripto de Lisboa ao seu feitor, annunciando-lhe o dia em que tencionava chegar á sua casa de Ruivães, com recommendação de lhe ter prepa-

rados os leitos e assoldadada uma boa creada para o quarto de sua filha.

Divulgou o feitor a nova, sem propalar a do naufragio, porque a não sabia. Se o homem lesse gazetas, informaria os seus visinhos do desastre de seu amo, da riqueza sorvida pelas guelas da tormenta, da quasi pobreza em que ficára o naufrago, e, emfim, das piedosas lastimas com que os periodicos deploravam a catastrophe de duzentos contos grangeados honestamente. Se isto se soubesse em Ruivães, não haveria quem se afanasse em busca de musicas, competindo entre si os obsequiadores sobre qual arranjaria aquella que maiores gritos fazia dar á fama pelos buracos da requinta. Quanto ás vinte e quatro duzias de foguetes de tres estoiros, que os rapazinhos de Ruivães tinham carregado até á Ponte da Trofa, é bem de ver que ninguem se abalançaria a tamanho estoiro de generosidade, se se soubesse que o Duque não vinha em circumstancias de chorar de ternura abraçado ao peito magnanimo d'onde rabiavam tantos foguetes.

No dia marcado ao feitor, devia o Africano chegar á Ponte, onde era esperado; porém, apeando na estalagem da Carriça, legua e meia distante, ouviu dizer que na Trofa estava o poder do mundo, com quatro musicas, e muito fogo do ar, á espera de um brazileiro que vinha da Africa.

Ouvido isto, Duque disse ao boleeiro que recolhesse a parelha da sege, porque resolvera sair de madrugada.

Depois, foi contar á filha o que ouvira, e o desgosto que queria evitar no encontro de festas, tão despropositadas da tristeza de ambos.

Deolinda, prostrada no leito, approvou a resolução do pae, queixando-se de agonias, suffocações e desmaios do coração, que mal a deixavam seguir a jornada.

Passou o pae o restante do dia e parte da noite á beira da cama, inventando com santo esforço alegrias que divertissem Deolinda da concentração que uma ou outra lagrima desafogava por momentos. Alegrias!...

Que heroismos cabem em peito de pae! Quantos ha que são suppliciados por esse amor que parece vir da mão de Deus! Que maiores angustias tem esta vida, se comparamos todas á d'aquelle pae que alli estava ao pé da filha que os medicos de Lisboa lhe haviam auscultado e considerado perdida!

Mas elle, acreditando na sciencia que tem a certeza de ser lesão mortal a hypertrophia do coração, affigurava-se-lhe que a Providencia o não castigaria tão severamente, fazendo-o sobreviver ao perdimento dos bens, para depois amparar em seus braços a filha agonisante. Nunca discutira entre si se Deus era preciso, ou que parte lhe coubesse no regimento d'este mundo. São meditações estas que, em Africa, passam rapidas como o sirôco, mas não abrazam, nem obrigam as caravanas a curvar o corpo até bater com as faces nos areaes. Os que por alli veniagam, á imitação do pae de Deolinda, pensam, se acaso pensam, que a justiça do ceo tem alçada em mais amenos climas, e descura saber se lá o homem tem mais ou menos similhança com o tigre. Porém, depois que o ceo se azula e estrélla, áquem da linha, e a brisa refrigera o sangue, os expatriados, maiormente os ricos, não recusam crer que ha Deus, dadas certas condições; fazem-lhe o obsequio de o conjecturar sentado á mão direita do Padre Eterno, e absorvido na perennal gloria de sua divindade, sem intender nas trivialidades d'este globo, mais pequeno que os milhares de mundos que lhe circumvalam á ourela do throno. Esta philosophia é grandiosa e barata. Cançam-se os mestres em a propagar, e todavia qualquer sandeu bem engraixado a tem espontanea na alma, como tortulho em lodaçal, sem que os philosophos lh'a inculquem. Estudem Ario, Spinosa, Renan, e outros, afóra o meu bacalhoeiro, que tem dentro de si tres philosophos, um portico, um lyceu, dentro de si, repito, porque o *si*, o *elle*, são as cedulas bancarias, a burra, que tem um nome de predestinação para aviso e escarmento de sabios que se burrificam, não querendo acabar de intender que saber, honras, regalos, respeitos, inviolabilidades, vem tudo da burra.

Succede, porém, uma vez ou outra, encrespar-se uma onda, que logo se arqueia em vagalhão, e se abre em voragem. Ahi resvala a riqueza do homem, que se arrodelára com ella das farpas do mundo. Os brilhantes impenetraveis do arnez cairam e rolam na profundidade do abysmo. Aqui está o homem a pensar em Deus, por que está pobre, está sósinho, já se não vê idolo dos outros e divindade de si proprio. A desgraça, que traz sempre comsigo um anjo vestido no ceo com uma luz que arde inextinguivel no tumulo de Silvio Pellico, assenta-se ao lado do infeliz, e começa por lhe dizer:

«Que eram esses bens da vida, se tão depressa te reduziste a esta pobreza? Olha tu para as estrellas que scintillam serenamente sobre a voragem que t'os engoliu, e pede ao meu anjo que te diga o que ha d'estes milhões de mundos para além.»

Ah! quando esta voz repercute na consciencia de um pae, e ao mesmo tempo a aza da morte roça e tinge de rubor febril a face de sua filha, então sim, Deus entreluz na tréva, a alma crê, mas crê para pedir de mãos erguidas. Isto é fé, é fé que relampagueia; mas eu não sei se alguma hora a razão dos grandes desgraçados foi allumiada por esse relampago.

Assim orava o Africano, ás quatro horas da manhã, em pé, defronte do leito da filha adormecida.

*
* *

Entraram na casa apalaçada de Ruivães, inesperadamente.

Quando o souberam os visinhos, um correu á egreja a repicar o sino e a sineta, outro rompeu as nuvens com girandolas, a orchestra da terra, que andava dispersa a sachar os milharaes, confluiu a galope a casa do mestre, escodeou as mãos no regato, travou dos metaes, e prorompeu estridulamente á porta do Africano, tocando o hymno de 20, o hymno do sr. Costa Cabral, o hymno da sr.ª D. Maria da Fonte, o hymno do sr. duque de Saldanha, e o do Santo Padre Pio IX.

O Africano saiu á janella com sua filha, cortejou o publico, assistiu a duas mazurkas tocadas com variações de requinta, e pediu venia para recolher-se em razão de sua filha se sentir mal com o sol que lhe dava no rosto.

O publico murmurou, tregeitando uns momos significativos de menos respeito.

O feitor foi dizer a seu amo que era preciso dar de beber aos musicos, e receber a visita dos parentes e mais lavradores.

O Duque respondeu:

— Vá ahi fóra ao pateo, e diga bem alto que eu estou pobre.

— Pobre! — acudiu o feitor casquinando um riso perspicaz — Bem me fio eu n'isso! V. s.ª está a mangar!...

— Faça o que lhe digo — volveu severamente o amo.

E, de facto, o criado foi ao pateo, chamou a si os lavradores mais grados, o mestre da musica, o boticario de Délaens, e o boticario de Landim, e o regedor de Vermoim, e disse-lhes:

— O ill.^mo^ sr. Duque manda-me dizer a vocemecês que está pobre.

Os circumstantes olharam uns para os outros, embrutecidos pelo mesmo choque. Um d'elles, porém, que eu presumo fosse um dos dois boticarios, deu aos beiços um geito de quem vae orar. Encararam-o todos, e o boticario tirou do peito estas duas palavras:

— Ora bolas!

E saiu do pateo.

Tenho esquadrinhado o melhor sentido d'aquellas palavras do attico pharmaceutico. Consultei philologos, que mais comvisinham d'este sujeito, e apenas colhi que as expressões «ora bolas» montavam tanto como dizer: ora bolas.

Eu, porém, dou mais lata interpretação ao epiphonema, sabendo que todo aquelle gentio *boloirou* para casa [1].

*
* *

O Africano, passados seis mezes, procurou um brasileiro rico de Ninães, recentemente chegado, e disse-lhe:

— Sei que o senhor está resolvido a edificar uma casa. Se quer poupar-se a grandes despezas, incommodos e desgostos, compre-me a minha. Vendo-lh'a por metade do que me custou, com uma condição: se eu e minha filha não tivermos morrido dentro de seis mezes, serei obrigado a dar-lhe a casa no fim d'este prazo; mas, n'estes primeiros seis mezes, o senhor não poderá occupal-a.

Pediu o brazileiro explicações de tão estranha clausula.

O Duque respondeu:

— Minha filha está mortalmente enferma. Tem um aneurysma. Eu tambem me sinto no termo da vida. Vou morrendo a cada hora que a doença me deixa ver a morte na face de minha filha. Não hei de sobreviver-lhe, se Deus me não fizer o beneficio de me levar adiante.

Consolou-o o brazileiro conforme soube, acceitou a proposta, e assignou as escripturas no dia seguinte, entregando ao vendedor alguns contos de réis.

Pagou o Africano as dividas contrahidas em Cabo-Verde, encerrou-se na ante-camara do quarto de sua filha, e deu-se pressa em aggravar os seus padecimentos á custa de se remirar no seu infortunio, de cortar bem dentro as fibras ainda rijas do coração, antecipando a imagem da filha morta, repulsando todo o allivio da esperança, furtando-se a todo o desafogo, matando-se com a lentidão de um desvairado que se encavernasse n'um antro, esperando sem terror a entrada da fera, e anceando-a para se lhe rasgar nas presas.

Ao quinto mez do contracto, os padecimentos de Deolinda tocaram nos extremos symptomas da morte. As hemorrhagias amiudaram-se. Estava já entorpecida, immovel, salvo quando arrancava do seio as aspirações, que revelavam ao travez das coberturas da cama os arquejos do coração.

N'esta conjunctura, o pae estabeleceu entre si e Deus uma convenção que era já delirio precursor da demencia ou da morte: «Se ella hoje morrer, ou Deus me mata ámanhã; ou, quando ella estiver sepultada, eu me matarei.»

O parocho, que sacramentára Deolinda, ouviu estas vozes, e disse aos botões da sua batina: «Este homem está no inferno.»

[1] Não se procure *boloirar* nos diccionarios, emquanto os diccionaristas ignorarem a linguagem popular do classico povo do Minho e Traz-os-Montes. Lá, fazer rolar uma bola, é *boloirar*.

Quando ficou sósinha, Deolinda chamou o pae e disse-lhe:

— Não quero ir d'esta vida, sem dizer-lhe um segredo com que não devo morrer. No meu bahu está uma caixinha de folha, que o mar lançou á praia, depois do naufragio. Levaram-me em Cabo-Verde esta caixinha, cuidando um marujo que fosse minha. Abri-a, e vi que encerrava cartas de uma mãe muito extremosa para seu filho. O filho era aquelle rapaz que vinha do degredo, e salvou os velhos, e as creanças, antes de morrer. A mãe, que lhe escrevia, diz-lhe em algumas cartas que tem sentido as angustias da fome. Chama-se ella... Meu pae lhe verá o nome e a terra onde vivia... Se tiver morrido, feliz d'ella. Se ainda viver, meu pae, mande-lhe como esmola o que ficar do meu espolio, e diga-lhe que eu... lhe amei o seu infeliz filho... até morrer... por elle!...

— Cumprirei a tua vontade, minha filha — respondeu o pae.

*
* *

Ditas aquellas palavras, o Africano encarou na filha com a fixidez torva de um amauróthico. Depois, como se sentisse dobrar sobre os joelhos, saiu da alcova e atirou-se como ebrio para o leito, e murmurou estas vozes:

— Meu Deus! morro por amor de minha filha, e ella... morre por outro... Bem podia consentir a desgraça que eu morresse sem este desengano... Vinte annos a adorar esta filha, um anno a agonisar ao pé da sua agonia... e afinal ouço-lhe dizer que morre por um homem... que não era seu pae...

Escabujou em ancias muito afflictivas, pedindo a Deus com dilacerante esforço que lhe abreviasse o trance. Rompeu em soluços; e, suffocado pelo choro ou por um golpho de sangue, arrancou da vida n'um estremecimento instantaneo.

Deolinda ouviu o murmurio rouco d'esta convulsão da morte. Voltou a face para onde suppunha que estava o pae.

Chamou-o. Sentou-se no leito com supremo esforço. Tangeu a campainha. Acudiu a creada, a quem ella pediu que lhe désse o seu vestido. Foi nos braços da criada á sala contigua, onde o pae tinha o seu leito. Dobrou-se sobre o peito d'elle, colhendo-lhe nos labios um halito ainda quente, como vestigio da alma que passára queimando as fibras por onde abrira a fuga do seu inferno.

— Morto! — bradou ella, golphando-lhe no seio o derradeiro sangue.

Transportada ao canapé fronteiro, alli se quedou empedernida. Não houve rogos que a tirassem de lá. Viu amortalhar o cadaver de seu pae, viu-o sair no esquife para ser depositado na capella da casa. Ouviu o ultimo dobre da sepultura; e então, comprimindo o seio esquerdo com ambas as mãos, invocou a compaixão da Virgem Santissima, e expirou.

*
* *

Lá está em cima aquella casa triste... O brazileiro, que a comprou, não a quiz habitar. As janellas nunca mais se abriram. O vestido, que despiram do cadaver de Deolinda, pende ainda da espalda do canapé em que ella morreu.

C. CASTELLO BRANCO.

MULHER DESFOLHANDO UM MALMEQUER

Assim como as flôres mimosas das estufas são o entretenimento d'aquelles para quem a vida está em pleno dia, as flôres singelas do campo são o enlevo da innocencia, dos que, no desabrochar dos annos, sonham com um futuro de alegrias e regosijos.

Não vemos na primavera, por entre as messes floridas que atapetam as campinas, grupos de creanças toucando-se com papoulas vermelhas, menos vermelhas ás vezes que as suas faces sadias?

Não vemos a candida donzella arrancar furtivamente da mouta de flôres silvestres o estrellado malmequer, e guardal-o cuidadosa, olhando para todos os lados com receio de que a observem?

Eil-a pois na sua virginal alcova, sósinha, desfolhando a prophetica flôr, que vae dizer-lhe se aquelle que lhe despertou no coração o primeiro amor, sente por ella igual affecto.

Saltou para fóra do leito meio envolta na tenue roupagem, e, segura de que ninguem a vê, consulta o florente oraculo.

N'aquelle momento, como o reo que espera a sentença final e se acha entre a liberdade e o captiveiro, entre a alegria e o pezar, entre a risonha planicie innundada de sol e o frio carcere coberto de sombras, sente-se ella presa da duvida, flagello terrivel da vida, sem saber se ha de afagar a esperança que lhe sorri do ceo azul do seu ideal, se temer o desengano que a ameaça por entre as pavorosas trevas da incerteza.

Contempla a margarita que tem nas mãos, com amor e repugnancia, entre um riso e uma lagrima.

Cada vez mais perplexa resolve não a consultar. Vae para a arremessar de si; detem-se, arranca-lhe a medo uma folha. Arfa-lhe de susto o peito, empallidece, vacilla; a presaga flôr dos campos, o fatidico malmequer começa a ler-lhe a sentença.

É n'este momento que a representa a famosa estatua com que o sr. Simões de Almeida enriqueceu a galeria do estado, estatua cujo desenho, devido ao lapis do talentoso artista, damos em gravura n'esta pagina.



Que sentimento em toda aquella figura!

Nenhuma convenção, nenhum maneirismo; o certo, a verdade, a mulher!

Os cabellos não são como os dos modelos antigos, a collocação não é como a das estatuas classicas, as fórmas não são as d'aquelle bello tão ideal, que só o cinzel do esculptor sabe produzir; o artista não quiz emendar a obra de Deus, não adoptou nenhuma escola inventada pelos homens, seguiu a escola creada pela natureza.

Por isso o famoso trabalho que produziu, impressiona tanto e tanto, que o espectador experimenta, como a donzella, dois sentimentos diversos ao profanar-lhe o segredo do seu coração e da sua nudez.

A voluptuosidade das carnes palpitantes, atravez das quaes parece girar o sangue, exalta-lhe os sentidos e impelle-o a commetter o sacrilegio de tocar covardemente n'aquella creatura franzina e indefensa; mas o sentimento do olhar, a castidade da expressão, o respeito que irradia a nobre e innocente figura, fal-o recuar e arrepender-se do pensamento mau, que, breve como o relampago, lhe cruzou o espirito.

Então contempla-a com respeito, e, como que implorando-lhe submissamente perdão, roga a Deus que a margarita dos campos lhe seja favoravel no seu vaticinio, para que d'aquelles olhos candidos não caia jámais uma lagrima, para que d'aquelles labios virgens não saia nunca um lamento.

RANGEL DE LIMA

SENHORA DE PEDRA

É de pedra, mas que pedra!
Pedra preciosa, talvez;
Mas onde uma flôr não medra,
Nem siquer uma, bem vês...

Por mais lagrimas que verta,
Não ha pranto, não ha nada,
Que em branda cera converta
A pedra de que és formada.

Trago os meus labios feridos,
De te beijar, frio pó;
Em ti postos meus sentidos,
Sem que em mim ponhas um só!

Se tu és a pedra dura
Que nem o pranto amollece!
Ai! como a nossa ventura
Tão breve desapparece!

Sempre cuidei que, algum dia,
De meus beijos o calor
Animasse a pedra dura
De que és feita, meu amor;

Engano. Sobre uma pedra
Plantem rosas muito embora,
A do amor... essa não medra.
Tu és de pedra, senhora!

J. SIMÕES DIAS.

FRANCISCA DE RIMINI E PAULO MALATESTA

A GRAVURA de que fazemos brinde aos nossos assignantes representa um dos mais deliciosos quadros de que se inspirou a poesia humana. Todas as linguas tem procurado reproduzil-o, mas nenhuma consegue transplantal-o com o viço original. Como succede com as essencias, que, mudadas de um para outro frasco perdem o que ha n'ellas de mais subtil e balsamico, assim os encantadores tercetos do Dante descoram e empanam-se no traslado para outro idioma.

Eis uma verdade que existe de certo no espirito de todos, e que foi admiravelmente expressa por Sismondi.

Quem não conhece esta voluptuosa historia d'amor?

Francisca di Rimini, filha de Guido Novello da Polenta, casára com Lanciotto, filho mais velho de Malatesta. Era elle, comquanto de animo esforçado, de um exterior desagradavel e displicente. Interesses de familia haviam determinado os desposorios. Um irmão de Lanciotto, por nome Paulo, tinha de sua pessoa muitos dotes gentilissimos. Francisca sentiu que os olhos se lhe volviam a miude para o cunhado, — até que com elles lhe foi o coração. Um dia, estando em desafogado colloquio, foram surprehendidos por Lanciotto, que os matou d'um golpe.

É isto que deu origem ao formosissimo canto 5.º do *Inferno*. Dante, chegando ao segundo circulo do abysmo encontra Minos, de aspecto temeroso e rangendo os dentes, — *orribilmente e ringhia,* o qual lhe dirige uma vehemente apostrophe. Ahi são castigados os sensuaes. Entre elles, porém, duas sombras attraem o poeta, dois vultos que parecem duas pombas quando se acolhem ao ninho levadas por amoravel desejo.

São os amantes de Ravenna.

O poeta ergue a voz, e pede-lhes que fallem, se acaso ninguem o impede.

— O anime affanate,
Venite a noi parlar, s'altri nel niega.

As sombras, movidas por este affectuoso convite, separam-se do grupo onde está Dido, e é n'esse ponto que começa a narrativa de Francisca, que o sabio Ginguené confessa haver lido mil vezes, sempre com egual deleitação e com a alma a pairar nas espheras: — «São dois malaventurados, escreve elle, mas não precitos, porque vivem e viverão sempre juntos.»

Do mesmo modo escreve Ugo Foscolo: *«la giustizia divina era clemente a que' miseri amanti, da che fra tormenti infernali concedeva ad essi d'amarsi eternamente indivisi.»*

A versão d'este bello episodio tem sido feita em todas as linguas cultas. Uma das mais felizes pertence a lord Byron. O sr. conselheiro Viale, na sua *Miscellanea Hellenico-Litteraria,* apresenta doze variantes, confessando com exagerada modestia que nenhuma d'ellas o contenta.

Áparte os receios nimiamente escrupulosos do illustre professor é sem duvida que os tercetos que o florentino põe na boca da desditosa Francisca de Rimini são de tal modo simples e meigos, arrulham com uma brandura tão sua e tão do intimo, que não ha reflectir os harmoniosos cambiantes d'este quadro immortal.

Silvio Pellico tambem se inspirou nas desgraças d'estes dois amantes; porém a sua tragedia, — digamol-o sem offensa para o poeta, — não consegue altear-se até as serenas regiões onde subiu Alighieri.

Mr. Ampère, na sua *Viagem dantesca,* fórma este conceito justissimo: — *La poésie humaine n'a rien de plus simple et de plus profond, de plus pathétique et de plus calme, de plus chaste et de plus abandonné que ce récit.*

A traducção que damos em seguida pertence a E. A. Vidal, e faz parte d'uma das narrativas do seu livro *Contos da sesta.*

Do poeta João de Deus conhecemos tambem uma translação d'este episodio.

Na grande edição ingleza de H. F. Cary, vem curiosissimas explanações a respeito do quanto estes versos tem brincado na reminiscencia de outros escriptores, como tambem se observa que o tão sabido e tão repetido *nessum maggior dolore,* sae provavelmente d'uma sentença de Boecio, pensador muito estimado do Dante, no livro *De consolatione.*

Agora ouçamos Francisca, embora na nossa linguagem:

Nós liamos um dia, distrahidos,
De Lancelote a historia apaixonada;
Eramos sós, mas puros nos sentidos.

Mais de uma vez sentimos enleiada
A vista, e murcha a côr da fronte acesa;
Mas foi n'um ponto a culpa suscitada.

Quando lemos que a pallida belleza
A um beijo se rendeu do ancioso amante,
Esta alma que á minh'alma andará presa

Deu-me na boca um beijo delirante.
Fôra o livro traidor; n'aquelle dia
Não pudémos ler mais siquer um instante.

CHRONICA DO MEZ

Logo no começo do anno que vae correndo, houve em Lisboa um acontecimento theatral digno, por todos os respeitos, de menção especialissima. Foi o beneficio do actor José Carlos dos Santos, effectuado no theatro de D. Maria II, com a primeira representação do—*Tartufo*, celebre comedia de Molière, accommodada á scena portugueza pelo sr. visconde de Castilho.

Nenhum dos leitores d'esta secção ignora de certo que a comedia do—*Tartufo* é uma das melhores composições dramaticas do afamado auctor-actor francez João Baptista Poquelin, mais conhecido pelo nome de Molière, o qual viveu ha duzentos annos e ainda hoje é respeitado como mestre dos que pretendem analysar e corrigir, pelo theatro, os defeitos e vicios da humanidade. E outrosim não desconhecem, com certeza, os leitores a famosa traducção do sr. visconde de Castilho, que, ha tempos, corre impressa e tem sido apreciada por todos os que presam as obras que fazem honra á litteratura patria.

O *Tartufo*, posto em versos portuguezes, é modelo de linguagem e de perfeição na arte de versificar. Se o dialogo contem, por vezes, uma ou outra locução menos elevada e que destoa um pouco de outras completamente estranhas ao dizer mais commum, é em compensação, vasado sempre em moldes genuinamente nacionaes, e puro de qualquer liga que lhe desmereça o valor.

Dos merecimentos e excellentes qualidades da comedia se acham publicadas em todas as linguas, extensas analyses devidas a pennas de escriptores eminentes, e, junto á propria traducção do sr. visconde de Castilho, se encontra um bem elaborado juizo critico feito pelo sr. Mendes Leal, onde se exaltam os meritos do poeta que escreveu o original, bem como os do poeta que fez a versão.

O actor Santos, a quem se deve a exhibição na scena portugueza da monumental comedia de Molière, é inquestionavelmente de entre os que lidam em Portugal em assumptos do theatro, o que mais sabe dos diversos ramos da arte que professa. Por isso, e pelo bom uso que faz dos seus variados conhecimentos, recebe sempre que se apresenta em publico, exhuberantes provas do bom conceito em que todos teem o seu peregrino talento, cultivado pelo estudo constante dos melhores modelos e pela intelligente observação do natural.

Dicção, propriedade do gesto, expressão de physionomia e delicadeza de porte ninguem os possue melhores, o que faz com que o seu trabalho artistico, attinja, quasi sempre, o maior grau de perfeição que é dado exigir na arte de representar. Senhor da scena e das platéas, desempenha os seus papeis com a maxima tranquilidade e segurança, conseguindo assim, conforme Diderot e outros auctores de boa nota recommendam, ser constante espectador e critico de si mesmo. D'esta forma corrige os proprios defeitos tão facilmente como, na qualidade de ensaiador, corrige os defeitos alheios.

Ao talento excepcional do sr. José Carlos dos Santos, como actor e ensaiador, deve o theatro portuguez a exemplar execução do—*Tartufo* em D. Maria II.

Custa a crer como, em tão pouco tempo, o notavel ensaiador conseguiu de actores pouco habituados a dizer versos e a representar peças classicas, a uniformidade e regularidade de desempenho que se observa em toda aquella difficil composição.

O actor Santos, no papel de Tartufo, representa com grande conhecimento da arte, dando todo o relevo e colorido ás diversas phrases que pintam aquelle eterno modelo de hypocrisia e maldade. Quando pretende seduzir a esposa do amigo a quem deve os maiores beneficios; quando desafivela a mascara e se apresenta aos olhos de todos tal qual é, repellente e abominavel; quando, finalmente, recebe o castigo dos seus feitos malditos, e ainda brada com hypocrita indignação contra a tyrannia dos que perseguem a innocencia, é sempre completo e perfeitissimo, tornando-se merecedor dos applausos com que o publico todas as noites o victoria.

No papel de beato sincero e ingenuo amigo do seu mais cruel inimigo, o actor Antonio Pedro é gracioso e natural, obtendo largo quinhão dos triumphos reservados para os principaes interlocutores da famosa comedia.

A actriz Emilia Candida, no papel de creada ladina e jovial, faz lembrar os seus bons tempos em que, favorecida pelos poucos annos e pelo seu bello talento comico, era o enlevo das platéas do Gymnasio.

Representa sempre com muita distincção a actriz Emilia Adelaide, sustentando assim o logar de honra que hoje occupa na scena portugueza. Consegue, portanto, na comedia de Molière, dar vulto a um papel que não se presta a grandes ostentações da arte.

Os demais artistas coadjuvam briosamente aquelles a quem couberam os papeis tratados com mais esmero pelo auctor, contribuindo todos para o conjuncto magnifico que se nota no espectaculo mais attrahente que se tem apresentado ultimamente nos theatros da capital.

Em S. Carlos deu-se este mez uma opera nova. Já era tempo de sair da monotonia em que se acha o theatro lyrico de Lisboa, onde não se cantam senão as partituras que fizeram as delicias de nossos avós.

Caligula se intitula a nova composição, escripta pelo maestra G. Braga, um italiano que tem appellido portuguez.

Esta opera foi cantada pela primeira vez em Lisboa, e, forçoso é dizel-o, com quanto revele bastante saber musical no seu auctor, não obteve mui favoravel acolhimento. Filiada na moderna escola, tem como principal merecimento, a observancia rigorosa das regras da harmonia. O auctor prestou pouquissima attenção á melodia, ou por falta de estro, ou para ostentar os seus profundos conhecimentos musicaes, que melhor se manifestam no cumprimento fiel dos preceitos harmonicos, do que na fórma rythmica do canto. Ora o publico de Lisboa, apesar da fama de entendedor com que o honram, preza acima de tudo a melodia, e só perdoa a Mayerbeer não lhe dar nas suas operas, trechos que se possam cantarolar á saida do theatro, depois da primeira representação. D'aqui a indifferença com que foi ouvida a nova opera d'este anno, contraste perfeito na forma e no acolhimento de uma das novas operas do anno passado—*Ruy Blas*.

Continuam no theatro do Gymnasio as reapparições dos bons artistas. Depois do actor Izidoro, que tornou á sua antiga casa, onde sempre alcançou notaveis triumphos; veio o actor Taborda receber as palmas que os frequentadores d'aquella sympathica sala lhe conferem sempre com tanta espontaneidade.

Foi no *Afilhado de Pompignac*,—comedia drama de Alphonse de Jalin, vertida para portuguez por modesto escriptor, cujo nome o cartaz não regista,—que o popular actor fez a sua apresentação.

A comedia, desajudada de certos accessorios brilhantes a que muitas das composições dramaticas de Alexandre Dumas filho e Victorien Sardou habituaram o publico, é todavia desenhada a traços largos e vigorosos, denotando ter saído de mãos habeis para trabalhos dramaticos. Tem situações de seguro effeito, graça delicada na parte comica e caracteres gravados com firmeza e saber. O desenlace, porém, de certo para fugir á trivialidade, não moralisa nem satisfaz. Chega até a despoetisar e tornar ridiculos alguns dos personagens que o auctor se esforça em apresentar illuminados pelas côres mais sympathicas.

O desempenho comtudo attenua, quanto possivel, este e porventura outros defeitos que não passam desapercebidos aos que assistem aos espectaculos, sem se deixarem completamente fascinar pelos effeitos theatraes.

O actor Taborda representa, com a verdade e graça que lhe são proprias, o typo mais sympathico e risonho da comedia. Dá gosto vêl-o com o seu lenço encarnado na mão e o seu ar natural de velho galhofeiro, lançar ás platéas que o escutam, aquelle olhar magano que tão comicamente refulge.

Coube tambem ao actor Polla um dos papeis mais notaveis. Na descripção que faz dos occultos martyrios que soffre o marido

atraiçoado pela mulher que ama, martyrios mais pungentes que todos os soffrimentos a que se expõem os que na guerra conquistam o cognome de heroes, é admiravel de verdade, sentimento e exaltação.

Os demais interlocutores representaram bem, como costumam, os seus papeis.

Pela primeira vez subiu á scena em o theatro da Trindade, para beneficio do actor Augusto, a parodia da opera — *Ernani*, intitulada—*Nini, ou a palavra de honra*. Escripta pelo sr. Francisco Palha, auctor do *Andador das almas*, e n'esta composição moldada, inutil é dizer que tem versos graciosissimos e situações de muito effeito comico. Se não promette viver a longa e folgada vida que tem tido nos theatros de Lisboa o—*Andador das almas*, é porque veio n'uma epoca em que o publico, mal acostumado pelas operas burlescas francezas, não se contenta apenas com a parodia da palavra, quer tambem a parodia da musica. Ao pé do general Boum entoando a sua comica e celeberrima canção, não póde fazer grande figura um regedor caricato, cantando a serio a aria de Carlos v.

O desempenho da nova opera-comica é bom, se attendermos a que foi entregue a comediantes que não sabem cantar. Os actores dos theatros que dão este genero de espectaculos, representam sempre em cada peça dois papeis : — o dos personagens que figuram e o de cantores. E o mais notavel é que, muitas vezes, vão melhor n'estes ultimos do que n'aquelles. Parece impossivel, mas é verdade.

E depois de deixar aqui registada a abertura de um novo theatro popular no decano dos bairros de Lisboa — o de Alfama, e de mencionar a estreia auspiciosa de uma nova magica, muito plebéa, no theatro da Rua dos Condes—*A cebola mysteriosa*, terminarei esta chronica citando os livros com que me obsequiaram, e fallando de uma exposição que mereceu a analyse dos que estimam os bons trabalhos photographicos produzidos n'este paiz.

O sr. Chardron, editor e livreiro na cidade do Porto, emprehendeu a publicação de um *Diccionario de educação e ensino*, trasladado a portuguez pelo sr. Camillo Castello Branco, e ampliado pelo traductor nos artigos deficientes em assumptos relativos a Portugal.

É facil de avaliar o alcance e importancia d'esta publicação pelo auxilio que vem prestar a quem deseja instruir-se nos diversos ramos do saber humano, havendo principalmente a firme certeza de que todas as explicações e esclarecimentos são exactos e bem elaborados, visto que á frente do livro figura o nome do sr. Camillo Castello Branco.

D'este notavel escriptor recebi tambem o folheto que ha pouco saiu á luz, denominado — *O visconde de Ouguella, perfil biographico*. É mais uma valiosa producção da fertil, correcta e elegante penna do auctor de tantos monumentos litterarios portuguezes; e se despertou, como era natural, a curiosidade publica, bem o mereceu, porque, pelas bellezas do estylo e vigor da argumentação, é modelo no seu genero.

O sr. José Simões Dias, delicado poeta e professor do lyceu de Vizeu, acaba de publicar um *Compendio de poetica e estylo*, obra de grande utilidade para uso das escolas. O auctor tem dado repetidas provas nas suas formosas poesias, do vastissimo conhecimento que possue do assumpto ; não admira portanto que no seu volume haja não só boa disposição das diversas materias de que trata, mas tambem clareza e concisão bastantes para a facil comprehensão dos que desejam estudal-as.

No Maranhão publicou o sr. A. Brito um folheto, contendo duas comedias em um acto, originaes : — *Criticos momentos* e *Uma moça astuciosa*. Indicam estas duas composições notavel propensão no auctor para a litteratura dramatica, propensão que de certo o levará a emprehender trabalhos que demandem mais folego, e por isso o tornem conhecido e estimado como escriptor de theatro.

Durante os dias 8 e 9 d'este mez, esteve exposta na conhecida loja de espelhos Margoteau Ferreira, na rua nova do Carmo, a collecção de trabalhos photographicos que o esclarecido curioso, o sr. Carlos Relvas, tenciona enviar á exposição universal de Vienna de Austria.

O sr. Relvas é já conhecido nos paizes estrangeiros como o mais primoroso photographo portuguez. Em todas as exposições onde apresenta os seus magnificos productos artisticos, obtem sempre honrosas distincções. Está pois habituado a estes triumphos, e por isso não exultará de certo com os bem merecidos elogios que vae alcançar dos criticos intelligentes que visitarem a exposição photographica no grande certame que se annuncia.

Trabalhos de todos os generos—retratos de diversos tamanhos, grupos, marinhas, paizagens, edificios e copias de estampas—executados pelos processos mais recentemente inventados, apresenta o sr. Relvas, primando todos pela nitidez, força de claro-escuro e pureza de tom.

É honra portanto para Portugal figurar n'uma das secções da grande exposição com tanto lustre e distincção, honra devida ao talento e afan com que um dos nossos mais abastados compatriotas, estimulado pelo amor que tem ao bello, aproveita as horas que lhe restam dos cuidados que dedica á sua laboriosa casa, para se entregar ao cultivo de uma das mais notaveis e proveitosas maravilhas que o genio do homem descobriu no presente seculo.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

No imperio do Brazil foram publicadas as seguintes obras litterarias:

Trabalho e caridade, drama pelo sr. Antonio José da Fonseca Moreira.

Maneira de tratar as mulheres como ellas merecem, por Achilles Capdesbaing. Parece que este livro prende de perto com a celebre questão do *Homem-mulher*. O auctor, de certo receioso de que as senhoras tirem séria vingança contra elle pela maneira menos agradavel por que as trata, acautela-se declarando que a leitura do seu livro é defesa ao bello sexo.

Deveres do homem, reflexões moraes e philosophicas pelo sr. dr. Pedro Ernesto Albuquerque de Oliveira, 2.ª edição.

O forasteiro, romance pelo sr. dr. Joaquim Manoel de Macedo, 2.ª edição.

Estão sendo muito notaveis os trabalhos de gravura em madeira executados pelo artista hespanhol, residente em Madrid, o sr. Severini. Ultimamente publicou a *Illustração hespanhola e americana* uma estampa devida aos buris do distincto gravador, representando o *Claustro gothico do collegio dominicano de S. Gregorio em Valladolid*, que é uma verdadeira maravilha de execução. Aos nossos leitores será dado, em breve, o poderem avaliar devidamente o talento do sr. Severini, que tem entre mãos trabalhos importantes para esta revista.

No dia 31 de dezembro ultimo effectuou-se no edificio do Conservatorio de musica do Rio de Janeiro, a distribuição dos premios aos alumnos do mesmo Conservatorio e da Academia das bellas-artes, bem como aos artistas que mais se distinguiram na ultima exposição. Assistiu ao acto solemne sua magestade o Imperador e sua augusta familia. O dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello, orador da Academia, fez um eloquente discurso em que mais uma vez provou a sua vastissima intelligencia. Terminou a solemnidade por um brilhante concerto, no qual se distinguiram diversos alumnos do Conservatorio de musica.

Typ. Sousa & Filho — Rua do Norte, 145



A. PASTORA.

Desenho de Meier.

ARTES E LETRAS



LISBOA — FEVEREIRO DE 1873

A PASTORA

CADA qual no seu mundo: — o mundo d'ella é este.

Nenhum piso lhe parece melhor que o da herva sacudida do vento, queimada do sol.

Gosta do musgo meio secco e das urzes que se encravam nas fendas dos rocados.

Aspira com delicia o aroma das plantas serranas, que os temporaes enrijam.

Mal avista as aldeias, que ficam n'uma distancia de que já não ha côres nem fórmas; parecem-lhe sombras, os povoados, ao longe, a banhar-se n'uma tinta azulada...

É uma pastora, de physionomia suave, intelligente, de expressão serena e contemplativa.

Parece desligar-se do solo, suspensa entre o monte e o céo.

Curva-se-lhe a relva debaixo do pé comprido e delgado. Ha força graciosa n'aquelle todo; ha voluptuosidade, ha phantasia na doçura d'aquelles olhos, que resguardam o fogo nas palpebras longas e assedadas. O feitio da bôca tem um tom apaixonado e calido. Ha raios scintillantes, ha reflexos morbidos n'aquelle rosto; e como que uma luz doirada, certo ardor irritante n'aquelles cabellos que fogem ao lenço que quer prendel-os, e se espalham á mercê do vento dos montes.

Tem talvez a pelle trigueira; levemente, mas morena um pouco. É porque o sol a achou bonita, e a queimou de beijos!

Alli está sósinha uma longa tarde, um dia inteiro ás vezes.

Ninguem lá vae; ninguem lá sabe ir; mal se percebe até o rasto do caminho...

Não ha medo de que alli surja de subito, como n'outras pastagens, alguma alegre cavalgata, e a estrondosa berraria dos guias, e as vaidades da admiração ruidosa, e a barafunda de amarrar cavallos e desenfardelar as provisões, e os dichotes pesados que se cruzam em occasiões d'estas.

É tudo sereno, silencioso, e grande ao mesmo tempo. A natureza não tem alli um interesse secundario, não se subordina á creatura; não é apenas um theatro onde devem figurar heroes e passar-se casos; reina, é senhora, e parece dizer como Medéa:

— Só eu, e basta!

A creatura esquece a creatura; deixa alli a sociedade de ser dogma e religião; sacode-se o jugo.

A pastora está a gosar a sua liberdade; está a conversar com os montes, está a ouvir d'elles coisas que os homens não sabem dizer... Ella não conhece outra coisa senão aquellas montanhas e aquellas ervas; não estima nem quer bem senão ás plantas que convem ás ovelhas e ás cabras, — as suas queridas cabrinhas, de olhos amarellos, pernita alta, e pêllo tão farto que parece que andam de capinha preta, parando aqui e alli muito pasmadinhas, sempre com ares de curiosidade e de meiguice, pondo as patinhas no monte, roendo uma silva, pascendo uma flôr d'alfazema, e seguindo depois com a bôca cheia de ervas, empurradas pelas companheiras que vem de traz, muito direitinhas, a comer e a andar.

Entretem-se com ellas, com as suas cabrinhas amigas, com ellas vive, com ellas pensa e falla, entendendo o que lhe dizem com as suas physionomias espertinhas, resignadas, tristes, em que brilham de vez em quando relampagos de capricho e de originalidade. Recreia-se de as ver nas pastagens, a correrem quando lhes parece e a mudar de sitio, como uma floresta de chifres por cima de uma nuvem escura.

Conhecem-a de pequena aquelles montes, e ella conhece-os tambem e crê firmemente no poder que têem... Vive no cume de um d'elles um espirito melancolico e solitario, que ella lá sabe, grande, grande, da altura de um pinheiro e do feitio d'elle quando serpêa requebrando-se com o vento: tem, por signal, lá em cima um jardim de que trata com extremo e onde crescem os perigosos vegetaes que tudo podem...

Ou então está lá em cima a bruxa, que mette medo a todos, ás mulheres principalmente: a bruxa, que não é demonio, mas que é peor, creatura que teve má sorte á nascença, a quem o baptismo não purificou, porque o padrinho e a madrinha a consagraram ao diabo que logo a dotou com prendas. É ella que atormenta e perde; muda-se ás vezes em chuva e em vento, e não ha fugir-lhe, por mais que se calafetem as portas das cabanas, porque passa pelos buracos das fechaduras, atravessa as paredes, anda cem leguas em meia hora. É ella que engendra as doenças para que não ha remedio, é quem arma os pesadelos, é quem faz as mordeduras na lingua, e quando alguem se arranha a dormir e rasga a pelle com as unhas ou nos alfinetes, sendo em cama pregada, — é ella... é ella...

Para a pastora os rochedos, as cavernas, as nascentes d'agua, as arvores, tudo tem um deus em si, poderes maleficos ou propicios, que o amor e a vingança, as paixões boas e as más veneram e adoram...

Ella sabe o segredo de todas aquellas tradições, que nenhum de nós por aqui poderá contar, porque se perde o sentido do symbolo em querendo trazel-o para longe, e apaga-se a idéa que se esconde n'elle. Cobrem talvez esses mythos grandes lições com o seu véo transparente; para nós são vestigios pallidos, idéas vagas que mal se entendem: para a pastora, porém, esses montes são tudo.

É a elles que vão pedir noivo as donzellas: e as esposas o titulo de mãe.

Têem culto aquellas serras; é lá tambem que vivem, vestidas de branco, coroadas de flôres, as fadas que dão vida ás plantas salutares com que se allivia a dôr e a saudade. Cantam á noitinha, á hora do recolher do gado, e quando lhes parece mudam em fios de seda

o linho grosseiro de que as pastoras se vestem. Por lá crescem as flôres silvestres que espalham pelas quebradas, pelas charnecas, pelos valles, exhalações deliciosas... Diz-se que no ultimo dia de cada anno vão as pastoras esperar as fadas, e perdem ás vezes o rebanho com o sentido n'ellas...

Então, — de umas vezes desce do monte a felicidade, e são as fadas toucadas de rosas que vem vêr quem lhes tem querido bem; — de outras vezes é a desgraça, e são fadas más, que trazem ao collo uma creancinha banhada em lagrimas, de cabecita coberta com um diadema de espinhos negros.

No primeiro caso, as pastoras vão ter noivo e viver contentes n'um casal: — no segundo, hão de ter fogo na choupana, devorarem-lhe o rebanho os lobos, e morrer-lhes o namorado longe da familia e longe d'ellas.

A pastora sabe tudo isto e em tudo isto está pensando. Só não pensa talvez, comquanto o saiba, que debalde de repente um dia se perguntará por ella aos eccos d'esses montes, quando alli cair alguma terrivel tempestade, das que nunca deixam n'aquellas paragens senão vestigios de completa devastação. Na manhã d'esse dia nefasto, talvez nenhuma nuvem pareça perturbar a pureza dos ares; e quando ella olhar para o céo, a vêr o que o tempo annuncia, como é costume da gente do campo, enganar-se-ha com a serenidade do horisonte.

D'alli a pouco só se ouvirá o tinir dos chocalhos do gado, meio suffocado pela neve. E serão esses brancos flocos o lençol em que se amortalhe a pastora...

JULIO CESAR MACHADO.

GIL VICENTE E A CUSTODIA DE BELEM

(Conclusão)

PELO fallecimento de D. João II, a corôa veio a pertencer a el-rei D. Manuel, irmão da rainha D. Leonor; vivendo na côrte, mas alquebrada pelos profundos desastres de familia, esta senhora não tendo que dar a fazer ao seu *laurante*, por que para ella haviam acabado as sumptuosidades, pedia-lhe por occasião das festas religiosas que compuzesse algum Auto hieratico. Nas rubricas dos Autos, traz Gil Vicente esta declaração: «*E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Rainha velha d'esta representação, que pediu ao Autor que isto mesmo lhe representasse ás Matinas do Natal, endereçado ao nascimento do Redemptor...*» E tambem: «*A dita Senhora Rainha, satisfeita d'esta pobre cousa, pediu ao auctor que para dia de Reis logo seguinte lhe fizesse outra obra.*» A maior parte dos Autos de Gil Vicente foram escriptos a pedido da rainha D. Leonor; a esta classe pertencem tambem as *Tres Barcas*, primitivamente compostas em portuguez com o titulo *Auto de Moralidade*, e depois traduzidas pelo proprio auctor para castelhano com o titulo *Tragicomedia allegorica del Paraiso y del Infierno.* [1] Entre as obras perdidas de Gil Vicente, figura no *Catalogo* de Barrera e Leyrado o *Auto da Donzella da Torre, ou do Fidalgo portuguez.* [1] Insistimos sobre este ponto da influencia da rainha D. Leonor sobre o talento dramatico de Gil Vicente, porque d'aqui se tira um fortissimo argumento para provar a identidade do poeta com o ourives. Na tragicomedia de *Dom Duardos* [2] vem uma dedicatoria ao principe D. João, successor de el-rei D. Manuel, em que declara ter composto grande parte dos seus Autos em serviço da rainha D. Leonor, sua tia: «Como quiera (Excelente Principe y Rey mui poderoso) que *las Comedias, Farças y Moralidades que he compuesto en servicio de la Reyna vuestra tia...*» No Cartorio do Hospital de S. José, de Lisboa, encontrou o sr. José Maria Antonio Nogueira, esmeradissimo cultor da nossa archeologia portugueza, e nos communicou com o mais invejavel desinteresse, um documento, em que, além de outros factos sobre Gil Vicente, lhe chama *Ourives da rainha D. Leonor*. Como era possivel, que a rainha tivesse um lavrante tão perito, como Gil Vicente, e um poeta dramatico tão gracioso e fecundo, tambem chamado Gil Vicente, sem que os seus contemporaneos, que de tudo chasqueavam, não tirassem partido d'essa homonymia? De mais, na farça dos *Almocreves*, figura um Ourives, que pede a um fidalgo a paga do seu trabalho, e este escusa-se promettendo-lhe que o ha de recommendar a el-rei; no *Auto da Alma*, ha tambem o mesmo conhecimento technico de ourivesaria, quando descreve as joias com que o diabo quer seduzir a alma; na *Fragoa de Amor*, apparece em scena uma forja e bigorna, e varios cupidinhos trabalhando para transformar diversos frades em galantes namorados. Tudo leva a concluir a identidade entre o ourives e o poeta. Em 1502, frequentava Gil Vicente a côrte, quando teve occasião de escrever e representar o monologo do *Vaqueiro;* n'esse mesmo anno representou o *Auto Pastoril castelhano;* em 1503 representou o *Auto dos Reis Magos* e o *Auto da Sibylla Cassandra.* No fim de 1503, é que chegou a Lisboa o primeiro ouro das páreas do Oriente, e foi quando el-rei D. Manuel encarregou a Gil Vicente o trabalho da prodigiosa Custodia. D. Manuel estava no Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro em Evora, quando lhe deram a noticia da descoberta da India; em reconhecimento, deu á Virgem e ao Menino do Altar mór duas corôas de ouro. Este sentimento o levou a servir-se do genio extraordinario de Gil Vicente; durante o trabalho da Custodia, que acabou em 1506, representou Gil Vicente na côrte em 1504 o *Auto da Fé* e o *Auto de S. Martinho*, á rainha D. Leonor; em 1505 a farça de *Quem tem farelios?* e o *Auto dos Quatro Tempos.* Podemos acreditar com toda a certeza, que o Alvará que existe no Cartorio do Hospital de S. José, foi uma consequencia do modo como desempenhou o trabalho da Custodia offerecida ao Mosteiro de Belem; n'esse Alvará, datado de 1509 e passado em Evora a 15 de Fevereiro, se concede a Gil Vicente o privilegio de ser Vêdor de todas as obras de prata ou ouro, que se fizerem para o Hospital de Todos os Santos, Mosteiro de Belem e Convento de Thomar: «*Alvará de Gil Vicente, Ourives.* Nós El-Rey fazemos saber a quantos este nosso Alvará virem, que confiando nós de Gyl Vicente, *Ourives da Senhora Raynha minha irmã*, e que nisto nos servirá assy bem, e como o faz em todas as outras cousas em que o encarregamos, por lhe fazermos graça e mercê, temos por bem e o fazemos Vedor de todas as obras que mandamos fazer, ou se fizerem de ouro ou prata para o nosso Convento de Thomar e Hospital de Todos os Santos da nossa cidade de Lisboa, e Mosteiro de Nossa Senhora de Belem, queremos que todas as obras que para as ditas Casas se houverem de fazer, ora seja por nosso mandado, ora por as ditas Casas o mandarem fazer se façam pelo dito *Gil Vicente*, ou por Officiaes que elle para isso ordenar;...» etc. [3]

Além d'estas obras de Gil Vicente, encontramos citados mais dois trabalhos do lavrante da rainha D. Leonor, no proprio testa-

[1] De Schack, na *Historia de la litteratura y arte dramatica en España*, t. I, fl. 205; e Moratin, *Origenes del Teatro español* (Bibl. de Autores, t. II, p. 193.) Citam uma edição de Burgos de 1539. Nas notas de Moratin, se prova que Gil Vicente compôz esta refundição hespanhola de uma peça escripta por elle mesmo em portuguez; os annotadores transcreveram esta rubrica manuscripta: «*Compusola en lengua portugueza e luego el mesmo auctor la traslado à la lengua castellana, aumentandola.*» Vid. *La Danza de los Muertos*, por Fernando Wolf, (apud Collecção de documentos ineditos para a Historia de Hespanha, t. XXII, p. 518.)

[1] Impresso em Lisboa, por Antonio Alvares, 1643. 4.° Completamente ignorado.

[2] Folha volante da Bibl. do Porto. (N.—8—74.)

[3] Este documento apparece pela primeira vez publicado na sua integra, na *Historia de Camões*, t. I, p. 65; extrahido pelo sr. José Maria Antonio Nogueira, do Registo geral, Liv. I, fl. 16 e 17. A noticia da sua existencia foi-nos communicada pelo sr. dr. José Gonçalves Ribeiro Guimarães

mento d'esta senhora, que se perdeu, mas do qual conserva alguns extractos Frei Jeronymo de Belem, na *Chronica Seraphica*: «Item, deixo ao dito Moesteiro da Madre de Deos o Relicario, que fez Mestre João, em que está o Santo Lenho da Vera-Cruz...... e *os dous Calices, que andam em minha Capella: a saber, o que corregeo* GIL VICENTE, *e outro dos que elle fez, que está já no dito Moesteiro*...» [1] O mestre João, auctor do Relicario, que vimos no thesouro do Mosteiro da Madre de Deus, por intervenção do notavel architecto-archeologo, o sr. José Maria Nepomuceno, é sem duvida o mestre João Gonçalves, natural de Guimarães, patricio de Gil Vicente, e sobrenominado o *Engenhoso*, pela sua extraordinaria vocação artistica; a epoca em que se fixa a sua actividade (1521-1563) coincide com o tempo em que a Rainha D. Leonor escreveu o seu testamento; a sua naturalidade, explica a communicação com Gil Vicente, que era filho de um ourives de prata d'aquella cidade. As obras de Gil Vicente, aqui apontadas são, um *Calice*, que elle concertou, e *outro, dos que elle fez*; com certeza seriam estes outros calices os que fez para o presente de el-rei D. Manuel ao papa Leão X em 1514, e principalmente para o Mosteiro de Belem, Santos e Thomar, d'onde era vedor das obras de ourivesaria.

Um argumento existe unicamente contra a identidade de Gil Vicente ourives e poeta dramatico: é não ser citado como ourives fóra dos documentos officiaes. Esta omissão explica-se pelas pretenções aristocraticas de seus filhos: Luiz Vicente, foi casado com uma filha de um fidalgo *Luiz de Pina*, e os seus descendentes pelas ligações de parentesco com os Godinhos, tornaram-se as pessoas principaes de Torres Vedras, chegando a ser procuradores em côrtes em 1668; *Dona Valeria Borges*, terceiro filho do poeta ourives, casou com um filho de D. Luiz de Menezes, das principaes familias do reino; *Paula Vicente*, viveu sempre no paço, aonde foi camareira da rainha D. Catharina. Por estes factos se vê como a pretenção heraldica fez prevalecer o caracter litterario sobre o talento artistico de Gil Vicente, a ponto de se querer hoje acreditar que foram dois individuos distinctos.

Durante a vida de el-rei D. Manuel, Gil Vicente viveu estimado; basta ver a relação das riquezas do guarda-roupa d'este monarcha [2] enumeradas em uma quitação de D. João III, assignada em Evora em 11 de Maio de 1522, para concluir da actividade de Gil Vicente; anneis de ouro com pedras gomís de prata, apitos, botões, lavatorios, bacias, estoques guarnecidos de ouro, escriptorios, garrafas de prata, emfim todo o trem de um dos monarchas mais faustosos da Europa, só podia ser formado por um artista como Gil Vicente, o unico capaz de sustentar em Portugal os progressos que a arte estava attingindo na Europa. Quando, em 1514, el-rei D. Manuel mandou ao papa Leão X o presente das Pareas da India, por certo que Gil Vicente, então no esplendor do seu genio, trabalhou n'esse pontifical inteiro mandado pelo monarcha, n'esses baculos, cruzes e thuribulos, que deixaram assombrados os artistas da capital do mundo civilisado. N'esta epoca floresciа tambem o afamado ourives e poeta Diogo Fernandes, que Gil Vicente cita nos seus Autos. Tudo levava a crer, que em Portugal se inaugurava uma grande epoca artistica, como Celini inaugurou depois na Europa; mas a morte de el-rei D. Manuel veio arrastar comsigo todas estas esperanças. Succedeu-lhe o fanatico e estupido D. João III; durante o seu reinado começou a decaír o theatro, e Gil Vicente queixa-se duramente da sua pobreza; começaram a apparecer leis sumptuarias, em que se prohibia o uso de vestimentas com galões de prata ou ouro, á excepção das tapeçarias para as egrejas. Gil Vicente morreu quasi na miseria; o seu genio estava destinado a inaugurar entre nós a Renascença e a florescer n'essa grande atmosphera artistica. D. João III annullou todo o seu trabalho, admittindo a Inquisição em 1536. A vida civil tornou-se um acto funebre.

Pela lei de 1535, de el-rei D. João III, explica-se porque a ourivesaria religiosa teve mais desenvolvimento; no artigo 8 d'esta lei se lê: «Item, que a dita defeza de seda, ouro, bordado, dourado e prateado, se não entendesse nos ornamentos de egrejas e oratorios, nem em livros de qualquer sorte.» E em seguida prohibe-se a ourivesaria sumptuaria:

«9. Item; que os que tivessem feitas algumas peças esmaltadas, douradas ou prateadas, de qualquer feição, podessem trazel-as sem pena, jurando aos Santos Evangelhos como as tinham feitas antes d'esta lei.

«10. Item, que os ourivezes podessem tirar pela fieira ouro ou prata, para fazer suas obras, que por esta lei não eram defezas.

«11. Item, que os ourivezes que antes d'esta ordenação publicada tivessem feitas algumas obras de ouro esmaltadas, dentro de outo dias as mostrassem aos Juizes dos lugares, e jurando aos Santos Evangelhos, que as tinham feitas, as podessem vender dentro de um anno a quaesquer pessoas, e essas as podessem trazer.» [1] Isto mesmo foi confirmado em 1560, na menoridade de D. Sebastião.

A arte portugueza, que produziu a Custodia de Belem, em quanto se inspirou de um pensamento nacional, concebeu creações como os *Lusiadas*. Estes dois monumentos completam-se; ambos retratam a vida e o sentimento dos portuguezes na epoca em que assignalavam na historia o seu passo para a civilisação. A Europa é que nos tem ensinado a ler estas paginas eloquentes, que Gil Vicente e Camões deixaram. Ao passo que a Custodia de Belem era levada para a Casa da Moeda, em risco de ser estupidamente reduzida a 3:640$000 réis de dinheiro sonante, na Exposição de 1867 offereciam-nos por ella um milhão: ao passo que os *Lusiadas* eram deturpados pela censura do Santo Officio, e ainda modernamente tidos por degradantes para qualquer poeta actual assignar uma das suas estrophes, todas as litteraturas adoptaram para si essa biblia de um povo, traduzindo-a e commentando-a com intelligencia e com amor.

De todo este trabalho, conclue-se sem esforço, que o fundador do theatro portuguez, Gil Vicente, foi o mesmo que deixou a forma inimitavel e gigantesca a que chegou a arte portugueza no seculo XVI; é pela comprehensão de monumentos d'esta ordem, e não por phrases banaes de patriotismo, que o sentimento da nacionalidade póde renascer em uma mocidade que tem de herdar o legado corrupto dos velhos. [2]

Recapitulando os resultados d'este trabalho, aqui se enumeram os argumentos, que provam ser Gil Vicente, o conhecido poeta e fundador do theatro portuguez, esse extraordinario artista auctor da Custodia de Belem.

1.º Pela *Sedatura lusitana*, ms. genealogico de Christovão Alão de Moraes, Gil Vicente era natural de Guimarães, filho de Martim Vicente, *ourives da prata*.

2.º Pelo alvará de 15 de fevereiro de 1509, el-rei D. Manuel nomeou vedor de todas as obras de ouro e prata feitas para o mosteiro de Belem, hospital de Todos os Santos e convento de Thomar a *Gil Vicente, ourives da senhora rainha minha irmã* (D. Leonor.)

3.º Os principaes Autos de Gil Vicente foram escriptos a pedido da rainha D. Leonor, como vem declarado nas rubricas iniciaes; e a epoca em que começa a figurar na côrte fixa-se em 1492, pelo processo jocoso de Vasco Abul do *Cancioneiro*, onde se lhe chama *Mestre Gyl Vicente*.

4.º No prologo da tragicomedia *D. Duardos*, edição de folha volante, dedicada a D. João III, declara Gil Vicente que fez os seus Autos e Moralidades em serviço da rainha sua tia (D. Leonor.)

5.º No fragmento do testamento da rainha D. Leonor, vem citados dois Calyces legados ao mosteiro da Madre de Deus, com *o que corregeu Gyl Vicente, e o outro dos que elle fez*, e que eram da capella da dita rainha.

6.º No testamento de el-rei D. Manuel de 7 de abril de 1517, cita-se a Custodia dos Jeronymos, d'onde Gil Vicente era vedor, como tendo sido feita por Gil Vicente, e bem assim uma *grande cruz*, feita pelo mesmo.

7.º O estylo da Custodia dos Jeronymos é o mesmo da Custodia offerecida por Gonçalo Annes á collegiada da Oliveira, de *Guimarães*; o que se explica pelo facto produzido por Alão de Moraes.

8.º O Relicario de Mestre João, o Engenhoso de *Guimarães*, possuido pela rainha D. Leonor, trabalho de esmalte preto admi-

[1] *Ch. Seraph.* t. III, pag. 85. Communicação do sr. José Maria Nepomuceno

[2] Sousa, *Provas*, t. II.

[1] Nunes de Leão, *Extravagantes*, p. 388.

[2] Para o conhecimento das phases por que tem passado a Custodia, vid. a monographia do sr. Teixeira Aragão, *Dom Vasco da Gama*, etc.

ravel, revela-nos que o *laurante* da Rainha foi talvez o primeiro a reconhecer o talento do seu patricio.

9.º Na *Farça dos Almocreves*, Gil Vicente introduz como typo principal um ourives, victima dos fidalgos que lhe não pagam as obras que encommendam; na *Fragoa de Amor*, figura em scena uma bigorna e forja, onde os frades vem pedir para serem caldeados em guapos namorados; no *Auto da Alma*, o poeta descreve, com conhecimentos technicos de ourivesaria, as joias com que o diabo vem seduzir a Alma.

10.º Gil Vicente não só escrevia os seus Autos, como era musico e actor; pertence á pleiade dos espiritos encyclopedicos do fim do seculo XV, como Miguel Angelo ou Leonardo de Vinci, ou mesmo Garcia de Rezende, que possuiam quasi todas as formas da Arte; portanto não repugna moralmente o julgal-o chefe da escola da Ourivesaria portugueza.

11.º Os filhos de Gil Vicente, Luiz, Paula e o Valeria Borges, já pelos seus enlaces matrimoniaes na principal aristocracia, já pelas suas posições honorificas no paço, é que fizeram esquecer que seu pae era o assombroso *laurante da rainha D. Leonor*, para se nobilitarem pelos seus talentos litterarios.

12.º Em grande parte dos seus Autos, Gil Vicente dá a entender que elles são um trabalho accidental; tiveram origem casualmente, nem se escreveram para serem representados diante do povo. Logo, a occupação principal para elle era a da Ourivesaria.

* * *

RUINAS DO CARMO

(CARTAS A FRANCISCO GOMES DE AMORIM)

I

> Haec loca vi quondam et vasta convulsa ruina
> Dissiluisse ferunt...
>
> Virg. AENEID. III.

Meu carissimo poeta.

HA pouco tempo que um meu patricio e amigo navegou em ruinas pelo interior da egreja velha de Santa Clara [1]. Navegar dentro de uma egreja é extraordinario em toda a parte, menos em Coimbra, por causa das enchentes do Mondego. A piedade de nossos maiores levantava templos n'estas formosas margens, mas o rio bloqueava-os, e depois inundava-os, e afinal destruia-os.

Para orar tem o homem o primeiro templo no coração; e digo no coração, porque orar vale o mesmo que amar. Mas para o culto externo, se uns preferem as corôas dos montes que os avisinham dos astros, e outros a espessura dos bosques, cujo asylo os aperta intimamente com Deus, o habitante de Coimbra prefere a margem do rio, cujo espelho reverbera o azul do firmamento.

Em Braga sobe-se a encosta do monte para chegar ao santuario do Bom Jesus; e d'aquelles cumes o pensamento dilata-se com os olhos por horisontes extensos que lhe fallam da magnificencia divina. No Bussaco o mosteiro esconde-se em matta tenebrosa, onde só reinam as sombras crepusculares; e n'esta solidão ascetica embebe-se o espirito em profundo respeito religioso. Mas, em Coimbra, os templos mais fallados elevam-se quasi rentes com o rio; a oração que irrompe dos labios cruza-se com as auras fluviaes que doidejam pela folhagem dos choupos e dos salgueiros, acompanhada muitas vezes dos trinados do rouxinol. Se n'uma parte a grandeza revela a magestade, e n'outra a solidão incute o respeito, aqui na suavidade do clima respira-se o amor e n'este perfume se embala a oração, porque orar, como já disse, vale o mesmo que amar.

Comtudo, a visinhança do Mondego é incommoda e fatal para as egrejas e conventos, assim como para as casas que se agrupam em volta. O rio subverte-as com as areias, como o Vesuvio faz com as lavas ás povoações que o circumdam. A differença é que a erupção do monte é rapida e momentanea, e a acção do rio é lenta de seculos, mas constante, e com as cheias continuadas vai enterrando successivamente os edificios das margens [1].

É verdade que, no Egypto, as inundações do Nilo obrigam os naturaes do paiz a edificar os templos pelos outeiros. E houve rei, Ptolomeu Philopator, que os erigiu sobre navios! [2] O Mondego porém, é porventura mais cavilloso do que o rio africano, porque este tem as suas enchentes periodicas e certas, e o Mondego não; o seu curso é ordinariamente sereno, e no seu socego e quietação como que parece arrependido, na phrase do poeta, de levar agua doce ao mar salgado. E quem dirá de certo, ao fitar os campos do alto da cidade, que a serpe de prata que os corta ao meio, delgada fita que lhes cinge o manto de verduras, se possa na furia do inverno desatar e desdobrar violenta em sudario de estragos e ruinas?!...

Ora, o templo velho de Santa Clara, que é hoje um lago escurissimo, encoberto á luz do dia pelas suas paredes e abobadas seculares, semelha um pouco as brenhas estygias das Eneidas, e o meu presado amigo A. Filippe Simões fez-me lembrar com o seu artigo a cymba enfarruscada do velho Charonte, que recolhia uns e desembarcava outros. Está enterrado o templo mais de metade com os capiteis das columnas do lado do norte quasi ao nivel do chão [3]; e emquanto as areias o não sepultam de todo, vai ao menos dando pasto á curiosidade dos archeologos.

E talvez que ainda pudesse desentulhar-se e conservar-se cuidadosamente como reliquia veneranda; mas, infelizmente, o desleixo e a inercia, entre nós proverbiaes, vão ajudando a furia do rio, e ainda mais a sanha do tempo. *Tempus edax, homo edacior*, o tempo é cego e o homem estupido, como entendeu Victor Hugo.

Bom seria, repito ainda, que tentassem salvar aquellas ruinas, dar-lhes permanencia e tornal-as monumento de architectura antiga. Eu amo muito as ruinas, assim como amo os velhos. Umas e outros despertam funda veneração, e são os laços mais fortes que nos prendem ao passado. *Les vieillards sont la majesté du peuple*, dizia Joubert; e nós podemos accrescentar que as ruinas são as cãs venerandas das povoações.

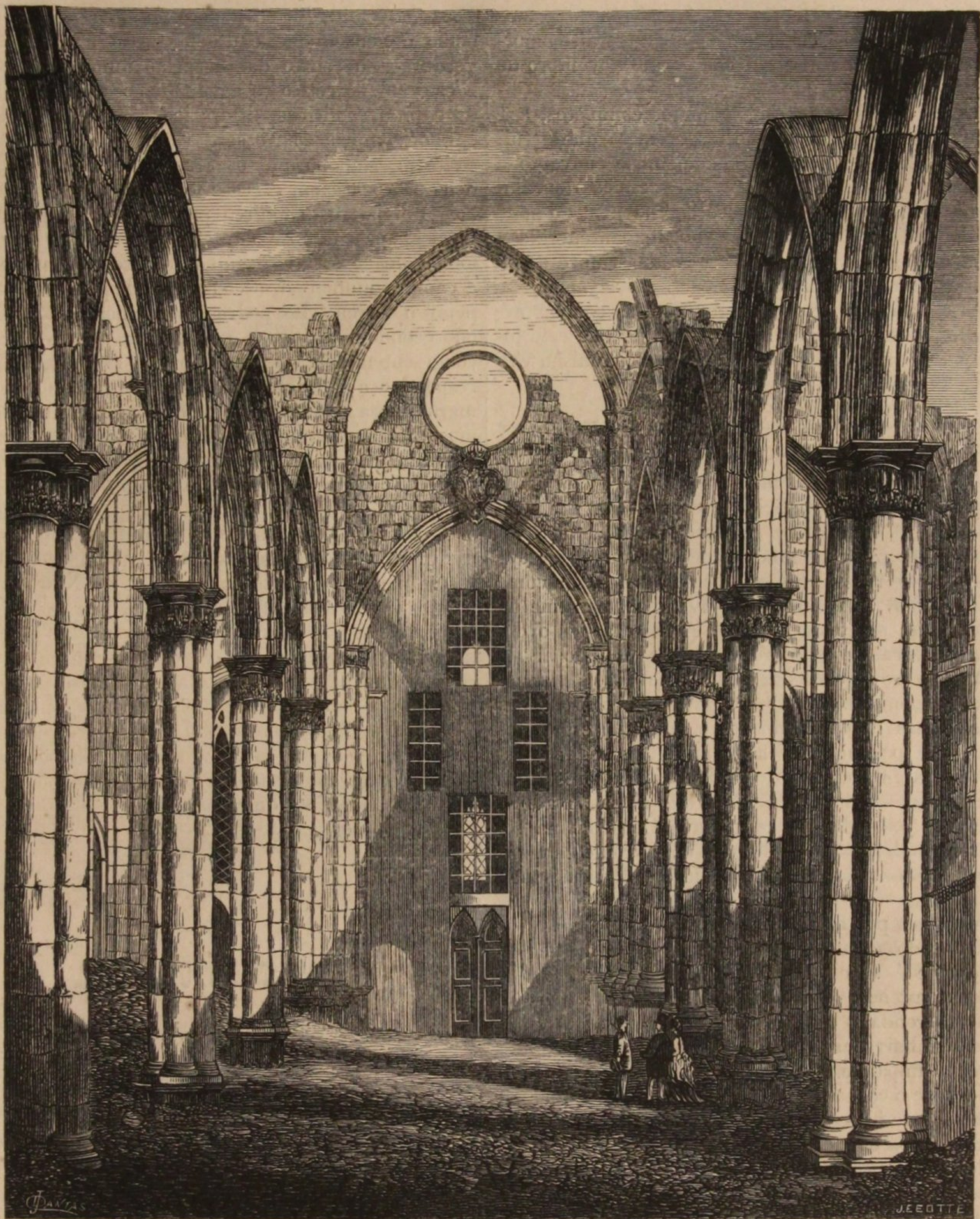
E a proposito de ruinas deixe que lhe falle das ruinas do Carmo, que são as suas ruinas, o sitio onde o visitei, onde passei na sua amavel convivencia horas esquecidas e sempre lembradas, esquecidas então e lembradas hoje.

[1] A. Filippe Simões. Veja-se *Artes e Letras*, tomo 1.º, pag. 154 e seg.

[1] Não ha exageração no nosso asserto. O Mondego tem destruido lentamente as casas e templos das duas margens. O bairro e egreja de S. Cucufate, os conventos e egrejas de Sant'Anna, S. Francisco, Santa Justa, S. Domingos e outros, foram já inteiramente subvertidos. Santa Clara, de que fallâmos, está de todo inutilisada, e a capella do Arnado e o magestoso templo de Santa Cruz teem soffrido muitos insultos do rio. O bairro baixo da cidade com as inundações toma muitas vezes a similhança d'uma Venèza.

[2] Athen. *Deipnos*. lib. V.

[3] Figanière, *Mem. das rain.*, pag. 197.



RUINAS DO CARMO

(DE UMA PHOTOGRAPHIA DO SR. CARLOS RELVAS)

E como ambas as ruinas, as de Santa Clara e as do Carmo, umas cingidas pelo Mondego, outras sobranceiras ao Tejo, despertam memorias vivas e nomes famosos da nossa historia! Como ambas se identificam homogeneas com a natureza dos seus rios! Aqui, sob o céo amenissimo de Coimbra, florescem as rosas da caridade da piedosa rainha; além, entrelaçados com a magestade do Tejo, se enramam os louros sempre virentes do santo condestavel. E rosas e louros adornam ainda hoje as paredes dos templos, monumentos firmissimos da piedade antiga!

Como se eleva o espirito e dilata o coração, quando pomos os olhos nos magestosos restos das preteritas grandezas claustraes! São livros da nossa historia essas ruinas, porque a architectura é tambem uma linguagem; as paredes e abobadas d'um templo valem ás vezes uma chronica, as suas columnas e arrendados capiteis valem um poema. Santa Clara de Coimbra resume a vida de Santa Isabel, e evoca as piedosas lendas da edade media que matisam a sua historia. O Carmo de Lisboa falla de D. Nuno, do cavalleiro da Flor da Rosa e da espada de alfageme, do heroe de Aljubarrota, que tão singularmente ennobreceu a terra do seu berço:

Ditosa patria que tal filho teve!

D. Nuno Alvares Pereira, o denodado campeão de D. João I, este «varão tão excellente que na vida deu a

corôa ao rei e depois da morte reis á corôa [1]», foi o fundador do convento do Carmo, em cuja clausura se amortalhou no habito de frade e falleceu a 1 de novembro de 1431 [2].

Passados trezentos e quatro annos completos, a 1 de novembro de 1755, o temeroso terremoto que arruinou a cidade de Lisboa, destruiu tambem o convento e desmoronou a egreja, sem respeito pelas cinzas do valoroso condestavel. E quando o braço e influencia do marquez de Pombal ergueram com extraordinaria energia a cidade da sua queda, estas ruinas ficaram sempre de pé como monumento singular do tremendo cataclysmo.

E eil-as ahi que se elevam magestosas com as arcarias meio derrocadas, prova manifesta de que este logar se espedaçára ha tempos, abalado por convulsão violenta e vasta ruina:

Haec loca vi quondam et vasta convulsa ruina,
Dissiluisse ferunt...

N'este sitio assentou o meu amigo os seus arraiaes; creou aqui um retiro no bulicio da capital, um Tibur no centro da cidade. Outr'ora na sua formosa aldeia de Avelomar correu-lhe ligeira a infancia descuidada, como leve batel em mar de rosas, brilhante como o sol, curta como um sonho d'amor; sua existencia juvenil foi perfume da flôr, perdido no sopro da viração. A sorte jogou-o depois para as terras americanas, e no novo mundo arrastou uma vida nova, ardente como os tropicos, inconstante como as ondas. Hoje descança depois de procellosa tempestade, mas descança doente e fatigado, esgotadas as forças, que pelo mundo lhe ficaram em pedaços repartidas. Restam-lhe apenas duas joias, dois amores, duas domesticidades — a da familia e a das musas. Na primeira tem as joias de que se ufanava Cornelia, na segunda as que adornavam as frontes de Byron e Garrett. Que dôce balsamo para as suas dôres physicas, meu amigo!...

Penetremos porém nas ruinas do Carmo; mas antes de fallar do monumento historico, fallar-lhe-hei do seu asylo, que é accessorio indispensavel d'este. O terreno que se estende ao sul das ruinas e com ellas se prende foi arrendado ou aforado pelos frades em 1808. Os foreiros embarracaram tudo de madeira, e fizeram um detestavel acampamento de ciganos ou coisa que o valia. Mais tarde o conselho de saude publica do reino acudiu a este foco de infecção, e conseguiu que a camara municipal de Lisboa em 1854 expropriasse por uns 500$000 réis todo o terreno. O conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, que possue na rua Nova do Carmo um excellente predio, contiguo pelas costas ás ruinas, tomou o terreno de arrendamento á camara para que os inquilinos do quinto andar tivessem por aqui serventia e passagem para o largo do Carmo.

Em 1867 o nosso conhecido poeta Francisco Gomes de Amorim mudou-se para o quinto andar do predio e tomou posse tambem do terreno e serventia. Houve então transformação completa, e a parte inferior unida com as casas foi logo ajardinada e convertida n'uma miniatura de Cintra, com tanquesinhos, repuchos, arvoredos e plantas raras de todas as zonas: um verdadeiro ninho de flôres. A parte superior, que confronta com o publico e que é mais vasta, foi tambem agora preparada, cortada de ruas que imitam os jardins inglezes, e povoada de arvores de fructo e plantas de ornamento.

[1] Fr. Domingos Teixeira, *Vida de D. Nuno Alvares Pereira*, in fine.

[2] Segundo outra versão dizem que fallecera a 11 de maio de 1432, n'uma terça feira, segunda oitava do Espirito Santo.

Está convertida litteralmente n'uma especie de parquesinho delicioso, que é um pequeno eden, um oasis de verduras no centro das casarias innumeras da cidade. N'este ameno retiro se agrupam por vezes notabilidades da capital, politicas, litterarias, artisticas e scientificas, em convivencia com o solitario das ruinas; e chamo-lhe solitario, sim, porque os seus padecimentos o prendem dentro de casa em carcere forçado.

Foi por este motivo principalmente, para lhe suavisar a sua prisão involuntaria, que o conselheiro Bartholomeu dos Martyres renovou o arrendamento feito com a camara municipal, e com largo dispendio mandou despejar o terreno das pedras e entulhos que o obstruiam, offerecendo-o ao nosso poeta para que o aproveitasse como entendesse. O poeta, que é tambem artista, correspondeu a tão delicada fineza com uma metamorphose maravilhosa, e fez surgir d'aquelle chão inculto um formoso jardim, emmoldurado nas pittorescas ruinas que o circumdam. Uma elegante gradaria de ferro com seu portão o adorna pelo lado do Carmo.

Quem conheceu aquelle local no seu antigo estado e o visita hoje, fica devéras encantado com as mudanças que n'elle operaram a arte e o bom gosto. Pelas vetustas paredes do velho monumento de Nun'Alvares trepam os jasmins odoriferos e as formosas *bougainvilleas*; aqui as chagas e baunilhas, alli as madre-silvas e muitas outras trepadeiras se enlaçam amorosamente com as ruinas, que parecem gratas ao jardineiro pelo empenho com que procura velar-lhes a nudez vergonhosa.

Vai porém extensa esta carta, desordenada e em desalinho; desculpe-me. Na seguinte lhe darei a historia da egreja em resumo, procurando compendiar o mais possivel quanto lhe diga respeito.

Coimbra, 14 de fevereiro de 1873.

A. A. DA FONSECA PINTO.

OU TUDO OU NADA

«Ou tudo ou nada» era o mote
Da nossa mutua affeição;
Escrevemol-o com lagrimas
No meu, no teu coração.

Por elle arrostei perigos,
Por elle me fui sentar
Na varanda de Pilatos,
Á espera de um teu olhar.

As turbas que iam passando
Sorriam vendo-me alli,
E eu soffria-lhes as vaias,
Por que as soffria por ti!

As pedras da tua rua
Gastei-as só por te ver;
Gastaria os proprios olhos
A olhar para ti, mulher.

Que abysmos de dôr aquelles!
Mas que me importava a mim
Perder-me, se um braço amigo
Viria salvar-me alfim?

Lembrava-me o «tudo ou nada»
Da nossa mutua affeição,

Mote que escreveram lagrimas
No meu, no teu coração.

Os ventos rijos da noite,
De dia o sol, o calor,
De nada d'isso eu cuidava
Por cuidar de ti, amor.

As minhas noites... que noites
Tão longas por ti velei!
E os meus sonhos? Ai! que sonhos
Tão curtos por ti sonhei!

A alma chorava-me ás vezes
Sem conhecida razão;
Triste presagio! cubria-se-me
De crepes o coração!

Nuvens negras no futuro
Era o que eu via tão só;
E o presente... Ai! o presente
Via-o desfazer-se em pó!

Visão de louco, — dizia —
Pois quem segura dirá
A realidade de um sonho
Onde firmeza não ha?

E voltava ao «tudo ou nada»
Da nossa mutua affeição,
Mote que escreveram lagrimas
No meu, no teu coração.

E assim zombando de sonhos,
Mais do seu presagiar,
Sem n'elles crer, desejava
Passar a vida a sonhar.

Deus, porém, não quiz que fosse
Eterno o sonho fallaz;
Já na minha alma não vejo
Aquella tranquilla paz.

Ai! negras nuvens d'outr'ora
Quem houvera de dizer
Que vós ereis a mortalha
De um amor que ia a nascer?

Ai! pobre da alma anciosa
Que em seu caminho de luz
Não via além projectar-se
A sombra de erguida cruz!

Ai! coração mal guiado
Por um capricho infeliz,
Que sempre segues teimoso
O que a razão contradiz!

Sombra da minha ventura,
Comtigo o «tudo» passou,
Menos o «nada» coitado!
Que esse por meu mal ficou.

E assim aquella divisa
Da nossa mutua affeição
Despareceu para sempre
Do meu, do teu coração!

J. SIMÕES DIAS.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

XIX

Quando chegaram a casa, estavam todos dormindo. O pastor deixou Matheus á porta da sala grande, entrou só na cosinha e voltou no fim de alguns minutos com uma luz.

Um grande abatimento viera substituir-se á agitação do doutor. Seguiu-o assim machinalmente até ao primeiro andar a um quarto de dormir que dava para o jardim do presbyterio.

As ramadas mais altas das arvores agitavam-se brandamente ás janellas. Os lençoes eram de maravilhosa alvura, e os moveis de carvalho, antigos, pareciam dar as boas vindas com ingenua familiaridade.

Mas o illustre philosopho, não deu, na sua dôr, por nenhuma d'estas particularidades, e apenas se sentou soltando um profundo suspiro.

—Vamos, vamos, disse-lhe o pastor, faça por se esquecer d'estas pequenas contrariedades da carreira philosophica. Durma homem, durma bem, e verá ámanhã que se acha fresco e bem disposto como se houvesse alcançado a mais decisiva victoria.

Apertou depois a mão a Frantz, pôz um candieiro sobre a meza e desceu tranquillamente para se deitar.

Quando os passos do pastor deixaram de se ouvir e que o silencio mais completo reinou na casa, Matheus, com os cotovellos apoiados sobre a meza e a cabeça entre as mãos, ficou a ver arder a vela vencido por o maior abatimento. Póde-se dizer que não pensava e todavia estava triste, triste como se o grande Demiurgos o houvesse abandonado.

Pela uma hora ouviu uma criança que chorava na visinhança, e a mãe que procurava socegal-a com voz meiga. Esta voz de criança, tão fraca e tão suave, e a voz d'aquella mãe mais suave ainda, commoveram o coração do pobre philosopho. Sentiu que uma lagrima lhe cahia pelas faces. Depois a criança socegou e o silencio tornou-se mais completo. Frantz, exhausto pelo cansaço, adormeceu encostado á mesa.

Quando acordou, o dia começava a empallidecer os vidros, e a vela lançava um clarão avermelhado do fundo do castiçal. Então todos os acontecimentos d'aquella noite lhe vieram á memoria. Levantou-se e abriu uma janella. Os passaros cantavam já no jardim; alguns trabalhadores com a enchada ás costas passavam conversando pela grade, e as suas vozes, áquella hora da manhã, ouviam-se de muito longe em toda a rua.

As leiteiras da serra, frescas e rosadas, com as suas bilhas de estanho debaixo do braço, descançavam junto dos marcos de pedra, e as criadas de saias curtas, com os braços nús, vinham uma por uma comprar o leite para o almoço.

Toda esta boa gente tinha um ar alegre e sadio que fazia gosto ver.

As criadas demoravam-se a fallar de baptismos, de casamentos, da partida dos que iam ser soldados, d'uma cousa, d'outra.

Ás vezes alguma d'ellas dizia:

—Ih! meu Deus, e o lume que arde ha meia hora!

E o meu pão que se tisna! e eu para aqui a fallar. Bons dias, menina Carlota!

—Bons dias, menina Christina.

E dispersavam-se os grupos, e corriam lamentando não terem podido fallar bastante e promettendo desforrar-se no dia seguinte.

Os logistas abriam as portas e dependuravam nos ganchos as taboletas.

A cada momento apparecia algum novo incidente.

E por entre tudo isto corria o ar da serra, tão vivo, tão puro, que o peito dilatava-se com felicidade e para assim dizer respirava por si.

Frantz, reanimado por este feliz espectaculo, começava a ver o mundo sob um aspecto mais agradavel. Chegava já a admirar-se dos seus sustos chimericos, porque emfim, verdade verdade, ninguem podia prohibir-lhe que prégasse uma doutrina fundada sobre a mais elevada moral, sobre a mais sã das logicas.

Por pouco se não resolveu então a ir-se denunciar ao delegado, a fim de confundir os invejosos. Mas a sua prudencia fez-lhe ver que provavelmente começariam por o prender, deixando para mais tarde o julgamento da doutrina. Esta judiciosa reflexão acalmou consideravelmente o seu enthusiasmo.

— Frantz, disse elle, achas-te possuido de demasiado enthusiasmo philosophico. Era bello de certo soffrer pela immutavel verdade, a perseguição e o martyrio; oh! era até sublime, mas para que serviria isso? Se te prendessem, quem ensinaria ao mundo a anthropo-zoologia? Não seria de certo Coucou Peter, homem de pouca fé e naturalmente inclinado aos gozos da carne. Não, vae-te, é a prudencia que t'o ordena. Sobre tudo, ó Frantz, desconfia da tua extraordinaria audacia. A verdadeira coragem consiste em domar as proprias paixões.

Depois d'esta sabia ponderação decidiu-se o illustre philosopho a partir para Strasburgo sem perda de um minuto. Pôz para isso o seu grande chapeo e desceu ás apalpadellas para o corredor. Mas como passasse diante de um quarto pequeno debaixo da escada, e hesitasse um pouco sem saber se deveria dirigir-se para a esquerda ou para a direita, sentiu a voz do discipulo perguntar:

— Quem vae ahi?

— Sou eu, meu amigo.

— Ah! é o sr. doutor...

E Matheus ouviu o ruido de quem saltava de um leito. Coucou Peter em camisa appareceu á porta.

— A estas horas e já de pé, doutor? perguntou o cantador.

—Não é sem motivo, meu rapaz. Saberás que somos perseguidos. Soube-o hontem no Casino.

— O que? perseguidos? perguntou Coucou Peter, deitando o barrete de algodão para a nuca. Perseguidos por quem?

— Ora, por gendarmes.

— Porque?

— Por termos prégado a nossa doutrina.

— A nossa doutrina!

— Sim, sim, homem, a nossa doutrina.

— Ah! que infames! Está claro querem defender os logares que têem, e que lhes rendem bom dinheiro. Porque se nós fossemos escutados, passariamos nós a ter os logares e a ganhar o dinheiro.

—E sabe, meu amigo, que nos ameaçam de nos mandarem para as galés.

Coucou Peter abriu muito os olhos e ficou com a boca aberta.

Então uma voz gritou do fundo da alcova:

— Foge, Coucou Peter, por amor de Deus, foge!

— Socega, Gredel, socega, disse o cantador. Pobre mulher, coitadinha, como me ama! Vamo-nos embora. As galés! Ora esta! Que infames! Mas para onde iremos agora, mestre?

— Para Strasburgo.

— Pois vamos para Strasburgo. Gredel, depressa, levanta-te e arranja-nos um bom almoço. Mestre, volte para o seu quarto; n'um minuto estarei ás suas ordens.

O illustre philosopho voltou para o seu quarto. Pouco depois Coucou Peter appareceu abotoando os suspensorios.

— Olá, mestre, minha mulher já está na cosinha; eu vou apparelhar o Bruno, e antes de passada uma hora estaremos a caminho.

Matheus contou-lhe então por miudo o que se passára na noite anterior, e Coucou Peter soube com alegria que os procuravam para os lados de Hasbach.

—Bem, bem, ninguem corre atraz de nós; podemos almoçar com socego.

Desceram juntos á cosinha. Gredel estava assando umas costelletas e preparando o café.

Apezar do que o inquietava, o illustre philosopho contemplou com grande praser esta scena matutina.

Gredel, andando d'um lado para o outro, dispondo o lume com muita actividade, voltando as costelletas, fazia-lhe lembrar a boa e velha Martha, que sem duvida a essa mesma hora fazia identicos serviços.

Sentou-se assim pensativo defronte da lareira e Coucou Peter foi dar a ração a Bruno.

O dia enchia então de reflexos azulados a cosinha, o fogo crepitava, milhares de faiscas saltavam sobre os ferros negros do fogão, e Matheus olhava para tudo com um ar grave pensando no Graufthal.

Passado um quarto de hora, Coucou Peter voltou e participou que Bruno comia a sua medida de aveia com visivel satisfação. Depois voltou-se para a mulher e disse:

—Gredel, dá-me a faca mais bem afiada que tiveres.

— Para que? perguntou ella.

— Vaes ver, vaes já ver.

E com a faca na mão subiu á chaminé, pegou n'um chouriço da grossura do seu braço, cortou-o pelo meio, fez o mesmo a um prezunto, e contentissimo:

—Mestre, se tivermos de andar pelos mattos muito tempo, protesto-lhe que não havemos de comer só bolotas, como os devotos de Santo Antonio.

— Tambem quando tu morreres de fome! disse Gredel, é porque nem já tens os calções para empenhar.

— Como tu me conheces, Gredel, como tu me conheces bem! disse o cantador abraçando-a. E saiu para guardar nos alforges as suas provisões.

— Então é verdade, sr. doutor, disse Gredel, que vae nomeal-o rabino da peregrinação das almas? É porque elle contou-me tanta coisa, tanta coisa, que me custa a acreditar.

— É verdade, é, minha filha, disse Matheus; o seu marido, apezar do seu genio alegre e leviano, tem um bom coração. Estimo-o por isso, e ha de me succeder no governo das almas.

— Tem um bom coração, sr. doutor, disse ella, isso tem; mas é tão doido, e tem-me dado tantos desgostos. Que eu confesso, apezar d'isso, que não posso deixar de o amar; porque elle tem boas qualidades, tem.

—Bem, bem, minha filha, disse Matheus sensibilisado pelo ar ingenuo de Gredel. Coucou Peter ha de ser digno de si. Ha de fallar-se d'elle por todos os seculos dos seculos.

Gredel toda vaidosa pelo que lhe dissera Matheus correu a pôr a mesa, e Coucou Peter que tornára a en-



D. TENIERS d. J. pinx[t]　　　　W. FRENCH sc.

TENIERS E A FAMILIA.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

trar poz-se a fazer com fatias de pão com manteiga, café e costelletas um excellente almoço, por modo que o pastor, sentindo o ruido dos copos, appareceu em mangas de camisa, e deu uma grande gargalhada quando viu os seus convivas á mesa.

—Ainda bem! ainda bem! vejo que está mais consolado.

Frantz participou-lhe que ia partir.

—Pois meu caro amigo, disse o pastor, sentando-se; apezar do prazer que teria em o conservar na minha companhia, julgo que é prudente essa sua resolução. Um bello dia Kitzig descobria-o aqui, e apezar da amizade que me tem não o poderia livrar de passar um mau bocado. Posto isto, bebamos uma pinga. Gredel! aqui tens a chave da frasqueira; vae buscar uma garrafa de Wolxheim.

—Vou já, sr. pastor.

E todos beberam e comeram com excellente appetite.

Frantz sentiu pena de deixar tão boa gente. Quando foram oito horas tiveram emfim de separar-se.

Matheus abraçou o pastor. Coucou Peter abraçou sua mulher, que derramou abundantes lagrimas sobre o seu detestavel marido. Acompanharam-nos assim até ao pateo onde Bruno esperava os viajantes.

Já Matheus estava montado e ainda o pastor Schweizer lhe apertava com força as mãos, sem que Gredel podesse despendurar-se do pescoço de Coucou Peter.

Partiram por fim no meio das bençãos e dos adeuses de toda a familia.

XX

O doutor Frantz e o seu discipulo atravessaram a cidade. As casas pequenas e espalhadas pela encosta, succediam-se umas ás outras rodeadas de terras, com as officinas de lavoura, os curraes, a varanda de pau onde se põe a roupa a enxugar, as creanças bochechudas que pedem esmola a quem passa, e as velhas curiosas que se estendem pelas janellas acenando com a cabeça. Um quarto de hora depois estavam no campo, respirando o ar livre, galopando por entre duas linhas de nogueiras que se prolongavam até muito longe, ouvindo o canto dos passaros, e pensando ainda no bom pastor Schweizer, que tão bem os havia recebido, e na boa e meiga Gredel que tanto chorára vendo-os partir.

Quando os telhados ennegrecidos de Saverne e a velha torre quadrada da egreja desappareceram por detraz da serra, Coucou Peter saiu emfim da profunda e vaga meditação em que ia, tossiu duas ou tres vezes, e elevando a voz, entoou com um ar grave a antiga ballada do conde de Geroldsek, e cantou o anão amarello que estava de vigia no mais alto das torres, e o libertamento da formosa Teba, captiva no Alto-Barr.

Sentia-se na voz de Coucou Peter o que quer que fosse de melancolico, porque elle ia pensando na sua Gredel.

Bruno caminhava a compasso de musica. Matheus, que ouvia aquelle antigo canto, sentia no espirito confusamente vagas recordações.

Na ultima estrophe Coucou Peter tomou o folego e disse:

—Que boa vida levavam os taes condes de Geroldsek! Correr pelas serras, roubar as mulheres, bater nos maridos, beber, cantar, festa e mais festa, desde manhã até á noite. Deus do céo! nem o rei lhes chegava aos calcanhares!

—Não ha duvida que os condes de Geroldsek eram nobres e grandes senhores, disse Matheus. Os seus dominios estendiam-se do condado de Barr ao Senegau e do Mundat inferior até ao Bassigny no Champagne. As joias mais ricas, as armas mais bellas, as tapeçarias mais opulentas adornavam os seus sumptuosos palacios da Alsacia e Lorena; os vinhos mais preciosos enchiam as suas adegas, e numerosos cavalleiros caminhavam sob suas bandeiras. Nos seus palacios havia muitos nobres e muitos criados a seu serviço, e alguns frades tambem que elles sobretodos estimavam. Infelizmente, em vez de praticarem as virtudes anthropo-zoologicas, estas nobres pessoas roubavam os viajantes nas estradas, a ponto que o Ser dos seres, farto das suas rapinas, os fez descer até aos animaes.

—E a mim afigura-se-me ser eu um d'esses bons frades de que fallou. Não se me dava, com effeito, de ter sido um d'esses bons frades! Hei de certificar-me do caso em passando por Geroldsek.

—Como queres tu certificar-te d'isso?

—É que subindo ao castello, se eu fôr um dos taes frades, irei mesmo sem guia ter á adega.

Matheus lamentou as tendencias sensuaes do discipulo, mas riu do seu bom humor.

—Ninguem póde ser perfeito—pensava elle—o pobre Coucou Peter só pensa em satisfazer os seus desejos physicos, mas é realmente tão bom rapaz, que o grande Demiurgos não lhe póde querer mal.

E o illustre philosopho abanava a cabeça como quem diz:

—Ha de ser sempre o mesmo!

Era conversando d'este modo que os dois caminhavam tranquillamente por entre as nogueiras.

Havia uma hora que o sol alto e o grande calor os obrigára a tomar o outro lado da estrada para receberem a sombra das arvores.

Até onde a vista podia estender-se, apenas se descobria n'aquella grande planicie da Alsacia a ondulação dos centeaes, dos trigos e das aveias, e as baforadas quentes da brisa traziam de longe o perfume dos fenos cortados. Sem querer, era-se obrigado a olhar para o lado do Mossig que corria debaixo da sombra espessa dos velhos salgueiros que molhavam a sua longa cabelleira na agua, e a pensar na felicidade de mergulhar n'estas ondas vivas e limpidas.

Pelo meio dia, Frantz Matheus e o seu discipulo pararam junto d'uma fonte cercada de alamos, perto da estrada. Tiraram a sella a Bruno, e Coucou Peter poz na agua a esfriar a sua borracha de Wolxheim. Tirou depois as provisões dos alforges, e estendeu-se junto do seu illustre mestre, entre dois regos de aveia que os occultavam completamente dos ardores do sol. É uma sensação deliciosa, depois do cansaço e da poeira dos caminhos, descançar á sombra, ouvir a agua correr por entre as hervas, observar os milhares de insectos que pousam sobre a nossa cabeça em turbilhões alegres, e sentir as espigas amarellas como o ouro estremecer em volta.

Bruno pastava na borda d'um talude. Coucou Peter agitava-se, movia-se com a maior satisfação, dava estallos com a lingua, e de vez em quando passava a borracha a Matheus que todavia, pelo calor que fazia, preferia ao melhor dos vinhos a agua pura da fonte.

Por fim, quando o alegre cantor terminou a sua refeição, fechou a navalha, e disse:

—Mestre, tudo vae ás mil maravilhas. É evidente que o grande Demiurgos nos protege. É evidentissimo. Estamos já longe de Saverne, e quero que me inforquem se o tal delegado fôr agora capaz de nos pôr a vista em cima. Bebamos pois, e a caminho. Se chegarmos tarde, achâmos as portas fechadas.

Dizendo, isto arranjou os alforges, deu as redeas a

Matheus, e depois d'este cavalgar Bruno recomeçaram a sua jornada cheios de coragem e de confiança.

Passára o maior calor: a sombra dos altos proximos começava a estender-se sobre a estrada, e a brisa do Rheno vinha refrescar o ar.

Mas a cada povoação Coucou Peter se lembrava que ainda lhe restavam seis francos dos trinta que Thereza lhe dera, e fazia uma estação na garrafeira mais proxima. Em toda a parte encontrava conhecimentos e pretexto para offerecer ou acceitar alguma garrafa. Por mais que n'estes momentos pedisse ao mestre para entrar, este, prevendo que d'esta maneira nunca chegariam ao seu destino, conservava-se a cavallo diante da porta no meio de um grande circulo de aldeãos que o vinham ver. Quando muito acceitava um copo pela janella com o qual se associava aos numerosos amigos do seu discipulo.

Pela tardinha, emfim, viram a antiga cidade de Strasburgo.

Havia nos sitios por onde passavam grande animação. A cada passo se encontravam carroagens, carroceiros que puchavam os cavallos pelas redeas, empregados da alfandega com a sua vara de ferro sondando os fardos, diligencias cheias de recrutas. No horisonte appareciam muitas luzes que se multiplicavam nas ondas escuras do Ill. Mas quando passaram a ponte, e a casa da guarda rumorosa da barreira, as guardas avançadas, quando penetraram na cidade e viram as casas antigas com as frentes decrepitas e arruinadas, milhares de janellas reflectindo a luz dos candieiros, as lojas de sedas, de doces, de livros illuminadas, com os lados das portas cheios de fazendas, e as ruas estreitas e tortuosas perdendo-se na sombra, que de longinquas recordações, que de pensamentos enternecedores assaltaram a memoria do doutor! Fôra alli que passara os melhores annos da sua mocidade. Via-se perto a cervejaria Heron, onde todas as noites ao sair do amphitheatro, elle vinha fumar o seu cachimbo e tomar uma caneca de cerveja com Ludwig, Bastian, Conrad, e muitos outros companheiros. Era alli que o *Seignor* discursava no meio dos *Burchen* seus subditos, e que as creadas alegres e moças corriam em volta d'elles, rindo com um ou correspondendo ao olhar de outro. Oh! dias formosos e queridos, como estaes já tão distantes! Que é feito de vós Conrad, Wilhelm, Ludwig, corajosos bebedores? Que é feito de vós ha quarenta annos! E vós Gretchen, Rosa, Carlota, que é feito tambem de vós? Tão novas, tão graciosas, tão ligeiras, quando provocaveis o pobre Frantz, que estava sempre sentado na quina da mesa, grave, silencioso, fumando com tranquillidade, bebendo a pequenos tragos com os olhos no tecto a scismar talvez, nas sublimes descobertas anthropo-zoologicas! Para onde fugistes mocidade, graça, belleza, despreoccupações, esperança illimitada?... Estaes longe, muito longe! Pobre Matheus! e tu fazes-te velho, o teu cabello embranquece, e é apenas o teu systema o que ainda te sustenta!

Tudo isto pensava o pobre philosopho, e o coração pulsava-lhe com força, e a gente que passava, as carroagens, as lojas, os edificios succediam-se uns aos outros sem o poderem distrahir das suas recordações.

Ás vezes, o aspecto dos logares distrahia-os um pouco das meditações melancolicas. Alli ao pé da alfandega, logo por baixo do telhado d'aquella casa alta que se reflecte no Ill e d'onde se vêem passar os barcos, era a sua mansarda onde havia aquella mesa pequena de abeto, suja de tinta, e no fundo da alcova a cama coberta com cortinas azues... e onde elle proprio, Frantz Matheus, ainda moço, com os dois cotovellos apoiados sobre um velho in-folio aberto ao pé da luz, estudava os principios do sabio Paracelso que colloca a alma no estomago, do illustre Bordeu que a dispersa por todos os orgãos, do profundo La Caze que a fixa no centro musculoso do diaphragma, do judicioso Ernesto Platner que a faz sugar da atmosphera pelos pulmões, do sublime Descartes que a encerra na glandula pineal, de todos os grandes mestres emfim do pensamento humano! E revia ainda tudo isto, e sorria com um sorriso ingenuo, por que emfim depois d'esse tempo que de conhecimentos preciosos, que de sabios descobrimentos se não haviam accumulado no seu espirito!...

—É que, pensava elle, se o corpo se gasta e enfraquece, a intelligencia desenvolve-se todos os dias: eterna mocidade da alma, que sem envelhecer se completa nas suas transformações successivas.

Um pouco mais longe ainda, era a casa da boa e innocente Luiza, que fiava com o seu ar casto e sereno, emquanto Matheus sentado aos seus pés sobre um banco, a contemplava horas e horas, murmurando: Amas-me Luiza? ao que ella sempre respondia: Bem sabes que te amo Frantz.

Oh! dôces e suaves recordações! E tudo isto não é agora mais que um sonho!

E o bom do doutor deixava-se levar pelo encanto d'estes ingenuos pensamentos — e parecia-lhe ouvir ainda a roda de fiar de Luiza rumorejar no meio do silencio, quando a voz de Coucou-Peter lhe veio dissipar encantadas illusões.

— Então, mestre, onde vamos?

— Vamos onde o dever nos chama, respondeu Matheus.

— Pois sim, mas onde?

—Onde fôr mais propicio á propagação da nossa doutrina.

Haviam a esse tempo chegado ao pé das arcadas. Pararam debaixo de um candieiro.

— Tem fome, mestre? perguntou Coucou-Peter.

-- Alguma.

— Tal qual como eu, disse o discipulo coçando nas orelhas. O grande Demiurgos devia mandar-nos pelo menos sopa.

(Continua) B.

TENIERS E A FAMILIA



Nem sempre as cidades commerciaes viveram unicamente do mercantilismo, antes pelo contrario muitas d'ellas têem sido berço de nobres artes.

Navegadora e commerciante foi Veneza, e os palacios que se reflectem magestosos nos mil canaes do Adriatico revelam ao viajante o genio artistico d'aquelle povo de gondoleiros. E, se entrardes a dentro dos palacios, vereis as galerias preciosas, que attestam a existencia de uma escola de pintores notavel em todo o mundo.

Similhante a Veneza, similhante a outras cidades

italianas, Anvers póde escrever nos seus fastos, a par das tradições maritimas e commerciaes, as tradições immoredouras d'uma serie brilhante de pintores. Aqui nasceu Teniers, o moço, aqui desabrochou e floresceu o seu grande talento aquecido muitas vezes ao sol refulgente do auctor da *Descida da Cruz*, de Rubens, o preceptor maximo da escola flamenga.

Teniers não tem a invenção ardente de Rubens; o seu pincel não tem o vigor epico do grande mestre, mas a sua imaginação é egualmente fecunda, o seu espirito reparte-se assombrosamente por todos os assumptos, e a sua palheta infatigavel bastára para encher a maior das galerias. O numero dos seus quadros é assombroso.

Uma cousa notavel se observa no trabalho de Teniers. Reproduziu muitos quadros, foi copista, e no entanto as suas copias têem uma individualidade que facilmente se destaca do fundo da tela. A sua *maneira* é tão distincta, é tão particular o seu *estylo*, que reconhecerieis o mestre na mais insignificante minudencia, na pintura d'um cachimbo por exemplo.

Sem o presentir talvez, Teniers era um revolucionario. O seu pincel era uma espada, cada um dos seus quadros um campo de batalha, d'onde saía victoriosa a idéa da independencia, a idéa da nacionalidade, a idéa da patria. Cada uma das suas scenas da vida flamenga era um protesto contra a violencia do dominio estrangeiro. Elle não era, é verdade, dos escravos, elle tinha a amizade das côrtes e dos soberanos, elle via levantar-lhe os pinceis esse aventuroso principe que se chamava D. João d'Austria; mas, no meio da opulencia, no esplendor dos saraus, as recordações da sua mocidade pobre haviam de prepassar-lhe no espirito, e a voz do povo do povo que elle nunca renegou nas suas fidalguias d'artista, havia de lhe dispertar a idéa da independencia, essa idéa que nunca se apaga nos corações, por mais que se tenham affeiçoado ao prazer, por mais que tenham adormecido no luxo.

Porque é preciso notar que a individualidade d'um povo não está na energia physica, mas principalmente na energia moral, nas suas creações artisticas, litterarias e scientificas. A Grecia não se levanta na espada de Alexandre, mas tem a sua estatua sobre o Parthenon. Quando não pudesse viver encarnada na Venus de Praxiteles ou no marmore dos seus formosos deuses, remoçaria hora a hora nas paginas sempre vivas da Iliada ou da Odyssêa. O seu gosto artistico lá existe nos templos de que ainda restam algumas columnas de pé. Quando lhe não bastassem Homero e Pindaro e tantos outros, o seu genio litterario resuscitaria das tragedias em ruinas d'Eschylo, o creador sublime de Prometheu. A sua inspiração scientifica resoa nas paginas d'Aristoteles, o grande encyclopedista, assim como o seu espirito religioso se revela em Socrates e Platão, os percursores talvez das doutrinas do Golgotha.

A Italia de ha muito que vivia unida e não fôra mister o genio de Cavour para dar uma patria commum a Petrarcha, a Dante, a Bellini, a Raphael, a Leonardo de Vinci, a Mazzini, a Spallanzani, a Volta, a Galvani, a Becaria, a Vico, a Rossi, a Colombo, a Secchi, a Macchiavello, a Metastasio, a todos estes illustres representantes do bello e da verdade, do direito e da justiça, a toda esta raça de creadores, a toda esta galeria de poetas, de pintores, de architectos, de naturalistas, de politicos, de physicos, de astronomos e navegadores. Esmagada pela Austria, vencida e retalhada pelo estrangeiro, dominada pela theocracia e pelo absolutismo, ella está sempre de pé, porque ninguem lhe comprime o genio que a natureza lhe vasou no seio, porque ella não vive sómente da tradição do velho imperio, nem a sua cabeça está vasia como os velhos tumulos da Roma cesarea ou cheia de sombras como as catacumbas dos primeiros discipulos dos apostolos.

O que se póde dizer da Italia e da Grecia, affirma-se egualmente da Allemanha e de outros paizes. A Flandres está n'este caso. Teve sempre em si um grande principio de vitalidade, um grande amor á autonomia. Teniers é um bom flamengo, é o Henri Conscience do seu seculo. Talvez o grande romancista se inspirasse nos quadros de Teniers; o que é certo é que ambos, em terreno differente, seguiram os mesmos processos, ambos beberam na mesma fonte, ambos desceram o seu olhar de sympathia ao seio das massas populares. Ha uma cadeia que liga estes dois grandes talentos. Henri Conscience era tão cioso das tradições locaes e patrioticas, que escreveu os seus romances no dialecto peculiar áquellas provincias; desprezou o idioma de Goethe e o de Voltaire, sem que por isso lhe faltasse a popularidade universal. Os personagens de Teniers não podiam deixar de fallar a linguagem commum da pintura, mas não perderam o *patois*; conhece-se immediatamente a sua naturalidade, assim como os romanos conheciam os *barbaros* que lhes entravam os muros, embora fossem educados em todas as subtilezas da linguagem de Virgilio. Aquelles rostos, aquelles vestuarios, aquelles horisontes, aquelles accessorios, tudo revela a procedencia. Teniers tinha a bonhomia flamenga; nos seus quadros respira-se a alegria por vezes maliciosa. As suas *kermess* são um verdadeiro typo.

Teniers nasceu em 1610 e quasi alcançou o seculo, pois morreu em 1694. Seu pae era egualmente pintor, mas a reputação do filho excedeu muito a nomeada paterna, de maneira que o filho foi a maior gloria do pae. Ao principio viveu na pobreza, chegando uma vez, segundo resa a tradição, a pagar um almoço com um improviso magnifico. A fortuna porém sorriu-lhe cedo e elle viveu que nem o mais lustroso fidalgo no seu castello das tres torres, entre Anvers e Malines.

Raras vezes caminham a par a gloria e a felicidade. Teniers encontrou-as no mesmo caminho e os louros da immortalidade viçaram-lhe no metal amoedado com que lhe pagavam os quadros. Na vida faustosa, nunca deixou todavia em repouso os seus pinceis; tinha a febre do trabalho e da arte.

Se quereis conhecer pessoalmente o artista, ahi o tendes retratado por si proprio no quadro que representa a gravura e que se conserva no museu de Berlim. É uma scena da vida intima. Ahi está desenhada a formosissima residencia. É a beira d'um lago, onde se espelham os arvoredos da quinta e as construcções acastelladas. Tudo isto é impregnado de poesia. Teniers, como Leonardo de Vinci, como Miguel Angelo, como Salvator Rosa, não revela o seu grande talento debaixo d'uma unica feição. É tambem musico. Emquanto tira as harmonias do seu violoncello, emquanto se escuta a si proprio e se escuta com certa voluptuosidade, como se lhe vê no rosto, quem sabe se lhe perpassam diante dos olhos, a par com as ondas sonoras, as ondas coloridas d'um quadro que principia a debuxar-se no seu pensamento?

Atraz d'elle, em pé, está o filho soltando a voz quasi infantil, porque bem se lhe reconhece a frescura da edade. Ao lado, encostada a uma pequena mesa, sustentando nas mãos um livro de musica, com o seio coberto de preciosas rendas de Malines, a esposa do artista, uma physionomia serena e meiga, cheia de belleza insinuante, despida da sensualidade das virgens d'alguns pintores, um modelo de mãe, emfim.

Mais distante um pagem está na posição de quem vae encher a pequena taça que sustenta na mão esquerda com o vaso que lhe pende da mão direita. Encostado á porta que deita sobre o jardim, está um individuo deliciando-se na musica e como que receando ser visto dos concertistas. É o modormo, segundo alguem que descreve o quadro.

A arte no seio da familia! o que ha de mais nobre no que ha de mais santo! Mas como se o espirito humano vivesse n'um constante paradoxo, como se para antepôr a esta harmonia fosse necessario um contraste frisante, lá está, encimado no muro do parque, um macaco, espectador enlevado, dando ao quadro um tom malicioso, revelando a philosophia humoristica do artista.

SOUZA VITERBO.



UMA PAIZAGEM

(DESENHO DO SR. ISAIAS NEWTON, GRAVURA DO SR. LEOTTE)

É amena e aprazivel a paizagem que representa a nossa gravura. Devida ao lapis de um artista conhecido — o sr. Isaias Newton — representa um fragmento do campo dos arrabaldes de Lisboa, onde a vegetação é viçosa e frondente.

O sr. Isaias Newton, bastante estimado como pintor de paizagens, vê bem o natural e copia-o com a aptidão adquirida pelo estudo e pela pratica.

Nota-se porém, em quasi todos os seus quadros, demasiada fidelidade na reproducção dos pontos de vista escolhidos. A arte não pode nem deve limitar-se a copiar integralmente o que se apresenta aos olhos do artista. Este é obrigado a sujeitar o assumpto que pretende tratar, a certas e determinadas regras, idealisando-o quanto possivel, sem comtudo lhe tirar a verdade.

Se, no theatro, o auctor dramatico expuzer as scenas communs da vida tal qual succedem e se observam no trato domestico, não passará de apresentar um painel frouxissimo, que apenas alcançará pela vulgaridade e deformidade artistica os apupos dos ouvintes.

Convém, pois, estudar e imitar a natureza como base essencial para todas as producções artisticas; é mister porém saber interpetral-a, para que não sejamos escravos dos seus caprichos por vezes menos bellos e até absurdos.

Se, todavia, nas paizagens do sr. Isaias se podem apontar defeitos d'esta ordem, primam ellas quasi sempre por qualidades artisticas muito apreciaveis, quaes são — boa escolha dos pontos de vista, colorido agradavel e toque firme e seguro.

Folgamos em dar publicidade a este trabalho, tanto mais quanto, sendo a gravura de artista tambem portuguez, temos juntamente occasião de apresentar uma amostra do talento de dois artistas nacionaes.

RANGEL DE LIMA.



A CURIOSA

A CURIOSA

Diz Alibert, na *Physiologia das paixões*, que a curiosidade é o primeiro attributo do systema sensivel, a primeira faculdade activa do nosso entendimento, e addiciona, que as creanças são curiosas em extremo.

A da gravura que temos presente é muito natural que nunca lêsse as ponderações do moralista. O que faz é confirmal-as, — e já não é pouco.

Levantou-se muito cedo, — isto por uma ante-manhã de julho, em que as pedras ainda estão quentes do sol da vespera, e os montes e os campos e a natureza toda acordam risonhos e enlevados no ceo, como dois noivos adolescentes.

A mãe perguntou-lhe, vendo-a saltar da cama, lepida e com a saiasinha sobre a camisa:

— « Onde é que tu vaes, rapariga? »

— « Ao quintal, vêr se apanho uma pouca d'herva para o ruço. »

— « Sempre és bem cuidadosa; — olha o animal não morresse de fome por mais uma hora. Mandasse-te eu pegar d'agulha, que talvez os lençoes fossem de grude! »

A pequena faz que não ouve, ata os cabellos como póde, e sae pela porta da cosinha, — uma porta que deita para o quintalejo, — que é um pedaço de terra tratado de horta, com sua parreira de bons cachos ferraes, e duas arvoresitas de caroço.

Ha de ter dez annos, a regular pela estatura. É seccasinha de fórmas, nervuda, mas sã como um pero. Vae descalça á fonte, volta de lá com o seu cantaro á cabeça, gorgeando quasi sempre, chama-se Maria por ser afilhada d'uma Nossa Senhora de grande devoção que ha na parochia da aldeia, — o que não faz impedimento a que seja uma endiabrada.

Pudera ser uma santa!...

Com todos aquelles espiritos da meninice a cachoarem-lhe por dentro, — e depois nenhuns cuidados, nenhumas tristezas, a não serem as que chegam ao cair da tarde, quando a mãe a recolhe, á maneira de gallinha que estende as azas aos pintainhos.

Pois n'essa manhã tinha-se ella levantado muito cêdo, e fôra colher a sua braçada para contentamento do ruço. O verde folga n'aquelle torrão que é um gosto em frescura, — e os dedos da pequerrucha não lhe dão longos descanços. Boa dona de casa em principio, — afóra o que diz a mãe, que para essa não ha outro démo no mundo.

Eu estou a rever-me n'ella, encarapitada ao muro, e acodem-me insensivelmente aos labios aquelles dois versos de Delille:

— « *Mais quel sage peut voir sans un attrait flatteur*
La vie encore naissante et l'homme encore en fleur! » —

Porque artes se esqueceu da arribana e dos almeirões viçosos, e foi pôr-se alli a espreitar, dependurada e com o pescoço estendido, como o de um cysne ao pavonear-se nas aguas?

É que estando a amarrar a pavêa sentira vozes na azinhaga, — um chalrear de ceifões, — e desconfiára que outras tambem por lá soavam, — mais finas, mais finas!...

Largou então a obra, galgou sobre o fundo d'um cesto, e estendeu-se muito, — quanto pôde, — para bispar o farrancho, que ia de gadanha ao hombro e com o desenfado na alma.

— « Olha, aquella é a Gertrudes » — disse ella quasi em segredo á beira do muro, — attentando n'uma raparigota dos seus dezeseis, que ia foliando... ao que parecia com alguem que a conhecera na esfolhada.

Depois desceu, a curiosa, e foi-se a apanhar a herva, — mas scismando, scismando, em quê não sei, — mas como ia descalça, talvez no arranhão d'alguma silva!

Eis o que deu assumpto a este singelissimo quadro de Passini. É uma eclogasinha, um idyllio, antes um madrigal, — uma cousa de pouca monta, que nada possue do grandioso de Chenavard ou de Cornelius, que foge á discussão como uma borboleta se nos escapa dos dedos, — mas que faz pensar no que quer que seja de bom, e de casto, e de innocente, — nas manhãs sem nuvens, nos corações sem pezares, na mocidade florida como os campos, e nos campos tão lindos como ella!...

E. A. VIDAL.



Primeiras provas das gravuras da celebre edição dos Lusiadas mandada fazer pelo Morgado de Matheus

No leilão de E. Gauthier em Paris foi comprada para o sr. José Gregorio da Silva Barbosa, distincto amador de bellas-artes, a collecção das primeiras provas das gravuras que fazem parte da edição dos *Lusiadas*, conhecida pela do Morgado de Matheus.

Esta preciosa collecção parece ser a mesma a que se refere o sr. Innocencio no seu *Diccionario Bibliographico*, tomo 5.º, pag. 263, e a qual pertenceu ao commendador Francisco José Maria de Brito, fallecido em Paris no anno de 1826.

A collecção compõe-se de 24 estampas, sendo 12 gravuras a agua forte e 12 a talho doce. É sabido que as primeiras provas das gravuras teem sempre valor muito superior ás demais, não só porque são mais vigorosas e nitidas, mas porque são raras.

Acompanhando as gravuras, recebeu o sr. Barbosa uma biographia com o retrato do poeta, escripta em francez, extrahida do *Atlas historique* de A. Le Sage e do *Atlas de littérature, des sciences et des beaux-arts*.

Ninguem ignora que da edição do Morgado de Matheus se tiraram apenas 210 exemplares, que custaram 51:152,40 francos, exemplares que foram distribuidos pelas principaes bibliothecas do mundo, pelos soberanos e por alguns amigos do morgado. O illustre fidalgo, querendo levantar ao seu paiz e ao primeiro poeta portuguez um monumento digno de ambos, não regateou despezas e por isso procurou os mais distinctos artistas da epoca para illustrarem a obra que emprehendeu.

Foram quatro os desenhadores, Gérard, Fragonard, Visconti e Desenne; trabalhando os tres ultimos, bem como os gravadores, sob a direcção de Gérard.

Póde vêr-se a curiosa nota das despezas d'esta edição, bem como a lista da distribuição d'ella, a pag. 378 e seguintes do tomo 1.º das *Obras de Luiz de Camões*, edição do sr. visconde de Juromenha.

As gravuras vem todas descriptas no *Diccionario* do sr. Innocencio, tomo 5.º, pag. 262.

Entre muitas opiniões favoraveis que se teem emittido ácerca da magnifica edição do Morgado de Matheus, transcrevemos, por ser uma das mais honrosas, a do Instituto de França, publicada no *Essai sur les beaux-arts, et particulièrement sur le Salon de 1817*, par E. F. A. M. Miel, Paris 1817 e 1818: «*La préface, la vie du poëte et les notes à la fin de l'ouvrage sont de M. de Souza. On y trouve une critique saine des recherches precieuses, et beaucoup d'observations bien méditèes, dont le style noble et pur est l'expression fidèle du caractére et de l'âme de l'écrivain. Ce travail, que M. de Souza a consacré à l'honneur du poëte, son compatriote, et à l'avantage de la littérature de son pays, devient des aujourd'hui, par la communication vraiment libérale qu'il en a aite à toutes les nations du monde civilisé, un monument plus glorieux, plus utile et plus durable que ceux mêmes que l'on peut ériger avec le marbre et le bronze.*»

CHRONICA DO MEZ

São ainda os theatros e os livros que me fornecem o principal assumpto para esta resenha.

Antes do folião carnaval invadir os proscenios, as salas e as ruas, agitando os seus atroadores cascaveis — reclamo infallivel para os que desejam e podem recrear-se — deram os principaes theatros de Lisboa alguns espectaculos notaveis, de que é mister fazer menção.

A *Indiana*, drama n'um acto, em verso, original do sr. Thomaz Ribeiro, e *Pedro-Ruivo*, comedia em tres actos, traduzida com muita graça pelo sr. Julio Cesar Machado, foram as peças novas que subiram á scena no theatro de D. Maria II, em a noite do beneficio da actriz Emilia Adelaide.

É bem conhecido o nome d'esta distinctissima actriz, tanto em Portugal, como no Brasil. Possuidora de excellentes dotes para a scena, favorecida por brilhante talento dramatico e coadjuvada por força de animo bastante para luctar, até vencer, com os difficeis obstaculos que surgem a cada passo na carreira trabalhosa que escolheu, Emilia Adelaide conseguiu, em pouco tempo, ser uma das mais notaveis actrizes que pisam a scena portugueza. Não maravilha, portanto, que os seus admiradores — que são todos os que presam a arte de representar bem — lhe confiram sempre, mas com mais fervor e enthusiasmo em a noite de seu beneficio, as homenagens devidas a artistas superiores.

A *Indiana* é uma preciosa miniatura, representando costumes orientaes. Todo o quadro respira suavissima poesia e está tratado por mão de mestre; mas sendo, como todas as miniaturas, mais proprio para examinar-se de perto, não produz o effeito theatral que seria para desejar, collocado a distancia em que as pinceladas largas e francas da scenographia, dão melhor resultado do que o acabamento completo e minucioso da pintura para emmoldurar.

Pedro-ruivo é uma comedia escripta e representada em França ha muitos annos, participando por isso de todos os prós e contras do theatro antigo. Tem mais enredo do que muitas peças modernas de maior vulto, mas carece de originalidade para a epoca presente. A acção passa-se em tres epocas diversas, o que proporciona aos principaes actores a creação de typos salientissimos. Couberam esses papeis á actriz Emilia Adelaide e ao actor Santos, que satisfizeram em todas as scenas aos mais exigentes, tornando-se a actriz duplamente notavel, porque no primeiro acto representa, e bem, n'um genero inteiramente opposto á sua indole artistica. Ao actor Antonio Pedro tambem coube n'esta peça um bom papel, que elle engrandeceu com o seu admiravel talento comico, merecendo por isso geraes elogios.

O actor João Rosa realisou durante este mez, no Gymnasio, o seu beneficio.

Este artista é, no seu genero, um dos mais estimados do nosso theatro. Representa com muita paixão e ardor papeis de galã, dando sempre justa interpretação ao personagem que lhe compete reproduzir. No drama que escolheu para seu beneficio mostrou mais uma vez as suas posses artisticas, tirando grande partido de um papel que faz parte do reportorio dos grandes mestres.

O drama intitula-se — *O mulato*, foi traduzido pelo sr. E. Biester de uma peça italiana e só se recommenda por ter papeis escriptos expressamente para um actor e uma actriz ostentarem os seus dotes artisticos. N'um mostrou o sr. João Rosa, como já disse, que possue recursos bastantes para representar bem os papeis mais violentos, no outro revelou a actriz Maria das Dores que o seu talento lhe faculta o poder executar convenientemente trabalhos dramaticos preparados de proposito para artistas excepcionaes.

Tambem n'esta noite se representou uma comedia nova, original, em um acto, denominada — *Por força*, na qual fez a sua estreia como auctor dramatico, o sr. Maximiliano de Azevedo. Não tem grande enredo a primeira composição do novel auctor, mas prima pela viveza e graça do dialogo, qualidades que só devidamente apreciam os que lhe conhecem a difficuldade. O publico applaudiu muito a comedia e os interpretes.

A opera burlesca — *As cem donzellas*, musica de Lecoq, traducção do sr. Ennes, e a comedia em um acto de H. Meillac e Halevy — *As campainhas*, traduzida pelo sr. Pinheiro Chagas, formaram o espectaculo do beneficio do actor Leoni, effectuado no theatro da Trindade.

Em muitas peças tem o sr. Leoni revelado os dotes de intelligencia que o recommendam como actor. Os seus melhores papeis são os de galã comico, em que patenteia sem esforço as suas principaes qualidades artisticas, quaes são — esmero e correcção no dizer, vivacidade e graça na gesticulação.

As cem donzellas, como todas as peças burlescas, é um grupo de scenas mais ou menos absurdas, cujo principal merito consiste em entreter o publico durante duas horas. A musica tem alguns trechos bonitos e originaes, sendo os mais notaveis a walsa, o galope e o quarteto do terceiro acto.

Bem diversa d'esta peça é a comedia — *As campainhas*, na qual ha scenas bem imaginadas e dispostas, dialogo espirituoso e interpretação adequada.

Durante o carnaval a peça mais notavel que se representou nos theatros de Lisboa, foi uma traducção do sr. Paulo Midosi intitulada — *As duas noivas de Boisjoli*, a qual subiu á scena em o theatro de D. Maria II. O original d'esta peça foi dado no theatro do Palais-Royal em Paris, onde se representam as composições mais engraçadas dos auctores francezes. Todavia o nosso publico nem sempre sympathisa com as comedias do reportorio d'aquelle theatro, que teem quasi todas a mesma fórma dramatica e são, pela maior parte, um pouco livres. *As duas noivas de*

Boisjoli, porém, tiveram a fortuna de cair em graça aos espectadores do theatro de D. Maria II, e tanto em graça, que passou a comedia do carnaval para a quaresma, o que raras vezes succede ás *verdadeiras peças de entrudo*, como o sr. Paulo Midosi entendeu denominar a sua traducção.

O maestro Braga, auctor da opera *Caligula* de que fallei no mez antecedente, tem dado alguns concertos de violoncello no palco do theatro de S. Carlos, que attrahiram a attenção dos amadores de boa musica. O sr. Braga é eximio professor na sua arte e primoroso executante. Como tal, consegue enthusiasmar os seus ouvintes, que o applaudem sinceramente em todas as noites que faz ouvir as agradaveis melodias do seu mavioso instrumento.

Cumpre-me annunciar a publicação de quatro livros que recebi: — *A actualidade*, pelo sr. Magalhães Lima; *Paginas da vida humana*, pelo sr. Francisco Xavier da Silva; *Humildade*, pelo sr. J. E. Xavier Machado; *Musicas e canções populares*, pelo sr. Adelino Antonio das Neves e Mello, filho.

A actualidade é um estudo economico-social em que se discutem, com bastante conhecimento do assumpto, as principaes questões que prendem, hoje mais que nunca, a attenção dos que se interessam pelas classes trabalhadoras. O auctor, esclarecido estudante da universidade de Coimbra, dedica a sua obra á memoria de Proudhon.

Paginas da vida humana é uma collecção de escriptos originaes e traduzidos, que se lêem sem enfado, antes com prazer. Entre elles figura a comedia — *O carnaval no convento*, já representada n'um dos theatros do Porto.

Humildade é um folheto de vinte e tantas paginas, contendo fragmentos em prosa e verso, que formam, por assim dizer, o diario da vida de um rapaz enamorado.

Musicas e canções populares é um formosissimo volume em que se encontram muitas das principaes cantigas das nossas provincias, acompanhadas pela musica respectiva. O sr. Neves e Mello não fez mais do que colligir essas dispersas estrophes compostas pelo povo com a mais singela e imaginosa poesia. Prestou porém com isto um bom serviço, que lhe será agradecido e recompensado por todos quantos presam este genero de trabalhos.

Com o maior prazer annuncio alguns trabalhos artisticos de bastante merecimento, executados por artistas portuguezes.

O sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro concluiu mais dois quadros de genero, no estylo que ultimamente adoptou e para o qual tem mostrado muita aptidão. Intitula-se um — *A peixeira*, e outro — *O dispenseiro*. Este é muito melhor do que aquelle. Tem bastante vigor, toque delicado e accessorios tratados com muito mimo e verdade.

Tive occasião de ver a formosissima estatua que o sr. Soares dos Reis, discipulo da Academia de bellas-artes do Porto, está concluindo n'aquella cidade, como prova do aproveitamento que o artista tirou do estudo que fez em França e Italia, por conta do estado, durante alguns annos.

A estatua é em marmore de Carrara e denomina-se — *O desterrado*. Representa um rapaz nú, sentado sobre algumas pedras, com uma perna sobre a outra, os braços apoiados com desalento sobre o joelho, e a cabeça pendida, como que pensando nas angustias do exilio. A expressão da cabeça é admiravel e as fórmas esculpturaes denotam os conhecimentos anatomicos do artista e a sua pericia na arte de modelar.

Temos portanto dois esculptores que fazem honra ao paiz — o sr. Simões, de quem esta publicação mais de uma vez se tem occupado, e o sr. Soares dos Reis, que hoje apresento aos leitores. Praza a Deus que elles possam influir no indispensavel desenvolvimento da sua arte nas duas primeiras cidades de Portugal onde residem.

Além d'estes, ha o sr. Alberto, que ao presente se acha em Paris concluindo os seus estudos. Tambem é artista de subido merito, como attestam os trabalhos que tem exposto na Sociedade Promotora de bellas-artes.

Assim apparecessem pintores!

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Publicaram-se no Brazil as seguintes obras:

Viagem poetica a Petropolis, em hespanhol, por D. Carmen Oliver de Gelabero.

Nevoeiros, livro de versos pelo sr. Torquato X. M. Tapejoz, da provincia do Amazonas.

Collecção de versos da poetisa do Rio Grande, D. Amelia Figueirôa.

Vôos icarios, volume de versos pelo dr. Rozendo Moniz, precedido de um prologo pelo sr. F. Octaviano.

Quadros, poesias do sr. Joaquim Serra.

Beijo, pequeno jornal dedicado ao bello sexo. Saiu á luz em Pernambuco.

Descobriram-se em Mantua algumas obras attribuidas a Giotto. São frescos pintados n'um velho palacio da casa Gonzaga, os quaes começavam a ser destruidos pelos operarios que trabalhavam no edificio, quando um individuo que passava, reconhecendo o merecimento das pinturas, conseguiu que se suspendesse a vandalica tarefa. Nos fragmentos que escaparam ao camartello destruidor, percebem-se uma Virgem no throno entre Santa Catharina e Santo Estevão, e um Crucifixo.

Está em Lisboa o sr. Cesar Sighinolfi, esculptor italiano muito conhecido n'esta cidade. Trouxe alguns trabalhos importantes da sua arte, sendo os principaes — *O busto de S. M. a rainha*, primor de modelação e de semelhança; *O amor da patria*, representado por um official do antigo caçadores 5 do exercito portuguez; *A reflexão no estudo*, que figura uma creança a meditar depois de ter lido um livro. O distincto artista tem-se occupado ultimamente no busto em meio natural do apreciavel folhetinista e assiduo collaborador das *Artes e Letras*, o sr. Julio Cesar Machado.

O museu de Sevres, em Paris, conta entre os objectos preciosos de ceramica que possue, mais um extraordinariamente curioso. É uma amphora representando duas figuras vestidas. Parece que da comparação d'este vaso com um fragmento que existe no mesmo museu, encontrado ha tempos em Milo, podem os eruditos fazer preciosos estudos sobre os processos de pintura dos artistas gregos.

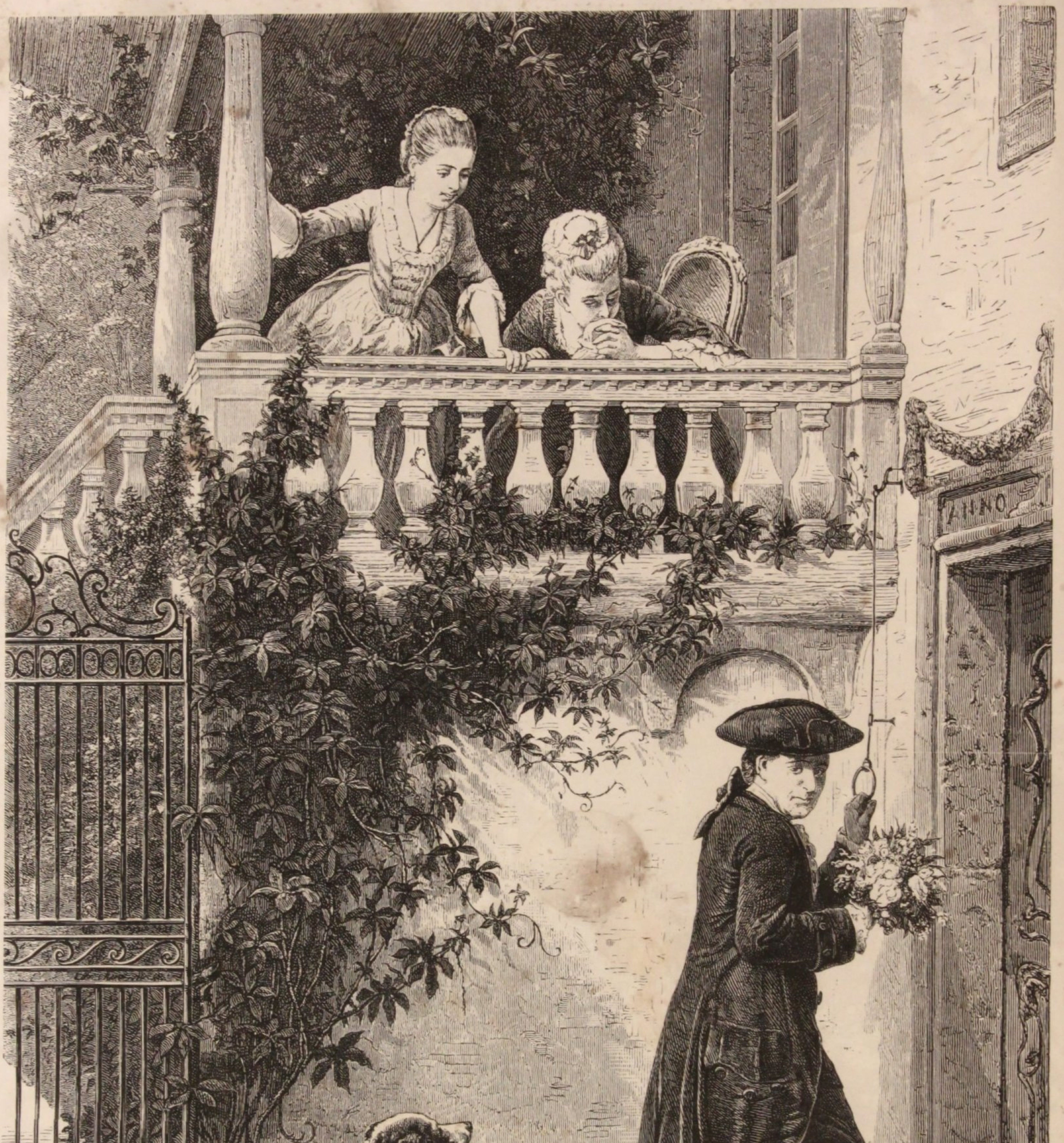
No dia 12 de janeiro effectuou-se a honrosa manifestação de estima e apreço dirigida pelo povo brasileiro ao seu compatriota o dr. Pedro Americo, auctor do quadro *A batalha de Campo Grande*.

Por iniciativa de varias pessoas abriu-se uma subscripção popular afim de se offerecer ao notavel artista, uma corôa de oiro cravada de pedras preciosas, e ornada com os attributos da arte que elle tão distinctamente professa. Na presença de numerosissimo concurso de povo effectuou-se a solemne ceremonia, sendo a corôa entregue ao artista por uma commissão apresentada pelo sr. Saldanha Marinho; em seguida tomou a palavra o sr. Bocayuva, que, n'um eloquente discurso, exaltou os merecimentos d'aquelle a quem os seus admiradores prestavam em tão solemne momento a mais honrosa homenagem.

O dr. Pedro Americo respondeu, agradecendo commovido a honra que recebia.



Typ. Sousa & Filho — Rua do Norte, 145



EM DIA DE ANNOS.

Desenho de Benjamin Vautier.

ARTES E LETRAS



LISBOA — MARÇO DE 1873

O VEADO

TAMBEM, que mal fazia elle?...

O pobre do animal estava recolhido na sua lapa. O inverno entornava as cataractas do ceo, e os campos alastravam-se de barrocaes profundos. Havia em tudo um sombrio desalento, uma desconsolação em que se debatia a alma.

E o veado, sósinho, pensava.

Em que? Talvez n'uma lucta originada pelo ciume, briga que elle teve entre silvedos, ha cousa de mezes, quando o amor lhe aqueceu o sangue — por entradas de maio. Seriam antes recordações da companheira, — uma formosa e gentil corça — que se perdeu do trilho acossada pelos monteadores? O certo é que elle estava melancolico, de olhos humidos e com um respirar offegante.

Desculpem-me Descartes e o jesuita Bougeant se n'isto anda sombra de heresia psychologica; mas é que eu tenho uma credulidade infantil que ainda se não rendeu ao devaneio dos philosophos.

Ás vezes, attentando nas pupillas de certos animaes, parece-me ver n'ellas agitar-se o que quer que seja, — uma especie de escravo que sacode os ferros, de pensamento mudo que se esforça por balbuciar uma palavra, um grito, — e fico a scismar no que anda lá por dentro, um som, solitario e desconhecido.

Quem não sabe a historia do celebre cão do monte de S. Bernardo, condecorado por haver salvo vinte e duas pessoas, que sem elle morreriam? Chegou-lhe a sua vez em 1816, guiando um correio do Piemonte.

O que ha n'isto da machina ou do simples instincto?

Com que admiravel subtileza, e com que intuição de verdade não nos descreve Virgilio o cavallo de Pallanto, vertendo copiosas lagrimas?

Queira ou não queira o orgulho humano reconhecer uma alliança que o offende; o que não poderá é entrincheirar-se dignamente nas velhas palissadas cartesianas, e negar estes admiraveis prodigios, que se levantam, á maneira d'uma interrogação obscura, em frente do nosso espirito.

E' o veado, sósinho, pensava!

N'isto começou a distinguir ao longe um rumor, confuso ainda, sumido quasi, disperso, mal definido, que ora se aproximava ora fugia, mas que resoava por entre o gemer dos troncos despidos.

Levantou-se e apurou o ouvido.

As levadas de agua eram caudalosas e espumantes. Quem se atreveria com aquelle tempo a bater os cerros inhospitos? Mas o rumor crescia, estrondeava pela quebra dos fraguedos, era já o vozeio e o relincho — era a caça, a perseguição, a morte, o adeus extremo áquellas florestas, nuas agora, mas tão exuberantes ao depois, — quando verdeja a selva e se enfolham os codeços.

— «*O now, for ever,*
«*Farewel the tranquil mind! farewel content!*»

Os cães já se viam galgando os declives, o grito dos caçadores sibillava do outro lado da montanha; — nem uma hesitação, nem um momento, nem uma saudade a entorpecer os musculos. As torrentes precipitam-se, os despenhadeiros repetem-se, o despojo das arvores tapiza o chão de embaraços; tudo é incerto, escuro, perigoso, mas a fuga é inevitavel. O veado arremeça-se. Vão-lhe na colla os mastins desvairados, — já o tocam, já o mordem, já o cercam; mas elle derruba-os, e, furioso, extenuado, continúa na delirante carreira, atirando comsigo de abysmo em abysmo. Por fim, cortando uns juncaes espessos, achou-se em plena enseada. Foi ahi que estacou, berrando. Um dos perseguidores está caido e timido. O outro não ousa aproximar-se, embora mostre os valentes colmilhos.

N'esta circumstancia desesperada, um homem, um scismador, um artista, adivinhava as ancias d'este pobre animal, e esboçava-o na sua tela. Era Edwin Landseer, o famoso pintor de quem com extrema verdade já escreveu um critico: «*Il est dans la confidence des bêtes.*»

De feito, o cunho especial d'estes quadros é que ha n'elles uma alma. A natureza não se reflecte muda e inerte; as creaturas que alli vemos palpitam d'uma vida sua e opulenta. Tem a dôr, o intimo padecer, os estremecimentos do desespero, as energias poderosas, os nevoeiros da saudade. Elle, o pintor, não se demorou na contemplação externa da fórma, não se embebeu por demais no enlevo do colorido, não foi o copista servil de umas exterioridades apparatosas. Viu, mas sondando; colheu em flagrante a natureza.

Eis um pintor que os homens do chamado *realismo* devem detestar cordialmente. Pois assim se põe lagrimas nos olhos de um cervo moribundo? pois o carneiro, tosando melancolico, ha de ter uma idéa, um sentimento a fluctuar-lhe nas pupillas? Pois tu ousas ser espiritualista, e dás paixão, alma, poesia, a esses miseros brutos que nós, os reis da creação, esporeamos e aguilhoamos a nosso talante? Ah, Landseer, Landseer, tu estás muito abaixo das recentes especulações, — e a philosophia positiva, a philosophia moderna, o ultimo elixir da arte, desterrar-te-ha para os bancos do aprendizado ignaro!

E apezar de tudo, nada mais natural que estes quadros. O que os singularisa é o sopro de vida que lhes deu o artista. A verdade não é só o ignobil. O grandioso póde deixar de ser o horrivel. O bello não se senta como Job sobre as podridões de um muladar, mas paira

em nimbos celestiaes, com a fronte constellada e impolluta.

Em todos os tempos e em todos os paizes apparece, n'um momento dado, uma certa edição de theorias. Succede como com os figurinos. Andam em voga por mezes, por annos, adquirem defensores, rodeam-se de um cordão de baluartes, resistem aos tiros mais ou menos certeiros, até que por fim ruem, esboroam-se, pulverisam-se, e no logar que deixam vago erigem-se outras em monumento. Ha sempre e em tudo a poderosa influição da *moda*. O que hoje se applaude é ámanhã apedrejado; o diadema que hontem nas lupercaes offereciam a Cesar, é depois atirado ao lodo e conspurcado pelos mesmos que lhe haviam brunido os florões.

É o caso de citar ainda uma vez o meu poeta querido, e de dizer com elle pela boca de Marco Antonio:

«But yesterday, the word of Cæsar might
Have stood against the word-now lies he there,
And none so poor as do him reverence!»

É esta uma verdade de geraes applicações, formosamente contornada por Shakespeare.

Ahi têem outro,—mergulhador do coração,—natural como a natureza, esplendido como ella, e vejam se m'o pautam e aferem pelos padrões do *realismo*. Não, que elle parte esses liames, despedaça essas craveiras; e embora disforme em Caliban, grutesco em Falstaff, devaneador em Puck, hediondo em Shylock, abominavel em Iago, ha sempre o musculo, o sangue humano, o latejo da verdade nos filhos d'este gigante de Stratford.

O cunho de sir Edwin Landseer está no que é a parte verdadeiramente psychognostica. Elle interroga a alma dos animaes, e põe-na em evidencia. Dá-lhes entendimento e poesia. Não busca recortar na tela esses factos crus e indigestos que não são mais que *le manierisme du laid;* pelo contrario, os seus assumptos tem amplitude e profundeza, significam um movimento do animo do artista reproduzido nas suas obras.

«Il se mule toujours quelque chose de nous aux lieux que nous voyons;—escreveu sentenciosamente Lamennais. A impressão physica do logar é modificada pela condição do nosso ser interno. Um valle, uma floresta, a solidão dos montes, a suavidade de um logar por onde as manadas passam, como n'um quadro de Paulo Potter, tudo isso que n'um dia deslisou aos nossos olhos sem despertar nenhum sentimento, fere-nos ás vezes, captiva-nos, embebe-nos, e o coração parece conversar com as pedras, com as arvores, com as flores, e entendel-as.

Então, se o pintor as transplanta para os seus paineis, imprimir-lhes-ha o seu caracter, deixal-as-ha viver da sua vida. São materialmente exactas, reaes, verdadeiras; mas tem sobre tudo isso o elemento espiritual ou ideal, que a arte não dispensará nunca.

Estas cousas são de uma intuição rapida e indestructivel. A natureza, em cujo seio nos movemos, não é sómente o aggregado de penhascos e de folhedos. Habita n'ella uma secreta diffusão, um mysterio que nos attrahe e nos impressiona. É d'ahi que vem o respeito a saltearnos, quando o bosque nos aperta com as copadas ramas, e depois os contentamentos idyllicos ao estendermos o olhar pelas varzeas floridas. A fórma sensivel não conseguiria, de per si, vibrar a corda dos nossos affectos. Foi um effluvio subtil emanado dos calices e das ondas, uma exhalação cosmica e divina, um fluido que se aspira nas lufadas sonoras. Sentem-se por vezes aquelles sagrados estremecimentos que enrugavam, como um oceano, a ampla fronte de Lucrecio.

Na ordem dos pintores que melhor caracterisam a natureza está Landseer, o auctor do formoso quadro cuja copia se apresenta em gravura. Aquelle veado perseguido e afflicto, que só tem diante de si a medonha extensão das aguas, dirige-se á nossa piedade, e commove-nos. Alli ha padecer, ha ancias, ha uma voz a clamar, e umas entranhas que se contorcem. Se pudessemos darlhe-hiamos refugio.

Elle fez-lhe mais, o artista; esse deu-lhe a perpetuidade.

E. A. VIDAL

O CACHIMBO DO SULTÃO

A RANGEL DE LIMA

Tinha o sultão uma escrava,
que era o lyrio matinal,
que mais aroma exhalava
no seu palacio real.

—«Vem, formosa entre as formosas,
flôr entre a flôr das romãs,
encher a fronte de rosas,
cobrir de beijos as cãs.

Não sabes, timida filha
da velha Jerusalem,
quem é que a teus pés se humilha,
quem te dá todo este harem?

És escrava, tens escravas
que te hão de perfumar,
e a essencia em que tu te lavas
hei de bebel-a a fartar.

Como os teus olhos dão sêde!
que sede de amor sem fim!...
Dormirás na minha rede,
á sombra do meu jardim!

A agua que sae da bôca
dos meus marmoreos leões
não me apaga a paixão louca,
não me esfria as sensações.

Conheci toda a belleza
do norte aos confins do sul,
mas só tu és a princeza
de Damasco e de Stambul.

Preparem-lhe as aureas sedas,
preparem-lhe os parasoes;
nós vamos ás alamedas
escutar os rouxinoes.

Para as almas inquietas,
que tem o sangue em rumor,
não ha mais dôces poetas
mais dôces cantos d'amor.»

Mas a formosa captiva
não tinha na sua voz
a melodia lasciva
das filhas dos Pharaós.

Tinha a face côr de rosa
coberta de pallidez,
e tinha na fronte airosa
um raio d'intrepidez.

—«Não, não quero, disse ella,
rasgando o véo de setim,
beijar-lhe a fronte amarella,
sentar-me em seu palanquim.

Tenho a carne prateada,
e tenho o meu sangue azul,
não quero ser comparada
á meretriz de Stambul.

Não quero que nos meus sonhos,
nos meus sonhos virginaes,
accorde aos gritos medonhos
dos famulentos chacaes.

Não quero que no meu leito,
ao despertar da manhã,
encontre banhado o peito
no sangue de minha irmã.»

Volveu o sultão iroso,
sob fingido desdem:
—«É este um dia de gozo
nas festas do meu harem!

Minha perola estimada,
que eu tanto queria amar,
serás outra vez lançada
ao fundo leito do mar.

Abri-lhe o nevado seio
mais bello que a luz do sol!
Ninguem mais ouça o gorgeio
d'este gentil rouxinol.

Em mil porções retalhado,
ha de arder seu coração
no cachimbo calcinado
do calcinado sultão.»

Disse, e o cachimbo caindo
no pavimento em xadrez,
bem como o sonho mais lindo,
em mil bocados se fez.

E nunca mais ao sol posto,
depois do ardente café,
o sultão do bronzeo rosto
fumou no seu *narguilhé!*

Lisboa, 29 de outubro de 1872.

SOUSA VITERBO

LEIRIA

I



QUE no tempo do dominio dos romanos na Lusitania houve nas proximidades do Liz e do Lena, e, ao que parece, edificada no sitio de S. Sebastião, cerca de legua e meia ao sudoeste de Leiria, a antiga Collipo, cabeça de certo e demarcado territorio de que falla Plinio, é fóra de duvida; mas que d'esta povoação já quasi não havia vestigios quando se fundou Leiria, e que esta não foi levantada nas suas ruinas, como tambem nunca foi povoação arabe, é hoje ponto assentado.

A actual Leiria, ou antes, o castello que lhe deu principio, data da primeira metade do seculo XII. Por esse tempo a alta Estremadura era um vasto deserto, onde se não levantavam ainda as aldeias, villas e castellos, que depois o vieram a povoar.

Os mussulmanos, senhores de Lisboa, Cintra, Obidos, Santarem, e talvez de Torres Novas, segundo parece deprehender-se dos escassos monumentos da época, occupavam a provincia do Al-Gharb, que começando nos districtos do sul, ainda se estendia áquem do Tejo.

Os christãos occupavam já as terras meridionaes até á Galliza, possuiam Coimbra, e chegavam a Soure, cujo castello, para o defenderem, tinha sido dado á ordem dos templarios, pela rainha D. Thereza, nos ultimos dias do seu governo, em 1128. Porém, entre Soure e o Tejo o que havia? Bosques incultos, covis de feras, um immenso tracto de terreno despovoado, que era, por assim dizer, o campo neutro das duas raças inimigas.

Thomar ainda não existia. Galdim Paes, o chefe dos cavalleiros do Templo, a quem o territorio foi doado por D. Affonso em 1159, só em março de 1160 é que lançou os fundamentos do seu fortissimo castello. O territorio de Pombal foi incluido n'esta doação; porém, tanto a villa, como as suas fortificações, são posteriores ás de Thomar, por que a data do respectivo foral é de 1174. O castello de Ourem foi edificado de novo por D. Thereza, filha de D. Affonso Henriques, que era senhora do logar; D. Thereza saiu de Portugal para casar em Flandres pelos annos de 1183, e a edificação pouco anterior devia ser. O foral d'Ourem é de 1180. O mosteiro d'Alcobaça teve o seu principio em 1153; á sombra d'elle, e pelos esforços da ordem de Cister, é que o castello e a villa se levantaram, é que Porto de Moz nasceu e ergueu as suas muralhas, é que os campos em derredor se viram rotos e desbravados.

Foi, pois, em *terra deserta*, e no meio d'esta solidão, para oppor uma barreira ás correrias dos arabes, e cobrir a estrada de Coimbra, que o moço infante D. Affonso veio levantar o castello de Leiria em dezembro de 1135. «*Quod Castrum in terra deserta a fundamento, ego primitus erexi.*» «O qual castello eu primeiro levantei dos fundamentos *em terra deshabitada*,» diz elle na doação que annos depois fez a Santa Cruz de Coimbra do ecclesiastico de Leiria.

Eil-o ainda de pé, — ergueu-se com a monarchia. São passados 738 annos. Centos de vezes tem estreme-



LEIRIA

(DE UM QUADRO DO SR. LUIZ AUGUSTO DO SOUTO)

cido o monte pedregoso, senão vulcanico, que o sustenta, milhares d'ellas tem fuzilado os relampagos sobre elle, innumeras o teem açoitado a tempestade e os ventos, e as suas torres meio derrocadas parecem dizer-nos que teem recebido menos destruição da mão do tempo, do que da mão dos homens!

Eil-o! Aquellas paredes ensanguentadas por cruentos combates, aquellas ruinas, que são no seu genero as mais bellas de todo o Portugal, por que rivalisam com algumas das margens do Rheno, não são só uma reliquia de antigas eras, testemunha de prodigios; nem tão pouco o ponto fortificado, que, no dizer de D. Affonso, concorreu para a conquista de Santarem e das terras do seu termo; são tambem o unico castello levantado na Estremadura por mãos christãs antes da batalha d'Ourique.

Maldito seja o alvião que sobre elle se levantar.

II

Para tal castello, edificado na raia dos dominios sarracenos, como sentinella avançada de Coimbra, só um alcaide como Paio Gutterres, que um antigo escriptor compara a Scipião Africano. Foi, pois, a Paio Gutterres, que D. Affonso o entregou, e desde esse momento estabeleceu-se uma das lutas mais desesperadas, mais violentas e tenazes que os homens teem presenciado diante de quatro paredes erguidas.

Alli não se dormia, nem havia tréguas. Na frente, áquem do Tejo, estava uma linha guarnecida de fortalezas mussulmanas, na rectaguarda o soccorro a dôze leguas de distancia! Não importa. O alcaide, que tinha tanto de bravo como de temerario, levava muitas vezes as suas correrias ao pé de Santarem, e os arabes irritados, trazendo muitas vezes as suas ás proximidades de Leiria, acabaram por sitial-a em 1137.

Eram muito superiores as forças, a defesa foi desesperada; mas D. Affonso achava-se na Galliza, não pôde soccorrer-nos, e o resultado foi perderem-se aquellas muralhas, onde duzentos e quarenta dos nossos succumbiram, vendendo caras as vidas. D. Affonso, sabendo d'este desastre, corre da Galliza, onde tinha acabado de ganhar a victoria de Cerneja contra os infantes de Leão, e vem resgatar o castello. Lá diz o nosso epico:

.... o rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.

É d'ahi que vem as armas da cidade — um castello e um corvo sobre um pinheiro manso, coroado de uma estrella — alludindo a ter o moço infante assentado uma noite o seu arraial n'uma altura proxima, a que ainda hoje chamam Cabeço d'Elrei — e vir um corvo pousar-se na copa de um pinheiro, a bater as azas e a gritar em signal de contentamento. * Os nossos tomaram o caso como de bom agouro, arremetteram á porta de traição, e tomaram a fortaleza. Foi isto pelos annos de 1138.

De novo em 1140, reunindo as forças do Al-Gharb, marchou contra ella o chefe sarraceno, desbaratado em Ourique, no anno antecedente, e d'esta vez, reduzida a fortaleza a um montão de ruinas, a parte da guarnição que não ficou morta, foi captiva e com ella Paio Gutterres, o seu intrepido alcaide. D. Affonso Henriques tambem então se achava na Galliza, firmando pazes com o imperador Fernando VII e não pôde vir em seu auxilio.

A margem direita do Tejo estava ainda em poder dos arabes, Leiria era o unico ponto que podia tornar facil o ataque de Santarem, Lisboa e Cintra, as tres praças então mais importantes do occidente, e o rei soldado,

que o conhecia, empregou desde logo todos os esforços para a sua reedificação. A morte escondia-se atraz d'aquellas paredes; o soccorro até ahi tinha sido impossivel, os mais ousados já trepidavam quando se lhes incumbia a defesa; mas tudo póde uma forte vontade. O castello vae resurgir das suas cinzas.

III

O que era principalmente necessario para o guarnecer, e para vencer as resistencias que começavam a manifestar-se entre aquelles, que na guarda de tão perigoso posto, eram como offerecidos em holocausto á patria? Duas coisas. Despertar o amor proprio, fallar á vaidade pelo elogio, ainda que merecido, dos seus habitantes e defensores; vencer as resistencias pelas promessas espirituaes. Foi isso o que se fez. Deu-se-lhes foral em 1142, e ahi exara-se que, na opinião do rei, os soldados e o povo de Leiria eram os melhores soldados e povo do mundo: «*Miles Leirena stet pro meliori milite de tota terra, regis in judicio, et peon pro meliori peone.*» Na mesma occasião, diz o sr. Alexandre Herculano, os alvazis e mais membros do conselho municipal de Coimbra, declaravam que os homens de armas que tentassem ir combater pela fé na Palestina fossem defender a Estremadura, e em especial Leiria, onde, se morressem, obteriam a remissão dos seus peccados do mesmo modo que em Jerusalem.*

Era uma verdadeira cruzada; invocava-se a religião e a patria, no tempo em que estas duas idéas eram as que mais podiam no animo do povo, e quando isto se diz a portuguezes é impossivel que o braço se não arme, e que o peito se não exponha ás lanças do inimigo, qualquer que seja o seu numero e o perigo da posição na peleja. Foi, pois, o castello restaurado e guarnecido de novo, assim como a povoação, que começava a estender-se ao norte das suas torres.

Seguiram-se cinco annos de sortidas, correrias e combates, cinco annos, em que elle ainda sósinho, no meio da Estremadura deshabitada, guardava a estrada de Coimbra, erguendo-se intrepido na fronteira dos dominios mussulmanos.

Entretanto elevava-se no horisonte a estrella do fundador da monarchia. A 15 de março de 1147, caiu por uma surpreza em seu poder a fortissima Santarem; a 21 de outubro d'esse mesmo anno abriu-lhe Lisboa as portas; Cintra e Obidos renderam-se poucos dias depois: e Leiria, no meio d'este desabar do dominio dos arabes, pôde respirar uma hora.

Respirou, refez-se; viu então em roda de si, no territorio que havia guardado, erguer castellos e povoações, viu-as medrar sem inveja, por que não tinha de que a ter, mas a sua corôa de martyr ainda não estava completa. Em 1190, desejoso Jacob, imperador de Marrocos, de vingar as perdas que os seus tinham soffrido, passou o Estreito, reuniu-se ao andaluz, talou o Al-Gharb, transpoz o Tejo, e emquanto D. Sancho I o esperava em Santarem, dirigiu-se sobre Torres Novas, Thomar e Leiria, pondo tudo a ferro e fogo. Foi tempestade que passou; Leiria destruida n'esta invasão tornou a levantar-se, repovoando-se de novos moradores, e em 13 d'abril de 1195 deu-lhe D. Sancho o segundo foral.

O castello tambem se fortificou, descançando de vez; o dominio sarraceno, reduzido n'esse tempo á Andaluzia, e só ameaçando algumas povoações do Algarve, garantiu-lhe o repouso. Pouco mais de cem annos depois, D. Diniz ergueu-lhe a torre de menagem, e talvez a alcaçova. Santa Isabel renovou-lhe a egreja de Nossa Senhora da Penha, hoje em ruinas, assim como os paços em que viveu. Na segunda metade do seculo XIV, D. Fernando continuou-lhe as muralhas, e metteu dentro d'ellas uma grande parte da povoação, que se alargava para o sitio, onde hoje o suburbio denominado Arrabalde ostenta os seus quintaes e as suas hortas.

Frei Antonio Brandão, que escreveu no principio do seculo XVII, fallando do castello, diz que vae sentindo os damnos do tempo (melhor diria dos homens), e censura *o descuido de quem deixa ir perdendo tão nobres antigualhas, que se poderiam conservar com bem pouco custo...* É que já n'essa época era visto com reprehensivel indifferença um monumento de gloriosas recordações. Os francezes em 1810, e os portuguezes em 1833 e 1834, julgaram vagaroso o devastar dos annos, e metteram mãos á obra dobrando-lhe a destruição.

Cimentado com o sangue dos que nos libertaram a patria, não tremerá o inconsiderado, ou a mão temeraria, que se arme do alvião para lhe arrancar uma pedra?

(Continúa.)

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

* Um castello, uma estrella, um pinheiro e um corvo — são as armas de que reza a historia. No padrão adoptado pela camara todos estes symbolos estão em duplicado, como se vê do seguinte escudo.



DIA DE ANNOS



UMA pequenina, de uma familia minha conhecida, fabricou um dia d'estes com uma grande tira de papel verde — a côr da esperança! — e com uns quadradinhos de papel branco numerados, uma especie de folhinha de porta com os seus repartimentos.

Cada quadradinho representa um dia.

Tantos papellinhos numerados, quantos os dias que ainda faltam para o dia dos annos d'ella.

Pela manhã, tão depressa se levanta da cama, a primeira coisa que faz é ir-se ao papellão e tirar um quadradinho.

Quadradinho tirado, quadradinho deitado fóra — logo, logo — da janella abaixo, com grande satisfação.

Depois, de olhos pregados no numero do papellinho que haja de tirar no dia immediato, exclama impaciente:

—Ai! ainda faltam noventa para o dia dôs meus annos, em que todas as pessoas que cá vem me dão presentes. Ainda faltam oitenta... Ainda faltam trinta... Ainda faltam dez...

Conta a familia que não ha coisa que se compare aos ares graves, gravissimos, com que a pequena acompanha sempre esta formalidade quotidiana; mas que tem que vêr principalmente quando chega a não faltar já senão dois, ou um,—um dia só para tirar, rasgar, deitar fóra, ou queimar!

Digam se aquillo não faz crescer agua na bôca, com desejos de voltar á idade em que a gente se lembra de fazer folhinhas contra a duração da vida!

E d'ahi,—não! Em virtude até do axioma moral que affiança, com bom juizo, que a felicidade dos paes é feita principalmente pela felicidade dos filhos, estou em crer que o contentamento que se tem com o espectaculo das alegrias que as creanças promettem a si proprias sempre ha de ser superior ao jubilo que teriamos com o rejuvenescer outra vez!

Porque, recorde-se o leitor comigo — no tempo em que faziamos muitas festas ao nosso dia d'annos, não eram as coisas como são hoje! Davam-nos uns *bonitos* muito... feios, uns bonecos que havia então por ahi muito ratões, o velho de chapeo na mão e a velha a fiar, o urso de loiça, um palaciosinho de cascas d'ovo, um carrinho tosco e grosseiro, um cavallo de pau que parecia um banquinho... Emfim, um horror!

Foi preciso vir o Salles retrozeiro proteger um pouco a infancia com umas bugigangas que mandava buscar a França, aliás supponho que ainda hoje estariamos reduzidos ao carro de pau, com um boisinho, e ao lagarto, que estende e encolhe, e ao frade de sabugo das velhas capellistas!

Não diminuia a difficuldade por se tratar de gente crescida. Em dia de annos era sabido que a não querer comprar uma pulseira na loja do Merêa, havia unicamente a appellar para as caixas de seis frascos de agua de Colonia do José Maria Farina, uns frascos esguios, interminaveis, de gargalo infinito, que pareciam trepar pela gente acima!

O mais usado para o dia de annos era embuchar as creaturas com lampreias de ovos. Havia tal que recolhia em casa no dia dos annos da mulher, desoito travessas de dôce *armadas*—estylo do caso—e ficavam todos doentes, amos e creados, de vastas indigestões de goloseimas!

Hoje, mudaram os usos. Escolhe-se um livreiro que tenha mais sagacidade e bom gosto, o seu quê de phantasia com dois quês de prudencia,—e compra-se-lhe um livro dos que elle tem no armario das prendas,—livro bonito, e livro bom, de uns que não se parecem com os outros, mas com os quaes os outros quereriam parecer-se; livros, que se imprimem em França e em França se encadernam, concebidos e destinados para o mundo todo; livros que instruem, e livros que recreiam; de umas vezes, obras adequadas á esphera infantil, nas quaes se encontram as impressões da primeira idade, traçadas com verdade e graça na lingua universal das creanças: de outras vezes, narrativas de viagens, obras de litteratura, de religião, de historia.

Em Portugal ainda no nosso tempo nada d'isto havia. Principiou o livreiro Plantier, homem de raro gosto, mais que intelligente — homem de talento, espirito phantasioso e subtil — a tornar conhecidas em Lisboa as edições de luxo: *Les femmes de la Bible*, *les Femmes* de Walter Scott, de George Sand, de Balzac, *L'âne mort* de Julio Janin com estampas de Tony Johannot, *Les Fleurs animées* de Grandville...

Até esse tempo dar um livro, entre nós, era fazer presente de um cartapacio fusco e tacanho, em typo arrepiado, muito mettido, n'um papel que todo elle era fios, escuro e enviusado; encadernado todo este horror em carneira — da que usam os presos do Limoeiro para fazer sapatos — por um semsaborão qualquer, que errava sempre os dizeres e punha por uso ou officio na lombada duas asneiras ou tres!

É lembrar-se a gente do *Thesouro dos meninos*, com aquelles monos pintados, sempre de maxima por baixo dos pés:

Fazer mal aos animaes é indicio de mau caracter

Um momento de furor fez de Alexandre
um assassino

E ainda esse era o mais taful;—a não se dar de presente um Atlas com um tratado da Esphera e dos Globos, e vinte quatro mappas, — ou uma historia de Portugal e suas conquistas, por Damião de Lemos Faria e Castro — ou a Medicina domestica, tratado completo de conservar a saude e de precaver as enfermidades por via de regimen e remedios simples...

Um horror! A qual havia de ser mais gêbo, mais pesadão, mais mal geitoso; uma verdadeira fabrica de *borracheiras*, em que o traductor, o desenhador, o impressor e o encadernador, andavam ao desafio a qual havia de ser mais asno!

Mais vale decerto o costume em que alguns se puzeram agora, de fazer presente de um *speech*. Vão jantar n'esse dia a casa de quem faz annos, brincando-lhe nos labios um sorriso malicioso, — e, á sobremesa, põem-se de pé, mettem a mão esquerda na algibeira das calças, mergulham a mão direita nas ondas do cabello, afagam a suissa que lhes faz moldura ao rosto, e presenteiam a creatura com algumas flôres oratorias:

—Brindo ao meu caro Elesbão, n'este dia para todos nós tão querido em que... etc.

Os presentes hoje são como as mentiras na philosophia —jocosos, officiosos, e até perniciosos.

Os jocosos consistem, por exemplo, em apresentar-se um sujeito — que todos os dias que Deus dá ao mundo vae papar o jantar áquella familia — com uma caixinha de phosphoros, muito serio e grave, diante do dono da casa e dizer-lhe:

—Meu caro amigo, hoje é o dia dos teus annos e a alegria que isto me dá não se descreve. Quizera ter o pincel de Apelles... — Não era Apelles que tinha um pincel? Era, era...—ou a lyra de...

—Sim, sim, bem sei; e depois?

—E depois, toma lá (tira da algibeira uma caixinha de faia com phosphoros amorphos, obra de dez réis de custo) toma lá esta lembrança!

Desata tudo a rir.

—Obrigado! diz o dono da casa.

—É sincera.

—Bem sei.

—Modesta como a minha amizade.

—Sim.

—Tem luz como a esperança que nutro de que vivas por muito annos.

—Obrigado.

—E olha que esses são dos melhores! Os de cera tiram os olhos á gente, com a mania de lhes saltar a ca-

beça,—como sabes. Esses são magnificos. Não ha perigo de incendio; accendem só na caixa...

—Bem sei!

—Ah! Sabias? Tão pouco ha perigo de envenenamentos. Ainda que queiras envenenar-te com elles, não podes; o phosphoro está na caixa e não no palito.

—É boa!

—Ah! Não sabias! Pois ahi a tens. E agora parabens, dá cá um abraço,— novamente!

E toda gente a rir e a achar-lhe uma graça infinita:

—Forte ratão!

—Grande maganão!

—É bem apanhada!

E cada uma d'essas pessoas está pensando entre si:

—Tudo o que é de mais, não presta; tudo o que é de menos... tambem! A largueza confina com a prodigalidade, a fronteira da economia toca com a chinfrinice... Não ha faculdade bonita que não tenha corolario feio, distancia pequenina entre a qualidade e o defeito, primeira transformação pela qual passa a qualidade para ir dar em vicio... A economia envolvida em brincadeira é a crysalida que contém a avaresa!

Officiosos... Presentes officiosos...

Um exemplo basta.

Um padre meu conhecido tinha uma sobrinha que quasi nunca lavava os dentes. Uma senhora conhecida d'essa gente dava sempre á rapariga no dia dos annos uma caixinha com pós e uma escova!...

Perniciosos?

Vá tambem um exemplo.

O sujeito mandou vir umas caixas de charutos da Bahia; abre uma, encontra os charutos furados: o tabaco da Bahia é finissimo, e, como sabem, dá-lhe facilmente o bicho. O sujeito cala-se, manda as outras caixas de presente a um amigo que faz annos,—e obriga o outro a agradecer-lhe muito, a não poder dizer-lhe que não fumou nem um, e a ter de dar-lhe a elle—quando chegar tambem o seu dia de annos—um presente que não esteja furado.

Esse pobre homem que a estampa apresenta pertence ao numero dos que são victimas da dedicação. Leva o seu raminho, que encommendou com tempo para poder tel-o na manhã d'este dia, fez a barba mais cedo, como se observa do bem escanhoado d'aquella carantonha, vae todo lepido com o ramilhete, e ainda antes de entrar já os cães lhe saltam ás pernas e a gente da casa está no eirado a rir-se d'elle.

Regra geral; o melhor de tudo é nunca dar parabens, —dar só pesames: sae mais barato!

JULIO CESAR MACHADO.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Continuação)

Matheus olhou para Coucou-Peter, mas este não tinha ar de quem graceja. Matheus ficou meditabundo.

Por mais de um quarto de hora viram a gente que andava sob as arcadas: os vendilhões apregoarem as suas fazendas, as raparigas pararem diante dos mostradores, os estudantes fazerem soar as esporas nos passeios, e estalar os chicotes, os professores graves attravessarem a rua por entre o povo, com um masso de livros debaixo do braço.

Emfim, Coucou-Peter tornou a fallar:

—Parece-me mestre que o ser dos seres não pensa n'este momento em nós. Quer-me parecer que obrariamos prudentemente indo ganhar alguns cobres para as cervejarias, em vez de esperarmos a ceia da Providencia. Se o mestre soubesse cantar!... É pena que o mestre não saiba cantar; mas, emfim, vou eu só, e o mestre espera-me á porta.

Pareceu esta idéa bem humilhante a Matheus, mas como nada de melhor tinha a propôr, seguiu resignado o seu discipulo que tirou a rebeca do bornal.

Não se imagina nada mais triste do que o bom do doutor, indo de cervejaria em cervejaria, e vendo pela janella o seu discipulo a dançar ora n'uma perna, ora na outra, para emfim sustentar a boa doutrina. Por mais que se lembrasse da sua elevada missão, por mais que pensasse que o ser dos seres queria experimentar o seu animo antes de o elevar ao cume da gloria, por mais que desprezasse os ricos armazens e as lojas sumptuosas, todas as magnificencias que se mostravam nas vidraças e todo este brilho do luxo, e da opulencia, por mais que repetisse— *Vanitas vanitatum et omnia vanitas!* O vosso orgulho, oh! grandes da terra não é mais que poeira! passareis como sombras, e será como se nunca houvesseis existido!...— nenhuma d'estas sublimes verdades lhe serviu de muito, sobre tudo porque Bruno teimava em querer entrar em cada uma das estalagens porque passava.

Pararam assim em mais de vinte lojas de bebidas. Eram nove horas e Coucou-Peter apenas ganhára cinco soldos.

—Doutor, disse elle, estamos mal, aqui tem tres soldos se quer beber uma caneca de cerveja; eu vou comprar um pão pequeno, porque sinto que o estomago se me vae sumindo.

—Obrigado, Coucou-Peter, obrigado, disse o pobre philosopho angustiado, não tenho sede, mas ouve-me: Lembro-me que Jorge Müller. o dono do Heron, aquella cervejaria grande á entrada, me fez prometter de nunca ir para outra casa que não fosse a sua. Foi isto no ultimo dia do nosso *Fuchs commerce*. Haviamos terminado os estudos. Jorge Müller, vendo que tinhamos todos pago as nossas dividas, apertou-nos as mãos e offereceu-nos a sua hospedaria para quando voltassemos a Strasburgo. Lembro-me como se fosse hoje. Devo pois cumprir a minha palavra.

—Mas ha quanto tempo foi isso? perguntou Coucou Peter, reanimado pela mais dôce esperança.

—Ha trinta e cinco annos, respondeu Matheus com simplicidade.

—Trinta e cinco annos! disse Coucou Peter, e pensa que Jorge Müller ainda ali está?

—Está sim. Eu vi a taboleta quando passámos. Está tudo na mesma.

—Bem, bem! vamos ao Heron, disse o discipulo abatido. Se nada houver a ganhar, tambem nada podemos perder. Que o grande Demiurgos nos ajude.

XXI

Davam 9 horas na cathedral, quando Frantz Matheus e o seu discipulo passaram diante da cervejaria do Heron.

O pateo sombreado por tilias estava cheio de povo: um rancho de ciganos acompanhava o tumulto com musica selvagem.

Kasper Müller, que era o cervejeiro, em mangas de camisa, andava d'uma meza para outra, apertando as

mãos aos freguezes, fallando e rindo com elles, e todas aquellas physionomias graves, comicas, perdidas na sombra, ou vagamente esclarecidas pelas luzes vacilantes, apresentavam um estranho espectaculo.

Mas o illustre philosopho não fazia as suas habituaes reflexões sobre a afinidade das raças e olhava para todos d'um modo indeciso. Dir-se-hia vendo-o com o pescoço inclinado e as pernas na attitude do repouso indifferente que desesperava do triumpho da sua doutrina e do futuro das gerações.

— Então, mestre, animo, disse Coucou Peter, entre em casa do seu amigo Jorge Müller. Que remedio tem elle senão reconhecel-o, c'os diabos! Viva a felicidade! O caso é ter onde dormir esta noite, amanhã converteremos o mundo.

Matheus obedeceu machinalmente. Apeou-se, abotoou o seu grande casaco escuro, e adiantou-se com o passo vacilante no grande pateo, percorrendo com olhares incertos todos os grupos sem saber a quem se dirigisse.

Kasper Müller viu-o assim vagando sob as tilias, como alma penada, com a sua bondosa physionomia melancolica que desde logo o interessou. Veio ter com elle e perguntou-lhe o que desejava.

— Sabe dizer-me, respondeu Matheus fazendo um grande comprimento, onde está Jorge Müller.

— Jorge Müller? morreu ha quinze annos.

— Meu Deus! como eu sou infeliz! disse o pobre homem com a voz abafada.

Comprimentou outra vez e dirigiu-se para a porta. Mas o cervejeiro commovido por aquella dolorosa exclamação, deteve-o e tomando-o de parte disse-lhe com interesse:

— Perdão, meu senhor, parece-me bastante afflicto. Diga-me se eu posso prestar-lhe o serviço para que procurava Jorge Muller.

— Tem razão, senhor, tem razão, estou devéras afflicto. Vinha pedir um asylo para esta noite a Jorge Müller, que era um dos meus melhores e mais caros amigos. Não o vejo ha trinta annos desde que acabei os meus estudos; mas sei que, se o encontrasse, o seu coração seria o mesmo, e eu havia de ser bem recebido.

— Estou certo d'isso, mas eu que sou seu filho hei de recebel-o como elle, creia.

— É o filho de Jorge Müller? disse Matheus, o pequenito, Kasper, que eu tantas vezes embalei ao meu collo? Meu querido filho, como folgo de o ver, eu podia lá conhecel-o com essas suissas e essa cara gorda e córada.

Kasper Müller sorria da exclamação franca e ingenua do doutor. Como visse, porém, que um grande numero de freguezes se havia agrupado em volta para os ouvir, levou-o para a sala principal, então deserta, para alli o ouvir contar a sua vida.

Foi então que Frantz lhe disse sem rodeios por que circumstancias deixára o Graufthal e as innumeras vicissitudes das suas peregrinações anthropo-zoologicas. Kasper Müller pondo-lhe então familiarmente as mãos sobre os hombros, disse-lhe:

— É um homem digno e honrado. Diga-me agora uma coisa: não estará o seu nome inscripto no registro do meu nascimento?

— Está, está, Jorge; quiz que eu fosse uma das testemunhas.

— Não são precisas mais explicações, interrompeu o cervejeiro. Já o não deixo esta noite. Vou recolher o cavallo e mandar-lhe o seu discipulo.

E deixou Matheus para ir dar as suas ordens.

Tinha apenas chegado Coucou Peter á sala onde estava o doutor, quando Carlota, uma das creadas da hospedaria, veio dizer-lhes que tudo estava prompto.

Apezar d'esta agradavel noticia, Frantz Matheus estava profundamente melancolico. Parecia-lhe que o grande Demiurgos, em vez de o deixar recorrer a Jorge Müller, devia ter-lhe dado elle mesmo, directamente, todas as coisas necessarias á existencia philosophica, tanto mais que era pela gloria do dito Demiurgos, que elle Matheus abandonára o Graufthal sem um real de seu.

Mas Coucou Peter maravilhado de achar tão optimo albergue, precisamente no momento em que já se decidira a dormir ao relento, não fazia senão admirar-se do tamanho da hospedaria, da escada guarnecida d'um excellente corrimão com maçanetas de cobre, da quantidade de casas, de modo que quando Carlota abriu a porta de um bonito quarto onde se via uma meza redonda, sobre a qual fumegava já uma terrina e metade d'uma perua recheada, o seu reconhecimento expandiu-se em acções de graças:

— Oh! grande ser, dizia elle, ser dos seres! E' n'este momento que se manifesta o teu poder sem limites e a tua infinita sabedoria! Deus dos deuses? que banquete concedeis a uns pobres diabos d'uns philosophos que já faziam contas de ficar na rua.

E proferia estas palavras com uma voz tão expressiva que desde logo a menina Carlota se lhe affeiçoou.

Mas o illustre doutor não lhe respondeu, por que estava na verdade abatido, e fazia as mais tristes reflexões sobre a carreira philosophica.

Pensava que o maior philosopho dos tempos modernos, o successor de Pythagoras, de Philolaus e de todos os sabios da India e do Egypto, que o illustre Frantz Matheus de Graufthal, em vez de ser recebido pelas populações com o devido enthusiasmo, em vez de ser levado em triumpho por caminhos previamente cobertos de palmas, corrêra o risco de dormir na rua e de morrer de fome, e tudo isto o entristecia profundamente. Á proporção que comia, ia recapitulando com amargura os successos da sua viagem; as pauladas de Oberbronn, o attentado de Jacob Fischer contra Bruno, as ameaças do procurador de Saverne e o ter-lhe proposto Coucou Peter irem cantar nas cervejarias. Era esta ultima circumstancia que sobretudo o amargurava até o fundo d'alma; a espaços grossas lagrimas lhe innundavam os olhos, porque já se via, como Belisario, pedindo esmola de mão estendida no canto d'alguma rua.

A principio Cocou Peter não reparou na expressão de desgosto que lhe annuviava a physionomia. Mas considerando-o quando acabou de comer, descançou o copo na mesa e disse:

— Em que diabo está pensando, mestre? Nunca lhe vi essa cara.

— É que penso, respondeu elle, que o genero humano é indigno de conhecer as sublimes verdades anthropo-zoologicas. É que penso que os povos vivem em uma funesta cegueira de que elles proprios são a causa. Foi em vão que quizemos fazer ouvir-lhes a voz da justiça. Foi em vão que tentámos, com a eloquencia e a persuação, enternecer-lhes os corações. Foi em vão que lhe sacrificámos as nossas mais caras affeições, que deixámos a casa de nossos paes, os nossos amigos, os nossos...

Mas não póde acabar; o coração enchendo-se, por assim dizer, com a enumeração d'aquellas aventuras, abafou-lhe a voz, fel-o cair sobre a mesa, e encheu-o de lagrimas.

Kasper Müller, que vinha de fechar a cervejaria, porque eram onze horas, entrava n'esse momento com uma garrafa de Wolxheim velho em cada mão. Ficou pasmado d'aquella scena.

—Então que é isso? E eu que vinha beber com um velho amigo de meu pae, acho todos consternados?

Coucou Peter deu-lhe uma cadeira e contou-lhe o que se passára.

—É só isso? disse Kasper Müller, chegou então a essa edade sem conhecer os homens! Ora! se eu tivesse de chorar por todos aquelles a quem tenho feito bem e que me pagaram com a ingratidão, tinha trabalho para seis mezes. Vamos, vamos, torne a si. Que diabo! pois está entre bons e sinceros amigos, e é agora que chora. Vá lá, uma pinga; este velho Wolxheim vae dar-lhe animo!

E encheu os copos fazendo uma saude ao illustre philosopho.

Mas Frantz Matheus estava affectado demais para se deixar consolar tão depressa; e apesar da excellencia do Wolxheim, apesar das boas palavras do seu hospedeiro, e das palavras animadoras de Coucou Peter, havia sempre no fundo da sua alma uma vaga tristeza. Só mais tarde quando Kasper Müller fez cahir a conversa sobre os tempos antigos, é que elle pareceu reanimar-se. Então o bom velho traçou as physionomias d'outros tempos com a maior perfeição, fallou na simplicidade dos costumes, na affectuosa cordealidade dos antigos habitantes de Strasburgo, na vida ingenua e patriarchal da familia. Via-se que todas as suas affeições, toda a sua alma, todo o seu coração se refugiavam n'este longinquo passado.

Coucou Peter, com os cotovellos encostados á mesa, fumava gravemente o seu cachimbo; Kasper Müller sorria ouvindo a narração de Matheus; e Carlota, sentada por detraz do fogão, dormitava, deixando a pouco e pouco pender a cabeça e levantando-a de repente.

Era mais de uma hora quando Kasper Müller se despediu do seu hospede.

Então Carlota, meio adormecida, conduziu Coucou Peter a um quarto proximo e pôde emfim ir descançar.

Frantz, que ficou só, levantou a cortina da janella, e contemplou durante alguns minutos as ruas desertas e silenciosas da cidade, os candeeiros quasi apagados e a lua derramando a sua pallida claridade sobre as chaminés.

Um sentimento indefinivel de abandono e de tristeza se apoderou de todo elle, — parecia-lhe estar só no mundo.

Deitou-se emfim murmurando uma oração, e, quando adormeceu, achou-se no formoso valle de Graufthal: ouvia os estremecimentos vagos da folhagem e o mocho negro a cantar sob as sombrias columnatas dos abetos.

E teve um bello sonho!

XXII

Os pregões dos vendedores de hortaliças acordaram Frantz Matheus ao amanhecer. Os nevoeiros do Rheno cobriam a cidade; as carroças pesadas faziam estremecer a calçada.

Que contraste com o pequeno logarejo de Graufthal, tão socegado, tão pacifico, no meio do seu valle de abetos! Ahi, apenas o murmurio vago das folhagens, o gorgear dos passarinhos, as conversas alegres das mulheres na soleira das suas portas, lhe vinham perturbar o seu repouso matutino.

Como os menores suspiros, o mais ligeiro ruido se ouvia tão bem no meio do silencio geral! Como lhe era suave scismar no grande Demiurgos, emquanto esperava que a boa e velha Martha lhe viesse trazer as chinellas!

Por muito tempo esteve o illustre philosopho encostado ao travesseiro a revêr aquella felicidade domestica, aquellas paizagens tão serenas da serra, os carreiros que se confundiam sob o matto e o suave murmurio do Zinsel correndo por entre as areias; depois o pescador subindo o curso da ribeira com a canna ás costas e a linha; o caçador encharcado pelo orvalho, voltando ao amanhecer com a carabina debaixo do braço; o carvoeiro na sua cabana cheia de fumo com o machado á cinta! O proprio João Claudio Wachtmann, com o seu pequeno chapéo de tres bicos e o seu grande nariz, figurava-se-lhe um ente privilegiado da natureza gozando d'uma felicidade incalculavel, emquanto elle, pobre, exilado, sem eira nem beira, repellido por todos, sem ter nem uma pedra em que descançar a cabeça, se considerava como o mais desgraçado e o mais abandonado dos seres. Ah! se elle não tivesse aquella alta missão a cumprir! Se não estivesse predestinado, desde a origem dos seculos, á destruição do sophisma e dos preconceitos! E quantas amarguras, quantas desgraças, quantas decepções lhe não tinha suscitado aquella alta missão! Pobre Matheus, como podia elle cumpril-a! Onde iria ao sair d'aquella casa que o abrigava? Que faria ainda n'essa mesma noite?

Foi pensando assim, que o doutor se vestiu, desceu devagar a escada e se achou na sala.

Quando entrou, estavam as janellas abertas; as criadas regavam e varriam o chão; a mulher de Kasper Müller enchia de fructos e fatias de pão os cestinhos dos filhos que iam para a escola. Esta scena animada fez-lhe esquecer um tanto as suas reflexões sobre a difficuldade de converter o universo.

Kasper Müller e Coucou Peter, sentados junto de uma das mesas pequenas da sala, receberam-n'o com exclamações de alegria. Sentiu-se mais animado.

—Bons dias, meu caro, então como passou a noite?

— Chega a proposito, mestre, vae-se almoçar.

— Sente-se, sente-se, sr. doutor. Olha, Catharina, aqui tens a pessoa de quem te fallei.

— Estimo muito conhecel-o, porque me disseram muito bem de si, respondeu ella.

Arranjaram-lhe um logar na mesa e Carlota veio com duas cafeteiras servir o café com leite.

Mas ainda n'estas circumstancias o illustre philosopho teve que notar o espirito sensual do seu discipulo.

Quando Carlota lhe serviu o café, disse-lhe elle:

— Deite-me bastante café, que eu depois lhe direi por quê.

Matheus fez-lhe um signal para que moderasse a sua gulodice, mas elle repetiu:

— E bastante leite, mas tambem lhe hei de dizer por quê.

Carlota encheu a chavena até acima; depois pôz as cafeteiras na meza e esperou explicações de Coucou Peter.

— Então porque espera? perguntou o cantador.

— Espero que me diga a razão porque me pediu muito café e muito leite.

— Ah! é porque costumo tambem servir-me de muito assucar, respondeu elle com socego.

Todos se riram da resposta e Matheus não se atreveu a censural-o alli.

Durante o almoço todos estiveram alegres. O illustre philosopho não teve tempo de reflectir nos seus futuros projectos; mas para o fim, como lhe occorresse que devia partir dentro em pouco, sem todavia saber o seu destino, a physionomia tornou-se-lhe seria e grave.

Kasper Müller, que parecia lêr-lhe no pensamento, disse então:

— Sr. doutor, ha de permittir-me uma coisa.

— Tudo o que eu puder fazer, está as suas ordens.

— Está dito. Ouça-me, então. Se se demorar n'esta terra, quero que se utilise da minha casa e da minha mesa.

Frantz fez um gesto como de quem queria levantar-se, mas Kasper Müller pôz-lhe a mão no braço e continuou:

— Ouça-me até o fim e depois me responderá. Uma pessoa de mais ou de menos, n'uma casa como a minha, não quer dizer nada.

— Nem duas, ora! —accrescentou Coucou Peter— onde comem tres, comem quatro.

Mas Kasper Müller não fez caso d'esta reflexão e proseguiu:

— Lembra-se que m'o prometteu! Se porém agora me consultasse sobre os seus grandiosos planos, dir-lhe-hia francamente que, no seu logar, voltava ao Graufthal.

Frantz olhou enternecido para Kasper, mas não respondeu. Viu-se que luctava ainda contra uma grande resolução.

— Voltava ao Graufthal, continuou Kasper Muller, em primeiro logar porque poderia alli fazer mais bem do que em outro qualquer sitio; e depois porque os homens não merecem que alguem se sacrifique por elles, porque elles nunca o entendem ou nunca o querem entender, e porque Deus ha de, logo que queira, saber illuminar os seus filhos, e porque finalmente, eu, no seu caso, doutor, julgaria ter já adquirido o direito de descançar.

(Continua).

B.

RUINAS DO CARMO

(CARTAS A FRANCISCO GOMES DE AMORIM)

II

Meu amigo.

A 14 de agosto de 1385 feriu-se nos campos de Aljubarrota a batalha mais memoravel nos fastos nacionaes. As espadas famosas do Mestre e do Condestavel asseguraram n'este dia a independencia da patria, e iniciaram o periodo aureo da nossa grandeza politica.

A epoca dos Affonsos foi apenas escola de cavallaria, rude escola, onde o portuguez se adestrou nas armas, e adquiriu na aspereza dos combates a robusta virilidade que tão galhardamente provou no reinado de D. João I. As proezas de Ourique e do Salado eram os primeiros vôos da aguia, os ensaios validos d'uma nação de heroes; Aljubarrota foi a façanha do guerreiro, que tinha a consciencia do seu direito e a segurança do seu valor.

A primeira dynastia, meu amigo, fórma o prologo da nossa nacionalidade, é o seu periodo genesiaco. As espadas alargam as fronteiras e alimpam o terreno de infieis; a lingua a custo balbucia as primeiras articulações. Mas a dynastia joannina colhe o paiz já adulto; as espadas não alargam, consolidam; a lingua traduz as manifestações do espirito em termos apropriados.

A mesma architectura acompanha as vicissitudes politicas da sociedade, encarna-se na vida intima do povo e perpetua-se como monumento. E olhe que não encontramos typo mais fiel, expressão mais genuina e caracteristica d'uma epoca. A poesia é filha do genio, e o genio não tem edade. Quem descobriu jámais uma ruga em Virgilio ou uma cã em Homero?... A historia é o reflexo do escriptor, e nem sempre a photographia d'um povo. A tradição é um ecco, e o ecco um som vago e indeciso. A architectura vale mais do que esta trindade, porque a consubstancia toda depurando-a das suas imperfeições. Ella póde ser um poema sem a ficção da poesia; tem a consciencia da historia sem a versatilidade do auctor, e é superior á tradição porque é o seu signal, o sêllo da sua veracidade. Além d'isso, é um espelho, onde se reproduzem bem distinctas as feições d'um povo; um livro, onde se registam com segurança os seus annaes. Vêde-me, por exemplo, a Sé velha de Coimbra ou a cathedral de Evora, que são incontestavelmente paginas dos primeiros tempos da monarchia. O mosteiro de Santa Maria da Victoria e o templo de Nossa Senhora do Vencimento são monumentos authenticos da epoca de D. João I e da batalha de Aljubarrota.

E eis-nos portanto outra vez em frente das ruinas do Carmo, de que lhe prometti um esboço historico. Mas mal posso desempenhar a minha promessa cabalmente, porque me fallecem tempo e saude, e só me sobra boa vontade, o que não é bastante.

O templo de *Nossa Senhora do Vencimento*, que é hoje todo ruinas, foi edificado pelo Condestavel na descida oriental d'um dos montes em que assenta Lisboa, ficando em correspondencia com o do Castello de S. Jorge. A sua fabrica se concluiu em cerca de trinta annos, pois começando em 1389 veio a concluir-se em 1422. Na batalha de Aljubarrota, dada na vespera da Assumpção da Virgem, fez Nun'Alvares o voto de erigir-lhe este templo, que por isso tomou o nome de *Senhora do Vencimento*. Esta é a opinião corrente e mais verosimil, mas por alguns impugnada, attribuindo uns esta fundação á victoria de Valverde, outros a milagres do ceo, estes á devoção sómente do Condestavel, aquelles á sua conversão, com que, despindo a couraça de guerreiro, se amortalhou no habito de religioso. Mas todos se conformam em que aos favores e mercês da Virgem devêra o fundador a inspiração de tão insigne fabrica. Ora a mercê assignalada da Virgem, a corôa de todos os seus favores, foi enramar-lhe a espada de louros na batalha de Aljubarrota, e isto na vespera do dia em que a egreja celebra um dos seus mysterios. Postos frente a frente os dois exercitos, desproporcionados no numero porque o castelhano excedia a trinta e tres mil soldados e o portuguez não chegava a sete mil, desiguaes nas armas porque a artilheria inimiga troava pela primeira vez no reino, o vencimento foi julgado como milagre da Providencia. E assim o reconheceram os dois valentes caudilhos portuguezes, levantando em memoria da peleja e honra da soberana protectora el-rei D. João I o mosteiro de *Santa Maria da Victoria*, e o Condestavel o templo de *Nossa Senhora do Vencimento*.

Ha poucos mezes um erudito hespanhol, o sr. C. Ximenez de Sandoval, publicou em Madrid uma notavel monographia historica, *Batalla de Aljubarrota*, estudo critico-militar que honra a sua imparcialidade na apreciação de um facto que foi desastroso para a sua patria. No seu livro falla tambem do convento do Carmo; e ainda que não siga a opinião de Jorge Cardoso e Manuel de Faria e Sousa e d'outros, encostando-se á de frei José Pereira de Santa Anna, que não baseia a origem do convento na victoria de Aljubarrota, comtudo não se exime de enumerar esta fundação entre outras dedicadas áquella

batalha, por ter sido obra do Condestavel e a sua ultima residencia [1].

Seja porém como fôr, o Condestavel epilogou a sua vida condignamente com esta veneranda edificação, que por mais de tres seculos foi admirada e respeitada de nacionaes e estrangeiros, e que ainda hoje nas suas ruinas é monumento d'arte e padrão de gloria como precioso specimen de architectura gothica e recordação do glorioso reinado *de boa memoria*.

A 16 de julho de 1389 se abriram os alicerces do templo com toda a solemnidade, prevenidas as licenças do rei e bullas do papa, e *sobre o sitio melhor da cidade* (como diz o *Agiologio Lusitano* [2]), campeou por fim com magestoso donaire a sacrosanta casa da Virgem. Era esta a melhor cidadella, o mais nobre capitolio dos triumphos navaes da rainha do Oceano. Os horisontes eram extensos, os panoramas variados. Além de se descobrir uma grande parte da cidade, dilatando-se os olhos para o meiodia, descançavam agradavelmente sobre o limpido cariz do Tejo, vendo-o coberto de basta floresta de navios; as naus de guerra estacionavam sobre as ancoras, as embarcações ligeiras, faluas e bergantins, sulcavam a corrente em differentes direcções. Da banda do norte o paiz era delicioso, matizado de casas de campo e bordado de odoriferos pomares, hortas e jardins, que na primavera com flores e no estio com verduras compunham um quadro amenissimo [3]. É o que dizem as chronicas do tempo, e que ainda hoje se vê em grande parte.

A fabrica foi sempre melhorando successivamente, accrescentaram-se capellas, substituiram-se e melhoraram-se muitos trabalhos e alfaias, e com o correr do tempo parece que tão primoroso sanctuario chegaria a tocar o zenith da grandeza. No 1.º de novembro de 1755 toda esta maravilhosa construcção, como obra fragil do homem, foi destruida pelo temeroso terremoto! Celebrava-se missa alta manhã, e o templo apinhava-se de fieis, quando, rebentando o furioso cataclysmo, se abriram as formosas naves e se fenderam as solidas paredes, desabando o edificio e sepultando sob as suas ruinas innumeras victimas!

Poupar-lhe-hei a descripção minuciosa da casa e templo na epoca antiga, e só lhe apontarei os dimensões que ainda conserva [4]:

Comprimento da porta ao altar mor	327	palmos
Largura das tres naves	100	»
Altura do templo	112	»
Vão dos arcos que separam as naves	27	»
Largura da capella mór................	30	»
Largura do cruzeiro...................	40	»

Emquanto ao aspecto geral da egreja, reporto-me ás gravuras conhecidas. A capella mór e collateraes, que, segundo os chronistas, representavam *uma inexpugnavel e soberba fortaleza*, levantavam-se do chão em cinco corpos semi-circulares por entre reforçados pilares de cantaria lavrada, que assentavam sobre escarpas firmissimas. São estes os restos principaes que ainda hoje existem.

A historia do convento do Carmo e da sua magestosa egreja anda tratada em muitos livros, tanto nos agiologios e chronicas antigas, como nos jornaes contemporaneos. Os primeiros desenvolvem miudamente a sua fundação e progressos, os segundos tratam das ruinas que deixou o terremoto. E uns e outros são o ecco da profunda veneração, que a todos os portuguezes mereceu sempre esta obra do Condestavel. O valor de Nun'Alvares, immortalisado nos golpes da sua espada e nas pelejas homericas da independencia, reunido com a piedade dos seus ultimos annos, grangearam-lhe popularidade extraordinaria. O povo o cantou nas suas trovas e festejou nos seus folguedos; e a sua imagem veneranda sobresae nos nossos fastos como um dos deuses indigetes, tão fallados nas epocas remotas.

Mas advirtamos ainda mais. Dois sentimentos poderosos e unicos, a religião e o patriotismo, crearam o nosso reino, desenvolveram-n'o e sustentaram-n'o em mais de sete seculos. A cruz da espada de Affonso Henriques arvorou-se em labaro, e é ainda hoje, a despeito de elementos deleterios, o mais solido fundamento da nacionalidade portugueza. O esforço do nosso braço, avigorado pela fé, realisou prodigios, não os prodigios das lendas, mas os milagres da historia. Ao lado d'uma batalha eleva-se um templo, isto é, o valor e a piedade unem-se em laço estreito, e d'esta união resulta a nossa grandeza. Por isso a egreja de Nossa Senhora do Vencimento tem, além da significação religiosa, a commemoração politica, mas politica que é tambem uma religião, o amor da patria.

Dizia o nosso Garrett, e dizia muito bem, que é preciso crer em alguma cousa para ser grande — não só poeta — grande seja no que fôr. Mas Garrett fallava do Dante, do Goethe, do Camões. E se o fervor da crença dá a immortalidade ao homem, tambem a dá ao povo que fórma a sua Iliada com batalhas e descobertas.

Eu bem sei que ha hoje uma sciencia mephistophelica que de tudo ri, mas a *duvida* que ella gera e que vae lavrando no presente, é mil vezes peior do que o chamado *fanatismo* do passado. N'estes casos, confesso que me quero antes com a credulidade das creanças, do que com o scepticismo dos philosophos. A fé, que funda imperios, vale bem mais do que o cynismo, que os desmoralisa.

Curvemo-nos portanto diante das ruinas do Carmo, e se não podemos imitar nem o valor que originou a sua construcção, nem a arte que a dirigiu tão elegante e perfeita, não neguemos ao menos o tributo do respeito ao que é de si verdadeiramente grande.

E ponho ponto, meu amigo; desejava alongar-me mais, mas não posso. Desculpe as minhas imperfeições á conta da minha muita amizade. Adeus.

Coimbra, 20 de março de 1873.

A. A. DA FONSECA PINTO.



[1] «No puede, pues, considerarse este edificio como los anteriores, dedicado exclusivamente á dicha batalla; mas, teniendo presente la fecha en que él lo determinó, la probable certeza del voto de erigir á la Virgen un templo digno de su culto; y la consideracion de que las honras y mercedes que de ella creyó recibir fueron en esa guerra, cuyas acciones principalmente señaladas y gloriosas para él son las de Aljubarrota y Valverde, no será despropósito darle lugar en nuestra reseña, cuando, por otra parte, es allí donde cambiando el guerrero y el opulento señor la armadura por el hábito de la órden del Cármen, pasó en oracion los postremos años de su vida.» C. Xim. de Sandoval, *Batalla de Aljubarrota*, pag. 271.

[2] Jorge Cardoso, *Agiol. Lusit.*, tom. III, pag. 215.

[2] Fr. José Pereira de Santa Anna, *Chronica dos Carmelitas*, tom. I, pag. 562.

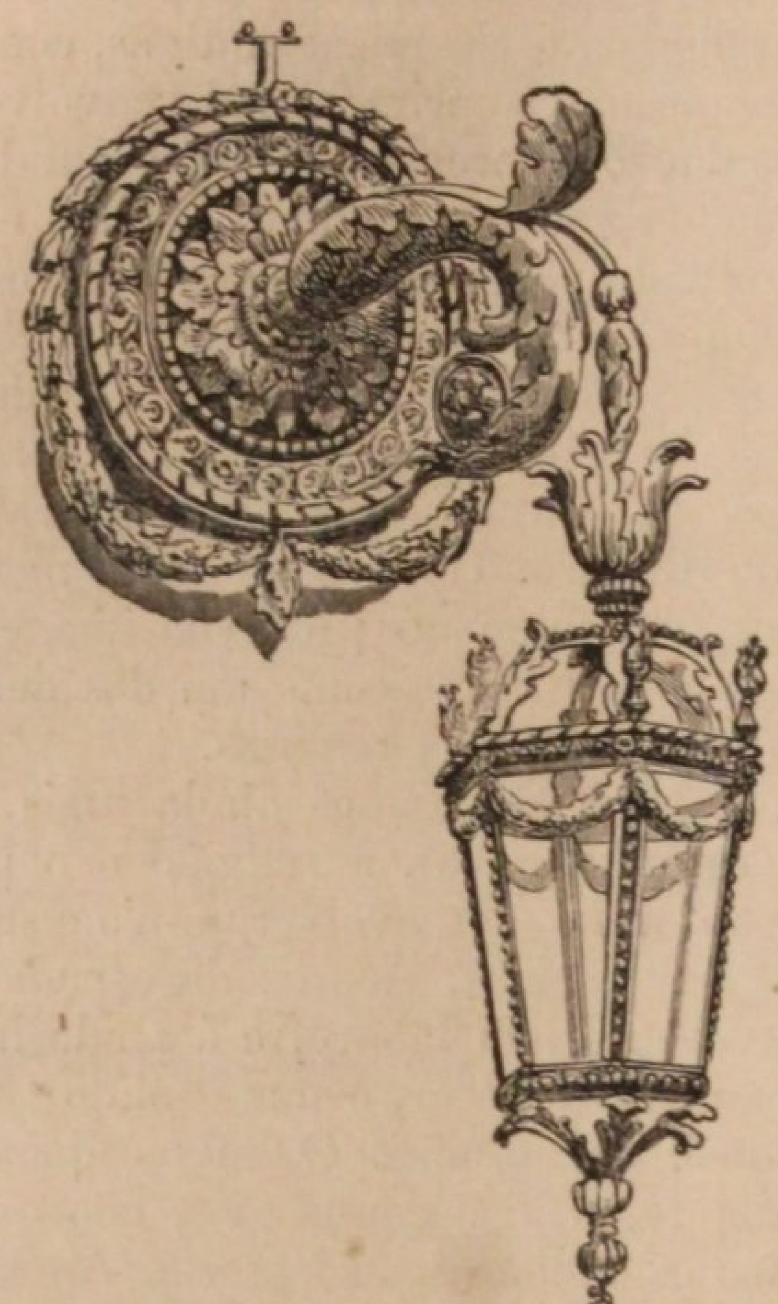
[4] Póde ver-se o *Panorama*, 1.º vol. (1837) pag. 4.

PRECIOSIDADES ARTISTICAS

—

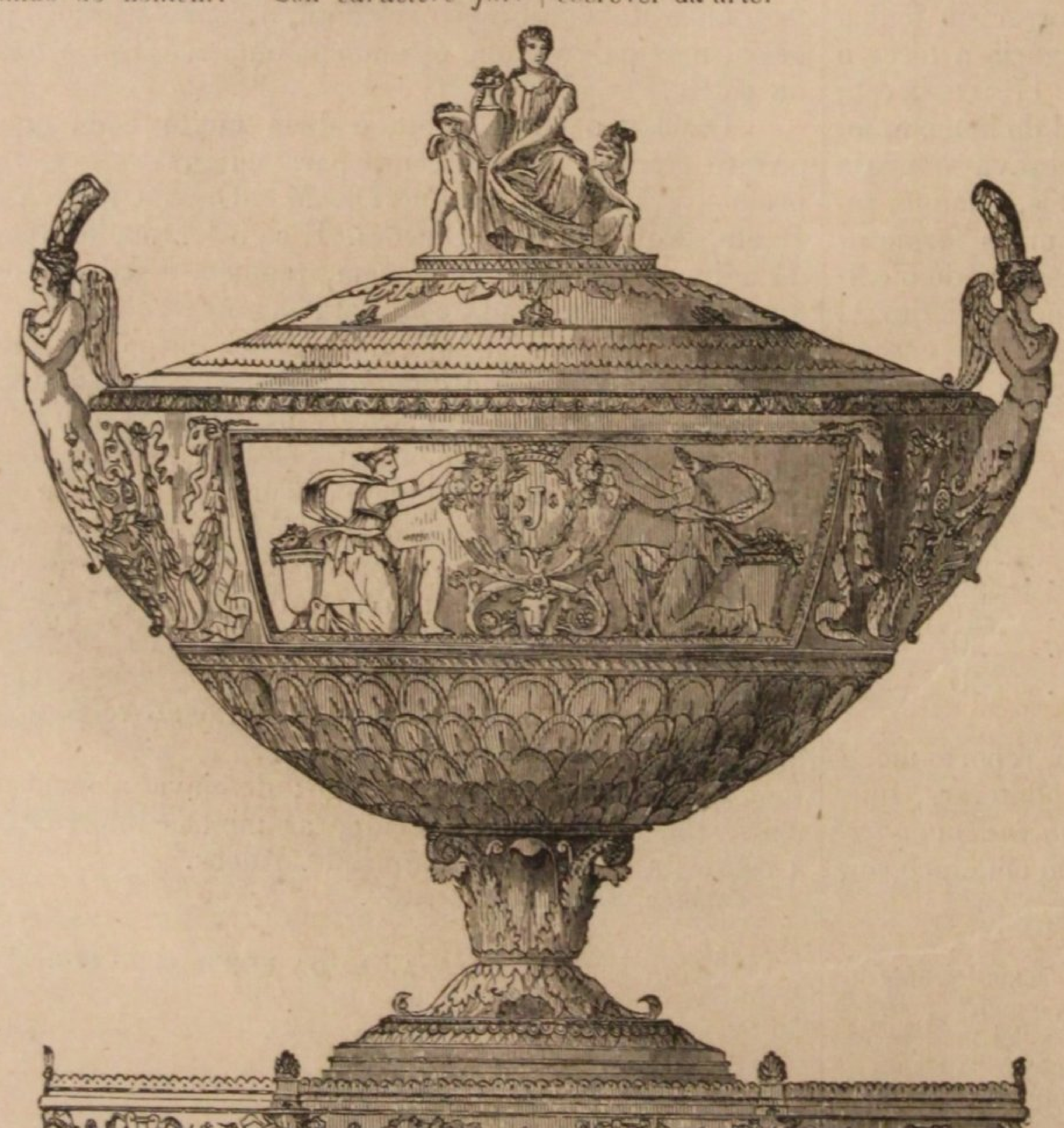
Na arte existe um elemento de belleza, que, por assim dizer, a determina e define. É o seu *caracter*. Por elle conhecemos não só a epoca, mas tambem a nacionalidade do producto.

Em muitos casos, chega a evidenciar-nos o auctor.



N.º 1 — Lampada e florão de ferro

La Bruyère disse conceituosamente, fallando do homem: — *Son caractère jure pour lui.* Quasi que o mesmo poderiamos escrever da arte.



N.º 2 — Assucareiro de prata

Nos variados exemplares que apresentamos agora, e que são referentes ao gosto artistico, tanto dos tempos antigos como das eras medivaes, a belleza positiva da obra não impressiona tanto como o seu cunho accentuado e especial.

N'um podemos reconhecer o periodo de decadencia, n'outro um arraiar de afoutas



N.º 3 — Lécytho attico

idéas, e n'alguns o caminhar atravez de uma serie já de conquistas.

Conhecem-se os lavores de raças que, á mingua de faculdades plasticas, não con-



N.º 4 — Vaso oscense

seguiram reproduzir as fórmas correctas e puras da arte grega, como se podem assignalar barreiras, e mostrar d'onde começaram a apparecer alvores d'essa graciosa

e preciosissima *faiança*, ou louça de barro esmaltado, no desenho e ornamentação da qual o proprio Ticiano pôz mão, em honra ao



N.º 5 — Castiçal de bronze

duque Affonso de Este. N'outra parte vemos um *specimen* d'aquella famosa louça franceza conhecida pelo nome de *Rei Henrique II* —



N.º 6 — Almofada em obra de talha

Roi Henri Deux — manufactura tão peregrina, que a sua origem e desenvolvimento foi por muito tempo desconhecida da historia.

As nossas gravuras grupam-se nas diversas provincias tanto da esculptura em metal e na de madeira, ou obra de talha, como



N.º 7 — Vaso de Ferrara

propriamente na da olaria. Podemos collocal-as n'um cyclo, a datar pela indole, do terceiro ou quarto seculo antes de Christo,



N.º 8 — Bule de louça de barro «Henri deux»

terminando no oitavo, esse momento fatal da decadencia da arte.

Além de tudo, o que estes monumentos trazem em si, é a

asseveração de muitos factos sociaes, e de como as necessidades de occasião promoveram uma singular variante nos costumes.

As contendas militares entraram n'isto por maior. As baixellas de prata, *batterie de cuisine*, fundiram-se para occorrer á soldada dos mercenarios. A nobreza da França, e illustres principes italianos, despojavam as suas mezas de maravilhas antigas, e concediam ao barro quasi que foros realengos. É que o duque de Lorena, para bater o seu adversario em Nancy, pagára aos combatentes com as taças e bandejões dos seus maiores: do mesmo modo que Affonso de Este deitára á fornalha os seus primores incomparaveis, para que esse veio de ouro fundido pudesse alimentar a guerra contra o papa.

Piccolopasso, na sua *Arte de oleiro*, diz que este principe inventou, ou foi pelo menos o primeiro que empregou um delicado esmalte, chamado *branco de leite*.

Dando agora começo á apresentação das nossas gravuras, seja a primeira um florão e lampada de ferro (n.° 1) extrahidos da collecção Monbrisson.

Na quadra do seu fabrico, isto é, do reinado de Luiz XIV á revolução, o esmorecimento do bom gosto na arte torna-se sensivel. D'aqui resulta difficuldade em descobrir o artista.

O vaso que se segue (n.° 2) é um assucareiro de prata, feito no primeiro quartel d'este seculo, por Bienvais, famoso na ourivesaria. O desenho é obra de Percier. Nota-se n'este objecto uma especie de estylo classico, sem largueza nem elevação, apropriado ao falso gosto da epoca, não obstante as suas prendas de harmonia e até mesmo de elegancia.

Temos seguidamente (n.° 3) um *Lécytho attico*, reliquia dos melhores dias da arte grega. A parte inferior, a aza, e o remate ou gargalo, são d'aquelle escuro bellissimo, a que, na côr, e só n'ella apenas, póde ser comparavel a louça preta de basalto por Wedgwood. O corpo do lécytho, ou garrafão para oleos, é pintado a branco e cinzento; e o desenho é a imitação, pela singeleza das linhas e immensa força de verdade, d'aquelles monumentos em que os gregos assellaram a enorme superioridade da sua concepção artistica. Sabemos, pelo testemunho de Aristophanes, que um lécytho de mão de mestre (como por exemplo o da nossa copia, que é não só uma obra prima de olaria, mas que se recommenda pela graça da pintura), podia ser comprado por uma quantia não excedente a tres tostões.

O pequeno jarro etrusco (n.° 4) parece ser um arremedo oscense — de Huesca ou Osca — em que se busca rastrear o fino gosto da olaria grega. Figura elle um assumpto religioso ou mythologico em que, n'um desenho trivial, se mostram as ancilas conduzindo objectos domesticos. O periodo caracterisado é de um profundo desabamento da arte.

A fórma do vaso é secca e desengraçada, e contrasta frisantemente com a leveza gentil do lécytho.

O castiçal de bronze (n.° 5) da collecção Nolivos, pertence ao seculo XVI, mas o nome do auctor é desconhecido, como tambem o da lampada e florão de ferro (gravura n.° 1). Ha muita elegancia no que constitue verdadeiramente o corpo do castiçal, porém a largura da base é desproporcionada e denota excessivo pezo.

Os arabescos e laçarias d'este painel ou almofada (n.° 6) revelam a esculptura em madeira, ou obra de talha, no seculo XVI. É escolhida de entre as da collecção Bonaffe.

A urna (n.° 7) é de *faiança* de Ferrara, manufactura que principiou e se desenvolveu sob os auspicios do duque Hercules I, no declinar do seculo XV. É uma formosissima obra de arte, tanto nas linhas como no luxo da ornamentação. O desenho d'este vaso é que se attribue a Ticiano, e em similhante supposição nada ha de incongruente, porque as caprichosas bellezas da taça, e a abundancia imaginosa das figuras, podem muito bem ter saído da phantasia do grande pintor veneziano.

O n.° 8 é um bule de louça *Henri deux*. Esta fórma usada ainda hoje na Italia, parece ser a antecessora da dos bules ou *biberons* modernos.

Estas amostras da arte industrial, representada pelos melhores mestres, hão de ter sempre, além da valia que lhes é propria como fragmentos da historia, a que resulta das suas qualidades, como exemplos de belleza artistica.

ANTIGUIDADES

COMMUNICOU mr. Waddington, á Academia de França, promenores do maior interesse relativos ás escavações feitas pelos inglezes para encontrarem o celebre templo de Diana, reputado, na antiguidade, uma das sete maravilhas do mundo. Mr. Waddington foi buscar a maior parte d'estes promenores a uma carta de mr. Wood, e submetteu ao mesmo tempo á Academia um plano do templo traçado, não em virtude de conjecturas mais ou menos racionaes, mas segundo os resultados alcançados em consequencia das escavações.

Omittindo a parte descriptiva, pois que não é possivel apresentar o plano que a torna intelligivel, daremos alguns dos principaes esclarecimentos que se encontram na referida carta.

O templo tinha de largura 173 pés inglezes (o pé inglez regula por — 0,304) e de comprimento 308 pés. Á roda havia uma plataforma de 9 1/2 pés de alto, á qual se subia por uma escada de dez degraus. O templo tinha cem columnas, duas das quaes, pelo menos, eram da fórma mais antiga que se conhece. Descobriram-se vestigios do primeiro templo — o que foi queimado por Erostrato. As paredes, que eram de marmore, tinham 6 pés de espessura; para o segundo templo fizeram-se as paredes mais espessas pela addicção de novas enxilharias de ambos os lados.

O segundo templo foi destruido no terceiro seculo da era christã pelos godos ou scythas; os materiaes foram mais de uma vez empregados em construcções levantadas na localidade. O que porém acabou de destruir o monumento, foi a edificação de uma egreja no mesmo sitio onde esteve o templo.

Mr. Wood remetteu o plano, que não passa por emquanto de trabalho provisorio, sollicitando á Academia que o arrecade no archivo. Trata-se para mr. Wood do direito de prioridade ao descobrimento, propondo-se elle a dirigir ulteriormente áquella illustre reunião de sabios, todos os documentos relativos ás escavações e aos seus resultados.

Mr. Waddington crê que a Academia corresponderá devidamente á homenagem que lhe prestou o sabio estrangeiro, patenteando-lhe officialmente a sua satisfação.

Em Athenas tambem se fez ultimamente um descobrimento bastante curioso para os antiquarios.

Morreu ha annos em Valachia um grego muito rico, chamado Leppa, deixando uma avultada somma destinada a fazer resurgir os jogos Olympicos, modificados conforme as exigencias da sociedade moderna. Depois de largas discussões, resolveu-se erigir para este fim um edificio em Athenas, entre o jardim do palacio e o templo de Jupiter Olympico.

Encontrou-se primeiro ao cavar o terreno escolhido para a construcção, bocados de mosaico do tempo dos romanos e paredes de data mais moderna construidas de pedra ordinaria e argamassa.

Estes achados não animaram a maiores investigações. Ha pouco tempo, porém, os operarios que andavam escavando o terreno para os alicerces da futura edificação, encontraram vestigios de uma construcção antiga e os troncos de duas estatuas maiores que o natural. A estatuas, uma de homem, outra de mulher; foram desc

bertas apenas a 1 metro e 40 centimetros de profundidade, em sitio onde o terreno sobe suavemente para uma collina. É fóra de duvida que são ambas da epoca dos romanos. As mãos e os pés estão quebrados, mas o que resta, basta para indicar que ellas representavam divindades: Esculapio e Hygia provavelmente.

As pernas da estatua de Esculapio foram encontradas, separadas do tronco, assim como tres fragmentos dos braços da de Hygia.

Representava-se esta deusa tendo sobre o hombro uma serpente e segurando n'um vaso em que o reptil mergulhava a cabeça. Nas escavações acharam-se muitos fragmentos do corpo da serpente.

CHRONICA DO MEZ



Fallar dos acontecimentos do mez, n'uma publicação em que a politica e os factos completamente estranhos ás artes e á litteratura, não são bem olhados nem mesmo admissiveis, equivale a tratar constantemente dos mesmos assumptos, isto é, a referir com a brevidade que a secção exige, o que occorreu pelos theatros e o que se publicou pela imprensa.

Pois que não posso entoar hymnos á Providencia pela magnanimidade com que fez crescer uma e engordar outra das duas francezas que tem estado em exposição na rua do Oiro, nem tão pouco me é permittido citar outros successos considerados profanos dentro d'estas columnas, limitar-me-hei a tratar, como nas revistas anteriores, de theatros e de livros.

Foi dos mezes mais ferteis em espectaculos notaveis o mez que findou.

N'uma noite reapparece no Gymnasio um dos primeiros talentos da scena portugueza; n'outra faz o seu beneficio de escriptura em D. Maria II um artista novel, mas de vigorosa intelligencia; mais tarde é a festa artistica de uma actriz de merito transcendental, com uma comedia de Molière.

Foi no drama em cinco actos—*A côrte na aldeia*, extrahido pelo sr. José da Silva Mendes Leal da bonita comedia franceza *Les ivresses ou la chanson de l'amour*, que a actriz Emilia das Neves se apresentou de novo em publico, depois de haver estado por alguns mezes completamente retirada dos trabalhos scenicos.

Toda a imprensa periodica saudou a reapparição da eximia actriz, que tem sido sempre muito applaudida por numerosos espectadores, cabendo igual honra aos demais artistas que dignamente a acompanham na primorosa execução do drama em que se estreiou no Gymnasio.

A *Côrte na aldeia* é composição conhecida do publico de Lisboa, que a viu representar ha annos no theatro de D. Maria II. Filiada na escola que póde considerar-se de transição do romanticismo para o naturalismo, tem scenas bem traçadas e de seguro effeito. Os primeiros actos correm friamente, porque a exposição da peça é longa; no terceiro acto porém, e principalmente no quarto e quinto abundam as situações calculadas para enthusiasmar as platéas, sendo todavia algumas do ultimo pouco verosimeis.

A linguagem é sempre fluente, imaginosa e correctissima, como tudo que sae da esclarecida penna do sr. Mendes Leal, escriptor fecundo e de muito saber, a quem o theatro portuguez tão relevantes serviços deve.

O actor Alvaro fez o seu beneficio em D. Maria II com a comedia n'um acto, primorosamente traduzida pelo sr. Ferreira de Mesquita—*Luiz XI e o poeta*, e com o drama em quatro actos—*O bastardo*, excellente versão do sr. Tito de Carvalho.

A primeira comedia é um episodio interessante da vida de Luiz XI, o rei perfido, vingativo, cruel, supersticioso e desconfiado. O episodio succede com Pedro Gringoire, celebre poeta satyrico d'aquella epoca, o qual, segundo a ficção tecida pelo auctor, é obrigado a inspirar amor a uma donzella, durante o curto espaço de meia hora, para salvar a vida que arriscara escrevendo versos offensivos á pessoa do rei.

Esta peça teve excellente desempenho no primeiro theatro portuguez, e foi posta em scena com muito esmero pelo ensaiador o sr. José Carlos dos Santos. O publico applaudiu-a muito.

O *Bastardo* é composição dramatica bem architectada, mas onde se encontram bastantes materiaes já usados em trabalhos d'aquella ordem. No entanto, é dialogada com vigor, tem idéa moralisadora e scenas traçadas com verdadeiro talento. A do quarto acto, em que o filho bastardo exprobra ao pae o abandono a que o votou, fazendo d'elle um perverso em vez de o tornar homem de bem e util á sociedade, é perfeitamente bem escripta, e presta-se a que dois actores patenteiem os seus recursos artisticos.

Todos os actores representaram bem o drama, recebendo o beneficiado paga condigna dos esforços que tem empregado para desempenhar satisfatoriamente o logar que está occupando entre artistas de primeira ordem.

Molière está em moda nos theatros de Lisboa.

Ao *Medico á força* succede o *Tartufo*, a este segue-se o *Avarento*.

Representou-se esta excellente comedia, considerada uma das melhores do vasto repertorio do celebre auctor francez, em beneficio da actriz Delfina, comediante de superior talento, que honra sobremaneira o nosso theatro.

A apreciação da peça está feita ha muito pelos principaes criticos de todos os paizes, e na propria traducção portugueza do sr. visconde de Castilho poderá encontrar o leitor uma extensa analyse escripta pelo sr. Mendes Leal, na qual se põem em relevo os merecimentos da obra e os da traducção, que tanto uns como outros são muitos.

Ninguem ignora que a peça original é escripta em prosa e a traducção feita em versos primorosos, como os sabe fazer o auctor do—*Amor e melancholia*.

O desempenho do *Avarento* no theatro da Trindade foi regular, sobresaindo o actor Ribeiro, que executou o papel principal dando realce ás principaes situações, e a actriz Delfina que representou com a maior verdade e a mais fina observação do natural, o papel que lhe pertenceu. Não escacearam portanto os applausos a esta distinctissima actriz, que bem os mereceu pelos seus anteriores trabalhos e pela nova creação que em a noite do seu beneficio apresentou ao publico.

Em S. Carlos deu-se mais uma opera nova, nova para Lisboa, pois que para quasi todos os theatros lyricos — *A força do destino* é peça antiga.

Como a maior parte das peças de Verdi a—*Força do destino* agradou logo na primeira representação, obtendo espontaneos e unanimes applausos.

O *libretto* é extrahido do drama hespanhol do mesmo titulo, representado em Madrid no anno de 1835, e de que é auctor o duque de Rivas. A acção é por vezes absurda, mas presta-se a effeitos scenicos e musicaes que o celebre compositor soube aproveitar maravilhosamente.

Notam-se na opera além de algumas longuras, bastantes reminiscencias de outras composições, o que é muito commum em grande parte dos trabalhos de Verdi. Os trechos principaes são a romanza da dama no primeiro acto, o *racconto* do barytono, a canção da cigana, a romanza da dama e o coro final do segundo, a romanza do tenor, a cançoneta do vendilhão e o *rataplan* no terceiro, o duetto do tenor e do barytono, e o final do quarto acto. O papel de fr. Militão, proprio para alegrar o drama, que é cheio de tristuras e horrores, dá um tom de opera-comica á composição, que me parece destoar um pouco da severidade propria das partituras d'aquella ordem.

Verdi refundiu a opera que primeiro escreveu com o titulo de—*Força do destino*. A de S. Carlos é a segunda, que encerra, conforme a opinião geral, mais bellezas que a da primitiva, em-

bora haja n'esta um duetto que muitos julgam melhor do que o equivalente na partitura que ouvimos.

O desempenho é bom por parte de todos os artistas, que são os primeiros da companhia.

Nos demais theatros tambem se tem dado espectaculos novos.

No do Principe Real subiu á scena uma peça original do sr. Varella, intitulada — *João Brandão*, que pouco engenho dramatico encerra, e que é apenas uma revista dos factos ligados á vida tristemente celebre d'aquelle homem, hoje degredado em terras de Africa.

No da rua dos Condes deu-se uma oratoria original do sr. Salvador Marques da Silva, denominada — *Santa Quiteria, a martyr christã*, que está bem posta em scena e tem attractivos bastantes para chamar a concorrencia, não sendo os menos notaveis as scenas pintadas pelos acreditados scenographos, os srs. Procopio e Lambertini.

Livros de bastante merecimento viram a luz da publicidade durante este mez.

O primoroso estyllista o sr. Latino Coelho publicou em volume alguns trabalhos que fez em tempo para a Academia das Sciencias, e aos quaes pôz o titulo de — *Elogios academicos*. Escusado é encarecer o merecimento d'este livro, que tem logo na primeira pagina a melhor das recommendações — o nome do auctor. Haja vista a curiosidade e o interesse com que o publico o tem procurado.

Scenas Contemporaneas chamou o sr. Claudio José Nunes a uma collecção de bellissimos versos em portuguez e francez, publicados em luxuoso volume editado pela casa Rolland & Semiond, e antecedidos de um notavel juizo critico do sr. Latino Coelho.

O sr. Claudio José Nunes é um dos nossos bons poetas; quasi todas as suas composições teem idéa moral e proficua, atiladamente desenvolvida e ornada com as brilhantes galas de um estylo imaginoso e apropriado.

A imprensa periodica recebeu o novo livro do sr. Claudio com as maiores honras.

O sr. Antonio Francisco Barata enviou-me um folheto denominado — *Vasco da Gama*, e um volume impresso em Coimbra, intitulado — *O Manuelinho d'Evora*.

No poema canta o auctor as famosas glorias do celebre descobridor do caminho da India; no romance recorda os esforços feitos pelos eborenses para se libertarem do terrivel jugo castelhano.

A parte ficticia do romance é agradavel e interessante, a historica acertada e instructiva. O assumpto é o mesmo do drama representado ultimamente no theatro de D. Maria II — *O louco de Evora*, com a differença, porém, de que no romance procurou o auctor acatar a historia e cuidar a linguagem, ao passo que no drama apenas se observa habilidade em quem o escreveu para armar aos effeitos que arrebatam as platéas.

Do sr. Xavier Machado recebi mais um escripto que se intitula — *A razão*. É uma analyse á velha questão suscitada pelo folheto do *Homem-mulher*, que tanto ruido fez no mundo litterario e a que pôz termo a queda monumental da *Mulher de Claudio*, comedia de Alexandre Dumas, a que o tal folheto servia de prologo.

Por fim citarei o novo livro do sr. barão de Roussado — *Entre estrangeiros*.

Estão ainda na memoria de todos os espirituosos folhetins do sr. Manuel Roussado, publicados nos principaes periodicos de Lisboa e lidos com avidez pelos que preferem a graça scintillante de alguns periodos ligeiramente delineados, á irreprehensivel correcção de uma prosa embiocada e fastidiosa.

É a esses que eu recommendo o novo livro do sr. barão de Roussado, affirmando-lhes que a longa persistencia do auctor em paizes estrangeiros, ainda não lhe fez perder a graça portugueza que tão interessantes e agradaveis tornava todos os seus escriptos.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

═══ Encontrou-se na cidade de Colonia, em casa de um particular, o precioso esboço de um dos mais celebres quadros de Rubens, pertencente á egreja de S. Martinho de Alost e do qual ha uma gravura magnifica, hoje rara, de Paulo Pontins. O esboço representa os *Pestiferos invocando S. Roque* e tem mais figuras do que o quadro, que mede cinco metros de altura.

═══ No Museu do Louvre abriram-se mais tres salas onde figuram muitos quadros de que o publico e os artistas estavam privados ha annos. Os principaes são: *A peste*, de Van Ostade; *Santo Agostinho*, de Gaspar de Crayer; *Christo morto*, de Van Mol; *Magdalena aos pés de Christo* e o *Retrato de Luiz XIII*, de Filippe de Champaigne; *Venus e o Amor*, um *Retrato* e o *Boi esfolado*, de Rembrandt; *Venus e Vulcano*, dois *Retratos* e *S. Sebastião*, de Van Dyck; a *Ceia* e o *Retrato de Maria de Medicis*, de Porbus; o *Almirant Tromp*, de Jordaens.

═══ No Brazil publicaram-se as seguintes obras:

Mimi, romance pelo sr. dr. José Tito Nabuco de Araujo.

Arremedos, collecção de lendas e canções populares pelo sr. dr. João Salomé de Queiroga.

Cantos do retiro, livro de versos pelo sr. Fernando de Mattos.

O sr. dr. Benjamin Francklin Ramires Galvão reimprimiu a *Prosopopeia de Bento Teixeira*, obra de grande valor historico, e de que não ha, segundo parece, senão dois exemplares, um na Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro e outro na Bibliotheca publica de Lisboa.

═══ Na galeria de quadros do castello de Fachna, pertencente ao barão Stakelberg, descobriu-se um quadro de Holbein, o novo, cuja assignatura fixa definitivamente o nascimento do celebre pintor. Foi em 1497.

═══ O paisagista francez Alexandre Gosselin poz termo á vida enforcando-se em sua propria casa. Tinha sessenta annos de edade. Ignora-se a causa de tal acto de desespero.

═══ Cabanel, o celebre pintor francez, manda á exposição de Vienna um quadro decorativo, que havia sido encommendado para o pavilhão de Flora nas Tulherias, e é agora destinado ao tecto da grande escada que conduz ao Museu pela outra extremidade da grande galeria. Alguns baixos relevos de Guillaume devem, conforme o projecto de M. Lefuer, acompanhar a decoração de Cabanel.

═══ Anda por dois mil o numero de expositores francezes não admittidos no grande certame de Vienna, por falta de espaço.

═══ Em Bruxellas vae abrir-se uma exposição internacional de obras de arte pertencentes ás escolas antigas dos Paizes-Baixos, á qual muitos inglezes possuidores de quadros e a propria rainha de Inglaterra prometteram enviar as collecções que possuem. Em Amsterdam tambem vae haver uma exposição retrospectiva, comprehendendo tudo quanto as grandes collecções hollandezas possuem de melhor em ourivesaria, louças, esmaltes, etc.



Typ. Sousa & Filho — Rua do Norte, 145



A CHAVENA PARTIDA.

Desenho de Burfield.

ARTES E LETRAS



LISBOA — ABRIL DE 1873

MORTE DE D. LOURENÇO DE ALMEIDA



POGRÁRA Vasco da Gama descobrir um novo caminho para a India; alcançára amostras dos productos do Oriente sem passar por terras do arabe ou do persa e sem necessitar dos navios de Veneza. Obtivera realisar o pensamento dominante de algumas gerações, as esperanças de um reino e as previsões dos sabios; conseguira, no dia 20 de maio de 1498, lançar uma ponte de Lisboa a Calecut e vir depois entregar ao senhor rei D. Manuel as primicias da India, e o oiro de Quilôa que o successor de D. João II manda transformar na monumental custodia de Santa Maria de Belem.

Estava satisfeito o sonho glorioso do gloriosissimo grão-mestre da ordem de Christo; — na egreja da Batalha, sobre o tumulo do infante D. Henrique, deviam ajoelhar reverentes, os que oppunham razões de ordem e de conveniencia aos incitamentos de Pedro Nunes, e dos varões que illustraram a escola de Sagres, para que não houvessem de proseguir as navegações e descobrimentos, que ainda hoje são o mais honrado titulo e o melhor direito á soberania e independencia do pequeno reino de Portugal.

As armadas haviam seguido a rota do S. Gabriel; e os capitães móres, desfraldando a bandeira da ordem de Christo e expondo a cruz da redempção nas velas das naus e galeões, devassavam os mares *nunca d'antes navegados*, e proclamavam bem alto a audacia e ousadia portugueza.

Cumpria atar os laços das novas amizades, que povos e reis nos offereciam, por admiração ou temor; conservar em respeito os que prejudicados em suas explorações commerciaes, aleivosamente nos moviam ciladas e traições, e tambem oppôr a lucta e a força contra os que contrarios se mostravam aos pacificos intuitos com que diligenciavamos estabelecer-nos no Oriente.

Isto urgia fazer. Não o conseguiam porém os esforços separados e diversos; instava que um pensamento unico dirigisse e governasse todos os commettimentos, que um systema raciocinado regesse e ligasse todas as vontades, discordes muitas vezes nos meios de alcançar victoria dos inimigos.

Era por tanto indispensavel eleger e nomear quem provesse de prompto a tudo, quem por todos pensasse e fosse obstaculo ou remedio aos perniciosos males que poderiam resultar da desharmonia, onde o accordo mais de que tudo se necessitava.

Não rareavam então em Portugal os homens sobre que podia recair acertada escolha para o mando e para a guerra, mas devia ella ajustar em varão que ás qualidades cavalleirosas dos antigos guerreiros, juntasse as faculdades de administrador supremo e pudesse exercitar com o requerido criterio, o elevado encargo de delegado do rei em tão longinquas regiões.

D. Francisco de Almeida, filho do primeiro conde de Abrantes, que por seus talentos e bravura comprovados na guerra de Granada, conquistára, ainda longe do rei e da côrte, o diploma de capitão mór da India, é designado por D. Manuel para a espinhosa e arriscada missão de governar as terras descobertas por Vasco da Gama.

Entrega-lhe o rei venturoso a bandeira real, que symbolisa a soberania de que o reveste e o poder que lhe concede com o titulo de viso-rei.

A 25 de março e 18 de maio de 1505 velejam do Restelo caminho da India 28 naus e caravellas, levando bandeira de capitania a nau *Bom Jesus*.

D. Francisco de Almeida, primeiro viso-rei da India, commanda a poderosa armada, em que se contam as naus *S. Gabriel*, *Flor de la mar*, *S. João*, *Espirito Santo* e *S. Tiago;* e se extremam os audazes e esclarecidos navegadores João da Nova, descobridor de Santa Helena, e D. Lourenço de Almeida, filho estremecido do illustre D. Francisco, hercules portuguez, cujas façanhas na India enchem de assombro os estranhos e são inveja a naturaes.

Descobre elle a ilha de Ceylão, antiga tapobrana e acode a Panane onde o seu guião amarello tremula ovante sobre a tranqueira conquistada aos mouros de Calecut. Alli immortalisa o seu nome combatendo sósinho contra quatorze naires aos quaes vence, após haver armado cavalleiro com a propria espada Nuno da Cunha, dizendo ao pae: — «Sr. Tristão da Cunha, sabe Deus que minha espada n'este dia não tinha ganhado nenhuma honra, mas agora fica com muita, que minha espada a ganhou em tocar vosso filho, tão honrado cavalleiro, em que fico tão obrigado.»

Segue elle com a armada de doze velas para Cambaya, guardando e comboiando como capitão mór do mar as naus de Cochim, que seu pae lhe entregára; corre a costa e obrigado pela força do tempo, entra o rio de Chaul para ahi aguardar e juntar as naus com que tem de voltar a Cochim.

É improvisamente accommettido n'aquelle porto pelas armadas reunidas do turco e dos reis de Cambaya e de Calecut. Trava-se a lucta em que a sorte das armas é por vezes diversa. O valor portuguez suppre a deficiencia de navios, a dos combatentes e até a falta de munições. Os louros do combate foram colhidos pela espada christã; alguns navios apresados são valioso tropheo da victoria, que se não completa por que a noite a interrompe e obsta á continuação da batalha.

Recebem os contrarios auxilios e reforços, que os anima a esperar pelo dia e pelo ataque dos nossos, e ainda a concertarem-se para a nova lucta, que por experiencia sabem ha de ser temerosa.

Os nossos medindo apenas a propria audacia e sem mais contarem, nem a mais attenderem, só aguardam por que o vento enfune as velas para irem abordar a poderosa armada de Mir-Hocem.

Desfraldam os traquetes e seguem rio abaixo; mas então a nau de D. Lourenço, desgovernando, vae atravessada encostar-se a uma estacaria sobre a qual é impellida pela força da maré vasante, e alli inclinando, dando a borda e chegando a metter agua no convez, ameaça sossobrar; — os outros navios confiados em que a nau de D. Lourenço conseguirá *safar-se*, só quando vêem o grande pendor que ella toma, é que surgem, mas já em tal distancia, que os bateis com os seus capitães, a toda a força de remos, não vencem o peso da corrente nem conseguem abordar a nau do capitão mór.

Sobre esta começam os rumes a atirar bombardas, vindo uma nau e muitas fustas de Meliquiaz batel-a rijamente, com o que a põe em duro aperto, abrindo-lhe varios rombos. N'este transe em que se vêem sós rodeados de inimigos, o mestre e os demais da nau instam com D. Lourenço por que salve a todos, salvando-se a si: — «Senhor, a nau já é perdida. Salvae-vos no batel com a gente que puder caber, que a outra irá a nado, porque a nau não tem salvação, porque ainda que venha a maré, como se endireitar logo se metterá no fundo — que melhor sois vós vivo que nós todos.» Mas o capitão mór, o filho do viso-rei, não póde acceitar alvitre que a prudencia aconselha, mas que a heroicidade repelle; a resposta é digna d'elle: — «Não podemos todos caber no batel, e os que ficassem logo os matariam as fustas, e por tanto ide-vos no batel os que couberdes, e então tornae por mim.»

O capitão mór prefere a morte honrada e gloriosa, sobre as taboas do navio, á vida comprada á custa da fuga e tambem do sacrificio dos seus.

Que aprendam n'elle como procedem heroes; tome o exemplo amigos e inimigos de como se serve a patria: o primeiro nas honras é o ultimo nas desgraças. Perde-se a vida, ganha-se a immortalidade.

Um pelouro quebra as duas pernas a D. Lourenço de Almeida, que logo expira com palavras de animosa resignação; o seu corpo é soterrado no baixio onde a nau assenta, sem que jámais possam achal-o as diligencias dos contrarios, que mais do que os amigos procuram encontral-o; — por sepulchro o fundo do rio de Chaul, por monumento a nau que commandava! Entregam-se a Meliquiaz os poucos que restam da nau de D. Lourenço, e os outros navios seguem rota para Cochim, mas encontrando tres navios portuguezes que vinham de Ormuz, abastecem-se de polvora e de pelouros e voltam a Chaul, onde infructiferamente buscam os rumes, que ao tempo já eram partidos para Diu. Frustradas assim as esperanças de vingar a morte do seu chefe ou de morrerem combatendo alli, resolvem recolher a Cochim.

Vão tristes e abatidos; entre as naus falta a do capitão mór, entre os guerreiros falta o primeiro, o mais bravo, o mais esforçado d'elles, D. Lourenço de Almeida. Ao aproximar de Cochim, suscita-se a difficuldade a que todos pretendem esquivar-se, de qual dos capitães será o triste mensageiro, que levará a tristissima nova da perda da nau e da morte do filho ao pae e viso-rei.

Só a sorte póde decidir a contenda, e esta recae em Camacho. Segue constrangido o capitão para Cochim e a sua caravella passa ante a fortaleza sem a saudar; quem leva lutos no coração, lagrimas no rosto não póde ostentar apparentes galas e demonstrações festivas.

Mas o viso-rei, ou por que o seu coração de pae adivinhasse o funesto acontecimento ao ver voltar sem o filho as naus de Cananor, ou por que realmente tivesse informação ou aviso do desastre, teve d'elle a certeza ao ver chegar a caravella de Camacho. Desembarca este, e tremulo e afflicto se descobre ao avistar o vulto venerando de D. Francisco de Almeida, que melancolico mas sereno, e sem o deixar fallar, lhe pergunta: — «Por que não salvastes á fortaleza, que não é do pae do morto, mas de el-rei de Portugal?» Não se descreve o que vae no coração de Camacho; não lhe occorrem palavras nem de pezames nem de desculpa; titubeia apenas sons entrecortados de soluços. É commovedor o lance; termina-o D. Francisco, dizendo: — «Ora vos ide a descançar, e mandae á caravella que faça sua costumada salva, e eu mandarei na egreja fazer signal pelo defunto; e o mais deixae, porque quem o frangão comeu ha de comer o gallo ou pagal-o.»

Eram assim os portuguezes de então. Morriam uns no assalto á fortaleza, hasteando n'ella a bandeira das quinas; outros defendendo a tranqueira; outros fazendo ir pelos ares os navios que commandavam, ou submergindo-se com elles; outros em procura de uma terra desconhecida; outros prégando e ensinando o evangelho; e todos resignados, ufanos, orgulhosos, sacrificando-se por Deus e pela patria, como D. Francisco de Almeida perdeu o filho estremecido que era toda a sua gloria, como elle proprio se sacrificou em combate singular.

Morriam aqui, renasciam na eternidade.

MARX DE SORI.

NUNCA EU TE LÊSSE, BALLADA!

Suspende a dura sentença,
Que de teus labios ouvi!
E ergue do chão os quebrados,
Teus negros olhos magoados,
Quando me acerco de ti!

Ergueste-os, encantadora!
Mas antes do teu perdão,
Attende-me, e ouve, senhora
Com todo o teu coração.

Escuta:
«A um rei namorado
Sincera e fiel amante
Ao morrer tinha deixado,
De um longo affecto em penhor,
Cinzelada taça d'ouro
Do mais antigo lavor.

Amava o rei mais que tudo
Aquella doce lembrança,
Que lhe trazia os aromas
Das finas e ondeantes cômas
Da desditosa creança.

Toda a vez que elle bebia
Por esse vaso sagrado,
Uma extatica alegria
Como flôr ideal sorria
No seu turvo olhar cançado...

Um dia vendo-se o pobre
Mais triste, velho e abatido,
Abraçou-se commovido
Á taça, o tremulo amante!
E as lagrimas uma a uma
Deslisavam n'esse instante
Nos rudes flócos de espuma
Da longa barba fluctuante!..

N'aquella hora de agonia
Chamou seus filhos e herdeiros,
Deu-lhes tudo que possuia,
Ouro, palacios, riquezas,
Os seus castellos roqueiros,
E as suas largas devezas.

Dividiu tudo contente:
A taça guardou sómente.

Sentindo fugir-lhe a vida,
Manda o triste convidar
Seus pares, filhos e herdeiro
Para um festim derradeiro
No castello sobranceiro
Ás verdes aguas do mar.

Em meio da festa o velho
Erguendo a taça, e sorrindo,
Embebido o olhar no infindo,
Um frouxo canto soltou;
E mal o canto findara
No leito da onda amara
A taça de ouro lançou... »

Eram profundos ciumes
Os d'esse rei namorado:
Que não fosse alguem beber
Por esse copo adorado,
E viesse a conhecer
Os cariciosos perfumes
D'aquelle vaso sagrado.

Hontem á tarde, beijando-a
De teu labio a viva rosa,
Lembrou-me a historia singela
D'essa ballada amorosa:
E dentro em mim de repente
Tão extranha dor senti,
Que n'um impeto demente
Do teu labio humido e ardente
Com tôrvo gesto fugi!

Lembrei-me, cabeça louca!
Que, se eu acaso morresse,
Talvez um outro sorvesse
Os beijos da tua bôca!

E no azul indefinido,
Ó minha piedosa anémona!
Cuidei ouvir o gemido
Da moribunda Desdemona...

Ai! desavisado amor,
Perdôa, sombra adorada!
Nunca eu te avistasse, flôr!
Nunca eu te lêsse, ballada!

Coimbra—187...

GONÇALVES CRESPO.

O BIBLIOPHILO

ESTÁ no interior do seu mundo: ide perturbar-lhe aquelle silencio e ter-lhe-heis arrancado a felicidade.

Como Pythagoras, tem o ouvido affeiçoado para as musicas mysteriosas. O grande philosopho grego affigurava-se-lhe ouvir a harmonia das espheras; elle tambem ouve um concerto a resoar entre as paredes escuras do seu quarto; cada livro é um instrumento da grande orchestra; de cada folha sae uma nota que só elle comprehende.

Vive solitario e vive entre amigos. Não descerra os labios e mudamente palestreia em todas as linguas. Discursam com elle os velhos e os moços, os vivos e os mortos, os mortos principalmente. Ama os antigos, os classicos, tem por elles uma especie de culto: adora Homero e extasia-se com Cicero, melancolisa-se com Virgilio e sente-se rejuvenescido com Anacreonte.

É o quer que seja de *medium* o bibliophilo. Evoca os grandes espiritos e sente-se face a face com os genios. É um seu familiar; como que a sua alma é feita da alma de todos elles.

Ninguem lhe pergunte pela familia; os seus filhos são os seus livros. Se quereis vêr o bando das louras creanças, voltae os olhos para outro quadro; aqui só entrou a meditação e o estudo, aqui, se existe amor, é o amor do pergaminho.

Quando elle, depois do pequeno passeio no quintal, entra á noite no seu gabinete e accende o candieiro amarello de tres bicos, aquella desordem phantastica, aquellas rimas de livros, aquella atmosphera pulverulenta produzem-lhe, desde a cabeça aos pés, uma voluptuosidade indescriptivel. Está no convivio dos seus intimos. Tem todos os aromas e todas as delicias. Á sua imaginação não concebe outro prazer.

Umas vezes é como o alchimista. Lida, afadiga-se, tressúa; julga ter descoberto um thesouro, encontra na bibliotheca d'um mosteiro um manuscripto extraordinario; a letra está quasi consumida, a traça rendilhou-o, mas aquillo é uma perfeita maravilha, que se torna preciso restituir ao seu primitivo valor. Depois de exforços inauditos de paciencia, depois de gastar dias e noites a adivinhar garatujas, quando já suppunha que iria reve-

lar alguns dos livros perdidos da historia cesareana de Tacito, apenas depara com um rude tratado culinario devido á ociosidade d'um devoto irmão de S. Bernardo.

São os seus dias de luto!

Outras vezes as suas alegrias chegam a tocar o delirio. Ri e salta como as creanças.

No dia em que, por exemplo, completa a sua *camoneana*, vae-se ver ao espelho; palpa-se moço, reconhece-se bello. Conquistou uma preciosidade! Como que se abraça e se felicita a si proprio. O livro do enthusiasmo não o deixa um só momento; leva-o para a cama, para a mesa do jantar, para toda a parte. Como que pede á gente que lhe perguntem e tornem a perguntar por elle, que lhe ponham duvidas sobre a veracidade da edição, para mais uma vez ter o ensejo de verificar que é a edição *princeps*, o melhor exemplar, o raro, o unico!

O bibliophilo nem sempre é rico ou pelo menos remediado. Quando é pobre, é para ver os prodigios que emprega para salvar a sua bibliothecasinha. É economico, é avarento, chega a ser miseravel para que ninguem o desaposse das suas reliquias. Viveria n'uma catacumba como os martyres, contanto que lhe não arrancassem do peito aquella sua religião dos livros. É a sua crença, é a sua fé; matem-n'o e promettam-lhe dar por cabeceira mortuaria um *elzeveriano*, que elle irá satisfeito para a cova. Quando vae á estante e tira um volume para o trocar por uma fatia de pão, antes quizera que lhe abrissem o peito. Não se suicida, não morre de fome, para gosar mais um momento aquella felicidade. Quando tiver vendido o ultimo livro, terá perdido o ultimo instante da vida.



O BIBLIOPHILO

Foi esta idéa philosophica que guiou o pincel de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, cujo amor pela arte bem se póde dizer egual ao que tem pelos livros o heroe do seu quadro.

O *Bibliophilo* da nossa gravura está representado n'um dos seus momentos de concentração. Acaba de ler e medita de certo sobre o valor litterario do manuscripto que lhe pousa no joelho. Quem sabe! talvez algum facto desconhecido surgisse d'aquella leitura! É necessario cogitar por um momento, chamar a juizo a memoria, discorrer sobre a opinião dos auctores, combinar as datas, cotejar os textos e toda esta operação mental se desenha na sua fronte vasta e encanecida.

O sr. Bordalo Pinheiro não é um professor no sentido official da palavra. É um amador incansavel, um artista de gosto, que se sente enamorado pela escola flamenga e que de vez em quando nos mimoseia com uns quadros pequeninos, cheios de observação, feitos d'uma maneira pouco vulgar.

A gravura, devida ao buril do sr. Pedroso, dará o pensamento do quadro, mas quem lhe quizer apreciar o colorido solicite o favor do rei-artista e reconhecerá o *Bibliophilo* entre os quadros estimados da galeria do paço das Necessidades.

O senhor D. Fernando tem sido um apreciador distincto do talento do sr. Bordalo Pinheiro, cujo nome já é hoje o brazão d'uma familia de artistas.

O quadro, que nos suscitou as considerações d'este ligeiro artigo, foi premiado n'uma das ultimas exposições da Sociedade promotora das bellas-artes.

SOUSA VITERBO.

A CHAVENA QUEBRADA

TODOS nós portuguezes, povo por excellencia para beber chá, sabemos como por cá se tem passado sempre este caso. Está a mesa aberta, o competente candieiro, e oito ou nove pessoas reunidas a passar a noite, conversando e bocejando em quanto não chega o bule.

Tudo parentes, e pessoas de amizade.

Physionomias de gente de bem, serenas, quietas.

Duas senhoras a fazer *crochet;* a dona da casa dando audiencia, ora á direita ora á esquerda. O marido jogando o wisth ou o voltarete com tres amigos. Uma menina a bordar.

Na parede o retrato do dono da casa, com a sua farda de camarista.

— O *Diario Illustrado*, que é d'elle? pergunta uma das visitas.

— Aqui está.

— Ainda hoje o não vi. Traz um general. Está bom este general!

— Parece o primo Pentecostes!

— É verdade. É boa! É tal qual o Pentecostes! O desenhista devia represental-o de chapeo de sol, que é como elle costuma andar!...

O dono da casa interrompe o jogo, por um ataque de ira:

— É preciso ser burro...

— Que?

— É preciso ser burro... de fortuna!

Um dos assistentes lê os annuncios do *Diario de Noticias:*

— Ah! cá estão as pilulas!

— Estão ahi?

— Estão. E com um agradecimento, de mais a mais.

— Agradecimento do doente. É uma cortezia bem entendida. Ai esperem, não é do doente, não: o doente morreu...

— É então o medico que lhe agradece?

— É a familia que agradece ao medico.

— Como, a familia?

— Certamente. E vê-se, pela maneira porque está redigido isto, que o doente morreu... curado!

— Ah!

— Pois é.

Ouve-se bater á porta.

— São as Albuquerques provavelmente.

— Não; a esta hora, e pelo bater, parece-me a D. Caetana e a sobrinha.

— A sobrinha prometteu trazer hoje versos novos.

— É poetisa? pergunta a menina que está bordando, despedindo sobre o filho da casa, que é seu primo, um olhar de inquietação.

— Grande poetisa! diz o dono da casa, cedendo o seu logar á mesa do jogo. Grande musa! É a decima, e em largando a recitar é pesada como um imposto!

As meninas do *crochet*, uma ao ouvido da outra, em quanto entra D. Caetana e sua sobrinha:

— O mana, olha, esta menina dizem que tem uma lyra?

— Serio?

— Serio, sim; quem o disse é pessoa lá de casa, que provavelmente já lh'a viu. E tambem li no jornal que tem uma tripode...

— Quem sabe lá!?

— Vi eu no jornal!...

— Deixa fallar!

— Sr.ª D. Caetana, minha querida amiga, que bondade a sua de fazer o sacrificio esta noite...

— Já a semana passada desejavamos vir, minha senhora, mas meu marido teve em casa uma pequena reunião politica...

— Sempre a politica!

— Ora! Não lhe deixa tempo para mais nada. Sempre combinações, sempre planos! E depois, receios...

— As coisas nunca estão tranquillas... Ha gente que vive de idéas... Victor Manuel, que era rei do Monte Pio, fizeram-o rei da Italia, e ao senhor D. Luiz, rei de Portugal, querem fazel-o rei da Siberia... — Eu, como vê, já tambem sei fallar d'estas coisas...

— Estou vendo... estamos vendo.

Um parceiro para outro:

— Que foi que ella disse do Monte Pio?

— Piemonte é o que ella quer dizer. Piemonte e Iberia!

— É a mesma coisa.

— *Mutatis mutandis.*

A dona da casa, beijando a sobrinha de D. Caetana:

— Ha alguma composição nova?

Silencio eloquente da modestia. D. Caetana diz á sobrinha:

— Anda, responde! Não ouves o que te perguntam!?

A menina diz:

— Hontem quando a lua accendia no horisonte a sua lampada de alabastro e o ceo principiava de entreabrir seus cofres de saphiras...

Pára o jogo. Um dos parceiros, furioso:

— Então você joga?

— Deixe ouvir...

A menina prosegue:

— ... minha alma desprendeu um cantico de envolta com as vozes mysteriosas da natureza.

— Oiçamos! exclamam as senhoras largando o *crochet*.

— Não sei se conseguirei recordar-me. Tenho tido hoje uma nevralgia funesta; todo o dia estive deitada; ergui-me ha pouco do leito da dôr...

— Mas agora estás melhorsinha, diz-lhe a tia. Vamos, recita.

Até vir o chá não se faz outra coisa. Está a agua a ferver na cosinha, e a poesia a ferver na sala; composição sobre composição, as estrellas, a lua, o sol, as sombras, os riachos, o suspirar das ondas, os bateis no argenteo lago, a brisa da manhã e a brisa da noite, o gorgeio das aves, as alegrias da primavera...

— É admiravel! É sublime!...

— Passo! diz um a jogar.

Entra o chá.

Que saudades do apparato antigo, — as estreitas fatias com manteiga, a que chamavam *hostias*, finas, finas, a embrulhar-se umas nas outras: e os bolos d'especie no prato grande do Japão; e uma creada armada sempre da thesoura para velas, espevita aqui, espevita alli, recebendo na bandeija as chicaras vasias, fazendo tudo n'uma volta de mão, e esbogalhando os olhos a ver quem requeria mais chá pelo facto de não metter a colher na chavena.

Hoje torradas de um lado, bolachas inglezas do outro, dois bules ao centro, e está dito tudo.

— Preto ou verde? pergunta a dona da casa com sorriso complacente.

Uma das visitas encarrega-se da parte historica:

— O chá verde é artificial; agradavel, mas falso. Um sophisma! O amigo china pega do chá preto, que é o chá natural, o verdadeiro chá, besunta-o de azul da Prussia, de saes de cobre, depois engomma-o...

— Como, engomma-o?

— Não o engomma a ferro...

— Ah!

— Mas mette-o em agua de gomma, e põe-o depois no forno a seccar!

— Fica uma pessoa com a entranha engommada a lustro!...

— Puro polimento!...

— O que não impede que os chinas bebam chá tres vezes ao dia, pelo menos: a gente rica, muitas mais. Conta n'uma carta o nosso cunhado o governador, que não só o chá é alli circumstancia indispensavel nas ceremonias religiosas, mas que não ha ir de visita a qualquer casa sem que logo se offereça d'elle uma chavena ou duas.

— No Japão, reduzem o chá a pó; deitam nas chicaras agua a ferver, e uma pitada do pó em cada uma!

— A arvore que produz o chá é tão bonita! exclama a poetisa. É um arbusto sempre virente, que tem parecenças com a murta!

As senhoras parecem enfadar-se com este rasgo de erudição, e olham para a musa de revez. Tudo que eleva alguem acima do vulgo, nascimento, riqueza, formosura, talento, ou poder, tem de pagar patente ás invejinhas e á malquerença publica. Por isso um semsaborão que alli se encontra, redargue logo para lisongear o despeito dos prosaicos:

— A arvore boi, que produz bifes, não é talvez peor, apezar de não se parecer com a murta.

— Mas não tem influencias para a politica! acode um deputado, trincando uma bolacha. Em quanto que o chá... Estavam bem aviadas as reuniões nocturnas da maioria no ministerio do reino se elle faltasse! O chá ministerial!...

Seguem-se os protestos em favor do chá que se acha presente; que é muito bom, que é o melhor de todos, que não ha encontral-o egual em Lisboa: ás vezes dão logar a um desafio essas discussões, desafio amavel já se vê:

— No sabbado, se fizerem favor de ir a nossa casa, hão de experimentar o chá que lá temos, offerta do mandarim Tzig-sau ao nosso cunhado governador...

E estabelece-se concurso, e manda-se buscar o chá á outra casa, e nomeia-se juiz, e estabelecem-se jurados, e ha advogado e accusador.

É por entre a agitação d'estes cataclismos, que, de uma vez ou d'outra, a creada estonteada na balburdia das vozes e dos argumentos, vira a bandeja, quebra as chavenas, e rega o tapete com os restos d'aquelle chá... judiciario.

JULIO CESAR MACHADO.

O ILLUSTRE DOUTOR MATHEUS

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

(Conclusão)

Kasper fallava com voz firme e segura. Cada uma das suas palavras parecia sair do coração.

Frantz mudava a cada momento de côr: no fim escondeu a cabeça entre as mãos, dizendo:

— Julga então que fiz bastante pelo genero humano e que a posteridade não terá de que me censurar? Julga que cumpri o meu dever?

— Se fez bastante?! Mas qual é o philosopho que póde gabar-se de haver feito tanto? De haver sacrificado tudo, tudo pela sua doutrina? Vamos, meu respeitavel amigo, não chore. Não chora quem tem a sua vida, e as suas acções. Deve bastar lhe o testemunho da propria consciencia.

Estas palavras benevolentes minoravam a angustia de Frantz. As lagrimas corriam sem exforço como que brotando de uma fonte. Sentiu-se vencido pela fortuna e pelos judiciosos conselhos de um homem de bem.

Mas Coucou Peter, que percebeu que o iam privar do seu logar de grão rabino, bateu na mesa e disse:

— Pois eu digo que temos a certeza de conquistar o Universo, e não é exactamente na melhor occasião que se deve abandonar a empreza, co'os diabos! E o logar de grão rabino que me prometteram? Por que o mestre prometteu-m'o e não é capaz de dizer o contrario.

Matheus não respondeu. Não tinha nem forças, nem animo para o fazer.

Mas Kasper Muller, pondo a mão no hombro do apostolo, disse-lhe:

— Tenho para ti, amigo, um logar que te deve convir mais que o de grão rabino. Faço-te moço da cervejaria com trinta francos por mez, casa, cama e mesa, e a generosidade dos freguezes á tua disposição, hein? que te parece?

Foi então que as gordas bochechas de Coucou Peter se dilataram de satisfação.

— Diabo, homem! Tem um modo de dar com o fraco da gente!

— Renuncias então a dignidade de grão rabino? perguntou o cervejeiro.

— Pudera! A não ser que o mestre...

— Nada, nada, isto é só comtigo. Decide.

— Acabou-se, disse Coucou Peter, levantando-se. Viva a cerveja! o meu verdadeiro logar é junto da cerveja.

Quando o seu discipulo abandonou assim definitivamente a grande causa da doutrina, o illustre philosopho respirou, levantou os braços ao céo e disse:

— O Ser dos seres ordena: que a sua vontade se faça.

E foram as unicas palavras melancolicas que disse. Por que, pensando que ia voltar ao Graufthal, sentia uma alegria indescriptivel e plena descer-lhe ao fundo d'alma; tão grande fôra o seu ardor em sair da aldeia, tão grande era agora o desejo de ahi voltar.

A mulher do cervejeiro juntou-se ao marido para lhe pedir que descançasse ainda dois dias. Foi tudo baldado.

— Quero partir já, já, dizia elle passeando na sala, não me demore, minha senhora, não me peça: teria o desgosto de lhe dizer que não. Os fados cumpriram-se. Coucou Peter, vae apparelhar Bruno, vae, Coucou Peter, quanto mais cedo melhor. Ah! meus amigos, se sou-

bessem que enorme peso tiraram de sobre o meu coração! Ha dois dias que não respirava. Cada passo que me afastava do Graufthal me enchia de tristeza. Mas vou partir, vou voltar, graças a Deus, á minha aldeia.

Kasper, vendo-o tão decidido, não insistiu. Saiu com Coucou Peter e ajudou a apparelhar o cavallo.

Frantz, que os seguira, andava á roda d'elles sem poder conter a sua impaciencia. Por fim, vendo tudo prompto, o bom do doutor lançou os braços com effusão ao pescoço de Kasper, dizendo-lhe:

— Nobre alma! digno filho de Jorge Müller! nunca esquecerei os serviços que lhe devo. Possa o Ser dos seres derramar as suas bençãos sobre toda a sua familia.

Abraçou tambem a sr.ª Catharina, e emfim Coucou Peter que soluçava.

Depois pôz o pé no estribo com a maior presteza, quando se sentiu preso por uma das abas do casaco. Era Coucou Peter que lhe mettia o que quer que fosse na algibeira.

— Que estás tu fazendo? perguntou Frantz.

— Não é nada, não é nada, sr. doutor: é o signal do meu ordenado que eu já recebi. Uma vez que já não é propheta, ha de precisar de dinheiro. Lembre-se que o caminho é por Wasselorme, Marmontier e Saverne. Pare na *Cornucopia da abundancia* e não se deixe roubar pelos estalajadeiros que hão de abusar da sua bondade.

Matheus olhava para o seu discipulo com um inexplicavel enternecimento.

— Oh! Coucou Peter, Coucou Peter, que homem tu serias se os funestos instinctos da carne não tivessem tanto imperio sobre ti! Que boa alma! que simplicidade natural! que espirito de justiça! Serias perfeito!

E abraçaram-se outra vez a chorar.

— Não me diga mais nada, doutor, proferia commovido o discipulo. Olhe que sou capaz de abalar comsigo, e de nunca mais beber senão agua para o não deixar.

Por fim, o bom do doutor conseguiu montar e afastou-se repetindo:

— Que o Ser dos seres lhes pague a todos e derrame sobre todos os seus beneficios. Adeus! adeus!

XXIII

Frantz Matheus seguiu os conselhos de Coucou Peter. Parou em todas as estalagens que elle lhe tinha indicado no caminho, pagando a sua despeza como deve fazer todo o homem que não viaja por conta da civilisação.

Passou por Wasselorme, Marmontier e Saverne, e no dia seguinte chegou ao alto de Falberg, no ponto em que se inclina para o lado de Graufthal.

Era madrugada quando Frantz desceu a serra.

O galo vermelho de Christina Bauer começava o seu canto matinal, de modo que Matheus ouvindo esta voz tão conhecida, começou a chorar de alegria.

Bruno ia a passo e rinchava de mansinho, como para dizer:

— Sr. doutor, estamos em casa. Veja se conhece estes carreiros, este matto alto, estas grandes arvores! E lá em baixo, aquelles tectos de colmo, ainda cobertos em parte pela nevoa do valle: é a nossa terra. Como eu estou contente de a ver, sr. doutor.

E o bom doutor Matheus soluçava. Tinha largado as redeas sobre o pescoço do seu cavallo, e cobria o rosto com as duas mãos sem poder conter as lagrimas; depois enxugava os olhos e fitava tudo em silencio.

O céo pardacento, os vapores esbranquiçados, os rochedos cobertos de musgo, os arbustos, o cheiro acre das plantas, a aragem, tudo fallava ao seu espirito; e, quanto mais se aproximava, mais o extasiava tudo que via. Cada objecto lhe parecia tão bello como se o vira pela primeira vez, tão estimavel como se houvera passado mil existencias com elle.

— Meu Deus! meu Deus! dizia elle, como sois bom de me deixardes tornar a vêr a minha terra, a minha grande terra! Nem eu sabia, meu Deus, até que ponto amava esta terra. Nem sabia quanto estas arvores, estas casas, esta lindissima Zinsel que corre murmurando, estes abetos que oscillam, eram necessarios á minha vida! Não sabia, não.

E o carreiro que elle seguia alargava-se gradualmente, e ia ás voltas por alli abaixo como para lhe mostrar todo o encanto da paizagem e conduzil-o suavemente á sua morada.

No fim de uma hora chegou ao caminho areento que fica ao fim da ponte de madeira, á entrada da aldeja.

Os passos de Bruno eccoaram na ponte, e o pobre animal rinchou com mais energia.

Todos dormiam ainda no Graufthal; o gallo vermelho de Christina Bauer era o unico que repetia os seus co-co-ro-cós.

Matheus ia olhando para as portas, para os tectos salientes, para as trapeiras tapadas com palhas, para os respiradouros das adegas.

Da ribeira vinha como que uma agradabilissima sensação de frescura. Parece que uma vida nova circulava já nos membros do pobre doutor.

Achou-se emfim diante da sua porta.

Apeou-se, lançou a vista pór sobre a palissada do seu pequeno jardim e viu as gotas de orvalho como perolas, ornando as magnificas cabeças das suas couves.

Como tudo estava fresco, socegado, silencioso!

Bateu ao postigo e esperou... Bruno rinchou... Que acontecerá? Virá?... Escutou... sentiu alguem que atravessava a casa... Levantaram o fecho... Como o coração de Frantz pulsava!... Sentiu que empurravam o postigo e... Martha... a boa velha Martha, com a sua touca de dormir, inclinou-se para fóra.

— Oh! meu Deus! é o sr. doutor! é o sr. doutor!

E a toda a pressa, a toda a pressa, veio a pobre mulher abrir a porta.

Matheus, sentado sobre o banco que estava ao pé da sua casa, chorava como o filho prodigo.

B.

CATHEDRAL DE LINCOLN

EDIFICADA sobre uma eminencia, e no centro d'uma região plana e vasta, a cathedral de Lincoln domina horisontes extensos, tornando-se, por esse modo, visivel a distancias não curtas. O viajante que estiver entre Newark e a montanha oriental de Retford, nas proximidades de Tuxford, descobrir-lhe-ha, em dia claro, as torres elevadas, comquanto haja doze milhas de permeio.

A posição d'este glorioso edificio entra, por maior, na sua celebridade, visto que o espectador defronta com elle, seja qual o ponto em que se ache, admirando-o nas suas varias grandezas; — o que traz á memoria as palavras do psalmista, referindo-se a Jerusalem: — «*Fun-*

damenta ejus in montibus sanctis;»—«Tem os alicerces nas montanhas sagradas.»

Um moderno escriptor francez disse a respeito de *Nossa Senhora de Lincoln* — (a cathedral é dedicada á Virgem): — «A belleza da sua estructura, a regularidade do seu complexo, a elegancia em todas suas partes e a magnificencia da architectura, collocam-n'a a par dos templos de Chartres, de Amiens, de Bourges e de Reims, essas obras primas da arte religiosa.»

No tempo dos romanos, Lincoln era uma povoação de pequena monta; engrandeceu-se pouco a pouco, até o momento da conquista, — tornando-se depois d'ella uma das mais florescentes cidades.

No intuito de a fazer digna de respeito, Guilherme ordenou que se construisse uma poderosa fortaleza, para o que se arrazaram não menos de duzentas e cincoenta casas, obtendo-se d'este modo um terreno larguissimo e conveniente.

Remi ou Remigius, abbade de Fécamp, que da Normandia acompanhara o Conquistador, e por elle fôra nomeado bispo de Dorchester, em 1070, transferiu a séde episcopal para Lincoln, do que resultaram os mais beneficos effeitos para os novos dominios, sob o ponto de vista religioso. Remi dirigiu com grande impulso os trabalhos da cathedral, dando-lhe a forma da cruz latina, com um duplo cruzeiro, e inclinando-se a que o estylo architectonico fosse o romano-byzantino. É esta a sua traça actual, comquanto se observem algumas pequenas modificações. O bispo viveu bastante para assistir ao rapido incremento da sua obra; mas no dia marcado para a consagração da egreja, a 9 de maio de 1092, fechou os olhos para sempre. Em 1124 um destruidor incendio devastou parte do templo, porém o bispo Alexandre ordenou de prompto a sua completa reedificação. Sessenta annos depois um tremor de terra destruiu-lhe as muralhas e arcadas internas, sendo Hugo de Grenoble quem depois mandou reparar os damnos. A cathedral subsiste como se vê hoje, desde esse periodo.

Mr. Gwilt, escreve na sua *Encyclopedia de Architectura*: — «Hugo de Grenoble construiu a nave, côro e teias, entre 1186 e 1200; Grostête e Lexington, entre 1240 e 1254, edificaram as torres; Hugo de Burgundia addicionou-lhe o presbyterio e o cruzeiro occidental, de 1286 a 1300; em 1306, D'Alderby alterou o desenho do côro, e juntou o cruzeiro oriental, até que em 1438 Alnewick rasgou a grande janella do poente, e levantou o portico.»

A estructura do templo consiste em uma nave e teias, quatro cruzeiros, côro, cancello e capella. Internamente, vêem-se dezoito amplas arcadas, em que as dos cruzeiros se incluem. A perspectiva, graças ao renque de columnas, é em extremo pittoresca; e o effeito, no todo, nada invejaria a qualquer outro, se houvesse mais elevação nas arcadas. A nave é elegante, e os pilares trabalhados com opulencia; as teias são em demasia apertadas, porém isto não prejudica a belleza no seu conjuncto.



CATHEDRAL DE LINCOLN

A capella tem uma formosissima abobada, sustentada por uma columna central, em cuja volta se enlaçam dez preciosos columnellos, fechados pelo mesmo fuste. A frontaria occidental apresenta duas torres que se elevam a uma altura de 180 pés; de principio eram ellas encimadas por uma especie de grimpas, que se desmoronaram no primeiro quartel d'este seculo, conservando-se unicamente os pinaculos dos angulos. Na intersecção dos cruzeiros com a nave e o côro, ha uma enorme torre central, que as da banda do poente encobrem ao espectador. Esta torre principal é de 300 pés em altura, e terminava n'uma espiral, que desabou em 1547. Considera-se, geralmente, a parte oeste do edificio como um dos mais bellos padrões da architectura gothica, e isto não tanto pela magestade das linhas, como pela multiplicidade dos lavores. Nos primeiros annos havia em muitos nichos as estatuas dos reis de Inglaterra, porém o fanatismo do seculo 17.º, deu-lhes fim impiedoso. O côro, separado da nave por um riquissimo ante-paro ou guardavento, sobreleva em composição e factura á mesma nave e cruzeiros, com quanto não seja de um caracter distincto. O extremo oriental do côro e a capella da Senhora, mostram a transição do estylo anglo primitivo para o ornamentado, do que resulta uma peregrina belleza. O claustro é quadrangular, conservando-se tres partes d'elle no seu estado d'origem.

A cathedral de Lincoln póde considerar-se, a todos os respeitos, como uma das melhores fabricas ere-

ctas pelo sentimento religioso, e quasi justifica a tradição, de que tanto se vangloriavam os frades do seu mosteiro, que imaginavam o *Principe das trevas* a deitar-lhe olhos de cubiça. D'aqui tirou o povo materia para um dos seus annexins: — « *look like the devil over Lincoln*; » — « *olhar como o demonio para Lincoln;* — quando se trata d'algum invejoso.

A LEITURA DO EVANGELHO

Em alguns paizes com fôro de civilisados, em Portugal por exemplo, esquadrinham-se moradas e moradas de pessoas graves, eleitoraes, examinadas em instrucção primaria e civilidade, e não se encontra senão um livro: o almanach do anno. Em Inglaterra ha pelo menos uma biblia em cada casa, e em algumas ha tantas, de tantas edições, que, regorgitadas para a sala, encostam-se ás *etagères*, e d'entre porcelanas de Sèvres e albuns de tartaruga offerecem aos visitantes, como se fossem refrescos, uns psalmos de David ou uns proverbios de Salomão.

E a Biblia não é para os utilitarios inglezes um traste de luxo, que dê boa fama da casa, dos seus teres e dos seus costumes, como são muitas livrarias dos nossos palacios, compradas por atacado em leilões, expressamente para serem espanejadas pelos famulos. Os inglezes protestantes lêem os textos santos quasi tanto como o *Times*, lêem até nos wagons. A Biblia, fraternisando com a bandeira britannica, anda nas malas dos *touristes* e com o livro de quarto dos navegadores, dá voltas ao mundo com os Cook, atravessa a Africa com os Levingston, e é tão verdadeiramente uma instituição nacional como o parlamento e o *cricket*.

E esses marinheiros bretões, verdadeiros pagãos devotos de Baccho, que são o desespero da policia e a opulencia da praça da Figueira, assistem a leituras da Biblia com a mesma gravidade statica com que se descobririam para entoar *God save the queen*. A *sociedade de temperança*, porém, nunca lhes lê o caso triste de Noé, tão imitado na ebriedade como na nudez, em que o surprehenderam os filhos e a policia surprehende os seus imitadores fidelissimos.

No quadro de Faed, uma familia ingleza, uma familia protestante, laboriosa, temente a Deus, sem dividas nem remorsos, escuta religiosamente a leitura da Biblia. Religiosamente, disse eu, e devéras aquella mesa de pinho tosco em camara desornada é um altar n'um sanctuario, e a leitura uma ceremonia do anglicanismo. O pintor acertou em dar á scena este aspecto piedoso. Ali falla-se de Deus e para Deus se levantam os espiritos. A Biblia soletra-se nas physionomias, mórmente no olhar profundo, casto e limpido da mulher formosa, que defronta com o ledor, olhar por onde se vê uma alma ingenua recolhida em pensamentos solemnes. O quadro dispensava inscripção. Ninguem diria que o livro aberto nas mãos do velho operario era um romance de cavallaria, *Rocambole* ou a chronica de Carlos Magno, como seria provavelmente, se o operario, talvez sapateiro, fosse portuguez.

Nas horas de repouso em que nós outros, se somos caseiros, jogamos a *bisca*, o patriarcha da familia, tambem seu sacerdote, recostou-se na poltrona hereditaria, que é o throno do lar, e pediu o thesouro da sua sciencia, aquelles dois grossos e amarellecidos volumes, por onde sua mãe lhe ensinou a soletrar. Trouxe-lh'os a filha, — que tem braços de molde de lhes não sentir o peso, — sentou-se a seu lado a esposa tambem em cadeirão d'espaldar, como quem não renuncia as prerogativas da sua meia soberania domestica; acercou-se d'ella, em posição respeitosa, a humilde companheira dos seus lavores, e o velho operario, assestando os oculos, começou a relêr, pela centesima vez, a historia da meiga Ruth ou as tribulações de Job, de que elle usa citar as resignadas sentenças, quando a desgraça o persegue ou lhe pede conforto.

Elle lê, não sem esforço, que o rosto lhe denuncia, e com voz monotona, rythmica, a espaços retardada pelas difficuldades da soletração. Lê respeitosamente e como quem resa, mas este respeito é mais uma convenção bem cumprida, do que um sentimento espontaneo. Talvez que o seu espirito positivo e chão não comprehenda a eloquencia da poesia hebraica, e por certo que da sua interpretação individual dos textos biblicos não adviria nenhum schisma á egreja. Não é evidentemente da massa dos Lutheros. Mas todos o escutam, mais attentamente do que as multidões apinhadas nos templos catholicos escutam os evangelhos, que não entendem, e quem de todo se embeveceu na leitura do patriarcha, foi sua filha, que lhe crava os olhos no rosto: aquella mulher de belleza severa, que não tenta os sentidos.

Ha muitos generos de belleza feminina. Citarei sómente, em primeiro logar; a do gosto e a da moda, que correspondem aproximadamente á da natureza e á da arte social. Digo da arte social, porque se a sociedade faz caracteres, não é muito que remodele corpos. Depois ha a belleza das mães e a das Phrynés, a que se respeita como uma transparencia de virtude, e a que se deseja como uma promessa de sensualidade. E eu, sem ser asceta, preferiria a das mães e a da natureza, tanto na arte, se fosse artista, como n'este mundo do diabo e da carne, se escolhesse esposa.

A donzella do quadro de Faed é das imagens da minha eleição. É uma mulher, e faço esta nota para contrapôl-a ás pallidas e adelgaçadas *bonecas*, que das *montres* de modistas e cabelleireiros estão passando ás télas. Mas tambem podia ser uma santa, uma *madona*, sem desdouro artistico do altar em que pousasse os pés, pela formosura da alma, grave e meiga, que lhe espiritualisa o rosto. E apezar da modesta condição que lhe não deu para lapidar-se, filha util de um operario, até robustecida pela hygiene do trabalho, nos olhos rasgados, que são por força negros, fulgura-lhe a intelligencia, concentrada nas pupillas, como para ir ao encontro da palavra de Deus e da poesia!

Ella sim; em quanto a cabeça, primorosa pela naturalidade, de sua velha mãe se debruça para a Biblia, querendo ajudar com a vista dos caracteres a comprehensão do seu sentido, sente ella cada uma das phrases do livro santo como se a pronunciasse, transfigura-se nos personagens biblicos para viver da sua vida, chorará como a filha de Jephté votada ao holocausto, amará Ruth como ella foi amada por Noemi, compadecer-se-ha como Esther dos captivos de Babylonia, e ouvirá sempre os mandamentos divinos e as inspirações dos prophetas como os ouviram Moysés e David.

Cuido porém que a sua virtude não se associará sem condições ao enthusiasmo do povo de Bethulia e dos santos padres pela forte Judith, e que ha de dizer para si, que se fôra Moysés não teria degolado os vinte e tres mil adoradores do bezerro d'ouro. Mas se, n'este pensamento misericordioso, a ignorante donzella se aparta de S. Gregorio, devemos perdoar-lhe, pois que a não illumina, como a este piedoso varão, a fé da egreja catholica!

A. ENNES.

LEIRIA

IV

Leiria conquistou um logar de honra nas luctas pacificas da civilisação apenas largou a couraça e depôz o escudo de guerreira. Dois dos grandes factos que na historia dos povos symbolisam essas luctas são: 1.º A intervenção da burguezia, pelos procuradores dos conselhos, nos negocios publicos a par do clero e da nobreza. 2.º A descoberta e o exercicio da imprensa a datar do meiado do seculo XV. Pois bem. A terra em que essa intervenção e esse exercicio se manifestaram primeiro entre nós foi Leiria.

Posta em duvida por uns, negada redondamente por outros e com indestructiveis argumentos, a existencia da assembléa de Lamego no tempo d'Affonso Henriques, restam, não contestadas, até 1254 — quatro convocações de Côrtes: 1.ª em Guimarães (1108) em que só figuraram os nobres — *omnes proceres portugalenses;* 2.ª em Coimbra (1211) em que ao lado do elemento religioso appareceram os barões e os vassalos da corôa; 3.ª em Coimbra (1228) em que tambem não entrou senão o alto clero e a nobreza; 4.ª em Leiria (1254), reinando Affonso 3.º, não só para cumprir em parte as promessas que este havia feito antes de usurpar o reino ao infeliz D. Sancho 2.º, mas para reparar os males causados pela guerra [1].

N'aquellas tres reuniões, como acabamos de vêr, não intervieram senão as classes privilegiadas, n'esta entraram já os procuradores dos concelhos — *bonis hominibus de Conciliis* —, a exemplo do que acontecia em Castella desde 1188. Até a assembléa de Leiria, reunida em fevereiro de 1254, os homens do povo suavam rompendo a terra, vertiam o sangue nos combates, contribuiam para o estado com os seus haveres, mas não tinham um logar nos conselhos dos reis; em Leiria pela primeira vez conquistaram esse logar, e puderam erguer a voz entre os representantes do privilegio, para a defeza dos seus direitos menosprezados, ou das suas liberdades desattendidas.

«D'estas côrtes, diz o sr. A. Herculano, os monumentos que nos restam são escassos; mas esses bastam para avaliarmos toda a significação de uma assembléa por mais de um modo notavel e que marca uma epocha importante na historia das nossas instituições politicas.»

Basta-nos o testemunho do illustre escriptor. A liberdade municipal, que no sentir d'elle é a unica verdadeira que tem existido no mundo, e talvez a unica possivel, data entre nós do meado seculo XIII —, e tem em Leiria o seu berço [2].

Vejamos o outro facto que a ennobrece.

A imprensa que desde 1450 a 1455 foi descoberta por Guttemberg, em Moguncia, e que em seguida se espalhou na Allemanha, na Italia e na França, appareceu pela primeira vez em Portugal, em Leiria, em 1465? A ser assim, Leiria foi a primeira terra, não só de Portugal, mas de toda a Peninsula, que possuiu uma typographia, porque Valença d'Hespanha só a teve, ao que parece, em 1474.

Quem o diz? Dil'o Pedro Affonso e Vasconcellos, que viveu nos fins do seculo XVI quando affirma que havia tradição, auctorisada com o parecer do nosso celebre mathematico Pedro Nunes, de que Leiria fôra a primeira cidade das Hespanhas que tivera uma typographia, e note-se que Pedro Nunes já em 1530 era cosmographo mór do reino. Tenta proval-o Antonio Ribeiro dos Santos na sua eruditissima memoria sobre a introducção da typographia em Portugal; asseveram-n'o o conde de Ericeira, D. Luiz de Menezes, e o academico Soares da Silva, referindo-se ambos a uma edicção em 4.º das obras do infante D. Pedro, que dizem ter visto.

Não era effectivamente impossivel que em 1465 apparecesse a typographia em Leiria, porque n'esse mesmo anno no pontificado de Paulo 2.º appareceu ella no mosteiro de Subiaco, nos arredores de Roma, e ahi se imprimiram as obras de Latancio. Mas, se attendermos a que não se generalisou em França senão de 1470 em diante, apezar de protegida e auxiliada por Luiz XI, e na Inglaterra depois d'essa época; a que só appareceu em Veneza em 1469, na Hollanda em 1468, e a que o mais antigo monumento typographico que nos resta de Hespanha, em Valença, é de 1474, não será muito provavel que a descoberta de Guttemberg estivesse já em exercicio em Leiria em 1465.

Ha ainda outra ponderação que parece vir em reforço d'esta. Se em Leiria, em 1465, se publicassem as obras do infante D. Pedro, o que não póde provar-se porque a edição não tinha data, e só por inducções é que se lhe attribuiu aquella, como é que só em 1494, vinte e nove annos depois, se publicou na mesma localidade a edição hebraica dos prophetas, e nenhuma outra em tão longo espaço de tempo, quando a typographia em toda a parte tendia a derramar-se e a desenvolver-se apenas estabelecida uma vez?

Não, Leiria, não póde talvez aspirar com bons fundamentos á gloria de ser a primeira terra da Peninsula que teve uma typographia, mesmo que ella fosse estabelecida por judeus, que tinham nas suas mãos o segredo do commercio e da industria; mas o que é fora de toda a duvida é que houve em Portugal duas communas que mandaram a Italia contractar typographos e impressores para o estabelecimento da imprensa nos seus territorios, e essas communas foram as de Lisboa e Leiria.

O que se lhe não póde negar é que ella, se não foi a primeira, foi uma das primeiras terras de Portugal que abriu as suas portas á invenção de Guttemberg, e que dos seus prelos saiu ainda no seculo XV a *Imitação de Christo*, de Kempis.

Pouco depois saia Pedro Alvares Cabral as aguas do Tejo com a armada que em 1500 havia de descobrir as terras de Santa Cruz, e as taboas que levava a bordo para a orientação da derrota eram do *Almanach perpetuo dos movimentos celestes* de Abrahão Zacuto, astronomo de D. Manuel, impressas em Leiria em 1495.

V

Os monumentos que illustram Leiria, dando-lhe um logar distincto na historia da nossa civilisação, não se limitam aos dois que acabamos de ennumerar.

É sabido que só principiamos a ser economicos e agricultores no reinado de D. Diniz, d'esse bom monarcha de quem o nosso Antonio Ferreira, disse:

Regeu, edificou, lavrou, venceu,
Honrou as musas, poetou e leu.

Até ahi todo o tempo tinha sido pouco para levan-

[1] A. Herculano. Hist. de Portugal, vol. 3.º, liv. 6.º

[2] Além d'estas côrtes reuniram-se em Leiria outras em 1376, reinando D. Fernando, e outras em 14 7, para o juramento de D. Duarte. Estas foram continuar-se em Santarem.

tar povoações nos ermos, ou brandirmos a lança nos campos de batalha. De guerra estrangeira, das luctas intestinas, dos casamentos, das mortes, ou do nascimento dos reis ainda as nossas chronicas nos dizem alguma cousa, quando dizem; no mais ou são escassas, ou mais ainda do que isso, guardam profundo silencio.

Em que época se semeou a primeira mata do paiz? De que anno data a sementeira? Que annos levou a povoar? Nada d'isto se sabe; diz-se só, vagamente, que a devemos ao rei lavrador, é tradição de paes a filhos, e o que d'elle conhecemos é bastante para o não pormos em duvida.

O homem que desejava emancipar-se da Biscaia, dando uma provisão a Sancho Pires em 1292 para investigar as minas de ferro do reino; o homem que percorrendo constantemente o paiz multiplicou as suas forças productivas pelo arroteamento de terras e deseccamento de pantanos; o homem, que olhando em roda de si, viu e avaliou a posição de Portugal banhado do norte a sul pelas ondas do Atlantico na ponta occidental da Europa, foi tambem o que previu que n'esses mares nos estava guardado o sceptro das conquistas, sem que por isso deixassemos de bastar a nós mesmos pela agricultura e pela industria no torrão minguado da patria.

Foi sem duvida. O pinhal que se intitula de Leiria, e que occupando uma superficie de mais de 3 leguas quadradas [3], a 14 kilometros S. O. da cidade, surgiu ao nuto de uma vontade poderosa; D. João 2.º e D. Manuel encontraram-n'o, quando quizeram construir essas armadas que tinham de levantar a cruz da redempção, e com ella a bandeira portugueza nas cinco partes do mundo.

Mas por que foi a costa visinha de Leiria, e não outras, o ponto escolhido por D. Diniz para a sementeira do grande pinhal? Por que Leiria era a terra das suas predilecções.

Em outubro de 1286, vendo elle que o littoral da Pederneira para o norte era um deserto que em parte podia ser aproveitado para a industria de pescaria, mandou em sitio conveniente levantar a povoação de Paredes, que começou com trinta moradores, aos quaes mandou dar outros tantos moios de trigo, impondo-lhes a obrigação de terem sempre preparadas, pelo menos, seis caravellas de pesca [4].

O campo até á foz do Liz era um vasto pantano, cujas emanações prejudicavam a saude dos povos. O rei lavrador cobriu-o de vallas e esgotou-o, tanto em beneficio da corôa, como dos habitantes circumvisinhos. Temos d'isso um documento em relação ao paul do Ulmar, cujo esgoto elle incumbiu ao seu esmoler Fr. Martinho em 1291.

Este esgotamento, ou fosse no paul do Ulmar, ou fosse n'outros igualmente prejudiciaes que enchiam o campo de Leiria, parece que ia progredindo, porque os religiosos de Santa Cruz de Coimbra, que d'alli recebiam os dizimos, deixaram-nos em 1309 para com o seu producto se continuar a abertura das vallas.

Depois de tantos trabalhos que a favor de Leiria precederam o esgotamento do paul dos Magos em Salvaterra, mandado fazer em 1295; depois de tanto dinheiro consumido n'uma localidade para a tornar productiva e habitavel, não é natural que o monarcha a desejasse garantir? Era.

Pois as areias movediças no seu trabalho incessante, impellidas pelo vento continuariam a innundar os terrenos beneficiados, esterilisando-os, se não encontrassem um obstaculo, e esse obstaculo não podia ser senão uma grande floresta interposta entre elles e o mar.

D'aqui, e do pensamento de prover ás nossas futuras armadas nasceu o pinhal dito d'El-Rei, antes talvez de 1300, anno em que a villa foi doada a Santa Izabel. [5]

Dos prelos de Leiria, já o dissemos, saiu o directorio nautico, que acompanhou Alvares Cabral, quando em 1500 descobriu na America a terra de Santa Cruz.

Da floresta de Leiria, dizemos agora, saiu a fusta em que o intrepido Bartholomeu Dias dobrou em 1487 o cabo das Tormentas, apontando-nos o caminho da India.

É que dois seculos tinham sido bastantes a crear uma grande riqueza florestal, e a terra d'Affonso, a guerreira, teve mais um brasão nos ocios da paz.

VI

Uma povoação que, pela sua importancia já nos fins do seculo XIII, fornecia para a guerra quarenta besteiros, em quanto as suas visinhas Torres Novas, Abrantes, Thomar, e a mesma Coimbra só davam de vinte a trinta e dois [6], não saía em regra do dominio da corôa senão para mimosear uma filha idolotrada, uma esposa virtuosa, ou uma mulher por quem o coração estremecera d'amor.

A D. Affonso Henriques, que vira acabar em verdes annos a infanta Mafalda; que vira Urraca, a primogenita, chorando n'um claustro, separada de seu marido Fernando 2.º, de Leão, não restava para consolo dos seus ultimos dias senão uma filha — Thereza. Amava-a como um louco; esta filha era o seu orgulho: Leiria, a terra da sua predilecção, a que elle havia erguido n'um deserto, a que lhe havia custado tantas fadigas — deu-lh'a.

D. Diniz andou em guerra com seu irmão o principe D. Affonso, que lhe disputava uma parte do reino; Izabel, sua esposa, anjo de candura e de paz, trouxe-os pelas supplicas á concordia, fez-se esta nos primeiros tres dias de julho de 1300, e no dia 4, para a recompensar, como se advinhasse que tambem a 4 de julho entraria ella nas regiões celestes, fêl-a senhora de Leiria. Era a terra em que elle folgava de viver, a terra que havia enriquecido, rompendo-lhe os campos e cobrindo-lhe o littoral d'arvorêdo; joia de mais valor talvez a tivesse, de mais estima — não.

D. Fernando, que pelo amor de D. Leonor Telles

[3] Segundo o relatorio da administração das mattas de 1868, o pinhal tem hoje, pouco mais ou menos, uma superficie de 9:531,9000 hectares arborisados, 183,0000 hectares semeados, e 2:103,7000 por arborisar.

[4] Paredes, hoje sepultada pelas areias, foi em crescimento até ao tempo de D. Manuel, chegando a ser uma povoação importante com o fôro de villa. No meiado do seculo XVII já d'ella não existia, diz D. Francisco Brandão, senão a ermida da Senhora da Victoria, a que o povo de Leiria ia em romagem todos os annos no dia da Natividade da Senhora.

[5] O pinhal de Leiria, segundo se deprehende dos alvarás de 26 de julho de 1597 e 6 de junho de 1598, foi depois consideravelmente augmentado e demarcado, reinando Filippe 3.º de Castella e 2.º de Portugal. D. João 4.º, como refere Fr. Francisco Brandão, mandou fazer no campo novas aberturas.

[6] Um documento do reinado de D. Diniz, mas que se refere em parte a tempos anteriores, menciona os soldados d'esta arma, que cabiam a cada municipio. O sr. Alexandre Herculano, referindo-se a elle escreve: «Cumprindo que o numero d'elles (dos besteiros) fosse proporcional ás forças militares de cada concelho, e estas á sua população e riqueza, o documento a que nos referimos serve para indicar a grandeza e prosperidade comparativas de muitas povoações importantes no fim do seculo XIII. Assim vemos que Abrantes dava 32 besteiros, Thomar 32, Pombal 21, Soure 12, Torres Novas 21, Ourem 21, Porto de Moz 10, Leiria 40, Penella 6, Miranda 4, Arouca 12, Coimbra 31, Monte-Mór Velho 21, Alcanede 15, Santarem 60. *H. de Portugal L. 8.º*

affrontou as reprovações do povo e dos nobres; que por assental-a no throno repudiára o casamento ajustado e jurado de uma infanta de Castella; que não via senão aquella mulher a cujos pés havia posto a corôa, o coração, e o orgulho; D. Fernando, que tudo lhe sacrificou, e que daria o sangue e a vida, se ella tanto quizesse, deu-lhe o senhorio de Leiria. Fora de S. Izabel, não lhe podia dar mais.

Concebem-se estas tres doações, e ainda se admitte, a que antes da rainha santa se fez a D. Affonso, sobrinho de D. Diniz; mas o que não póde deixar de maravilhar é que D. Gonçalo, o irmão de D. Leonor Telles, pudesse um dia chamar-se senhor de Leiria.

Pois foi-o! Mas D. João 1.º, para que não tornasse a descer tanto, revogou a doação, e encorporou Leiria na corôa, com privilegio de ali ficar sempre. Este privilegio continuou-o D. Duarte, e D. Affonso 5.º confirmou-o dizendo que o fazia *por em ella haver muitas cousas para filhar desenfadamento, quando lhe prouvesse em ella estar.*

É um elogio real. Tristezas, e muitas, teve-as o vencedor d'Arzilla, e se não fôra a sua vida agitada, e morrer no vigor dos annos, muitas vezes teria vindo espairecel-as ás margens do Liz, do

Formoso rio Liz, que de contente
Está detendo as aguas vagarosas
Por não passar d'aqui sua corrente [7]

Outros o fizeram.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

(Continúa).

DOCUMENTOS INEDITOS ÁCERCA DE CORREGGIO

Foi ultimamente publicada em Correggio uma memoria interessantissima em resultado de buscas feitas nos archivos d'aquella pequena cidade e nos de Parma, com relação á vida do famoso pintor Antonio Allegri, mais conhecido pelo nome de Correggio.

Dos documentos mencionados na memoria, resultam muitos factos que rectificam certas opiniões que geralmente corriam como fundadas:

1.º — que o artista nunca foi discipulo de Mantegna, como até agora se julgava;

2.º — que não esteve em Roma a estudar a arte no tempo de Raphael e de Miguel Angelo;

3.º — que não foi a Veneza no tempo de Ticiano;

4.º — que o seu unico e verdadeiro mestre foi Antonio Bartolotti, no *atelier* do qual trabalhou, servindo-lhe de modelo alguns dos melhores quadros do mestre;

5.º — que o artista não descendia de paes pobres e desconhecidos, e que não morreu, como até agora se suppunha, na mais horrenda miseria;

6.º finalmente — que á abastança e ao bem-estar, que nunca lhe faltaram durante a sua carreira, deveu justamente poder estudar com descanço e attingir a grande perfeição a que chegou.

Este trabalho do cavalheiro Quirino Bigi contém outrosim interessantes esclarecimentos ácerca dos artistas que precederam e se seguiram Correggio, aos quaes provam a existencia na cidade de Correggio de uma florescente escola de pintura em que o mestre estudou e de que tirou grande auxilio para os seus progressos. Pelas mesmas noticias se vê tambem o logar importante que a escola de Parma occupava na cultura artistica da Italia.

[7] Francisco Rodrigues Lobo.

CHRISTO NO JARDIM DE GETHSEMANI

A gravura, que as *Artes e Letras* apresentam hoje aos seus leitores, é copia de um quadro magnifico de Carlos Dolci, quadro que existe no palacio Brignoli em Genova. Vêem portanto os leitores que, a proposito d'esta gravura, nos seria facil fallar-lhes em Genova a soberba, e nos seus doges, e nas suas ruas de palacios, e nos marmores do seu *Albergo dei Poveri*, e na phrase conceituosa de Dupaty, já citada por Lopes de Mendonça, e nos Dorias e na conjuração de Fiesque, e em tudo quanto se refere á esplendida cidade. Restringindo-nos um pouco mais ao assumpto, ainda podiamos fallar nos Brignoli, e no amor que uma fidalga d'esse nome inspirou ao grande e esbelto pintor Van-Dyck, e no romancinho que Méry escreveu com esse assumpto. Finalmente, ainda a proposito de Carlos Dolci que longa e facil dissertação não podiamos fazer tomando por thema a pintura italiana e as suas diversas escolas, fallando muito em Vasari que nunca lemos, e não dizendo uma palavra ácerca do modesto *Diccionario de Conversação* que consultariamos para o caso!

Mas confessâmos que nos livra d'estas tentações de balofa erudição a grandeza do assumpto que inspira ao eminente pintor italiano o quadro magnifico de que a nossa gravura é copia. O jardim de Gethsemani! Não ha em todo esse drama sublime do Evangelho scena mais pungente do que esta! É que em muitos dos outros passos da paixão de Christo a narração dos apostolos mostra-nos o ente superior ás fraquezas da humanidade, o redemptor divino que celebra a mysteriosa ceremonia que ha de regenerar o mundo. No jardim de Gethsemani, Christo apparece-nos um homem, grande pela abnegação, grande pela coragem com que affronta o sacrificio, mas tendo no amargurado espirito as hesitações, a tristeza, os desalentos humanos.

E, como nós, segundo a phrase celebre de Terencio, somos homens, e nada do que pertence á humanidade deixa de nos impressionar; como, apezar de admirarmos respeitosamente o que a religião nos ensina ácerca dos mysterios do sacrificio de um Deus, só sabemos comprehender, lamentar as dôres que nossos irmãos padecem, e que nós podemos sentir tambem, como em Gethsemani é que o Christo se aproxima de nós, e revela as injustas fraquezas da humanidade, é tambem essa dolorosa scena, de todas as que compõem a mysteriosa tragedia do Calvario, a que mais nos commove e nos impressiona.

O jardim de Gethsemani! Qual é o homem de nobre e generoso coração que não tem tido uma vez na sua vida os transes dolorosos, de que o padecer de Christo é a synthese sublime? Quem não tem já sentido uma vez humedecer-se-lhe a fronte com o suor d'aquellas angustias? Não o sentiu de certo o egoista que nunca pensou senão nos seus proprios deleites; mas o homem de alma aberta a todas as dedicações e a todos os sacrificios, o homem que conhece os gosos asperos e austeros, que derrama na consciencia o cumprimento de um dever, o homem que arrancou do coração, para fazer a felicidade de outro, um amor em que cifrava a sua vida inteira, o homem que sacrificou ao seu paiz a tranquillidade da sua existencia, o homem que soube o que era abnegação e renunciamento de si mesmo, quantas vezes não passou n'um outro jardim das Oliveiras as horas angustiosas da tua dôr, ó Christo, quantas vezes não suou o suor das tuas agonias, ó redemptor sublime, ó santo e resignado martyr!

N'essas horas terriveis revolta-se a carne com a sua fraqueza contra o dominio tyrannico do espirito; vem o



Christo no Jardim de Gethsemani

POR CARLOS DOLCI

raciocinio egoista, vem a torpeza baixa e vil dos nossos instinctos animaes lançar-nos em rosto a imbecilidade da nossa virtude, que ha de ser escarnecida por todos, que ha de privar-nos de uma delicia na terra, promettendo-nos apenas uma recompensa no problematico Paraizo dos mysticos. O epicurianismo scientifico das edades modernas vem segredar-nos ao ouvido: Tu que não és senão um pedaço de materia animada, que voltas ao seio commum da natureza, quando em ti se apaga a chamma vital, porque cerceias os prazeres da tua existencia transitoria, porque procuras a dôr esteril, o padecimento inglorio, quando unicamente deves pensar em fazer da vida um Paraizo? Porque te segregas da humanidade, pensador solitario, que vaes procurar, furtando-te ás delicias da juventude, nos agros caminhos do estudo, a solução dos problemas que podem interessar a felicidade de teus irmãos? Porque deixas a doce terra da patria, aventuroso missionario, para ires procurar em paizes ignotos o martyrio inglorio, só para levares a entes desconhecidos a palavra da vida e as esperanças do ceo? Porque te arrancas voluntariamente, martyr da amizade e do amor, ás delicias ineffaveis que sonhaste, só para que sejam felizes dois entes que estremeces, emquanto devoras em silencio as lagrimas ignoradas do teu obscuro sacrificio? E estas phrases tentadoras soam-nos ao ouvido, e gotejanos na fronte o suor das agonias, e pedimos a Deus que affaste de nós o calice amargoso, e, se ao cabo de longa e asperrima lucta, saímos triumphantes, é porque ha decididamente dentro de nós, acima das impulsões da materia, das concepções elaboradas na massa cinzenta dos lobulos cerebraes que, para os materialistas, representa simplesmente o espirito, o intellecto, uma essencia sublime que nos inspira as grandes dedicações e os generosos sacrificios, que nos consola de todas as dôres com os jubilos austeros da consciencia, que é um raio de luz divina que faz scintillar, como as perolas entre o lodo, entre as paixões terrenas as santas e nobilissimas virtudes.

E o Christo, em Gethsemani, commove-nos principalmente porque deixou de ser o Deus da tradição evangelica, para se transformar no martyr sublime, que, antes de consummar o sacrificio, hesita e desfallece. É o heroe da idéa redemptora, que, antes de morrer por ella na cruz affrontosa, antes de fecundar com o seu sangue a propaganda emancipadora, volta os olhos com tristeza para o mundo que vae deixar, ainda no vigor da juventude, que hesita em quebrar os laços dos mil affectos que o prendem á terra, que pensa na dôr e na injuria, no sarcasmo e no insulto que vão succeder para elle ás acclamações da turba, ao riso meigo das creanças, ás lagrimas das mulheres enthusiasticas que ungem com o perfumado nardo os seus pés macerados pelos abrolhos da peregrinação. E ha de morrer no Calvario agreste e nú, quando tem os olhos ainda cheios com os luminosos reflexos das paizagens do Tiberiades, quando lhe parece que ainda contempla a barca de Pedro que se baloiça ao caír da tarde nas aguas dormentes do lago, as collinas que se esfumam nas brumas do crepusculo, e a multidão que se agrupa para lhe ouvir a voz suavissima, para escutar as suas praticas cheias de uma doce poesia, para prestar attenção ao seu inspirado verbo! Placidos idyllios que vão terminar na horrida tragedia! Dulcissimo romance que vae ter por epilogo a cruz angustiosa! E a duvida salteia-o ainda! Será valioso o sacrificio? Não morrerá sem eccos a sua palavra ardente? O martyrio do Golgotha não será uma pagina olvidada na historia da humanidade! «Desviae de mim! Senhor, o calix da amargura!» exclama elle dolorosamente, sentindo apagar-se-lhe a confiança na sua grandiosa missão, ao ver os apostolos que dormem, como lhes dorme talvez a fé no espirito acanhado! E o martyr, triste e só, no seio da noite, e no jardim da agonia, sente banhar-lhe a fronte o gelido suor do desalento.

Eis, emquanto a mim, o caracter profundamente humano, e por isso mesmo essencialmente dramatico, da scena sublime de Gethsemani!

PINHEIRO CHAGAS.

CHRONICA DO MEZ



Ha tempo para tudo. Antes de principiar a compilação dos livros publicados no mez e dos acontecimentos theatraes succedidos da ultima chronica para cá, permittam que lhes falle de outro assumpto.

Quando a primavera começou a estender o seu manto de verdura pelos prados e collinas, e o sol benefico de abril veio convidar os habitantes da capital a irem aspirar o perfume das flôres ao campo, um pequeno recreio muito em moda nos paizes estrangeiros e pouco explorado em Portugal, serviu de pretexto á grande parte da população para abandonar a capital nas manhãs dos domingos, dirigindo-se em carroagem, a cavallo ou a pé a um dos nossos mais elegantes arrabaldes.

Constava que no Campo Grande havia corridas de cavallos, e todos queriam assistir áquelle divertimento quasi novo no paiz. A concorrencia era enorme. Fazia gosto ver o despertar de uma cidade somnolenta como a nossa, em que todos se movem methodicamente, e caminham de vagar e sem variante, para o mesmo sitio onde costumam ir todos os dias! Apresentavam curioso aspecto os sitios por onde passava a multidão, que ia assistir ao espectaculo offerecido gratuitamente no Campo Grande. E lá, naquella vasta alameda, que de certo se transformaria em delicioso passeio, se o demonio das economias tão entremettido onde não é chamado e tão afastadiço d'onde se torna indispensavel, não viesse com o braço escarnado suspender as obras encetadas para esse fim; lá, era agradavel ver aquelle grupo enorme de povo de todas as classes, cercando os cavalleiros que porfiavam em mostrar a sua pericia para conquistar os applausos dos amadores, que não eram os que figuravam em menor numero no improvisado circo rodeado de vegetação explendente.

Reconhecem todos, mais ou menos, a conveniencia das corridas de cavallos, tanto para o aperfeiçoamento das raças, como para o desenvolvimento da arte de equitação; bom será, pois, que esta diversão, curiosa e util, todos os annos se repita, escolhendo-se terreno apropriado e dando-se-lhe o esplendor que tem nos primeiros paizes da Europa, onde attrahe a attenção de nacionaes e estrangeiros.

O enthusiasmo d'este anno estimulará de certo os iniciadores da idéa a renoval-a e effectual-a como é mister.

Um dos homens mais eminentes do paiz, retirado ha muito da arena litteraria, onde foi, por largos annos, lidador respeitavel e respeitado, quebrou o silencio da sua voz auctorisadissima, dando á imprensa um volume com varios escriptos importantes. Refiro-me ao eminente historiador o sr. Alexandre Herculano e ao seu ultimo livro intitulado—*Opusculos*.

As obras do sr. Alexandre Herculano, como as dos escriptores de melhor nota, pertencem á classe das que não carecem de recommendação para se divulgarem, porque o nome do auctor suppre tudo quanto haja a dizer a respeito d'ellas. Alem do que, não seria eu de certo quem sairia da minha humildade para fazer a apologia de um livro, que só me póde servir para estudar e venerar; vá a outros mais competentes a tarefa.

Ao registar porém os—*Opusculos* do sr. Alexandre Herculano, permitta-se-me que lastime que tão profundo escriptor esteja ha tantos annos afastado da vida activa das letras, porque, auxiliado pela auctoridade que lhe dão o talento e o saber, e pela coragem com que expõe e commenta qualquer facto, sem offensa da verdade nem espirito de parcialidade, prestaria relevantes serviços, patenteando claramente as enfermidades moraes que nos affligem e aconselhando os meios de as debellar.

Do sr. Silva Pinto recebi um volume intitulado—*Horas de febre*.

O titulo é apropriadissimo.

Encara o auctor os factos contemporaneos com febril impaciencia e dá a perceber que os grandes males que nos perseguem, necessitam de remedios energicos de matar ou curar.

O novo livro do sr. Silva Pinto é fiel representante das idéas avançadas, constantemente expostas pelo moço escriptor em mais de uma obra apreciavel.

Embora pareça, muitas vezes, pela ironia pungente com que analysa acontecimentos que passam para muita gente como legitimos e innocentes, que o sr. Silva Pinto é homem em quem a maduresa da edade tem deixado arreigar-se a descrença, conhece-se todavia, lendo-se detidamente os seus escriptos, que ainda tem o fogo do enthusiasmo ateado pela mocidade, porque avança e combate com denodo, não se arreceiando dos perigos nem dando quartel ao inimigo.

Duas palavras aos leitores das Farpas é um opusculo escripto por um brazileiro, impugnando, com documentos, asserções expostas na conhecida publicação do sr. Ramalho Ortigão, a respeito do imperio do Brazil.

Aquelles, a quem interessa o assumpto, devem ler o folheto, que é pequeno e escripto com bastante clareza.

Esboços a carvão é um volume contendo varios escriptos do sr. Joaquim Emygdio Xavier Machado, antecedidos de uma carta do sr. Camillo Castello Branco.

O auctor, como muito bem diz o eminente romancista que o apresenta, *motiva as suas idéas com auctoridades, e modestamente primoroso parece dar maior valia ás opiniões alheias do que ás suas.*

Estas palavras são o melhor elogio que se pode tecer ao livro do sr. Machado.

Na cidade do Porto está-se publicando, em edição luxuosissima, o bello romance de Chateaubriand—*Atala*.

É traduzido com muito esmero pelo sr. Guilherme Braga.

Feita em bom papel e primorosamente illustrada com os desenhos de Gustavo Doré, que serviram na rica edição franceza que ha d'este livro, a edição do Porto póde considerar-se uma das mais notaveis e opulentas que se teem feito em Portugal.

Nebulosas se chama um formoso volume de poesias da interessante e talentosa collaboradora brazileira d'esta revista, a sr.ª D. Narcisa Amalia. Antecede o livro um bem escripto prologo do sr. dr. Pessanha Povoa, no qual se exaltam os extraordinarios dotes intellectuaes da distincta poetisa. Por um retrato que acompanha a obra, se vê que a belleza da auctora não é inferior ao seu talento, o que desperta ainda mais o desejo de travar conhecimento com o livro.

Merece elle todas as attenções, porque encerra poesias de grande energia, ricas de preciosas rimas, cheias de imaginação e sentimento, muitas das quaes por estas qualidades e pela seriedade do thema, mais parecem trabalhos de um poeta de combate, do que estrophes saídas da penna de uma senhora.

Está impresso o famoso poema dramatico do sr. Thomaz Ribeiro—*A indiana*, que ainda hoje se representa e applaude no theatro de D. Maria II, e do qual já tive occasião de fallar n'esta chronica.

A edição é feita pela acreditada livraria Moré, do Porto, sempre incansavel na publicação das melhores obras dos escriptores portuguezes. Os que não viram, e tambem os que viram representar a peça, não devem deixar de lêr aquelles inspirados versos, escriptos por um dos nossos mais talentosos poetas, o auctor do *D. Jayme* e da *Delfina do mal*.

Apesar da interrupção que tiveram os espectaculos publicos em consequencia das cerimonias religiosas da semana santa, os theatros variaram de tal modo os seus espectaculos, que difficil seria fazer longa analyse de todos, no curto espaço destinado para esta secção. Limitar-me-hei, pois, a dar noticia abreviadissima d'elles, demorando-me apenas com algum que me pareça merecer mais detida menção.

A' companhia lyrica do theatro de S. Carlos, que terminou a serie das suas representações nos primeiros dias d'este mez, succedeu a companhia italiana de declamação, á frente da qual está a conhecida e talentosa actriz Elvira Pasquali.

A companhia estreiou-se com o celebre drama de Victor Hugo—*Ruy Blas*, no desempenho do qual apenas agradou o comico Fortuzzi, que fez o papel de D. Cezar de Bazan. N'outras peças, porém, que se tem succedido a esta, o actor principal, o sr. Bozzo, que poucos applausos colhera no papel de Ruy Blas, ha conseguido merecer algum favor do publico, porque representa com bastante conhecimento da arte, com quanto seja um pouco frio e muito inferior em dotes e merecimentos aos grandes talentos que o precederam—Salvini e Rossi. O actor Fortuzzi é, afóra a Pasquali, o artista que mais caiu em graça ás poucas pessoas que concorrem áquelle espectaculo.

A actriz Gertrudes fez o seu beneficio no theatro de D. Maria II com a comedia hespanhola de Eusebio Blasco—*A mosca branca*, engenhosa e original composição, que duraria largo tempo em scena, se fosse dada n'um theatro onde as peças de tres actos fazem melhor carreira do que em D. Maria II.

A beneficiada recebeu do publico as provas de estima que o seu talento merece.

Tambem n'este theatro fez beneficio, obtendo as honras devidas ao seu merito, o actor Theodorico.

A peça escolhida para essa noite foi o drama em cinco actos e um prologo, dividido em duas partes—*Cadet-Roussel*.

O drama alcançou muitos applausos, mas não tem chamado concorrencia ao theatro. É *succulento* de mais para aquella scena, onde o mimo, a naturalidade, o espirito e a poesia encontram mais elementos de vida, do que as situações absurdas e os lances tetricos, que não podem ser tomados a serio pelo publico mais illustrado. Por este motivo, o competentissimo director technico do theatro, raras vezes lança mão d'aquelle genero de composições.

Com a opera-comica hespanhola—*O segredo de uma dama* fez beneficio no theatro da Trindade o actor Queiroz, a quem o publico festejou, como usa para com os actores mais estimados.

A *zarzuela* era já conhecida em Lisboa por ter sido representada, ha annos, no Circo-Price. Apezar d'isso agradou muito pela companhia portugueza, porque tem entrecho razoavel e interessante, dialogo animado, musica bonita e interpretação excellente.

Resta-me fallar da peça de theatro que, por ser composição original, mereceu mais, durante o mez, a attenção dos criticos. Refiro-me á comedia em tres actos do sr. Gervasio Lobato—*De-*

baixo da mascara, levada á scena em primeira representação no beneficio da actriz Maria Adelaide.

É sempre difficil dar animação a uma composição theatral, e a difficuldade augmenta quando a composição é de enredo simples, como o da comedia—*Debaixo da mascara*. Todavia a qualidade mais saliente da nova peça do Gymnasio é justamente a vida, o movimento, o espirito—meios que os auctores francezes empregam com frequencia para despertarem o interesse de que muitas vezes carece a urdidura. É portanto muito para louvar esta circumstancia da comedia do sr. Lobato, havendo a notar, principalmente, que foi com ella que o auctor fez a sua estreia no theatro.

O enredo, póde-se dizer, apenas serve de pretexto para aquelle grupo de scenas animadas e chistosas. É por vezes inverosimil e tem solução pouco acertada, porque estabelece uma theoria que não póde nem deve passar como lei, qual é a de um marido perdoar franca e alegremente á mulher que teve uma aventura amorosa, em que a sua honra esteve quasi a naufragar, unicamente por saber que a aventura fôra com elle proprio, sem que a esposa o conhecesse. N'este caso o marido podia ficar satisfeito por o caso não ter passado para o dominio de outrem, mas não podia nem devia desculpar a intenção perfida da esposa, salva do abysmo por mero acaso.

Estes reparos que a critica póde e deve fazer, não offuscam o merecimento litterario, que é muito, da primeira obra do sr. Lobato, a qual obteve do publico o mais lisongeiro acolhimento.

O desempenho foi bom. A beneficiada e a actriz Emilia dos Anjos disseram e fizeram os seus papeis com muita distincção. Os srs. Taborda e Izidoro foram, como sempre, muito comicos. O actor João Rosa desempenhou esmeradamente o papel de marido; o sr. Augusto Rosa manifestou mais uma vez a sua muita vocação para galãs comicos, e o sr. Carlos de Almeida caracterisou bem o papel que lhe coube. A peça está perfeitamente ensaiada e é sempre muito applaudida em todas as noites que se representa.

Um facto tristissimo cobriu de luto a classe dos pintores portuguezes. Marciano da Silva, notavel pintor historico e director da galeria de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz, baixou á sepultura depois de luctar por algum tempo com os atrozes soffrimentos de uma doença mortal. Além da perda irreparavel para sua familia e seus amigos, ficou a arte privada de um dos seus mais fervorosos e distinctos cultores. Eu, que era um dos amigos do finado, aqui lhe deixo estas linhas como recordação indelevel da estima que lhe dedicava e da sincera admiração que tinha pelo seu talento.

Effectuou-se este mez, em Lisboa, um leilão notavel.

A livraria do fallecido Joaquim Pereira da Costa, uma das melhores bibliothecas particulares da capital, foi vendida em hasta publica. O leilão durou vinte dias e foi mandado fazer pelo filho e herdeiro do fallecido, o sr. visconde de Pereira. Entre as obras notaveis que se venderam, chamou a attenção um pequeno livro impresso em Lisboa, intitulado — *Boosco deleptoso solitario*, livro tão raro, que, segundo creio, não se conhece outro exemplar em bibliotheca alguma do paiz. Foi arrematado por 40$000 réis.

Venderam-se tambem varios exemplares das diversas edições dos Lusiadas, entre elles dois da primeira, 1572, que chegaram um a 41$000 réis, ao qual faltavam algumas folhas e o frontespicio, e o outro a 102$000 réis, estando em bom estado. A edição conhecida pelo nome da do Morgado de Matheus, chegou a 160$000 réis. Parece que varios romances de cavallaria foram comprados antes do leilão por alguns livreiros de Lisboa, fazendo mais tarde acquisição d'elles a camara municipal do Porto. O exemplar da primeira edição das obras de Gil Vicente, diz-se que tambem foi comprado antes do leilão por um livreiro da capital, que, segundo consta, o vendeu a um do Porto, com o ganho de dez libras, lucrando este na venda que fez d'elle a um particular, mais alguma coisa do que o seu collega de Lisboa ganhára.

D'aqui se vê que é mais lucrativo negociar em livros do que escrevel-os. Ganha quem os vende e ganha quem os compra. De todos, porém, o que mais ganha, quando os livros são bons, é o que, em vez de fazer venda, faz leitura d'elles.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

S. M. El-Rei o sr. D. Luiz nomeou director da sua galeria de quadros o sr. Thomaz de Annunciação, distincto pintor e professor de paizagem da Academia das Bellas-Artes, em substituição do fallecido artista Marciano da Silva.

Não temos noticia de nenhuma obra litteraria publicada no Brazil, depois das que registámos em o numero antecedente.

A França vae fundar em Roma um curso de archeologia para os alumnos da Escola franceza de Athenas, o qual será regido por Alb. Drumont. Pela sua parte o Instituto da correspondencia archeologica de Roma, que, segundo a resolução tomada pelo Reichsrath allemão, fica sendo do 1.º de janeiro de 1874 em diante, instituição imperial allemã, vae fundar em Athenas um estabelecimento scientifico dependente do de Roma.

Nas galerias do museu do Luxemburgo, em Paris, tem sido expostos varios quadros a fim de preencherem os espaços deixados pelas pinturas enviadas pelo governo á exposição de Vienna. Entre esses trabalhos, que o publico não via ha muitos annos, notam-se: — a *Tentação de Christo*, por Ary Scheffer; um *Retrato de homem em pé*, por Gigoux; o *Bem e o Mal*, por Victor Orsel, e uma *Muda de diligencia na Normandia*, por Carlos de la Berge. Este ultimo quadro pintado em 1831, é de vigoroso colorido e tem acabamento pouco vulgar. Estava nos aposentos do palacio de Compiégne.

Parece que a fabrica de ceramica das Devezas emprehendeu, e tem quasi concluido, um grande quadro de azulejo, como os que antigamente se faziam, e cujo processo de pintura se julgava perdido.

Um annuncio inserto no periodico — *Nova imprensa livre*, de Vienna, enumera os museus imperiaes que estarão abertos durante a epoca da Exposição universal, marcando os dias e horas da abertura. A visita a estas collecções será apenas prohibida ao publico, em o domingo do Pentecostes e no dia do *Corpus-Christi*. Estarão, pois, patentes ao publico: — o Thesouro imperial (*Schatzkammer*) ás segundas, terças, quartas, quintas e sextas feiras, das dez á uma hora da tarde, sendo os bilhetes de admissão dados gratuitamente a quem os solicitar de vespera na administração; o Gabinete de medalhas e de antiguidades, durante os mesmos dias, das nove ás duas da tarde; a Collecção Ambras, bem como a collecção de esculpturas e inscripções antigas e o Museu egypcio, todos os dias, excepto á segunda feira, das dez ás quatro horas da tarde, nos domingos e dias santificados das dez á uma hora; a Galeria de quadros de Belvedère, nos dias e horas marcados para a Collecção Ambras; o Museu de artilheria, todos os dias, das nove horas ás tres da tarde, excepto aos domingos e dias santificados. A entrada em todos os museus é gratuita.

Os periodicos de Vienna annunciam a chegada áquella capital de um engenheiro americano, afim de estudar a construcção do palacio da exposição. Parece que se trata de realisar uma exposição universal nos Estados Unidos, em 1876, na cidade de Philadelphia. As despezas serão feitas por subscripções particulares. Só no estado da Pensylvania, ha já subscriptos para este fim, 1.800:000 dollars!



Typ. Souza & Filho — Rua do Norte, 145



XA v R.BRENDAMOUR

FAZ-ME A HONRA?

Quadro de Erdemann

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

Typ. de Christovão A. Rodrigues.

ARTES E LETRAS



LISBOA — MAIO DE 1873

O ORPHÃO



olhar d'elle o diz.

Timido, receioso, humilde, apresenta-se n'aquella casa para trabalhar, para ganhar a vida que não pediu a Deus...

Descalcinho, com a trouxa ás costas, e o barrete na mão; vae já servir, ainda na idade dos carinhos e dos mimos, elle a quem ninguem faz mimos nem carinhos n'este mundo.

Vão emprega-lo, sabe Deus em que.

Bem lhes importa o destino que vae ter!

A gente da casa olha-o com a indifferença de estranhos; a mãe está toda entregue á creança que tem ao peito: a avó segura um dos netos pela mão, emquanto o outro mette commodamente as duas mãos nas algibeiras.

O pequeno que puxe por si e tire forças do corpo, — para isso se lhe hão de dar os bocados da bôca, e uns sapatos!

Quando se comprehenderá a necessidade de proteger as creanças? Em não tendo familia, não encontram auxilio nem protecção em ninguem; pobres pequeninos!

As pessoas que os tomam para si, exigem-lhes quasi sempre trabalho superior ás forças d'elles, com a mira no lucro ou no salario.

A lei protege todos os interesses, mas esquece-lhe um que devia dominar todos, — o interesse da creança, que ha de ser homem...

Tinha, de algum modo, o innocente que se encontra só no mundo, e que representa por entre o seu infortunio e a sua tristeza o esperar do futuro, tinha de algum modo, me parece, o direito de ser protegido contra os perigos, contra a corrente tantas vezes adversa da ruim fortuna; e á auctoridade superior do estado competia intervir em favor da fragil creaturinha para que não se lhe exija mais do que o que póde, nem lhe estraguem a saude e o animo por uma lide desproporcionada com a idade, que nem sabe nem se atreve ainda a affrontar a vida real, a vida pratica.

De uma vez, no Chiado, uma pequenita á porta de uma loja, emquanto a mãe via as modas e conversava com os caixeiros, perguntava a outra pequena, que ali se achava com a familia:

— E aquella menina?

— É minha irmã.

— E o seu papá?

— É pae d'ella tambem.

N'isto fica a pequerruxa pasmada.

Admiração profunda.

— Um papá só, para ambas! exclama.

Já lhe parecia pouco; e entendia talvez, creança ditosa, filha unica, contente e alegre, que o amor de pae repartido por dois filhos já não é o mesmo, já não tem a mesma força, a mesma doçura, a mesma meiguice, o mesmo encanto que concentrado n'um só.

Que faria, pobre pequena, se ella soubesse o que é não ter pae nem mãe.

A quantas barbaridades vivem sujeitos os pobres orphãosinhos! Que miseria amarga de isolamento, de abandono, e de lagrimas!

N'um d'esses beccos sujos, humidos, escuros, quarteis de desgraça e pobreza, infectos, immundos, atrozes, de que ainda ha restos em Lisboa, passou-se ha annos um caso horroroso com um pobre pequeno.

Nem tinha pae nem mãe.

Vivia ali com uma gente, que o tinha nem se sabia por que nem para que; malta fusca, verde, esfarrapada; de uma gente, que ha, para tudo, e que não faz nada; cambada que não acha em que se empregue, ou que a preguiça torna inactiva; homens sebentos, luzidios, entretendo a fome com aguardente: mulheres sem sexo, rotas, descalças, sujas, a puxarem por uns pequenos magritos, estonteados, que os paes deixaram orphãos.

A fome engendra o vicio e o descuido do bem: *mala suades!* A tal gentalha, com quem vivia o pequeno começou de repente a ter gosto em o martyrisar.

Por que?

A creança foi-se definhando a pouco e pouco.

De magrinho que era, ía estando das proporções de esqueleto.

Já não era corpo, aquella coisita amarella, engelhada, em que se poderiam contar os ossos e as vertebras.

Haviam-lhe quasi desapparecido os ossos na cavidade das orbitas. Os dedos eram da grossura de uma caneta de escrever...

Pallidez verde, nodoas lividas no rosto...

Aquella cambada sem alma, sem coração, sem dó, sem nada, tinha pensado desfazer-se do pequeno sem que indicio algum pudesse denuncia-la á justiça, e íam-o matando a poder de o privar de dormir!

Levados de odio bruto, o odio estupido dos maus, especie de doidice de antipathia, ebriedade de torturar alguem, não deixavam de dia nem de noite a creança pregar olho!

Faziam-lhe bulha; obrigavam-o a levantar-se; quan-

do já não tinha força para estar em pé, levavam-o, como elles dizem, *em charola;* davam-lhe beliscões, moiam-no.

A visinhança ouvia-o chorar; a mulher ria, o homem praguejava; mettiam-lhe medos; faziam-lhe horrores...

Uma pobre mulher, que morava ao lado d'elles, condoeu-se da creança, chamou-a a si, ameaçou-os com a policia, mudou-se para outro sitio, e levou o pequeno comsigo.

O pequeno viveu sem medrar.

Vive ainda, enfesado, caladito quasi sempre. Conheço-o; dou-lhe um vintem ás vezes. Para o ouvir, perguntei-lhe uma occasião:

— Gostas d'este vintem?

— Gosto, sim, senhor.

— E que applicação lhe vaes dar?

— Para pão.

O pão havia sido o bollo, o ideal, d'elle!

Ha uma só coisa mais triste ainda do que uma gaiola sem passaros, e uma casa sem creanças: é uma creança sem pae nem mãe!

Não é preciso ser orphão para comprehender bem toda a amargura de destino dos que o são. Nós todos, alguma vez, temos tido na vida a hora inconsolavel de estarmos longe dos nossos, e pezar-nos n'alma a saudade da familia; — é calcular por essa hora passageira, o que será o sempre!

Quando depois da morte de meu pae, em 1852, me determinei a não ir para a aldeia, onde minha mãe tem a sua casa, e ficar sósinho aqui a aprender o officio das letras, ía a entrar o inverno. As ventanias de dezembro açoitavam as vidraças da janella do quarto onde eu morava. Estava pobre, sem pae, longe, muito longe de minha mãe; tinha dezeseis annos; rompêra abertamente com a Durruivos, o que equivalia a quebrar o passado e querer edificar o futuro no presente, que me estremecia e estalava debaixo dos pés...

Chegou a noite de Natal.

Ouvi os sinos a chamar para a missa do gallo; vi da janella as ruas cheias de povo, que girava de um lado e do outro muito contente, com os seus papeluchos de brôas debaixo do braço...

E, como era a primeira vez que aquella noite, que sempre me fôra alegre, me encontrou triste e só, sentado á mesa de trabalho com os livros por unicos amigos e unicos companheiros, conheci com que tristeza devem sentir-se perdidos de desgraça n'este mundo os que entram orphãos na vida...

JULIO CESAR MACHADO.

FAZ-ME A HONRA?

QUADRO DE ERDMANN



Um galan do principio do seculo, dos que chegaram aos nossos dias mumificados nas caricaturas carnavalescas, offerece o arrimo do seu braço a uma dama coeva, para transpôr os humbraes da porta marchetada, onde está perfilado, como um recruta á voz de sentido, o velho mordomo, de libré de veludo e cabelleira de polvilhos. As duas figuras juvenis arqueiam-se, descrevendo um parenthesis. Elle reteza a perna, abre um angulo de 45° com o pé envernizado e a linha recta do seu caminho, curva e recurva o braço como para encaixilhar o pulso alvo, que lhe procura o encosto, acompanhando-se com uma donairosa mesura. Ambos dão boa fama dos seus mestres de dança e requebros. São dois figurinos da cortezia avoenga, dois corypheus de *menuet,* que se ensaiam nos bastidores.

Isto é o quadro. Brendamour e a sua finissima gravura dizem-nos, que as figuras e os accessorios são pintados com o esmero e o acabamento, que Meissonier exagera nas suas miniaturas.

A seda dos fatos ruge, é luminosa e quebra as linhas das prégas, dispensando o tacto de verificar quanto é encorpada. O marmore xadrezado do pavimento espelha as fórmas, as côres e os brilhos, como se fôra o cristal de um lago, onde resvalassem patinhadores. Os adornos da moradia luxuosa, as galas dos visitadores tafues estão *tratados* com o bom tom, largo e despretencioso, de um pincel fidalgo, tambem iniciado em todos os segredos do *processo.* O desenho, o grupamento das figuras, a distribuição da luz, o claro-escuro e a côr, — por supposição benevola —; tudo emfim quanto constitue a parte mechanica e material da arte, tudo é exemplar, sabio, perfeito, para se estudar e imitar, salvo o melhor juizo das competencias, perante as quaes se curva submisso o meu gosto, ignorante dos mestres e dos codigos.

Mas, com tantas excellencias, reaes ou presumidas, o que é este quadro de Erdmann? É um monumento, uma retrospecção de costumes perdidos. É uma amostra, uma reliquia de uma sociedade no estado fossil. Tem um merecimento e uma significação historica e archeologica. Corresponde de certo modo a uma certidão de camara municipal, declarando os preços correntes dos cereaes n'um anno atrazado. Mas a arte ficou n'elle reduzida ao *processo,* por falta do seu elemento ideal. O artista não tomou parte na sua obra, senão como o copista, que reproduz uma illuminura do seculo XIV. E o espirito mais impressionavel vê, revê, medita, contempla o quadro, sem poder extrahir d'elle mais do que o prazer da curiosidade satisfeita, ou aquelle mesmo encanto com que a vista se repasta em sedas ondeiantes ou matizadas tapeçarias.

Qual é o elemento ideal, qual é a concepção verdadeiramente artistica, que se exprime por aquellas duas figuras, que por cortezia se alquebram emquanto a servi-

lidade se apruma? Não é por certo o bello physico, que tambem é um fim legitimo da arte, e principalmente o foi na Grecia, onde correspondia a um culto social. A gesticulação da etiqueta e o córte dos vestidos apagam nos specimens da humanidade de artificio, pintados por Erdmann, as fórmas que dizem ser imagem da perfeição divina, avizinhando-as do grotesco. A mulher pouco mais é do que o cabide do seu fato. Não ha bello possivel enfronhado n'uma casaca direita, que tufa na cinta, que se espalma sobre as pernas, e é uma atroz blasfemia contra as leis da natureza e do gosto, passada da moda á guarda roupa da caricatura. E a arte só póde repetir taes blasfemias, quando são essenciaes á symbolisação da sua idéa; podem ser-lhe *meio*, mas nunca lhe devem ser *fim*, como realmente são *fim* da pintura que commentâmos.

Pretenderia o pintor allemão recommendar á geração desceremoniosa de hoje, como ideal das relações superficiaes entre os dois sexos, aquella etiqueta de que é amostra o maneirismo, com que os seus personagens se saudam e enlaçam os braços? Se assim fôra, acudiriam a arte a engeitar o artista, tornado mestre-sala, e a critica dos costumes a reprovar-lhe a apologia da absurda convenção de phrases e gestos, que effeminava os espiritos e desarticulava os corpos dos nossos avós. Essa convenção oppressôra, que aflautava as vozes no tom do madrigal e afiambrava as pernas nas posições do minuete, não significava respeito á mulher, nem delicadeza de sentimentos, nem pureza de intenções. Era um verniz, que tambem abrilhantava a podridão, era uma mimica para os olhos, era uma fórma, e, transplantada dos salões para a téla, fica sendo tambem uma fórma, uma combinação de attitudes estudadas, e por isso o quadro *Faz-me a honra?* não falla á alma, apesar das suas figuras terem expressão correlativa á sua acção, e é frio, a despeito do movimento que lhe communicam as posições dynamicas d'essas mesmas figuras.

Tirem-lhe a intenção historica, supponham que não é uma scena de costumes, que não tem uma realidade retrospectiva, o quadro não terá sentido. Mostrem-o a quem ignore o codigo do bom tom contemporaneo das marrafas polvilhadas, só verá n'elle umas roupagens de veludo e seda, desgraciosamente envergadas n'uns manequins feios! A arte aqui só vive, pois, do processo e do elemento archeologico de que se apropriou. Mas este elemento é de insignificante valor, que nem é corrente em toda a parte e por todos os tempos. A arte é para mais do que perpetuar os figurinos das modas passadas e a plastica das maneiras cortezes. N'este mister apouca-se; póde mover a curiosidade, póde agradar aos sentidos, póde realisar o *bonito*, póde até satisfazer o gosto, mas não alcança o bello e não é uma linguagem ideographica do espirito, communicando com o espirito através das sensações da fórma e da côr.

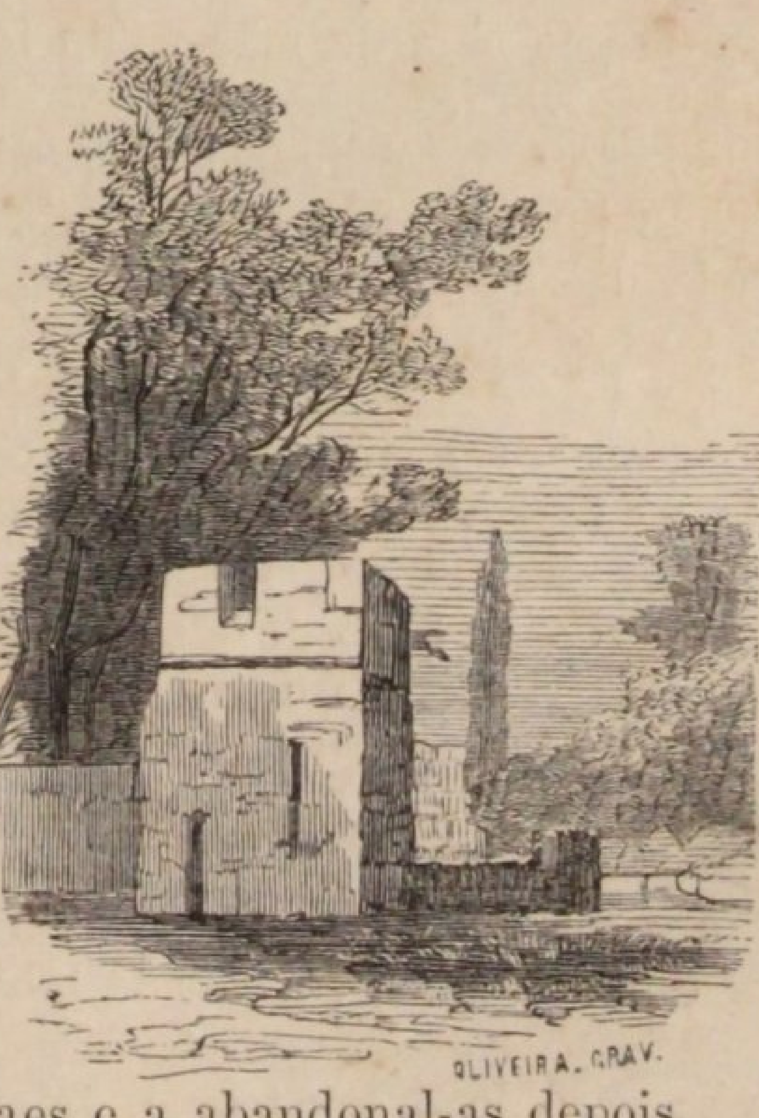
Ha realismo na pintura d'Erdmann? Certamente, mas no assumpto ha a convenção com a sua inevitavel frieza. A theoria realista mais inflexivel não exclue a escolha do objecto da arte, entre as realidades naturaes e sociaes, nem prohibe ao artista imprimir-lhe o cunho das suas faculdades e do seu modo pessoal de o encarar e comprehender, em si e nas suas relações. Aqui, o erro está na escolha do objecto, que é onde começa a revelar-se o genio artistico. Nem tudo é material proprio para as creações da arte, e tambem ella tem a sua dignidade, que não é a dignidade orgulhosa de tragedia antiga, que só convivia com principes e magnates, mas a da intelligencia humana, que se desdoura nos empregos futeis e abdica nas occupações estereis. Quem lhe restituira a consciencia d'essa dignidade!

Faz-me a honra? é exactamente um madrigal pintado: fórma aprimorada, imagens engenhosas, harmonia nas rimas, nem vigor nem originalidade na concepção. Isto no conjuncto. Visto o quadro por partes, a estatua de libré de veludo, que se alinhou com a hombreira, ainda suscita uma reflexão pertinente á escolha do assumpto. É uma estatua sem articulações e sem vida, que satisfaz todos os preceitos da etiqueta serviçal, mas enfada a vista. Todavia, Erdmann modelou-a assim por necessidade de composição e sob a pressão de um perigo. Se em vez d'um adorno de sala fosse uma figura humana, e animada, primaria na téla, rebaixando e subjugando o grupo principal. O servo pareceria fidalgo; a par da sua magestade, os fidalgos passariam por bailarinos; e o pintor teria feito um epigramma ás maneiras pretenciosamente cortezes dos nossos venerandos maiores, tanto é certo pender este assumpto para os baixios da caricatura!

Erdmann, porém, é um artista insigne e venceu-lhe o pendôr. Venceu uma difficuldade. E se a minha critica se mostrou empenhada em descobrir o vicio original da sua obra, não foi para apoucar os seus muitos merecimentos reaes, mas para cumprir o que supponho ser hoje o primeiro dever de todas as criticas: a de levantar as vistas da arte e dos seus cultores para o bello da natureza e do mundo moral.

A. ENNES.

ARIADNA



Á que sempre houve grandes tunantes por este mundo, é facto averiguado na historia; e seja qualquer que fôr a época sobre que se lance a vista, sempre apparece o amor a fazer das suas e a pagar mal a quem melhor o serve.

A historia da pobre Ariadna é mais um exemplo que prova bem que já doze seculos antes da vinda de Christo havia seductores, que andavam a roubar raparigas aos paes e a abandonal-as depois.

As coisas não melhoraram muito com a vinda do Redemptor; e até parece que o caso se tornou mais vulgar, porque consegue quando muito figurar nas partes de policia, ter um interesse ephemero para os frequentadores das salas dos tribunaes, e depois ficar archivado no cartorio de algum escrivão do direito, até que a traça ami-

ga se incumba de roer os autos e com elles a memoria dos feitos dos Lovelaces modernos.

Se os esculptores começassem a inspirar-se de acontecimentos semelhantes e a reproduzir no marmore todas as Ariadnas abandonadas por este novo e velho mundo, seriam dentro em pouco tantas as estatuas que as pedreiras ficariam esgotadas, se antes uma geração de Phidias e de Migueis Angelos, ainda quando a boa sorte no-la deparasse, não tivesse deixado caír o escopro e o cinzel, fatigado o braço de archivar na pedra lastimosos successos de mulheres raptadas e abandonadas pelos amantes.

É certo que n'outros tempos as coisas não se passavam do mesmo modo, e como não vigorava ainda a carta constitucional, que determina que a lei seja egual para todos, nem a republica franceza havia abrigado com a sombra da bandeira tricolor o mote onde se lê egualdade, os crimes e os soffrimentos do povo, que rastejava na sombra immensa da ignorancia e da escravidão, passavam desapercebidos, para apenas serem vistos pela posteridade os reis, quer tivessem os olhos humidos de lagrimas, quer as mãos manchadas de sangue ou os corações a trasbordar de torpezas.

Tambem o tal senhor Theseu, que furtava princezas aos pares, e que reincidia nas suas proezas, sem que lhe pungisse o remordimento de ver as suas victimas succumbirem na solidão, no desalento e na angustia, era digno de figurar na historia, principalmente pela negra ingratidão com que tratou Ariadna, a quem deveu o exito da sua mais brilhante empreza.

Minos era um rei de Creta, que tivera a infelicidade de casar com uma tal Pasiphae, a qual se apaixonou por um toiro; e o marido, que ainda não tinha lido o *Tue-la* de Alexandre Dumas, entendeu que o melhor, para esconder a sua deshonra, era occultar o fructo d'aquelle amor tauro-adulterino no centro de um labyrintho, construido por Dédalo, e que ao que parece era muito mais complicado do que o da quinta das Larangeiras, pois ninguem, nem o proprio constructor, era capaz de saír de lá.

Os athenienses, vencidos pelos de Creta, ficaram obrigados a pagar um tributo annual de sete mancebos e sete donzellas, para alimentar o Minotauro, que assim se chamava a creança, que nem do pae nem da mãe podia ter herdado aquella tendencia carnivora.

Mas emfim, como tudo era extraordinario n'aquella época creada pela vivissima imaginação grega, deixemos passar a extravagancia dos amores da rainha e dos appetites anthropophagos do exilado do labyrintho.

Theseu, filho de Egeu, rei de Athenas, foi a Creta levar a ração de carne humana para o Minotauro, mas como era pimpão destemido e já provado em varias proezas, concebeu o plano de dar cabo do bicho, tanto mais que elle já tinha apanhado vivo o toiro de Marathona, façanha esta em que podia ter rivalisado com elle qualquer pegador do Ribatejo, se já por aquellas fabulosas épocas estivesse desenvolvido o gosto das lidas tauromachicas.

Ora matar o Minotauro era o menos; a maior difficuldade estava em entrar e, ainda mais, em saír do labyrintho.

Theseu, que não tinha perdido o seu tempo, galanteando a menina Ariadna, encontrou n'esta um poderoso auxiliar para a sua empreza; e o que hoje lembraria a qualquer criada de servir, que se occupasse em fazer meia, occorreu á princeza cretense, que deu ao namorado um novello, que podemos assegurar não ser de algodão, pelo simples motivo d'esta planta se haver descoberto muitos seculos depois; e o futuro companheiro do chefe dos argonautas (não sei se vae aqui anachronismo, valha a verdade!) armado do fio de Ariadna, que ficou tradicional, penetrou no labyrintho, deu cabo do monstro emquanto o demo esfrega um olho, salvou os seus sete compatricios e outras tantas compatricias do lance pouco agradavel de serem devorados, e em paga do auxilio que a filha de Minos lhe dera e do amor que ella lhe consagrava, fez-lhe o favor de a raptar, raptando ao mesmo tempo uma sua irmã, por nome Phedra, para mostrar que era homem capaz de grandes emprezas.

Realmente, furtar duas irmãs ao mesmo tempo não é coisa muito facil mesmo n'esta nossa época em que as artes e as artimanhas estão muito mais desenvolvidas! Mas a volubilidade, que ha de ser sempre o caracteristico do coração dos seductores, o tedio, que ha de ser sempre o complemento do amor, e o abandono, que é o justo castigo das meninas honestas que se deixam raptar pelos amantes, vieram acabar este idyllio amoroso da princeza cretense; e o regio seductor, com a mais negra ingratidão, deslembrando a mercê que recebêra no fio salvador, quando passou pela ilha de Naxos, alijou a carga das amantes, deixando ali, exposta á intemperie e ao desespero, só, sobre os rochedos, a infeliz Ariadna, que na amargura da saudade passou a vida, até que o extremo desalento a levou a lançar-se ao mar.

Ora, é no momento solemne em que a desditosa filha de Minos se entrega sem testemunhas á sua dôr e ao seu remorso, que o esculptor a surprehende, e lhe traduz no marmore as bellas feições que devem caracterisar aquelle lance tragico.

Estamos na sala *delle statue* do Vaticano, em Roma, e é ahi que vamos travar conhecimento com essa formosissima figura, que a nossa estampa representa.

A dôr da filha de um rei, n'aquelles tempos, em que a demagogia não campeava como agora, apesar de não ser desconhecida dos povos a fórma republicana, devia ter um caracteristico especial de grandeza e sublimidade. Não podia confundir-se com a dôr exaltada e furiosa de uma rapariga de pouco mais ou menos, nem com a dôr sentimental da filha de um honrado burguez educada n'um recolhimento, nem ainda com a magoa affectada de uma princeza de theatro creada pelo sopro da imaginação de qualquer dramaturgo. Essa dôr principesca devia ter um cunho especial, distincto do vulgar, assumir proporções tragico-plasticas.

A filha do monarcha foi leviana, como qualquer outra donzella de obscura e humilde condição; deixou-se captivar de amor por um aventureiro, que apesar da sua regia stirpe, não tinha a melhor reputação; caíu como qualquer filha de Eva: mas supportou com tal resignação e magestade as consequencias do seu erro que os visitadores d'aquelle museu de preciosidades artisticas, tomados de respeito e de acatamento, estão promptos a perdoar-lhe a leviandade... em attenção ao esculptor.

Sua alteza real a princeza Ariadna, a quem falta mais macio leito, está recostada sobre os rochedos, com a formosissima fronte apoiada na mão esquerda, e o braço direito curvando-se elegantemente por sobre a cabeça, onde tumultúa uma tempestade de recordações. Esta graciosissima posição é realçada ainda pelo garbo com que o tronco, levantado um pouco, se amolda descuidosamente na sinuosidade do rochedo, e os membros inferiores pendem abandonados em ligeira flexão, deixando sob as admiraveis prégas da roupagem entrevêr as esbeltas fórmas feminís. Os seus olhos cerrados dizem que o somno a embala n'aquelle leito durissimo, em que ella sonha talvez, n'esse momento, com o ingrato que assim a abando-

nou, recompondo, n'esse intimo kaleidoscopo da imaginação desperta entre o adormecimento de todas as outras faculdades, a lembrança dos instantes ditosos que passou junto a Theseu que adora ainda, a Theseu que lhe fugiu, e cujo baixel ella viu alongar-se da costa de Naxos, sulcar garboso as ondas, sumir-se no horisonte, roubando-lhe a esperança e a felicidade e deixando-lhe por companhia unica o gemido plangente do mar, que tão bem se casa ao gemer do seu coração.

Exhausta, extenuada de estender a vista pela infinda amplidão do espaço e os vôos de alma pelo immenso vacuo dos seus affectos perdidos, Ariadna caíu talvez sobre os rochedos, onde o somno amigo lhe veiu expremer nas

nas expressivas feições da estatua, impõe o respeito, que impõem as grandes dôres, que ninguem ousa perturbar levianamente. Os que não sabem a historia de Ariadna conhecem que se encontram face a face com uma enorme desdita; os que a sabem abstraem d'ella, para só apreciarem o sentimento que ella symbolisa.

Ha quem diga que a correcção das linhas d'aquella admiravel physionomia não se encontra em nenhuma outra manifestação artistica, senão na *Noite* de Miguel Angelo, na sacristia da nova capella de S. Lourenço, em Florença, sendo possivel que o grande mestre florentino se inspirasse n'esta estatua, quando creou a sua grande composição.



Ariadna

palpebras o narcotico succo que traz lenitivo a todas as mágoas.

Ariadna vê porventura na intima concentração do sonho esse dôce repouso do tumulo com que a namoram os abysmos do mar, sem que a agite a idéa da morte, antes sorrindo-lhe como abrigo appetecido, onde ha de encontrar fim o seu soffrimento acerbo.

Junto d'este maravilhoso primor de arte falla-se em voz baixa e com o acatamento com que se fallaria dentro de um recinto sagrado. Aquella omnipotencia do artista, que vasou o fogo de uma alma no marmore frio, e que traduziu a eloquencia de uma grande desventura

Ao contemplar-se esta obra maravilhosa de esculptura, esquece-se o fabuloso e até o vulgar do assumpto, perdoa-se de certo de boamente a Theseu a sua devassissima ingratidão e pouco moral façanha, e não se lhe leva em mal que elle abandonasse Ariadna, e que ainda fôsse depois raptar uma Helena qualquer, só porque essa proeza, que tantos outros depois d'elle têm praticado, sem que a tradição se occupe de registal-a nos seus floridos archivos, inspirou a formosissima estatua, que hoje a nossa estampa reproduz.

CHRISTOVAM DE SÁ.

MOGAREM[1]

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

I

É singelo o episodio que vou contar; é um esboceto de costumes orientaes e passou-se no tempo em que os nossos missionarios, soldados fervorosos da religião e da patria, levavam as suas conquistas de amor ao seio endurecido dos velhos povos do oriente. Os galeões portuguezes transportavam em cada monção para os portos da India guerreiros de duas especies; rivaes sem serem inimigos: — soldados e padres. Foi uma formosa época.

Emquanto os caminhos do Egypto e do golpho persico, as cidades do Eufrates e as caravanas do deserto, se viam despojadas do commercio da India, os morros carrancudos e inhospitos do cabo tormentoso viam cruzar-se, nos mares encapelados do sul, náus que gemiam avergadas de homens, de artilheria, de lanças, de escapularios e de riquezas sem conto.

Emquanto o Cairo e Palmyra e Bassora e Veneza tremiam do silencio sinistro das suas praças e estradas, bramia de raiva o Adamastor de vêr devassado sem respeito o seu mar selvagem, solitario, feroz, agora, como cão domestico, ornado de uma coleira de navios com flamulas desconhecidas.

Na India, das mysteriosas florestas de palmeiras debruçadas á beira-mar, saudavam os nossos intrepidos avós as naus do reino, que despontavam cada anno sobre o horisonte dos mares, e recolhiam no seio os recem-vindos para as luctas e para a gloria. N'essa confraternisação enthusiastica havia fé viva no presente e esperança no futuro.

Riem-se hoje por ahi da fé e da esperança, do enthusiasmo e do amor da patria; pois, mocidade brilhante, ride a vosso prazer das velharias do sonhador, mas quer-me parecer a mim que, ou não fareis nada com a vossa philosophia sceptica, ou o que fizerdes não será grande, nem consistente.

Se a natureza nos deu os affectos com o pensamento, o sentimento com a rasão, não foi para que nos desquitassemos de uma parte das nossas faculdades no que julgâmos proveito das outras, e que é apenas um desequilibrio fatal que ameaça a humanidade de incalculaveis cataclismos.

Tendes rasão em muitas das vossas doutrinas, mas caís, victimas de visões deploraveis, em exageros que assustam.

Virá uma nova escola amparar as conquistas da rasão com a elevação do sentimento, porque a natureza sempre triumpha por fim, e quando não houver perigo de caírmos nos excessos das idolatrias, nem de nos perdermos nos páramos infinitos das cogitações abstractas, será chegada a época das grandes conquistas da humanidade.

— Abaixo as algemas do pensamento! — é justo; mas cuidado! não tomemos auxilios por algemas. Se loucura seria pensar que, amputando os braços ao caminhante, elle deve chegar mais depressa por ficar assim menos pesado, annullando os nossos sentimentos praticâmos identica loucura.

Era em 1548, época em que D. João de Castro, depois das brilhantes fadigas de Diu e das victorias assignaladas de Salsete, recolhido ao palacio dos viso-reis, chorava ainda dentro dos seus aposentos solitarios a morte prematura de D. Fernando de Castro, que os soldados de Diu e de Cambaya viram voar e desapparecer no espaço, envolto n'um turbilhão de fogo e fumo, ao estrondo de uma explosão legendaria.

Que mais brilhante apothéose preparou já a gloria guerreira aos seus dilectos? Por altar, muralhas negras e bastiões accesos, vomitando metralha e avergados de cadaveres ameaçadores; aqui... além... rarissimos! soldados tisnados com o morrão acceso ao pé da espada flammejante e rubra; de fóra, exercitos assombrados, olhando a ascensão esplendida! por fundo, ao norte, os areaes adustos; ao sul, as aguas do mar sem fim!

Uma bandeira portugueza pregada no mais alto da muralha e os hymnos de uma grande victoria acompanhados pelas vagas do mar e pelos ventos do deserto.

Ninguem viu jámais chorar o viso-rei. — «Por cada uma das pedras d'essas muralhas daria eu de boa vontade um filho» — dizia elle aos enlutados cavalleiros.

Chorava, a sós comsigo, o varão forte; e adoravam-no e cantavam-lhe canticos de amor nas ruas e nos templos, os povos do oriente.

II

D. Fernando de Castro, o gentil soldado, no pouco tempo que se demorára em Goa era o orgulho dos moços illustres que tinham valia e valor, o idolo do povo rude que o apontava jubiloso como um dos mais esbeltos cavalleiros recemvindos do occidente, e a inveja das formosas e tentadoras indianas que o espreitavam com amor através das rotulas invejosas e ciumentas das suas janellas recatadas.

Por horas do fim da tarde, quando as auras do mar subiam o Mandovy e vinham enrolar-se e brincar nas palmeiras e tamarindos das cercas da grande cidade, costumava o esbelto portuguez saír, só, do palacio dos viso-reis por uma porta pequena e de cunhaes bordados que dava para o adro de S. Caetano, porta de que ainda hoje achareis formosos vestigios; passava ao pé da ampla fabrica da Misericordia, deixando a Sé á direita e chegando ao largo do Bom Jesus, onde se guarda o tumulo sumptuoso de S. Francisco Xavier, tomava pela esquerda para fóra da cidade e dirigia-se ao caes de Cumbarjua, onde hoje

[1] Bragança, 1 de maio de 1873. — Sr. redactor das *Artes e Letras*. — Accedendo ao convite de v. achei entre os manuscriptos que trouxe da India, esse esboço de romance que tencionava recompôr e completar nas minhas horas vagas. Como não as tenho e querendo condescender com o seu desejo, ahi vae tal como veio. Se v. entender que vale a publicação, póde dispôr d'elle, senão melhora-lo-hei quando voltar á vida das letras, se me parecer que merece mais apurada revisão.

Sou de v. etc. = *Thomaz Ribeiro.*

Com a inserção do manuscripto n'estas paginas, respondemos á delicadissima carta do nosso illustre collaborador.

R. DE L.

ainda se encontram vestigios de uma porta nos restos da antiga muralha.

Desde a igreja do Bom Jesus ao canal de Cumbarjua é amenissimo o trajecto. A rua, larga, plana e alinhada, como todas as da velha cidade, abre por uma densissima floresta que para ambos os lados se estende. Mangueiras, coqueiros, acacias vermelhas, tamarindos, cajueiros, bambuaes, e a enredar todos os troncos e ramos o betle aromatico e mil especies de trepadeiras com florescencia eterna, eis a decoração d'aquella rua solitaria, onde nem o canto das aves perturba hoje o silencio tumular da triste cidade morta.

Chega-se ao canal e a natureza abre um sorriso; as aves cantam, as aguas scintillam, as tonas conversam e os arbustos marinhos, que se alimentam em cardumes das aguas salgadas, cobrem-se de garças pescadoras.

No seculo XVI era differente aquella rua. D'um e d'outro lado havia, aqui e além, e dizem-n'o hoje as ruinas, casas de campo com seus jardins e bosques de arbustos floridos. Eram gentios quasi todos os habitantes d'aquelle paraiso oriental.

N'uma das ultimas casas á esquerda morava uma goana que enchia todo o Malabar com a fama da sua belleza. Devia ter quinze annos. O noivo, a quem seus paes a prometteram de cinco annos de idade, saíra pequeno para Madrasta com toda a sua familia, que de lá annunciava de anno em anno a sua vinda, e sempre o enlace era adiado. No entanto, Mogarem fazia-se mulher e resplandecia de formosura.

Viu-a um dia por acaso D. Fernando de Castro e julgou encontrar a Venus da mythologia. Ella fugiu como a chitella do mato; elle parou pensativo e não chegou n'esse dia a ver as aguas do canal de Cumbarjua.

De noite sonhou com aquella morena formosura envolta no seu *panno* amarello de seda de Nacpur com os lustrosos cabellos soltos a varrerem o chão, com os grandes olhos negros de fogo e veludo. No dia seguinte pensou que tudo fôra illusão. Á tarde passou e nada viu. Banhou-se no rio de Cumbarjua. A noite surprehendeu-o nas aguas e pela primeira vez attentou no que eram as noites orientaes. Que estrellas e que transparencias, que aromas e que scintillações!

Subi a um monte e dizei onde termina o céo e onde começa a terra; quaes são os astros e quaes os vagalumes; especialmente quando a lua, pouco acima do horisonte, espalha, entre o céo e a terra, o véo branco da sua poeira de prata, que adelgaça um pouco as trévas dos montes e offusca a meio a transparencia do firmamento.

Comprehende-se o amor das feras, mas não se comprehende a sanha feroz dos seus instinctos.

Quando o moço cavalleiro voltava, as janellas da casa indú estavam-se alumiando.

Parou, e do bambual que se debruçava á beira da estrada, fugiu espavorida, agitando violentamente as folhas das canas, uma cobra? uma cerva? ou a formosa mulher que lhe apparecêra na vespera?

Na transparencia de uma das janellas baixas desenhou-se e passou o vulto esculptural da formosa Mogarem.

(Continúa.)

ATELIER NO CONVENTO



O mundo está do lado de fóra da porta...

E a porta deita para o grande e sombrio corredor do mosteiro, que tambem é um mundozinho de paixões, de intrigas e de virtudes. Todavia nem a esse mundozinho pertence o monge á hora em que, fechado na cella, está contemplando o seu quadro, preparando as tintas, aquecendo a sua velhice á chamma intima do amor pela arte.

Assim como pelas ruinas vae subindo e verdejando a hera, cercando os escombros n'um abraço de mocidade, lateja no cerebro do velho artista, por baixo dos cabellos brancos, accendendo aurora e fechada n'um circulo de neves, a idéa do bello, a flôr sempre verde dos espiritos lucidos.

Elle ali está só comsigo, no seu *atelier*, e com a dôce *madona* que vae retocar. Nem as sombras da cêrca o convidam ao ocio, nem as porfias dos rouxinoes palreiros lhe despertam emulação como ao frade de Bemfica, nem as palestras da communidade, ora illustrativas ora venenosas, o prendem; nem os rotulos do templo o retêem em piedoso recolhimento. Nada; remanso só quer o da sua officina, musica a da sua alma, palestrear o do seu espirito, recolher-se o dos seus devaneios artisticos.

Resa com os outros, mas não se fica a penitenciarse diante dos altares. Resa menos e adora mais. Vê Deus melhor á luz da sua grande intuição artistica do que á luz dos candelabros do templo. O bello é para elle, como para Platão, o esplendor da verdade, e a verdade absoluta é Deus, porque Deus é a affirmação indestructivel de quanto ha de grande e santo, e bom, e justo...

Para o seu Deus é bastante altar o seu coração. Ali o adora, não no idioma da igreja, mas na muda linguagem dos pensamentos intraduziveis.

Não dispensa no seu *atelier* o candido e pallido Jesus, porque ainda não encontrou belleza como aquella. Quando quer um modelo de doçura e bondade suavissimas, ergue os olhos ao crucifixo, e ali o encontra.

Nas cellas vizinhas falla-se, ri-se, discute-se. Nem dá por isso. Vive mais de sentir que de fallar.

O mundo está do lado de fóra da porta...

O vozear sempre foi do mundo. Deixa portanto o mundo em paz, se bem que o mundo não se esqueça de que elle vive.

A sociedade do convento chasqueia do companheiro quando raras vezes o vê, por entre o arvoredo da cêrca, assomar á janella do cubiculo e demorar o olhar n'umas tintas dôcemente coloridas que se vão alternando no horisonte.

A communidade segreda-se epithetos que vão apontados á continua reclusão do velho artista, e que seriam offensivos se não fossem impudentes.

Todavia os epithetos não chegam á janella do frade, porque se perdem na coma das arvores como as pedras que o rapazio atira de fóra do muro...

A sociedade do mundo falla d'elle, porque o conhece, porque lhe compra os quadros, quer dizer,—falla d'elle porque lhe conhece o nome e não conhece a pessoa...

A inveja dorme por suppôr que um frade se não póde armar para a lucta, e saír do mosteiro, e repta-la, e vence-la em pleno dia. A inveja suppõe bem, porque o nosso frade está separado d'ella e de tudo o mais pela barreira da sua porta... Oh! mas se lhe receiasse a presença, se o visse face a face e não podesse aguentar-lhe espesso, que não deixe passar os projectis da inveja e da calumnia?

Que respondam todos os collaboradores d'este periodico e todos os artistas do mundo.

Tu tens, ó monge artista, o teu *atelier*; elles têem o seu escriptorio.



X.A. R. BRENDAMOUR.

Atelier no convento

o brilho do olhar, seria inclemente para elle como a maledicencia da maior parte da communidade.

Todavia lá estavam as arvores da cêrca para apanhar as vaias da multidão e as pedras do rapazio...

Que artista como tu, ditoso monge, não tem tambem o seu metro de arvoredo, tão sombrio, tão copado e tão

Ditosas, unicas de felicidade, as horas em que a porta está fechada, e do lado de fóra da porta... o mundo.

Porto—maio.

ALBERTO PIMENTEL.

LEIRIA

VII

(Continuação)

FALLANDO da sua nunca esquecida Leiria, que lhe fôra patria, mas nem sempre mãe carinhosa[1], diz Francisco Rodrigues Lobo n'um logar do *Condestavel:*

«Está a formosa terra situada
N'uma planicie fresca e deleitosa,
A uma rocha ingreme encostada
D'onde o castello a mostra mais formosa;
De dois alegres rios rodeada,
E de fresca verdura graciosa,
Valles ao redor verdes sombrios
Que cortam mansamente os brandos rios.»

Effectivamente, os arredores de Leiria, por muito cortados de aguas e sombras, são amenissimos na estação calmosa, e é por isso em grande parte que os nossos reis da primeira e segunda dynastia a procuravam para n'ella se desenfadarem dos negocios do estado.

D. Affonso III, talvez tambem porque Leiria havia seguido o seu partido, contra D. Sancho II, ía alli estar muitas vezes como entre amigos, e d'alli datava muitos dos seus actos de governo. O foral de Extremoz é datado de Leiria, a 22 de dezembro de 1258. Pela morte d'este monarcha em 1279, a rainha sua esposa, já enamorada das bellezas do sitio, já porque o alcaide mór era então D. Pedro Annes de Portel, filho de D. João de Aboim, grande valido de D. Affonso III, para alli foi residir. Santa Izabel tinha uns paços magnificos no castello, outros na baixa da Ribeira de Pontes, na Povoa de Monte Real, outros convertidos depois em capella de sua invocação; e ahi, ou contemplando o céo e a natureza risonha que a cercava, ou exercendo obras de caridade, passou tranquilla muitos dos seus dias. Foi ella quem fundou e dotou o primeiro hospital que teve Leiria, foi por sua intercessão que os povos de Monte Real, além de serem isentos da milicia, pagavam menos collecta das terras que amanhavam no campo, que os dos outros districtos[2]. D. Diniz nas horas que o governo lhe deixava livres corria á caça no Camarção, folgava em Amor, espairecia no campo, poetava nas margens dos rios, vivia ali tão gostoso como na sua Odivellas.

O mesmo rei determinou que seus filhos só podessem ser creados em Lisboa, Santarem, Leiria ou Coimbra. No codicillo que fez ao seu testamento em 1299, depois de outorgar que a rainha D. Izabel, sua mulher, seja guarda e tutora de D. Affonso e de D. Constança, seus filhos, são estas as suas palavras: «E mandâmos que os ditos nosso filho e filha não saiam de Lisboa, ou de Santarem, ou de Coimbra, ou de Leiria, e de seus termos, até que o dito D. Affonso nosso filho seja de revora e de idade lidima e comprida, ou o qual nosso filho, ou filha, que fôr nosso herdeiro; salvo se a rainha visse, por prol de nosso filho ou filha que se fizesse al».

D. João I tambem em Leiria mandou crear o seu filho natural D. Affonso, primeiro duque de Bragança, ahi o casou com D. Brites, filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e em satisfação de haver casado sem dispensa, sendo professo na ordem militar de Aviz, ahi fundou em 1384 o convento de S. Francisco de menores observantes[1]. D. João III fê-la cidade, e a instancias suas no anno de 1545 Paulo III, por bulla de 2 de maio, elevou-a á dignidade de bispado.

Vinte e dois bispos têem até hoje governado a diocese. Fallaremos de alguns d'entre os que são dignos de especial menção, pelas obras que emprehenderam, qualidades que os tornaram celebres, ou dotes que os distinguiram.

D. fr. Gaspar do Casal, terceiro bispo (1557 a 1579), que fôra confessor de D. João III, e que passa por ser um dos prelados mais sabios e respeitaveis do seu tempo, lançou a primeira pedra nos alicerces da sé cathedral, a 11 de agosto de 1559, deixou-a em principio de construcção quando saíu para o concilio de Trento, e concluiu-a em 1573. Este templo é um vasto edificio de tres naves, da ordem toscana, hoje bastante desguarnecido depois que os francezes em 1810 lhe levaram os lampadarios de prata, e muitas das suas melhores alfaias. Foi tambem este prelado quem edificou para repouso das suas cinzas, a igreja e convento da ordem dos religiosos de Santo Agostinho, que se acha á entrada sul da cidade, e que hoje serve de aquartelamento militar.

D. Antonio Pinheiro, creado bispo de Leiria em 1579, não foi menos notavel que o seu antecessor. Estudára em París, foi mestre do principe D. João, filho de D. João III, foi visitador e reformador da universidade de Coimbra, embaixador a Castella e o mais eloquente dos oradores da época. Foi tambem elle, nas côrtes de Almeirim, um extrenuo defensor de Filippe II, e quem mais concorreu pela sua auctoridade e conselhos para a perda da nossa independencia[2].

D. Pedro de Castilho, elevado ao episcopado pelo fallecimento de D. Antonio Pinheiro, em 1583. Tambem grande partidario de Filippe II, foi seu capellão mór e esmoler mór, conselheiro d'estado, presidente de desembargo do paço, governador de Alcobaça, D. prior de Guimarães, inquisidor-mór depois que renunciou o bispado, e por duas vezes vice-rei de Portugal. Governou a diocese por vinte e quatro annos, e deixou de si boa memoria por muito esmoler.

D. Diniz de Mello e Castro, foi elevado a bispo da diocese em 1627, e governou-a até 1636 em que foi promovido ao bispado de Vizeu. Não se distinguiu por altos cargos na côrte, nem pela sua influencia nas questões politicas. Distinguiu-se como pae de pobres, pela sua acrisolada caridade, casando e dotando orphãs, vestindo presos, pagando dividas aos que por ellas estavam encarcerados, soccorrendo familias desvalidas nas suas casas, acudindo-lhes nas suas afflicções, pagando-lhes remedios, e sendo a providencia de quantos soffriam. Como bemfeitor de

[1] «Ó doce patria minha desejada,
Nunca esquecida em meu verso amoroso,
Que quanto sois mais bella e celebrada
Tanto sempre de vós sou mais queixoso.»

F. RODRIGUES LOBO.— *Condestavel*, canto 19.°

[2] Carta do 1.° de julho de 1309, dada em Leiria.

[1] Em parte do convento onde hoje ha apenas vestigios da coustrucção primitiva, edificou-se ultimamente a cadeia publica. A igreja está entregue á ordem terceira de S. Francisco.

[2] O sr. Innocencio Francisco da Silva, quando trata d'este prelado como escriptor, diz: «que não foi até agora possivel discriminar a época do seu fallecimento, que parece tivera logar entre os annos de 1581 e 1583». Falleceu em Lisboa em 1582, em novembro, segundo as memorias do bispado, porque foi nos dias 8, 9 e 10 d'este mez e anno que o cabido de Leiria lhe fez os officios. Era natural de Porto de Moz.

pobres tambem Leiria lhe deve a fundação de um hospital annexo á casa e igreja da misericordia[1].

D. Pedro Vieira da Silva, era filho de Leiria, ordenou-se depois de viuvo, e veiu a ser bispo da diocese de 1671 a 1677. Fundou o convento de Santo Antonio dos Capuchos, hoje convertido em hospital militar, e levantou dos fundamentos o seminario, onde tambem se acha estabelecido o lyceu. Refere-se a elle o seguinte distico, que dá testemunho da sua modestia, e que se lê debaixo das suas armas, na entrada do edificio:

Dum vixit, renuit, poni hic hæc stemmata, Petrus:
Si fas, e tumulo nunc quoque respueret.

D. Miguel de Bulhões, bispo de Leiria de 1761 a 1779, fez a magnifica escadaria de Nossa Senhora da Encarnação, capella a que se havia dado principio em 1588 e que se havia concluido por muitas esmolas dos devotos. A este seguiu-se D. Lourenço de Lencastre, transferido do bispado de Elvas para o de Leiria em 1780. É o heroe do *Hyssope*. Está immortalisado pela sua contestação com o deão José Carlos de Lara.

D. Manuel de Aguiar, governou a diocese desde 1790 a 1815, anno em que falleceu. Se algum dia se escrever a historia d'este virtuoso prelado, e creio que ha elementos para ella na mão do meu intelligente amigo, professor de latinidade e secretario do lyceu, o sr. Victorino da Silva Araujo, se algum dia se escrever, vêr-se-ha o que era um modêlo de bispos, como os queria S. Jeronymo, paes e não senhores.

Emquanto o intendente Manique empregava os seus esforços para que em Lisboa, a favor da saude publica e da hygiene, se creassem cemiterios, sem nada conseguir, não obstante o principe regente ordenar, por um decreto de 5 de abril de 1796, que se procedesse á compra de terrenos para elles, o bispo de Leiria D. Manuel de Aguiar sagrava, a 4 de novembro de 1798, o cemiterio de traz da Sé, onde logo mandou levantar o seu jazigo[2]. Se todos os bispos de Portugal quizessem fazer o mesmo, e para elles não haveria as difficuldades que encontrou o intendente Manique, não acharia resistencias a lei de 1834, nem se dariam as reluctancias que ainda hoje se manifestam ácerca de enterramentos n'algumas povoações do Minho. Foi tambem este virtuoso prelado quem começou a edificação do hospital em 1798, o dotou e o abriu a 8 de junho de 1800, indo elle mesmo buscar os doentes na sua carruagem ao antigo hospital, e trazendo-os a um por um para o novo edificio[3]. Foi elle quem restaurou e dotou o seminario episcopal, abrindo-o em 1804; quem pela segunda vez o renovou por haver sido queimado pelos francezes, reabrindo-o em 1812; quem fundou o collegio para a educação de meninas, junto ao recolhimento da Ordem Terceira de S. Francisco, cujas aulas foram abertas em 1803[1]; quem presenteou a cidade com o famoso carrilhão que decora a torre da Sé; quem a consolou depois dos morticinios, dos roubos e dos incendios porque passára nas invasões francezas de 1807 a 1810[2]; quem deixou de si memoria tão alta, tão carinhosa, e tão cheia de bençãos, que tarde se apagará na tradição dos leirienses transmittida de paes a filhos.

A este infatigavel obreiro, a prol do rebanho que lhe havia sido confiado, seguiram-se:

D. João Ignacio da Fonseca Manso (1818 a 1834). Era varão douto. Restaurou o paço episcopal, reduzido a cinzas pelos francezes.

D. Guilherme Henriques de Carvalho. Governou a diocese desde 1843 a 1846, anno em que subiu ao patriarchado.

D. Manuel José da Costa (1846 a 1851). Era homem muito accessivel, bondoso e energico. Restaurou por esmolas que solicitou no bispado, e abriu ao ensino das sciencias ecclesiasticas em 1850 o seminario diocesano fechado desde 1834. Já em Vizeu, como vigario capitular, tinha feito o mesmo.

D. Joaquim Pereira Ferraz. Foi transferido do bispado de Bragança para o de Leiria em 1852, e falleceu na sua casa de Barcellos em 1873.

Será o ultimo? Fechará o cyclo, não poucas vezes glorioso, de um bispado que já conta 328 annos? Sabe-o Deus.

(Concluir-se-ha) A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

[1] A irmandade da misericordia foi instituida em 1454, e a sua primitiva igreja e casa, no sitio chamado da Judiaria, datam do mesmo tempo. O bispo D. Diniz de Mello, em 1636, sendo provedor, reuniu-lhe um hospital ou acrescentou notavelmente o que já havia. O hospital está existindo. Quanto á igreja de hoje está no mesmo sitio, é ampla e notavel pelo retabulo da capella mór que é todo de marmore, incluindo o sacrario que é feito de uma só pedra, mas nem na sua architectura, que é moderna, nem em nenhum dos seus componentes, ou accessorios, ha nada que fizesse parte do templo que existia no seculo XV.

[2] Ultimamente, reconhecendo-se que este cemiterio já não bastava á população, construiu-se outro no Outeiro de S. Antonio do Carrascal, ao nascente da cidade.

[3] O magnifico hospital, que hoje se vê á entrada de Leiria, e sobranceiro ao rio, vindo de Coimbra, foi em parte dotado com o rendimento do que havia junto á igreja da misericordia, assim como este já era a reunião dos differentes hospitaes e albergarias que tinha havido, e que foram, por provisão regia de 1615, annexados á mesma misericordia. Estes hospitaes quasi todos pequenos, com obrigação alguns d'elles de tres ou quatro camas sómente, e agasalho a peregrinos eram: o hospital de Todos os Santos instituido em 1822, situado junto á antiga igreja de S. Martinho; o hospital da Gafaria, no Arrabalde da Ponte, fundado do que parece por Santa Izabel, ou pelo menos beneficiado por ella no seu testamento; o hospital dos ferreiros, serralheiros, caldeireiros, ferradores, etc., situado no sitio das Caldeirarias; o dos tecelões, no sitio dos banhos; a albergaria de S. Braz a S.^to Estevão; o hospital de Nossa Senhora do Porto Covo, no Arrabalde da Ponte. Além d'estes houve tambem o hospital do Espirito Santo, extincto ha muito junto á confraria e igreja do mesmo nome.

[1] Além d'esta casa de educação, tem Leiria outra tambem para ensino de meninas. Foi estabelecida ultimamente e está a cargo das religiosas do convento de Sant'Anna, fundado por D. Catharina, filha de D. Fernando, duque de Bragança.

[2] Em uma terça feira, 5 de julho de 1808, entrou em Leiria o general Margaront á frente de cinco mil homens para reprimir a cidade que se havia revoltado contra o governo de Junot, e porque na entrada tentaram oppôr-se-lhe umas centenas de populares mal armados, que se tinham entrincheirado no alto de Portella, e não quizeram render-se, caíu sobre os inconsiderados destroçando-os, e levando á ponta da baioneta quantos depois encontrou diante de si. As victimas d'esse dia, entre pessoas de todos os estados, sexos, e idades, subiram a 135.

Voltaram os francezes a occupar Leiria desde 3 de outubro de 1810 a 10 de março de 1811, e n'estes cinco mezes reinou de novo a devastação, o incendio, o roubo e a morte. O bispado, que no principio de outubro de 1810 contava 66:486 almas, não contava no fim da invasão mais de 37:582, apesar de ter havido n'este periodo 113 nascimentos. Quer dizer, havia menos 29:017 individuos, e d'estes tinham sido mortos violentamente pelos francezes 1:409. Os outros morreram ao desamparo ou de doença, ou viviam expatriados dos seus lares. Consta de umas relações que o bispo D. Manuel d'Aguiar exigiu aos parochos.

ARREPENDIDO

Pequei, é verdade,
Descrendo de ti;
Foi grande o peccado; —
Se o tenho expiado!...
Perdôas? — sorri.

Fui máu, foi um crime,
Pungi-te, innocente;
Acerba corrente
Levou-me a rasão.
Os sonhos de encanto
Perderam a alvura;
Vê tu que amargura!...
Não torno,—mas não.

Depois, magoado,
Achei-te ao meu lado
Cortada de dôr;
Puz termo ao peccado:
Fallei-te d'amor.
Uni-te ao meu peito,
Teu ar contrafeito
Meiguices não quiz,
E apenas mansinho
Dizias-me, e triste:
—«Responde, o que viste?...
«Responde, o que fiz!...»—

Mais tarde, mais longe,
Mais livres do mundo,
Ao rosto jocundo
O brilho volveu;
Mais tarde, mais longe,
Mais livres e amantes,
Que largos instantes
Vivemos no céo!...

A voz redemptora
Soára ao meu lado;
Foi grande aquell'hora
D'amor e perdão.
—Levanta-te, Lazaro!—
Ergui-me da morte!
E ao seio agitado
Volveu-me a rasão.

Pequei, é verdade,
Descrendo de ti.
Que immenso peccado!...
Perdôas?—sorri.

E. A. VIDAL.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

....

I

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunos.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xiugú e salto da cachoeira grande.

Assim como o pescador, em muitos dos Rios do Pará e do Amazonas, de pé nas margens, póde escolher, através das aguas transparentes, o peixe a que ha de arremessar o arpão ou a frecha, a abundancia e variedade da caça, que povoa as selvas, permitte ao caçador o mesmo luxo! Deus comprouve-se em tornar facil e commoda a vida do homem n'aquellas ferteis regiões. Rios enormes, que dispensam estradas e caminhos; arvoredos immensos, carregados de fructos, de oleos e resinas preciosas, de mel de abelhas e de leites nutrientes; plantas medicinaes, tão variadas e numerosas, que se se podesse conhecel-as todas e adivinhar-lhes as maravilhosas propriedades fazia-se em cada cem casos de doença recuar a morte noventa e nove vezes; temperatura quente, sem as aborrecidas exigencias do vestuario; atmosphera embalsamada, provocando suavemente o somno; terra gratuita para quem quer trabalhar; e sustento facil para os que detestam o trabalho!

O viajante, penetrando no interior d'aquelle paiz prodigioso, sente-se logo tentado a fixar n'elle a sua residencia para sempre! Tudo que vê e ouve o incita e persuade a que siga esse pensamento. Longe das cidades e das grandes villas, a terra é livre. Póde escolher o local mais aprazivel, á margem dos rios ou dos lagos, e derrubar os arvoredos na extensão que lhe convier. Com tres paus amarrados com cipós, de umas para outras arvores, improvisa uma barraca e cobre-a com folhas de palmeira; ata uma rede de um para outro esteio, e eis a casa e a cama! Com plantas apropriadas ou com cascas de arvores filamentosas, tece uma linha de pescar; serve-se para iscar os anzoes dos fructinhos silvestres; que pendem das ramadas sobranceiras ao rio; e deita a linha, prendendo-a ao punho da rede onde dorme. O peixe, pegando, acorda-o; mesmo deitado, puxa-o para casa, isca novamente o anzol e torna a arremessal-o á liquida dispensa!

As tartarugas nas praias e os jabotys nos mattos quasi que pedem por obsequio, que os voltem de peito para o ar, para os impedir de fugirem! Milhares de aves de todas as grandezas andam incessantemente a cruzar diante da vista do homem, como que a perguntar-lhe se voltaram porventura os tempos do Paraiso terreal ou se já se não usa comer passaros deliciosos! A caça de pé torce ás vezes o caminho, a fim de vir mostrar-se, para que se não esqueçam de que ella existe ali, quasi sem esperança de ser caçada! O unico objecto inteiramente inutil n'aquelles sertões encantados é o dinheiro!

E, apezar d'isto, ha indios n'aquelle fertilissimo paiz, que muitos dias se alimentam unicamente de farinha de pau molhada em agua dos rios! Chama-se *xibé* ou *ticuára*, em lingua tupy, esta abominavel coisa! Tal é o odio figadal que têem os indigenas a tudo quanto se pareça com trabalho! Ah! elles comprehenderiam bem, se podessem lêl-o, o sabio economista que diz, que quando falla do homem se não refere ao immundo animal que fossa a terra!

O sertão do Amazonas é o ideal dos vadios! Não se precisa roupa lavada, porque não ha necessidade de a sujar, visto poder-se andar nú! Basta possuir um sabre e um machado para se ser opulento. E isto explica perfeitamente a rasão por que muitas pessoas se deixam por lá ficar! O maximo trabalho, para os que não se sustentam com a farinha molhada em agua fria, consiste em pescar deitado, e em caçar do modo que mais adiante se verá.

Daria muitos volumes a enumeração das coisas uteis e agradaveis, que jazem desprezadas ou desconhecidas no interior do Brazil. A navegação e o commercio fazem-se quasi exclusivamente pelos grandes rios; os exploradores da borracha, da copahiba, da salsa e do cravo limitam-se á procura das arvores que produzem essas drogas ou a pouco mais. O resto das riquezas naturaes, que é a maior parte, uma immensa parte! fica prejudicado pela falta de conhecimentos e de população. É necessario andar, como eu andei, durante annos pelo meio das florestas virgens e pelos milhares de rios, ainda mal

conhecidos ou completamente ignorados, para se avaliar a assombrosa e variada opulencia com que lá se ostentam os thesouros da natureza.

. . . .

O rio Tucuruí, que desagôa na margem oriental do Xingú, proximo da assomada onde os hollandezes levantaram em 1625 uma fortificação de fachina, era citado pela sua fertilidade e pela abundancia de madeiras preciosas, para construcção naval, que povoam as suas margens. A casa de Carmello & Barros, que estava construindo um navio na foz do Curauátá, encarregou-me de uma expedição, que mandava ao Tucuruí cortar itaúba, loiro amarello, massaranduba e outras arvores proprias para costado e convez da escuna. Eu tinha apenas treze annos; mas conseguíra ganhar tão facilmente a confiança e affecto dos tapuios, que os dois negociantes, de quem eu era caixeiro, não hesitaram em entregar-me a direcção do serviço, certos de que eu seria obedecido e respeitado. Eram doze indios, de differentes nações, os que eu levava ás minhas ordens. Fallavam todos intelligivelmente a lingua portugueza, a tupy, e os seus respectivos dialectos. A circumstancia de eu ter aprendido tupy foi devida a influencia e ascendente que adquiri sobre elles. O tapuio lisonjeia-se de ouvir os brancos fallarem a lingua geral do Brazil, e torna-se muito mais tratavel com os que a sabem. Eu conhecia-os todos pelos seus nomes; e em vez de os reprehender, quando commettiam qualquer falta, lastimava-me na sua presença de ter sobre mim a responsabilidade do serviço, dizendo que qualquer d'elles era mais capaz do que eu para desempenhal-o; mas que os negociantes preferiam ralhar commigo antes do que com elles e que por isso me collocavam n'aquella posição. Não se faz idéa do que eu obtinha por estes meios! A maioria empenhava-se á porfia para me não deixar queixoso; e se um ou outro, dos que pertenciam ás tribus peiores, pretendia desmandar-se ou desobedecer-me, eram os proprios companheiros que se encarregavam de o metter no bom caminho!

Á entrada do Tucuruí deparámos com um grande monte, na margem direita, formando angulo com os dois rios. Desejando exploral-o, por curiosidade minha, subimos, com immensa difficuldade, á sua maior altura; a ascensão fazia-se agarrando-nos aos cipós e arbustos para não resvalarmos no temivel despenhadeiro, que por todos os lados nos rodeava. A corrente do Tucuruí ou alguma revolução da terra tinha cortado a montanha a pique, do lado d'este rio, deixando-a por ali despida de arvoredos. Era medonho e ao mesmo tempo arrebatador o espectaculo que se nos offereceu á vista, quando chegámos ao ultimo plano da serra. No fundo do abysmo rolavam, fervendo, as aguas barrentas do Tucuruí, que se estendia para a nossa direita até grande distancia; na frente, a mais de um quarto de legua, via-se a margem opposta, arredondada por grandiosos arvoredos, de verdes variadissimos, rompendo d'entre a massa compacta das ramarias as cabeças de numerosas palmeiras de differentes especies. Á esquerda desenrolava-se como um crepe immenso o magestoso e profundo Xingú, cujas aguas de côr ferruginosa pareciam negras, vistas de tamanha altura! Em torno de nós e sobre as nossas cabeças, um como templo de verdura, d'onde pendiam, como alampadas de coral, flôres vermelhas, agigantadas, e fructos do tamanho de melancias!

Os proprios indios, que me acompanhavam, apesar de costumados á multiplicidade dos espectaculos que a natureza lhes mostra diariamente, não poderam eximir-se á admiração que aquelle lhes causára e foram os primeiros a chamar para elle a minha attenção, quando chegaram ao cimo da montanha!

Um d'elles, que se tinha sentado no chão, soltou uma exclamação de contentamento ao pôr a mão sobre um fragmento de resina da arvore denominada jutahy.

— Jutahycica!

Os outros aproximaram-se-lhe e todos começaram a revolver a espessa folhagem que cobria o solo. Em menos de dez minutos juntou cada um seu monte de pedaços d'aquella resina, similhante á gomma copal, que é muito usada pelas indias para vidrar loiças. Reparámos então que a maioria dos colossos vegetaes que nos cercavam eram jutahyseiros e que o chão estava completamente forrado com a enorme quantidade da materia resinosa que produzem essas arvores. Até eu quiz trazer, sem saber para quê, uma porção de jutahycica; e para isso imitei os tapuios, que tinham tirado as calças, e, amarrando-lhes as pernas nas extremidades, improvisaram com ellas dois saccos e encheram-os com o thesouro achado, lastimando-se de não poderem levar mais!

A descida era perigosa, mesmo sem carga; tinhamos necessidade de ambas as mãos livres para que quando uma largasse a arvoreta ou cipó a que se agarrasse estivesse a outra já segura em novo apoio. Amarrámos ás costas as cargas de resina e partimos. Antes de ter andado metade do caminho já eu maldizia a idéa de me ter ajoujado com aquella preciosidade, inutil para mim; e de boa vontade a atiraria ao rio, com calças e tudo, se podésse largar sem perigo os verdes balaustres a que me ia soccorrendo! Mas não havia tempo de parar nem de hesitar; era preciso descer rapidamente, com tanta firmeza nos pés como na vista. Um arbusto fragil, que se desarreigasse, uma arvoreta de especie quebradiça ou um cipó, que se soltasse da arvore que o prendia, precipitar-nos-hiam no abysmo!

Quando iamos na descida notámos que grande parte das plantas a que nos agarravamos eram arvores de cravo! Ouvi muitas vezes depois qualificar de absurda a opinião dos indigenas, que affirmam existir sempre este vegetal precioso nas vizinhanças dos jutahyseiros. A mim não me é permittido duvidar do que vi; mas não affirmo tambem que não fosse puro acaso. O que ainda hoje me causa espanto é não me ter occorrido então, nem a nenhum dos meus companheiros, que nos teria sido muito mais proveitoso carregarmo-nos da casca do cravo em logar da jutahycica. Levávamos os farellos e deixavamos a farinha.

Quem sabe a quantos exploradores terá succedido o mesmo?

(Continúa). F. GOMES DE AMORIM.





Portal da igreja de Santa Maria de Belem

(De uma photographia do sr. Carlos Relvas)

A igreja de Santa Maria de Belem será sempre um dos mais bellos e mais gloriosos monumentos de Portugal. Ao contemplar a face tostada d'aquelle monumento, acode logo ao espirito a época mais afortunada d'este paiz, lembram logo os primeiros annos do reinado de D. Manuel, a sua côrte faustuosa e litteraria, aquelles cavalleiros, que, na Africa, sustentaram a mais dura guerra, ou, aventurosos, foram por mares nunca de antes navegados, em busca do oiro, das especiarias, e de tantas riquezas do Oriente, que pareciam sonhos de imaginações febricitantes. E não param ahi as memorias do formosissimo templo; lá está no portal do sul o vulto do magna-

nimo infante D. Henrique, encostado ao seu montante, com aquelle aspecto severo, como de constante reprehensão aos que vieram mais tarde e não souberam manter as consequencias do seu ousado emprehendimento. Dir-se-hia que o esculptor da figura do preclaro infante prevíra que, as glorias iniciadas por tão insigne principe, um dia se desvaneceriam não só pelos azares da inconstante e varia fortuna, senão pelo *gosto da cubiça, e por aquella rudeza de uma austera, apagada e vil tristeza,* que, poucos annos depois da empreza de Vasco da Gama, começára a transformar o caracter portuguez. Está ali, como sentinella ao monumento, o cavalleiro de Ceuta, para o defender com o seu montante das aggressões dos vandalos.

Oh! mas bem se viu que era de pedra a figura do filho de D. João I, porque os vandalos zombaram d'ella e escarneceram do seu aspecto tão grave. Se elle podera vêl-os, teria enxotado os barbaros ou haveria punido n'elles a ousadia de pôrem mãos sacrilegas na primorosa obra de D. Manuel.

A gravura, que acompanha este artigo, representa o portal de oeste e mostra os estragos feitos no monumento por gente sem consciencia. Mutilaram toda aquella face, cortaram-na sem dó, e depois mascararam-na com um vestibulo e um portico, que davam passagem dos dormitorios para o côro da igreja. Em 1869 foram demolidos o portico e o vestibulo, e então appareceu, com toda a sua hediondez, a barbaridade dos frades, para os quaes com tanto amor el-rei D. Manuel levantára tão sumptuosa fabrica.

Este feito indigno e barbaro não foi obra de D. Pedro II como se asseverou, mas de D. João III, porque bem o demonstravam o artesoado das abobadas, igual ao do pavimento superior do claustro, e os florões de antigo lavor, e em um dos quaes se lia a data — 1540.

Mas qual fôra o risco d'aquella frontaria, que hoje vemos tão desigual no seu desenho? Acaso chegou a concluir-se e os vandalos a mutilaram depois, ou estava ainda incompleta quando se fizeram o vestibulo e o portico? Cousa é impossivel de dizer. O que se sabe, o que se vê, é o portal cortado pelos baldaquinos, que na gravura se rematam sobre um pedestal, e ainda pelas cupulas dos baldaquinos, onde estão as figuras de el-rei D. Manuel e sua mulher a rainha D. Maria. As janellas têem os lavores quebrados. Emfim, foi um grande destroço, que deixou desfigurado em grande parte tão formoso portal.

Agora trabalha-se na restauração dos estragos causados no portal pelos frades, ou quem quer que foi. Substituiu-se a janella moderna do côro por um magnifico oculo; recompõem-se as janellas antigas; já está renovada a platibanda, e vae proseguindo a restauração.

Deixando por agora o muito que ainda ha a dizer ácerca da frontaria de oeste da igreja de Santa Maria de Belem, limitar-nos-hemos ao portal representado na gravura.

É o portal formado de um arco mui abatido, composto de talões. As umbreiras são mui ornadas, tendo cada uma quatro nichos com anjos, cherubins, etc. Do meio do arco pendem dois cherubins sustentando o brasão de Portugal, ao que parece, encimado pelo timbre de dragão. Acha-se esta parte muito deteriorada, e por isso não póde ser bem examinada. Por cima dos cherubins, em um nicho, está representado o Nascimento com figuras de vulto; á direita a Annunciação, e á esquerda a Adoração dos Reis, tambem em figuras de vulto, e n'uma linha mais baixa que o do Nascimento.

De cada lado da porta, em nichos cobertos por brincados baldaquinos, e sobre capiteis de fustes enroscados, estão, do lado direito, el-rei D. Manuel, de joelhos sobre uma almofada e por detrás S. Jeronymo com o leão, e, do lado esquerdo, a rainha D. Maria, tambem de joelhos, e por detrás S. João Baptista com o cordeiro conchegado ao peito. Por baixo dos nichos, e parecendo sustental-os, vê-se em cada um d'elles um anjo em meio corpo, com os braços abertos, tendo nas mãos o escudo de el-rei D. Manuel, o brasão real e a esphera; e o do nicho, onde está a rainha D. Maria, o escudo bipartido de Portugal e Castella, e um emblema representado por tres lyrios, de que nos occuparemos mais adiante.

Nos nichos, que ficam aos lados, e mais inferiores, estão os quatro evangelistas, e nos outros os apostolos principaes.

É de advertir que estas figuras estão todas truncadas, por mera maldade; não ha uma só que esteja perfeita, e isto é tanto mais para lastimar, porque são de optima esculptura; a figura de el-Rei D. Manuel, a de S. Jeronymo, a de S. João Baptista, são expressivas, e com bastante correcção; as dos evangelistas e as dos apostolos, mais pequenas, são uns primores de arte; são umas estatuetas esculpidas com muita gentileza.

Os vasos que se vêem aos lados, e as bases em que assentam, destoam do estylo do portal, e são, por isso, evidentemente, obra muito mais moderna.

Ha muita originalidade n'este portal, porque se destaca de todos os demais da época chamada manuelina. É pena que esteja tão maltratado, e parecendo que é quasi impossivel restituil-o á sua belleza primitiva. Julga-se que foi a soldadesca, por mais de uma vez aquartelada no convento, e mesmo a das guardas que ali houve, quem especialmente mais concorreu para o destroço causado nas figuras e nos lavores.

Ácerca do escudo com os tres lyrios, a que acima nos referimos, é nossa opinião que seriam divisa da rainha D. Maria, porque se encontram em differentes partes do edificio e por modo significativo. No portal de oeste, além do escudo já indicado, vêem-se ainda os lyrios e a esphera por cima dos ultimos baldaquinos de cada lado. No cruzeiro da igreja, no meio da ornamentação das duas portas, que ha do lado do evangelho, uma das quaes vae dar á sacristia, lá estão, n'uma a esphera, e n'outra o escudo com os lyrios. No portal do sul tambem se observam, e no claustro, se bem nos lembra, igualmente existem.

É fóra de duvida que se podem considerar como uma divisa, e, com probabilidade, attribuil-a á rainha D. Maria, pela indicação do portal de oeste.

Ha, na ornamentação de toda aquella admiravel fabrica, muitas figuras e emblemas de differentes especies, que devem ter a sua significação, hoje mui difficil de descobrir.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.



CHRONICA DO MEZ



TRES novas obras viram este mez a luz da publicidade, editadas pela casa Rolland & Semiond: *Rosas pallidas; O homem perante a natureza* e *Cantos e satyras*.

A primeira é uma collecção de romances agradaveis e interessantes, devidos á esclarecida imaginação de uma senhora bastante conhecida pelo muito amor que dedica ás letras patrias.

Intitulam-se: *Celeste; Amor de filha; Amor de mãe; A dama das violetas.*

A penna elegante da sr.ª D. Guiomar Torrezão — a auctora do volume citado — tem produzido versos delicados, contos sentimentaes e criticas sensatas ácerca das publicações dos nossos primeiros litteratos.

O novo livro da distincta escriptora e poetisa occupa logar honroso entre os seus diversos trabalhos, porque é fructo amadurecido de um talento cultivado com esmero e por isso apurado e robustecido. Antecede-o uma carta do sr. Thomaz Ribeiro, em que o illustre poeta, com a auctoridade que lhe dá o seu nome, tece os maiores elogios ás narrativas que teve occasião de lêr antes de publicadas, elogios merecidos, segundo o publico verá, quando conhecer a obra.

E posso affirmar que o publico ha de travar conhecimento com ella, porque despertam sempre curiosidade os livros novos e bons, muito principalmente quando são assignados por uma senhora.

O retrato da auctora feito no *atelier* do photographo Rocha, á praça da Alegria, acompanha a obra, que é impressa em edição elegante.

O homem perante a natureza é um discurso philosophico publicado pelo sr. Antonio Monteiro Rebello da Silva. O auctor divide a sua obra em quatro partes: *Edade do homem sobre a terra; Impossibilidade da origem simiana do homem; Relações, transcendente e pratica entre o homem e o globo terrestre; Superioridade e destino do homem.*

Em carta dirigida ao auctor, escreveu o sr. visconde de Paiva Manso, depois de varias reflexões, o seguinte:

«O seu livro, meu caro amigo, que li com o maior interesse, é a expressão dos sentimentos que tenho exposto, e do estado dos espiritos n'este momento, em que todas as sciencias moraes, como diz Vacherot, passam por uma crise, cujo signal caracteristico se resume na formula: *antinomia das theorias da sciencia e dos principios da consciencia.*

«Para a solução d'esta antinomia ha de contribuir, se a amisade me não cega, o livro que v. intenta publicar sobre o *Homem perante a natureza*, livro que necessariamente ha de provocar a attenção publica pela profundeza com que é tratado um assumpto pouco cultivado n'um paiz em que raros espiritos se têem consagrado ao estudo da philosophia transcendente.»

As palavras do illustre academico bastam para se fazer idéa da auctoridade com que a obra é escripta.

Cantos e satyras é um precioso volume do inspirado poeta o sr. Bulhão Pato, contendo strophes de muito sentimento a par de outras de fina graça e boa critica.

Uma das qualidades mais apreciaveis que se observam nas poesias do sr. Bulhão Pato, é, quanto a mim, a naturalidade e singeleza com que o auctor usa referir os seus pensamentos. Os melhores versos d'este poeta não trajam arrebiques nem se inculcam pretenciosamente; d'ahi o sabôr de verdade que têem, e que é o encanto dos que prezam sinceramente a escola do naturalismo.

Os srs. Lucas e Filho, editores, tambem publicaram mais um romance, enriquecendo assim a escolhida bibliotheca que emprehenderam formar.

Intitula-se *A mascara vermelha*, e é assignado pelo popular nome do sr. Pinheiro Chagas.

A acção baseia-se nos acontecimentos politicos succedidos em Portugal depois da restauração de 1640, figurando no primeiro plano os vultos historicos do duque de Caminha e do marquez de Villa Real, pae do duque, principal influente de uma das muitas conspirações que n'aquella época se tramaram.

A parte ficticia do romance é interessante e a historica bastante curiosa, as descripções são feitas em estylo opulento e o dialogo travado com clareza e fluencia.

Vê-se, pois, que a nova obra do sr. Pinheiro Chagas, editada pelos srs. Lucas e Filho, tem todas as probabilidades de alcançar a mesma acceitação lisonjeira que têem obtido os livros até hoje publicados por estes editores.

A estação theatral, estando a findar, precisaram as emprezas cumprir os seus contratos realisando os beneficios dos artistas que tinham direito a essa regalia.

Por isso foi variadissimo o reportorio dos theatros durante o mez de maio, sendo obrigado o publico habituado a concorrer ás festas artisticas dos principaes actores, a andar em perfeita romaria, de platéa em platéa, a applaudil-os e festejal-os.

N'uma noite reunia o actor Polla no Gymnasio os seus affeiçoados e admiradores, recebendo d'elles uma das ovações mais completas que se têem feito no theatro, durante os cinco actos da comedia de Scribe — *A calumnia*, em que o distincto artista representou com muito merito o papel principal; n'outra noite o tenor Silva realisava a sua festa artistica na Trindade, levando em primeira representação a opera-comica hespanhola — *Liquidação social*, cujo assumpto, segundo se infere do titulo, é do maior interesse n'estes tempos que vão correndo; mais tarde, reproduzia-se em D. Maria II a comedia — *Fernanda*, em beneficio do actor Cesar de Lima, desempenhando este o difficil papel de Pomerol, creado na scena portugueza pelo actor Polla.

De todos os espectaculos, porém, os que mais attrahiram a attenção, por serem compostos de trabalhos dramaticos originaes, foram os dos beneficios das actrizes Virginia e Emilia dos Anjos.

O primeiro effectuou-se no theatro de D. Maria II, com a comedia-drama em quatro actos, original do sr. Pinheiro Chagas — *Magdalena;* o segundo realisou-se no Gymnasio, com a comedia em tres actos, original do sr. Sousa e Vasconcellos — *Tres mulheres.*

Magdalena é uma composição da escola moderna, cujo assumpto — a regeneração da mulher — apesar de mais de uma vez tratado no theatro, offerece alguma novidade pela maneira elevada como o auctor soube apresental-o e desenvolvel-o.

Tem esta comedia alguns lances, que, de certo, a critica imparcial poderá considerar menos felizes, sendo o principal d'elles o do final do segundo acto; em compensação, porém, encerra bellezas que o publico e as pessoas mais illustradas não se fartam de admirar e applaudir, sobresaíndo a todas a graça do dialogo propriamente de comedia, como na bem escripta scena de Arthur com Alberto de Magalhães no começo do segundo acto, e a virilidade das situações dramaticas, como na scena capital do terceiro acto entre Alberto de Magalhães e Magdalena.

Se não é justo considerar a ultima producção do sr. Pinheiro Chagas o seu mais importante trabalho dramatico, porque, segundo me parece, não levou de vencida os mais bellos actos da *Morgadinha de Valflôr*, deve todavia confessar-se que representa ella um dos mais preciosos escriptos do vigorosissimo talento do auctor, que é um dos mais laboriosos e ferteis escriptores da moderna geração.

O desempenho da *Magdalena* foi quasi irreprehensivel. Couberam os primeiros papeis ás actrizes Virginia e Emilia Adelaide e aos actores Santos e Alvaro.

A actriz Virginia representou com a maior naturalidade e correcção todas as scenas que lhe couberam, sendo sempre ingenua e affectuosa como o papel exigia. No terceiro acto teve uma transição admiravel, que o publico applaudiu calorosamente.

No papel de Magdalena foi a actriz Emilia Adelaide muito bem, representando com a precisa vivacidade as scenas de comedia do primeiro acto, e com bastante sentimento as dramaticas do terceiro e quarto.

Santos foi de inexcedivel naturalismo em todo o papel, talhado de molde para o seu explendido talento.

Menos feliz foi de certo o actor Alvaro, porque só conseguiu vencer os perigos do ingrato personagem que representou, nas scenas do quarto acto.

O publico festejou muito na primeira representação da comedia o auctor e os interpretes, destinando todavia a melhor parte dos seus applausos á actriz Virginia, por ser n'essa noite a rainha da festa e porque o seu bello talento artistico lhe merece taes distincções.

Tres mulheres é um formoso trabalho litterario que mereceu ao sr. Sousa e Vasconcellos tomar logar entre os nossos primeiros auctores dramaticos, logar para onde elle já caminhára escrevendo duas comedias em um acto.

Nas *Tres mulheres* ha principalmente a louvar a naturalidade

com que o auctor desenvolveu o assumpto e a correcção com que escreveu o dialogo.

Desataviada dos accessorios que os auctores francezes empregam em quasi todas as suas obras dramaticas, a comedia do sr. Sousa e Vasconcellos tem apenas o numero de scenas indispensavel para se apresentar e resolver o thema escolhido. Pelo segundo acto conhece-se que o auctor tem decidida propensão para a litteratura dramatica, porque toda a acção corre n'elle animada até o final, em que ha uma situação verdadeiramente theatral, d'estas que o publico, por mais indifferente que seja, não deixa nunca de applaudir.

A solução do thema não me parece muito feliz, mas a situação era tão complicada, que o auctor saíu-se d'ella conforme póde. Entretanto a ausencia da verdade nas ultimas scenas esfria um pouco a conclusão; mas o publico, desculpando este defeito, applaude as bellezas da peça, que são muitas, e as do desempenho, que não são menos.

As actrizes Emilia dos Anjos no papel de esposa leviana, Maria das Dores no de irmã dedicada e Maria Adelaide no de viuva garrida, vão muito bem; os actores João Rosa, Pinto de Campos e Polla, nos principaes papeis, desempenham-se da sua missão como primeiros artistas. Elisa e Carlos de Almeida, fazendo personagens secundarios, acompanham perfeitamente os seus collegas.

A primeira representação da comedia foi, como fica dito, em beneficio da actriz Emilia dos Anjos. Esta comediante, que tem feito ultimamente sensiveis progressos, representando com muita correcção e elegancia difficeis papeis, teve occasião de avaliar, pela ovação que recebeu, quanto o publico reconhece os esforços que os artistas fazem para bem merecerem os seus applausos e sympathias.

Com magua o digo, nenhum dos espectaculos citados attrahiu, depois da primeira noite, as attenções do publico de Lisboa, como um concerto de guitarras que ultimamente se effectuou no Casino.

A casa encheu-se a deitar fóra, e houve sempre, durante o espectaculo, o maior enthusiasmo e animação. Nenhum concerto, que me lembre, dos emprehendidos pelos melhores executantes, despertou nunca maior curiosidade, nem obteve mais applausos. Alguns têem estado até completamente desertos de espectadores. Ás harmonias da banza, porém, concorreram todas as classes da sociedade, desde a primeira até a ultima. Só as senhoras lavraram protesto contra o espectaculo. Valha-nos isso. Devo, todavia, confessar que alguns dos tocadores são dignos de se ouvirem, e eu quizera que o publico os fosse applaudir e ajudar, não desdenhando, porém, os concertos que lhe offerecem os bons artistas. Preferir o chorado fadinho da guitarra a uma peça concertante executada por notaveis professores, é que eu não posso perdoar senão a... algum fadista.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Está concluido o monumento levantado no Maranhão á memoria do famoso poeta brazileiro Gonçalves Dias. A estatua foi collocada no 19 de abril. É o primeiro monumento que se erige n'aquella cidade depois da pyramide que existe no Campo de Ourique, commemorando a sagração de S. M. o Imperador.

Nas excavações emprehendidas em Roma no monte Esquilino, onde se projecta construir um bairro, fizeram-se interessantes descobrimentos com relação á topographia da antiga Roma. Encontraram-se varios objectos que parece terem pertencido ao antigo campo de Servio Tullio, figurando, entre elles, uma torre semi-circular com o diametro de 8 metros. Estas ruinas de antigas fortificações romanas são curiosissimas e servirão para ornar o novo bairro. Collocar-se-hão no centro de uma grande praça, que deve ficar justamente no sitio em que ellas foram encontradas. As fortificações datam de ha 2:500 annos.

Em Salone descobriu-se um sarcophago que parece ter servido de sepultura christã. Tem representado o bom Pastor com o cordeiro aos hombros. Ao lado do bom Pastor vêem-se um homem e uma mulher (de certo os esposos fallecidos, porque o sarcophago é d'aquelles em que se podiam collocar dois corpos), os quaes estão rodeados de muitas figuras, homens, mulheres e creanças. O sarcophago estava collocado de modo que não désse nas vistas, o que leva a crer que data de época em que se receiava dos pagãos e se diligenciava esconder aos olhos d'estes as sepulturas christãs.

Um curioso objecto, destinado á exposição no Prater, ha de causar, de certo, a admiração dos visitantes do palacio da industria. É a *Illiada* estenographada por um professor da universidade de Vienna. O poema que tem, como se sabe, 600 paginas de impressão, póde metter-se n'uma casca de noz. Postas ao lado umas das outras, as folhas (36) em que foi executado o trabalho, não chegam a formar meia folha de papel.

A raridade e o grande valor que têem hoje os autographos de Molière, fazem com que o descobrimento de uma linha e até da assignatura do eminente poeta, seja um acontecimento litterario. Em França encontrou-se ultimamente o mais extenso, o mais antigo e o mais interessante dos autographos até hoje conhecidos, do auctor do *Misanthropo*. Estava nos archivos departamentaes do Hérault. É um documento escripto n'uma folha de papel, com perto de 21 centimetros de largura por 29 de altura; as palavras occupam a metade superior da folha e são as seguintes:

J'ay receu de Monsieur le Secq thrésorier de la bource des Estats du languedoc la somme de six mille liures à nous accordez par messieurs du Bureau des comptes de laquelle somme je le quitte faict a Pezenas ce vinght quatriesme jour de feburier 1656.

MOLIERE ·I·

quittance de six mille liures.

Trata-se de organisar em París uma venda de obras de arte, cujo producto reverterá a favor da filha do Prud'hon.

Os seguintes algarismos dão idéa do apreço em que na França se têem as bellas artes.

A sociedade dos Amigos das Artes de Reims apresentou aos seus accionistas a seguinte conta relativa á exposição verificada este anno:

Vendas feitas aos amadores......	102:600 fr.
Compras provenientes da loteria..	12:975 »
Total......................	115:575 fr.

Vendeu-se ultimamente em Londres uma collecção magnifica de caixas de rapé e bocetas, a maior parte das quaes esmaltadas por Petitot. Uma boceta de oiro dada por Luiz XVI ao embaixador da Russia, o principe Besborodko, ornada de esmaltes representando a familia real em Pré-Saint-Gervais e assumptos de festas campestres nos arredores de París, foi arrematada por 15:000 francos.

No proximo mez vender-se-ha em París a famosa collecção de quadros pertencentes ao celebre baritono Faure, amador de pinturas tão notavel, como *virtuose* eminente. Na collecção figuram trabalhos dos mais notaveis pintores coloristas contemporaneos, como Delacroix, Rousseau, Troyon e Diaz.



1967 — IMPRENSA NACIONAL — 1873



NÃO TEM CONCERTO...

QUADRO DE ROTTA

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

Typ. de Christovão A. Rodrigues.

ARTES E LETRAS



LISBOA—JUNHO DE 1873

NÃO TEM CONCERTO

MALDITO sapateiro!

Com que supremo beiço de desdem, estira elle a ironia!

—Que diacho se ha de fazer d'isto?!

E espreme o sapato entre os dedos, e espalma a outra mão, e vão a caír-lhe, como no verso do Tolentino, sete vezes os oculos do nariz!

É cruel aquella idade.

Cruel como a primeira infancia!

Está ali ao pé d'elle a pobre rapariga, uma gorducha que não é másita, muito branca, muito redondinha, o que o povo chama roliça, toda ella suave, humilde, d'estas creaturas que vem ao mundo para se contentar com tudo, que nascem para ser pobres, que vivem á sombra, fadadas para ser ninguem, e que, no emtanto, se puxassem por ellas e a felicidade estivesse por isso, seriam capazes de dar brado n'este mundo, taes quaes as outras a quem a sorte sorri e a fortuna se presta!

Não é magra, bem o sei. Isso é reservado ás elegantes e ás ditosas.

—Estás tão gordo, Figaro! diz Almaviva ao barbeiro, quando o encontra inesperadamente em Sevilha, n'aquella noite em que andava rondando as janellas de Rosina. Estás tão gordo, Figaro!

—*La miseria, signor conte!* responde o outro.

Assim é esta.

Não lhe é dada a belleza altiva e nervosa das tentadoras; nem a natureza nem a modista se atrevem a enfeital-a por modo que escandalise a simplicidade, *sancta simplicitas!*

Tudo n'ella é mediocre e timido; até a estatura.

Na propria pallidez não ha o tom funéreo das heroinas...

Os cabellos não se lhe entregam aos caprichos elegantes da moda e do penteado; prende-os, segura-os a coifa humilde, e conservam uma disposição recatada, constante, para que até o vento os respeite...

Está roto aquelle sapato?

Não.

Está velho.

Roto, não. Não ha seixo imprudente, que ouse rasgar o sapato humilde em que aquelle pé vá calçado.

Sobre esse velho sapato despede ella ainda um ultimo e saudoso olhar, emquanto o velho o tortura, e esmaga rudemente com a sua mão grosseira e impiedosa...

—Adeus, diz ella n'esse olhar, adeus sapato companheiro da minha lida! Só tu sabes o que precisa andar, girar, correr, n'este mundo, quem nem tem dote nem bens, nem sequer o dinheirinho que se exige para pertencer a Deus e recolher-se a um convento.

E o sapato a estalar pelos pontos e a ranger com o despregar do tacão, entre os dedos barbaros do sapateiro, velho motejador e frio!

E na profundeza do olhar d'ella como que se adivinha a consciencia de que deviam reflectir-se n'elle a seda e as joias em vez de servirem de espelho a uma loja terrea e humida...

Não foi de certo fadado aquelle pé, bem o estamos a vêr na estampa, para pisar tapetes, de uns que ha de fundo branco onde desabrocham flôres magnificas;—mas não o foi tão pouco para se gastar em ruins sapatos por cima de um sobrado a caír, ou de frios tijolos...

Nascêra talvez para os destinos recatados, honestos, simplices, da vida tranquilla, caseira, desambiciosa, mas remedeiada. Casar com um honesto operario, cuidar da casa e dos filhos, estimar bem o marido, a paz, o lar, sem que os seus vinte annos fugindo, correndo, lhe agitassem pela fronte as azas de sombra...

Ter olhos para vêr o céo, a agua, as arvores, as estrellas, e empregal-os em vêr o sapato roto!

A mais horrivel, a mais desillusionante palavra que possa soltar-se, está a dizêl-a aquelle velho á pobre rapariga:

—Não tem concerto!

É como se o advogado dissesse ao cliente:

—Pense e resolva-se a perder a demanda!

É como se o medico dissesse ao doente:

—Não ha cura para si!

É como se Deus dissesse á creatura, que viveu, errou, peccou:

—Para ti não ha misericordia, para ti não ha salvação!

Cruel e estupida expressão da insensibilidade:

—Não tem concerto!

Mas tudo tem concerto, velho imbecil!

A paixão que se extravia, a ambição que fallece, a idéa que se engana, o amor que se arrasta, o talento que cáe perdido...

Tudo tem concerto, velho tonto; o braço que se quebra, e o futuro que se partiu; o coração que pulsa de mais, e o coração que pulsa de menos, a cegueira do espirito e a do corpo...

E vaes tu, sapateiro reles e asno, metter-te em dizeres uma palavra d'essas a quem espera tudo da palavra que vae ouvir-te; e nem sabes ao menos, remendão birbante, que ha no pé humano o indicio das faculdades e das paixões, que o orgão da dansa está no osso que serve de base á tibia, dando equilibrio ao corpo e origem a todos os movimentos pelas suas articulações com a perna; que na cavidade do calcanhar está a perseverança; que o orgão do amor platonico está, na mulher, por baixo das primeiras phalanges; e, ao contrario, por cima, no homem, estabelecendo-se o contacto quando duas pessoas apertem o pé uma á outra ás furtadellas por baixo da mesa; que o temperamento brigão está n'um pé leve e agil, que cede logo em se impacientando á tendencia irresisti-

vel de despedir um ponta-pé; que a cobardia está na depressão da parte superior, isso a que se chama não ter altura no peito do pé; e que, — e este é o caso, ó velho e brutal sapateiro! — o orgão do animo está no calcanhar e na sola do pé, vindo d'ahi o dizer o povo para dar a entender uma organisação que não tem medo:

— Espero-o a pé firme!

E esse é o calcanhar e o pé da rapariga que ahi mostra a estampa; pé seguro, calcanhar grosso e grande; — e estás tu a desanimal-a, a tirar-lhe a força e a vida, com essa palavra bestial!

Cala-te, e aprende, sapateiro opinioso e ignorante: nunca se diz, jámais deve dizer-se a alguem, seja do que fôr:

— Não tem concerto!...

JULIO CESAR MACHADO.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

III

(Continuação)

As janellas d'aquella habitação encantadora foram-se a pouco e pouco illuminando; muitos vultos bronzeados, com os seus turbantes de mil côres, percorreram o jardim em todas as direcções; arvores e arbustos rescendentes cobriam-se de vagalumes e um som suavissimo de cantares surgiram das alamedas ou das salas, que não deixava a distancia e o vago das vozes morbidas perceber a D. Fernando d'onde partissem.

Parecia ao moço amante que um deslumbramento o tomava, ou filtros de feitiço o tinham preso ali; parecia-lhe que aquellas vozes tinham, ora a ternura dos cantos das mães aos berços, ora o ardor magnetico dos trementes e truncados segredos da amante ao namorado; segredos antes bafejados que fallados, antes sentidos que ouvidos em meio de fremitos e desmaios em noite amena e tepida ao pé de um lago confidente e quieto.

Parecia-lhe que, pelo jardim, cruzavam sempre sombras mysteriosas e caladas e parecia-lhe tambem que o vulto da formosa indiana se viera insinuando por entre a ramaria da sebe que se debruçava para a estrada, e a cujas franças elle se estava agora segurando.

E tudo isto era mais uma visão que um quadro, mais uma sensação que um apparecimento. Um desejo efficiente, um affecto creador, uma phantasia illuminada, um espectaculo interior visto com os olhos fechados, commovente de mais para visão, crepuscular de mais para realidade.

E D. Fernando, presa de uma anciedade vertiginosa, com o coração impaciente de febril, tremulo, que o diziam as cannas do bambual a que se amparava e por entre as quaes espreitava meio occulto, iria jurar que o halito da formosa oriental lhe estava banhando o rosto, tão perto sentia elle uns effluvios que o embriagavam.

E os canticos ao longe, e o luar e as flôres e os vagalumes, a atmosphera morna e as folhas do betle sagrado que lhe batiam no rosto, tudo quanto o cercava o endoidecia.

E o bambual estava quieto e serrado; negro, mysterioso, insondavel! e uma fascinação poderosa teimava n'elle que uns olhos o estavam vendo, que uns labios lhe sorriam; olhos mais negros que o veludo e mais brilhantes que os astros, labios mais vermelhos que o coral de Mascate ou de Sorrento, e mais humidos que a orchidea orvalhada no tronco do tamarindo.

E não via! e não ouvia.

— Impossivel! disse elle fallando comsigo, como o somnolento que tenta espalhar o somno.

Pareceu-lhe porém que o bambual mechia.

— Oh não fujas, se és tu aquella por quem estou preso, segredava elle tão baixo como se lhe fallasse ao ouvido, confia na minha lealdade de cavalleiro; se tu soubesses quem sou não duvidavas de mim.

Calou-se, escutou... Nem um som, nem um movimento.

Sorriu-se com o sorriso ingenuo da sua idade; mas de repente sentiu que o cheiro da areca e do betle, tão conhecido no oriente, o bafejava de novo, que a respiração lhe faltava e que a vertigem crescia.

A lua subia no céo entre a illuminação do infinito.

— Meu Deus, d'onde me vem esta allucinação? dizia D. Fernando no seu monologo, ha plantas venenosas em toda a India e arvores que matam aquelles a quem abrigam, comtudo esta morte é doce e voluptuosa. Sonhar que se tem ao pé uma mulher adoravel talhada como as Venus da Grecia, ardente como o sol d'onde brotou e preguiçosa como as auras tropicaes! Se eu pudesse expirar nos braços d'ella!!

Sentiu-se de repente preso n'um braço por mão pequenina, mas forte e firme, puxando-o mais para dentro da sebe de verdura, e outra mão aveludada e quente veio pousar-lhe nos labios. D. Fernando sentiu-se estremecer, mas não de receio nem de surpreza; guardou o silencio que lhe impunham; o braço que lhe prendera o braço soltara-lh'o e veio enroscar-se-lhe ao pescoço. A sua cabeça achava-se encostada agora a um seio perfumado, velado apenas por uma tella frouxa de seda; uma chuva abundantissima de cabellos lhe caía sobre a cabeça e sobre o rosto; um dos braços de D. Fernando procurou insensivelmente a cintura que se lhe offerecia, e sentindo-se envolvido por uma onda de electricidade como nunca havia sentido, desejou morrer ali.

Ouviu então passar na estrada, atrás de si, tropel grande de gente que demandava a cidade e vozes que não entendia.

Comprehendeu que o tinham querido esconder entre a folhagem dos olhos curiosos dos que passavam.

O rumor perdeu-se ao longe e o abraço e o silencio duravam ainda.

D. Fernando, quieto, quieto, cuidava mesmo em comprimir a respiração, tanto receiava que se lhe furtasse aquelle seio arquejante e o soltassem d'aquelle abraço tão demorado.

Era o sonhador já quasi consciente de que sonha, que se não quer mover para lhe não fugir o encanto.

Emfim, muito de manso e de leve beijou, que nem parecia beijo, a mão que se lhe demorava nos labios.

A indiana retrahiu-se violentamente.

Um momento depois tomou-lhe o braço e mostrou-

lhe umas luzes que appareciam no cimo da rua do lado da cidade.

—Quem será, perguntava D. Fernando.

—Criados de teu pae que vem buscar-te.

—Conheces-me?!

Já não teve resposta.

IV

Passado um quarto de hora, entrou D. Fernando no palacio entre os criados que o vieram procurar, com lampiões de muitas luzes, porque a sua demora começava a inquietar o viso-rei.

Na segunda sala encontrou seu pae em pratica com um frade que gosava do maior prestigio no oriente. Chama-se Francisco Xavier, chegava de longe e dava conta a D. João de Castro do resultado das suas missões. Era magro, não alto, mas direito, avelhentado e doente. Tinha uma fronte espaçosa e olhos cheios de luz e de amor; bôca cheia de graça, e mãos pequenas e finas cheias de bençãos.

—Aqui o tendes, fr. Francisco, disse D. João de Castro, apresentando-lhe seu filho; foi longo o banho, meu Fernando, olha que todos os excessos são fataes n'este clima.

D. Fernando beijou a mão de seu pae e inclinou-se diante de fr. Francisco Xavier.

—Dae-lhe a vossa mão a beijar e abençoae-o tambem, fr. Francisco.

D. Fernando beijou a mão do bom frade e disse-lhe, depois de recebida a benção:

—Eu conheço-vos muito, fr. Francisco Xavier.

—Por vosso pae, senhor.

—Por vós, pelas vossas obras, e sobretudo pela vossa caridade que vale ainda mais que a vossa doutrina.

—Guapo moço em verdade, segredava fr. Francisco a D. João de Castro. Tão novo e tão discreto.

—Em breve o chamareis tambem valente, que lhe vou dar um posto de honra.

—Guarde-o Deus! guarde-o Deus! murmurava o frade pensativo.

—Adeus, Fernando, despede-te de nós e vae dormir, que de manhã cedo tens caçada, e convém que te apresentes fresco e repousado.

—A estas horas das aguas de Cumbarjua! murmurava fr. Francisco; não póde ser; a maré desceu ha muito e elle vem abraseado e distrahido.

D. Fernando entrou no seu quarto e recostou-se n'uma preguiceira de baloiço, de cissó, bordado de ramarias e divindades gentilicas.

O estado da sua imaginação só é comparavel á embriaguez do opio ou do *haschich;* os seus sonhos, ás acres delicias das visões do celebre inglez de Quincey; a differença era apenas de que em vez do *consul romanus,* D. Fernando via em todos os quadros da sua phantasia, como n'uma apotheose, a bella indiana.

Parecia-lhe que o domestico papagaio da Praganã, que andava solto palrando por todo o palacio, tomando proporções do genio das lendas, o incitava a que se levantasse e saísse em demanda da maxima ventura, emquanto o seu querido *Martinho* cinzento de Damão se offerecia a guial-o através das selvas scintillantes até um logar recondito de delicias.

Saía e nas azas do seu sonho atravessava selvas serradas. Viam-no passar feras e aves invejosas, e no meio de gorgeios e aromas caminhava sempre e sempre, sem fadiga nem receio. Os astros desciam a misturar-se com as flores e os canticos; e elle arrobado de gloria passava como um bem aventurado no meio de uma atmosphera luminosa.

Ao cabo das florestas encontrava um rio larguissimo esmaltado de vélas brancas, e em cada barco que lhe passava em frente havia uma canção de vozes femininas.

N'um dizia-se:

—As moiras de Pondá
são como o sol do oriente
que é quente, quente;
mas no alto Mordongouro
cioso espreita o mouro
e o barco não vae lá.
Cantar, cantar!
Quem vos pudera amar
ó moiras de Pondá!

N'outro barco:

—Feliz do que encontrando-a entre-dormida
ao lado se lhe deita
antes que venha o dia,
sonhando paraisos de deleite,
sentindo-a palpitante e commovida,
e que ella acorde, o veja e lhe sorria.

N'outro:

—Ella espera e sonha e quer
amores que tenham febre;
amor que a isenção lhe quebre
amor que a faça mulher.

N'isto passava junto á margem um escaler branco e doirado todo brilhante de pharoes e flamulas; barco almirante d'esta esquadrilha feliz. Dentro reclinada sobre coxins flaccidos de damasco amarello, coberta de joias e gallas, a bella Mogarem, a formosa ideal, no meio de uma aureola, via-o e chamava-o.

Quando porém ía saltar para bordo, um grande vento enchia as vélas, o escaler empinava-se sobre as vagas e desapparecia. Apenas se ouvia em côro ao longe:

—O noivo espera remeiros,
vergae os remos nas aguas.
Quantas penas, quantas máguas
vão em peitos de donzellas
e ficam tambem por ellas
em peitos de cavalleiros?!

Então uma nuvem densa tomava todo o quadro; o bramido e a arrebentação das vagas ía-se transformando em fragor de batalha; a nevoa tornava-se fumo; no meio d'ella relampejava a artilheria, cujo estrondo enchia as quebradas das montanhas. Clamores da lucta, maldições dos feridos, hymnos de vencedores, desabar de muralhas, relinchar de cavallos, brados de commando, clangor de trombetas, tropear de esquadrões, rodar estridente de artilheria, zumbir e estalar de incendios, o grande rumor da grande pugna; e, no redemoinho immenso, confundidos os exercitos n'um lago de sangue e fogo em meio de uma atmosphera vermelha.

Elle luctava e commandava, montado no mais formoso cavallo, e ouvia uma voz que lhe dizia:—Ávante! Corre para mim, conquista-me! Repara que sou a Gloria. E elle olhava e via pairar no espaço a imagem querida de Mogarem, n'um fundo de oiro, transparente, desfraldando o pendão das quinas.

(Continúa)

O DESPOTA E O POETA

ESTUDO LITTERARIO

DE

EMILIO CASTELLAR

HA uma revolução na Russia. O homem que personifica na sua mais alta expressão a revolução litteraria russa, é Pouchkine. O romanticismo, que na França e na Hespanha representava a emancipação, representou o retrocesso na Allemanha, por estes contrastes entre as raças, que formam como a trama da vida historica.

Era a escola romantica, na Hespanha, livre protesto contra o espirito cortesão e tradicional da litteratura borbonica chamada classica; e na Allemanha era franca reacção contra as idéas do nosso tempo, e religioso culto aos tempos da idade media. Na Russia, o romanticismo tinha caracter analogo ao caracter francez e hespanhol; na Russia era protesto vivo contra o lubrico germanismo da côrte, e invocação eloquentissima ao espirito do seculo e á ascensão da liberdade sobre os povos.

Pouchkine foi romantico.

Nos alvores do seu romanticismo não cantou, pois, a natureza como a cantavam os poetas classicos, Delille na França, Melendez na Hespanha; não cantou, como os seus tyrannos queriam, os bosques de alamos e larix; os estaleiros immensos como o mar; a neve virgem prateada pelos raios da lua plena; as ondas do Baltico, ora celestes nos eternos dias do verão, ora aprisionadas sob o marmoreo gelo das eternas noites do inverno; os horisontes polares com as suas rosadas auroras boreaes de um esplendor indizivel quando as formam e decompõem os desertos e as cordilheiras de cristal; não cantou, não, esta natureza, que continúa nos seus movimentos, no seu brilhantismo, na sua belleza, ainda quando seja testemunha do crime; e que recolhe e bebe em completa indifferença o sangue dos martyres e sustenta com o seu vivificante ar o peito dos tyrannos; cantou o espirito com as suas idéas, o espirito com as suas agitações; o espirito, que se povôa de tempestades intimas, e sobe impetuoso até escalar o céo em pós da justiça e da liberdade, e que quando cáe rugindo de dôr e exasperação, não reconhece, nem no proprio Deus, auctoridade e poder para roubar-lhe o seu direito.

Cantar o espirito no seio da Russia! Devia pagal-o caro o poeta. Segundo uns historiadores, Pouchkine foi açoitado antes de ser condemnado ao desterro; segundo outros, foi meramente proscripto para o interior e recluso em silencioso claustro.

Devorava ali o seu proprio ser.

O martyrio do Titão solitario no cimo do Caucaso era o seu martyrio.

Aos impetos da escola romantica succederam as dôres de Byron.

Estas dôres pungentes, estas penas dilacerantes; a vida de todo o divino e humano; o fel derramado nas feridas interiores do coração e da consciencia; o fel saindo aos borbotões do figado como de amphora quebrada; a ironia fina; o sarcasmo amarguissimo; os transitos bruscos desde os extasis dos anjos em mistica oração até os juramentos dos camponios em brutal embriaguez; toda aquella escala da indignação cansava a consciencia morta de um povo tristemente escravo.

A sua dôr, a sua duvida, a sua amargura, eram a dôr, a duvida e a amargura da geração, que previra a liberdade no céo do futuro para caír ferida sob o latego, sob o knout do pretoriano cossaco.

Gemeu a Russia pela boca do poeta; envergonhou-se a Russia de si propria com a vergonha do poeta.

Este chegou a crear uma personificação dos seus proprios males, creando um typo immortal do seu espirito e do espirito russo; creou o typo de Oneguine.

É admiravel o talento dos poetas para pôr em uma só pessoa o caracter do todo um seculo.

O theatro hespanhol tem maravilhosos exemplos de tal aptidão poetica.

O Segismundo de Calderon, nascido para rei encerrado entre os animaes; posto nas entranhas de aspera gruta, sem communicação alguma com o genero humano; condemnado a invejar a liberdade da ave que vôa sobre a sua cabeça e do peixe que nada aos seus pés, e do bruto das selvas, e do regato sem espirito; com menos alvedrio que os seres materiaes, personifica aquelle povo hespanhol, que caindo em miseravel servidão, perdeu nas suas cadeias até a alma.

Oneguine era tambem o typo, tambem a personificação da Russia e do espirito russo.

Agil, e não póde mover-se; intelligente, e não póde pensar; com palavras, e não póde fallar; sedento, e não póde beber; faminto, e não póde comer; as faculdades intellectuaes e as faculdades physicas são n'elle completamente inuteis; até o amor lhe parece vedado a quem só ha de engendrar escravos; Oneguine é a imagem das gerações que nascem e morrem sob o despotismo; ociosas para os mais altos misteres da vida; inuteis nas espheras da actividade humana; desejosas de saír da sua escravidão, mas sem acertar com a saída; gerações abortivas e hirtas, para as quaes a terra é como vasto sepulchro, e a vida, sem liberdade, sem pensamento, sem consciencia, como perpetua asphyxia.

Esta persuasão de que todas as suas faculdades eram inuteis, chegou a infundir no poeta completa indifferença entre a liberdade e a servidão, entre o erro e a verdade, entre a reacção e o progresso.

Para que aspiraria a pedra á intelligencia? Para que aspiraria ao calor da vida?

Toda a aspiração, pouco a pouco, foi afogada n'aquelle coração; toda a idéa foi morta n'aquella intelligencia; ficou como a natureza, que produz a formosura sem ter a consciencia de produzil-a.

Cantou, cantou, mas cantou na olympica indifferença da arte pela arte.

Cantou, cantou, mas cantou repetindo as suas passivas inspirações fugazes de todos os dias, como o transparente lago repete os objectos das suas margens.

Não foi uma idéa reanimando a natureza e a vida, como deve ser a virtude poetica; foi a machina photographica repetindo os factos e as idéas que passavam pelos cristaes da sua mente.

O autocrata chegou ao total cumprimento dos seus desejos: o poeta suicidára-se.

Amaldiçoou no seu triste suicidio o unico elemento que o sustentava contra a tyrannia e que o auxiliára a supportar a solidão do seu claustro: amaldiçoou a opinião publica.

Triste réo de crime horrivel contra o genero humano, amaldiçoou o seu protector na desgraça, o seu juiz no perjurio.

(Traducção) (Continua).



Francisco Adolpho de Varnhagen

(Barão de Porto Seguro)

Por uma singular fatalidade, existem quasi sempre odios intensos e rancorosas rivalidades entre as nações navegadoras da Europa e as suas antigas colonias, que vieram com o andar dos tempos a proclamar a sua independencia, e que são hoje nações livres. Entre a Inglaterra e os Estados-Unidos da America existe uma lucta surda mas continuada, não é vista com bons olhos a Hespanha pelos republicanos da America Hespanhola. Ha aqui juntamente com o sentimento da independencia politica o sentimento da *independencia do coração,* que torna ingratos para com a sua antiga mãe patria os filhos com existencia separada e casa propria, que povoam hoje de norte a sul o Novo Mundo? É isto pelo contrario o resto do resentimento da longa oppressão, em que foram mantidas, pelo deploravel systema colonial dos dois ultimos seculos, as terras florescentes, que só á custa do sangue dos seus habitantes compraram o direito de se desenvolverem sem peias nem restricções, e de fundarem no seu generoso solo as instituições livres dos modernos tempos? Será apenas isso mais uma prova de que a lucta entre irmãos, quando ella chega a travar-se, é mil vezes mais rancorosa e sinistra do que pugnas entre estranhos? Não o sabemos; o que é certo porém é que o povo menos estimado nas colonias emancipadas é sempre o da antiga metropole, apesar de ter ainda com os cidadãos dos juvenis estados americanos a communidade da lingua, dos habitos e das tradições.

Não succede porém isso, pelo menos tão geralmente como em outros paizes, entre Portugal e o Brazil. Se no seio das classes menos illustradas do povo brazileiro vivem tenazmente arraigados sentimentos de odio contra os portuguezes, que se manifestam por uma ou outra explosão deploravel, e que n'uma parte da imprensa encontram ecos selvagens, em compensação os homens esclarecidos do Brazil não occultam a sua viva sympathia por Portugal, assim como tambem os nossos homens mais illustrados estendem mão amiga a esses portuguezes da America. Esta troca de sympathias é bem patente na litteratura. Foi Alexandre Herculano o primeiro que saúdou com enthusiasmo o estro nascente e já brilhante de Gonçalves Dias; as producções da imprensa portugueza encontram sempre na critica e no publico do Brazil o mais lisongeiro acolhimento.

Entre os homens superiores aos velhos preconceitos e aos velhos resentimentos coloniaes, entre os homens que, sem deixarem esmorecer o seu patriotico amor pelo Brazil, manifestam a cada instante a Portugal a mais decidida sympathia, avulta sem contestação Francisco Adolpho de Varnhagen. Nascido no Brazil, educado em Portugal, consagra ás suas duas patrias o mais vivo e intenso affe-

cto. Ambas lhe são devedoras de relevantes serviços. A sua intelligencia brilhante, o seu estudo indefesso, a sua critica sagaz têem sido empregados igualmente na investigação das glorias dos dois paizes. Se tem estudado, com apaixonado ardor, as origens brazileiras, não tem sido menor o seu zêlo em revolver os pergaminhos que attestam a nobreza intellectual dos portuguezes, e em dar conhecimento ao mundo erudito do estro balbuciante dos nossos trovadores. Deve-lhe o Brazil, é certo, a admiravel historia, que bastaria para dar nome ao seu auctor, e que lhe grangeou as mais honrosas distincções concedidas pelas mais importantes academias estrangeiras, mas quanto lhe não deve tambem a historia portugueza! Republicou as mais formosas epopêas brazileiras, e teceu louvores, na sua excellente linguagem, aos epicos do seu paiz; mas as rudes e singelas trovas dos nossos poetas da meia idade encontraram n'elle tambem um editor zeloso, e um commentador, a um tempo erudito e enthusiastico. Ornam as paginas da *Revista trimensal do instituto* do Brazil os seus estudos biographicos ácerca dos grandes vultos da nossa antiga colonia; mas nas *Memorias do conservatorio* de Lisboa resplandecem tambem as paginas por elle consagradas a um dos nossos ultimos heroes do mar, o vice-almirante Quintella. Trocando o severo buril do historiador pelas pennas de oiro do romancista e do dramaturgo, contou Varnhagen a historia cheia de peripecias do seu compatriota Amador Bueno, e avivou em estylo adequado a velha lenda de Sumé, esse personagem da mythologia americana, em que os jesuitas viram ou quizeram ver S. Thomé; mas tambem, no formosissimo quadro que intitulou *Chronica do descobrimento do Brazil* não se esqueceu de desenhar as figuras epicas de Pedro Alvares Cabral, e dos navegadores portuguezes seus companheiros, que, depois de affrontarem as angustias do temporal, descançam com admirativo espanto nas praias floridas da America, e, ajoelhados ante a cruz tosca da madeira d'esses desconhecidos bosques, agradecem a Deus o ter-lhes deparado a um tempo a salvação e a gloria, a vida e a immortalidade.

Filho do coronel de engenheiros allemão Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, official ao serviço do Brazil e homem tambem distinctissimo, parente do celebre escriptor germanico Varnhagen de Ense, este illustre brazileiro nasceu em S. José de Ypanema, na provincia de S. Paulo, a 17 de fevereiro de 1816. N'essa provincia, onde florescem no Brazil os bons estudos, n'essa provincia, cujos filhos deram provas sempre de grande energia, e de viva intelligencia, devia effectivamente nascer o homem, que toda a sua vida foi um infatigavel trabalhador, e que, se não pôde como os paulistas dos seculos XVII e XVIII embrenhar-se pelas virgens solidões do Brazil, em bandeiras audaciosas, para interrogar os segredos das florestas, e para esquadrinhar o oiro escondido no seio das minas, foi applicando o seu vivo espirito e a sua força de vontade á resolução dos grandes problemas historicos e litterarios, immergir-se audaciosamente nas trevas da litteratura medieval, ou no labyrintho da historia dos descobrimentos, derramar luz nos primordios da historia litteraria portugueza, destrinçar com sagacidade as questões que dizem respeito aos grandes navegadores.

Não lhe devemos só esses grandes serviços litterarios; apenas adolescente, sympathisando com a causa da liberdade em Portugal, veio alistar-se, como voluntario, nas fileiras dos que por ella combatiam. Voltou, depois da victoria, a frequentar o curso da arma de engenharia, que terminou em 1840, mas antes d'isso, e contando apenas vinte e dois annos de idade, mostrára já a sua tendencia para os estudos historicos, escrevendo umas *Reflexões criticas sobre um escripto do seculo* XVI, impresso sob o titulo de *Noticias do Brazil*, que mereceram os gabos de juiz tão competente como era o celebre patriarcha de Lisboa, D. Fr. Francisco de S. Luiz.

Ao mesmo tempo este bellissimo estudo abria-lhe as portas da academia real das sciencias de Lisboa, e essa mesma memoria, juntamente com a publicação do *Diario de Pero Lopes*, fizeram com que o instituto historico e geographico do Brazil o nomeasse seu socio. Em tão verdes annos nunca de certo haviam sido conquistadas tantas distincções academicas, e sobretudo nunca tinham sido tão justamente conquistadas.

Aos vinte e seis annos entrava o sr. Varnhagen na carreira diplomatica. Abriu-lhe isto ensejo, não só para prestar serviços politicos ao seu paiz, mas tambem para se relacionar com os sabios europeus, e para poder aproveitar, em presença dos archivos da velha Europa, o seu gosto pronunciado pelos estudos historicos. A America mais de uma vez tem escolhido entre os seus homens de letras os seus diplomatas nas côrtes da Europa, como para nos mostrar assim que não tem ella o culto exclusivo das prosperidades materiaes, e que tambem as nobres preoccupações da intelligencia a captivam e attrahem.

Assim, para citarmos ao acaso, vemos os Estados Unidos enviarem á Europa como seus representantes Bancroft, Washington Irving, etc., o Brazil, Magalhães, Varnhagen, etc., etc.

Foram effectivamente productivos os ocios diplomaticos do joven addido brazileiro. As *Trovas e cantares de um codice do seculo* XIV, precedidas por um excellente prologo, tornaram o sr. Varnhagen crédor da eterna gratidão dos portuguezes, e apresentaram-n'o como um dos primeiros entre os que têem sabido estudar com são criterio e consciencioso trabalho a historia da litteratura portugueza.

Não abandonou elle ainda hoje esses estudos queridos, e a publicação do *Cancioneirinho do Vaticano* veio demonstrar aos portuguezes, que o sr. Varnhagen continúa incançavel a prestar-nos serviços, e a preceder os nossos sabios n'essas investigações, que são de tanta importancia para a nossa historia.

Em 1854 começou o sr. Varnhagen a publicar a sua magnifica *Historia do Brazil*, o grande monumento litterario da sua vida, diante do qual se curvaram respeitosamente os seus proprios adversarios. Affirmavam-se ali o seu ardente patriotismo e as suas altas qualidades de historiador e de escriptor. Voltando as suas attenções para a sua terra natal, o diplomata brazileiro pagou-lhe com amor o tempo que empregára em estudar os primeiros monumentos da lingua portugueza, e que aliás não podem tambem ser indifferentes ao Brazil, porque o seu estudo esclarece a historia da lingua que se falla no vasto e florescente imperio americano.

Opusculos em que estudou as viagens de Americo Vespucio e de Colombo, escriptos por elle não só em portuguez, mas em italiano, em hespanhol, em francez, que todas essas linguas lhe são igualmente familiares, affirmaram mais a reputação que elle tinha no mundo scientifico, reputação sanccionada pelas distincções com que o têem honrado as mais importantes academias.

Emquanto se occupava d'estes lavores historicos e litterarios, não esquecia Varnhagen o cumprimento dos seus deveres diplomaticos, e a sua penna empregava-se tambem, com a sua costumada superioridade, em discutir as questões politicas e sociaes que mais interessavam ao Brazil. Na questão da escravatura foi elle um dos iniciadores do grande movimento emancipador. Entretanto passava dos logares secundarios da diplomacia a exercer

os cargos de ministro brazileiro em Madrid, no Paraguay, no Chili, no Perú, e ultimamente em Vienna d'Austria, onde ainda hoje reside, e onde mostra aos allemães que as tradições do grande nome germanico de Varnhagen d'Ense tem sido conservadas no Brazil por um membro da sua familia, que o tem illuminado com a luz de uma gloria ainda mais viva.

Ultimamente, o governo brazileiro agraciou-o com o titulo de barão de Porto Seguro, e, dando-lhe este titulo, que lembra a entrada do vasto imperio brazileiro no gremio da civilisação, que marca o principio dos seus tempos historicos, mostrou que recompensava, não só o diplomata, mas o escriptor tambem, e que dava uma consagração official á vasta reputação do homem a quem João Francisco Lisboa, o celebre escriptor maranhense, chamava «pae da historia brazileira».

PINHEIRO CHAGAS.

ARTES

LEOTTE

COLLECÇÃO ARTISTICA DO FALLECIDO REI DA SUECIA

CARLOS XV não foi só poeta, artista e pintor, foi tambem eminente conhecedor de objectos de arte. A prova está nas collecções que formou, tanto no palacio real de Stockholmo, como na residencia de verão de Ulryksdal.

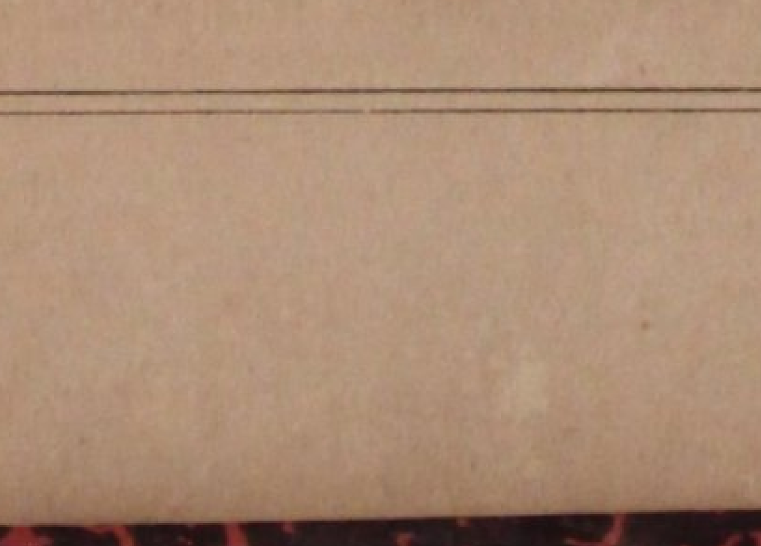
Muitos dos objectos d'estas collecções havia-os doado ao paiz, a fim de serem collocados no museu nacional; mas ficára com alguns para si, os quaes, vista a necessidade de cumprir certos interesses de familia, foram ultimamente vendidos em leilão, no palacio de Ulryksdal, perto de Stockholmo.

O catalogo compunha-se de mais de 700 numeros. A primeira parte (200 artigos) continha uma serie de moveis historicos de differentes épocas, entre outros armarios raros do seculo XVII, mesas preciosissimas, espelhos curiosos, e alguns leitos de armação no estylo Renascença, que o rei havia adquirido ultimamente, e por isso não figuram no museu nacional.

A segunda parte comprehendia esculpturas de figurinhas, vasos, taças de diversos feitios, objectos de prata, bronze e outros metaes gravados e incrustados.

Na terceira parte figuravam objectos pertencentes aos aposentos particulares de Carlos XV, como collecções completas de armas, de utensilios de caça, taças scandinavas da idade media, cachimbos e grande quantidade de objectos historicos de muito valor.

A quarta dizia respeito a porcelanas, grupos, serviços, vasos; a quinta a vestes e bordaduras; a sexta a objectos artisticos de marmore, porphydo e granito, feitos por artistas suecos, figurando n'ella tambem duas urnas gigantescas, que ornavam a entrada do palacio; a septima, finalmente, a quadros e aguarellas. Quasi todos os quadros são assignados por artistas hollandezes, e estavam nos aposentos da rainha Luiza. Entre elles notam-se valiosissimas obras de Molenaer, J. Buysdael, Teniers, Ostade, Metzu, Hobbema, Backlneysen, e tambem de Claudio Lorena, Boucher e outros pintores francezes.



VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

. . . .

II

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunos.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.



APENAS chegámos á canôa, desamarrei a trouxa que trazia ás costas e atirei-a com grande colera ao fundo da embarcação.

—Olhe que quebra a jutahycica!—me gritou o piloto, que era o maioral dos meus tapuios.

—Grande desgraça!

—É que se a esmigalha, não vale nada.

—Que me importa!

—Então para que a trouxe?

—Para quê? Nem eu sei... Ah! já me recordo! Foi para te fazer presente d'ella.

O tapuio começou a sorrir-se com ar de incredulo contentamento. Eu desci ao esgotadouro da canôa, peguei nas minhas calças, e tirando para um paneiro (cesto de talas ou de cipó) a resina que tinha trazido, offereci-lha.

—Toma lá.

—O patrão Chico está brincando? !

—Não estou.

—A jutahycica é muito cara, onde a não ha; usa-se para vidrar as loiças e tem muito gasto.

—Pois faze-me o favor de acceitares esta para ti.

—Sério, sério?

—Homem!... não sei como queres que o diga mais claro?!

—Então dê cá. Muito obrigado. Ih! que carga tamanha que elle trouxe! É quasi tanta como a minha! Não sei como pôde com ella, sem caír pela ribanceira! Tenho aqui perto de duas arrobas! isto vale bem bom dinheiro!

E o excellente indio sentou-se e principiou a pegar complacentemente, ora n'um ora n'outro pedaço, dos maiores, arrumando-os todos no paneiro que eu lhe dera.

Os companheiros, que tambem estavam desentrouxando a sua resina, deitavam para o quinhão do piloto, depois de acrescentado com o meu, olhares de inveja e cobiça!...

Pobres ignorantes! Andaram perto de mez e meio com a jutahycica atraz de si, até que se aborreceram! O maioral foi o primeiro que atirou ao rio com a sua, e os outros imitaram logo tão bom exemplo! Eu, apesar da minha curta idade, tinha sido mais feliz ou mais previdente; livrára-me do encommodo desde principio por um acto de generosidade!

Os meus indios tinham ido a differentes aldeias do Xingú mostrar a sua mercadoria.

Jutahycica?—murmuravam com indifferença as mulheres que faziam panellas;—o mato está cheio; quando é preciso, vae-se procurar.

—Mas esta é muito boa!

—Toda a jutahycica do Xingú é assim.

—Dê alguma cousa por ella.

—Não posso.

—Um cacho de bananas?

—Não tenho.

—Curauá, para cordas d'arco?

—Não ha.

—Um paneiro de beijús? Farinha? Tapioca?

—Não quero.

Todas diziam o mesmo, e acabaram por não querer a resina nem de graça! Como elles não encontraram nenhuma canôa de negociante, deitaram-n'a fóra!

Eis o resultado da riqueza... na terra onde todos são ricos! E eis a rasão por que os indios, em geral, não querem trabalhar, nem tirar as drogas dos seus matos. Seria necessario ir muito longe para poder vendêl-as ou trocal-as, e elles preferem estar deitados na rede, com o cachimbo ou o cigarro da casca de tauary n'uma mão e a cuia de farinha com agua na outra. Sabios philosophos, comprehendem a vida a seu modo e embirram solemnemente com a maneira por que os brancos pretendem impôr-lhes uma felicidade differente da sua, a felicidade do trabalho[1].

Entrámos no Tucuruí, que corria com violencia, e fomos remando, por ter escasseado o vento, encostados ás suas margens alterosas e opulentas de vegetação.

É pelo Tucuruí que costumam descer os indios, nas raras vezes que vêem offerecer aos brancos os productos da sua industria, e foi por elle tambem que nos fins do seculo XVII entraram os primeiros missionarios jesuitas, que íam, affrontando a morte, levar a luz do christianismo aos mundurucús e aos jurunas.

Havia muitos annos que os gentios não tinham communicado com os brancos. As calamidades provenientes da tomada do Pará, pelos chamados cabanos, em 1835, estenderam-se além do Xingú e ecoaram provavelmente no meio das tribus selvagens. Essas tribus, estranhas aos motivos que promoviam a anarchia da provincia, conservaram-se indifferentes. As que tinham tido relações com os brancos abstiveram-se durante algum tempo, mesmo depois da paz restabelecida, de tornar a descer dos seus rios.

O governo do Pará, no intuito de recomeçar a catechese interrompida, mandára ao Xingú uma missão, levando presentes de ferramentas para os indios jurunas, a fim de que estes viessem recebêl-os á villa do Pombal e ali se baptisassem.

Quando eu partíra da foz do Curauátá constára ali que a missão do governo chegára dias antes a Pombal, e que o commandante da villa ía mandar dois homens praticos subir o Tucuruí até certa altura e depois atravessar pela floresta virgem o territorio que separa aquelle rio da região habitada pelos jurunas. Como eu seguia, pouco mais ou menos, o mesmo rumo, occorrêra-me vagamente a idéa de acompanhar os emissarios, se acaso os encontrasse; mas, reflectindo nos inconvenientes e perigos de uma tal aventura, não tornei a pensar n'ella senão depois de ter entrado a bôca do Tucuruí.

Seriam quatro para as cinco horas da tarde quando avistámos um *sitio,* como n'aquellas paragens se denominam as habitações solitarias nas margens dos rios.

—Oh! de casa?!—gritou o nosso piloto em portuguez.

[1] Hoje, que as communicações se tornaram mais faceis por meio da navegação a vapor, é claro que vão mudando as coisas para melhor. O auctor referiu-se aqui ao tempo em que por lá andou—ha 28 annos.

—Oh! lá?—respondeu uma voz.

—Dá licença?

—Encoste—volveram na mesma lingua.

São estes os preliminares para se poder aproximar uma embarcação de qualquer casa habitada. Se não respondem á primeira vez, é necessario fallar em tupy porque sendo a residencia de indios mansos e não estando elles presentes as mulheres não dão resposta. Apesar de entenderem e fallarem correntemente o portuguez, só praticam n'esta lingua quando estão embriagadas! Fóra d'isso, quem não lhes fallar tupy, não lhes arranca uma palavra. Succedem ás vezes cousas galantes e graciosas com ellas, pela circumstancia de não responderem ao que se lhes pergunta, embora, como já disse, percebam tudo perfeitamente! O mais usual, quando ellas estão em casa sem homem algum e chega gente branca, é fugirem para o mato se têem tempo para isso, e podem do seu esconderijo vêr despojar a casa, e levar-lhes, não só os poucos haveres mas até os proprios filhos, que não se mostram para reclamar contra a violação do seu domicilio! Se vão para fugir e algum branco as surprehende, param e ahi ficam, mudas, immoveis, timidas e acovardadas. Fallae-lhes porém a sua lingua; dizei-lhes, por exemplo:

—Xe oicó goataçára (Eu sou viandante).

E se é formosa e nova e não vos responde:

—Indé, cunhã mucú porang, nitio erecendû-pé? (Tu não ouves, formosa moça?)

Vel-a-heis logo córar de alegria e desenhar-se-lhe um sorriso nos labios; se não fallar ainda, pegae-lhe na mão, que logo vos dirá, se bem que ainda com vergonhosa e engraçada timidez:

—Oicónhóte, caryba! (Está quieto portuguez branco!)

Porém a severidade da intimação é adoçada ou completamente desmentida pelos olhos meigos, que vos contemplam cheios de sympathia!

Atracámos a um portosinho aberto na ribanceira e abrigado do sol e do vento por algumas arvores frondosas. A pequena distancia da margem via-se a casa principal, n'um terreiro espaçoso, construida de terra e coberta com folhas de palmeira inajá (*Palma Maximiliana,* de Mart). Aos lados erguiam-se diversos tejupares ou barracas, feitas com a mesma folha. Aqui e ali, grupos de bananeiras e ananazes, uma cuieira *(Crescentia cujete,* Lin.) carregada de fructos, duas ou tres larangeiras e uma grande mangueira attestavam que os moradores não desdénhavam inteiramente a cultura das arvores fructiferas. Sobre os tectos da casa central estendiam-se em todas as direcções os ramos de um jurumú (*Cucurbita maxima,* Duch.) que deixava pender em roda dos beirados as suas aboboras amarellas, similhantes, na fórma, a *biberons* enormes.

Uma mulher ainda moça, de raça india, que estava deitando mandioca de môlho, e que nós não tinhamos visto quando atracámos, largou o cesto no rio e partiu a correr para casa; ao mesmo tempo saíram-lhe ao encontro, vindo do mato, umas poucas de crianças, inteiramente nuas, e enfiaram todas de cambulhada pela porta da residencia principal. Passados instantes appareceu a essa mesma porta um homem descalço, em mangas de camisa, alto, magro, e tão queimado pelo sol dos tropicos, que difficilmente se poderia dizer se era branco ou de côr.

—Dá licença que desembarque?—perguntei eu, dispondo-me a saltar da borda da canôa para terra.

O interrogado olhou para mim sem responder, disse o que quer que fosse para o interior da casa, trouxeram-lhe um cachimbo acceso, metteu-o na bôca e encaminhou-se lenta e indolentemente para a margem do rio.



MURILLO pinxt A.H. PAYNE Sc.

STO ANTONIO DE PADUA.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

Persuadido de que elle me não tivesse ouvido, repeti a pergunta:

— Dá licença que desembarquemos? E concede-nos logares para atarmos as redes esta noite?

— Com muito gosto. O sr. é portuguez?

— Tenho essa honra. E o sr.?

— Eu?!... Eu tambem sou... ou antes, já fui; agora sou tapuio.

— Como?

— Pois não vê? — E apontou-me, sorrindo, para a sua tez, que parecia bronzeada.

— Está queimado do sol; que tem isso?

— Não me lisonjeie; o que eu estou é caboculo; mas se algum pezar tenho por isso, é o de não ter vindo metter-me a tapuio logo que cheguei ao Brazil. O sr. é ainda uma criança; vê-se que está novato no paiz e sobretudo no sertão; quando tiver adquirido, como eu, experiencia dos homens e das cousas, talvez que se faça tambem aprendiz de selvagem.

Comecei a encarar com espanto aquelle homem extraordinario. Como já disse, eu tinha pouco mais de treze annos; apenas havia lido os *Luziadas* e o *Carlos Magno* e acreditava tanto na possibilidade da existencia dos doze pares de França, da bella Floripes e de Ferrabraz de Alexandria, como no Evangelho, na Magdalena e em S. Pedro. Imagine-se, pois, qual seria a minha admiração vendo e ouvindo pela primeira vez um philosopho e um descrente! Elle notou o meu pasmo, e, depois de lançar uma enorme baforada de fumo, passou gravemente para a mão esquerda o cachimbo, que tinha na direita, e disse-me, mostrando-me os pés descalços:

— Supprimi a patria e os sapatos; fiz economia de sentimento e de capital. Para os individuos da minha tempera, a patria é onde as cousas correm á vontade e sem trabalho... Trabalhar é bom para as bestas.

Os meus tapuios, a quem esta theoria parecia quadrar, vieram fazer circulo; e eu, que me sentia sem disposições para besta, comecei a tomar interesse pela philosophia do meu compatriota... tapuio. Elle puxou outra cachimbada e proseguiu:

— Aqui onde me vê, tenho só quarenta annos... e pareço ter sessenta! Sabe por que?

— Os trabalhos, talvez?... O clima... alguma enfermidade?...

— A ambição, o desejo de enriquecer, a parvoice de ter saido da minha terra aos quinze annos, puzeram-me n'este estado. E se não lhe tenho acudido a tempo, ficava fresco!... Mas vamos para casa. Mande vir as redes e entre.

Fomos subindo, calados, a rampa suave, que conduzia da margem do Tucuruí ás habitações. Chegando diante da porta, não me pude conter sem soltar uma exclamação:

— Formoso sitio!

— Gosta?

— Acho lindo! As casas estão admiravelmente situadas!

— Pois, se quizer, póde ficar aqui toda a vida.

— Agradecido.

— Não ha de quê. Podemos viver juntos ou separados, como lhe convier mais; se preferir, fazemos-lhe uma casa nova ahi pelo pé... todos os sitios aqui são bonitos. E se quizer antes esta, dou-lh'a, e faço outra para mim.

— Dá-m'a?!

Encarei-o mais espantado persuadido de que elle estaria zombando da minha curta idade; mas vi-o tão sereno e grave, que logo perdi a desconfiança.

— Imagina, talvez, que lhe dava um grande mimo? Vejo que ignora ainda como se edificam as nossas habitações! Entre.

Entrámos, sentámo-nos cada um em sua rede e elle gritou, em lingua tupy, para o lado de uma porta feita de folhas de palmeira bussú *(Palma Manicaria saccifera)*:

— Dá cá o cachimbo novo e aquece o café.

A hospitalidade, nas provincias do Pará e do Amazonas, quer exercida pelos naturaes, quer por estrangeiros estabelecidos no paiz, tanto nas villas e aldeias como nos *sitios* isolados á borda dos rios e dos lagos, começa sempre do mesmo modo. Offerece-se uma rede á visita, para descançar baloiçando-se; dá-se-lhe um cachimbo muito comprido, bem carregado de tabaco; e em seguida o café, que nas casas medianamente abastadas está sempre ao lume, e que os ricos e remediados servem em chicaras e os pobres em cuias.

A porta de palha agitou-se, quando o meu hospedeiro fallou para esse lado, signal evidente de que alguem estava encostado a ella, espreitando e ouvindo. Momentos depois appareceu a mulher, que na occasião da nossa chegada estava deitando a mandioca de môlho no rio; trazia n'uma das mãos um immenso cachimbo com tubo de madeira pintado de varias côres, que no paiz se chama *taquari*, e na outra um pedaço de madeira inflammada. Era india, de feições muito regulares, e teria quando muito vinte e cinco annos; vestia apenas uma sáia de chita, que lhe dava pelo meio das pernas, e usava os cabellos, que eram longos e pretos, caídos pelas costas. Após ella seguiam cinco crianças, todas em *toilette* de Paraiso, com as caras sarapintadas pelos succos de diversos fructos, que estavam comendo; agarravam-se umas ás outras, e a de diante, que teria uns dez annos e parecia a mais velha, pendurava-se á saia da mãe.

A joven tapuia aproximou-se timidamente da minha rede, apresentou-me o cachimbo com gesto pudico e gracioso, assoprou o lume sobre o tabaco e retirou com os filhos na mesma ordem, não sem que estes me deitassem repetidos olhares de curiosidade e receio.

— É a minha ultima familia, — me disse o dono da casa.

— Ultima?!

— Sim; tive outras, que me incommodavam com as suas exigencias, e deixei-as.

(Continua.) F. GOMES DE AMORIM.

SANTO ANTONIO DE PADUA



NÃO é preciso mirá-lo, conhece-se logo. Um Santo Antonio e de Murillo.

Roupeta sem cheirar a cilicios; anjos com a apparencia de traquinas.

É um quadro que tem o que quer que seja do céo e da terra; — especie de beijo dado pelas ondas no horisonte.

Elle ainda é moço, — um franciscano imberbe e risonho, de quem as donzellas se apaixonavam.

Não tem nenhuns ares de casuista nem de theologo; é simplesmente um bom rapaz, que se deixou partir da vida aos trinta e seis annos, na idade dos enthusiasmos

e das commoções, como tem succedido a tantos outros espiritos delicados e sensiveis.

A devoção prendeu-se a elle pelo amor. Festejam-no e endereçam-lhe requerimentos. É protector e casamenteiro.

Por isso, um dos nossos maiores talentos, senão o maior de todos, escrevia sentenciosamente: — «Se vos adoece o filho, Santo Antonio; se vos foge o escravo, Santo Antonio; se perdeis a menor miudeza da vossa casa, Santo Antonio; e talvez se quereis os bens da alheia, Santo Antonio».

Elle é para tudo.

Ossos de quem presta!...

De conego regrante, que era, vestiu a samarra obscura, e foi-se a missionar até Africa.

Ninguem dirá que as febres o colheram.

Está alli nedio, fresco e viçoso, que nem uma rosa de cem folhas. É que a graça do Senhor póde muito!...

Cansado de espalhar o bem a mãos prodigas, segundo uns, — e de partir bilhas ás raparigas, segundo outros, — foi-se até Padua, no tempo em que lá dominava o barbaro Ezzelino, — e por um d'aquelles milagres que lhe eram peculiares, libertou do jugo os paduanos.

Valeu-lhe isso uma estatua... e os sermões dos vindouros.

Este caso d'elle entregar o corpo a terra alheia deu que scismar ao nosso grande jesuita: — «Quando por parte da patria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com a sua obrigação. *Vos estis lux mundi* (sois a luz do mundo). Foi luz do mundo? — Não tem logo Portugal de que se queixar. Se Antonio não nascêra para sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento. Mas como Deus o creou para luz do mundo, nascer em uma parte e sepultar-se na outra, é obrigação do sol... Lisboa foi a aurora do seu oriente: seja Padua a sepultura do seu occaso!» —

N'isto de ser santo influe tambem muito a popularidade. É como para ser deputado ou camarista. Não basta o haver mettido pé na côrte celestial; é preciso o seu bocado de influencia terrena. Seja-se lá Militão ou Amancio, embora se tenha cheio o universo de maravilhas... Logra-se unicamente uma citação no calendario, e quatro fumos no thuribulo. Mas ser a arca do testamento, martello de heresias, officina de milagres, e o maior valido de Deus; ser tudo isto, por amor do suffragio, do plebiscito, da eleição voluntaria e directa; prevalecer aos collegas na beatitude, a uns que foram martyres, outros inquisidores, e até a alguns que puderam aconsoantar o papado com o paraiso; sobrelevar ás potestades, e ter tudo, desde a rodinha de fogo á predica encomiastica, — para isso é que é preciso, além de virtude, aquelle favor da plebe... com que os mesmos santos engordam.

Do nosso compatriota podemol-o dizer com orgulho. Em mais bem fadadas horas do que elle ninguem se mergulhou na piscina. Aquillo foi atravessar este valle de lagrimas, com o brilho iriado de uma borboleta fugitiva, e acolher-se á gloria, — admiravel esplendor em que tantos se queimam, antes que ella os illumine!

N'este quadro de Murillo ha todas as graças do pintor sevilhano. A piedade do assumpto mescla-se de alegria. Está a gente a vêr aquelles pequenotes alados, e com vontade de os fazer saltitar nos joelhos. São creanças que elle viu n'algum dia, brincando por entre as searas louras. Têem a carnadura sadia dos que beberam a bons peitos. Vieram do céo n'um raio da alvorada, fazendo cortejo ao Menino. O santo estava n'aquelle momento em extase. Subito pousou-lhe um corpinho nos braços, e sentiu que as faces lhe eram acariciadas com meiguice. O tecto da sua cella fendeu-se sem ruido, e as nuvens rasgaram-se, franjadas de purpura. Era a visão dos espiritos sublimes e castos.

Hoje em dia razões de ordem e de policia têem descolorido as festas populares. Ainda ha o descante, a fogueira, o palmito; mas não se encontra já aquella expansão antiga, de uns tempos que me lembram sempre, quando eu, pequeno, e sem desenganos de tanta cousa, e ainda saudades de tantas mais, me punha a alumiar o meu throno, com os olhos a encherem-se-me de um jubilo que me descia inteiro ao coração...

Estou que com isso ganham em extremo os costumes; mas o certo é que se desbota a feição pittoresca... e innocente, por que não o diremos tambem?

Ha um certo ambito constitucional em que muita poesia se afoga. Isto, tanto pelo que diz respeito ao grande como ao pequeno. Faz lembrar as palavras de um notavel pensador: «*Nos civilisations, régies par une police minutieuse, ne sauraient nous donner aucune idée de ce que valait l'homme à des époques où l'originalité de chacun avait pour se développer un champ plus libre*».

O que se applica ao desenvolvimento das concepções arrojadas, póde entender-se do mesmo modo com as manifestações do sentimento. Decepam todas estas puerilidades inoffensivas em nome de não sei que conquistas... e deixam por ahi ficar tanta e tanta pestilencia nociva.

Cousas dos homens, tão sujeitos a estes enganos e desvios. Por isso, e conformando-se com as debilidades da carne, o poeta da *Divina Comedia* escrevia:

State contenti, umana gente, al quia;
Chè se potuto aveste veder tutto,
Mestier non era partorir Maria.

Vêr tudo!... Dizem alguns que vêem. O que elles nunca descortinaram é o secreto enlevo de umas cousas que parecem tão tenues, e que tamanhos contentamentos diffundem.

O santo ahi está, e esse bondadoso como sempre. Nada de cumprimentos, é requererem-lhe o amor da esquiva, a protecção do ministro, os 3:000 duros de Hespanha, a parreira sem molestia, o volver de uns olhos que andam longe, e a alta na cotação de fundos.

Tudo elle concede, tudo, prodigo como um rei, quando entorna a ucha das veneras no regaço avido dos mendicantes.

E. A. VIDAL.

NUMEROS DO INTERMEZZO

HENRI HEINE

Sobre os olhos formosos
Da minha dôce amada
Rimei canções que os astros decoraram;
E embalsamei-lhe a bôca perfumada
Em tercetos graciosos.
Innumeras estancias decantaram
Seu rosto peregrino,
Que os jaspeados lyrios escurece—
Que soneto divino
Eu rendilhara com subtis lavores
Sobre o seu coração... se ella o tivesse!

G. CRESPO.

LEIRIA

VIII

(Continuação)

O concelho de Leiria, que hoje occupa uma superficie de 70:263 hectares, e que contava no primeiro quartel do seculo XIV, no reinado de D. Diniz, 8:500 habitantes; em 1417, no reinado de D. João I, poucos mais [1], com quanto o que hoje é concelho da Batalha pertencesse então ao termo de Leiria, e em 1527, pelo recenseamento ordenado por D. João III 10:525—tinha em 1810, antes da invasão franceza, 31:588.

Desceu depois, em 1811 a 18:368 [2], mas já em 1845 contava 24:904, em 1852 32:348, em 1864 35:264 e em 1869 attingia a cifra de 28:586 almas nas 23 freguezias de que se compõe. Quer dizer, em pouco mais de cincoenta annos d'este seculo tem Leiria dobrado a sua população, e apesar de grande desfalque que soffreu em 1810 e 1811, durante a invasão estrangeira, ainda hoje, quanto ao numero de habitantes, é o decimo primeiro entre os 256 concelhos em que se divide o continente do reino [3].

Dando noticia dos tributos que paga, soccorrendo-nos para isso aos *Elementos para o estudo da questão de fazenda*, do sr. Fradesso da Silveira, daremos tambem uma idéa da sua riqueza.

O rendimento collectavel do concelho de Leiria é de réis 180:9160$257, o numero de predios inscriptos na matriz é de 63:426, o numero de conhecimentos de 10:036. Isto mostra a grande divisão da sua propriedade.

Eis a nota das suas contribuições no anno de 1869:

Predial, comprehendendo as contribuições ordinarias e extraordinarias e os respectivos addicionaes..	15:424$746
Industrial, idem, idem	6:240$661
Pessoal, idem, idem	2:925$356
Municipal directa	4:194$564
Municipal indirecta	8:353$903
Derrama para a congrua	2:452$460
Total, réis	39:591$690

Leiria lavra muito milho, pouco trigo [4], pouco azeite, bastantes legumes, mas a sua principal cultura, nas freguezias que lhe ficam na linha do nascente a poente, é a vinha.

O concelho em 1852, ultimo anno de producção regular antes da invasão do *oidium thuchery*, pagou de subsidio litterario 2:947$434 réis, o que equivale a ter manifestado cêrca de 12:000 pipas de vinho. Hoje, depois que se conhecem os effeitos da enxofração, póde com affouteza dizer-se, que cultiva não menos de 18 a 20:000 pipas, e isto só em seis ou sete das suas freguezias.

D'este vinho, em geral clarete, e de muito bom sabor o que se produz nas encostas, consome-se uma parte na localidade e a outra, convertida em aguardente fina, acha facil consumo no grande mercado do Porto, para beneficiar os vinhos do Douro.

Tambem cria bastante gado, mas este em geral das raças menos favorecidas. A estatistica em 1852 dava-lhe na especie cavallar 665 cabeças, na azinina 2:037, na muar 189, na vaccum 5:409, na lanigera 7:382, na caprina 7:658, na suina 8:458. Total 31:798 cabeças. N'este genero as condições de producção não terão feito grande differença.

[1] É para notar que a população de Leiria não augmentasse no longo espaço de cem annos, ou pouco menos.

José Joaquim Soares de Barros, na *Memoria* que escreveu *sobre as causas da differente população de Portugal*, em diversos tempos da monarchia, diz, referindo-se a um trabalho estatistico de Diogo de Pina Manique, e reflexões de D. Noronha, nosso diplomata em Roma, que as relações de Pinhel, Lamego, *Leiria*, e outras, faltavam no dito trabalho, feito em 1776, e foi mister suppri-lo com os dados que se encontravam na geographia de D. Luiz Caetano de Lima. Depois, citando e copiando a resenha feita em 1417, por commissão de El-Rei D. João I a Vasco Fernandes de Tavora e a A. Baurim, para irem pelo reino, ver, apurar e escolher besteiros do conto, accrescenta que d'este estudo se inferia que Santarem, Thomar, Torres Novas e *Leiria* tinham n'aquella época *diminuido em população*, pela decadencia da sua agricultura.

[2] O numero de pessoas mortas violentamente e por effeito de epidemia, desde 3 de outubro de 1810 a junho de 1811, durante a invasão dos francezes, sobe em todo o concelho a 13:974.

[3] Não fallando em Lisboa e Porto, divididas em bairros, os concelhos cuja população excede a de Leiria, são unicamente Guimarães, Braga, Barcellos, Coimbra, Vizeu, Chaves, Feira e Estarreja.

[4] Segundo a estatistica semi-official do sr. D. Antonio da Costa, o concelho de Leiria colheu em 1852 1:400 moios de trigo, 10:960 de milho, 986 de feijões e 2:136 de batatas.

IX

Adduziremos agora alguns dados por onde se possa avaliar a sua industria manufactora e industria piscatoria, colhidos em parte da *Estatistica industrial do districto de Leiria*, publicada pela repartição dos pesos e medidas, com referencia ao anno de 1862.

O concelho de Leiria n'aquelle anno tinha: 2:145 industriaes e officiaes mechanicos, mestres e aprendizes, dos dois sexos, afóra os pescadores nas duas estações de Pedrogão e Vieira; 42 fornos de cal, telha e tijolo (hoje tem mais); 21 olarias; 65 pedreiras em exploração, de onde se extrahem annualmente, sem contar a extracção extraordinaria para estradas e obras publicas, 20:800 metros cubicos; 100 teares de panno de linho á mão; 18 fabricas de cortumes; 303 lagares de vinho; 4 machinas de aguardente de distillação continua (hoje tem 11); 47 lagares de azeite e 214 moinhos de motor hydraulico, o que não admira n'um concelho de tal extensão, cortado por tres rios: o *Liz*, o *Lena*, e outro, que não seccam nem mesmo na presença dos maiores estios. Além d'estes moinhos, ha presentemente alguns de moer enxofre.

A industria piscatoria limita-se ás duas estações de Pedrogão e Vieira. No Pedrogão havia, em 1862, 80 pescadores matriculados, com um material de redes e barcos avaliado em 2:490$000 réis; na Vieira, 300 pescadores matriculados, e tinham as redes, barcos, armações e utensilios avaliados em 3:540$000 réis.

O rendimento das redes na Vieira em 1852, segundo a estatistica do sr. D. Antonio da Costa, foi de 3:930$000 réis. O principal producto da pesca em qualquer d'estas praias é o da sardinha, que é excellente, porque as aguas são mais vivas, e o de carapau.

Produzem tambem peixe grosso: cavalla, corvina, dourada, goraz, linguado, raia, robalo e ruivo. Mais de 120 mulheres se empregam em conduzir o peixe e a sardinha em cavalgaduras aos mercados de Leiria, Batalha, Porto de Moz, Villa Nova de Ourem e outros, e ahi vende-lo.

X

A riqueza florestal do concelho de Leiria não está só no Pinhal dito de El-Rei, cujo valor em 1868 se orçava em 702:500$000 réis, está tambem em que as suas collinas e outeiros, pela visinhança em que se acha do mar, são na maior parte coroados pelo pinheiro maritimo.

O valor das madeiras exportadas—taboado, vigas, barrotes e travessas para o caminho de ferro—e carregadas na costa da Vieira em 1862, foi de 35:000$000 réis. Não temos a nota da que concorre ás duas estações do caminho de ferro de Cacharias e Chão de Maçãs, mas persuadimo-nos de que o valor, se não for superior ao da via maritima, tambem não será menor. A importancia dos fretes das mercadorias no *tramway*, ou caminho de ferro americano da Marinha a S. Martinho, por 8202,575 toneladas metricas, foi em 1862 de 9:381$950 réis, e a quasi totalidade de productos que por elle se conduz é madeira do pinhal da Marinha. A receita liquida d'este pinhal nos 8 annos de 1852 a 1859, incluindo em cada anno a lenha que então se vendia á fabrica de vidros, foi de 111:279$926 réis, o que dá um termo medio annual, ou saldo positivo de 13:909$990 réis; mas já no anno economico de 1869–1870 o saldo positivo foi de 19:777$327 réis, e, juntando no mesmo anno o rendimento liquido da fabrica de resinagem, 4:145$000 réis, sobe a 23:922$327 réis. A venda de madeiras nos ultimos annos tem augmentado, tanto pela exportação de travessas para os caminhos de ferro hespanhoes, como pela de taboado refiado para as caixas de passas de Alicante e outras fructas seccas.

São filhas da grande floresta, porque são alimentadas com as suas madeiras e com a resina dos pinheiros em pé, duas industrias importantes, ambas na povoação da Marinha: a fabrica de vidros fundada em 1769 por Guilherme Stephens, e por este doada ao estado em 1826, e a fabrica de resinagem.

A fabrica de vidros está hoje muito aperfeiçoada nos seus processos, pelos esforços que tem empregado a actual empreza, e limitando-nos a fallar na fabricação do crystal, diremos que a producção que em 1855 foi de 555:480 peças, foi em 1863 de 668:802, attingiu em 1867 a mais de 800:000, e em 1870 subiu proximamente a 1:200:000. Isto é, a producção dobrou no pequeno espaço de 15 annos, e o pessoal da fabrica, que foi já, segundo as suas differentes vicissitudes, de 200, 300 e 500 empregados, consta hoje de 600 de ambos os sexos. Os fornos consomem annualmente mais de 15:000 carradas de lenha, das quaes 12:000 são dadas pelo governo, custando o córte, a factura e o carreto de cada uma 500 réis á empreza [1].

(Continua.)

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

[1] Falla detidamente da fabrica da Marinha, o sr. Brito Aranha nas suas curiosissimas *Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal*. Foi d'ellas que extrahimos esta abreviada noticia.

PRECIOSIDADES ARTISTICAS

No 3.º numero d'este anno principiámos a reproducção de alguns dos mais notaveis monumentos que constituem capitulo na historia da arte. Continuando hoje, daremos



N.º 1 Jarro

uma definição succinta dos objectos represen-



N.º 2 Cabaça

tados, por isso que o espaço que elles occupam nos tolhem para commentarios mais amplos. O n.º 1 mostra-nos um vaso de barro Urbino, em fórma de jarro, pertencente á casa Rothschild. A mascara ou carranca sobposta á aza, a cabeça de carneiro adornando a parte



N.º 3 Medalha

superior, e o corpo em talhe de urna sobre o qual assenta outro,



N.º 4 Vaso hispano-mourisco

ligeiramente globular, tudo revela um merecimento subido.

O n.º 2 é uma cabaça ou frasco



N.º 5 Punho de uma chave

de peregrino, tambem da mesma es-



N.º 6 Pilastro

pecie de barro, que faz parte da col-lecção Jarvez. O assumpto o é centauro Nesso, conversando com Dejanira,



N.º 7 Entalho

esposa de Hercules. Os chavelhos retorcidos dos dois satyros, formam as ore-



N.º 8 Capa de um livro

lhas da cabaça, por onde se enfia o bordão ou a correia.

O n.º 3 é a medalha de um collar em esmalte. Tem similhanças mui proximas com uma joia da collecção Kensington, que é um pendente dourado



N.º 9 Entalho

em miniatura, contendo um retrato contemporaneo da rainha Izabel, com os cabellos soltos fluctuando nos hombros,—



N.º 10 Entalho

reliquia vendida ao Museu por duzentos e cincoenta guinéos — isto é, — mais de um conto de réis.

O n.º 4.º é um vaso de barro hispano-mourisco, actualmente na galeria ceramica de Kensington, comprado á collecção Soulages por oitenta libras. Mede vinte e uma pollegadas de altura e quatorze e meia de largura. A côr geral é o branco esmaltado, e o molde convencional. As folhas que o ornamentam são em uma parte



N.º 11 Entalho

azues, e n'outra de amarello esverdeado. A base tem o contorno de uma trombeta, o corpo é globular e o gargalo ou bôca apparenta o modo de um funil.



N.º 12 Cofre embutido

As duas largas azas, que dão a lembrar a envergadura das de um passaro, são de um debuxo peculiar a estes objectos, de esmerado requinte.

O n.º 5 é o punho ou cabo de uma chave de ferro cinzelado. Em Kensington póde estudar-se uma serie curiosa d'estes lavores. Duas chimeras, de pescoço alongado, assentam-se no abaco de um capitel corinthio, cuja pureza não é estreme, havendo um pomo a encimar-lhe o enlace dos collos.

O n.º 6 é a parte superior de uma pilastra. Um homem lendo n'um missal sustem o capitel, e duas figuras grutescas de leão e de homem amparam o remate.

O n.º 7 é o modelo de uma almofada ou entalho em diversas côres.

O n.º 8 é a capa de um livro azul, com ornatos de oiro. O volume a que elle serve de cobertura é uma copia do *Precationes ex Veteribus orthodoxis Doctoribus*. Pertenceu ao presidente de Thou, cujo brazão está esculpido no escudo do centro.

Os n.os 9, 10 e 11 são desenhos de modelos, que pertencem, pelo estylo, á renascença dos architectos francezes, no periodo de Francisco I. Fazem parte da collecção Kensington.

O n.º 12 é um cofre tauxiado de marfim e de ebano. A sua fórma elegante, o precioso das curvas, a firmeza das linhas, o delicado da traça, a abundancia do desenho, uma certa ousadia caprichosa na feitura, tudo isto o torna digno de fechar distinctamente esta serie de *Preciosidades artisticas*.

CHRONICA DO MEZ

Poucos espectaculos nos theatros, ainda menos publicações litterarias e quasi nenhumas novidades artisticas. N'isto se resume a chronica do mez.

Letras e artes estão em completa ociosidade. O calor abatendo as forças aos que produzem e tambem aos que consomem, faz com que os primeiros deixem na mais perfeita tranquillidade as suas faculdades creadoras, e os segundos poupem, quanto podem, as suas faculdades perceptiveis.

Em quasi todas as nações da Europa tem reinado a maior animação. A Hespanha turbulenta pensa noite e dia na guerra civil ateada por uns contra a demasiada liberdade das modernas instituições, por outros contra a carencia de liberdade das mesmas instituições; a Austria opulenta cuida nos sonhados, mas não realisados, interesses que devia auferir da vastissima exposição que abriu nos jardins do Prater; a França abatida, a Inglaterra orgulhosa, a Russia possante, além dos assumptos graves que lhes prendem o espirito, entretêem-se com a execução ou organisação dos festejos para receberem o Schah da Persia, esse pomposo rei dos reis, que está tendo mais gasto na Europa do que o proprio chá da India: nós pouco fazemos, embora tenhamos muito de que tratar, e folgamos apenas com ir todas as noites ao Passeio publico tomar um sorvete e ouvir a charanga dos bombeiros.

Verdade é que tivemos este mez successos notaveis, que, muito embora esperados e já conhecidos desde épocas remotas, ainda assim attrahiram sériamente a curiosidade publica. Foram a procissão do Corpo de Deus e as festas de Santo Antonio e S. João.

E não se admirem de que taes acontecimentos prendessem a attenção dos habitantes da rainha do Tejo.

Quando estamos no campo a mais simples coisa nos diverte, um carreirinho de formigas, o pardal que vem beber á regueira, um mocho que pia no olival, e mil nadas emfim que alimentam o espirito. Assim acontece em Lisboa, principalmente no verão, época aborrecida em que as pouquissimas distracções que temos, cedem o passo ás toiradas nos domingos de tarde e ás illuminações do Passeio em todas as noites da semana.

E ainda assim, no mez que está a terminar, não tem havido grande razão de queixa, porque se conservaram abertos alguns theatros e nem todas as familias que têem casa no campo partiram para lá.

O theatro de D. Maria II reproduziu o drama *Córa, ou a escravatura*, peça antiquissima n'aquella scena, mas que ainda d'esta vez chamou regular concorrencia.

Na presente época, além dos attractivos das situações dramaticas, do sumptuoso scenario do acto do vapor, e do desempenho dos principaes artistas que primeiro representaram alguns dos personagens, despertava a curiosidade vêr como a actriz Emilia Adelaide interpretava o difficil papel da protagonista, que já fôra desempenhado pelas actrizes Emilia das Neves, Manuela Rey e Carlota Velloso. Como é de presumir, o brilhante talento de Emilia Adelaide ainda mais uma vez deixou triumphar a actriz de todos os escolhos que devia encontrar no cumprimento d'aquelle encargo. O publico dispensou-lhe inteira justiça, applaudindo-a muito.

Fez beneficio com este drama o actor Heliodoro, que recebeu na sua primeira entrada, e no final da peça, bastantes provas de consideração.

No theatro da Trindade representaram-se duas peças novas: *Tres chapéos*, comedia em tres actos, traduzida do francez pelo sr. Gervasio Lobato, e *As minhas duas mulheres*, opera-comica em tres actos, traduzida do hespanhol pelo sr. Aristides Abranches. A primeira subiu á scena em beneficio do actor Ribeiro, a segunda em beneficio da actriz Anna Pereira.

Tres chapéos é uma comedia bem enredada, com situações e ditos que divertem os espectadores. Desempenhada muito razoavelmente por todos os actores, foi sempre bem recebida e applaudida nos finaes dos actos. Na primeira representação coube, como era natural, maior somma de applausos ao actor Ribeiro, por ser n'essa noite que elle realisava a sua festa artistica.

As minhas duas mulheres é composição que não prima nem pela originalidade da urdidura, nem pela novidade da musica. O enredo é como o de todas as operas-comicas; a musica filiada mais nas escolas italiana e franceza, do que na hespanhola. Entretanto poema e partitura são bonitos e muito merecedores de serem ouvidos e applaudidos.

As honras do desempenho da nova opera da Trindade couberam á actriz Anna Pereira, apesar do papel que lhe pertenceu não ser dos que melhor se casam com o seu original talento. Actriz superior, não encontra, todavia, Anna Pereira difficuldades que não saiba vencer, nem perigos que sériamente a atemorisem; e, se nem sempre consegue levantar-se a alturas aonde poucos podem subir, jámais desce ao nivel da mediocridade ou mesmo da sufficiencia. Ora, porque o publico avalia devidamente estas circumstancias, está a distinctissima actriz no melhor conceito de todos os espectadores, desde os mais intelligentes até os menos illustrados, razão por que em a noite do seu beneficio obteve de uns e outros completa ovação, recebendo tambem varios mimos dos seus admiradores mais intimos.

Um livrinho que reuna o util ao agradavel, deve ser dos mais appetecidos pelos leitores de bom gosto. Está n'estes casos o pequeno volume publicado pelos srs. A. Batalha Reis e Oliveira Junior, denominado *O campo e o jardim*.

Bonito e sympathico titulo, principalmente para obra publicada no verão. Convida-nos elle, á hora do calor, a consultar as paginas despretenciosas á frente das quaes nos sorri.

O campo e o jardim é livro destinado a andar tanto nas mãos calosas do cultivador, que moureja de sol a sol para arrotear os campos d'onde tira o sustento quotidiano, como entre os delicados dedinhos da formosa dama, que emprega o tempo que lhe sobra dos cuidados da *toilette*, no amanho do seu delicioso jardim.

Não admira, pois, que a nova publicação dos dois conhecidos escriptores, tão dedicados á especialidade de que trata o volume, tenha a melhor acceitação por mais de uma classe de leitores.

O sr. Carvalho Prostes, habil empregado das côrtes, publicou um interessante mappa em francez, intitulado *Statistique de la presse périodique portugaise, 1641 à 1872*.

É um trabalho de investigação e paciencia, pelo qual muitos encomios cabem ao auctor.

Do mappa vê-se que durante o periodo de 1641 a 1872 têem sido publicados em Portugal 1407 periodicos; a saber:

Periodicos politicos	850
Periodicos litterarios, scientificos e de recreio	261
Periodicos agricolas, commerciaes, industriaes e artisticos	41
Periodicos de medicina, pharmacia, etc	26
Periodicos de jurisprudencia, administração, etc	40
Periodicos religiosos, theologicos, etc	46
Periodicos militares	9
Periodicos de theatros, bellas artes, modas, etc.	47
Periodicos satyricos, burlescos, criticos, etc.	45
Periodicos de annuncios	42
Total	1407

Em consequencia do fallecimento de sua magestade a imperatriz, viuva, do Brazil, fez-se leilão dos objectos existentes no palacio das Janellas Verdes, onde habitava aquella senhora.

Enorme concorrencia de povo tem enchido as salas durante todos os dias, não só para arrematar varios objectos, mas para visitar o palacio de uma pessoa da familia real portugueza, a quem se attribuia uma das maiores riquezas europeas.

O *espectaculo*, porém, não correspondeu ao interesse com que o publico o procurou. Havia no palacio objectos ricos, sim, mas nenhum que maravilhasse o olhar até dos que menos têem visto. A mobilia não era tão moderna que tivesse o brilho attrahente dos objectos novos, nem tão antiga que merecesse a attenção dos colleccionadores de exemplares da remota marcenaria. Nem a época nem os lavores a recommendavam.

O leilão ainda dura, tendo o espolio produzido até o presente avultada quantia, como é natural, mas não tão avultada como se elle fosse vendido em terra onde houvesse mais algum amor pelos objectos que têem certa significação historica, como aquelles, vista a sua procedencia.

Em qualquer paiz estrangeiro, a venda publica dos objectos que tivessem pertencido a um soberano, e muito principalmente a um soberano a quem o paiz devesse, como ao imperador D. Pedro IV, as instituições liberaes que nos regem, devia ser uma venda curiosissima, em que todos estes objectos se elevariam a extraordinario preço. Aqui não passou de um leilão vulgar, onde quasi tudo foi arrematado pelo seu valor intrinseco.

Tive occasião de ver um quadro que o sr. Antonio Felix da Costa, antigo discipulo da academia, concluiu para a igreja da Arrentella. Representa *Nossa Senhora da Consolação*. A Virgem envolvida em manto azul, tendo ao collo o Menino, está no meio de uma gloria de anjos.

O quadro mede 5 metros de altura por 3 de largura, é de effeito, está desenhado com alguma correcção e tem colorido agradavel. Não é trabalho tão perfeito como o que poderia saír dos pinceis exercitados de um artista afeito a emprezas d'aquella ordem; mas, attendendo a que o sr. Felix da Costa, depois de concluir os seus estudos academicos, tem apenas pintado alguns retratos, póde affoitamente dizer-se, sem o mais leve receio de se passar por lisonjeiro, que o seu novo quadro denota qualidades artisticas muito apreciaveis, qualidades que é mister não desaproveitar, cumprindo aos que podem fazel-o, animar o artista, quer empregando o seu talento em novas obras de consideração, quer aconselhando-o sinceramente e guiando-o no difficil caminho que elle deseja percorrer.

Não são tantos os pintores em Portugal, que possamos dispensar um que tem talento e boa vontade. Aos amadores de bellas artes, e aos que pela experiencia e pelo talento occupam os primeiros logares entre os que professam a arte da pintura, compete, pois, auxiliar o auctor do quadro sacro de que faço menção.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Vae no volume IV o *Archivo popular*, interessante publicação feita na cidade do Porto. Contém variados artigos e é da indole do antigo semanario d'este titulo, mas não tem gravuras.

Suicidou-se, por não poder já supportar os atrozes padecimentos da doença que o affligia, Claudio Mercier, um dos mais notaveis restauradores de quadros, da França. A elle se deve a restauração do Hemicyclo da Escola de bellas artes de Paris, famoso fresco de Paulo de la Roche, deteriorado por occasião do incendio que houve n'aquelle estabelecimento em 1855. Por um processo tão habil como engenhoso, collou Mercier á parede todas as porções de pintura arrancadas pelo calor, o que facilitou a Robert Fleury pintar de novo os pedaços que o fogo destruiu completamente.

Começou a publicar-se em Lisboa o *Archivo aduaneiro*, periodico de legislação fiscal e assumptos commerciaes. É seu redactor principal o sr. Francisco de Lencastre.

Vendeu-se ultimamente em París a bibliotheca do sr. Ruggieri, fornecedor dos grandes fogos de artificio queimados n'aquella cidade. Era um bibliophilo que tinha reunido de preferencia os livros que tratam de festejos, regosijos, cerimonias publicas, etc. Estas obras pouco procuradas ha trinta annos, estão-n'o sendo muitissimo actualmente. A collecção formada á custa de muita paciencia, constava de mais de 1:200 volumes respectivos aos diversos periodos da historia de França, do fim do seculo XV para cá, comprehendendo tambem os paizes estrangeiros. Entre os principaes livros arrematados, citam-se:

A sagração de Luiz XVI, in-4.º, exemplar de Maria Antonietta, 1:600 francos.

Discurso da triumphante entrada do rei Henrique IV em Rouen, 1599, 2:020 francos.

Coroação do muito illustre rei da Bohemia, 1527, in-4.º de 8 paginas, 1:000 francos.

A mui excellente viagem do principe Carlos Cesar (Carlos V) 1530, in-4.º de 8 paginas, 1:200 francos.

Representações de cavalgada e entrada triumphal de Carlos V em Bolonha, 1530. Exemplar em pergaminho, 4:000 francos.

Canonisação de S. Francisco de Salles, solemnisada no mosteiro das religiosas da Visitação, em Bordeos, 1667, in-8.º de 54 paginas, encadernada com outros dois folhetos do mesmo genero, 99 francos.

A immortalidade do torneio de M.gr o duque d'Esperon (em verso) 1627, in-8.º de 32 paginas, 300 francos.

Em 1876 effectuar-se-ha, como dissemos em o numero antecedente, uma grande exposição na Philadelphia (Estados Unidos). O local já foi escolhido. Poder-se-ha levantar n'elle, dizem os periodicos americanos, o mais vasto edificio dos que até hoje têem sido construidos para analogo fim. Os americanos receiavam de que a elevação dos direitos da alfandega afugentasse os expositores. Para remediar este inconveniente, parece que já se resolveu considerar as mercadorias enviadas á exposição como tendo pago os direitos, não sendo submettidas ao imposto senão aquellas que forem vendidas no paiz.

Em Nossa Senhora de París, ao pé do jardim do arcebispado, ereou-se uma especie de museu formado dos diversos fragmentos do edificio, que, por qualquer incidente, ou pelo mau estado de conservação, ha sido preciso substituir. Tem-se usado de certo methodo para a collocação dos fragmentos, de modo que se vêem com facilidade as amostras de todos os estylos empregados na construcção da vasta fabrica, em que se trabalhou ainda durante os seculos XIV e XV. Os fragmentos são architraves ou cornijas com ornatos do seculo XII; columnatas, cujos capiteis têem ainda vestigios de pinturas; capiteis de todas as épocas, e até da época romana que precedeu a construcção do templo; santos mutilados, etc.



1967 — Imprensa Nacional — 1873



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

A ADEGA DO CONVENTO

Quadro de Eduardo Prutzner

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



LISBOA — JULHO DE 1873

O CONCERTO



ISTO é na Hollanda, — paiz frio e nevoento.

A noite caíra e juntamente com ella uns pingos de agua, enregeladores e desconsolados. A casa não prima pela exuberancia dos confortos, — e a brisa do mar é uma atrevida que até se escôa pelas fisgas mais tenues.

A familia sentiu a necessidade de fazer rosto á intemperie.

No bairro ha de haver quem áquella hora esteja lendo o Erasmo ou o Boërhaave; mas isto não é gente para meditações, á classica luz de uma lamparina de azeite. Vive muito melhor na sua insibidade galhofeira.

— «O que se ha de fazer com uma noite d'estas?...» —

— «Traze de lá copo e frasco.» —

— «Tambem queres os dados?» —

— «Não, que o jogar é um vicio.» —

— «E o beber?...» —

— «Uma necessidade terrena. O alcool sublima os espiritos, e o vinho traz comsigo os pensamentos alegres.» —

— «Dizem isso os borrachos.» —

— «Já o dizia Salomão antes d'elles.» —

E rematando com o peso da auctoridade biblica, o homem humedeceu os labios.

O inverno tem isso comsigo, — é uma estação que faz a gente sociavel. Lembrâmo-nos mais da casa e da familia, e de umas semsaborias tranquillas que formam o melhor bocado da vida.

— «Então vocês estão callados?...» —

— «É que o acto pede respeito. A mesa é altar...» —

— «Só se fôr por ter vinho.» —

— «Seja. Mas todo o santo quer musica.» —

— «Pois venha de lá a bandurra.» —

Os tres achegaram-se mais á mesa, e o improvisado Lyêo da Batavia principiou a dedilhar no instrumento com a fleugma de uma alma inaccessivel aos remorsos.

Os tigres não lhe vieram lamber os pés, como succedia ao fabuloso personagem, porque lá, segundo consta, a policia não dorme; mas elle é que de vez em quando lambe os beiços orvalhados, para que o folego da cantata lh'os não seque antes de tempo.

Pelos ares que observamos, aquillo são creaturas que pegaram de estaca.

Estão alli como no seio de Abrahão podiam estar as almas de todos os justos. As horas deslisam, os bagos da ampulheta vão caíndo, caíndo, com a sua mansidão imperturbavel e horrenda, os gallos cantam empoleirados nos cannaviaes da horta, e elles continuam a beber e a chalrear, solemnes e meigos no meio de uma natureza aspera.

Uma visinha de ao pé da porta, mulher que faz manjar d'espreitanças, abeirou-se muito á socapa, e metteu a ponta do focinho curioso. Tambem se enredou na armadilha. Quer ir dar voltas á vida, que a tem das bens lidadas na miseria; porém aquelle maganão tem uma voz tão fresca, tão fresca... e depois sabe umas cantigas que lembram tanta coisa da mocidade!...

A velha já d'alli se não tira.

Capitulo de menos na sua chronica do bairro.

O concerto é este. Espectador só um, mas consciencioso, como se diz em revista de theatros.

Quando se esgotar a ultima lagrima na taça, deporão o instrumento, e cambaleando um pouco, irão tomar as exhalações matutinas.

Fraca bebida!...

— «Que tal de noite?...» —

— «Bem passada. Grande cousa é a baga do zimbro, com que se faz a genebra...» —

— «E a tripa do animal com que se arranjam as cordas.» —

— «Á saude de ti, Otto;» — o hollandez da viola deve por força chamar-se Otto.

— «Á nossa!» — e levam ainda o copasio á bôca, mas já com aquella piedosa tristeza de quem apenas beija um sarcophago.

A da porta tem-se retirado a este tempo, muito lepida e risonha, murmurando a agasalhar-se no capotinho felpudo:

— «Sempre esta gente é bem patusca!...» —

E. A. VIDAL.

NUMEROS DO INTERMEZZO

HENRI HEINE

De um lyrio branco no mimoso calix
Se eu a fosse depôr
A vaga essencia de minha alma, em breve
Escutáras no calice de neve
Uma canção do amor.

Canção divina relembrando as ancias,
E o languido tremor
D'aquelle beijo — em noite mysteriosa —
Que me deram teus labios côr de rosa,
Meu doce e casto amor!

Coimbra.

G. CRESPO.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL[1]

. . . .

III

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.

REPARANDO na minha crescente estupefacção, o meu interlocutor cruzou uma perna por cima da outra, deitando os pés fóra da rede, e continuou, encostando-se para traz e pondo o cachimbo no chão:

—Chamo-me Antonio Ferrugem; nasci no Porto e vim para o Brazil muitos annos antes da independencia d'este paiz. Por mais de vinte vezes arranjei alguns tostões, que os ladrões me comeram, e outras tantas voltei ao trabalho, como um burro de carga! Metti-me pelos sertões, aprendi os dialectos dos povos selvagens com quem convivi; tentei enriquecer por todos os meios possiveis!... A fortuna havia-me declarado guerra e judiava comigo sem cessar! Aborrecido, cansado, e convencido por fim de que n'este mundo a felicidade é como cada um a encara, deixei-me de asneiras e acceitei a situação que me offerecia a sorte.

Não faltam entre as indias moças bonitas, que se comprazem em servir os brancos... Penso que deixei filhos no Rio Negro, no Tapajós e no Amazonas... E agora tenho no Xingú estes, que acaba de ver. São os ultimos. Ha doze annos que me estabeleci n'este sitio; a mulher trabalha na roça, faz a farinha, os vinhos, a comida e o arranjo todo da casa. Eu caço e pesco, passeando, para me divertir. Achei o segredo de ser rico sem trabalhar... porque não preciso nada, além do que me dá o rio e o mato...

—E a roupa?

—Roupa?! É quasi um luxo; mas tambem temos. Quando chega até aqui alguma canôa, trocamos farinha, tabaco, aguardente de beijú ou vinho de cajú e de cacau por algodão, chita, polvora, sal e ferramentas. Se quero maior distracção vou até aos gentios, que me conhecem, e por um machado ou um sabre compro redes de dormir excellentes. Emfim, vivo a vida dos tapuios independentes e não tenciono ir morrer em outra parte.

—E a patria? Não se lembra d'ella?!

—A patria?!... sim... lembro-me ás vezes! E, francamente, desejava não me lembrar tanto, visto que não conto tornar a vêl-a. Como já lhe disse, entendo que a patria do homem deve ser aquella onde elle se acha bem... mas não sei que exquisitice tem a terra onde se nasce, que está sempre a repuchar-nos o coração, quando estamos longe d'ella!...

Pareceu-me que lhe tremia a voz ao proferir estas palavras e fizeram-se-lhe os olhos ligeiramente vermelhos. Acaso o homem forte e o philosopho cynico seriam personagens de theatro, creadas pelas circumstancias?...

Ficámos por muito tempo calados, baloiçando-nos nas redes.

—Conte-me a sua vida—disse elle de repente;—todo o portuguez, que se acha n'estas paragens, tem uma historia, por pequena que seja.

[1] Na pag. 76, do n.º 5, col. 1.ª, lin. 5, onde se lê «na margem oriental» deve ler-se «na margem occidental».

Quando eu concluía a narração dos acontecimentos da minha ainda curta existencia, entraram dois tapuios e um mameluco, chegados n'esse momento em canôa do governo, com um officio em que se pedia a Ferrugem que auxiliasse os emissarios mandados á região habitada pelos jurunas na tentativa de mover aquelles indios a virem baptisar-se á villa de Pombal, onde receberiam varios presentes de ferramentas.

—Parece-me massada...—disse Antonio Ferrugem, depois de ler a carta.—Tenho ámanhã de ir caçar com o meu compadre Aragão, de Porto de Moz, que ficou de vir cá dormir esta noite...

—Partiremos depois de ámanhã, se vocemecê quizer,—observou o mameluco.

—Não estava agora muito disposto para ir aos gentios... tenho ahi poucas cousas em termos de negociar com elles.

—O sr. commandante do Pombal mandou um caixão de ferramentas para vocemecê dispôr d'ellas como entendesse.

—O commandante é um homem previdente, mas...

N'este ponto entrou o compadre Aragão, que tinha chegado e desembarcado sem se annunciar. Era um homem de trinta annos, alto, magro e secco, de côr branca, olhos vivos e pequenos, nariz aguçado e physionomia comica. Vinte e oito annos depois recebi em Lisboa a visita d'elle e fiquei maravilhado de o vêr. Figurava ter a mesma idade, o mesmo vigor, o mesmo sorriso alegre, que eu lhe notára no Xingú! Dir-se-hia que o tempo se assustava com a fórma audaciosa do seu nariz e com o seu ar prasenteiro e não ousava marcál-o com seu cunho rugoso!

Em Portugal, deparou, n'uma casa de infelizes, com uma creatura, que se lhe affeiçoou sinceramente; arrancou-a do abysmo, lavou-a com a sua generosidade, regenerou-a, e levou-a comsigo para o seu formoso paiz. Pobre Aragão! Julgava-se feliz. Tinha feito uma acção boa; desencatára n'um lodaçal um diamante purissimo, e comprazia-se a lapidal-o quando a morte o derrubou entre as arvores frondentes do seu rio querido! Descansa em paz, amigo! As antas, os veados e os porcos do Tucuruí nunca mais ouvirão a voz do caçador intrepido, que os fazia fugir amedrontados para as profundezas da selva; mas, felizes dos que podem como tu adormecer o ultimo somno embalados pela saudade e o reconhecimento!..........

—Viva o compadre e a companhia!—gritou Aragão, interrompendo Ferrugem, e cumprimentando-nos a todos.

—Já vê que eu fallava verdade—disse o dono da casa ao mameluco;—aqui vem quem se estava esperando para írmos ámanhã caçar antas. Comtudo... se quizer demorar-se até o outro dia, irei acompanhal-o. Desejo obsequiar o amigo, que me escreveu este officio.

—Pois sim, senhor.

—Vae aos gentios, compadre?

—Vou; quer acompanhar?

—Não posso; parto um dia d'estes para Santarem e não volto senão passados dois mezes.

Ferrugem olhou para mim, e levantou-se.

—Quer o senhor vir comnosco?

—Eu?!... Pois sim; irei. Mas as madeiras?

—Deixa-se tudo determinado para a sua gente as ír cortando. Eu ensino-lhe o melhor local para as derrubar e o porto de mais facil embarque.

—O peior é que não tenho ferramentas para trazer algumas curiosidades em troca!...

—Arranja-se ahi alguma coisa. Ámanhã vamos caçar e no dia seguinte, de madrugada, partiremos.

—Vae-se por terra?

—Podiamos ír pelo Xingú, arrastando a canôa por entre os penedos das cachoeiras; mas é viagem mais trabalhosa. Á volta desceremos por lá.

Ceámos todos alegremente. O nosso hospede, apezar de philosopho, gostava de comer o melhor que podia. Regalou-nos com peixe e caça moqueada (especie de assado), com molho de tucupi, e abriu um frasco de vinho, que, segundo elle dizia, era milagroso, porque se não acabava nunca.

—Apósto que é do que lhe mandei no anno passado?!—perguntou Aragão sorrindo-se.

—Certamente; não tenho de outro.

—Pois ainda dura?!

—Se lhe digo que o frasco é milagroso!... Quando tiro um copinho de vinho... deito logo outro de agua.

—Oh! homem!... Deve estar fresco! Para que o estragou?

—Próvem.

Provámos... Aragão fez uma careta medonha e eu engoli o liquido sem pestanejar, para mostrar-me digno da hospitalidade com que fôra acolhido.

—É inaudito!—exclamou o compadre de Ferrugem.

—Delicioso!—emendou este.—Recorda-me o vinho verde!... Fiz isto assim para conservar o mais tempo possivel uma lembrança da patria.

A final rimos todos. Ferrugem confessou que no frasco não existia desde muito senão agua avinhada e foi buscar vinho de cajú e aguardente de canna. No fim da ceia tomámos café, fumámos e adormecemos nas redes, conversando uns com os outros.

Por obsequio a nós, e como excepção aos usos estabelecidos, a mulher e os filhos do nosso hospede não dormiram na mesma casa, mas sim na immediata áquella em que ficámos. Era um excesso de delicadeza. O costume é dormir a familia toda na mesma sala, cada pessoa em sua rede, ou duas n'uma, conforme o gosto, as posses e a moral dos moradores. É moda que os tapuios acceitaram dos indios bravos, por commodidade, e que alguns brancos adoptaram sem escrupulo, no sertão.

Ao romper da manhã fomos acordados pelo berreiro, que os filhos da casa entoavam em côro, pedindo mingau de tapioca. A musica não era de todo impropria da floresta virgem; mas, apesar d'isso, todos nos sentimos mediocremente lisongeados, porque nos estava sabendo bem o somno da madrugada. Ferrugem levantou-se e, n'um estylo bastante pittoresco, prometteu dois pontapés ás creanças, se se não calassem immediatamente; como ellas obedeceram, fiquei entendendo que a promessa não seria uma simples figura de rhetorica.

Descemos das redes para o rio, a fim de lavarmos os rostos, como usam as pessoas dadas ao luxo da limpeza; e em seguida tomámos cada um sua cuia de mingau, adoçado com mel de abelhas creado no pau de arco.

Se o leitor se sentir alguma vez acommettido pelo appetite de viajar, e se fôr ao Xingú, aconselho-o a que passe ao Tucuruí, perca-se na floresta, e quando deparar com o tejupar hospitaleiro de algum dos raros habitantes, tambem perdidos n'essas regiões, peça uma cuia de mingau, temperado com mel de abelhas creado no pau de arco. Fóra d'essa situação não ouso recommendar-lhe o acepipe. A mim soube-me muito bem e penso que os outros comensaes não eram mais difficeis de contentar, porque todos lamberam conscienciosamente as suas escudellas.

N'aquelle paiz fertilissimo nunca falta comida; mas é necessario que quem anda pelos seus rios magestosos e por suas florestas maravilhosas se não faça grave ou meticuloso com os alimentos. A par da caça e dos peixes variadissimos e de sabor delicado, encontram-se bichos, desusados em historia natural, que é forçoso comerem-se em muitas circumstancias. Estomagos educados com sôpa, vacca e arroz, escusam de metter-se pelos sertões. Lá quer-se gente que não faça cara a um rabo de lagarto, uma costella de jacaré, um rato assado no espeto, um pedaço de cobra moqueada ou uma coxa de macaco cozida, que é o mesmo que comer perna de creança. Quem não fôr para isto, ha de passar muitas vezes fome, apezar da abundancia da terra, ou contentar-se com farinha molhada em agua dos rios e dos lagos. Não se julgue porém que aquelles petiscos sejam repugnantes; adubados com sal, pimenta, limão, e, sobre tudo, bom appetite, tornam-se excellentes. Eu bebia com delicias o caldo de macaco (nas occasiões em que não tinha coisa melhor e a necessidade apertava comigo) e cheguei muitas vezes ao extremo de o gabar a um dos meus tapuios, que tinha sido antropophago em pequeno e me respondia sempre, esgaseando os olhos:

—Que faria se provasse caldo de gente!

O nosso trem de caça era immensamente luxuoso. Ferrugem possuia duas espingardas de pederneira, e emprestou-me uma d'ellas, que tinha o cão amarrado com tres ou quatro voltas de cipó; Aragão levava arma de fulminante, objecto rarissimo então n'aquellas paragens e que eu via pela primeira vez; o mameluco e os tapuios empunhavam arcos e frechas. Completava-se o armamento com os terçados, sem os quaes ninguem dá um passo nas florestas, e com dois machados para tirar a caça miuda dos buracos das arvores. A matilha compunha-se de... um cão gozo, lazarento, apanhado por Aragão nas ruas de Porto de Moz!

Este serviço de caça, a que chamei immensamente luxuoso, faria sorrir de desdem qualquer caçador mediocre dos da Europa; ser-me-ha comtudo facil provar, que não o qualifiquei temerariamente.

Partimos.

Ainda não teriamos percorrido quinhentos metros e já ouviamos o cão ladrar, andando de um para outro lado. Aragão, que era enthusiasta pela caça, gritou:

—É uma paca! É uma paca!—E partiu, a correr, incitando o gozo, com vozes adequadas, para que não largasse o rasto.

Todos o seguimos, correndo como elle.

Quem nunca tiver caçado mal póde comprehender ou avaliar a paixão venatoria! Logo que se dá n'um rasto quente, começa a transformação; levanta-se a caça, foge, a matilha presegue-a, apodéra-se dos caçadores uma febre terrivel. Cães e homens precipitam-se em corrida vertiginosa; identificam-se uns com os outros; communicam-se mutuamente os seus pensamentos de sangue e os seus instintos ferozes! Confundem-se no mesmo ardor e desejo de matança. O cão apropria-se da intelligencia do homem e revela faculdades superiores para perseguir as victimas; o homem converte-se em féra insaciavel, e pratica actos de uma brutalidade sem nome! Deleita-se matando innocentes!

O prazer da caça é um prazer horrivel!... Confesso que muitas vezes me deixei desvairar por elle, mas não fui eu que o inventei... Infelizmente, está mais que provado que as paixões ruins são as unicas susceptiveis de aquecer a especie humana!...

Nós não tinhamos outra matilha senão o cãosito, apanhado nas ruas de Porto de Moz, no Xingú; porém esse bastou para encovar aquella primeira paca, e depois mais cinco em seguida! A paca *(Coelogenys Paca)* é do

tamanho das lebres; e apenas se sente perseguida, encova-se immediatamente. As matas do Pará e Amazonas estão cheias de grandes arvores caídas, furadas, e é n'ellas que, em geral, se refugiam as pacas e cotias *(Dasyprocta)*. Todos os cães que vagueam pelas povoações dos indios, ou mesmo pelas dos brancos, sabem caçar; ainda mesmo que nunca tenham entrado nas florestas, a primeira vez que n'ellas se lançam seguem infallivelmente uma (e alguns duas ou tres) das muitas especies de animaes comestiveis, que as povoam. Encovada a caça, reduz-se o trabalho de a apanhar a cortar um ramo, que sirva de basculho, e com elle se empurra a paca ou cotia para um dos lados da arvore caída, aonde ella se acolheu; tapam-se os dois buracos; mede-se por fóra do pau o sitio onde está o animal; torna a metter-se o basculho, para que não possa mudar de logar, e com o machado abre-se um buraco no sitio medido e tira-se a caça viva!

Aqui está porque classifiquei como excessivamente luxuoso o nosso armamento. Basta um cão vadio e um machado para se ter abundancia de comida excellente! O machado não é difficil de obter, a troco de qualquer droga, das que produz o mato; e o cão apanha-se nas aldeias, com o que em algumas partes se faz ainda favor aos habitantes! Acrescente-se que não ha nenhum cão que não cace o jaboty *(Testudo terrestris-Emys foveolata,* Mik.) especie de kagado monstruoso, que abunda nas selvas do Tucuruí e em toda a margem occidental do Xingú; e julgue-se se são necessarios grandes petrechos de caça!

O nosso cão, nos intervalos do encovamento das pacas, ía voltando jabotys. Apenas os via, virava-os de peito para o ar, a fim de que elles não pudessem fugir, e sentava-se ao pé, latindo compassadamente e de modo que nos fizesse saber, que não podia afastar-se d'ali. Apanhámos tantos n'aquelle dia, que na occasião da retirada fomos obrigados a largar muitos pelo caminho, por não podermos com elles!

A caçada ás antas foi menos feliz e é das mais difficeis. Apenas matámos uma e com assaz de trabalho!

Seria meio dia quando o gozo deu signal de caça grossa. Estavamos todos sentados n'uma clareira, extenuados de cansaço e de fome; os tapuios íam accender lume para assar uma paca porque se haviam prevenido levando farinha, sal e pimenta. De repente, o cãosito, que andava sempre furando por entre as mais densas espessuras, soltou um grito desusado e partiu em direcção ao rio.

— Será uma onça? — interrogou Aragão, armando a espingarda.

— É uma anta! — volveu rapidamente Ferrugem, engatilhando tambem a sua.

— Anta! Anta! — exclamaram os tapuios, largando tudo, e arremessando-se em carreira desordenada no seguimento do cão, cujos latidos se íam perdendo na distancia. Eu corria com elles; os dois brancos, após um instante de hesitação, seguiram-nos tambem.

Momentos antes estavamos immensamente fatigados; mas as forças voltaram-nos como por encanto! O ruido dos nossos passos sobre a grossa camada de folhas seccas, que cobriam o solo, assimilhava-se a um trovão subterraneo! As aves fugiam por cima das nossas cabeças, soltando pios de terror e espanto; a caça miuda, que então desprezavamos, agachava-se debaixo dos nossos pés, transida de medo, e sem animo de fugir ante a nossa apparição terrivel; os macacos, em bandos numerosos, paravam suspensos dos ramos, encaravam-nos, e pareciam querer perguntar-nos, com a admiração nos olhos, se eramos algum flagello mandado por Deus para assolar aquelles bosques tranquillos e mysteriosos! E nós passavamos como o furacão, saltando barrocaes e fojos, vallas e ribeiros, subindo e descendo, correndo, descalços, por entre espinhaes agudos, escorregando por arvores caídas, aqui furando por baixo, voando além sobre ramarias e troncos, caíndo, erguendo-nos, rasgando a roupa e as carnes, sem um grito, sem parar, sem respirar quasi, destruindo plantas maravilhosas, orchidéas de belleza incomparavel, caladiums, que tornariam immortal o sabio e a estufa que os aclimatassem na Europa...

— Anta! — grita uma voz.

Estacámos todos.

(Continúa.) F. GOMES DE AMORIM.

À CONTA DE DEUS



ÉDE-AS: ali se aconchegam em amoroso amplexo duas creanças. É assim a innocencia! Descuidosa e lêda não a mortificam pesadas recordações do passado, nem angustiosas ambições para o futuro; e o presente concentra-se na limitada area de seus affectos infantis. Oh! Como é feliz a creança! Quando repousa no seu leito pequenino, é-lhe sereno o dormir; de quando em quando brinca-lhe nos labios um sorriso, como se aquelle anjo da terra praticasse em seu sonhar com algum anjo do céo, que viesse acalental-o com o arminho de suas azas. Quando desperta sorri ainda, porque o sonho não se esvaeceu com o despertar, como se esvaecem os sonhos da juventude. O anjo do seu sonhar está ainda ali, a seu lado, cobrindo-a de meiguices; é a mãe que a acaricia estreitando-a ao seio: e o seio da mãe é urna de affectos, manancial de ternura, thesouro de amor.

É ali que a creança bebe os primeiros sôpros de vida; é d'ali que ella recebe a primeira cultura do espirito; é a mãe quem primeiro a ensina a erguer suas mãosinhas tenras e a orar ao Senhor.

Ao sol esplendido do amor maternal se abre e desenvolve aquelle coração puro. O primeiro sentimento que surge em sua alma é o amor filial, e este amor affluindo-lhe do coração aos labios traduz-se n'uma palavra — a primeira que se desprende d'aquella bôca virgem — é a palavra — mãe! —

A vida da creança é a vida do sentimento, e por isso ama tudo quanto se lhe afigura innocente. Esquece-se embevecida a contemplar a florinha singela que desabrocha viçosa na relva na amplidão do valle. Escuta attenta o gorgeio da avesita que canta seus amores na laranjeira do pomar. Affeiçôa-se ao cãosinho que lhe é companheiro fiel em suas distracções pueris. Sente-se attrahida por um impulso irresistivel para os seus irmãos na infancia. Ama-os porque elles tambem são pequeninos, são innocentes tambem.



Á conta de Deus

Nas suas faces assetinadas transparece a serenidade de sua alma candida.

Não lhe lembra o dia de ámanhã, porque só vive do presente. Não se arreceia dos homens, porque os não conhece.

O mundo afigura-se-lhe um canteiro de flôres sem espinhos, um dia de primavera sem nuvens, um sonho doirado sem termo.

Está assentada á borda do precipicio e sorri porque não conhece a profundeza do abysmo, nem vê a morte que lá no fundo se esconde terrivel. Se o abysmo quer attrahil-a, suspende-a a Providencia. E senão vêde o gracioso grupo, que essa mimosa gravura representa.

Iam talvez aquellas creanças levar frugal refeição a seus paes, que longe de casa trabalhavam no campo. No meio da azinhaga surprehendeu-as o temporal. Toldam-se os ares, condensam-se as nuvens, gemem os ventos, abrem-se as cataractas do céo, e a tempestade, suspensa da mão do Omnipotente, balouça-se ameaçadora e terrivel, e n'este balouçar agitado, como a agonia do moribundo, arranca das harpas da selva umas notas roucas e horrisonas que alvoroçam o mundo. O mundo treme e as creanças sorriem!

Pobres creanças que ides ser victimas da vossa inexperiencia! Mas... não, não ha de ser assim, que a Providencia véla pelos innocentes, que lhe são tão queridos.

As aves do céo e os lyrios do campo não esquecem ao pae celeste que aveludou a plumagem de umas e deu matiz ás pétalas dos outros; e não valerão mais do que as aves e os lyrios aquellas crianças, que dentro d'aquelle envolucro têem alma tão pura?!

Se por cima e em derredor de suas cabeças loiras ruge a tormenta, dentro de seus corações candidos sorri a bonança; se no mundo exterior atemorisam os horrores do inverno, no mundo de seus espiritos enlevam as flôres da primavera; se as ameaça a natureza, protege-as a Providencia.

Quando o filho de Deus passava pela terra, disse uma vez estas palavras meigas: *Sinite parvulos venire ad me:* —Deixae que os pequeninos se acerquem de mim.—

Foi um brado de protecção ás creancinhas, que não têem ainda uma intelligencia desenvolvida para medir o alcance do perigo, nem um braço forte para o conjurar.

Jesus subiu da terra ao ceo, mas a Providencia olha do ceo para a terra. Jesus partiu, mas o Calvario ficou!

As creanças são os mimosos do Senhor, como a innocencia é a virtude predilecta de Deus.

Á sombra da palmeira protege as flôres da intemperie das estações. Os pequeninos são flôres, e a cruz é palmeira no deserto da vida.

Á sombra da cruz não ha furacão rijo que derribe aquellas flôres, nem geada forte que as creste, nem sol ardente que as murche; não, que as protege a cruz e a cruz é inabalavel, como o promontorio que as vagas não soçobram, como o roble que as rajadas não torcem, como a montanha que os furacões não abalam, como a eternidade que o tempo não destroe.

Não receieis pelas creancinhas, que se abraçam assentadas no comoro. Não é o chapéo que as cobre, é a cruz que as protege. Não estão nas mãos do acaso; estão—á conta de Deus!—

F.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

IV

(Continuação)



ouvia outra voz que lhe dizia:—Terminou a lucta, vencedor, despe as armas e vem repousar no meu seio; attenta que sou o Amor. E elle olhava e via n'um fundo verde transparente a mesma querida imagem sentada n'um caramanchel florido, e elle afagado nos seus braços, pousando a fronte cançada no seio tumido e palpitante, e sentindo-se esconder n'uma nuvem de cabellos negros e luzentes.

A Gloria e o Amor casavam-se no mesmo ideal.

O seu cavallo desprendia-se da terra e voava atrás d'aquella apparição phantastica.

O quadro luminoso fugia e baixava até se perder como um aerolito entre a ramagem de uma floresta.

O cavallo que não podia romper a rede dos arbustos e trepadeiras, salvava as arvores mais altas, e descobria por fim o ponto luminoso, onde D. Fernando devia achar o repouso, o premio, o galardão das suas fadigas. Apeava-se e caminhava a passos mortos através do matagal serrado, por onde a custo penetrava um raio d'aquelle foco de luz, cuja intensidade crescia á proporção que elle se aproximava. Ao chegar ficára estatico!

A arvore prodigiosa[1], a arvore dos frescos pavilhões, a arvore que de cada braço lança á terra uma raiz que se faz tronco, a arvore-gruta, a arvore-cathedral do oriente de muitas naves e arcarias concentricas, a arvore do bem e dos mysterios nas escripturas gentilicas, a arvore das columnatas e galerias, a tenda das florestas ermas armada por Deus para albergaria dos indios nomadas, alumiada por uma luz vivissima, era um esplendido templo, em cujo centro dormia uma formosura, que seria deusa se D. Fernando não conhecesse n'ella uma mulher.

Ao lado caía de um rochedo aspero, côr de fogo, por junças, musgos e vergonteas de trepadeiras agua em gotas e fios tenues, dentro de um lago rustico cheio de nenuphars; em volta arbustos avergados de rosas e um enchame de beija-flôres de todos os matizes, não maiores que vespas, volitando entre a ramada, enganados pela vivida luz que saía do centro da arvore mysteriosa.

Em torno d'ella, como cortinas de leito, caíam, em fórma de stalactites, longas franjas de luz verde e rubra, trementes como chuva de esmeraldas e rubis. As côres porém íam passando por todas as cambiantes do prisma até que o sol nascendo as transformava em saphiras e brilhantes.

Depois...

[1] *Ficus indica*, ou arvore das gralhas.

Um criado, entrando no quarto, dizia a D. Fernando que os monteadores esperavam.

Era manhã.

V

Mogárem, entrando em casa, parou á porta, voltou-se e julgou vêr, que não veria, uma sombra negra atravessar a passos mortos a rua e introduzir-se no jardim pela sebe onde, momentos antes, estivera ao pé de D. Fernando.

Só os olhos de um indio podem vêr o indio nú, que áquellas horas da noite quizer passar escondido; que, sentir passos, não ha ouvido que os oiça. Demorou-se, attenta e não sem cuidados, mas como nada mais viu, nem ouviu, julgou-se illudida e entrou.

No claustro cantavam e conversavam as suas servas e amigas, que como taes as tratava. Recostou-se n'umas almofadas e vieram agitar-lhe os leques, trazendo-lhe a areca e o betle n'uma salva funda de prata, dentro o partidor da areca, tambem de prata, e a manteiga de cal n'um boião de oiro esmaltado.

Ha em Roma, no museu de Villa Borguese, uma estatua de Canova representando uma mulher, recostada tambem sobre almofadas, que dá uma idéa do que era Mogarem n'aquelle momento. Conhecem-na pelo nome de —Venus vencedora—e contam-se a respeito d'ella umas historias de amores, das quaes se conclue que as irmãs de Napoleão I tambem gostavam da immortalidade.

Os pés da Venus estão nús, como estavam os de Mogarem, e o seio e um pouco mais que o seio. O lençol, que na estatua representa o pudor social, era n'esta substituido por uma tela de seda escarlate; um dos hombros e metade do seio cobriam-lh'o os cabellos. A face poisava n'uma das mãos e os dedos dos pequeninos pés estavam inquietos. Tomou-lh'os nas mãos uma das servas e apertava-lh'os carinhosamente.

A conversa interrompida continuou.

—Hontem de manhã andava á caça na ilha; depois veio passar aqui, no palmar da fonte, e pediu-me agua.

—Deste-lh'a?

—Dei; porque não daria?

—Não sabes como é impura a bôca do christão?

—Lavei o tambió depois, descansa. Voltou-se para mim a rir-se agradecido e deu-me esta bolsinha de rupias.

—Sem dizer nada?

—Fallou, fallou, mas eu só lhe percebi:—Mogarem—respondi-lhe que não entendia falla de christão, e elle partiu.

—Á tarde vi-o eu no rio.

—Tu espreitaste-o?

—Pudera! Estava debaixo dos salgueiros meio mettido na agua; é branco como a cabaia de Brahma e mais lindo que o Vischenú dos nossos quadros.

—E filho do Raja[1].

Uma serva cantou:

—As palmas olham a terra
e as arequeiras o céo;
pois vale mais quem se curva
do que quem tanto se ergueu.

Mogarem reparou na cantadeira e tornou a deitar-se.

—Como vens triste, senhora.

—Venho cansada.

[1] Viso-rei ou governador.

—Coitada, senhora minha, andas a espreitar se vem o teu noivo, bem sabes que já não póde tardar.

—Ide-vos! Quero dormir e conversaes comigo?!...

Saíram.

Da porta uma d'ellas voltando perguntou:

—Vaes vêr a caçada ámanhã?

—Meu pae prometteu-me. Vou.

E ouviu fóra a cantadeira:

—Nem sempre chora quem pena,
nem sempre o mar mostra escolhos;
nem sempre ri quem se alegra
nem dorme quem fecha os olhos.

E é de crer que Mogarem não dormisse, que no dia seguinte tinha as palpebras pizadas, e nunca olhos christãos viram gentia mais linda.

VI

Seriam sete horas da manhã quando nos campos de Marcella, hoje varseas e palmares, então incultos, hoje pertenças da corôa portugueza, então, ora do reino de Sunda, ora dos maratas, andava accesa a monteria. Era por ali o caminho dos que, de quando em quando, vinham bater as nossas muralhas, fazendo-se fortes na ilha de Cumbarjua, com que defrontava aquella porta por onde D. Fernando saía todas as tardes a banhar-se. Era por ali tambem que saiam as correrias dos christãos em perseguição do inimigo que fugia.

Eram frequentes, n'aquelles campos, as caçadas e monterias dos nossos, monterias que tinham muito de desafio e que por isso se faziam sempre com forças que pelo menos garantissem a retirada, difficil, porque tinha de fazer-se através de dois canaes.

D. Fernando, recem-chegado a Goa, mostrava desejo de assistir a uma caçada perigosa, e D. João de Castro tinha preparado uma das mais vistosas e numerosas que em Goa se tinham visto; e deixou partir D. Fernando, quasi com remorso de o deixar partir.

Ao romper do dia estavam tomadas pelos batedores as cumiadas que formam o amphitheatro desde sud'oeste a norte, e varriam para o valle e planicie, onde estacionavam os caçadores, ao som de grandes alaridos de vozes, instrumentos metallicos e latidos de cães, a caça, timida ou attonita, que estacionava nos matos ou nas cavernas menos seguras da penedia.

Pouco depois começaram de se ouvir tiros, mais bastos a cada momento, por entre o mato da planicie, mas tiros que não tinham éco, nem um rugido de féra, nem um grito de homem, nada; e este tiroteio lugubre e sem vozes contrastava afflictivamente com o estrondear longinquo dos batedores e charameleiros.

Os pontos de vista dominantes foram-se cobrindo de espectadores, que pelo pittoresco dos seus vestuarios davam realce e caracter oriental ao grande quadro da caçada. Em barcos embandeirados desciam ou subiam o canal muitas familias de Goa, moiros, gentios ou christãos, de modo que ao nascer do sol o vasto quadro era animadissimo e surprehendente. Nos ramos das arvores havia uma agitação febril enorme que maravilhava os que, notando a falta completa de vento, ainda não conheciam a causa d'aquelles movimentos convulsivos e encontrados; eram dezenas ou centenares de macacos timoratos e curiosos que faziam vergar por toda a parte as franças da floresta.

O sol vinha duro e faiscante, e só perto do canal havia uma aragem amena.

Os caçadores guardavam os seus postos; viam passar as chitellas, os merús e as rapozas, mas guardavam os seus tiros para o tigre, a pantéra (bibiós), a hiena e o chacal.

Por emquanto só algumas hienas e bibiós tinham passado surrateiros pelos postos guardados, o tigre real esperava attento e scismador a aproximação dos batedores.

D. Fernando estacionava n'uma pequena eminencia não longe do canal, do lado de sud'oeste. Havia uma inquietação evidente no modo por que escutava e olhava em volta de si. O bulir de uma folha, o zumbir de um insecto, o perpassar de uma aragem, lhe chamava a attenção. Tinha nas mãos aperrada a sua longa espingarda e ás vezes procurava na cinta a faca de mato e duas pistolas de alcance carregadas a dupla carga. A caçada era a pé.

O circulo dos batedores ia-se apertando na planicie quando se ouviu o brado sinistro de:—tigre real no mato!—Repetiram-n'o cem vozes roucas dos batedores e milhares de espectadores repetiram nos serros:—tigre real —.

(Continua.)

À POMBA QUE VOOU

Ah! son image est là devant moi comme dans les premiers jours de son allégresse et sa joie.

EDGAR POE.

I

Foste-te ó luz das solidões amenas!
Ó grandes olhos tristes, ideaes...
Que hoje sois astros nas mansões serenas,
—Partiste, casta pomba d'alvas pennas,
Em procura dos lucidos pombaes!

II

Tu estás, hoje, entre as hervas e as poeiras,
Ou cheia d'immortaes claridades!...
Oh doce irmã das rollas companheiras!
Por ti sinto chorar as larangeiras,
E de luto vestirem as saudades!

III

Eu creio ouvir roçar os teus vestidos,
No perpassar das virações agrestes!...
E soar o teu nome aos meus ouvidos...
Quando ouço,—sob os astros condoidos,—
Chorarem as raizes dos cyprestes!

IV

Ó cabellos ao vento destrançados!
Ó faces mais macias do que as pennas...
D'uns ninhos ideaes, agasalhados!...
Ó brancos seios nús, avelludados,
Que ereis castos rivaes das açucenas!...

V

Vós sois partes d'um corpo abandonado
Entre as vermes sem olhos, e as raizes!—
—E, ah! que vezes, talvez, n'um *ai* cortado,
Não me terá teu seio immaculado
Entre as hervas bradado: «*Não me pises!*»

VI

Por isso vou curvado para o chão
Com medo de pisar-vos, tranças bellas!
E, ai quantos como eu, tambem irão,
Correndo o mundo atraz d'uma illusão,
—Soletrando-vos, mysticas estrellas!

VII

Oh! quantas vezes, n'este mar d'escolhos,
Contemplando o azul triste e sem fim...
E os pés ensanguentando nos abrolhos...
—Eu nas estrellas creio vêr teus olhos,
Que estão chorando lagrimas por mim!

VIII

Por isso como a folha já varrida,
Arrastada nos ventos dos valles nús...
Vou curvado na noite desabrida,
Por ti chamando pomba adormecida,
Entre as folhagens tremulas da luz.

....
....
....
....

GOMES LEAL.

A LIÇÃO

COMO é doce e meiga! Os seus labios são para o sorriso da honestidade... para quem será o seu coração?

Dá vontade de ser discipulo d'ella! Qual será o seu livro estimado? Quem será o seu poeta escolhido? Quem pudéra ser a estrophe que ella decora!

Encontrasse a gente aos vinte annos uma professora com aquelle rostinho insinuante, com aquelle sorriso de ternura e era logo o querer desaprender tudo, para se entregar de novo aos rudimentos, para folhear de novo a cartilha, para soletrar com mais gosto o *abc*... dos amores.

As creancitas estremecem de alegria quando lhe beijam a mão, e o pequerrucho de oito annos cobre-se de quando a quando de uma vaga tristeza, porque presente que ainda não tem na alma aquelle rouxinol, que só principia a cantar aos vinte.

Ás vezes, quando se está na aldeia, vê-se passar em manhãs aridas, assopradas de ventos gelidos, os filhos do moleiro com os pésitos nus e as mãosinhas roxas. Levam ao tiracólo o saquitel dos livros e dentro do peito o medo, a tristeza e o desalento.

São os proletarios de ámanhã, e se elles, nos grandes dias das commoções sociaes, trouxerem o odio no coração e o grito de guerra na bôca, lembremo-nos que tiveram a amargura da escóla e pisaram a neve com os pés descalços e comeram o pão negro nos caminhos desertos, e em vez dos afagos da mãe soffreram os castigos bestiaes do professor.



D. TENIERS d. J. pinx[t] W. FRENCH sc.

O CONCERTO.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

Que profundo contraste entre os rapasitos andrajosos das aldeias e essas creanças louras e risonhas, florescentes de saude, que se embalam, sob ondas de cambraia, aos murmurios do piano! Uns sentaram-se no lagedo de



Á lição

uma casa humilde, de paredes rotas, onde o vento assobiava; outros têem as cadeiras almofadadas, a sala cheia de luz e de flôres, os livros risonhos, engrinaldados de estampas.

E, no entanto, apesar dos cristaes e do piano, das flôres e das pinturas, apesar ainda do sorriso meigo e insinuante da professora, eu preferíra ser a creança agreste, o rapaz selvagem, o perdido das florestas, o scismador dos caminhos, porque a minha imaginação subiria aos céos, os meus pensamentos sombrios se embrenhariam na sombra das devezas e a minha alma se alargaria na immensidade e solidão das campinas!

SOUSA VITERBO.

O DESPOTA E O POETA

ESTUDO LITTERARIO

DE

EMILIO CASTELLAR

(Continuação)

PARA o sentir d'aquella alma despedaçada, quando sacudia e atormentava as cordas da harpa postas por Deus nas suas mãos; o povo estupido, indifferente, capaz de apreciar o Apollo de Belvedere pelo peso do marmore e não pela formosura das linhas; o povo adormecido no barro dos seus campos, com alentos de morte como a cavidade dos sepulchros, dizia-lhe que o seu cantico era sonoro e ruidoso, mas vão e esteril como o vento; e a um povo assim devia bastar-lhe como unico regalo, não a poesia, dom celeste; senão o calabouço dos despotas, o latego dos pretorianos e o machado dos verdugos. Com effeito, o latego dos pretorianos mordera até a alma de Pouchkine.

Quando a natureza suscita um poeta e lhe põe na intelligencia idéas universaes, no coração sentimentos humanos, erguendo-lhe a esphera luminosa onde todos os objectos se esclarecem e se vivificam na luz da formosura, e todas as idéas expressam e se abatem deliciosamente em suaves harmonias, excita-o, dá-lhe inspiração, confia-lhe a arte magica das formas, põe-lhe na voz melodiosos accentos, e na mente a virtude do trabalho creador; torna-o sensivel e ás vezes até desgraçado, para que aformoseie as noites da vida como o satellite aformoseia as noites do planeta, e acorda novas almas como a primavera desperta novos seres, e diffunde idéas nos seios da consciencia como diffundem seiva, aroma, mel, a luz e o calor nas entranhas da natureza.

Renegar até da sua inspiração, nada podia ser-lhe tão beneficioso na côrte.

Mandou-lhe o despota, não soldados que o açoutassem, mas cortesãos que o corrompessem.

Lembrou-se que todos os despotas tinham tido junto de si um genio: Filippe, Aristoteles; Augusto, Virgilio; Carlos V, Garcilaso; Filippe II, Lope; Luiz XIV, Molière; e quiz Nicolau ter o seu poeta, escolhendo Pouchkine, que dera maravilhosa flexibilidade á lingua russa, e que recebera os caudaes das idéas do seculo, evaporando-os em holocausto ao despotismo.

Nomeou-o por isso seu camarista.

Ainda ficava um resto de pudor no coração do poeta; e resistiu a similhante graça. Nicolau, porém, resolvido a deshonral-o, depois de opprimil-o, impôz-lhe que optasse entre o cargo de camarista ou o desterro no Caucaso.

O despota asiatico arrojou aos leões o propheta Daniel; o czar russo arrojou Pouchkine aos cortesãos.

Em similhante situação não ficava a Pouchkine outro recurso que morrer ou deshonrar-se, e escolheu deshonrar-se.

A libré pesava-lhe como uma cadeia.

Tornára-o Deus um dos seus anjos de eleição; e o despotismo convertera-o em uma das suas bestas de carga.

Além, na solidão da sua alma, no dialogo com a sua consciencia, quando se recordasse de que ha um Deus no céo e uma justiça implacavel na terra; ante a historia, cujos premios e castigos são eternos como a successão e a corrente dos tempos, o poeta devia retorcer-se na dôr, de ira contra si proprio, de triste desesperação, por não ter preferido aos favores dos tyrannos, que matam, a transfiguração e a apotheose do martyrio, que deixa inextinguivel luz na memoria humana.

Que foi grande a sua dôr, conhece-se em que a sua vida foi desastrosa. Perdeu o mais necessario a toda a existencia, perdeu a estima de si proprio. Buscou todos os meios de fugir de si mesmo, e não tropeçar com o cadaver do seu genio amortalhado entre as espessas sombras da sua consciencia. Para fugir de si, entregou-se desenfreado ao prazer.

Aquella vida sem futuro, torrente sem sulco, pensamento sem objecto, intelligencia sem luz, cantico sem nenhuma inspiração, coração sem esperança, espirito sem idéa; aquella vida evaporou-se, pelo que respeita a idéas, no vacuo; e estagnou, pelo que respeita a sentimentos, no vicio. A orgia foi para elle como o philtro. Mas se na orgia encontrou alguma vez o esquecimento, tambem encontrou terrivel, implacavel castigo.

Abriu as portas da sua casa aos epicureos, e os epicureos, segundo as suas suspeitas, corromperam-lhe a unica mulher a quem verdadeiramente amára no mundo, a sua companheira do desterro, a sua esposa.

O poeta foi sempre zeloso como um arabe. Bisneto de um negro, as paixões de Othelo feriram-lhe ruidosamente o peito. Eram fundados os seus ciumes? Não pôde averigual-o a historia. Porém sim dirá que Pouchkine podia recear tudo da sua propria abjecção e dos companheiros que o cercavam. Os anonymos não lhe consentiam vida tranquilla. Varios maridos illudidos fallavam-lhe, sob as suas assignaturas, da communidade das suas desgraças.

(Traducção.) (Continua.)

A ADEGA DO CONVENTO



adega de um convento!

Que de idéas se não associam a estas duas palavras apparentemente hostis, uma conforto dos corpos, outra refugio das almas, unidas ambas na nossa estampa em discreto convivio!

A adega é, se quizerem dar-lhe essa honra, a representante de uma das feições economicas do seculo, emquanto que o convento symbolisa o viver nem sempre pautado das eras extinctas, a idéa incubada nos espiritos, apertada ás vezes pelos cilicios, outras vezes desprendendo o vôo e rasgando os espaços do futuro.

Quem vê estes homens vestidos de burel, humildes na uniformidade exterior do trajar, pacientes como quem acceita espontaneamente uma regra, e parecendo abdicar dos luzimentos e ambições do mundo, bem se engana descrendo do rifão que affirma que o habito não faz o monge.

O voto que desligava um homem da sociedade enclausurando-o até a morte dentro das quatro paredes de um mosteiro, se, excepcionalmente, era o brado de uma consciencia torturada, ou a aspiração pela penitencia ao ante-goso da bemaventurança eterna, quantas vezes não foi tambem estimulo ao desencadeamento das paixões d'aquelles que julgavam havel-as amortalhado no habito da ordem em que professavam.

E porque elles entravam para os conventos suppondo-se fortes, e cá fóra ficavam, para os fazer raivar e perder, os tres inimigos do homem—mundo, diabo e carne—cada um de per si capaz de tentar e vencer a mais pudica das organisações, a mais varonil das resistencias, a mais précavida das vocações claustraes.

Um grupo de tres frades nedios representa a nossa estampa. Tres fradalhões, como o sarcasmo popular se comprazeu sempre em figurar nos seus contos aquelles felizes celibatarios, que, na sua grande maioria, engordavam com os dizimos e as primicias sugados ao trabalho improbo do cultivador, requeridos com esquecimento total do Evangelho ás migalhas do orphão e da viuva.

Um d'elles deixou-se ir atraz do vinho, como outros, fazem fé os contos da rainha de Navarra, se deixavam ir atraz das peccadoras que lhes prestavam ouvidos. Dispenseiro infiel do convento, sentiu o frio glacial das abobodas da adega, convidando-o a habilitar-se com conhecimento de causa a informar a communidade da qualidade do vinho de que já enchera tres garrafas que depuzera na cesta que tem ao lado, e provou-o.

A quarta garrafa foi a sua perdição, aliás pouco para estranhar, conhecida como era no convento a sua quéda para a pinga. Quando nos claustros deram pela falta do reverendo acudiu logo a suspeita que não estaria em oração mental, e um leigo transmittiu ao guardião a idéa de que seria possivel topar com elle na adega.

Adormecêra profundamente!

A véla gasta da palmatoria que o seraphico bebedor deixou consumir até ao fim, revela a quantidade das libações que foram precisas para intopecer aquelle corpo, mais avesado ás ousadias do pichel, do que virado para as cogitações das penas do inferno.

O pasmo do guardião é nenhum, apesar da denuncia que o leigo, apavorado pela idéa de um incendio, lhe faz por gestos do bem estar do dormente que se deixou vencer, mas sem virar a cara ao inimigo, antes instigando-o á torneira com o pucaro, cumplice do seu intempestivo somno.

O guardião, que pelos oculos revela mais trato com os livros que o seu imprevidente irmão, sem desfitar os olhos d'aquella scena pagã, corre com a memoria os tempos em que as regras monachaes ainda não haviam affrouxado, e acceita no que está vendo texto para um sermão, que póde com certeza auctorisar com a melhor doutrina, mas sem esperança plausivel de converter á sobriedade o ditoso provador que se repoltrea nos lagedos da adega, como no melhor e mais fôfo dos colchões de pennas!

Antes do apparecimento de Luthero, d'aquelle raio da devassidão claustral, as indulgencias para estes casos menores teriam talvez sido requeridas ao papa, e concedidas sem difficuldade á borracheira dos ociosos que, detestando a leitura massuda das chronicas, aguçavam a intelligencia com o licôr que Mafoma por cautela prohibira aos crentes para os distanciar do amor que os infieis lhe consagravam.

Os conventos, como todas as instituições humanas, tinham de tudo, e davam para tudo. Representantes exclusivos de todo o saber nas artes e nas letras, os frades foram, durante os dois ultimos seculos da sua colossal prosperidade, o que hoje é a imprensa, facho de luz que ás vezes o vento das suas paixões agitava, e que no seu incerto bruxelear cegava em vez de alumiar.

O idylio andava perto da tragedia, e esta alliava-se muitas vezes, sem constrangimento, á farça ridicula e ao entremez de mau gosto.

Quando Abeillard suspirava, o convento recendia aos perfumes d'aquella alma impregnada de celestiaes aromas. Quando Luthero trovejava, os claustros da Allemanha abalavam a fé secular do catholicismo, e o convento tornava-se o representante de uma das maiores revoluções que os seculos têem presenciado. Abalada pela palavra ardente de um frade, Roma, viu sem já lhe poder acudir, negado o principio do celibato ecclesiastico, posta em duvida a supremacia do representante de S. Pedro, e o livre arbitrio substituindo o dogma, e a fé implicita nas decisões dos concilios.

Consummada a revolução religiosa, os que persistiram em reconhecer a infallibilidade papal, e em jurar nas palavras de S. Thomás de Aquino, de quem o pontifice Gregorio VII fôra o mais pratico dos discipulos, o convento continuou a ser, ora o mais fervoroso defensor das temporalidades que os dissidentes haviam fulminado, ora, e foi esta a sua peior feição, a ser, não o refugio de peccadores contrictos, mas o estimulante dissimulado de seis dos peccados mortaes, porque o setimo, o da inveja, andava longe d'aquelles corpos folgados pelas largas sestas dormidas depois das fartas refeições.

Foi depois do relaxamento da disciplina conventual que a critica popular tomou a si o julgamento do viver fradesco. A côr das faces, o roliço do cachaço, o avolumado do abdomen do frade, entraram a passar em julgado como a negação do ascetismo, do voto de pobreza, dos jejuns e das penitencias, que algumas das ordens monasticas assoalhavam ser o caminho da salvação.

As adegas e as garrafeiras dos conventos tiveram um bem merecido renome na peninsula, e hombreavam com os mais generosos vinhos do mundo, quando entre nós uma nova ordem de idéas economicas e politicas as sacrificou, em 1834, em holocausto ás exigencias de uma sociedade que se reconstituia.

O frade de rosto macerado, e de penna na mão ou atraz da orelha, como o representavam os retratos das galerias dos conventos, foi pela descrença dos artistas modernos transformado como a nossa estampa o apresenta, e como a Allemanha e a França o reproduziram em grotescos quadros, como o consciencioso symbolo da intemperança, em todos os gosos da vida.

O vinho não era ao que parece a unica tentação dos reverendos, que robusteciam as forças physicas jogando a bolla nas cêrcas dos conventos. O esquecimento de um dos principaes preceitos do decalogo denunciava tambem ás vezes n'elles a fragilidade da carne, pelo menos já no meado do seculo XVI dizia o poeta Quevedo:

Dios perdone al padre Esquerra,
Pues fue su paternidad
Mi suegro mas de seis años.

Apesar d'estes e de outros gracejos, de que não queremos ser editores responsaveis, os conventos tiveram representantes capazes de os salvar do esquecimento, e

mesmo da critica acintosa dos seus adversarios. Quando as ordens monasticas estavam já em Portugal ameaçadas de morte, os frades representaram com uma energia nem sempre louvavel a resistencia ás idéas que, mais cedo do que elles pensavam, deviam definitivamente triumphar.

Entre os que mais se distinguiram na cruzada reaccionaria, avulta a figura pouco sympathica do padre José Agostinho de Macedo, o desalmado auctor de sanguinarios pamphletos, deshonra da sua classe e revelação dos ruins instinctos do seu auctor.

Mas, para que a memoria das extinctas corporações religiosas não ficasse manchada com as apostrophes truculentas do auctor da *Besta Esfolada,* quiz a Providencia que aquelle a quem, não sem justiça, podemos chamar o ultimo frade portuguez, fosse o ermitão da Serra d'Ossa, o benemerito frei Francisco de S. Luiz, a quem as letras patrias devem assignalados serviços, e a igreja lusitana exemplos de não vulgar compostura.

L. A. PALMEIRIM.

O MOSTEIRO DE BELEM E A SUA RESTAURAÇÃO

Entre as concepções grandiosas, que resistindo á voracidade dos annos e poupadas pelos cataclysmos da natureza, se conservam ainda de pé como provas incontestaveis dos feitos de nossos maiores, do seu poder e da sua magnificencia, occupa de certo um logar distinctissimo o antigo mosteiro de Belem, com razão admirado por nacionaes e estranhos. Não menos respeitavel é elle pelas recordações que symbolisa, que sobre-excellente pelos primores da sua execução artistica nas partes onde não foi alterado o pensamento original.

N'essa maravilhosa fabrica, typo caracteristico e peculiar da architectura na aurora do renascimento (isto é, quando a arte gothica, que por longos annos predominára na Europa desassombradamente, levada emfim de vencida ia cedendo o campo á chamada regeneração classica) vê-se realisada a idéa do monarcha venturoso, que herdeiro das nobres aspirações de seus predecessores, quiz assim perpetuar o valor e constancia dos portuguezes, domadores invenciveis das ondas, dos ventos e dos homens.

Justamente impressionados pelas bellezas, que ao observador se ostentam em tamanha copia na contemplação do famoso monumento, varios conterraneos nossos têem d'elle feito em tempos modernos objecto do seu estudo, buscando á luz de novas e pacientes investigações esclarecer as sombras em que nos deixaram incuriosos antepassados, por escassez de noticias, quer da fundação primitiva, quer das variações que no progresso das obras se foram introduzindo, sempre com manifesta deterioração dos delineamentos iniciaes.

Se na publicação, pela imprensa, dos resultados obtidos não lograram seus auctores dar-nos até aqui uma historia completa e circumstanciada, têem ao menos colligido para ella bom numero de subsidios e alguns documentos valiosos, tanto mais necessarios a presentes e vindouros quanto vão sendo notaveis as transformações e reparos recentemente operados, e que ainda continuam na restauração começada ha poucos annos do edificio e suas pertenças: trabalhos que, uma vez concluidos, tornarão pouco menos que inintelligivel uma parte das descripções publicadas em epocas preteritas.

Dos escriptores que tomaram o nobre empenho de excitar a curiosidade do publico tornando-o participante do fructo de suas pesquizas, cabe innegavelmente o direito de prioridade ao sr. abbade A. D. de Castro e Sousa, na sua *Descripção do real mosteiro de Belem,* que imprimiu em Lisboa, 1837, 8.º-gr. de 25 pag., por elle mais correcta e muito ampliada em segunda edição, ibidem, 1840, 8.º-gr. de 75 pag. — Seguiu-se-lhe o sr. Vilhena Barbosa, nos artigos insertos no seu *Universo pittoresco,* (1839 a 1844), no tomo I, pag. 49, tomo II, pag. 209 e 273, e tomo III pag. 241. — No correr d'este intervallo e sob mais largas dimensões traçou o sr. F. A. de Varnhagen (actual barão de Porto-Seguro) a *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem* (Lisboa, 1842, 4.º de VI-54 pag.). N'este opusculo foram colligidos e additados os artigos que de principio sahiram no mesmo anno em diversos numeros do *Panorama:* cumprindo, porém, observar que n'esse mesmo jornal, n.º 102 de 9 de dezembro de 1843, inseriu o mesmo senhor um novo artigo com especies importantes, recolhidas em indagações ulteriores, e que vieram rectificar em alguns pontos as contidas no opusculo.

O fallecido J. L. Domingues de Mendonça, traductor e continuador da *Historia de Portugal* de Schaeffer, incluiu tambem em supplemento ao tomo VIII da mesma historia (1845) uma *Noticia historica ácerca do sumptuoso mosteiro de Santa Maria de Belem,* que occupa de pag. 1 a 130, e na qual, apesar da linguagem gongoristica e rebuscada, peculiar do seu auctor, póde ainda aproveitar-se alguma cousa.

Tratou igualmente do assumpto o sr. conde de Raczynski na sua apreciavel obra *Les Arts en Portugal* (Paris, 1846); e occorre ainda mencionar o artigo do *Portugal artistico,* n.º 6 (1853), devido á delicada penna do sr. Latino Coelho, e outro do *Archivo pittoresco,* tomo VI, pag. 2 a 4, etc.

Ultimamente o sr. dr. Ribeiro Guimarães no tomo III do seu curioso e instructivo *Summario de varia historia,* vindo á luz já no anno corrente, compilou de pag. 5 a 61 todos os artigos historicos e descriptivos de sua collaboração, que ácerca do mosteiro e de especies correlativas andavam espalhados por diversos tempos em varios numeros do *Jornal do Commercio.* Nem é para deixar em silencio n'esta enumeração a novissima *Guia do viajante em Belem,* pois que n'ella se tocam, embora concisamente, de pag. 101 a 140, noticias tanto da fundação e estado antigo do mosteiro, como da sua actual restauração.

Cerrando por aqui esta resenha, que seria talvez mais longa se a memoria nos soccorresse, pediremos venia aos que timbram em apurar a verdade, e desejam aprofundar o conhecimento nas cousas de curiosidade ou estudo, para lembrar-lhes uma necessidade, que se nos figura impreterivel. É a de ter presentes e confrontar no assumpto sujeito, antes de assentar juizo em qualquer ponto, todos os escriptos alludidos, que mutuamente se esclarecem e rectificam. De não se attender a isto resultam ás vezes embaraços e até graves inconveniencias.

No que diz respeito, v. g., ás encontradas opiniões ácerca do primeiro e principal architecto da obra, se o benemerito auctor do *Summario,* que no citado tomo III, pag. 16 e 17, se esforça por combater com attendiveis rasões a opinião de principio aventada pelo sr. Varnhagen, que mostrára inclinar-se a considerar como primeiro architecto João Castilho (asturiano e não portuguez, como outros têem julgado) tivesse tambem consultado o artigo

supradito no *Panorama* de 1843, conheceria para logo a inutilidade da sua impugnação, vendo que o proprio sr. Varnhagen rectificára desde muito aquelle errado juizo[1] á luz de novos documentos por elle examinados no Archivo Nacional; taes que o obrigaram a transferir a paternidade supposta de João Castilho para o italiano Boitaca, ou Boytaqua, o mesmo que por aquelles tempos figura tambem de um modo honroso nas obras da Batalha, e cujo nome adulterado tem dado talvez origem a outros erros.



Como advertimos acima, terminadas que sejam as obras da restauração emprehendida e não pouco adiantada, a igreja, e mais ainda o resto do edificio, farão considerabilissima differença comparados ao que eram ante-

[1] Note-se, pois vem a proposito, que o sr. Ribeiro Guimarães tornaria por outra parte mais peremptorio o seu argumento se attentasse em que João Castilho fallecera não pelos annos de 1560, como se presumia, mas precisamente a 30 de agosto de 1581, a ser exacto, como devemos suppôr, o que sobre este ponto affirma o sr. visconde de Castilho (Julio) nas notas ao drama *Camões* de seu illustre pae, tom. III da edição de 1864, a pag. 23.

riormente. Procurar-se-hão debalde algumas partes que n'elle figuravam. Acham-se já demolidos, e de todo desappareceram, o antigo vestibulo e seu portico, a sala chamada dos reis, e todas as mais excrescencias que occultavam pelo lado do poente a face primitivamente destinada para ser a principal do templo. Mutilada barbaramente por aquellas construcções informes, acha-se hoje a descoberto, posto que em estado lamentavel, e com ella o formoso portal, cujo desenho vimos ha pouco reproduzido no n.º 5 das *Artes e Letras*.

A torre dos sinos e relogio, que nunca chegara a concluir-se, obteve d'esta vez o seu acabamento final. Cumpre porém confessar, e seja dito com magoa, que esse acabamento ha sido por entendidos olhado com desprazer, como sendo na parte já restaurada a mais infeliz, e afora outros defeitos que se lhe notam, a que menos se conforma com o risco primordial, destoando inteiramente do estylo manuelino, ao passo que mais se aproxima do typo chamado gothico-italiano.

O antigo dormitorio, inda agora em reconstrucção, porém já separado inteiramente do templo pela demolição do corpo intermedio que os ligava, será depois de completo uma das obras mais notaveis da restauração, e á qual não poderá faltar o louvor merecido. As interessantes e bem pensadas modificações ahi introduzidas honram o gosto e intelligencia do artista, e melhoraram sobremaneira a traça dos primeiros architectores.

Ao corpo, inteiramente novo, que occupa a parte central na fachada d'esta vasta edificação, e na qual um magestoso e elegantissimo portico ficará sendo a entrada principal da Casa Pia, seguem-se para um e outro lado vinte e quatro arcos, que é para desejar se vejam em breve desafrontados dos deformes tapumes de alvenaria, que ainda encobrem os vãos de quasi todos. Ficam estes arcos separados entre si por botaréos ou gigantes, que se erguem a toda a altura do edificio, e são rematados por nacellas estriadas em espiral, havendo sobre cada arco uma janella. Estas são todas, segundo a linguagem technica, de volta inteira; porém as que ficam mais proximas do portico ou dos angulos do edificio excedem ás outras em ornatos, e tem cada uma seu arco concentrico, sustido por columnelos intermediarios.

Avultam nos quatro angulos outros tantos torreões quadrangulares, que offerecem tal qual similhança com os minaretes arabes, e são rematados por cupulas pyramidaes, tudo de magnifico effeito. Por cima, em toda a extensão do edificio, e por entre as nacellas que rematam os botaréos, corre uma platibanda ou peitoril, aberta em cruzes da ordem de Christo, ornato que passou da velha para a nova edificação.

A gravura que nos deu o thema para o presente artigo representa a face que fica voltada para o poente, com os seus dois torreões; quasi identica á que se lhe oppõe pelo lado do nascente, e ambas já concluidas á satisfação dos apreciadores que têem voto na materia.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

LEIRIA

X

(Conclusão)



A fabrica de resinagem, que completa a antiga fabrica, que só produz pez, alcatrão e agua raz, teve o seu principio em 1858, e deve-se á perseverança e força de vontade de um prestantissimo empregado, o sr. Bernardino José Gomes. Trabalha por conta do estado e é dependente da administração geral das matas. A elaboração da gemma ou resina liquida do pinheiro, que já em 1868 se elevava a mais de 100:000 kilogrammas, augmenta de dia para dia os seus productos, que são terebinthina, essencia de terebinthina e resina amarella, e promette attingir maiores proporções dentro em poucos annos. Estes productos, que já têem grande estimação entre os industriaes, e que foram premiados na exposição de Londres, são superiores em qualidade a identicos de industria franceza. Assim os considerou mr. Dives, distincto chimico do Mont de Marsan, quando disse que os de Veneza e Chio não eram mais bellos, e confirma-o mr. Charles Detroyat (de Bayona) quando, comparando-os com os da França, escreve: *É penoso confessá-lo, mas não podêmos competir com os productos de Portugal, porque são o melhor que se póde encontrar n'este genero.*

XI

Fallámos das suas industrias e da sua importancia agricola, fallemos dos seus meios de instrucção e beneficencia.

O concelho de Leiria, que em 1852 tinha apenas 5 escolas primarias, tem agora 14 para o sexo masculino, e ultimamente foram creadas mais duas. No anno de 1872 matricularam-se 538 alumnos.

Nas duas casas religiosas para a educação do sexo feminino matricularam-se:

No recolhimento de Santo Estevão	68 educandas
No convento de Sant'Anna	111 »
Total	179 »

No lyceu, no anno lectivo findo matricularam-se nas differentes aulas 45 estudantes. Do seminario diocesano não temos a nota.

O movimento do hospital civil de Leiria no anno de 1872 foi o seguinte:

Entraram durante o anno 674 doentes, tinham ficado do anno antecedente 36, saíram 610 e falleceram 59.

Rendimento real recebido	3:675$964
Rendimento accidental	219$505
Total	3:895$469
Despeza	3:852$594
Fundo a produzir rendimento	58:750$045

O concelho tem tres monte pios, o *Leiriense*, o da *Marinha Grande* e o de *Nossa Senhora da Encarnação*. O *Leiriense*, que foi fundado no 1.º de janeiro de 1854, contava no ultimo de dezembro de 1872, 200 associados do sexo masculino, 60 do feminino e tinha de fundo permanente a render na mesma epoca 2:793$040 réis.

O monte pio da *Marinha Grande*, composto na sua maior parte de operarios da fabrica e fundado em 3 de dezembro de 1870, contava em 31 de dezembro de 1872, 212 socios e 93 socias, total 305, e tinha de fundo permanente a render 770$073 réis. A empreza da fabrica auxilia-o com a verba de 30$000 réis annuaes.

O monte pio de *Nossa Senhora da Encarnação*, fundado no 1.º de julho do 1872, tambem com a séde em Leiria, tinha já em 31 de agosto de 1873, 389 socios e um capital de 680$000 réis mutuado por escripturas publicas.

Resumo. Têem os tres monte pios, dos quaes um é modernissimo, 995 associados, com o fundo de 4:243$113 réis. Ha dezenove annos havia um só monte pio e começára com 49 socios. Estes algarismos são eloquentissimos, provam que as classes operarias se vão convencendo pela experiencia da efficacia d'estas uteis instituições.

Terminâmos aqui a noticia porque não queremos abusar das paginas do jornal *Artes e letras* dedicadas a materias menos aridas. Leiria está hoje cortada de estradas. As suas diligencias podem rodar para Coimbra, para as Caldas, para Chão de Maçãs, para a Figueira dentro em pouco, para a Marinha, e até para algumas das freguezias ruraes em estradas de 3.ª ordem; está ligada ao caminho de ferro do norte por duas estações — Pombal e Chão de Maçãs; tem um caminho americano da Marinha a S. Martinho, o primeiró que em Portugal se construiu, e falla-se que vae ser o centro de outro, que partindo da estação do Entroncamento se dirigirá por Villa Nova de Ourem á Batalha, a Alcobaça e ás Caldas da Rainha. Não sabemos se a sua industria mineira está morta de vez, nem se o alto forno para a fundição de ferro que em 6 de março de 1866 se inaugurou em Pedreanes, nas proximidades da grande floresta, e ao qual se prognosticaram tão altos destinos, tornará a trabalhar; mas com os elementos que acabâmos de descrever, seremos nós os ultimos a não acreditar nas prosperidades que no futuro lhe estão guardadas.

Ha em Leiria, escreveu mr. de Grouchy, subterraneos cuja entrada ainda se vê tapada a pedra e cal no largo do Paço do Bispo *(Place de l'Évêché)*. São tres as aberturas que vão dar a ella, mas diz a tradição que no fundo d'uma está fechada a *peste*, no fundo d'outra a *fome*, e no fundo da terceira *grandes thesouros*. O escriptor accrescenta: «O medo, junto á incerteza supersticiosa é tal, que não se encontrará um operario que se preste a empregar o seu camartello para a abertura do subterraneo».

Trabalhem todos os seus filhos, possuam-se de zêlo e boa vontade os que têem a missão de os dirigir e governar, aproveitem todos os meios que a natureza tão liberalmente lhes prodigalisou, e os seus netos, mesmo sem desobstruir o subterraneo, expondo-se á peste e á fome, terão encontrado os thesouros da lenda.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

CHRONICA DO MEZ

N'ESTE numero da nossa revista posso, felizmente, dar algumas noticias sobre importantes trabalhos de bellas artes executados ultimamente em Portugal. Poucas vezes me succede ter este prazer, porque, devido mais á desanimação do mercado do que á boa vontade e talento dos artistas portuguezes, nem sempre apparecem obras que mereçam a pena de mencionar-se.

O sr. Simões, esculptor notavel e já sufficientemente conhecido dos leitores d'esta publicação, concluiu uma estatua em marmore que lhe fôra encommendada pelo commerciante d'esta capital, o sr. Pacheco. Representa a celebre poetisa de Lesbos — Sapho, e é um trabalho primoroso como composição, sentimento e execução.

A *decima musa*, como lhe chamavam os antigos, está figurada a caminhar, segurando com a mão esquerda a lyra. No olhar meditativo e na fronte cheia de expressão, percebem-se os lampejos d'aquelle poderoso talento, tão celebrado e estimado pela facilidade e enthusiasmo dos seus explendidos versos, dos quaes apenas alguns fragmentos chegaram a nossos dias.

Tanto as carnes como as roupas e accessorios, estão acabados com a delicadeza e esmero que emprega nas suas producções mais queridas, o artista de consciencia e talento.

É pois esta uma esculptura delineada e concluida com verdadeiro amor. Não é trabalho de commercio, dos que os artistas fazem muitas vezes com o intuito unico de tirarem algum interesse pecuniario. A beneficio do esculptor que talhou no marmore aquella suave figura, reverteu, primeiro que tudo, um bom quinhão de gloria, remuneração que é para o sr. Simões, como para os que professam do coração as artes nobres, a melhor que se póde obter.

O sr. Simões tem outros diversos trabalhos importantes entre mãos, sendo os principaes dois magnificos bustos em marmore dos srs. visconde e viscondessa de Condeixa, quasi concluidos; um busto do sr. visconde de Pelotas, muito adiantado, e outro do sr. visconde de Inhauma ainda em começo.

As esculpturas d'este notavel artista têem tido o melhor acolhimento em o nosso paiz, que não é, diga-se a verdade, dos que mais protecção dispensam aos homens estudiosos e de merecimento.

São tambem dignas de especial attenção e muito procuradas pelos amadores, as pequenas esculpturas em pedra fina, denominadas camafeos, em que o sr. Simões é habilissimo.

Tive occasião de vêr uma obra artistica do sr. Cyfka, distincto amador e notavel colleccionador de bellas artes, estabelecido ha muitos annos em Lisboa, obra que faz honra ao auctor. É um grande prato de louça, tendo pintado ao centro uma allegoria que representa a entrega da regencia do sr. D. Fernando, ao rei D. Pedro V.

O regente cede a seu filho o leme da nau do estado, na qual se vê occupando logar distincto a figura symbolica de Portugal. Quatro Virtudes remam a força de braços, fazendo com que a nau sulque as aguas, d'onde surgem nymphas, tritões e o Tejo. Uma das nymphas offerece um collar de perolas ao rei.

A composição do quadro é agradavel e o desenho se não está executado com rigorosa correcção artistica, tem bastante merito para ser feito por um amador.

O sr. Cyfka possue uma valiosa collecção de quadros, e, por ventura, a mais completa collecção de gravuras que ha em Portugal. De entre os quadros que vi, citarei como os que mais me surprehenderam, uma Nossa Senhora, preciosissima tela de Sequeira, uma Judith, excellente quadro de Murillo, e uma composição figurando Loth e as filhas, que o sr. Cyfka attribue a Ticiano.

Das gravuras, prendeu-me especialmente a attenção, um magnifico album de decorações scenicas, gravadas e coloridas pelo fallecido scenographo italiano Alexandre Sanquirico, o mestre dos notaveis pintores de theatro, quasi nacionalisados portuguezes, os srs. Rambois e Cinnatti.

Este album, cujos exemplares nunca foram postos á venda, mas sim distribuidos pelos principaes soberanos da Europa e pelos mais intimos amigos do auctor, é um objecto raro, curiosissimo e que serve de agradavel entretenimento até aos profanos, condição a que nem sempre satisfazem os objectos de arte menos vulgares.

São poucas as publicações litterarias que tenho a registar n'esta chronica.

Do sr. Alberto Pimentel, escriptor portuense de muita valia, recebi um pequeno poema denominado *Lyrios*, que a actriz Emilia Adelaide recitou no theatro de S. João, em a noite do seu beneficio.

O poema é todo em alexandrinos e tem estrophes formosissimas. Termina por uma judiciosa asserção, enunciada com elegancia e propriedade, mormente sendo proferida por quem percorre com distincção a vereda da arte:

> Sêde justos, olhae que da gloria os caminhos
> Têem arcos triumphaes e tapete d'espinhos.

Do sr. Francisco Xavier da Silva tambem recebi mais um livro, intitulado *Contos portuguezes*. É obra dedicada pelo auctor á invicta cidade do Porto. Como se vê do titulo, contém o volume diversas e variadas narrações escriptas em linguagem facil e com sabor portuguez. Chamam-se: *A pobre Chica*, *O barbeiro da rua dos Canos*, *O filho da Maria Gorda*, *O pae da vida* e *Como se mudam as scenas*. É livro popular que merece ser lido.

Tambem recebi do sr. A. Henriques da Silva, de Vizeu, um *Sermão de Santo Antonio*, publicado pelo auctor em consequencia de não o ter podido recitar do pulpito, visto que, segundo se infere das palavras que precedem a oração, o bispo da diocese pôz duvida em deixar prégar na Sé um minorista.

Não querendo entrar na apreciação do facto, que pouco a proposito viria n'esta publicação, e julgando-me tambem dispensado de avaliar o alcance de certas liberdades tomadas pelo auctor, afastando-se um pouco das fórmas consagradas para trabalhos d'aquella ordem, limitar-me-hei a dizer que da leitura que fiz do folheto, me pareceu que o sr. A. Henriques da Silva é moço de bastante talento, possuidor de estimaveis dotes que o tornarão, de certo, se continuar estudando, um escriptor distincto e por ventura um orador notavel.

Estão em ferias os theatros. Apenas o Gymnasio depois da digressão que a sua companhia fez ao Porto, abriu as portas convidando o publico a ouvir as melhores peças do antigo reportorio, e offerecendo-lhe uma diversão quasi nova em Lisboa. Consiste ella em concertos dados por meninos campanologos.

Ha annos esteve na capital uma companhia de escocezes que

chamou a attenção publica, pela maneira brilhante com que executava, servindo-se de afinadas campainhas, as melhores peças de musica conhecidas. Todos os artistas d'aquella notavel *troupe*, eram, porém, adultos. N'esta companhia, não; os artistas são creanças, a mais velha das quaes terá dez annos e a mais nova dois.

Os infelizes, que, logo nos primeiros annos da vida, quando outros da sua idade só pensam em brincar e divertir-se, são obrigados a ganhar o pão de cada dia, tocam afinada e correctamente diversos trechos, não se enganando nunca e mostrando até vivo interesse pelo bom desempenho do seu trabalho artistico.

O mais pequeno tropeça no tapete da scena, quando entra ou saë, e precisa que o assentem na cadeira ao pé da mesa onde estão os seus instrumentosinhos. Pois hão de vel-o quando toca; sempre com a maior attenção nos movimentos dos irmãos, logo que lhe cábe a vez, agita as campainhas que lhe pertencem, grave e consciencioso, como qualquer instrumentista já careca ou de cabellos brancos, assopraria o seu instrumento, no meio de uma orchestra afamada.

O publico das platéas e dos camarotes ri-se e commove-se com a gentil creança, e, como não póde beijal-a e aos irmãos, applaude a todos freneticamente, chamando-os repetidas vezes ao proscenio, sem se lembrar de que todo o tempo que demora os innocentes sobre aquellas taboas, são minutos de somno que lhes rouba.

RANGEL DE LIMA.



DIVERSAS NOTICIAS

—— Um dos mais antigos quadros de Murillo foi vendido em Londres, no dia 11, em hasta publica. Representa Santo Antonio de Padua adorando o Menino. É o original da famosa gravura em aço que démos em o nosso numero anterior. Diz-se que o famoso painel pertenceu á igreja dos Capuchinhos de Cadix. Depois de animada luta, a obra foi adjudicada ao sr. Cox, de Pall-Mall, pelo preço de 1:200 guinéos (5:400$000 réis).

—— O Shah comprou em Londres, quando visitou a exposição internacional, doze quadros na importancia de 37:500 francos (6:750$000 réis). Eis a lista das obras de arte que vão talvez já em caminho de Teheran. *Nascer do sol n'uma floresta da America*, por A. Wiist, 8:000 fr.; a *Aldeia do Meiningen*, por Fr. Roffiaen, 7:750 fr.; o *Castello de cartas*, por F. Gerard, 1:500 fr.; o *Passeio*, por J. Gerard, 2:000 fr.; as *Cabras*, por A. Plumot, 3:500 fr.; a *Tarde*, por C. Gabriel; o *Philtro*, por Verhoeven-Bal, 3:500 fr.; *Logar na campina*, por Kœlhof; o *Escravo*, por Bouvier, 1:000 fr.; *Rebanho suisso*, por E. Ryland; *Dormideiras*, por Asselberg, 1:125 fr.; a *Praia de Zuydcote*, por Muzin, 3:500 fr. Outros quadros compraria o soberano se não estivessem já vendidos. Entre elles, cita-se uma tela de Guffens, representando a *Recepção da primeira embaixada persa por Margarida de Austria, em Anvers*, que o Shah examinou com grande attenção, mostrando desejos de a comprar.

—— Registam os periodicos estrangeiros a morte do conhecido retratista allemão Francisco Xavier Winterhalter; do desenhador francez Carlos Colin, que illustrou as edições do Beranger e de Musset; do desenhador francez Longin; do artista belga, conhecido pelo decano da escola de Anvers J. J. Van Regemortel; do gravador francez Roberto Mitchell; do esculptor allemão Potsch; do pintor allemão Mühlig; do professor prussiano Schulz; do antiquario e illuminador Henrique Shaw; do conselheiro Alberto Von Zahn, auctor de diversas obras sobre artes; do esculptor americano Hiram Powers; do eminente gravador allemão José Von Keller e do pintor francez Arnaldo Scheffer, sobrinho de Ary Scheffer e cunhado de Renan. Vae má a quadra para os artistas.

—— De um extracto do catalogo official da exposição de bellas artes em Vienna, vê-se que os Estados Unidos expozeram 15 quadros, o Brazil 1, a França 1:537 quadros, esculpturas e objectos de arte, a Suissa 198, a Italia 625, o Monaco 3, a Suecia 45, a Norwega 71, a Dinamarca 101, a Hollanda 167, a Belgica 296, a Austria 811, a Hungria 155, a Russia 437, a Grecia 37, a Turquia 7, a China 2, a Inglaterra 203 e a Allemanha 735.

—— O museu do Louvre fez ultimamente acquisição de um quadro de Gentile da Fabriano representando uma Nossa Senhora assentada com o Menino ao collo, recebendo a adoração de um devoto. O quadro está exposto na grande galeria. N'elle se nota uma transição curiosa do estylo do seculo XIV para o do XV. O fundo da paizagem e a cabeça da Senhora accusam já os progressos feitos pela arte procurando emancipar-se, ao passo que as fórmas da Virgem e as do devoto, estão ainda tratadas com a dureza tradicional dos pintores da idade média.

—— O sr. Cottenot, ha pouco fallecido, deixou um importante legado ao museu francez, chamado de Cluny. Consiste n'uma collecção numerosissima de objectos de arte, mobilia e armas. O museu já está de posse de parte da collecção, e principalmente das armas orientaes, que são de grande interesse tanto pelo ponto de vista da arte, como pela riqueza dos seus ornamentos.

—— Belfort prepara-se para festejar a retirada da guarnição prussiana. Inaugurar-se-ha, por essa occasião, um leão colossal, collocado sobre a muralha da cidade. O leão é feito pelo esculptor alsaciano Bartholdi e tem a enorme dimensão de 6 metros.

—— O sr. Aldama encommendou ao pintor francez Adriano Dauzats quatro quadros, cujos assumptos seriam tirados das *Mil e uma noites*. O preço de cada quadro era de 2:000 francos, recebendo o artista 1:000 francos depois de esboçado o quadro, e os outros 1:000 quando concluido. Adriano Dauzats começa o primeiro quadro que representa *Simbad, o maritimo*, cobra 1:000 francos, mas tem a infelicidade de fallecer antes de concluir a obra. O sr. Aldama reclama o quadro, prestando-se a pagar os 1:000 francos ajustados, como se elle estivesse concluido. O irmão e universal herdeiro do pintor recusa-se, porém, a ceder-lh'o, dizendo que o respeito pela memoria de um artista não consente em que se entregue uma obra por acabar. O tribunal, aonde o caso é levado, resolve que o herdeiro não podia recusar-se a entregar um objecto vendido; que não lhe é licito discutir se o quadro está concluido ou não, porque o comprador contenta-se com elle como está; que este motivo, emfim, não colhe, porque o herdeiro apresentára o quadro em exposição publica. O irmão de A. Dauzats é condemnado a entregar a obra recebendo 1:000 francos, ou a pagar 3:000 francos de perdas e damnos.



1967 — Imprensa Nacional — 1873



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

O PRÉGADOR

Quadro de Gustavo Sus

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



Lisboa—Agosto de 1873

O PRÉGADOR

QUADRO DE GUSTAVO SUS



ROVAVELMENTE o *prégador* de Sus é o seu philosopho embryonario, que ao saír do ovo volveu atraz as vistas, pondo-se a mirar a casca partida que lhe fôra gasalho, com a grave curiosidade d'um Darwin da sua especie. Aquella *primeira reflexão* dava esperanças! A nascença reflectia: agora, medrado, feito pela experiencia da capoeira, falla, disserta, *préga*, e deve ter sido mais facil a Sus entender-lhe a voz, do que prescrutar-lhe o pensamento.

«No tempo em que os animaes fallavam» costuma dizer-se de tempos fabulosos. Pois fallam, perguntem a Landseer. Gustavo Sus tambem é dos que o asseveram, sem ser La Fontaine. Fallam, ao menos, com a *expressão,* que traduzem os celebres animalistas, que por traduzil-a são celebres. A arte, porém, gastou seculos a comprehendel-a. O animal para ella era uma *fórma;* não queria dar-lhe *vida,* negava-lhe a *alma,* só o acceitava para accessorio ou symbolo, degradava-o, e assim lisongeava o orgulho do *homo sapiens,* a quem, a despeito da sapiencia, sempre a *besta* inspirou uma certa emulação. Isto não é um paradoxo, é uma verdade, cujos documentos andam por ahi espalhados nas metaphysicas.

Foi necessario toda uma revolução nas idéas, uma revolução pantheista, dirão os philosophantes, para que a animalidade subalterna merecesse ser contemplada pela arte, como uma das portentosas manifestações da natureza mãe. Começou a nobilitar-se figurando na *paizagem,* para lhe dar movimento e vida, mas como um elemento de composição. Depois chegou a ser um assumpto, formou como um genero de pintura, mas ainda então, mas ainda hoje, são afamados, por excepcionaes, os artistas que consideram e fixam na tela o animal, não como materia bruta, mas como materia animada pela vida de instinctos, por uma *alma* rudimentar, que se lhe lê na *expressão.*

Sus é um d'estes physiologistas dos animaes. Dos seus quadros áquelles, em que o pinto prégador só figuraria reduzido ao estado de *natureza morta* pelos sicarios da culinaria, ou mesmo a esses, em que a arte, caída no processo, se esmera em representar os filamentos do pello ou a rama das pennas, parando extasiada deante d'este *tour de force,* ha uma distancia que estheticamente lembra a que vae d'um marmore esculpido por Miguel Angelo ao Jupiter de Phidias, ou a um qualquer Pharaon talhado pelo escopro egypcio. O homem tambem já foi meramente uma fórma para a esculptura e para a pintura, como ainda é hoje o animal para o commum dos artistas; foi a Grecia que lhe deu alma, e Praxiteles pôde ser celebrado por Calistrato porque em suas mãos o «bronze animou-se e fez-se carne» como Lysippo o foi por Propercio, por *animosa effingere signa.*

O objecto do pintor animalista deve ser a *vida* e não sómente a structura animal. Landseer e Sus são bons exemplos. E não se revolte nenhum critico, em nome do realismo ou de qualquer theoria artistica, contra as reflexões e as prégações dos pintores, porque a convenção de analogia que nos titulos causa estranheza, não prejudica a verdade natural dos quadros, que por elles se inscrevem.

A. ENNES.

AS BELLAS ARTES NA EXPOSIÇÃO DE VIENNA DE AUSTRIA



ARA satisfazer a curiosidade dos leitores, que certamente desejariam encontrar n'estas paginas algumas noticias ácerca do movimento artistico em Vienna, durante a exposição universal, colligimos de cartas particulares e de varias folhas, que se occuparam mais ou menos detidamente d'este importantissimo assumpto, as informações que vão lêr-se.

I

Para quem não conhece o estado das diversas escolas de pintura moderna na Europa, seria difficil verificar-lhes o progresso unicamente pelo estudo das obras contemporaneas mandadas para a exposição de Vienna.

A Gran-Bretanha, por exemplo, n'este certamen da arte europea, parece que renunciou o concurso, pois vimos que pediu apenas uma sala para a pintura a oleo e outra para as aguarellas e para a esculptura. É verdade que a sua exposição annual de bellas artes coincidia, como a de França, com a abertura da exposição de Vienna, e esta circumstancia sem duvida contribuiu para que diminuisse ali o numero das obras inglezas.

Sem entrar na apreciação das tendencias dos artistas, que ora representam a pintura na Gran-Bretanha, póde-se todavia indicar, pelo geral, o caminho que segue a escola. Os pintores inglezes, que se julgam classicos, tratam de assumptos antigos ou vão inspirar-se na my-

thologia, na allegoria ou na representação das scenas descriptas pelos poetas nacionaes. Os demais artistas querem transplantar a vida real, e, como o novellista Dickens, pela accumulação de pormenores bem observados, pela expressão de um sentimento verdadeiro, ora poetico, ora comico ou grutesco, conseguem agradar ao publico que principalmente exige da arte a reproducção das scenas de todos os dias. E assim estes, como verdadeiros artistas, dominam tudo: a vida dos campos, a vida do mar, as elegancias mundanas e as miserias do pauperismo inglez, onde os francezes só encontram dramas e os seus vizinhos de além-Mancha soberbas elegias.

Ha na Inglaterra um artista, o sr. Millais, ao qual póde applicar-se esta facilidade e este gosto. Á popularidade justissima de que gosa, junta elle o ser moço, rico, illustre e laureado. Atreve-se a tudo. Passa da historia á phantasia, da paizagem ao retrato, do drama á elegia, do naturalismo ao idealismo. Faz o que vê, o que sente, o que quer, interessa-se em tudo, nada o desanima, as idéas ou as phantasias que outro repelliria como indignas da arte, elle aproveita-as habilmente. Interpreta Moore ou Byron, Walter Scott ou Shakespeare, e sabe oppôr ao encantador retrato de uma dama da aristocracia ingleza, traçado com perfeição notavel, um retrato masculino, o medico Paget, ou o engenheiro Fawler, acabado por um processo tal, que dá vontade de indagar se o artista renunciou o emprego do pincel para o substituir pela espatula.

Ha, ao par d'isto, pintores da vida intima e animalistas que estão certos de agradar aos inglezes, porque lhes representam as scenas familiares ou o episodio da vida dos animaes que os habitantes da Gran-Bretanha estimam com predilecção. Como ha no temperamento e na indole dos inglezes certa excentricidade e extravagancia, a arte traduz repetidas vezes esta extravagancia.

A escola, considerada no todo, não póde, apesar do orgulho britannico, aspirar todavia a figurar com os homens como Reynolds, Lawrence, Gainsborough, Constable, Furnes, etc.; a superioridade dos inglezes exerce-se em outra esphera, mas demonstra absolutamente as tendencias, os costumes e o caracter do paiz. O estrangeiro, que entrar em qualquer exposição de bellas artes, e examinar os quadros de diversas procedencias, conhecerá logo, pelo caracter eminentemente nacional, os que vieram de Inglaterra.

II

Em Vienna de Austria, se não fôra a iniciativa de alguns amadores e altos personagens, que mandaram para ali muitos quadros que possuiam, dir-se-hia que a Gran-Bretanha renunciára o concurso. A rainha Victoria mandou a famosa *Praia de Brighton,* que póde estar ao par do seu *Derby,* e onde a observação engenhosa e as intenções comicas chegam muitas vezes á caricatura.

O velho Landseer, artista de primeira plana, do qual as *Artes e Letras* já deram um lindissimo quadro[1], mandou o seu retrato, que representou de frente, no acto de começar um desenho e cercado pelos seus cães. O *Santuario,* uma das mais celebres composições d'este artista, tão popularisado pela gravura, tambem se vê em Vienna ao lado de uma reunião de caçadores, do presidente da academia, Francis Grant, que n'esta tela conseguiu apresentar os retratos da aristocracia ingleza.

Faed, o pintor sentimental, apresentou dois quadros, a *Partida* e *No cemiterio,* composição que já figurára em 1872 na exposição da academia de Londres.

Millais tem ali duas telas que parece não darem perfeita idéa do seu grande talento; no entretanto, uma d'ellas, o retrato de Ninah Lehman, é obra original. Leighton, Watts, Calderon, Walker, este ultimo tão distincto, ou não estão representados ou mandaram obras escolhidas ao acaso e sem premeditação. Erskine Nicol, com os seus assumptos sympathicos e agradavel execução, alcançou certo resultado.

A sala das aguarellas é tambem muito limitada, e, como a outra, só é composta, para assim dize-lo, de obras enviadas pelos proprietarios, que quizeram dar-lhes assim maior valor apresentando-as em Vienna, tornando ao mesmo tempo mais saliente o certamen. Dava-se igualmente a occasião de admirar as aguarellas tão estimadas do sr. John Gilbert, occasião rarissima, porque todos os trabalhos primorosos d'este artista só podem encontrar-se nas galerias reaes ou nas de particulares abastados, e não sáem de lá por preço algum. A *Batalha de Naseby* e *Luiz XIV reunindo o conselho em casa da senhora de Maintenon,* são realmente dignas de menção.

Read, Pinwel, David Roberts, com as suas vistas de monumentos de notavel exactidão; Walker, com uma pequena composição engenhosa, a *Horta,* e outra scena mais importante e de verdadeira poesia, que pertence ao sr. Frederico Sheman, revelam certa uniformidade que de certo não parece de importancia para a Inglaterra, onde o movimento da producção artistica é desenvolvido, mas onde, a fallar verdade, as obras se consomem nos locaes em que se produzem, e onde os artistas não têem verdadeiro interesse em arriscar-se a uma exposição longinqua.

III

A exposição da Suissa não está nas mesmas condições. Exceptuando alguns artistas, á frente dos quaes se via o sr. Calame, que reproduzem os gelos e as paizagens caracteristicas do paiz, a escola não offerece uma particularidade notavel. A maior parte dos pintores suissos produz no estrangeiro; uns fazem da França sua segunda patria, e outros vivem e estudam em Roma. No entretanto, o conjuncto das obras expostas tem interesse, e, guardada a proporção, o esforço foi de certo maior do que podia esperar-se. E estes artistas, que residem e produzem no estrangeiro, e ali são muito apreciados, tinham comtudo em Vienna o seu logar sob a protecção da confederação helvetica.

D'este modo, os srs. Anker, com as suas scenas da idade media, Vautier com o *Enterro* que figurou na exposição de Paris, Karl Bodmer, com os seus desenhos naturalistas, os effeitos do outono nas florestas e os seus animaes; e a propria duqueza Colonna com o seu busto de Bianca Capello, figuram ali, depois de terem constantemente produzido no meio parisiense, á sombra da bandeira suissa.

IV

A Hollanda occupa um espaço limitado; mas tem na exposição de Vienna um resto de gloriosa tradição, e realçam ali certos nomes que é preciso conservar como de artistas distinctos e que sustentam brilhantemente a fama de uma escola que se considera na Europa como inteiramente fóra do seu caminho e em plena decadencia. O sr. Notley mandou retratos bem acabados; o sr. Israels, muito conhecido em Paris; o sr. Artz; o sr. Bisschop, que não falta nunca a uma exposição do palacio da industria; o sr. Teukate; o sr. Henker e o sr. Maris, gracioso colorista, parece que são os que mais prendem a attenção dos visitantes.

[1] Vide *O Veado*, pag. 40 d'este tomo II.

V

A Belgica merece mais serio estudo. Encontra-se harmonia nas suas obras e conhece-se bem o movimento artistico d'esta pequena e briosa nação. Os artistas belgas conservam a sua individualidade, mas podem em breve confundir-se na escola franceza, attendendo á assiduidade com que vão a França e ao bom acolhimento em que ali têem as suas obras.

Para os que seguem com predilecção as exposições de Paris, não ha talvez um só nome belga, que não se considere tanto como os dos artistas francezes. O sr. Gallait que em outro tempo chamava a attenção por causa das suas scenas historicas, parece ter-se retirado da lucta. O sr. Alfredo Stevens, pelo contrario, com o ardor da mocidade que se lhe reconhece, mandou talvez uns dezeseis quadros á esposição. Muitos d'estes trabalhos são conhecidos e os mais modernos não revelam comtudo grande progresso. O sr. Stevens tem uma certa indecisão que póde prejudicá-lo.

O sr. Willems, mui apreciado em França, mandou cinco quadros, que denunciavam grandes qualidades artisticas. O sr. Willems, occupa um primeiro logar entre os seus collegas belgas. O sr. Clays apresentou boas marinhas. O sr. Robby mandou flôres. O sr. Jonghe conservou-se nos seus assumptos favoritos, que se popularisam pela gravura. O sr. Smitz enviou o seu notavel quadro *Monte Pincio*, tão admirado pelos artistas e amadores. O sr. Madou apresentou scenas de interior; o sr. Haas, animaes formosamente pintados; o sr. Lagye, scenas archaicas, e o sr. José Stevens, um quadro de cães.

O sr. Baugniet não mandou quadro algum; mas, na sala reservada ás telas de maiores dimensões, appareceu com uma obra magnifica o sr. Wirtz, que é sem duvida o artista mais popular da Belgica. Ali se via uma especie de reminiscencia do *Juizo final* de Miguel Angelo, executado em proporções colossaes. Este quadro não podia deixar de chamar a attenção dos visitantes, mas nada accrescentava ás bellezas da escola belga, pois que nas telas de menor dimensão é que mais sobresaia a personalidade dos seus pintores.

O quadro apocalyptico do sr. Wirtz, que já deu o seu glorioso nome a uma grande instituição artistica, lembra não só o *Juizo final* da capella Sixtina, mas tambem o *Diluvio* de Girodet.

(Continua.) B. A.

O DESPOTA E O POETA

ESTUDO LITTERARIO

DE

EMILIO CASTELLAR

(Conclusão)

DANTHES, official dos guardas, era o rival preferido. Correu o poeta a sua casa, mostrou-lhe as cartas, e exigiu logo um desaggravo, uma reparação. Danthes, para dissuadil-o, pediu-lhe a mão de sua cunhada, da irmã primogenita da esposa de Pouchkine. Verificou-se o matrimonio; porém nasceram novas suspeitas.

Em tal situação, o poeta injuriou publicamente o seu cunhado, e o cunhado não teve outro remedio senão acceitar um duello.

Terrivel tragedia! Dois homens, unidos por tantos laços, casados com duas irmãs, que deviam sentir ao mesmo tempo entre si e contra si mutuos zelos, íam matar-se ou morrer. Um d'elles arrastava do sepulchro uma existencia cheia de prazeres; o outro uma existencia mallograda por ter faltado á vocação do seu genio.

Ambos, antes de se matarem, levavam o que quer que fosse morto e corrupto nas suas respectivas almas.

Verificou-se o duello no espesso bosque nas visinhanças de S. Petersburgo.

Danthes disparou primeiro. Pouchkine foi mortalmente ferido. Nas ancias da morte, com o véo da eternidade ante os olhos, sentindo partir-se-lhe o peito no estertor da agonia despedaçadora, apertou febrilmente a pistola e disparou-a sobre o seu inimigo. Ferido Danthes na espinhela esquerda, caíu morto.

O poeta, julgando-o morto, arremessou-lhe a pistola á cabeça e disse:

—Pensei que me alegraria mais a morte d'esse homem!

Na realidade, não havia outro morto senão elle. Começou uma longa, penosissima agonia, logo que o depositaram no leito. A familia, que deshonrára, cercava-o angustiada, e o povo, que offendêra, pedia noticias do seu poeta nacional.

Só um homem, frio como o ferro, impassivel como o destino, vagava em torno d'aquelle triste leito de agonia, para acabar de extinguir alguma coisa maior que a vida material, para acabar de extinguir as obras do genio que tinha corrompido. Este homem era o imperador.

Podia o poeta ter escripto, além, na solidão do seu gabinete, no segredo da sua consciencia, quando o espectro de uma vida mallograda lhe apparecesse aos olhos febris, quando o torcedor do genio lhe exigisse com imperio e com remorsos alguma verdade salutar, podia entregar em tercetos, em estancias immortaes, o tyranno ao castigo irreparavel de uma execração eterna na posteridade. Era indispensavel arrancar este ultimo florão á sua corôa, este ultimo pedaço á sua alma.

O imperador mandou-lhe um emissario encarregado de pedir-lhe todos os seus papeis em troca do pagamento das suas dividas e da designação de uma pensão a sua mulher e a seus filhos. O poeta firmou este contracto á borda escura da eternidade.

Era pela madrugada de 2 de janeiro de 1838 quando expirou.

N'esse momento não pôde contemplar, não, com os olhos serenos, a posteridade, nem dizer que tinha cumprido fielmente com o exercicio do seu genio.

Deixava entre as garras do despotismo a sua immortalidade feita em estilhas e a sua gloria tão escorregadia como o pó do seu cadaver.

Nem os seus perseguidores, sequer, consentiram que tivesse funeraes. Na Russia tudo pertence ao imperador. Era, pois, seu tambem o cadaver.

Pela calada, em noite glacial, conduzindo o morto para outra igreja que não fosse a sua parochia, citando um sacerdote que dissesse, como ás escondidas, rapida missa, o imperador enterrou o poeta, que em breve desappareceu sob o sudario de uma immensa capa de neve, mas não tão fria como a capa de neve do despotismo estendida sobre o seu genio.

Esse, esse é o destino de toda a alma grande, nascida sob o ignominioso imperio da tyrannia. Quanto mais se estuda a historia, mais se aprende a conhecer-te e adorar-te, oh liberdade!

(Traducção.)

OS DOIS VELHOS

ELLA

Meu caro Rangel de Lima.—Andei hontem ao caír da noite no Chiado a ver se encontrava nas senhoras idosas que passavam, com os loiros netos pela mão, um typo que perpassavam garrulando. Não me pareceu inteiramente descuidosa a sua velhice d'ellas. Ao contrario, não ha ahi maior canceira que a de reprimir, com cinco dedos já tremulos, um corpinho inquieto, saltitante, que parece querer escapar-se para qualquer dos lados e respirar livremente o ar alegre das ruas!

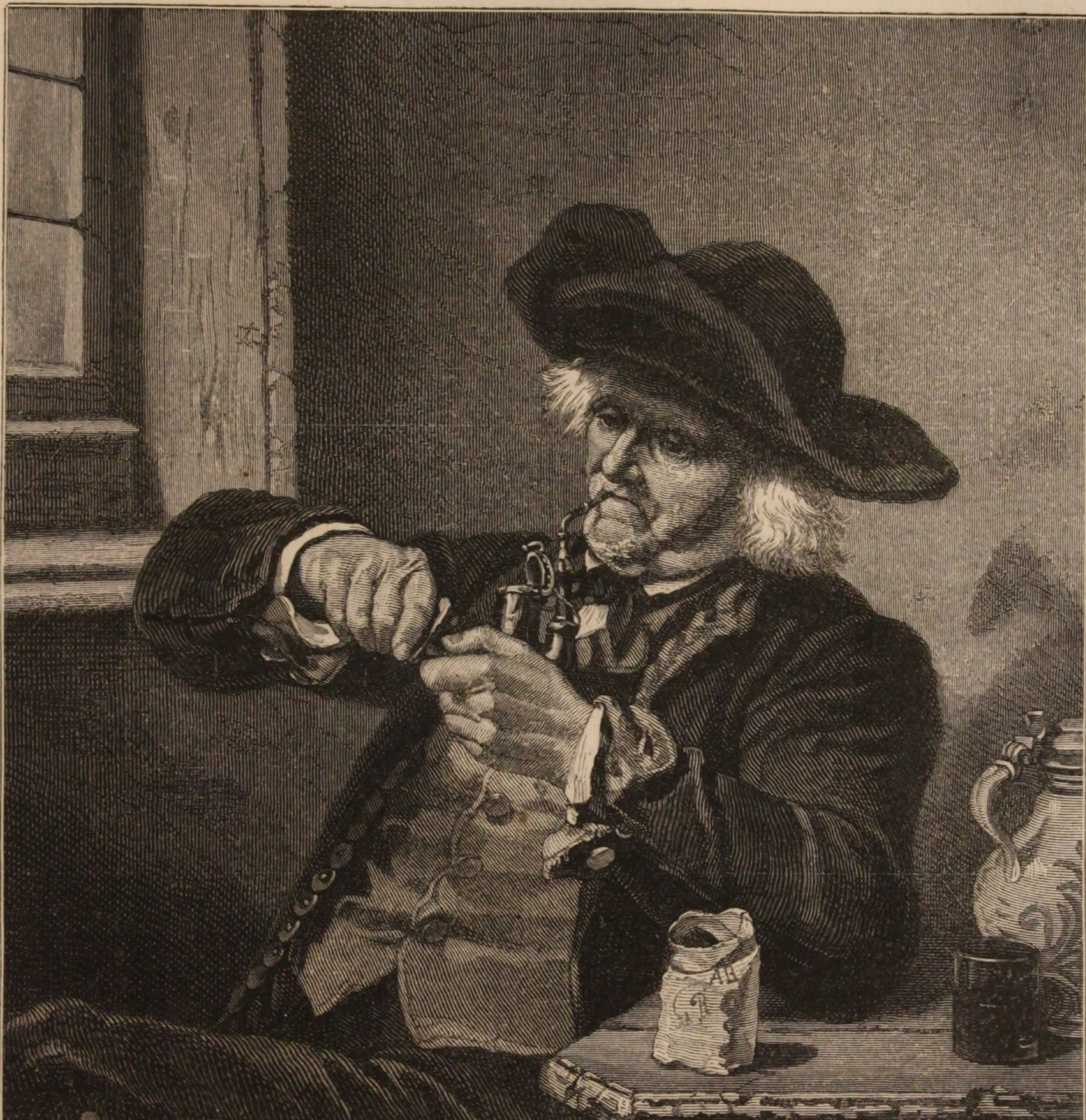


que pudesse corresponder ao retrato feminino que me encarregou de commentar. Não achei siquer vislumbres de similhança. As que eu vi iam afadigadas para desviar dos trens e dos transeuntes as inquietas creanças de blusa de panno preto e chapéo toureiro, que se ficavam absortas a olhar para as *vitrines* e para as outras creanças

A gravura que me enviou representa um tranquillo occaso de regalada existencia. Perdeu-se ali uma avó, mas o certo é que a velha da gravura não tem netos, pela simples rasão de que nunca teve filhos. Sempre revelou suas tendencias para o egoismo da felicidade. Queria marido chefe de secretaria. Já n'esse tempo os chefes

de secretaria eram tão difficeis de encontrar solteiros como hoje. Ficou esperando que subisse algum amanuense dos que conhecia. Tanto esperou que envelheceu. Começou então a dar a Deus e a si mesma o que os chefes de secretaria não quizeram.

Livre de considerações conjugaes, permittiu-se a liberdade de viver para os seus dois regalos: tomar café e resar. Só attendem exclusivamente ao espirito e ao estomago, os que não precisam de escutar o coração. Ella até o coração dos velhos dispensa, porque não tem familia. O rosario das avós são os netos: cada cabeça loira é uma conta dourada; o fio que as prende a todas é o amor que se estende dos paes dos paes aos filhos dos filhos. Nada d'isto. As contas que ella resa são de pau; a cruz que remata o rosario é de metal amarello. Quantas vezes os pequeninos braços dos netos não são os braços do amoroso lenho em que se crucifica deliciosamente a velhice das avós! E depois as avós não tomam café sem o repartir com os netos. Onde estão na gravura as cabeças loiras em torno da mesa e da chavena? A familia da velha regalona é a cafeteira. Quando o café está quente e forte, lambe o pires; quando está tepido e delgado, limita-se a lamber o beiço. Nunca se quizila! e com os netos havia naturalmente de quizilar-se algumas vezes. Cada dia se



reputa mais feliz por não ser avó. Quando morrer, não chorará por ella a familia que não tem, mas em compensação cairá ainda do bico mal-enxuto a ultima lagrima da cafeteira que na vespera deixára em cima da mesa.

ELLE

Faz *pendant* á velha que toma café o velho que está fumando pelo seu estimado cachimbo. Não casou tambem. Pensou sempre em ter dinheiro para tabaco. De vez em quando, para lavar a bôca, um trago de vinho. Tem a idade que se vê, e ainda hoje viaja sem mala; leva apenas comsigo um pacotesinho em que se não lê o seu appellido e unicamente se soletra a palavra *Kentuky*. É o nome do seu melhor amigo. Quando está carecido de conselho, mette-o dentro do cachimbo, e obriga-o a fallar por meio da combustão. Pouco lhe importa que o amigo esteja a arder; o que elle quer é satisfazer o seu empenho. Ouve-lhe a vaporosa linguagem, e fica melhor. Quando se sente alegre, sopra ao tubo e diz para dentro do pipo: Ahi vae alegria. O amigo responde no mesmo tom doidejando em nuvemsinhas revoltas que se baralham no ar.

O que o nosso velho considera uma das suas grandes felicidades é o encontrar sempre o tabaco e o cachimbo no mesmo sitio em que os poisa. Se tivesse netos, encontraria o tabaco no logar do cachimbo, o cachimbo no logar do tabaco, e muitas vezes nem um nem outro encontraria em qualquer dos logares. De mais a mais as creanças são palreiras,—fallam muito alto. O cachimbo, a unica pessoa com quem elle dialoga, conversa docemente, e elle póde, a bel prazer, modificar-lhe com os labios a linguagem sempre discreta. Anda mettido em flanellas e bom fato. Veste á antiga, mas sempre confortavelmente. Os avós, os S. Martinho da familia, precisam a miude de cortar a capa para cobrir os netos. Ás vezes, uma faisca do cachimbo abre-lhe um buraco na jaqueta; mas os dedos dos netos são muito mais prejudiciaes que as faiscas do cachimbo: abrem um rasgão.

Está muito contente de viver assim, e, se gasta em fato e vinho, é tudo para se conservar mais tempo, porque em morrendo não torna a fumar.

O epitaphio d'elle podia ser o cachimbo.

ALBERTO PIMENTEL.

AO MENOS...

Eu vejo-a em cada tarde na janella,
suave e pallida, o olhar incerto,
o meigo olhar pendido ao livro aberto,
que lhe falla do amor de Jayme e Estella!

E faz-me lembrar sempre a Graziella,
ou a visão d'um sonho mal desperto,
ou inda um branco lyrio entre-aberto
á dôce luz d'uma alvorada bella!

E quando a vejo assim em cada dia,
semipresa na languida leitura
das estrophes de magica harmonia,

um férvido desejo est'alma cria;
quizera eu ser as folhas da brochura,
que era, ao menos, um livro que ella lia!

Braga, 1873.

ALFREDO CAMPOS.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

....

IV

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.

DIR-SE-HIA que nos tinha tocado o halito gelado das regiões polares, convertendo-nos em estatuas de neve! Ficámos immoveis como se estiveramos pregados no solo! Comprimiamos a custo a respiração anhelante e concentravamos a vida toda nos ouvidos.

O cão latia ao longe de modo que indicava ter perdido o rasto.

—Quem disse que sentia a anta?—perguntou o mameluco.

—Silencio!—ordenou Aragão, em voz baixa.

Ferrugem fez-lhe um gesto de attenção, e ambos revistaram as armas. Os tapuios armaram rapidamente as tacuáras nos arcos e eu raspei a unha do pollegar direito na pederneira da minha espingarda, como tinha visto por vezes fazer a outros caçadores, que julgavam este processo infallivel para que o tiro partisse a tempo.

—O cão aproxima-se! Entra no rasto!... Attenção, compadre!...

Apenas Ferrugem proferiu estas palavras, ouviu-se um grande estrepito, do lado opposto áquelle para onde estavamos voltados, e uma anta, maior do que os grandes porcos domesticos, atravessou a galope a pequena clareira onde nos achavamos. Os tapuios, que olhavam n'essa direcção, dispararam os arcos e eu vi, ao voltar-me, cravarem-se duas ou tres tacuáras de tabóca no flanco do animal. Aragão e Ferrugem atiraram ao mesmo tempo; como porém a caça lhes surdíra d'onde menos a esperavam, os tiros foram mal apontados e a anta continuou a fugir.

—Corram, que vae ferida!—disse Aragão, carregando novamente a arma.

—Eu aposto em como lhe furei a pá!—gritou Ferrugem, tambem carregando a sua.

—A minha tacuára quebrou dentro!—observou um dos indios, apanhando parte da frecha, que se partira de encontro aos troncos, depois de enterrada no corpo da anta.

—Ella tambem leva a minha!—affirmou outro tapuio.

—E a minha!—accrescentou terceiro.

—Ahi vae o cão! Sigam-lhe o rasto, emquanto eu tiro um maldito espinho, que me ía aleijando!—bradou Aragão.

—Eu já não posso andar com elles!—exclamou Ferrugem, sentando-se no chão e começando a procurar nos pés os espinhos da palmeira marajá *(Bactris Marajá, setosa,* de Mart.).

—Nem eu!

—Nem eu!

—Nem eu!

Foi um grito geral; e todos se íam pondo em atti-

tudes de se desespinharem, quando Aragão se levantou de salto e deitou a correr, dizendo:

—Lá a virou o cão! Ahi vem ella!

Brancos e tapuios arremessámo-nos novamente uns após outros em rapida corrida! Ninguem sentiu mais espinhos! Ouviu-se perto o ruido da anta, que atravessou diante de nós, perseguida pelo cão, e afigurou-se-nos que ella afrouxava a carreira.

—Vae caír!—bradou com alegria o caçador de Porto de Moz.—Foi a minha palanqueta de ferro quem a varou!

—Deixemos-lhe essa gloria—me disse Ferrugem baixo;—eu furêi-lhe a pá, mas sou amigo d'elle e não quero tirar-lhe a satisfação de julgar que a matou com a sua arma de novo invento.

—Caíu?!—perguntou Aragão ao mameluco, que ía adiante.

—Caíu, sim senhor; mas foi no lago; e nada que é uma consolação!

—No lago?!

—Sim, no lago; deu um mergulho formidavel, surdiu longe e vae direita á outra banda com tanta pressa, que faz gosto vêl-a!

Chegavamos á borda de um lago, que effectivamente havia ali, e vimos a anta, já muito ao largo, nadando como se estivesse de perfeita saude. Soltámos todos uma exclamação unanime de colera e despeito.

—Cachorra!—berrou Ferrugem, pondo a espingarda á cara;—espera ahi que eu te arranjo!

Os tapuios retezaram as cordas dos arcos e íam despedir as suas frechas de tacuára, ao mesmo tempo que Ferrugem apontava; eu, preparava-me igualmente para disparar.

—Perdão, meus senhores!—nos gritou Aragão, estendendo diante das nossas armas a sua linda espingarda de fulminante.—Dêem-me licença que lhes mostre a qualidade d'este instrumento.

—É justo—respondeu Ferrugem;—o compadre é meu hospede e eu desejo obsequiál-o em tudo que pudér. Ninguem mais atire!

Abaixaram-se todas as armas. Aragão inclinou-se, agradecendo com uma cortezia.

—Olhem que a anta foge!—clamei eu, vendo-a aproximar-se da margem opposta.

O caçador brazileiro voltou-se para mim com soberbo desdem; mas reparando na minha juventude e no meu ar de curiosa inquietação, retomou o seu sorriso benevolo e delicado, e volveu-me placidamente:

—Estou a dar-lhe tempo de chegar perto de terra, porque matando-a no meio do lago não a poderiamos ir buscar, por não termos aqui canôa.

—Tem certeza de a matar?

—Parece-me que sim. Aonde quer que lhe metta a bala, compadre?

—Arrume-lhe sempre á cabeça, pelo seguro. O compadre sabe que o tapir americano não se deixa morrer facilmente; aquelle patife, que já leva duas balas e tres ou quatro frechas, navega como se fosse para alguma festa!

—Vou encaixar-lh'a debaixo da orelha esquerda, por ser o sitio que me faz mais geito.

Depois, virando-se para mim e cumprimentando-me:

—Meu joven amigo, lá vae por honra sua, e de toda a companhia.

Agradeci, inclinando-me em silencio. Elle pôz a arma á cara, apontou vagarosamente e nós voltámos todos a vista para o animal, que se ía chegando á margem arborisada do lado opposto. Quando o tiro partiu a anta levantou meio corpo, revolveu as aguas em torno de si e recaíu immovel na superficie do lago.

—Hurrah pelo Brazil!—exclamei eu, com admiração sincera. Aragão recebeu com alegre e desaffectada modestia as nossas felicitações, e correspondeu-me apertando-me a mão.

—Vamos buscar o bicho—disse Ferrugem;—são horas de irmos puxando para casa; é tarde e estamos longe.

Fomos torneiando o lago até onde estava a anta; tirámol-a para fóra e verificámos que o caçador acertára no ponto indicado por elle. Os primeiros tiros haviam igualmente sido empregados, se bem que com pouca felicidade. Um déra na omoplata direita, e a bala achatára, sem entrar, por ser de chumbo. Era o de Ferrugem. O outro foi n'um quadril do mesmo lado. As tacuáras dos tapuios estavam mais de quatro dedos cravadas no flanco! E apesar d'isso a anta tivera ainda forças para atravessar o lago, e talvez não morresse sem a ultima bala de ferro, de Aragão!

Era a primeira vez que eu via o animal que os naturalistas denominam tapir americano. Depois tive muitas occasiões de o conhecer e estudar melhor, e posso affirmar que as noticias dadas a seu respeito por certos viajantes são tão verdadeiras como as que se referem ao modo por que os macacos atravessam os rios[1]. Anta não é vocabulo tupy. Alguns auctores o derivam do allemão, do arabe, do francez antigo e do latim. Outros o julgam de origem africana. O nosso Barros, nas *Decadas*, já fallava em «adarga de couro d'anta». Mas, venha d'onde vier, os indios do Brazil substituiram o nome de *tapiiereté* e *tapiyra caapora* pelo de anta, hoje adoptado por quasi todas as tribus do Brazil. O individuo a que elle pertence abunda na provincia do Amazonas (bem como em quasi todas as florestas da America meridional) e era vulgarissimo nas matas do Xingú. É durante a noite que elle se compraz em percorrer as selvas, descer ás margens dos rios ou dos lagos, atravessal-os a nado, pelo simples prazer de banhar-se, e não raro se aventura, nos seus passeios, até ao centro das plantações, deliciando-se com alguns dos fructos que n'ellas encontra, especialmente nos melanciaes. De madrugada recolhe-se aos sitios escuros das florestas, preferindo sempre os logares frescos, onde as gramineas mais tenras lhe offereçam pasto com que entreter os ocios do dia. Costuma andar sempre pelos mesmos caminhos, emquanto não tem motivo para desconfiar que lhe façam ali emboscadas, e chega a abrir com a sua passagem nas barreiras dos rios trilhos de alguns metros de profundidade. Caça-se, de noite, á espera ou com armadilhas, em que se põem espingardas engatilhadas, que elle dispara contra si e que raras vezes lhe acertam; e de dia, com cães, que o fazem saír dos bosques cerrados para as clareiras e margens dos lagos, onde se lhe possa atirar a descoberto. Para o matar com o primeiro tiro é preciso atravessar-lhe o coração ou o cerebro. É dotado de tão extraordinaria força que se a onça faminta o espera e lhe salta em cima, corre com ella por debaixo das arvores caídas até acertar com alguma que batendo na cabeça ou no peito da onça a derrube morta. A giboia, que esmaga o touro com os seus tremendos anneis, costuma enroscar-se na anta e prender-se ás arvores; a anta porém não lhe dá tempo de a subjugar; arranca tres ou quatro vezes em corrida furiosa, até que rebenta a serpente!

Os que dizem ser grosseira e pouco saborosa a carne

[1] Veja-se no *Odio de Raça*, de F. G. de Amorim, a pag. 346 e seguintes, a nota LXVII, relativa aos macacos.

do tapir americano, com certeza a não comeram nunca bem preparada. É tão boa como a melhor dos nossos animaes da Europa; e posta de escabeche, depois de assada nas grelhas, chega a ser deliciosa.

A anta, apanhada em pequena, domestica-se facilmente e torna-se ainda mais mansa do que o porco.

Ha exemplos de tomar tanta affeição á pessoa que d'ella trata, que a segue por toda a parte e, se vem a faltar-lhe, deixa-se morrer de paixão! Creada ao pé de creanças, costuma-se a brincar com estas, perde inteiramente a timidez nativa, e torna-se mansa e meiga como os cães. No estado de braveza, a fuga é o seu unico recurso para evitar a morte. Não é comtudo prudente aproximar-se-lhe quando está ferida mortalmente, porque, apezar de não morder, agarra os cães com a bôca e sacode-os com tamanha furia, que os mata, batendo com elles nas arvores; e mais de um caçador tem ficado gravemente ferido com os coices que ella despede n'esse extremo.

Depois de esfolado e esquartejado o tapir morto por Aragão, repartiu-se a carga entre todos e demos por finda a caçada. No regresso para a residencia de Ferrugem, onde chegámos ao anoitecer, ia este ensinando aos meus tapuios como e por onde deviam começar a estrada para a conducção das madeiras, os logares mais apropriados para derrubal-as, e os portos mais proximos para ellas serem embarcadas.

No dia seguinte, de manhã cêdo, depois de nos confortarmos com o competente mingau, seguiu cada um seu destino. Aragão foi para o Xingú; os meus homens para a floresta, onde deviam ficar até á minha volta; Ferrugem, eu, o mameluco e os seus dois companheiros, embarcámos na canôa do governo e fômos subindo o Tucuruí. O mameluco tomou o jacumá, remo curto com que o arraes rema e governa ao mesmo tempo a canôa; os dois indios remavam ao meio da embarcação, sentados, de costas para o jacumaíba (piloto); Ferrugem accendeu o cachimbo e deitou-se sobre um banco, entre a tolda e os remeiros; eu peguei na espingarda e preparei-me para ir atirando aos grandes passaros, de côres variegadas, que de vez em quando atravessavam por cima de nós ou se baloiçavam nas ramarias debruçadas sobre o rio; o cão, que Aragão nos deixára para se vêr livre d'elle, e que nos convinha muito na viagem que emprehendiamos, sentou-se a meu lado, observando com gravidade comica os meus estudos e attitudes de caçador inexperiente.

Navegámos todo aquelle dia contra a corrente impetuosa do Tucuruí, atravessando de uma para outra margem, cada vez que encontravamos grandes enseadas ou curvas, a fim de encurtar a distancia. O Tucuruí, sempre caudaloso, offerecia-nos aspectos variadissimos a todos os instantes. Aqui, eram terras baixas, alagadas, que o rio ia devorando lentamente, apezar da resistencia que lhe oppunham as sébes da aninga *(Arum)*, nascida e creada dentro de agua e que avançava em columna cerrada sobre o seio do invasor da patria; mais adiante, a aninga cedia o logar á imbaubeira *(Cecropia peltata, L.)*, que ostentava os seus troncos fistulosos e as suas grandes folhas, esbranquiçadas pela parte inferior, nos cimos de ribanceiras altissimas; ali, um grupo de palmeiras miriti *(Mauritia flexuosa)*, sobre um talude de terra preta; além, a floresta multicolor, com as suas arvores gigantes, de mil especies, enlaçadas de cipós, cobertas de graciosas parasitas, entrando no leito do rio, como se fôra mostrar-lhe as suas opulencias e detendo-se ante as aguas turvas, que lhe manchavam as grinaldas floridas e os festões de maracujás pendurados na corrente; umas vezes, barreiras de tabatinga *(barro branco)*; outras, penhascos denegridos; agora, planicies cobertas de verdura, d'onde saiam igarapés (ribeiros) numerosos, que despejavam em silencio o tributo de suas aguas crystallinas no seio insaciavel do Tucuruí; logo, montanhas a prumo, d'onde se despenhavam torrentes, bramindo, e como que ameaçando destruir aquelle a quem rendiam forçada vassallagem! E em todas estas paizagens pittorescas, já humildes e graciosas já imponentes e soberbas, em terra e no rio, milhares de seres animados, de fórmas novas e originalissimas, de todos os tamanhos, côres e feitios, que nos encaravam com espanto, e que pareciam perguntar-se uns aos outros se nós íamos ali para os comermos ou para sermos comidos por elles!

Eu não tinha animo de desfechar a espingarda sobre tantos prodigios, não sei se com receio de os errar e fazer má figura diante dos meus companheiros, se detido por um vago sentimento de respeito. Afigurava-se-me vagamente, que o caçar ali era o mesmo que caçar no Paraizo; e aterrava-me a idéa de me parecer com a serpente, que no Eden caçára nossa mãe Eva. O cão, a quem tinhamos dado o nome de Pagé (feiticeiro), cada vez que via passar alguma peça digna de tiro, consultava-me com o olhar e parecia admirar-se da minha hesitação por não poder explical-a a si proprio. Por fim tomou a attitude de quem diz comsigo:

—Hum!... Já percebo! Quer coisa melhor!... Mas... para caçador de tolda de canôa tudo isto é bom de mais! Emfim... vamos a vêr o que é que elle espera.

E, para vêr melhor, deixou ir descaindo a cabeça e adormeceu.

—Ai!

—Aguenta! Com os diabos!...

—Jesus!

Estes tres gritos resultaram de bater a nossa canôa contra umas pedras ou paus, que estavam occultos debaixo d'agua. O primeiro soltei-o eu, indo pela borda fóra tomar um banho no Tucuruí, de espingarda na mão. Felizmente o logar era baixo e fiquei quite com o susto e o banho! O segundo grito foi expellido por Ferrugem, que rolou para o esgotadouro e ficou menos mal, com um quadril amolgado e a cabeça rachada em duas partes. O terceiro atirou-o o mameluco, caíndo tambem no rio, com menos felicidade do que eu, porque esfolou atrozmente as canellas. Os dois tapuios limitaram-se a dar mutuamente uma grande marrada, esmurrando os narizes com silencio estoico.

—Ó seu Agapito! onde diabo leva vossê a cabeça e os olhos?!—exclamou Ferrugem, subindo do esgotadouro, com a cara cheia de sangue e apertando com uma das mãos a nadega magoada.

—Eu levava tudo no seu logar—volveu com ar lastimoso e trepando para a embarcação o pobre mameluco, encharcado como um pinto.—Arranjei-me bem!...

—E a mim?! Estou aceiado para ir andar uns poucos de dias no mato! O que vale é que os gentios não são pessoas de ceremonia!... Olha o pobre Francisco, coitado! Veja para o que eu o convidei!...

—Ah!... isto não é nada. A espingarda, que me emprestou, é que se ia perdendo!...

—Eu bem não queria vir! Burro de Agapito!...

—Oh! seu Ferrugem, olhe que são coisas que succedem!... Ninguem via o que estava debaixo d'agua... e vossemecê, que é homem entendido nas coisas do sertão, não tem que estranhar.

Ferrugem estava já a este tempo lavando as contusões e feridas com cachaça, que levava n'um grande frasco de vidro empalhado, e punha de vez em quando a vazilha á boca, deixando ir mais para o interior do que gastava no exterior. Depois, passando-me o frasco:



BROUWER pinx

SCHRODER sc.

O BARBEIRO DA ALDÊA.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

—Molhe-se por dentro e enxugue-se por fóra. Agapito de todos os diabos, beba lá tambem e veja se nos faz outra!

Agapito bebeu longamente, pondo os olhos em alvo, e tomando uma attitude que me fez recear de que elle d'ahi por diante batesse mais vezes com a canoa, para ter novos ensejos de beijar o frasco.

Felizmente, não encontrou baixos ou cachopos, que o favorecessem! N'essa noite dormimos ainda na canoa; e no dia seguinte ao meio dia chegámos ao logar d'onde tinhamos de seguir por terra para a região habitada pelos jurunas.

(Continúa. F. GOMES DE AMORIM.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

VI

(Continuação)

Ninguem descreve a sensação de terror que açoitou os caçadores solitarios. Os tiros cessaram e cada qual, arquejante, pallido, mas resoluto, esperava vêr chegar a féra á clareira que guardava. O clamor parou em toda a linha e em todas as atalaias, como se houvera uma cessação de vida ou a espera de um grande acontecimento. Só os cães, antes uivando que latindo, saltavam por cima do mato, e procuravam em todas as direcções. O sol dos tropicos esbraseava os horisontes e faiscava centelhas de lume sobre os temerarios caçadores. As garças dos salgueiros erguiam-se a prumo e pouzavam de golpe como se as fulminasse o que viam.

Os corações das mulheres confrangiam-se e dilatavam-se successivamente, porque na mulher, ainda mais que no homem, ha mixto de pomba e de féra.

Era tremendo o momento e solemne o silencioso espectaculo.

De repente, sentiu D. Fernando que o cabello se lhe levantava na cabeça e que todo o sangue lhe refluia ao coração. Não se moveu. Dez passos á sua direita agitaram-se os arbustos, abriram aos lados e alguma cousa passou surrateiramente no intuito de ganhar o valle de sud'oeste. Este valle é estreito e as suas vertentes alcantiladas. D. Fernando seguiu com a vista na direcção d'aquelle estranho movimento, quando a trinta passos vê relampejar a corpolenta féra. Pôz instantaneamente a arma á cara, mas o tigre tinha desapparecido.

Correu, sem avisar os companheiros, fascinado por aquella apparição; desceu a encosta, subiu o monte fronteiro, atravessou uma planura extensa e vendo sobre a esquerda serros perfeitamente escalvados, comprehendeu que o tigre procuraria esconder-se nas selvas da beira de agua. Era pois o seu caminho mais direito e devia tomar a frente. Comtudo, o cansaço da subida, e o impeto da carreira, tinham-no prostrado; felizmente começava a descida e achava á sombra de um tamarindo, logar azado para a espera. Entrou de manso, ajoelhou com o joelho direito, encostou o cotovello esquerdo ao rebordo de uma pedra bruta e ficou dominando o pequeno mas amenissimo valleiro, ao fundo do qual havia um banho rectangular, cheio de agua limpida e fresca, e em torno mata de cajueiros e tamarindos.

Durou dois minutos esta espera, mas durante elles consumou-se aos olhos de D. Fernando um drama, cujas peripecias e scenario só podem encontrar-se no oriente.

O sol quasi não entrava no valle, tão densa era a ramaria. Uma indiana acabava de banhar-se, que o cabello solto gotejava ainda; compunha as manilhas no braço e um dos pés brincava distrahidamente dentro da agua. Uma volta do seu panno azul pendia-lhe a tiracolo. As flôres de um tamarindo caíam-lhe em cima, desfolhadas, e ella deixava-se enfeitar e sorria complacente dos cuidados da arvore carinhosa que a tratava como noiva. Os dentes d'esta oriental eram pequeninos e transparentes; o sorriso que os mostrava era melancolico; os olhos eram grandes e energicos; a fronte pensativa e grave; o rosto comprido e pallido; a estatura alta. Devia ter dezoito annos e era bella como Nióbe ou como Respha.

Divisava-se-lhe uma preoccupação notavel, uma curiosidade anciosa no modo por que olhava de quando em quando para os lados. Esperava de certo.

Dois passos atrás d'ella e não querendo ser visto nem sentido, espreitava enfeitiçado um formoso gentio de pequeno bigode argolado e de listas doiradas no turbante. Espreitava-a namorado e tinha instinctivamente um dedo na bôca como que a impôr silencio. Sorria sempre e olhava-a com jubilosa admiração. Por vezes tomava umas flôres do tamarindo, lançava-lh'as sobre a cabeça e escondia-se atrás do cajueiro a que se amparava. Doce brinquedo de amores n'uma bucolica oriental!

Os sons longinquos da caçada passavam por sobre o arvoredo, mas em baixo apenas se ouviam os beijos da agua no pé distrahido da indiana. Defronte d'ella, do outro lado do banho, appareciam de quando em quando por entre as plantas rasteiras duas cabeças curiosas de serpentes que vigiavam.

Eram dois pares namorados! uma aproximação monstruosa mas vulgar dos amores ciumentos e mortaes da India-mater.

D. Fernando estremecêra! no mesmo instante, porém, um novo actor entrava furtivamente no palco! A tres passos distante do indio apparecêra e achatara-se a pavorosa cabeça do tigre real.

D. Fernando viu-o abaixar-se e retrahir-se; pôz a arma em pontaria e um tiro partiu. Ouviu-se um ronco pavoroso. Quando o fumo se ergueu, viu-se o tigre nas ultimas contorsões esmagando um homem rasgado de alto a baixo; uma mulher estatica, com os braços retezados para o cadaver do seu amante e com os olhos saindo-lhe das orbitas. Não soltava um grito, não derramava uma lagrima, só o sorriso se lhe havia transformado em soluço. Olhou para defronte e viu as duas *capellos* armadas e com os olhos chammejantes.

Caminhou para ellas automatica, livida, pavorosa! Saltou-lhes em cima e pisou-as aos pés. Deixou-se morder e lacerar pelos dois reptís enfurecidos, correu para o cadaver do seu amante, arrancou-o ás garras da féra, enroscou-se n'elle e devorou-o com beijos. D. Fernando chegára emfim, mas parou defronte de tanta desdita e respeitou o thalamo nupcial d'aquella agonia voluptuosa. Quasi a expirar a gentia olhou-o, apontou-lhe o tigre morto e disse-lhe:—Bem hajas!

Outra mulher chegava offegante do lado do canal, e, tomando-lhe e apertando-lhe a mão, dizia-lhe:—Amo-te.

D'ahi a momentos chegavam em tropel os caçadores. Mogarem tinha desapparecido.

—Que é isto? diziam os caçadores, recuando á vista dos tres cadaveres.

—Um drama do oriente, meus amigos.

(Continua.)

O BARBEIRO DA ALDEIA



O barbeiro é, geralmente, o sabio das aldeias, o amigo intimo do cura, o conselheiro aulico do regedor da parochia.

Á roda do barbeiro gravitam os mais serios interesses da localidade. É na loja d'elle que se firmam e anniquilam reputações, que se lê o jornal que o deputado do circulo manda gratuitamente ao mais verboso dos seus eleitores, que se faz a barba ao morgado em decadencia pela abolição dos vinculos, que se introduz a ordem no cahos da grenha anarchica do ovelheiro, é lá, finalmente, que se arrancam dentes e queixos ao freguez, que pede ao mestre força, em vez de lhe exigir geito, e o gratifica com um murro em ver satisfeitos os seus imprudentes desejos.

Prendado n'uma escala desconhecida n'umas poucas de leguas em circumferencia, o barbeiro lê manquejando, mas sem soletrar, as circulares do governador civil, as pastoraes do bispo da diocese, os editaes da camara municipal do concelho, e ainda por cima toca cavaquinho e flauta, ajuda á missa, faz contas de cabeça, e desce, magnanimidade que nem todos lhe reconhecem, a diagnosticar sobre as enfermidades dos gados atacados de gafeira ou morrinha, negando-se por modestia a pôr em execução as regras da alveitaria, que elle conhece mais a fundo que a parentella que traz espalhada pelos sertões da Africa e do Brazil.

Na consciencia da sua valia intrinseca, o barbeiro da aldeia dispensa o apparato dos instrumentos cirurgicos, os elixires que os seus collegas das cidades recommendam como correctivo contra os achaques de bôca. Accumulando conscienciosamente as duas artes, a de barbeiro e dentista, e annexando-lhe como complemento as de sangrador e astronomo, ao barbeiro basta uma torquez, uma lanceta e uma navalha, para satisfazer ás exigencias dos seus freguezes mais melindrosos, tendo como aphorismo da profissão o *mais vale quem quer do que quem pode,* com que se desculpa, e honra, de fazer tudo sem ter aprendido nada.

Com a mão calosa, com que na alta dos salarios não desdenha dar meia duzia de enchadadas na vinha de um visinho ou na horta de um compadre, e dispensando o pincel com que os mais cautos distribuem o sabão pelas bochechas dos freguezes, o barbeiro rural é com a propria mão lichosa que põe em combustão a cara das victimas, mas tão innocentemente, que ninguem se julga com direito a queixar-se d'aquella lava que de repente lhes invade as epidermes, e as torna salamandras entre a espuma frigida do sabão, e o calor vulcanico da esfregadella do artista.

Fiel ás tradições da classe o verdadeiro barbeiro nacional enfeita os umbraes da locanda com as classicas sanefas de baeta verde orladas de encarnado, pendurando-lhe por cima as lustrosas bacias de arame, e o bicheiro onde em continuas evoluções se agitam as sanguesugas condemnadas, para mais tarde, á manobra artesiana de fazer com que o sangue irrompa da pelle cetacea das gargantas dos saloios atacados de anginas, ou molestados pelo marmeleiro de um rival no mercado do ultimo domingo.

Sempre vendido em todas as eleições, ainda assim o voto do barbeiro significa para as populações sertanejas a consciencia auxiliada pela sabedoria, e pobre do candidato que o não tiver pelo seu lado ao *deitar dos papelicos,* phrase que representa para o saloio o acto solemne da eleição, acto que o barbeiro ordinariamente dirige, fazendo-se o Ganimedes dos meios quartilhos que a aldeia bebe, como votou, dando com a lingua os mesmos estalidos de duvida, quer á qualidade do vinho, quer ao prestimo e á competencia do candidato.

A civilisação, de que o nosso seculo tanto blasona, e de que já o sr. Guizot escreveu a historia, chega tão desfigurada á loja do barbeiro que, commentada depois por elle no adro da igreja á saida da missa, antes se lhe póde chamar retrocesso, do que caminho desbravado para melhores futuros. Os caminhos de ferro, as machinas de lavoura, o gaz e até o petroleo, são applicações da industria moderna, que o barbeiro considera abaixo da agudeza que lhe é precisa a elle para não errar com a veia arteria de quem lhe reclama uma sangria, ou com a sagacidade, filha da pratica, com que annuncia chuvas para o S. Miguel, ou affirma que as paschoas hão de aquelle anno ser molhadas.

O barbeiro, instado diariamente a dizer a sua opinião sobre tudo o que ignora, reconhece a final em si uma tendencia innata para propheta, e é por isso que se aventura a aconselhar que se lance ou deixe de se lançar a semente á terra, quinze ou vinte dias antes ou depois dos marcados pela rotina, que é a que se reduz nos campos toda a sciencia de Luiz Figuier e todas as locubrações chanternaes do padre Theodoro de Almeida.

Celibatario por segurança, e com horror aos brinquedos turbulentos da infancia que o distrahiriam do estudo das hervas medicinaes, e do conhecimento das nocivas com que julga ter posto embargos a muitos passaportes para o outro mundo, o barbeiro occupa os raros instantes que lhe sobejam das suas multiplices cogitações em tirar do ingrato cavaquinho, sons que elle cuida serem o desespero dos rouxinoes que a ama do cura traz engaiolados, e postos a arejar á porta da ermida, por cima da lista dos festeiros e mordomos da procissão que já vem proxima.

Nem tudo são rosas na vida do homem. O barbeiro é ás vezes chamado pelo administrador á cabeça do concelho, e, se é em tempo de eleições, não volta de lá com as mãos abanando. Acontece porém tambem ser incommodado para testemunha, ou convidado (vilipendio administrativo!) para se incumbir das arduas funcções de cabo-geral, serviço que elle repelle como incompativel com a liberdade de acção de que carece para officiosamente harmonisar as desavenças locaes.

Costumado a ver concentrados todos os poderes nas mãos de um só, as d'elle proprio, o barbeiro é absolutista por instincto, apesar de se haver avesado ás formulas constitucionaes, e de tirar d'ellas o proveito que lhe compete, como a quem tem um olho na terra dos cegos.

Aos domingos, e logo antes da missa das almas, está o barbeiro no seu posto, tendo reforçado a toalha que fez o serviço de toda a semana, com uma outra que lhe deve ser auxiliar, para não enxovalhar as belbutinas domingueiras dos freguezes. A navalha essa é que se transformou em fouce-roçadoura, no repetido e escabroso exercicio de transplantar as sedas das caras dos escanhoados para o papel pardo que na aldeia substituiu, mais economica do que aceiadamente, o panninho da barba de que geralmente se usa para igual applicação.

Na loja de um barbeiro, como nas tendas, é indis-

pensavel um chamariz para as moscas, que costuma ser de ordinario o jornal politico do dia, retalhado em tiras no melhor da polemica com os adversarios, e servindo de pousio aos insectos que, sem aquelle derivativo, espicaçariam a calva do abegão que se barbeia, ou lamberiam as roscas e os especiones macrobios, já impregnados do cheiro do bacalhau, a que o vendedor ainda pelo habito alcunha de doces, engodando os rapazes que sáem da escola.

O barbeiro se não é, podia bem passar por haver sido o inventor da bisca e dos tres setes, jogos em que primam todos os da sua profissão, dando ás cartas fórmas architectonicas desconhecidas a Vinhola, mas caracteristicas dos baralhos que envelheceram no trato nocturno de seis ou mais invernos consecutivos, ungidos pela saliva pouco conservadora dos parceiros.

Nas festas da aldeia o barbeiro, como os actores comicos, representa cumulativamente uns poucos de papeis differentes, saíndo-se de todos elles a contento do publico. Armador e pyrotechnico nas vesperas dos dias duplex, quem teve a fortuna de o ver em mangas de camisa forrando de escarlate o pulpito da ermida, ou obtendo a certeza da combustão rapida da polvora de uns foguetes, desconhece depois a gravidade com que o vê ajoujado ás varas do pallio, ou cantando no côro uma lição, com uma voz digna do mais monumental dos fiascos, se ousasse erguer-se no palco de um theatro de terceira ordem.

Pachorrento e laborioso, não ha quem se avantaje ao barbeiro de aldeia na pouco invejavel industria nacional de adestrar pintassilgos a abrirem com o bico as tampas do comedouro, e a morrerem esfalfados na empreza de tirar agua aos dedaes do reservatorio insidioso, que é para as avesinhas ignorantes o supplicio de Tantalo.

Quando o jornalismo vivia ainda na nossa terra a vida enfesada dos engeitados, o barbeiro resumia em si a critica caustica do chamado artigo de fundo, a bisbilhotice do noticiario, as lagrimas fementidas do necrologio, a amenidade casual do folhetim, e a versatilidade dos que depois fizeram profissão do que n'elle era instincto sem arte, e propensão sem pensamento reservado.

Supponho ser da abundancia de estabelecimentos d'esta especie que houve em Portugal que nasceu o annexim popular «não tarda uma loja de barbeiro», como significação de uma cousa que vem proximo da outra. Para bem se comprehender a prodigalidade de nossos avós, e a freguezia que tinham os barbeiros, é preciso aqui recordar que o bigode era ainda então considerado como um attestado de immoralidade no logista, no medico e no negociante, e que por compensação a este horror capilar os reaes exercitos usavam de rabicho e bolsa, e de polvilhos as classes a que se negava o direito de dispôrem da cara a seu contento.

O antigo barbeiro reservava sempre a um canto da sala de trabalho o espaço necessario para accommodar o rebollo, onde afiava as navalhas e o estro, aquellas para martyrio das caras dos freguezes, este para as empreitadas poeticas que já lhe haviam dado renome nos arraiaes, como cantador.

No meado do seculo passado a classe nobilitou-se na pessoa do mavioso poeta pastoril Domingos dos Reis Quita, cabelleireiro lhe chamam os seus biographos por compostura, mas a quem racionalmente devemos suppôr barbeiro, sendo como eram ainda annos depois da sua morte uma novidade as pomadas e os elixires, que Nicolau Tolentino metteu á bulha em uma das suas chistosas satyras.

Como não mal diria a sua sorte o melancolico auctor do suave idylio, «Tircea» obrigado a escanhoar um marçano, ou renovar a corôa de algum conego da Sé patriarchal, emquanto a poesia lhe borbulhava lá por dentro, e aproveitava os momentos de ocio para lançar no papel versos como estes:

> Só por ti meus suspiros serão dados;
> Só por ti chorarão de amor meus olhos,
> Meus olhos, que por esses tão formosos
> Agora estão chorando tão saudosos!

Pobre Quita! Que de cabeças ôcas te não passaram pelas mãos, emquanto a tua ardia na febre da inspiração poetica, e o coração te ía ao encontro da morte que te colhia no vigor da idade!

O barbeiro que a nossa estampa representa póde ter sido um contemporaneo de Quita, mas é de certo outra a sua nacionalidade. Bastaria a caveira que se ostenta com o ornamento principal do interior da loja para denunciar, independente de outros accessorios, que um allemão frequentador da feira de Leipsick é o curioso pedicuro que extrae do pé do caminheiro o espinho que o molesta, emquanto o aprendiz perscruta os arcanos de um queixal, rebelde a todos os paliativos, e irremissivelmente condemnado a vêr a raiz ao sol.

A concentração do caracter nacional dos dois artistas está fielmente reproduzida na minuciosa attenção que ambos prestam ás respectivas operações de que se encarregaram.

L. A. PALMEIRIM.



TRIO DE FOLHETINISTAS

VALENTINA

As linhas d'este rosto são delicadamente suaves e sobretudo expressivas.

A fronte é serena como um lago de Italia, opalisada, e da brancura impeccavel das neves do Hymalaia.

Os olhos são redondos, intelligentes, vivazes; ora aguias, ora pombas, ora borboletas.

Os cabellos finos, de um louro cendrado, quasi sempre despretenciosa e singelamente penteados, dão á cabeça de Valentina o ar inspirado e divino da cabeça de uma estatua de Musa.

As sobrancelhas partem da nascença do nariz, avivadas, escuras e rapidas, como as flechas dos Parthas, indo morrer não longe das fontes, polidas como agatha, no louro desmaiado do ambar.

A bôca denota a indizivel altivez da raça aristocratica: ligeiramente desdenhosa quando falla, e triste, quando o sorriso a illumina.

A voz de Valentina tem a doçura ineffavel do canto das aves na *Primavera*, o seu andar tem a harmonia do andar da Deusa, de que falla o Mantuano.

Nada ha mais delicioso do que vê-la, depois de haver deixado caír no velino as perolas do seu talento, tomar a costura, coser, ou bordar com a modestia de uma joven romana da republica, ao lado de sua mãe, olhando de vez em quando para os horisontes longinquos, e para as ondulantes campinas, d'onde sáem em bando alegre as cantilenas dos trabalhadores.

ROGERIO

Rogerio é alto e de uma constituição robusta e sanguinea.

A cabeça poderosa e altiva, a bôca humida e saudavel: nos meandros do labio um tanto bourbonico doideja a miude um sorriso malicioso, mas de uma malicia intelligente e boa.

O olhar coado através dos vidros da luneta é vivo, mobil, illuminando-lhe o rosto energico e accentuado. Observa sorrindo.

Os cabellos negros, abundantes, lustrosos: a fórma das suissas regular, geometrica: o bigode frisado, petulante.

O pescoço solido, firme, antigo, faz lembrar o de Danton, tirante a côr bronzeada.

Vaidoso como uma creança, Rogerio delicia-se em mostrá-lo, decotando por demais as camisas.

Quando anda o seu corpo apruma-se; o seu pisar tem uns leves geitos de impertinencia; deviam de pisar assim os *talons-rouges* da Regencia.

Tres vezes elegante: no livro, na conversa, na *toilette*.

Adora o luxo como Alcibiades, as viagens como Alexandre Dumas, as artes como o barão Taylor, e as viris commoções do perigo como . . . um toureiro.

CESAR

Tres elementos compõem esta physionomia: intelligencia, alegria e bondade.

O nariz tem a aresta um poucochinho larga; as narinas são abertas, frementes, impressionaveis; a cabelleira é meridional, cheia de reflexos, fluctuante como as plumas de um capacete antigo.

Os olhos, posto que tenham as palpebras um tanto pesadas, são grandes, magnificos, perscrutadores.

O rosto cheio como o de Janin; o bigode caído, arqueado, negro e pequeno, como o de Balsac, deixa que se entrevejam uns labios polpudos como os de um Ephebo.

De estatura regular, e parecendo debil, porque lymphatico, Cesar sustenta comtudo aos hombros, com uma elegancia florentina, as batalhas trovejadas da *Revolução*.

O seu estylo tem a frescura das eclogas syracusanas; é adoravel como uma pagina do amor, e malicioso como o raio do sol, que brincou na aza do primeiro beijo de Eva.

Descuidoso como as creanças, fecundo como os rios africanos, bondoso como os patriarchas da Hellade.

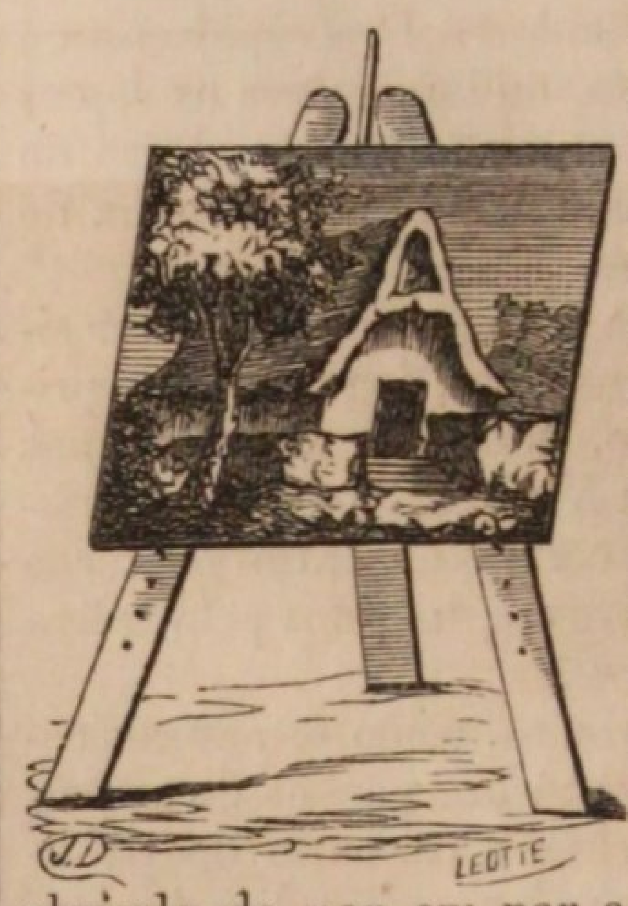
É doido pela musica, pelas flores, pela Arte, pelo talento, e diga-se tambem, pelas mulheres, ainda que o saibamos solteiro.

Os Cesares comtudo precisam de dynastia.

Coimbra.

G. CRESPO.

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DE BELEM



architectura gothica, degenerando da pureza que attingiu, e de que é formoso typo a igreja da Batalha, foi buscar ornamentos, para mais se ataviar, ao estylo arabe e á arte classica, que produzíra as maravilhas da antiga Grecia. Esta alliança de estylos tão oppostos constitue a transição da architectura gothica para a do renascimento. Foi uma revolução na arte, determinada pela revolução social, que pôz termo á barbarie da idade media, abrindo de par em par as portas aos progressos da moderna civilisação, iniciada no seculo XIV pelos sabios e pelos artistas fugidos de Constantinopola ao desmoronar do imperio do Oriente, e desenvolvida e firmada em bases solidas, no seculo XV, pelo arrojado commettimento de Vasco da Gama.

Sendo as artes, e sobretudo a architectura, como espelhos em que se retratam fielmente as idéas do homem, as suas crenças, necessidades, aspirações, emfim o viver da sociedade, estamparam-se, por conseguinte, nos monumentos os effeitos moraes d'essa grande revolução social. O embate dos velhos principios com os que íam constituir a nova sociedade; a luta porfiosa dos interesses creados e dos costumes arraigados com os que de novo se levantavam, produziram a instabilidade nas instituições, a incerteza e a duvida nos espiritos, e a desordem nas idéas e nos costumes.

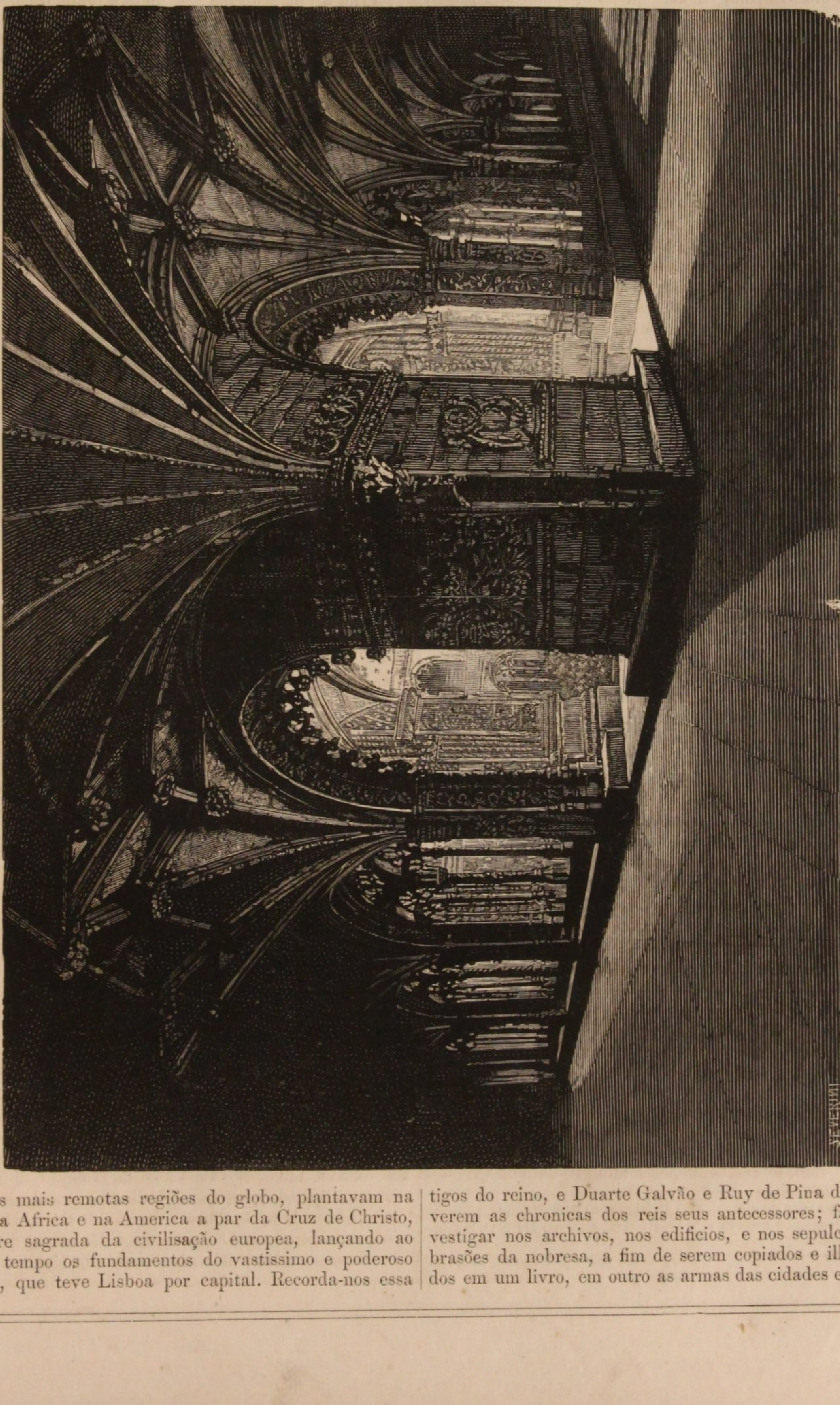
A architectura, que está em tão intimas relações com a humanidade, seguindo passo a passo todos os seus progressos, identificando-se com as suas idéas, procurando satisfazer as suas necessidades, elevando-se e exaltando-se com as suas prosperidades e triumphos, e abatendo-se com os seus infortunios, não podia deixar de apresentar em si a perfeita imagem d'aquella anarchia moral.

Pois d'esta anarchia artistica, que tanto nos enleva pela elegancia das fórmas, e pela variedade, profusão e delicadeza da ornamentação, é o mosteiro de Nossa Senhora de Belem um dos mais bellos e sumptuosos specimens que se conhecem, e o ultimo que se construiu na Europa. E de tão precioso monumento é o claustro, representado na gravura junta, uma das mais esbeltas e primorosas partes.

Em qualquer paiz o mosteiro de Nossa Senhora de Belem seria um monumento artistico de muito apreço. Mas para nós, os portuguezes, ainda é mais alta a sua significação como gloriosissimo padrão da historia patria.

Essas arcadas tão grandiosas, essas abobadas de laçarias tão floreadas; essas columnas tão elegantes, de tão variados feitios, que se cançam debalde os olhos em procurar duas iguaes; essas rendas tão delicadas; esses lavores de tão opulenta e phantasiosa invenção, de que está recamada toda a cantaria; emfim esses variadissimos emblemas, que avultam por todo o claustro, resaltando da pedra por entre as folhagens, arabescos e mil outros graciosos relevos, fallam-nos de Vasco da Gama, e de Pedro Alvares Cabral, descobrindo a India e o Brasil, de João da Nova, fazendo a descoberta da ilha de Santa Helena, Pereira a de Socotorá, D. Lourenço d'Almeida a de Ceylão, e depois a das Maldivas, Tristão da Cunha a das ilhas a que deu o seu nome, e a da Ascenção, Ruy Pe-

reira Coutinho a de Madagascar, Abreu as Molucas; fallam-nos de Fernando de Magalhães, fazendo a primeira viagem em volta do mundo, de D. Francisco d'Almeida, Affonso d'Albuquerque, Duarte Pacheco, D. João de Castro, e muitos outros heroes, que levando as quinas de Portugal ás mais remotas regiões do globo, plantavam na Asia, na Africa e na America a par da Cruz de Christo, a arvore sagrada da civilisação europea, lançando ao mesmo tempo os fundamentos do vastissimo e poderoso imperio, que teve Lisboa por capital. Recorda-nos essa fabrica magnifica, honrosas providencias governativas, pois que emquanto cresciam as suas paredes mandava el-rei D. Manuel reunir e resumir as leis em um codigo, commettendo esse trabalho a famosos jurisconsultos; encarregava Fernam de Pina da reformação dos foraes antigos do reino, e Duarte Galvão e Ruy de Pina de escreverem as chronicas dos reis seus antecessores; fazia investigar nos archivos, nos edificios, e nos sepulchros os brasões da nobresa, a fim de serem copiados e illuminados em um livro, em outro as armas das cidades e villas;



Claustro do mosteiro de Nossa Senhora de Belem

(De uma photographia do sr. Carlos Relvas)

instituia a confraria da Misericordia, a instituição mais religiosa e philosophicamente caritativa, que os homens até hoje têem creado; fundava e reformava hospitaes; construia edificios grandiosos, muitos d'elles monumentos de arte, como a torre de S. Vicente de Belem, os templos da Misericordia, em Lisboa, do convento de Christo, em Thomar, do mosteiro da Pena, em Cintra, etc.; edificava os magnificos paços da Ribeira, e muitos edificios publicos importantes, que formam um extenso catalogo.

Emquanto o lapis do architecto e o escopro dos esculptores poetisavam, deliniando no papel e esculpindo na pedra os emblemas de tantas emprezas gloriosas, Duarte Galvão, Fernam e Ruy de Pina, André de Resende, Castanheda, Damião de Goes, Barros e Couto, pegavam da penna de historiadores, e seguindo differentes veredas, eternisavam seus nomes, eternisando as glorias de Portugal; Bernardim Ribeiro, o poeta apaixonado, despido de arte, mas ataviado das galas do genio, cantando amores e saudades, fazendo sentir os encantos da sua lyra melancholica, assignalava o começo de um periodo brilhante da litteratura nacional, e abria as portas a dois legisladores do Parnaso lusitano, Sá de Miranda e Antonio Ferreira; Gil Vicente creava e fazia popular o theatro portuguez, divertindo com a sua graça original principes, nobres e plebeus, ao mesmo tempo que os instruia e lhes corrigia os vicios; Garcia de Resende colligia as trovas populares, e legava á posteridade o seu inestimavel cancioneiro; um homem desconhecido e pobre, um aventureiro, que empunhou a espada e a lyra, e que luctando contra a adversidade e contra a inveja, zombou de ambas pelo condão do genio e da coragem, elevava-se acima de todas as illustrações do seu tempo, e tomando logar ao lado dos grandes epicos da antiguidade, com o nome glorioso de Camões, fazia admiradas e populares entre todos os povos civilisados as proezas dos filhos de Portugal[1]; immortalisavam-se muitos homens no fôro e no pulpito; pollia-se a linguagem e adoçavam-se os costumes; o Grão Vasco[2], Antonio e Francisco de Hollanda, e Campello, fundavam a escola portugueza de pintura; Matheus Fernandes illustrava a architectura, traçando um poema nos dois esbeltos portaes das capellas imperfeitas da Batalha; Diogo de Carta ou Carça, Pedro de Frias, Diogo Pires, Rua e Pedro Taca elevavam á maior perfeição a esculptura em madeira e pedra; Jeronymo Luiz lançava os fundamentos á escola de gravura; André de Escovar, João Rodrigues e Mathias de Arando escreviam e ensinavam artes de musica; e João Gallego construia o famoso galeão S. João Baptista, o celebrado *Botafogo*, com o seu talhamar de fino aço, o maior navio de guerra que até esse tempo se tinha visto na Europa.

Finalmente, emquanto se erguia o monumento de Belem opulento de arte, o amor da patria e da religião incitava os portuguezes a praticarem nobilissimas acções, refulgindo nas navegações arriscadas, nos campos da batalha, nos tribunaes de justiça, na cadeira evangelica e no gabinete do litterato.

Taes são as recordações que se ligam ao monumento manuelino, precioso livro de pedra, repleto das mais peregrinas memorias, que podem dar nome illustre a um povo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] As obras do mosteiro de Belem, nunca terminadas, progrediram durante os reinados de D. Manuel, D. João III e D. Sebastião.

[2] Em minha opinião o Grão Vasco não é um mytho, mas sim o creador da escola nacional de pintura.

PER AMICA SILENTIA...

Chantez, chantez! jeune inspirée.
VICTOR HUGO.

Hei de dizer-te um dia, minha pallida,
como é suave e bello ouvir-te o canto,
mystico som de harpa dolorida,
harmonia sem fim de um côro santo!

E em que rosados sonhos tenho a alma,
que se alenta em teu cantico divino,
como a flôr entre-abrindo as brandas petalas,
quando a aurora em seu carro adamantino

nas sombras do occidente a luz derrama,
cambiante véo de um quadro que fluctua,
aonde pouco a pouco se confunde
a transparencia alvissima da lua!—

Mas não sabes as horas de delirio
em que sómente vivo de te ver;
e como choro e soffro noite e dia,
quando sósinho penso em ti, mulher!—

Que importa? hei de seguir-te, branca aurora,
n'este mundo de dôres em que existo,
preso da immensidade de teus olhos,
como as turbas da meiga voz do Christo!—

....
....

Mas quando te apertei a mão nervosa,
e teu rosto senti junto do meu,
não sei o que a luz tinha em si de estranha,
quando do teu olhar a mim desceu!—

Era um véo de tristeza encantadora,
nevoa de noite de luar de agosto,
sombra mysteriosa emmoldurando
a curva graciosa de teu rosto!—

E desde então, ó minha dôce pomba,
que as venturas do céo me vens contar,
eu vi que se tornaram tristes, languidos,
os cilios que assombreiam teu olhar!—

E quando em longas noites de vigilia,
a sós com tua sombra eu endoideço,
ou quando, ideal sagrado de meus sonhos,
que desças para mim eu tanto peço!—

Bem sinto que acolheste alguma lagrima
de tantas que chorei em vão por ti,
e a misturaste ás ondas de teu seio...
livro aberto de amor que eu nunca li!...

Astro de branca luz, mystica flôr,
será isto que eu sinto um sonho apenas?
ou tu, que és casta e pura, a algum martyrio
mais doloroso ainda me condemnas?

Que importa? hei de seguir-te, branca aurora,
n'este mundo de dôres em que existo,
preso da immensidade de teus olhos,
como as turbas da meiga voz do Christo!

1873

CHRONICA DO MEZ

Se não tivesse em cima da mesa alguns livros que se publicaram este mez, e me foram enviados, os quaes me impõem a agradavel missão de fallar d'elles, esta chronica resumir-se-hia a poucas linhas, por isso que não me seria licito preenchel-a com dissertações a respeito dos successivos incendios que têem posto a cidade, não direi n'uma brasa, mas em grande alvoroço, e dos incendiarios, que, se existem n'esta boa terra, são as unicas pessoas que actualmente dormem tranquillas, sem outra inquietação que não seja a carestia do petroleo.

A principal novidade do mez foi, effectivamente, o grande numero de incendios. Não se fallava de outra coisa. Os theatros que trabalharam, estiveram pouco animados, os demais divertimentos da capital pouquissimamente concorridos; quem não se achava no campo, procurando algum refrigerio para o calor ardente do mez da canicula, mettia-se em casa á boquinha da noite, a fim de aferrolhar as portas e livrar-se do calor ainda mais ardente das chammas do petroleo.

Este combustivel que tirou grande importancia á agua-raz, quer como veneno para as cozinheiras namoradas, quer como facil meio de pegar fogo ás casas dos cidadãos, nunca foi tão fallado em Lisboa. Tudo tem a sua época.

Tratando, pois, dos livros publicados este mez, citarei as *Manhãs e noites*, pelo sr. Julio Cesar Machado; *O juramento da duqueza*, pelo sr. Pinheiro Chagas; o *Summario de varia historia*, pelo sr. J. R. Guimarães e *Os jesuitas*, pelo sr. Oliveira Pires.

O auctor do primeiro volume de que fiz menção, o sr. Julio Cesar Machado, é tão conhecido pela graça, delicadeza e feição particular das obras que assigna, desde o folhetim em que é o primeiro, até o livro em que se conserva a par dos melhores escriptores da moderna geração, que escusado será ao fallar de mais uma das suas muitas producções litterarias, relembrar os dotes valiosissimos que todos lhe conhecem e apreciam.

O seu novo livro, á maneira da maior parte das ultimas obras do notavel folhetinista, não se compõe exclusivamente de narrações alegres e divertidas, como tão superiormente as sabe escrever o auctor; entre algumas d'essas narrações se encontram tambem paginas melancholicas, que de certo farão humedecer de lagrimas os olhos da leitora enternecida. São estas as *noites*, como aquellas as *manhãs*, de que nos falla o titulo.

A edição promette esgotar-se em pouco tempo; é tambem uma das condições dos livros de Julio Cesar Machado.

O juramento da duqueza, nova publicação da Bibliotheca Universal dos srs. Lucas & Filho, serve de continuação ao interessante romance historico *A mascara vermelha*, já registado n'esta secção em o numero de maio.

Ambos os livros são do sr. Pinheiro Chagas, escriptor fecundo e muito apreciado tanto em Portugal como no Brazil.

O juramento da duqueza é tambem romance historico. N'elle se encontram alguns dos personagens com quem o leitor travára conhecimento no volume antecedente, e bem assim muitos outros d'aquella época, entre os quaes figura um de summa importancia litteraria, o celebre jesuita e famoso classico o padre Antonio Vieira.

É cheia de interesse dramatico esta nova obra do sr. Pinheiro Chagas e de utilissima leitura aos menos sabedores da historia portugueza, porque, pelas descripções amenas dos principaes factos succedidos no começo da dynastia a que pertence a casa reinante de Portugal, facilmente se toma conhecimento com uma época tão notavel e importante, como aquella a que se acha estreitamente ligado o grande acontecimento da independencia patria.

O terceiro volume do *Summario de varia historia*, ultimamente editado pela casa Rolland & Semiond, é, como os dois primeiros tomos, de muito interesse e instrucção.

O auctor, o sr. José Ribeiro Guimarães, prestou notavel serviço com a publicação d'esta obra, feita á custa de muitas e fastidiosas investigações em escriptos antigos, porque pôz ao alcance de todos o conhecimento de antigualhas, cuja origem, significação ou descripção, só se poderiam obter, antes do *Summario*, recorrendo aos velhos cartapacios das bibliothecas.

Pelo capitulo d'este ultimo volume, intitulado *Um quadro de Sequeira*, em que o auctor falla de um esboceto do celebre pintor portuguez, comprado pelo actor João Anastacio Rosa por 17$000 réis, no leilão do fallecido Felix da Costa Pinto, se póde apreciar o pouco ou talvez nenhum conhecimento de bellas artes que infelizmente ha em Portugal. Ninguem no leilão, excepto o sr. Rosa, percebeu que era uma preciosidade artistica o painel sobre que se estava licitando, provavelmente com lanços de 500 réis, ou menos. E todavia a *maneira* de Domingos Antonio de Sequeira é bem caracteristica; quem tiver olhado para um quadro do mestre com verdadeira attenção, póde facilmente conhecer quasi todos os demais do mesmo pincel.

O esboceto arrematado pelo sr. Rosa é de assumpto allegorico; figura a *Derrota do despotismo e a victoria da liberdade*. Não deixa a menor duvida com relação ao auctor. Pertence actualmente á Academia real de bellas artes, que o avaliou e pagou como merece.

O livro do sr. Oliveira Pires *Os jesuitas*, foi, segundo refere o auctor no bem elaborado prologo que acompanha o romance, pensado e escripto ha muitos annos.

É esta uma circumstancia que mais encarece o talento do sr. Oliveira Pires.

Se o estylo revela, por vezes, a pouca firmeza do escriptor que dá os primeiros passos na vereda das letras, a urdidura da fabula, a dramatisação de alguns lances, as investigações historicas, o interesse geral da obra e outras circumstancias indispensaveis nos romances, e que não faltam no de que faço menção, traçado aos vinte annos, dão clara idéa da muita aptidão do auctor, que poderia ter feito brilhante carreira como romancista, se, em vez de ter fugido á sua decidida vocação, para ir exercer um logar em qualquer secretaria, se houvesse entregado exclusivamente ao cultivo das letras, que é a habitual profissão de tantos homens prestadios em outros paizes, mas que, em Portugal, infelizmente, só póde ser passatempo mais despendioso, ás vezes, do que rendoso.

Além de muitas e interessantes noticias historicas compendiadas no romance, cujo thema são os ultimos feitos em Portugal da celebre companhia de Jesus, que tanto tempo dominou o mundo e que foi por fim dissolvida e quasi anniquilada por um papa, a quem, de certo, o arrojo custou a vida, avulta em plano principal a figura gigantea do primeiro ministro de el-rei D. José, um dos mais acerrimos perseguidores dos jesuitas e que muito contribuiu para a extincção da ordem.

D'aqui se vê que o romance do sr. Oliveira Pires não tem apenas o interesse balofo de uma ficção qualquer; encerra dados historicos artificiosamente tecidos com a parte romantica, de modo que ao mesmo tempo que recreia, póde servir de ensinamento.

As principaes familias que estão no campo a ares, recolheram quasi todas á capital no dia 14 d'este mez, para assistirem ao mais popular divertimento que ha no paiz.

Tratava-se, como se vê, de uma toirada. D'esta vez, porém, a diversão duplicava de interesse, porque a toirada era das chamadas de fidalgos.

Todos desejavam applaudir o denodo com que alguns rapazes, uns já experimentados em tão arriscadas luctas e outros que pela primeira vez entravam n'ellas, iam repetir aquellas famosas pelejas com a força bruta, tão apreciadas e tão bem lidadas pelos fidalgos antigos, que não tinham duvida, antes se compraziam, em tomar parte n'ellas como combatentes.

A praça do Campo de Sant'Anna estava brilhantissima, não porque as sanefas e cortinas com que a enfeitaram a tornassem mais vistosa, mas porque a belleza e as *toilettes* elegantes das senhoras que estavam nos camarotes e em logares reservados na trincheira, apresentavam aspecto magnifico e attrahente. N'um dos logares reservados da trincheira, viam-se muitas das senhoras hespanholas pertencentes ás familias emigradas que se acham em Lisboa, as quaes applaudiram enthusiasticamente e brindaram com rebuçados, charutos e ramilhetes os lidadores, que, diga-se em boa verdade, se portaram todos com o brio da mocidade cavalheiresca de Portugal. Distribuiram-se uns impressos em que as nossas interessantes hospedes, agradecendo em mimosas quintilhas a hospitalidade portugueza e o convite que lhes fôra dirigido para a festa, animavam os mancebos que tomavam parte na lide.

Correu animadissima a tarde, não havendo a lastimar nenhuma eventualidade menos agradavel, a não ser uma ou outra queda de nenhuma consequencia grave, dada pelos forcados, e o susto que as hespanholas tiveram quando um dos bois tentou ir visital-as ao seu compartimento.

Os unicos theatros que trabalharam durante o mez, foram os do Gymnasio e Principe Real. O primeiro deu o drama de grande espectaculo *O mosqueteiro do rei*, que o publico applaudiu do principio ao fim; o segundo reproduziu a operetta *A grã-duqueza de Gerolstein*, afortunada peça, que até depois de muito vista e na força do calor, chamou concorrencia ao theatro.

Por isto se vê que Offenbach ainda não foi de todo desthronado; deve, porém, confessar-se que, apesar de tudo, é rei que está muito em baixo... rei que presente republica.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

A *Sociedade promotora de bellas artes em Portugal* publicou o relatorio da sua gerencia, relativo ao nono anno social. N'elle se lêem algumas lisonjeiras palavras a respeito da revista — *Artes e letras*, as quaes sincera e cordialmente agradecemos. Tambem distribuiu pelos socios não premiados, uma gravura devida aos habeis buris do sr. Pedroso, copia de um formoso quadro do sr. Christino. Representa *Um sendeiro de quarenta annos*.

Falleceram durante este mez os seguintes artistas estrangeiros: Antonio Chintreuil, paisagista francez, discipulo de Corot; Augusto Poitevin, esculptor francez; Carlos Manuel Conrad, prussiano, pintor e aguarelista distincto; Paulo d'Oubry, de 28 annos de idade, paisagista francez (succumbiu por excesso de trabalho); Clodion Roux e Jorge Dronin, pintores francezes; José Fagnani, retratista italiano e Luiz Carlos Augusto Couder, celebre pintor francez, discipulo de Regnault e de David. Tinha 83 annos de idade, era membro do instituto e condecorado com a Legião de Honra. Dos pintores citados, morreram de desgraça Clodion Roux, ao saltar uma fenda nas montanhas da Suissa, e Jorge Dronin pela inhalação do chloroformio que applicou á face, para abrandar uma dôr de dentes que não o deixava dormir.

A commissão encarregada de celebrar o quarto centenario de Miguel Angelo (5 de maio de 1875) terminou a discussão dos principaes artigos do programma, que dizem respeito á parte litteraria e artistica da festa. Resolveu-se a publicação, em edição de luxo, da correspondencia completa de Miguel Angelo, bem como da sua biographia e dos documentos conhecidos ou ineditos relativos á vida e obras do grande mestre. A commissão convidará tambem os artistas a enviarem desenhos de factos inherentes á vida do illustre italiano, os quaes desenhos serão photographados e depois reunidos em album. O mesmo se fará a todas as producções de Miguel Angelo, incluindo os seus importantissimos desenhos. As outras resoluções da commissão referem-se á cunhagem de uma medalha; á collocação de uma lapide commemorativa na casa em que o grande artista nasceu, em Capreso, e na que habitou, durante muitos annos, em Settignano; finalmente, á remoção da estatua representando *David*, para uma tribuna onde devem igualmente figurar os modelos das suas principaes obras de esculptura. A municipalidade de Florença será igualmente convidada a elevar um monumento em honra do universal artista.

Está exposto na grande nave do palacio da Industria, em París, o plano em relevo do ataque e defensa de París. Levantado escrupulosamente na escala de um millimetro por metro, representa não só a parte que vae do centro da cidade e das fortificações para os portos, as aldeias e os bosques, mas tambem os cumes dos terrenos elevados, como Montmartre, S.ta Genoveva, Belleville, Monte Valeriano, Sèvres, S.t Cloud, Avron e toda a encosta da bacia do Senna. Póde seguir-se, passo a passo, a linha do cerco que rodeiava París. Pequenas peças de artilheria de aço, marcam o logar e a disposição das baterias allemãs, e claramente indicam os sitios da cidade para aonde ellas fizeram fogo até 26 de janeiro. O espectador, andando em redor d'este panorama visto de cima, póde achar-se quer em Chatillon, o ponto mais proximo das fortificações (4 kilometros), quer em Gournay-sur-Marne, o ponto mais afastado (20 kilometros). A illusão optica é quasi completa, prestando-se o espirito á reducção proporcional dos objectos e das distancias. O logar dos prados é marcado com um pó verde. Os bosques são de musgo. O Senna corta a cidade e circunda a peninsula de Gennevilliers, de que tanto se fallou e tão mal se aproveitou. Os monumentos, em escala reduzida, com as suas torres e os seus zimborios superiores aos telhados das casas, formam com estes um aspecto maravilhoso. Brilham o zimborio dourado dos Invalidos e a igreja russa. Os vastos telhados da nova Opera, os pateos e os pavilhões do Louvre e as linhas dos *boulevards* distinguem-se perfeitamente, e servem de ponto de partida para se conhecerem as sub-divisões dos bairros. Este interessantissimo plano foi levantado pelo sr. Liénard. Parte do producto da exposição é destinada para a caixa dos soccorros dos refugiados alsacianos e lorenos.

O *Salão* de Antuerpia abriu as suas portas no dia 10 de agosto, ás dez horas da manhã. A exposição é numerosissima. O catalogo encerra para cima de 1:256 objectos de arte. O sr. de Keyser, director da academia de Antuerpia, expõe um quadro historico e um retrato de mulher do tamanho natural. Notam-se importantes obras dos principaes artistas nacionaes e de muitos estrangeiros.

Vae haver em Vienna, no museu imperial e real de Austria, Stubenring, uma exposição de quadros antigos pertencentes ás collecções particulares. Ver-se-hão representados os mestres hollandezes do seculo XVII, as escolas allemãs e flamengas e os mestres italianos dos seculos XV e XVI. A exposição foi promovida pelos amadores de Vienna. A entrada custará uma pequena quantia.

A exposição de bellas artes por occasião da inauguração da camara municipal de Aberdeen (Inglaterra) que importou em 70:000 libras, foi officialmente aberta ha dias. É feita sob a protecção da rainha e encerra preciosidades em pintura, porcelanas, objectos de arte, de oiro e de prata. A rainha enviou, entre outros objectos, uma pintura do Carl Haag, estatuas equestres em cêra, em que ella é representada e bem assim o principe Alberto, estatuetas de prata, etc., etc.

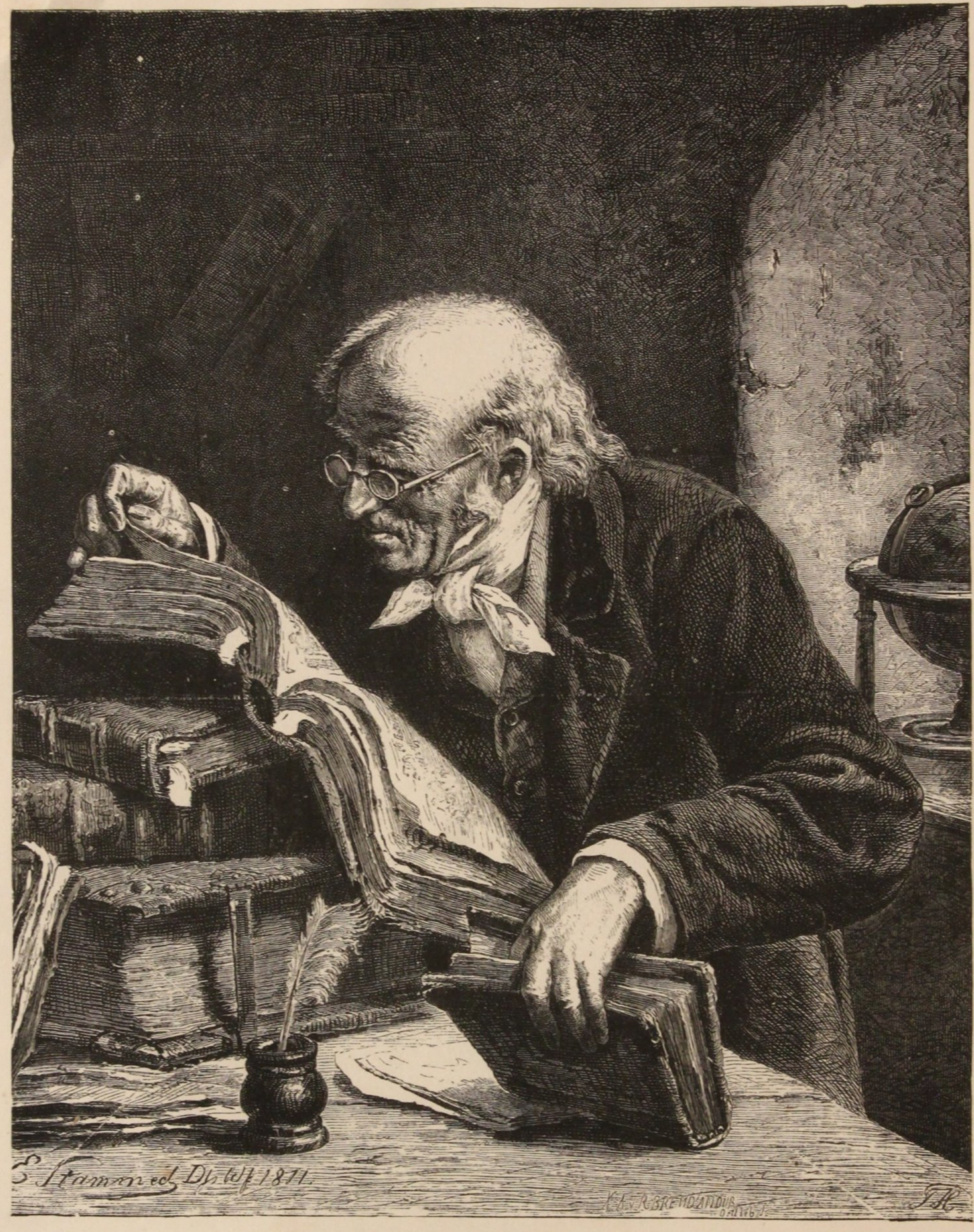
O esculptor inglez Trentanova concluiu o busto de Adelina Patti, celebre cantora, que nós conhecemos apenas por sua fama. Convidou para o examinarem as primeiras celebridades do mundo musical. Depois de um apropriado discurso de sir Benedict, descobriu-se o busto. A Patti parece que se mostrou muito commovida por aquelle tributo de admiração prestado ao seu talento.

Na bibliotheca do museu britannico existem escriptos e desenhos satyricos, que estão sendo catalogados. Já se publicou o primeiro volume. O segundo, que está no prélo, conterá uma grande collecção de satyras sobre assumptos pessoaes e politicos, desde a coroação de Guilherme e de Maria, até fins do anno de 1733, data notavel na historia da satyra.

Estão-se tirando os modelos das preciosas esculpturas do Palacio da municipalidade de París, que figuram na fachada do pavilhão Henrique IV, destinados para um dos museus de França. Acabados estes trabalhos serão postos em hasta publica os trabalhos de demolição d'esta parte do edificio incendiado.



1967 — IMPRENSA NACIONAL — 1873



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

NÃO PERCEBO!

QUADRO DE E. STAMMEL

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



LISBOA—SETEMBRO DE 1873

ARCHEOLOGIA

O MUSEU CENACULO EM EVORA



AMADOR de antiguidades, como de todas as sciencias e bellas letras, creára D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, em Beja, no tempo em que ali fôra bispo, um *Museu Sisenando Cenaculo Pacense*, em que se guardavam mais de cem lapidas, cippos, fragmentos de estatuas e outras antiguidades. Chamára-lhe *Museu Sisenando*, porque na igreja de S. Sisenando mandára elle guardar aquella collecção, antes que a convertessem em escola e aquelles objectos fossem mudados para o incompleto templo dos jesuitas.

Subindo á cadeira dos arcebispos de Evora em 1802, trouxera comsigo D. Fr. Manuel do Cenaculo muitas das preciosas collecções que em Beja diligenciára reunir cuidadoso. Deixára, porém, a collecção epigraphica, por demasiado pesada e de difficil transporte, trazendo, comtudo, um ou outro objecto, por mais leve.

Decorreram annos, e aquelles preciosos restos da antiguidade romana, goda e arabe íam desapparecendo successivamente, e teriam sido anniquilados de todo se o sr. dr. Augusto Filippe Simões não viera para Evora, e não tomára a seu cuidado a bibliotheca publica d'esta cidade.

Á frente d'este estabelecimento, o sr. dr. Simões começou zelosissimo a ajuntar na bibliotheca quantas inscripções íam apparecendo, chegando mesmo a obter do governo uma ordem de lhe serem remettidas para Evora treze lapidas apenas, que restavam em Beja do Museu Cenaculo. Encorporadas estas ás que a bibliotheca possuia por diligencia dos srs. Rivara e João Raphael de Lemos, foram todas classificadas pelo sr. Simões e mandadas collocar no templo romano, chamado de Diana.

Ali se guardou a collecção até ao dia 17 de junho de 1871, em que o templo começou a ser despido das paredes da idade media, que absorviam em si as bellas e elegantes columnas romanas. Forçoso era arrecadar aquella valiosa collecção n'outro local, pois que ali ficaria exposta ao rigor dos tempos, que damnificaria muitas inscripções.

Escolheu-se o palacio de El-Rei D. Manuel, no jardim d'esta cidade, para, no pavimento terreo d'aquella casa, serem dispostas e ordenadas, sob a tutela do municipio.

Reparada pois a casa, allumiada convenientemente por ordem da camara, cujo presidente era o sr. M. de P. da R. Vianna, ali se acham hoje ordenadas aquellas testemunhas millenarias, que na sua linguagem muda nos trazem á memoria milhares de gerações volvidas.

Lidas e impressas correm aquellas inscripções no *relatorio* que, ácerca da renovação do museu Cenaculo, o sr. dr. Simões dirigíra á camara municipal, presidida pelo sr. visconde da Esperança, José.

Foi isto em 1869.

Tão fertil é porém este solo de antiguidades, matriz tão fecunda se nos apresenta, que já hoje outras lapidas se acham encorporadas na collecção.

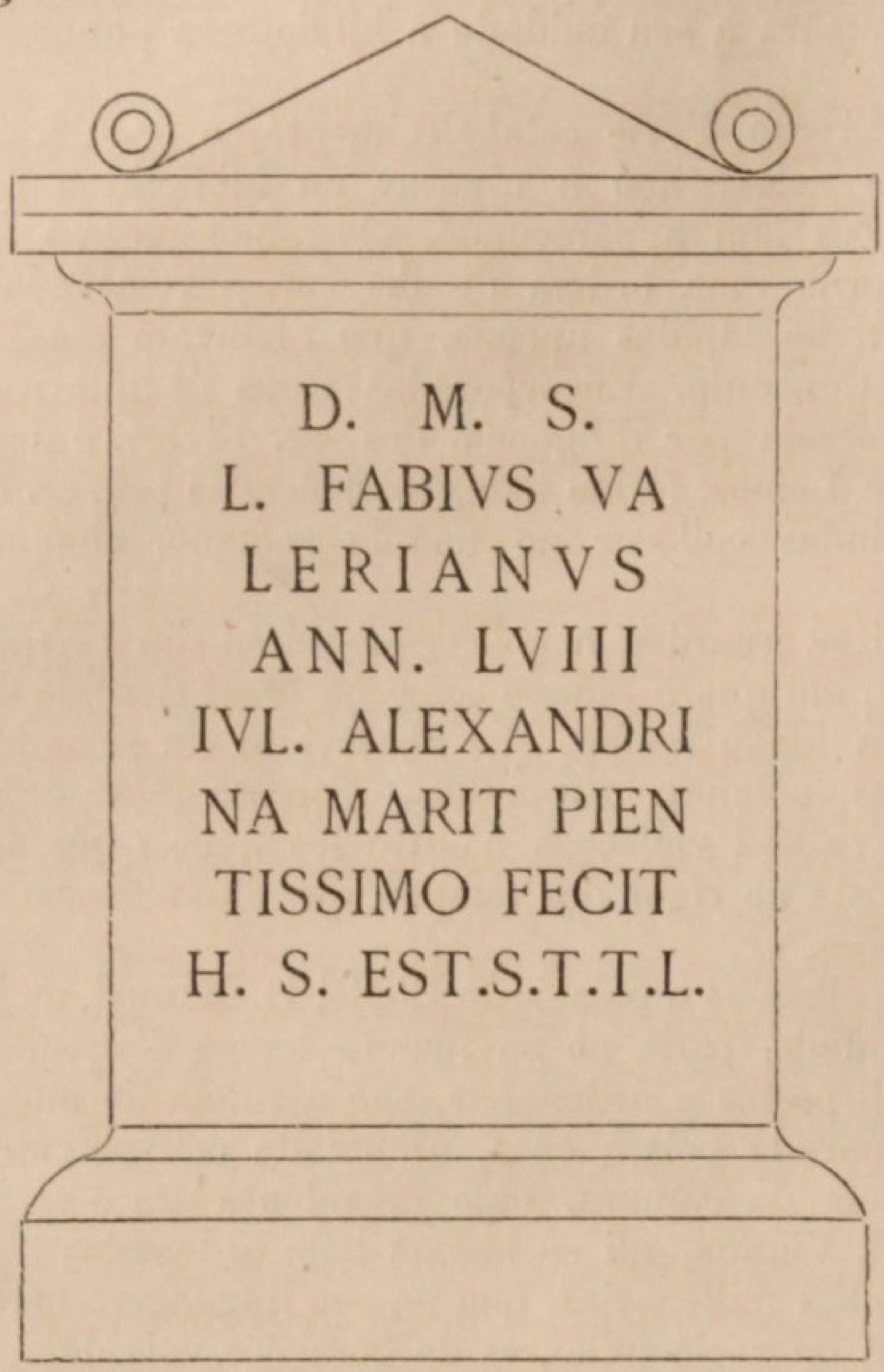
Pena é, porém, que os homens devotados á causa dos seculos volvidos, escasseiem tanto em Evora, n'esta vasta necropole onde o antiquario, ainda hoje como no tempo dos Resendes, dos Estaços, dos Farias, tanto tem que estudar, tanto que descobrir, tanto que explicar. Vive na India o sr. Rivara, em Coimbra o sr. doutor Simões, no tumulo jaz o filho querido d'esta cidade, João Raphael de Lemos. A cada passo topa o alvião n'uma lapida, n'um fuste, n'um capitel. Inscripções apparecem na rua menos publica, na casa mais desprezada, no entulho da habitação demolida.

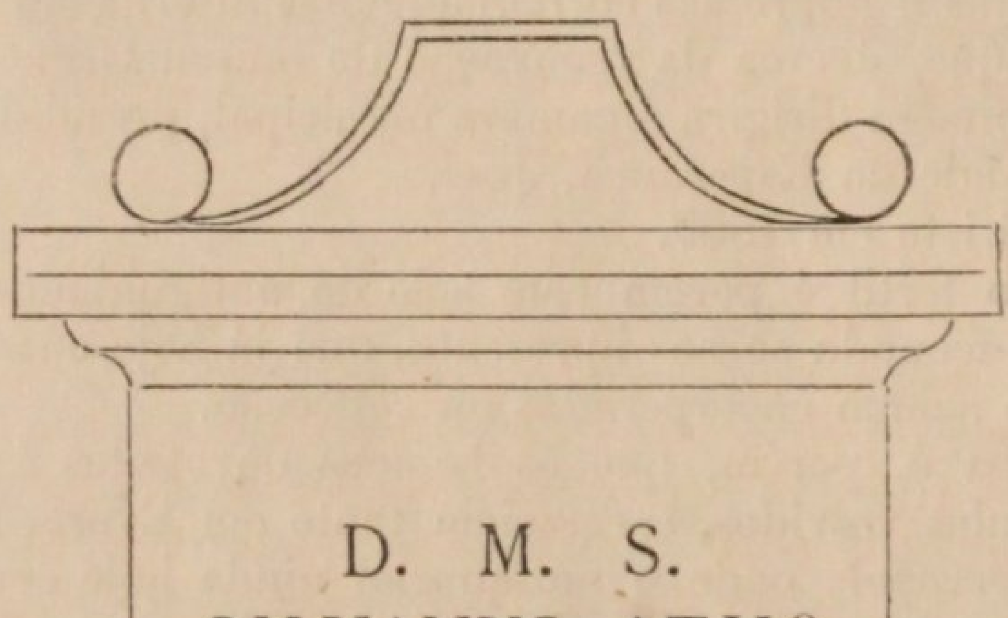
Nos templos, ignoradas ou esquecidas, ha muitas memorias preciosas de homens, de instituições, de factos.

Semanas ha que na claustra da cathedral lemos, suppomos que primeiramente, uma valiosa inscripção, que vem lançar immensa luz sobre a fundação do mesmo templo, ponto controvertido, ou, quando menos, pouco elucidado. Não a podendo aqui pôr fielmente copiada, por suas muitas conjunctas e inclusas, ao menos por despertar vontade de cabalmente o fazer quem possa, e porque tanto a ponto vem, ei-la aqui fica lida singelamente no latim em que está escripta. Mede o comprimento da campa do bispo D. Durando, em uma só linha, e diz assim em seu gothico-monachal:

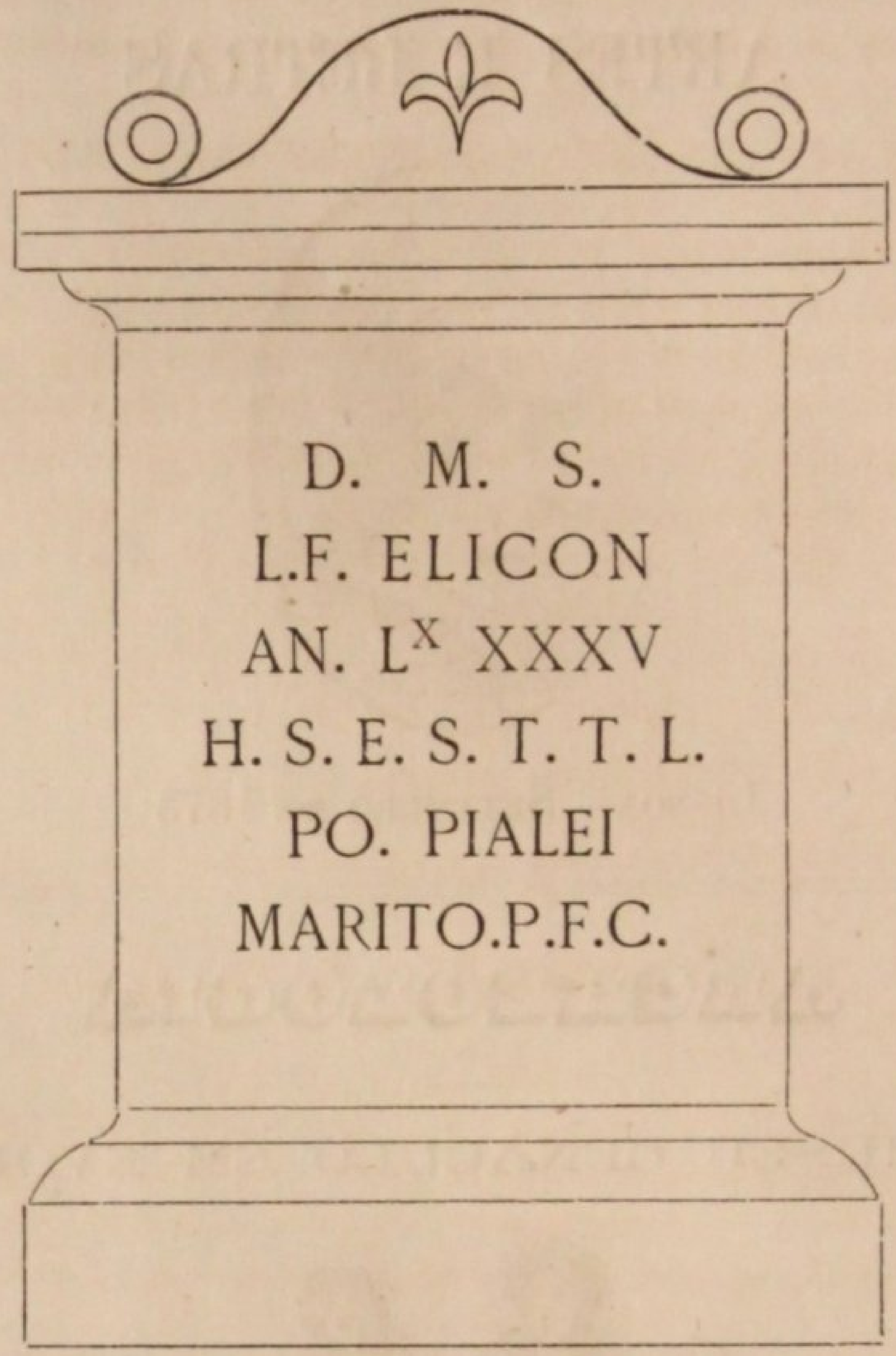
HIC: QUIESCIT: BONE: MEMORIE: DOMINUS: DURANDUS: EPISCOPUS: ELBORENSIS: QUI: DEDIT: INICIUM: (SIC) HUIC: OPRI: CUJUS: ANIMA: REQUIESCAT: IN: PACE: DEI:

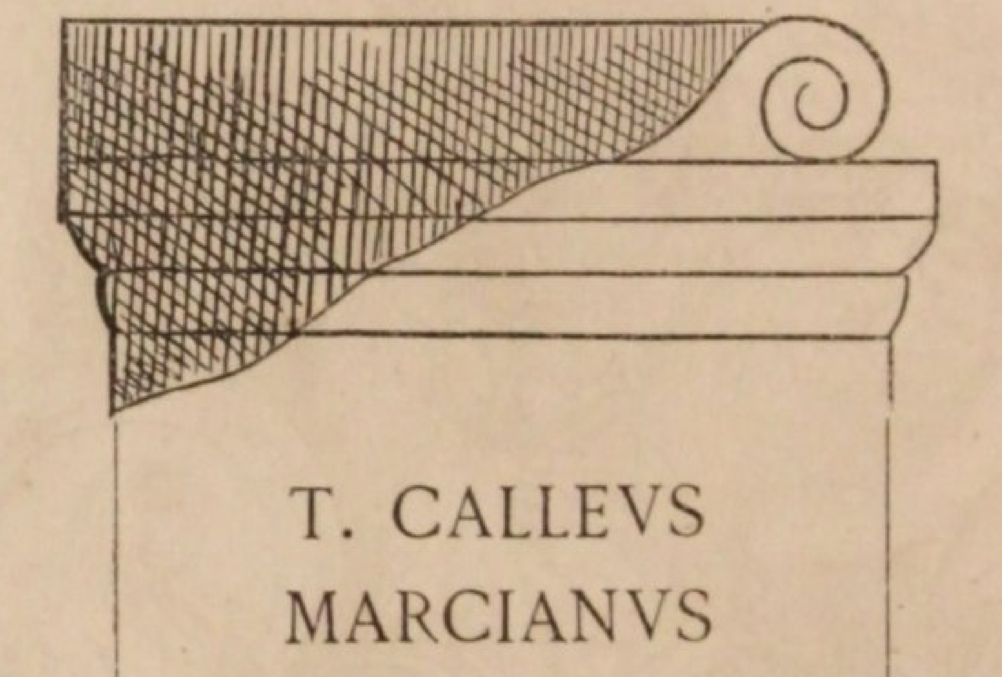
Apparecendo proximo da misericordia a muralha romana [1], construída, sem duvida, já nos ultimos tempos do grande povo, foram encontradas n'ella as seguintes inscripções tumulares:

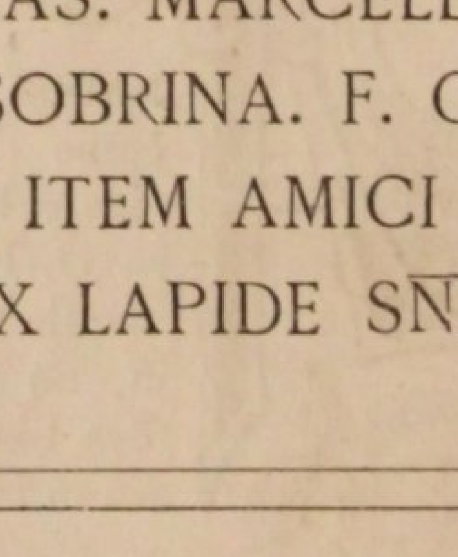




Veio de Arraiollos para Evora ha pouco tempo esta inscripção. As letras da ultima regra estão mui imperfeitas, parecendo-nos, comtudo, não poderem ser outras.







[1] Não ha em Evora vestigios de muralhas que não sejam a *Romana*, a *Fernandina* e a *Affonsina*. Todavia póde ser que a denominada romana seja da edade media, sem embargo de havermos lido algures que os romanos, já nos paroxismos do imperio, pouco escrupulo faziam em empregar em suas construcções objectos de sua passada grandeza.

Em uma parede da bibliotheca, que olha para suest-te, via-se embutida na parede uma pedra com este dizer:

ANNIVERSAREOS POR FERNÃO COLO

Ordenando as conveniencias d'aquelle estabelecimento o alargar de uma pequena janella, que immediatamente por cima lhe dava luz, e descarnada aquella pedra conheceu-se ser ella um tumulo do seculo XIII, por cima do qual, sobre a ogiva de um arco, appareceu este letreiro em gothico-monacal:

E ⋮ M ⋮ CC ⋮ LXXX

IX ⋮ VIII ⋮ KL ⋮

NOVEMBRIS ⋮

OBIIT ⋮ FER

NAMDVS ⋮

COELVS

Arrancado o tumulo e aberto continha dentro a ossada de um individuo, meio envolta ainda na roupagem da mortalha e porventura em restos de empastados musculos!

Tomados com respeito os ossos que a mais leve pressão tornava pó, foi mandado sepultar no cemiterio publico da cidade aquelle partidario de Sancho II ou do conde de Bolonha, guardando-se na collecção archeologica o tumulo curioso.

Esta importante collecção archeologica chama hoje a attenção em Evora do visitante archeologo, já pelo grandioso do numero, já pela raridade de algumas d'aquellas pedras, sendo para esta cidade mais um titulo brilhante de sua civilisação, manifestada n'este culto á historia, á grande mestra da vida, á prophetisa do futuro.

Evora, 1873.

A. F. BARATA.

O Rabbi

TEMOS de frente um rabbi, escusado seria dizel-o.

Rabbi é um dos titulos que os judeus davam aos doutores da lei mosaica. Tambem poderiamos dizer *Arabi* ou *Mar;* porém isso alçapremava muito o caso até as sabenças philologicas, e se o leitor é homem de figados syriacos ou arabicos, vá remettido para Gollio ou Castello, no *Diccionario Heptagloto.*

Este é um rabbi, que teima em conservar no perfil e na alma o contorno dos seus avoengos.

Vegeta na tradição, como o lichen póde vegetar n'uma frincha.

O seu mundo está todo na *Mischna* e na *Gemara,* dois livros que são para elle dois polos.

Explica a lei na synagoga, e d'ali vae medital-a para casa á frouxa claridade da lampada.

Sabe que ha progresso, quer dizer, alguma cousa mais que nas eras de Gamaliel, porque o tem espreitado com horror do alto da sua morada sombria.

É velho, e é triste.

Cobrem-no duas noites.

Ainda mais: é só.

Duas noites n'um ermo.

D'aqui tem-lhe resultado um certo azedume, que o torna desconsolador e caustico.

Foi moço, como todos; e apesar do desterro moral em que vive ha tantos seculos a sua raça, teve, pela intersecção dos sonhos, o apparecimento vago da felicidade.

Transportou-se muitas vezes em espirito ao vaporoso tempo dos mysterios antigos, e á luz da sua imaginação, viu desfilar sobre as montanhas de Gelboé e de Sulem aquellas mulheres de cantaro á cabeça, pallidas e scismadoras, com os olhos affogados em extases voluptuosos.

Sorria-se, então, e murmurava alguns arrulhos do *Cantico dos canticos,*—especie de *Pervigilium,*—talvez um poucochinho mais adubado de sensualidade... mystica.

Com os annos foram-se-lhe mellando as verduras. A fantasia negou-se-lhe a pinturas ideaes, e quando buscava uma Ruth em leiras de qualquer correligionario, topava, quando muito, com duas samaritanas de grés, catando o pulgão ás cepas.

Disse adeus para sempre aos devaneios puerís, e mergulhou-se na sciencia.

As phocas eruditas ergueram-se dos seus recessos e vieram comprimental-o.

Já não tinha illusões, nem enthusiasmos, nem fervenças intimas, nem o cantar d'esses rouxinoes melodiosos, que se desentranham pela noite alta,—menestreis dos bosques, que se inspiram da aurora como das estrellas;—já morrera para a sensação e para o sentimento,—e por tanto,—como um rato acossado,—refugiára-se no queijo ôcco das especulações talmudicas.

N'um paiz christão e constitucional nomeal-o-hiam sabio, a tanto por mez, e incumbil-o-hiam de fazer levedar os miolos publicos; visto achar-se em meio diverso, pouparam-no ao cesto das tamaras e elevaram-no a rabbi.

Agora é velho,—o que o faz respeitavel.

Como metteu o coração entre parenthesis, acaricia devotamente o estomago.

Não se infere, porém, que tenha chegado á glotonaria.

Aceita o ramadão, porque a lei o prescreve; mas sabe igualmente explicar a *Thora* com a desanuviada hermeneutica de quem não tem achaques no gaster.

Sabe que o entendimento não é uma cousa tão immaterial como muitos cuidam, e por isso gradua a corrente de phosphoro que um bom jantar faz de presente ao cerebro.

Lê e come: pasta no livro e na mesa.

Deram com elle uma vez meditando n'este conselho de Paulo a Thimotheo, na primeira epistola:

—«Não bebas d'aqui por diante sómente agua, mas usa tambem d'um pouco de vinho, por causa de teu estomago e de tuas continuas enfermidades.»—

O rabbi meditava n'este ponto sem escrupulo. A primeira rasão é que ainda julgava fariscar em Paulo uns desvanecidos fumos judaicos, e lembrava-se tambem dos seixos que elle arremeçou a Estevão, por conta dos do synhedrio; e depois, aquelle dizer era tão consoante aos ouvidos da alma!...

O Deus de Abrahão te proteja, rabbi miserando, para quem o tempo corre, já sem alegrias nem esperanças. Tu has de ter ao canto da arca a tua meia duzia de

dobrões com o pezo, d'esses que os teus progenitores gualdriparam n'alguma onzena de gerifaltes.

Respeita isso, como um legado piedoso.

Estuda, — o que, não sei, mas alguma obra que não entendas, — e prospera n'essa maninha insuffiencia. Dorme repleto, e accorda sem amargos de bôca.

Um dia ha de chegar a tua hora, e então dize o ultimo adeus, — não direi ao livro nem ao bife, — mas á flôr que vires no beirado visinho, — e pede ao invisivel, em que todos nós cremos, que te leve até onde ella manda o perfume!

E. A. VIDAL.

ESTATUA DE BOCAGE

FOI de festa, na cidade de Setubal, o dia 21 de dezembro do anno de 1871. A formosa rainha do Sado vestiu as suas galas, engrinaldou-se e trasbordou de jubilo, porque n'aquelle dia honrou a memoria de um dos seus mais illustres filhos, o poeta Manuel Maria Barboza du Bocage. Inaugurava-se o monumento erigido ao poeta por iniciativa do sr. visconde de Castilho, e seu irmão José Feliciano de Castilho. Lisboa enviava áquella festa a flôr da sua litteratura e muitos cidadãos distinctos por outros meritos.

Aquelle que, n'um arrebatamento de enthusiasmo, por ser louvado pelo maior engenho poetico do seu tempo, engenho peregrino esmaltado por um caracter probo e austero, bradava:

Zoilos, tremei! Posteridade és minha!

via lá da eterna mansão, onde habita, confirmada plenamente a sua ousada expansão de enthusiasmo.

No dia 21 de dezembro, pois, o marquez d'Avila e Bolama, vice-presidente da academia real das sciencias, o conselheiro Miguel Maria Lisboa, ministro do Brazil, em Portugal, o visconde de Castilho, um dos auctores da proposta para a erecção do monumento, e o dr. Antonio Rodrigues Manitto, presidente da camara municipal da cidade de Setubal, descobriram a estatua de Manuel Maria Barboza du Bocage, correndo os cordões das bandeiras que velavam a mesma estatua, aos sons festivos das musicas que vieram a esta festa.

Na praça, onde estão os paços do concelho, e que desde então se ficou chamando *Praça de Bocage,* se levanta o monumento dedicado a Elmano.

O pensamento inicial d'esta homenagem a Bôcage partiu do sr. José Feliciano de Castilho e seu irmão, o visconde.

No dia 15 de setembro de 1865, anniversario secular do nascimento de Bocage, celebrava-se nas salas do Club Fluminense, do Rio de Janeiro, uma festa litteraria em honra do poeta, por iniciativa do sr. José Feliciano de Castilho e de seu irmão, o visconde. Foi ahi que o sr. Castilho expôz a nobre idéa de perpetuar, em duradouro monumento, a popularidade de que gosou e gosa o poeta, e a admiração que elle inspirou pelo seu maravilhoso engenho. Foi bem recebido este pensamento e desde logo se nomeou uma commissão para o realisar. Eram máus os tempos para agenciar a subscripção indispensavel ao fim que se tinha em vista, porque a guerra do Paraguay paralysava tudo e absorvia todas as attenções. Sem embargo, á custa de bastantes esforços, conseguiu-se juntar uma somma, não avultada, mas sufficiente para um monumento modesto. Essa somma foi depositada pelo thesoureiro da commissão José Ricardo Moniz, na casa bancaria Fortinho & Moniz, do Rio de Janeiro, mas esta casa falliu, e portanto lá foram absorvidos os fundos destinados a honrar a memoria de Bocage.

Pelo relatorio do thesoureiro, vê-se que o producto da subscripção subiu a 8:427$640 réis (moeda fraca), deduzindo porém as despezas, foi a somma depositada na casa Fortinho & Moniz 6:735$220 réis.

Mas o sr. Castilho não tendo entrado na thesouraria da commissão com as duas ultimas verbas, que recebêra, salvou ainda a quantia de 1:583$000 réis, a qual, reunida com a de 162$000 réis, importancia de um rateio pago pela casa fallida, perfez o total de 1:745$000 réis, o qual, reduzido a dinheiro forte, ficou em 614$437 réis.

Veio, mais tarde, o sr. Castilho a Portugal, e aqui, de accôrdo com seu irmão, o visconde, tratou de levar por deante o pensamento iniciado em 15 de setembro de 1865, no Rio de Janeiro.

Foi confiado o modelo da estatua ao esculptor Pedro Carlos dos Reis.

Sobre uma escadaria de quatro degráus, dos quaes o primeiro tem 4 metros de largura, sendo a altura d'elles 1^{m},10, ergue-se um pedestal quadrado, que da base até á cornija tem 2^{m},40 de alto e 1^{m},50 de largo; nos quatro angulos é chanfrado e nas quatro frentes tem as seguintes inscripções:

Do lado do sul:

A. M. M. BARBOZA DU BOCAGE

ADMIRADORES SEUS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

M DCCC LXXI

De Elmano eis sobre o marmore sagrado
A lyra em que chorava ou ria amores...
Ser delles, ser das musas, foi seu fado!
Honrae-lhe a lyra vates e amadores!

Do lado do norte:

Este, em quem se ufana a pedra erguida,
Ah! se encantou com sonorosas côres...
Já Bocage não é! não sois, amores!...
Chorae-lhe a morte, e celebrae-lhe a vida!

Do lado do nascente:

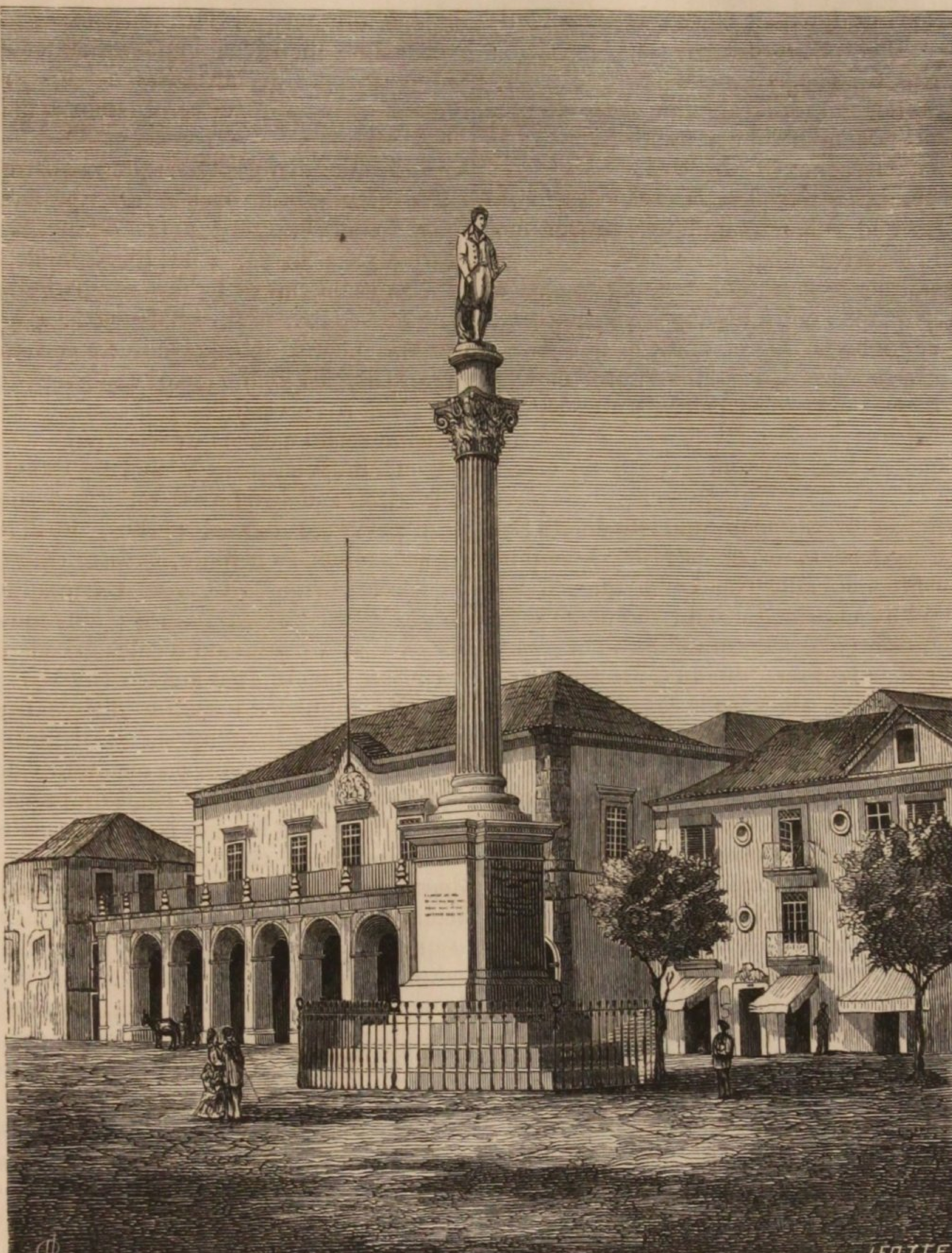
Doou-me Phebo aos seculos vindouros;
Deponho a flôr da vida, e guardo o fructo;
Pagando á vil materia um vão tributo
Retenho a posse de immortaes thesouros.

Do lado do poente:

Um nume só terrivel ao tyranno,
Não á triste mortal fragilidade,
Eis o deus que consola a humanidade,
Eis o deus da rasão, o deus de Elmano.

Estes quartetos são todos de Bocage.

Sobrepõem-se ao pedestal uma columna da ordem corinthia com canelluras, e medindo o envasamento a altura de $0,60^{m}$ o fuste $4,^{m}$ de altura, e 0^{m},66 de diametro, e o capitel 0^{m},80. A estatua, que tem 2 metros de altura, eleva-se sobre um suppedaneo convexo. O poeta está de cabeça descoberta, vestido com o trajo do seu



Estatua de Bocage

tempo, casaca, calção e capa; na mão direita tem uma penna, e na esquerda um livro.

A altura total do monumento é de 12 metros.

A primeira pedra do monumento foi solemnemente collocada pela camara municipal da cidade de Setubal, no dia 22 de novembro do mesmo anno, em que se fez a inauguração.

Toda a despeza com o monumento, sua collocação, etc., importou em 2:750$450 réis.

Ignorâmos quem concorreu com a maior parte d'esta somma, porque a primeira subscripção perdeu-se na fallencia da casa Fortinho & Moniz, do Rio de Janeiro, como referimos; portanto, além do que escapou em poder do sr. José Feliciano de Castilho, foi necessario completar a despeza, e, segundo ouvimos, o sr. Castilho e o barão de S. Clemente, vice-presidente da commissão nomeada no Rio de Janeiro, o fizeram á sua custa.

A subscripção foi aberta só no Brazil, tendo concorrido brazileiros e portuguezes, ali residentes.

Em Portugal ninguem contribuiu, nem foi convidado para contribuir para o monumento de Bocage, com que justamente agora se ufana a cidade de Setubal.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

V

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.

O Tucuruí estreitára repentinamente, mostrando-nos a quinhentas ou seiscentas braças adiante da prôa a sua primeira quéda entre duas muralhas de basalto. Ao lado esquerdo, pela parte inferior da cachoeira, surdia um igarapé, de aguas transparentes, cuja bôca ficava inteiramente occulta pelas densas ramarias da floresta. Afastando ou levantando os ramos, conseguimos metter por baixo d'elles a nossa embarcação e entrámos no ribeiro, que era navegavel apenas uns vinte ou trinta metros.

Amarrámos a canôa, escondêmol-a o melhor que pudémos para que algum indio bravo se não divertisse a mettêl-a no fundo ou a empurral-a para a corrente do Tucuruí e descarregámos para terra as bagagens e mer-

cadorias, que tinhamos de levar ás costas. O mameluco e seus companheiros contavam regressar por ali; Ferrugem desejava descer o Xingú pelas cataractas, porque tencionava comprar aos gentios um ubá (canôa de cedro de uma só peça), que lhe encommendára o compadre Aragão; eu seguia o caminho de Ferrugem.

Depois de repartida entre todos, conforme as forças de cada um, a carga que tinhamos de levar, procurámos a *picada* e pozemo-nos a caminho.

Chama-se picada aos signaes que toda a pessoa tem necessidade de fazer quando entra na matta virgem, para poder achar o seu caminho no regresso. Logo que se penetra na floresta vão-se cortando com o sabre, companheiro inseparavel d'essas excursões, os cipós e os ramos, que impedem o transito; aqui e ali dão-se golpes nas arvores, de modo que se lhes tire um pedaço de casca, para os tornar bem visiveis, e derrubam-se algumas plantas herbaceas das mais grossas; mas tudo isto é feito sem parar, para não perder tempo, e nem sempre se repara se fica sufficientemente indicado o caminho que se vae levando. Quando muita gente segue o mesmo trilho é facil dar com elle sem esforço, e até conservál-o por algum tempo desobstruido; mas se foi só um viajante que o traçou, não é raro que o perca, algumas horas, e até alguns minutos, depois de o ter deixado e se veja na impossibilidade de voltar ao seu ponto de partida!

A picada, que nós procurámos e descobrimos depois de muito trabalho, fôra, por mais de seculo e meio, entretida pelos indios jurunas, que desciam pelo Tucuruí para o Xingú, attrahidos pelos missionarios. Interrompidas as missões, por guerras, falta de padres, de iniciativa official ou por outras causas, os indios deixaram de vir e a floresta retomou os seus direitos sobre o terreno usurpado por elles outr'ora. Quando, cinco annos depois, o intrepido portuguez, que eu acompanhava agora, foi procurar o antigo caminho, encontrou apenas ligeiros vestigios d'elle e teve de fazer outro novo para se guiar á volta. Mas tinham decorrido perto de seis mezes desde que elle passára ali, e seis mezes, para a vegetação assombrosa d'aquellas regiões, correspondem a dez annos, para as nossas arvores da Europa! Os ramos e os cipós, cortados pelo explorador audacioso, tinham, com essa poda não intencional, redobrado as potencias vitaes e as forças vegetativas; cobriram-se de rebentos mais vigorosos do que aquelles de que os tinham privado, vestiram-se de mais espessa e opulenta folhagem, abraçaram-se, uniram-se com maior ardor uns aos outros, e occultaram inteiramente aos olhos do homem o trilho impio, por onde elle costumava ir profanar os mysterios augustos da solidão e da selva. O signal que com maior segurança nos indicava a picada era ter-se tornado mais emaranhada a vegetação no sitio por onde ella seguia!

A floresta mostrou-se-nos imponente e magestosa, logo que nos afastámos das margens do rio. O sol enviava-nos, atravez da abobada de verdura que nos cobria, uma luz esverdeada, que enchia de reflexos metalicos as superficies das folhas. De quando em quando atravessavamos pequenas clareiras e viamos então uma nesga de ceo, de azul esbranquiçado, que me fazia sentir certa impressão de saudade pelas margens dos grandes rios. Depois tornavamos a entrar na espessura sombria, allumiada apenas em partes por uma claridade similhante á do crepusculo da noite. Muitas vezes mettiamos os pés em pantanos, que não podiamos descobrir antecipadamente; os espinhos, os cipós e os troncos prendiam-nos a cada instante, rasgavam-nos a roupa e o corpo, e difficultavam-nos o andar. Os riachos eram sem conto, e nem todos se podiam atravessar facilmente. Passavamos, uns, sobre velhas arvores caídas, que nos serviam de pontes; outros, escorregando pelas suas margens lamacentas, cobertas de caladiuns agigantados, de maranthas e fetos arborescentes; saltavamos os mais estreitos, quando a natureza do terreno o permittia.

Muitas das plantas, que íamos assignalando com os sabres, exhalavam cheiros fortes, aromaticos e inebriantes; quando as feriamos, umas deitavam pelos golpes agua purissima; outras, leite; e algumas, sangue! Milhares d'ellas eram, no dizer dos nossos indios, remedios maravilhosos contra todas as doenças. E grande parte encerravam venenos tão mortiferos como os das cobras coraes, jeraracas, cotitiriboias e cascaveis, que de instante a instante se arrastavam, languidas e indifferentes, por entre a nossa pequena caravana.

O ar, viciado por enorme quantidade de materias organicas em decomposição, era pesadissimo; agitavam-se n'elle nuvens de mosquitos, de diversas especies, que nos mordiam as mãos e o rosto, emquanto innumeras colonias de formigas furiosas nos assaltavam as pernas; a mosca mutúca, o maroim e o mucuim (dois bichinhos microscopicos ornados de ferrões excellentes!) prestavam ás formigas e mosquitos auxilio efficaz e permanente.

Vendo que a roupa me ficava aos pedaços pelos ramos e espinhaes, comprehendi a inutilidade de se andar vestido nas florestas e a sabedoria com que os selvagens costumam untar-se com oleos de palmeira, a fim de escaparem ás ferroadas dos seus compatriotas insectos.

Borboletas enormes e bezoiros monstruosos, resplandecentes, vestidos de luz e de brilhantes, esvoaçavam em torno de nós, mostrando-se inquietos e pouco satisfeitos com a nossa presença. A cada momento encontravamos macacos agigantados, vermelhos, horrendos — parodias de homens feios! — que desciam dos ramos e nos seguiam, imitando os nossos movimentos, e armando-se de paus a que se abordoavam com maneiras nada conciliadoras.

A caça miuda apparecia-nos com frequencia; porém Ferrugem determinára que a não matassemos inutilmente. Era medida de prudencia abstermo-nos de dar tiros sem necessidade, porque podiam ser ouvidos por indios mundurucús, habitantes do Tapajós, que corre parallelo ao Xingú, os quaes estendem até ali as suas correrias e n'aquella época consideravam-n'os de pouco ameno trato. Ferrugem affirmava, que elles amavam o proximo a ponto de o comerem assado!

Algumas das arvores que encontravamos tinham fructos comestiveis; as palmeiras inclinavam para nós os seus cachos verdes, amarellos, vermelhos, alguns (como o miriti) cobertos com escamas de oiro; outros (como os do marajá) similhantes a azeitonas de Elvas. Sobre muitas d'essas arvores, bandos de papagaios, aráras, periquitos, tucanos e maracanás faziam um barulho infernal, gritando todos a um tempo. Dir-se-hia um parlamento de passaros, discutindo a consolidação da sua divida fluctuante. Outros muitos ruidos diversos correspondiam ao palrar das aves: assobios, ais, zumbidos, berros, guinchos, rugidos, mil rumores mysteriosos, inexplicaveis, intraduziveis!... Seria por ventura a alma poderosa e immensa da natureza animando aquellas solidões profundas?!...

Proximo da noite acampámos no meio de um gracioso grupo de palmeiras bacaba *(Œnocarpus Distychius)*. Accendemos lume, fez-se a ceia, que constava de pacca e anta, com môlho de sal e pimenta; farinha molhada na agua de um pequeno ribeiro, que passava ao pé; uma pequena dóse de aguardente, e diversos fructos silvestres. Amarrámos as redes nas palmeiras, deixando o lume no centro; e depois de juntarmos boa provisão de lenha, para o conservar toda a noite, accendemos

os cigarros de tauari ou os cachimbos e deitámo-nos com a serenidade de patriarchas primitivos.

D'ahi a poucos momentos os meus quatro companheiros, familiarisados com aquella existencia extraordinaria, dormiam a somno solto! Eu não fui tão feliz como elles. Tinham decorrido apenas mezes que deixára as cidades para me lançar, por puro gosto, é certo, na vida aventurosa das florestas; os grandes rios e as solidões immensas attrahiam-me, fascinavam a minha imaginação juvenil e traziam-me como que suspenso e subjugado pelas suas maravilhas e a sua grandeza epica! Porém, nos momentos de repouso, quando o somno se não apressava em vir cerrar-me as palpebras e tudo em torno de mim era silencio, então, a sós com os meus pensamentos e recordações, olhava attentamente para a minha situação e lastimava-me pela haver creado voluntariamente. Lembrava-me de meu irmão, de minha mãe, do meu paiz e dos meus primeiros commettimentos... Passava-me por diante dos olhos uma nuvem e deixava-m'os orvalhados de lagrimas. A desventura tinha-me feito homem aos dez annos; e fôra talvez para me não entregar ás preoccupações do futuro, logo ao sair da infancia, que eu me arremessára ao fundo dos sertões!...

Não sei quanto tempo estive a sonhar acordado. Por entre as duas corôas das bacabeiras, a que estava atada a minha rede, via uma nesga de ceo, resplandecente de estrellas; em torno das palmeiras giravam grandes morcegos, esperando, provavelmente, que eu adormecesse para irem sugar-me o sangue ou o dos meus companheiros; enormes vagalumes pairavam por entre a folhagem e descançavam de vez em quando nos punhos das redes; ouvia-se muito ao longe, de envolta com o canto monotono das guaribas *(Simia Mycetes)*, um estrondo abafado, que parecia ir crescendo á medida que a noite avançava; era o ruido da grande cataracta do Xingú, que eu ouvia pela primeira vez sem poder explical-o. Os mosquitos, saciados ou desejosos de repouso, iam-me deixando pouco a pouco. Após algumas horas de meditações melancolicas e saudosas, o somno começou emfim a dominar-me lentamente; os meus olhos foram-se fechando; mas afigurava-se-me estar acordado e ver distinctamente grande multidão de serpentes, macacos, morcegos, antas e onças, dançando todos em roda do lume uma dança vertiginosa! O nosso cão, Pagé, seguia-os com olhar inquieto e suspeitoso e rosnava cada vez que elles se lhe aproximavam. De repente pareceu-me que as onças iam devoral-o, e, tentando acudir-lhe, agitei-me na rede e acordei sobresaltado.

O cão estava effectivamente rosnando e recuava em direcção á minha rede, com a cabeça voltada para um macisso de folhas de ubim *(Geonoma Spixiana,* Mart.), que nos occultava a margem do riacho. Ergui-me para espertar o lume; quando me abaixava, fui detido por um braço robusto e ouvi estas palavras, proferidas cautelosamente dentro do meu ouvido:

— É uma onça!

— Ah!

— Silencio! Pegue na espingarda; eu já cá tenho a minha. Acorde o bruto do Agapito; mas ponha-lhe a mão na bôca, senão elle atira algum urro.

Era Ferrugem quem me estava fallando. Acordei o mameluco, não sem que elle justificasse os receios do meu compatriota, porque já depois de despertado e instruido ácerca da visita que vinha honrar-nos, pretendeu bocejar como um verdadeiro alarve, sendo necessario que Ferrugem lhe désse um murro, que o fez embatucar.

— Segurem o cão e apertem-lhe o focinho para se calar, — ordenou o chefe da expedição.

Agapito obedeceu; mas tão brutalmente o fez, que o animal gemeu dolorosamente e os dois tapuios, que dormiam ainda, sentaram-se nas redes, gritando um d'elles:

— Cobra está comendo cão! Acode a elle!

— Cala-te, estupido! — rugiu Ferrugem em voz baixa. — É uma onça.

— Onça?!

— Uma onça?! Pai do céo nos acuda! Atiça lume! Solta cachorro!

E sem esperar resposta ou ordens em contrario, o indio que dava estes gritos saltou fóra da rede, atiçou o lume e pôz-se a chamar o cão, que Agapito segurava entre os joelhos, ao mesmo tempo que procurava, apalpando no chão, o seu terçado, arco e frechas.

O lume levantou uma chamma explendida, allumiando todos os recantos escuros á roda das nossas redes. O cão ganiu com terror, soltando-se das mãos do mameluco, e todos nós recuámos involuntariamente. A distancia de cinco ou seis passos estava sentada, contemplando-nos com magestosa sobranceria, uma bella onça, raiada e pintada como os tigres. A luz, dando-lhe de chapa nos olhos, obrigou-a a baixar a cabeça; ouvindo porém o cão, levantou-se e sorriu-se, a seu modo, dando um passo para o centro do nosso acampamento e soltando um rugido, que aspirava a ser meigo e amavel, e que o terror crescente de Pagé me fez traduzir assim:

— Talvez me contente com o cão... Ponham-n'o para cá, se não querem que lhes custe mais cara a brincadeira!

Ao mesmo tempo ouvimos estalar um ramo secco dentro do leito do riacho e percebemos que se aproximava novo hospede.

— É outra! — disse Ferrugem rapidamente. — Costumam vir beber a este logar do igarapé. Ninguem se mecha!

Foi-me impossivel obedecer á ordem do nosso chefe. As meditações a que me tinha entregue antes de adormecer, o meu somno agitado, o modo por que despertei, a lembrança de que podia ter sido devorado emquanto dormia, o logar, a hora, o ruido da cataracta ao longe, a presença do animal e a bulha do outro, que se aproximava, tudo isto me excitou a tal ponto, que, apontando á cabeça da fera, disparei a espingarda no momento em que Ferrugem ordenava o contrario.

Um berro medonho, curto e rapido, seguiu a detonação da minha arma; e antes que eu tivesse tempo de ver o effeito do tiro, fui derrubado por violento impulso e caí ao pé do lume com o terrivel quadrupede sobre o peito. Ao vêl-o avançar impetuosamente a enorme cabeça e as fauces abertas, na direcção do meu rosto, fechei os olhos e pedi a Deus que a minha morte fosse instantanea. Não póde ser peior, nem mais dolorosa, a sensação que se deve experimentar quando termina a vida, do que foi aquella por que eu passei n'esse momento. Dois ou tres segundos pareceram-me a eternidade! O animal, furioso, pôz-me um pé no estomago e suffocava-me já com o seu halito ardente e impuro, quando Ferrugem, veloz como o relampago, atravessando entre mim e elle o cano da espingarda lhe enterrou o sabre no coração, fazendo-o caír morto a meu lado.

Ergueram-me do chão meio desfallecido; deitaram-me na rede e Ferrugem despejou-me na bôca uma porção de cachaça, que era o seu remedio para tudo.

— Ha caçadores que bebem agua n'estas situações — me disse elle; — é um erro grave, que póde ter consequencias funestas. Vejamos se ella lhe chegou... hum... arranhaduras ligeiras. Foi felicissimo! Ahi tem o resultado de não se seguirem os conselhos das pessoas experimentadas!... Quando eu disse que ninguem se me-

chesse, ía atirar-lhe de modo que a deixaria ficar onde estava. A sua espingardinha não é propria para matar estes bichos; e, ainda assim, deu-lhe bem na cabeça! Mas ella tinha tempo, antes de morrer, para nos matar e comer a todos.

Sentei-me na rede, ainda atordoado; estava desejoso de ir vêr a onça, que os tapuios se dispunham a esfolar para levarem a pelle.

— É um macho — disse Agapito.

— Felizmente! — volveu Ferrugem. — Se fosse a femea, estava elle já a contas comnosco! Apesar d'isso, não se fiem muito; vigiem bem, e escutem com attenção todos os ruidos. Quem anda nas florestas deve ter bom ouvido; e, n'essa parte, vejo que sou mais tapuio que vocês! Se acordei, foi porque ouvi esse patife vir caminhando mansamente, julgando que nos surprehendia! Por estes sitios é preciso ter sempre os ouvidos abertos, mesmo quando se fecham os olhos.

— Como ella está gorda! Dêem um bocado de carne ao Pagé, para as farejar melhor d'aqui por diante.

Pagé não precisava que lh'a offerecessem; já a estava roendo, do lado que os indios íam esfolando.

— Sendeiro! — gritou-lhe Ferrugem. — Quando ella mechia, escondias-te debaixo das minhas pernas! Não te façãs mais esperto e verás o que te succede!

— Olhe que foi elle quem nos deu primeiro signal do inimigo...

— É verdade; por isso lhe desculpo a covardia. Talvez seja a primeira vez que vê um bicho d'estes... Attenção! Ouvi mecher da banda do igarapé!...

— Tambem eu.

— Eu não ouvi nada.

— É a femea! Ó Francisco, não será mau carregar novamente a arma; sempre é melhor que nada. Mas tenha-me sangue frio!... E ninguem faça senão o que eu mandar. Quando todos governam, cada um puxa para onde quer, e vae a cousa torta!

Carreguei immediatamente a espingarda. De vez em quando ouviam-se passos pesados a pequena distancia; estalavam os ramos; o cão rosnava e mostrava desejos de avançar; porém tinha a prudencia de não passar do pé do lume! Assim decorreu o resto da noite, velando todos. Apenas amanheceu, almoçámos, emalámos as redes, pegámos nas bagagens e partimos. Não nos tinhamos afastado ainda uma duzia de passos, quando sentimos ruido atraz de nós; voltámo-nos immediatamente e vimos outra onça, um pouco mais clara, arremessar-se sobre o cadaver do companheiro e começar a devoral-o com delicias! Era a mulher que almoçava o marido!

— Oh! femeas! — exclamou Ferrugem, indignado — Oh! Evas! Oh! feras! Aqui está como vós sois todas e a rasão por que eu vos deixo sem magoa!

(Continua.) F. GOMES DE AMORIM.

PAE!

Elle era mau, cruel e sanguinario.
Forjando no olhar raios vermelhos,
Assassinou na estrada um operario,
Que lhe pedia a vida de joelhos.

Mas se querieis vêr como se doira
O mais feroz olhar com dôce brilho,
Era mostrar-lhe uma creança loira:
O leão das florestas tinha um filho.

ALBERTO PIMENTEL.

SURPREZA

« Amor, fogo e tosse a seu dono descobre. »



ASSIM pôz o apophtegma secular de sobre-aviso os namorados para que houvessem de ser cautelosos nas manifestações de seus affectos, mas é em vão que a sciencia propaga as lições da experiencia, pois nunca o coração humano se emenda ou se precata; por mais que préguem philosophos, as paixões vão lavrando invencivelmente o seu curso natural, cégas á luz da evidencia, e surdas aos gritos da rasão.

Aqui nos quiz a gravura reproduzir em delicadissimos traços, e com todos os preceitos da plastica, um dos muitos exemplos d'esta mesma verdade da natureza humana, que ha de frisar melhormente aos sentidos do leitor pela eloquencia da estampa do que pela fidelidade com que vou narrar o episodio que lhe deu assumpto.

É a leitura de uma pagina obscura do coração, um romance intimo o que se passa á sombra indiscreta d'essa frondente carvalha.

Uma esperança de amor ahi está fulgindo como estrella propicia em céo de puro azul, que uma nuvem sombria vem agora manchando. Trocavam-se ternas confidencias, davam-se mutuos pareceres, ouviam-se de consulta as duas raparigas, a mais ingenua e inexperiente mostrando as queridas letras do seu namorado á mais sabida e ladina, e pedindo-lhe conselho ácerca da resposta a dar; a outra dizendo-lhe como escreve n'esses intrincados casos, e como é conveniente pôr no papel exactamente o contrario d'aquillo que se sente.

Eis senão quando surge a nuvem negra. Ella lá vem desdobrando-se no horisonte, apparecendo por detrás do arvoredo; arregaça ao de leve as ramagens para abrir caminho em que a sua passagem não encontre atritos denunciadores; vibra a desconfiança no olhar perscrutador; pinta-se-lhe no rosto a inquietação e a curiosidade malevola, que levou Epimetheu a derramar no mundo os males da fatal boceta de Pandora, e converteu a mulher de Loth em estatua de sal; é nuvem que traz raio; é a espia, a avó rabugenta e deslembrada do passado, a importuna creatura que lá apoia agora a mão direita, secca e descarnada na parte superior do penedo. Escuta excitada e tremula de raiva o innocente dialogo das duas raparigas. E que innocente elle é:

— Achas bonito o meu rascunho? diz a graciosa Luiza a Joanna, a ladina, querendo disfarçar com o dedo maximo da mão direita a ruga maliciosa que lhe está franzindo, a seu pezar, o labio inferior, folha de rosa de Alexandria que a brisa do amor encrespa.

— Tem doçuras que nem um favo de mel; eu por mim punha-lhe uns bocadinhos de malagueta, que elles se a gente se lhes mostra muito dôce, costumam enjoar-se mais depressa, e olha que as melhores maçãs são as que têem um agrosinho.

— Ora, coitado, isso dizes tu por os dois que te atraiçoaram, mas este cá é outra cousa; declara-me tudo o que sente, e eu pago-lhe na mesma moeda, abrindo-lhe o coração. E muito bem sabes que eu não fiz mais do que copiar este rascunho, e pôr-lhe de minha cabeça umas certas cousinhas que a gente não póde calar quando gosta devéras de um rapaz.

— Bem me dizia a mim este dedo (trovejou a velha avó em monologo intimo, ao escutar estes arrulhos),



G. FLINCK pinxt — W. FRENCH SC

O RABBI.

Editores Rolland & Semiond Lisboa

que aquelles teus sonhos agitados, o teu madrugar de rouxinol, as tuas idas sósinhas ao pôr do sol para o eirado, e aquellas lagrimas sem causa, e aquelle arquejar casses tapar com o testo da panella a cratera do Etna ou do Vesuvio. Tu bem sabes que não tiveste força para o reprimir em ti ha hoje uns bons sessenta, e mais quem



Surpreza

sem lida, e os suspiros a escaldar, e o phrenetico mudar de animo da alegria para a tristeza, do desalento para a vivacidade, era o demonio do amor que te andava desinquietando. Mas cal'-te, que não levas a tua ávante! Emquanto Deus me der vida nenhum cão goso te ha de lamber!

Protestos vãos da impotencia; feros de tresloucada: é como se quizesses impedir com a mão a saida do vapôr que comprime as paredes da caldeira; como se buste requestava não era aquella delicada pintura de rapaz que a ella lhe traz o peito em alvoroço.

Nem comparação tinha. O teu João era laborioso rendeiro, não ha duvida; alargou as suas lavouras, comprou grandes propriedades, e creou todo esse casão que por ahi se estende em predios urbanos e rusticos por duas leguas a redor, auxiliado, já se sabe, por aquelle certo achado mysterioso de dinheiro, que dizem que era dos mouros, ou dos judeus, valha a verdade, que elle achou debaixo

d'aquella pedra na caverna subterranea ao pé da Rocha Triste, onde dizem que apparecem medos; mas era bronco, era boçal, vestia de saragoça; tinha até mal feito o corpo; e se não fosse o saber lêr, escrever e contar bem nem te merecia a ti, que lá em leitura e escripta aqui por estes sitios ninguem te deita a barra adiante... ninguem, a não ser a Luizinha, neta digna de tal avó.

Mas o moço que a ella lhe anda requerendo amores é louça mais fina. Não será elle capaz de dirigir uma lavoura, de levantar do nada uma fortuna como essa de que a filha da tua filha é herdeira necessaria, e que faz arregalar os olhos a mais de meia duzia de Adonis; lá isso talvez não seja; não será apto para complicadas labutações, nem ainda sequer para accrescentar um real ao que tem já de sua casa, e ao que lhe possa vir por parte da mulher que escolher. Mas que importa? Outros tempos, outros pensares.

É elegante, de boas palavras, já tem adiantados estudos, e se casar com a Luiza vêmo-lo para ahi um dia, quem sabe?—um grande figurão na cousa publica, que para isso o caso está em cada qual se metter a taralhão na politica, e avesar algum vintem, que eu não sei se as inclinações do rapaz deitam para esse lado. O que é certo é que elle não é má pessoa, que se fina de amores pela pequena, e não deixa tambem de lhe fazer conta o que ella ha de vir a herdar; e se rompeu no excesso de lhe escrever foi porque está disposto a pedil-a mais dia menos dia, que isto cá na aldeia não é como nas cidades, não se anda a empatar durante eternidades uma fraca rapariga pondo-lhe a cabeça á roda com cartinhas piegas tiradas dos romances; aqui, quando se chega a escrever, está o caso já muito adiantado, e se tambem se mente não é tanto nem com tão cruel cynismo.

A velha caminhou pé ante pé por detrás de Luiza, e saltando de um pulo, como hyena raivosa, arrancou-lhe das mãos a carta e o rascunho de resposta, que ella tinha no regaço. As duas ficaram passadas. Não é facil desenhar o seu enorme sobresalto, contar a sua afflicção. Caíra um raio entre uma e outra, e assombrára-as; uma bombarda perdida, por errada pontaria, de campo de batalha longinquo fôra arrebentar alli; explosíra subitamente uma mina aberta n'aquelle chão; caíra estrondosamente, a impulsos de um terremoto, o dourado templo do amor, volvendo-se os hymnos em gemidos, e transformando-se em furias os cupidinhos! Estremeceram, coraram, e depois empallideceram. Pregaram os olhos no chão, e duas lagrimasitas frias humedeceram os lindos olhos castanhos de Luizinha.

—Sua grandissima sônsa, rugiu a avó, parecendo-lhe vêr algum peralta da visinhança levar-lhe a neta e o cofre; cuidava que eu não havia de saber tudo, que não tinha quem a vigiasse, que a sua avó era alguma tola, que não percebesse as cousas. Pois deixe estar que vae ficar fechada em casa para sempre e não ha de vêr sol nem lua, senão pela janella do jardim!

As duas conservaram-se caladas, e apenas Joanna por um ligeiro movimento tirou das mãos tremulas da velha a carta do namorado de Luiza. A boa da septuagenaria, pondo os oculos, ergueu até ao vertice do angulo visual o outro papel, que era o rascunho da resposta e pôz-se a lêr para instruir-se ácerca da direcção e indole dos amores de Luiza, que ella bem sabia não podiam ser senão muito castos e elevados. Mas apenas lidas as primeiras linhas começou por sua vez a suspirar n'uma convulsão, arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas, faltou-lhe o chão debaixo dos pés, e caíria se Joanna e Luiza não a amparassem. Luiza apertou-a a si n'um estremecimento de amor e respeito, e disse com voz branda, suave e pausada:

—Perdão, minha avósinha; eu amo-o muito, e como nunca escrevi nenhuma carta a nenhum, fui aos papeis da minha avó e tirei uma copia de uma das cartas que vocemecê escreveu ao avô, que Deus haja. Perdôe-me.

A santa velha não pôde proferir palavra, mas a ladina da Joanna, tendo-se recobrado do susto, suavisou o tom dramatico da situação observando:

—Nós sômos umas fracas creaturas, e minha mãe disse-me muitas vezes isto que nunca me esqueceu:

Filha és, mãe serás; assim como fizeres assim acharás.

EDUARDO COELHO.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

VII

(Continuação)

DURANTE muitos dias celebrou-se a caçada e a intrepidez de D. Fernando de Castro. O caçador imberbe era objecto de todas as conversações. Goa—a explendida capital—victoriava-o convertendo a montaria n'um verdadeiro feito d'armas.

Só D. Fernando andava preoccupado e triste. A scena dos dois amantes, mortos á sua vista, mostrava-lhe o oriente, a elle que estava deveras namorado, sob um aspecto aterrador.

Lembrou-se um dia de ir saber quem fossem aquelles dois desventurados e de presenciar as saudades que haviam de enflorar a sua memoria.

Atravessou o canal, chegou-se ao theatro do drama que presenciára e encontrou ossos desconjunctados e dispersos, fragmentos de roupas dilaceradas e manchadas de sangue.

—Quê, pensou elle, pois os chacaes encontraram-os ainda para seu repasto nocturno?

As aguas do banho permaneciam quedas e cobertas de folhas e flôres signal do seu abandono.

Entre as hervas achou dois *cancanãs,* manilhas de vidro que andaram no braço da malograda amante, e beijou-as com respeito e com lagrimas:—O Respha triste e formosa, eu quero tambem chorar-te.

Seguiu um carreiro caprichoso que cortava de norte a sul a floresta; passou ao monte immediato; além d'elle o caminho descia; desceu; no fundo do monte havia uma aldeia abrigada com palmeiras. Á entrada da aldeia uma indiana ainda moça tirava d'um poço agua com o seu *tambió.*

Pediu agua, bebeu e disse á moça que se não dignava olhal-o:

—Seriam d'esta aldeia, linda menina, um gentio e uma gentia que ha tres dias foram mortos pelas feras além no valle dos cajueiros?

—Eram, lhe disse a gentia, olhando-o pela primeira vez.

—Conheceste-os?

—Rani era minha irmã.

—Conheceis estas *manilhas?*

—Conheço.

—Tomae-as! achei-as junto aos seus ossos...

A gentia retrahira-se violentamente, tomára sobre a ilharga esquerda a bilha da agua e partíra.

Ali perto fumava um velho á porta de uma cabana d'olos. Viu e ouviu o dialogo, e disse para D. Fernando:

—Não te espantes bom rapaz, elle era *sudra* e ella *brahmine*.

D. Fernando curvou a cabeça. Era a excommunhão implacavel para os dois amantes, era a deshonra herdada e transmissivel para as duas familias.

Quando voltava passou de novo no sitio da catastrophe; olhou aquelles despojos truncados e sentiu confranger-se-lhe o coração.

—Coitados! dizia elle entre soluços; ousaveis ter coração n'uma terra onde só ha instinctos! Nem uma lagrima dos vossos, nem uma compaixão de estranhos, nem a esmola da sepultura! Ó Christo, ó Deus bom e suavissimo, tu tinhas compaixão dos que amavam e protegias os párias; como póde haver tanta gente que te não conhece?!... Prantearei eu só a tua agonia sublime, formosa mulher pallida e triste. Escolheste bem a hora de morrer. Haviam de matar-te os homens, pediste á sanha dos reptis a esmola do seu veneno!...

Que religiões!... que povos!...

Momentos depois havia juntado os ossos e os fragmentos dispersos das vestes dos dois amantes; abria uma cova entre duas rochas negras e ali os resguardava cobrindo-os de terra e pedras grandes do monte. Em cima desfolhou algumas flôres e ajoelhou. D'uma folha de palmeira fez uma cruz e collocou-a na campa improvisada. Recebe-os tu, meu Deus, dizia entre lagrimas; bem vês que ninguem os quer!

No dia seguinte mandava resguardar-lhe melhor a ultima jazida e n'uma pequena pedra de marmore, que as hervas logo cobriram, lia-se esta inscripção:

Ajuntou-os a morte, mais piedosa
que os seus deuzes e o mundo e as leis austeras.
Bem hajas selva annoza
que tens reptis e féras.

(Continua.)

NUMEROS DO INTERMEZZO

HENRI HEINE

Reverdesciam as tilias
Do sol aos vividos beijos;
Dos passaros os solfejos
Murmuravam na amplidão.
Se me lembro, ai! se me lembro
Dos abraços, que me deste
N'esse momento celeste
De ineffavel commoção!

Grasnava o corvo agoirento,
As seccas folhas caiam,
E uns tristes raios desciam
Da plumbea curva dos céos.
Se me lembro, ai! se me lembro
Da mesura silenciosa,
Que tu fizeste, mimosa,
No extremo do nosso adeus!

Coimbra. G. CRESPO.

NÃO PERCEBO!

QUE querem? Nem sempre a convivencia com os livros dá só alegrias! não é de deleites apenas coroada a fadiga de conversar com esses amigos mudos, quietos e silenciosos, que a solicitude do ledor vae arrancar á estante e a que o seu espirito, investigando-lhes os mysterios de cada pagina, de cada linha, de cada palavra, dá eloquencia e vida. No commercio de duas intelligencias ha attritos que se não vencem, ha sombras que se não dissipam, ha coisas que se não percebem. Debalde a sagacidade do leitor intenta penetrar no animo do escriptor, reconstruir a sua individualidade moral pelas palavras que deixou traçadas na sua obra, dar vida á folha que se lhe espreguiça indolente diante dos olhos, animar o cadaver de uma alma, que dorme no tumulo do livro!

Falla o amigo; traduz nas phrases escriptas a impressão de cada idéa que lhe aqueceu o cerebro, e o leitor attento, buscando penetrar até ao intimo da intelligencia alheia, identificar-se com ella, pensar com o seu pensamento, sentir com as suas impressões, concluir com os seus raciocinios, coar atravez da sua massa encephalica a idéa materialisada nas palavras do livro, succumbe muitas vezes n'essa fadiga, e exclama desalentado como o personagem que a nossa estampa representa:—«Não percebo!»

É a confissão da derrota; é a humilhação da inferioridade confessada; é o Waterloo do leitor desvelado!

Por isso bem fazem muitos que convivem com os livros, como na sociedade é costume conviver com as visitas de ceremonia. Conhecem-os só por fóra; pelos titulos e encadernações. São os bibliophilos. Accumulam volumes para encher as estantes, cuidando apenas da elegancia plastica da sua disposição. Que importa a doutrina que elles encerram? Que importa a indole de cada um d'elles? O bibliophilo entretem amores platonicos com a sua livraria, namora cada tomo com os requebros com que um moço de quinze annos requesta as priminhas elegantes; desvanece-se ao contemplal-os, sente-se feliz proximo d'elles, mas respeita-os de tal modo e tanto, que não é capaz de attentar contra a sua virgindade.

A existencia dos volumes que pertencem aos bibliophilos corre placida e serena. Para elles não ha fadigas, nem trabalhos, que lhes alterem a belleza, a fórma, o luxo das capas, a irreprehensivel alvura das folhas; e se não fôra a traça indiscreta, que ás vezes lhes vae perturbar a tranquillidade, seriam eternamente jovens, como essas donzellas sem coração e sem affectos, que jámais envelheceriam, se o veneno da inveja se não lembrasse ás vezes de corroel-as; para elles não ha o perigo de uma nodoa de azeite, nem a possibilidade de um borrão de tinta, cicatrizes honrosas que attestam os trabalhos dos que o acaso fadou para a luta incessante, onde acabam, feitos pedaços, mas sempre acariciados pelo sol da gloria; para elles é a celebre phrase com que o genio satyrico de D. Francisco Manuel de Mello saudou a livraria de um bibliophilo:—«Ah! maganões! que vida que levam!»

Os bibliomanos convivem com os livros como os que têem propensões aristocraticas costumam conviver com as familias nobres. Não lhes investigam as qualidades ou os defeitos, não se lhes affeiçoam por sympathia gerada na convivencia; amam-as apenas pelas tradições que representam, pelo passado que recordam, pelo valor de estimação que o mundo lhes dá. Esses não organisam uma livraria para terem livros, mas para terem um museu; e ficam todos ufanos em possuir por centenas de tostões, em mau papel e peor typo o que, por dezenas de reaes, qualquer reimpressão moderna lhes podia dar em optimo papel e legiveis caracteres. Ter uma edição rara é para elles a suprema ventura; ter muitas edições rarissimas da mesma obra um jubilo indizivel; confrontar os erros e deformidades de cada uma d'ellas, estudar quasi n'uma escala o progresso da arte typographica, a maior das delicias!

Outros ha que têem livros para saciarem n'elles appetites quasi brutaes. Não os lêem, devoram-os! pesa-lhes que apenas o sentido da vista se empregue na leitura, e quereriam saborear os seus volumes como os glotões saboreiam os manjares que lhes deliciam o paladar. Estes são bibliophagos. Almoçam, jantam e ceiam leitura, sem trabalho de digestão Lêr, lêr muito, lêr sempre, é a sua occupação e o seu empenho. O seu cerebro nem tem tempo de produzir uma idéa, de occupado que está exclusivamente em absorver as idéas alheias. São como os avarentos que accumulam riquezas, sem sabel-as pôr em circulação, nem mesmo para as augmentar. Tal genero de leitores gostam de ter a livraria bem provida, como os musulmanos opulentos estimam ter um serralho bem povoado... para variarem de deleites.

N'este seculo de positivismo que vae correndo; n'esta quadra egoista e interesseira em que todos procuram com afan o equivalente metallico do seu trabalho, em que as propensões são mais dictadas pelo interesse do que pela affeição, e em que a poesia das paixões desappareceu de sobre a terra para dar logar á prosa vil do calculo, não é raro encontrar leitores tambem, que só adquirem livros com o mesmo intuito com que o alfaiate compra peças de panno... para ter a materia prima da sua industria. Estes escrevem tanto como lêem, e cada livro que lhes cae nas mãos é um contribuinte, a que elles lançam pesado imposto, como inexoraveis escrivães de fazenda... alheia.

Será d'estes o leitor que a estampa nos representa? Não parece! É homem sincero e de bons costumes, segundo o attesta a sua physionomia, se é que não tem escondida entre as folhas do seu livro a certidão em fórma passada pela auctoridade administrativa da localidade em que reside. Lê de boa fé. Estuda, na convivencia das gerações que passaram, arcanos ignorados do preterito. Recreia-se e instrue-se, no generoso intuito de instruir os outros. Não lhe passa uma proposição sem analyse, um argumento sem exame, uma phrase sem madura reflexão.

Leva já o livro em meio. Todos os pontos difficeis ou obscuros têem sido sufficientemente explanados; não ha duvidas, nem hesitações na doutrina exposta; tudo corre ás mil maravilhas. De repente, o seu espirito vacila ao contacto de algumas linhas; medita, fecha os olhos, concentra-se em si mesmo; instiga a intelligencia para que tire a luz d'aquella treva, pede a cada palavra a chave do enygma, sua-lhe a fronte calva, treme-lhe o labio inferior. Vae a tocar as raias do desespero, mas vence o impeto irreflectido. Enxuga a testa, serena o animo, presevera no empenho, compõe a physionomia no jubilo da esperança, ageita os oculos, renova a leitura. Toma outro volume, consulta-o, confronta doutrinas, estuda proposições, divide periodos, aquilata o valor de cada vocabulo, volve ainda a lêr a passagem obscura; o livro auxiliar serve-lhe de apoio; o index interposto ás folhas conserva-o entre-aberto no ponto consultado; a dextra sustem a pagina mal comprehendida, como que no empenho de destacal-a das subsequentes para não contagial-as do mal da obscuridade de que enferma; a attenção concentra-se sobre aquellas linhas, que o attrahem, que o fascinam, que o torturam e deliciam com o poder magnetico do mysterio; a sua vida está alli toda; as faculdades do cerebro como que se aguçam n'aquelle esforço. No momento em que volver aquella pagina será feliz, porque terá vencido o escolho.

Mas a fadiga foi improficua! Debalde accommodou o livro sobre outros, tantas vezes consultados, e onde, aqui e além, se vêem tiras de papel entre as folhas, como marcos miliarios d'aquellas estradas que a sua intelligencia percorreu; debalde pôz a alma nos olhos, alheio a todas as outras impressões que não poderiam desperta-lo; debalde concentrou a attenção como Lavoisier quando da parte da guilhotina lhe vieram bater á porta do laboratorio. O seu espirito começa a perturbar-se; as idéas dansam-lhe já confusamente no campo da visão intima; os caracteres tomam aos seus olhos fórmas extravagantes, caprichosas; as palavras destacam-se como phantasmas negros do fundo branco da pagina, e baralham-se e misturam-se, cada vez mais inintelligiveis. A consciencia está-lhe a segredar baixinho ao ouvido que é baldado o trabalho; a vaidade subjugada aconselha-o a desistir; á flôr dos labios brinca-lhe já com o desalento a phrase:— «Não percebo!».

Chega o momento de ceder. O cerebro declarou-se fatigado; mas ainda, no instante supremo da desistencia, a attenção está presa áquella folha, como a borboleta á luz no momento de expirar. Um minuto mais... e vae fechar o livro!

E nós, para não assistirmos a esse lance angustioso, fechâmos o artigo tambem, desejosos que, em outra tentativa, o leitor seja mais feliz e não tenha de repetir o cruel—*Não percebo.*

CHRISTOVAM DE SÁ.

A SANTA CAPELLA DO PALACIO (PARÍS)

Em meio do Sena, escreve o abbade J. J. Bourossé, na ilha onde se agglomeram os primeiros monumentos da antiga cidade de París, muito antes dos esplendidos *faubourgs* se adornarem de palacios e de mansões sumptuosas, ergue-se uma alta e pesada torre, dominando tranquillamente o curso do rio, e servindo ao mesmo tempo de moradia e cidadella aos senhores do paiz. Nos trabalhosos periodos que constituem o inicio da historia de França, esta sombria e arrogante fortaleza representa, ao justo, o estado da sociedade, quando o direito era tantas vezes postergado, tomando o seu logar a violencia. Os mais remotos chronistas ali nos mostram a suave e nobre figura de Santa Clotilde, até que a enfermidade e a viuvez a levaram a buscar asylo no humilde convento de S. Martinho de Tours. Apoz a ausencia d'aquella princeza, um longo silencio cobre a regia morada, como se ella fosse um sepulchro, silencio que é apenas quebrado com a exaltação do feudalismo.

A torre da cidade *(de la Cité)* tornou-se então o centro de uma nova organisação, começada pela côrte de

París, e proseguida pelo resto da França. N'esse tempo ainda não existia a torre do Louvre.

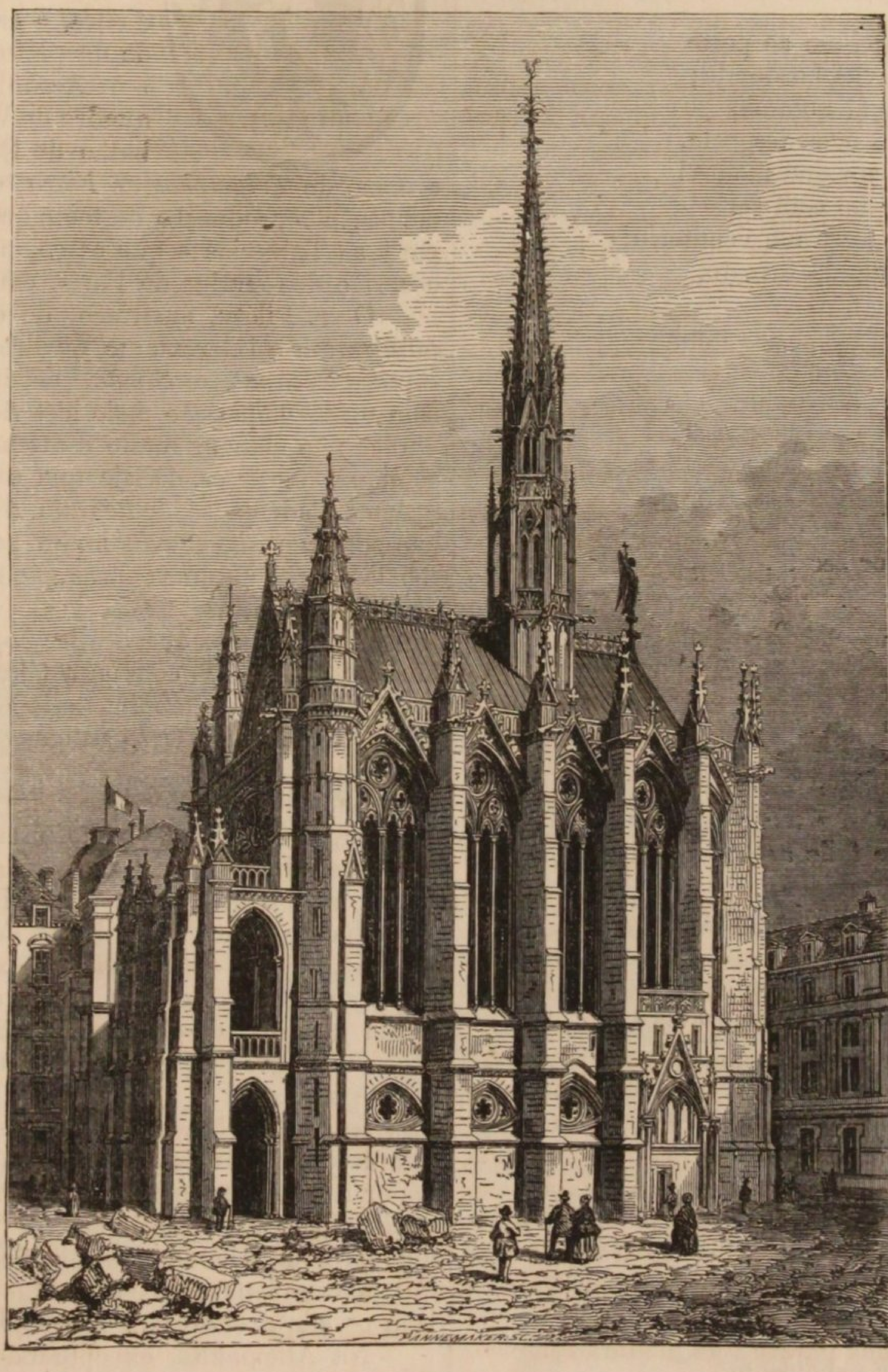
Por detraz das espessas muralhas d'aquelle edificio, levantadas pelos condes de París e pelos duques de França, e ao pé d'aquelle mesmo baluarte, a esforçada raça de Roberto o *Forte* fez o seu aprendizado ao throno salvando París dos horrores da anarchia e do furor das hordas normandas.

Quando o fundador da nova dynastia, Hugo Capeto, do qual procede a terceira raça dos principes francezes, se acolheu para sempre ao tumulo, no anno 996, a *Torre da Cidade* era ainda um ponto militar, e não um simples palacio. O filho de Capeto, Roberto le Saye, ou como outros lhe chamam Roberto o Devoto, substituiu o castello, a pôrmos fé nos chronistas, por um edificio digno da realeza.

A governação d'este monarcha é caracterisada pelo levantamento de diversas fabricas architectonicas, sendo entre outras a capella de S. Nicolau, adjunta ao novo palacio.

Em 1242 esta capella cedeu logar á Santa Capella, erecta entre 1242 a 1248, sob a direcção de Pedro de Montereau, formosa construcção gothica que tem sempre sido uma das maravilhas de París. Deve ella a sua origem a Luiz IX (S. Luiz) de quem Chateaubriand disse, que *era o modelo do homem da idade media, como legislador, como heroe e como santo.*

Luiz fez consideraveis melhoramentos no palacio edificado por Roberto le Say, notando-se, de preferencia, a sala que tem o seu nome, o tribunal de justiça, os depositos subterraneos e a capella.



A santa capella do palacio (París)

Esta ultima é a unica parte do palacio de S. Luiz que nos chegou, comparativamente, intacta — «magnifico testemunho da piedade do monarcha, e primor de uma arte em que o seculo XIII ostentou as maiores excellencias, edificada como repositorio das preciosas reliquias da paixão do Salvador».

Entre estas, segundo a tradição refere, está a verdadeira corôa de espinhos, conservada em Constantinopola desde tempo immemorial, e que o imperador Balduino deu a Godofredo de Bulhão. Dois annos depois do recebimento d'esta não muito authentica reliquia, outras vieram igualmente duvidosas, taes como um fragmento da cruz, a ponta da lança que varou o flanco de Jesus, e um pedaço da esponja que os soldados embeberam em vinagre, para humedecer os labios do martyr.

Possuindo tão inestimaveis e sagrados thesouros, Luiz desejou ter para elles um relicario proprio; foi então que se construiu a Santa Capella, cujo nome deriva do fim para que foi destinada: — ser o cofre d'estas joias.

Foi seu architecto, como já dissemos, Pedro de Montereau, o qual tambem edificou a abbadia de Saint Germain des Prés. A capella divide-se em duas igrejas, uma inferior outra superior. A primeira é dedicada á Virgem; e a ultima, consagrada sob o duplo titulo de *santa corôa* e *santo lenho*, é propriamente a capella real.

A abobada da primeira firma-se em columnas separadas, symetricamente dispostas e admiraveis pela elegancia. É, porém, na capella superior que o architecto mostrou a larga amplidão do seu genio. Uma só nave, ainda que exigua, parece maior do que é em verdade tanto pela extrema simplicidade das suas linhas e harmonia do conjuncto, como pela altura das vidraças, nas quaes estão representados varios casos do velho e novo testamento. No altar-mór está um cofre de metal dourado, no qual se acham depositadas as reliquias.

— «Porém, Deus meu, — exclama o abbade Bourossé, de tantas preciosidades accumuladas pela devoção dos monarchas, nada hoje existe. O crisol revolucionario fundiu os ricos metaes, e as gemmas de valia foram presa da voracidade. Comtudo, algumas reliquias se salvaram da impiedade de 1793, sendo guardadas na igreja metropolitana de París. A santa corôa mostra-se á veneração dos fieis em todas as sextas feiras de paixão.»

Podemos accrescentar ainda que a Santa Capella, profanada pela revolução franceza, e convertida em deposito de recordações nacionaes, tem nos ultimos dois annos recebido uma completa restauração, patenteando-se, quasi, na sua belleza primitiva.

V.

QUADRO INTIMO

Quando eu subi ao teu quarto,
Tépido ninho aceiado,
Onde vives, lyrio amado,
E onde móra o meu desejo,
Morria o sol; na calçada
Tomavam fresco os visinhos,
Casava-se a voz dos ninhos
Ás queixas de um realejo.

Entrando, sentei-me ao perto
De ti que estavas bordando;
Mas tu, creança, notando
As sombras do meu desgosto,
Disseste: «vejam que modos!
«Não falla! como está serio!
«Nem que eu fosse um cemiterio!»
E pendeste amuáda o rosto.

Eu tomei-te as mãos nas minhas
Volvendo: «escuta, Maria:
«Nunca saibas a agonia,
«Que ás vezes me rasga o seio!
«Adoro-te muito, e muito,
«E sei que tambem me queres,
«És o beijo das mulheres,
«Mas soffro por ser tão feio!»

Tu n'um impeto felino
Retiraste as mãos, que tinhas
Abandonado nas minhas,
E affastaste-te de mim.
Depois vieste, sereia,
E dado um abraço fraterno,
Com modo suave e terno
Disseste: «não falle assim!

«O mau, que sabe de quantas
«Caricias é rodeado,
«E vive desconsolado,
«Quando a gente o ama e adora!»
E continuavas fitando
Em mim teu olhar sincero:
«Guarde seus beijos, não quero,
«Que me fez chorar agora...»

E choravas, no meu hombro
Pendida a languida fronte;
Na limpidez do horisonte
Pallida a lua surgia;
Vaporavam teus cabellos
Um casto olôr penetrante;
No realejo distante
Chorava a doce *Lucia!*

E como me visses triste
Por te vêr mais triste ainda,
Volveste com graça infinda:
«Se não torna, acceito o beijo...»
Quando me achei na calçada,
Já não topei os visinhos,
Dormiam de ha muito os ninhos,
Nem se ouvia o realejo!

Coimbra.

G. CRESPO.

AS BELLAS ARTES NA EXPOSIÇÃO DE VIENNA DE AUSTRIA

(Continuação)

VI

Os allemães dispozeram o seu pavilhão das bellas artes por modo que se encontrassem ali reunidos, apesar da sua dimensão, certos quadros sem attender ás procedencias; e certamente facilitaram, com as obras d'elles, o estudo d'esta especialidade da pintura.

Assim, em frente do grande quadro de Wirtz, estava o bello trabalho de Cabanel, a que elle deu o nome de *Triumphos de Flora*, e que é, nem mais nem menos, a reproducção do tecto que aquelle artista pintára para as Tulherias e que os communistas destruiram por occasião dos motins de París, em 1871.

O sr. Piloty, austriaco, de quem as *Artes e Letras* publicaram o interessante quadro *O delphim da França em casa do sapateiro Simão,*[1] occupou um lado do pavilhão com uma composição meio historica, meio symbolica, que parece não chamar muito a attenção por lhe faltar o que se chama *caracter*. Desde que os homens como Gérôme e Alma-Tadema se dedicaram á pintura ethnographica, não será, ao que se vê, muito possivel augmentar o enthusiasmo por algumas obras que não estejam á altura das d'aquelles artistas.

O sr. Canon, que é allemão, está em frente do trabalho do sr. Piloty, com uma téla religiosa, pelo gosto dos altares-móres ou retabulos italianos. É obra de valia, mas não a julgam superior ás antigas pinturas de Mantegna ou Bonacino.

Em volta dos quadros de grandes dimensões, que se citaram, agrupa-se um certo numero de retratos dos imperadores e principes, e dois quadros: A *Tomada de Corintho*, com o qual o sr. Tony Robert-Fleury ganhou a medalha de honra, e a *Morte de Cesar* do sr. Clement.

As pessoas entendidas, ao examinarem attentamente a galeria allemã, pensam talvez com fundamento, que a escola moderna da Allemanha não mostra a unidade de acção e de producção que caracterisam as escolas franceza e ingleza.

As exposições em França são, para assim dizel-o, tumultuosas, mas os artistas francezes julgam que tem a maior recompensa em acharem boa venda para os seus quadros no estrangeiro. Succede por isso que os proprios amadores de Vienna possuem formosas paizagens saídas dos pinceis francezes, e os de Londres e Manchester tambem os adquirem e lhes dão subido valor.

Na Allemanha, exceptuando os grandes nomes da geração que se vae extinguindo, Overbeck, Kaulbach, Cornelius e dois dos maiores artistas da escola actual, Mentzel em o norte e Mackart no sul, póde-se dizer que, não obstante a escola de Dusseldorf, Munich e as suas pretenções exageradas de ser a Athenas do norte, os artistas allemães produzem e estudam no estrangeiro.

A colonia allemã de Roma é tão importante, que o elemento italiano e o elemento francez desapparecem ante uma proporção sempre crescente. Antes da guerra, os artistas allemães encontravam-se nas principaes officinas de Paris, e nas exposições annuaes elles obtinham bom numero de premios.

[1] Vide pag. 33 do tomo I.

O sr. Heilbuth, que nasceu em Hamburgo, tem o espirito e o talento de um parisiense. Os dois irmãos Achenbach, e o sr. Brendel, passaram a sua vida percorrendo Fontainebleau. O sr. Rodakouski, austriaco, é discipulo do sr. Léon Coignet, e adquiriu a *maneira* do seu distincto mestre. O sr. Schenck, animalista, e o sr. Schreyer, o pintor dos artilheiros da guarda franceza, não podem dar, de certo, nem caracter, nem unidade á exposição artistica da Allemanha.

O artista verdadeiramente nacional que a Prussia oppõe aos seus collegas das escolas estrangeiras, é o sr. Mentzel. A fama d'este distincto artista firmou-se nas gravuras da *Historia do grande Frederico* e nas series de desenhos, sendo a mais saliente a que se denomina: *generaes de Frederico*. Os desenhos em madeira, executados por modo que similham os trabalhos de agua-forte, são geralmente muito apreciados. Sobresaem pelos effeitos e pela exemplar correcção de linhas. Mentzel tentou uma revolução nas artes; é o que se chama um perfeito *naturalista*, e dedicando-se aos assumptos extrahidos dos Livros Sagrados, julga-se que pretendeu entrar na verdade absoluta no ponto de vista dos typos, dos logares, da geographia e da architectura. D'este artista, cita-se tambem o seu quadro de *Christo entre os doutores*.

(Continua.) B. A.

CHRONICA DO MEZ



QUE as novidades duram pouco em Lisboa, porque após uma vem logo outra, destruindo aquella para ser immediatamente destruida pela que lhe succede, é asserção tão certa e verdadeira, que não faltam exemplos para a confirmar, quer nos acontecimentos da mais alta importancia e consequencia, quer nas cousas mais simples e vulgares, como a usual conversação em nossas casas, nos passeios, nos cafés ou nas praças publicas.

Ha pouco tempo não se fallava n'esta boa cidade senão dos continuados incendios, que, na opinião dos mais assustadiços ameaçavam reduzir a cinzas a capital; logo depois desviou-se a conversação para as vantagens, commodidades e perigos do caminho de ferro Larmanjat, recentemente aberto á exploração; em seguida começaram as obras do caminho de ferro americano, e já todos indagavam as particularidades do systema, quaes os preços do transporte e o feitio das carroagens; por fim abriram-se os theatros, e, tendo envelhecido todos estes assumptos e mais outros menos fallados, as analyses recaíram sobre a peça nova e o desempenho d'este ou d'aquelle artista.

Duas peças chamaram, principalmente, a attenção do publico, durante o mez findo; o drama *Joanna*, representado no theatro de D. Maria II, e a comedia *Uma bola de sabão*, dada no Gymnasio e anteriormente em S. Carlos, pela companhia italiana da Pasquali.

A primeira teve o infortunio de se estreiar sob ruins auspicios, não conseguindo nunca, durante as poucas recitas que deu, alcançar grandes favores do publico; da segunda todos são unanimes em dizer bem, encarecendo-lhe os attractivos e applaudindo-lhe, nas successivas representações que tem tido, as scenas mais vivas e os ditos mais chistosos.

Houve sobeja rasão para estes resultados diversos.

O drama *Joanna* apenas se recommenda pelo vigor do dialogo de algumas scenas; tudo mais—idéa, urdidura e desfecho—não converte nem diverte... se não perverte. Valeu-lhe, ainda assim, o bom desempenho que teve, principalmente por parte da actriz Emilia Adelaide.

A comedia *Bola de sabão*, peça inoffensiva que nem moralisa nem desmoralisa—o que já é alguma coisa—tem excellentes condições theatraes, e está desenvolvida com talento e felicidade. Mais graciosa, natural e animada, difficil será de apparecer outra composição dramatica d'aquellas proporções. Auxiliada pelo brilhante desempenho dos artistas, entre os quaes se distinguiram Maria das Dores e Emilia dos Anjos, Joaquim de Almeida, Polla e João Rosa, tem sido *l'enfant gaté* dos espectadores do Gymnasio, e promette conservar-se em scena mais tempo do que duram as rosas, o que actualmente é indicio de extraordinario agrado.

Em D. Maria II tambem se representou, para estreia n'aquelle theatro da actriz Carolina Falco e do actor Cesar de Lacerda, o drama de T. Barrière e L. Thiboust *As mulheres de marmore*, que, apesar de antigo e alheio completamente ao gosto actual, chamou alguma concorrencia, para o que, de certo, contribuiu a boa interpretação dos artistas que se encarregaram dos primeiros papeis.

Foram os dramas acompanhados por duas comedias:—*O verão de S. Martinho* e *A audiencia... na sala*. A primeira de H. Meillac e L. Halevy, traduzida com muito esmero pelo sr. Christovam de Sá, é natural e delicada; a segunda, dada ha tempos no Gymnasio com o titulo de *Por causa de uma causa* e tambem de origem franceza, é de enredo commum e um pouco absurdo, mas tem tanta graça que faz rir os mais sisudos. O desempenho de qualquer d'ellas é excellente, notando-se porém na mais litteraria o cuidado com que o sr. J. C. dos Santos a ensaiou.

O Gymnasio acompanhou a *Bola de sabão* com varias comedias antigas:—*O testamento*, *Lenço branco*, *Marido e mulher*, *Pena de Talião*, e com um drama novo em um acto, original do sr. Maximiliano de Azevedo, intitulado *Paulo*.

Esta peça é, por assim dizer, o resumo de uma composição tetrica de muitos actos. Não lhe falta nem o tyranno de maus bigodes, nem o innocente calumniado, nem o amigo cheio de dedicação, que se compromette para salvar aquelle a quem deve os maiores beneficios. Tem bom dialogo; a acção porém, concentrada talvez de mais, abunda em situações, que, ao inverso do proverbio latino, a prejudicam um pouco, por serem demasiadas. Entretanto prende a attenção dos espectadores, conseguindo commovel-os e arrancar-lhes applausos. O desempenho dos artistas é bom, incluindo o de um rapazinho dos seus quatorze annos, que faz com habilidade o principal papel.

O sr. Maximiliano de Azevedo é dos poucos escriptores que desejam protestar contra o andaço de traducções que infesta o theatro portuguez; que o animo e as forças lhe não falleçam, é o que sinceramente lhe desejo.

Campanone, zarzuela já dada em Lisboa por hespanhoes e portuguezes, e *Uma viagem de recreio*, comedia em tres actos, traduzida da peça franceza *Trotman, la touriste*, foram as peças relativamente novas com que o theatro da Trindade reabriu as suas portas.

A zarzuela agradou mediocremente, embora a musica seja agradavel e tivesse boa interpretação por parte de todos os artistas, distinguindo-se a actriz Florinda, em cujo beneficio foi á scena pela primeira vez. O rondó do terceiro acto, primorosamente cantado por esta gentil actriz, mereceu-lhe successivas ovações, valendo tambem ao acto o salvar-se do naufragio em que se perderam os dois primeiros.

A *Viagem de recreio*, que já se dera, ha annos, no Gymnasio, com o titulo de *O homem das fatalidades*, tem muita graça, principalmente nos dois primeiros actos. Bem representada pelos actores Leone e Pires e pelas talentosas actrizes Delfina e Anna Pereira, a ultima das quaes se não incumbia, ha muito, de papeis de comedia, foi sempre justamente applaudida e chamou, talvez, tanta concorrencia ao theatro como as operas comicas, sem, todavia, fazer as despezas que este genero de espectaculos custa.

Dos demais theatros apenas está aberto o do Principe Real, cuja empreza levou á scena o antigo drama *Os incendiarios*, que por ser baseado em assumpto de occasião, tem dado bom resultado pecuniario.

Vê-se, pois, do que fica dito, que de todas as peças *novas* dadas nos diversos theatros, durante o mez corrente, foram apenas verdadeiramente novas para o publico de Lisboa, tres: *Joanna*, *O verão de S. Martinho* e *Paulo!*

Do sr. Alberto Pimentel, incansavel escriptor portuense, recebi dois livros: *Entre o café e o cognac*, preciosa collecção de folhetins publicados no *Primeiro de Janeiro*; e *O memorial de familia*, traducção do excellente romance do mesmo titulo, devido á penna analytica de Emilio Souvestre.

O primeiro lê-se com agrado e interesse, porque se encontra, a miude, em todos os folhetins, boa critica e muito espirito; o segundo é livro de utilidade e conforto, que todos os chefes de familia devem compulsar, principalmente em horas de amargura,

quando, ás vezes, os encantos do lar se transformam em dissabores ou tormentos.

Acha-se descripto n'aquellas paginas de consolação e poesia, o viver de duas honestas creaturas, marido e mulher, ora bafejadas pelas auras vivificantes da ventura, ora feridas pela mão despiedosa da adversidade. Em qualquer d'estes casos, lá estão o pae do esposo e a tia da consorte, um o mestre da alma, a outra a imagem do positivo, quer oppondo-se ás ambições dos dois, quando, por effeito da sua pouca experiencia, confiam demasiadamente na boa fortuna que lhes sorri, quer aconselhando-os prudentemente se a coragem lhes falta para supportarem as calamidades que os affligem.

Desde que o homem se casa até que tem de preparar o futuro de seus filhos, dar-lhes destino e entregal-os desacompanhados ao mundo, póde encontrar no excellente livro de Souvestre, salutares conselhos que lhe indicam, como pharol de viva luz, o verdadeiro caminho a seguir.

Enviou-me o sr. A. M. Cunha e Sá o seu romance original, intitulado *Da parte d'El-Rei*, publicado pela empreza das *Horas romanticas*, de que é proprietario o sr. Corazzi.

Da parte d'El-Rei é romance historico; a acção passa-se no reinado d'el-rei D. Diniz, o lavrador, casado com a rainha D. Isabel, mais tarde canonisada pela igreja.

Tem pequeno enredo, mas boa linguagem portugueza, dialogo fluente e por vezes gracioso; é fundado n'uma lenda que o bispo do Porto D. Fernando Correia de Lacerda insere na *Historia da vida, morte e milagres da rainha Santa Isabel*. Denota estudo e espirito de observação, tendo a vantagem, muito para louvar, de poder ser lido com prazer, tanto por uma donzella a quem só agradem as ficções aventurosas e de amores, como por pessoa mais dada a estudos, que exija, além d'essas pouco valiosas lentejoulas, metal de maior estimação e apreço.

A casa Rolland & Semiond publicou a *Vida da Virgem Maria*, pelo desditoso arcebispo de París, monsenhor Darboy, fuzilado no tempo da communa. O livro é traduzido pelo sr. João de Deus.

Nas primeiras folhas lê-se a evocação á Virgem feita pela Margarida do *Fausto*, versão do sr. visconde de Castilho, bem como outras estrophes apropriadas ao assumpto. O livro é apreciavel pela sua doutrina e estylo; a edição nitida e elegante. Acompanha o volume uma formosa photographia do quadro de Murillo, representando a Virgem, e na capa vê-se a gravura de um quadro religioso.

O mez de setembro não é só o mez das vindimas e dos banhos do mar; é tambem o dos almanachs. Não tem conto os que este anno já vão publicados; até as *Artes e Letras* contribuiram d'esta vez para engrossar a torrente de calendarios que innunda as lojas de livros e as casas particulares.

Dos que tive occasião de vêr, citarei não só o *Almanach das senhoras*, coordenado pela sr.ª D. Guiomar Torrezão, contendo escriptos de muitas senhoras de talento e dos nossos primeiros escriptores, incluindo uma curiosissima carta do sr. Alexandre Herculano; mas tambem o *Almanach da livraria internacional*, cuja coordenação foi incumbida ao sr. Alberto Pimentel. Este almanach, onde se encontram apreciaveis escriptos de muitas pessoas notaveis, é distribuido gratuitamente aos assignantes do *Diccionario de fr. Domingos Vieira*, do de *Educação e ensino* e do volume *As grandes invenções*.

Pelo catalogo que vem junto ao almanach, vê-se que o sr. Chardron, proprietario da livraria internacional estabelecida no Porto, é um dos mais activos e intelligentes editores do paiz. Entre as excellentes obras que tem publicado, sobresaem o *Diccionario de educação e ensino*, de que já tive occasião de fallar n'esta secção, e *As grandes invenções*, por Luiz Figuier, livro curioso e instructivo, que, do mesmo modo que o primeiro, tem tido a maior acceitação tanto em Portugal como no Brazil.

Se os leitores m'o permittem, apresentar-lhes-hei um amador de pintura distincto pelo talento, e que facilmente ganhará fóros de artista na primeira exposição de bellas artes em que expozer os seus quadros.

É o sr. João Maria Alves Costa.

Como habil calligrapho é já o sr. Alves Costa bastante estimado em Lisboa. Ha trabalhos seus muito apreciaveis, que denotam os valiosos conhecimentos de desenho do auctor. Como pintor, porém, vae, certamente, tornar-se conhecido na proxima exposição da Sociedade promotora de bellas artes, para onde destina os seus primeiros trabalhos.

Tive occasião de os vêr.

Constam de retratos de familia, uma composição representando um grupo de pombos e um quadro de genero, onde se vê uma carroça de recoveiro, puxada por dois machos.

Os retratos têem correcção de desenho, tinta agradavel e semelhança. No quadro dos pombos ha colorido apropriado e desenho irreprehensivel; um dos pombos, principalmente, visto de escorço, é digno de especial reparo, pela difficuldade que offerece a posição e pela felicidade com que está representada. Do quadro de genero nada posso dizer, porque o vi apenas esboçado.

Quando o sr. Alves Costa expozer os seus trabalhos, poderá vêr-se que não ha exagerados elogios n'esta menção, mormente se se considerar que o sr. Costa é um pintor que começa; que não tem curso regular nem irregular da arte, devendo o que executa unicamente ao seu talento; e, por ultimo, que tem contra si o que ha de peor para um artista... ser empregado publico.

RANGEL DE LIMA.

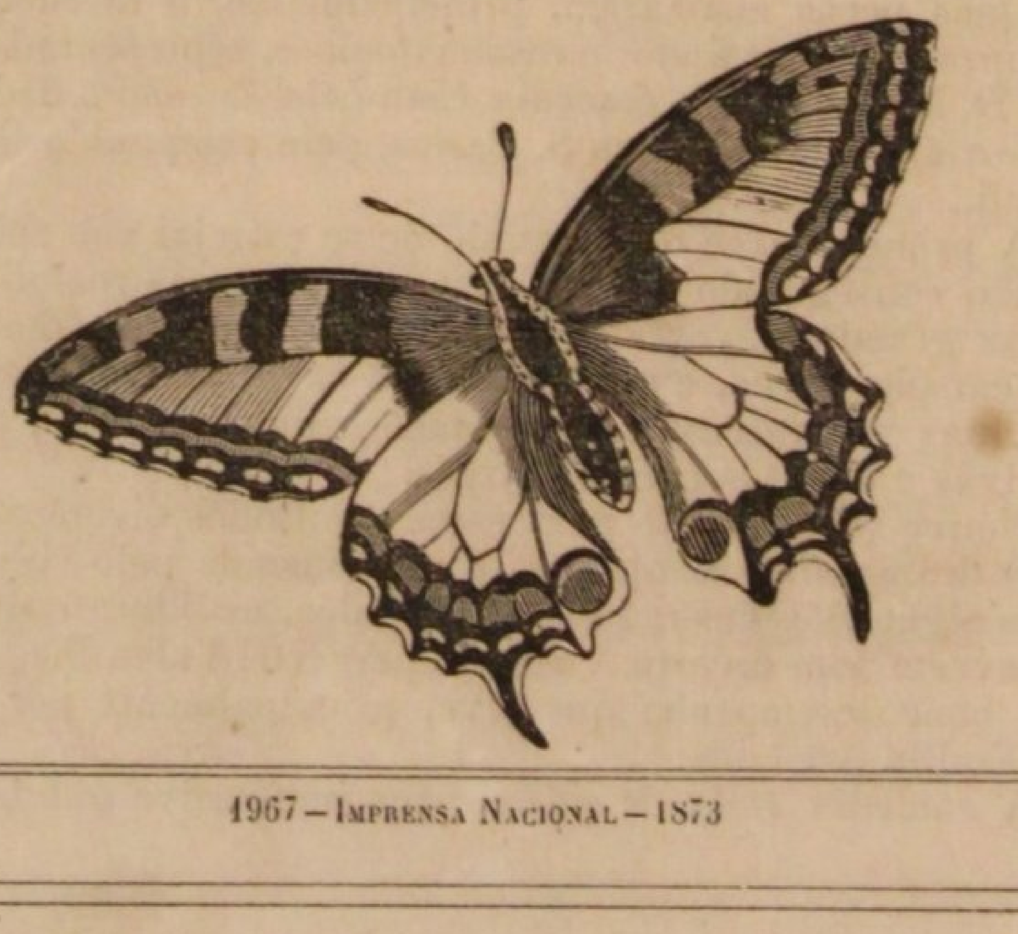
DIVERSAS NOTICIAS

═══ Falleceu o notavel pintor hespanhol Rosalles, auctor dos celebres quadros *O testamento de Isabel a Catholica* e *A morte de Lucrecia*. Deixaram tambem de existir os seguintes artistas: o decano dos esculptores francezes Amadeu Durand; o joven pintor suisso Ernesto Rayper; o pintor e lithographo francez Celestino Nanteuil; o pintor de animaes belga Edmundo T'schaggeny, um dos primeiros do seu paiz; o pintor francez Constancio Felix Smith, discipulo de Girodet e de David; o gravador inglez José Nyon e o esculptor italiano Rinaldo-Rinaldini. As chronicas mortuarias registam outrosim o nome do marido de Mme Tussaud, celebre fundadora da grande collecção de figuras de cêra exposta em Londres ha muitos annos.

═══ Poucos quadros ha que tenham historia tão curiosa como a que vae saber-se. Um artista de Roma via, a miude, brincando na rua, defronte da sua janella, um rapazinho de rara belleza, com cabellos de ouro e rosto de seraphim. Impressionado por aquella imagem encantadora, fez-lhe o retrato e collocou-o n'uma das paredes do seu estudo. Durante as longas horas da tristeza que o acommettia, aquella doce e gentil figura parecia espargir na alma do pintor consolos ineffaveis, e miral-o como um anjo. A sua presença fazia-o sonhar com o céo, cuja pureza era symbolisada por aquella pintura.

— Se alguma vez encontrar, dizia o artista, um contraste perfeito d'este formosissimo rosto, hei de pintal-o para o collocar na parede fronteira, intitulando um o Céo e outro o Inferno.

Passaram-se annos. N'outro ponto da Italia, visitou o pintor uma prisão, e viu, encostado á grade de uma fresta, o espectaculo mais repugnante que tinha encontrado em sua vida. Era a cabeça de um facinora, com tão medonho olhar e tão pronunciada expressão de malvadez, que, recordando-se o pintor da promessa que fizera a si proprio, a reproduziu logo na tela para servir de contraste á que lhe lembrava o céo, e collocou-a, como symbolo do inferno, na parede que defrontava com aquella onde estava o primeiro quadro. O contraste era perfeito. Estavam na sua presença os dois polos do universo moral. Succedia, porém, que, quanto mais o artista contemplava aquellas duas cabeças, tanto mais lhe parecia achar o que quer que fosse de similhança entre ellas, não obstante o conjuncto de uma differir tanto do conjuncto da outra. Aquella idêa apoderou-se de tal modo da imaginação do pintor, que não pôde resistir á curiosidade de ir informar-se á prisão, da historia do criminoso a quem retratára. Avalie-se qual não foi a sua surpreza quando soube, pelas circumstancias da vida do preso, que a linda creança que para elle symbolisava o céo, era o malfeitor a quem pintára para representar o inferno!



1967 — IMPRENSA NACIONAL — 1873



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

O BANHO DAS CREANÇAS

Quadro de Geselschap

ARTES E LETRAS



LISBOA — OUTUBRO DE 1873

O GRANDE ANIMALISTA



IRMÃOS Van Eych no norte e Paulo Ucello porventura, no sul, — mas principalmente os primeiros, — como que marcam o momento exacto, em que a Arte acorda, — extremunhada e inconsciente ainda —, do longo extasis da inspiração ascetica e deixa as vestes auritecidas do Bysantino pelas chlamydes transparentes da plastica naturalista. Esta evolução da Arte, que então parece aproximar-se do seu ponto culminante, ou que chega ao termo da sua maturidade, tem correspondencia intima, tem, póde dizer-se, a sua etiologia na transformação que se vae operando na Alma e na Economia social e d'onde sahirá em breve, — robusta e ousada, — a moderna idade. Pondo, porém, de parte essa correspondencia facil de testificar e mais facil ainda de comprehender, é certo que aquelle simples facto da substituição dos fundos aureos pelos fundos panoramicos, da luminosa opacidade da arte bysantina e gothica pelas vivas profundezas e transparencias, pela perspectiva opulenta da paizagem, tem sob um elevado ponto de vista critico uma significação importante, não só na historia mas na philosophia da arte. E cousa curiosa! Um dos primores dos Van Eych é a famosa e hoje esphacelada «adoração do Cordeiro», em que apparecem Adão e Eva de grandeza natural e na edenica nudez da tradição, o que annuncia já a rehabilitação da plastica. Como que a arte n'esta recordação revolucionaria dos dois typos consagrados da Creação affirma em si propria os elementos vivos e o momento fatal de uma nova genese.

O uso do oleo, feito pelos Van Eych, — cousa diversa da invenção da pintura a oleo, que por confusão lhes attribuem, — teve de certo a larga influencia que lhe dá Fortoul, mas o aproveitamento d'esse processo para os fundos de paizagem não póde explicar a adopção d'estes e a suppressão rapida dos outros. O *processo* influe na *maneira* artistica, mas esta é antes revelação de um modo de ser intimo ou de um momento psychologico da arte e do artista, do que uma indicação e menos ainda um producto d'aquelle. E note-se: á proporção que os fundos aureos desapparecem, a *paizagem* vae adquirindo sympathias crescentes e absorvendo em escala ascendente as aspirações artisticas, se póde dizer-se assim. Nos flamengos, por exemplo, é seguir o movimento de Jan Van Eych a Joaquim Patenier, a Henrique Met de Bles, etc. Por isso diziamos ha tempo[1]:

«Quando os *fundos de oiro* do Bysantino e do Gothico, ou antes do mysticismo, cedem o logar aos *fundos panoramas*, a vida jorra em ondas sobre a concepção artistica e a Arte não desdenha mais manifestação alguma da *mater naturam* que a arte ascetica renegára.

«Expande-se a paizagem até absorver quasi a figura humana. A natureza é a grande fonte de inspirações. Mas a natureza não é simplesmente o mar, a terra, os céos. É a vida em todas as suas manifestações, em toda a sua fecundidade, revelação e evolução.

«O animal — a *besta* —, encontra na arte um sorriso de sympathia; até alli fôra simplesmente um accessorio lendarico, phantasioso ou grotesco. E depois, como o aspirar mystico vae cedendo o logar a preoccupações e inspirações mais positivas, mais humanas, — se póde dizer-se, o homem, assim como fixa na téla os horisontes e panoramas que o rodeiam ou que o impressionam, e as scenas da vida real e commum, estuda tambem a *besta* que o acompanha, auxilia ou alimenta.

«O homem conversa com os seus irmãos e companheiros das classes inferiores. Quando a arte se faz biologica, deixem-me dizer assim, alargam-se indefinidamente os horisontes da concepção artistica.»

N'aquelle alargamento crescente da exploração paizagista, o accessorio passa muitas vezes a ser principal tambem: — a *besta*, os animaes, têem a miude a dilecção, a preferencia do artista, lembremos por agora Wynautz, o ultimo emancipador da *paizagem* e os seus discipulos Wouwzermanz, Adriano van Welde, Lingelbach; o grande animalista e não menor paizagista Alberto Cuyp, rival do Lorraine na arte de *vaporisar a luz*, como diz René Menard, os irmãos Booth, etc., etc.

E por que não havia de ser assim? Por que não fixar tambem a *verdade do animal*, — deixem-nos aproveitar a phraseologia de Ruskin, — como se concretisa na téla a *verdade* dos longinquos horisontes, dos profundos céos, das variegadas campinas, da vida physica e da vida vegetal em summa!

«O animalista vale tanto como o pintor de deuses e heroes perante a esthetica positiva.

«Tem tantos direitos este genero como a pintura de apparato de que falla Emeric David, pintura tantas vezes metaphysica, heroica, principesca e que tantas vezes tambem se reproduz na apotheose, desvaira na allegoria e se estorce no enthusiasmo retrospectivo, estudado, falso.

«E quando o pincel se faz bisturi, e quando em vez de parar na fórma, vae estudando fibra por fibra, nervo por nervo, por assim dizer, — a estructura intima, — psychica, — da vida animal, quando ausculta as pulsações da *besta*, as vibrações do cerebro inculto, o fluxo e refluxo das torrentes nervosas, quando emfim fixa na téla, não a materia bruta, mas a materia relativamente intelligente e sensivel, quando dá ao pobre animal, a *alma*, — para me servir da expressão consagrada, — que o homem na sua concepção metaphysicamente egoista monopolisára: o animalista tem realisado uma boa e grande acção, a

[1] Segundo livro de critica.

Arte tem saído nobilitada do esforço supremo, e a Naturesa, sua mãe, ha de sorrir-lhe satisfeita e grata, porque a filha não a renegou e mentiu no meio dos esplendores e opulencias do genio.[1]»

Elles, — os pobres animaes, — são os companheiros nas canceiras e nas glorias do Homem, salvam-n'o, seguem-n'o, festejam-n'o, defendem-n'o, preparam-lhe, — laboratorios maravilhosos, — a alimentação e são elles proprios a melhor parte d'ella.

Elles luctam, sentem, têem heroicidades que assombram o Homem, e abnegações admiraveis, e perspicacias salvadoras, e humildades e dedicações e affeições profundas, intelligentes, boas.

Por que ha de desdenhá-los a Arte?

Não resistimos á tentação de transcrever as seguintes paginas brilhantes de T. Gauthier:

«Os animaes que habitam comnosco o globo terraqueo, — não fallamos sob o ponto de vista da historia natural, mas sob o ponto de vista philosophico, — são dignos da attenção sympathica do observador; trazem em si um mysterio incomprehensivel, que o seu silencio permitte interpretar de mil maneiras, sem se poder esperar comtudo que elle seja um dia devassado. Descartes considera-os como simples machinas, o padre Bougeaut crê que servem de prisão aos espiritos caídos, que não tomaram parte na revolta, mas que não se pronunciaram pelo Eterno. Não seguimos uma ou outra opinião. É difficil adoptar a primeira quando se tem tido a convivencia de um cavallo, de um cão ou de um gato; a segunda é uma d'estas phantasias que não se poderia discutir seriamente e de que a gente se ri como de uma hypothese engenhosa mas louca; o que é certo é que esta creação muda vivendo-nos de redor e submettida a leis fataes, tem alguma cousa que preoccupa a imaginação.

LUCIANO CORDEIRO.

(Continúa).

AS BELLAS ARTES NA EXPOSIÇÃO DE VIENNA DE AUSTRIA

(Conclusão)

VI

HA na Austria um artista, o sr. Mackart, ainda moço, porém que gosa de alto favor em Vienna. Conta-se que o seu quadro principal, *Catharina Cornaro recebendo as homenagens do senado de Veneza*, foi pago ali por 100:000 florins, ou 45:000$000 réis, pouco mais ou menos. Todavia, os entendedores dizem, que este quadro, medindo 14 metros de largura por 7 de altura, lembrava os trabalhos de Gallait com algumas das brilhantes qualidades de Henrique Regnault, sem comtudo possuir o elevado merito de qualquer d'estes dois pintores. O sr. Mackart tem muita facilidade para a decoração e sabe darlhe effeito e pompa.

A exposição austriaca tambem apresentou trabalhos de outro pintor de maior e melhor fama: do sr. Pittenkoffen. Tem ali nove quadros de pequena dimensão. As suas obras são muito valiosas. A tela mais saliente, e já mui apreciada em França, é a *Carreta dos voluntarios hungaros*. Este quadro figura entre os nove citados e é de certo a joia da collecção.

O sr. Pittenkoffen, tão popular na Allemanha como na Hungria, geralmente se dedica á reproducção das scenas da vida campesina. Notava-se-lhe que as ultimas producções não tinham o brilho das primeiras: vae-lhes faltando o tom firme, os toques finos e graciosos, que as distinguiam.

O sr. Matejko, laureado nas exposições francezas, tem optimo logar em Vienna com os seus assumptos da historia nacional da Polonia e da Hungria. Os artistas e a critica lastimam, todavia, que este pintor exagere nas atmospheras dos seus quadros a côr violacea.

O sr. Rodakoswki figura com alguns de seus primorosos trabalhos. São bem conhecidos o retrato de Dembruski, a admiravel téla que representava a mãe do artista, e o retrato da rapariga, que em 1872 foi visto no Salão de Paris.

Entre os expositores ainda se vêem tres artistas, que já têem igualmente concorrido á exposição de bellas artes parisiense, e são os srs. Kowasseg, Schindler e Van Thoren.

Da Prussia, propriamente dita, encontram-se trabalhos de Henneberg, de Schreyer, de Broodman e de Richter, que é um excellente egyptologo e competidor de Alma-Tadéma.

VII

Fallemos ainda de uma obra de arte, que chamava, com fundamento, a attenção dos curiosos. Era o vaso de Anacreonte, saído das officinas da casa Christofle. Esta peça grandiosa na fórma e nas dimensões, porque media $1^{m},60$, julgava-se realisação extraordinaria e perfeita de um processo inteiramente novo: a incrustação de metaes coloreados sobre o bronze. A arte arabe e persa apresenta innumeros specimens de incrustações de oiro e prata sobre o bronze e o aço; a Renascença tambem empregou este meio de ornamentação na armaria; porém o processo da casa Christofle differe muito da arte antiga, que era inteiramente mechanica, empregando a mão do homem para a applicação e inserção do metal decorativo no metal que lhe servia de base.

O processo de incrustação adoptado pela casa Christofle é principalmente devido ao progresso das sciencias chimicas applicadas com intelligencia e gosto ás mais rigorosas exigencias estheticas.

O vaso de Anacreonte tem a fórma dos vasos gregos, a que geralmente se dava, talvez com impropriedade, o nome de *vasos etruscos*. A fórma todavia não é imitação desprimorosa e servil: tem maior elegancia, e a decoração é mais esplendida sem estar sobrecarregada.

O sr. Reiber, habil architecto, auctor do vaso, utilisou-se com felicidade dos tons de bronze para conseguir uma decoração que lembra a das ceramicas antigas. O artista procurou a idéa, para este primor, em uma ode de Anacreonte, que descreve uma obra grega representando o nascimento de Venus. No bojo do vaso collocou dois quadros, oppostos um ao outro. No primeiro reproduziu o assumpto da primeira strophe, em que exalta o mar; e no segundo, a ode em que canta Venus. Os quadros são compostos de incrustações de oiro e prata, com esmaltes de tom escuro e avermelhado. A galvanoplastia tambem concorre para a harmonia do aformoseamento. A incorporação dos diversos metaes obtida por este processo chimico, dá-lhes pois a homogeneidade que não tinham os processos antigos.

No colo do vaso, o sr. Reiber pôz de um lado o retrato do poeta e do outro o da sua amante Khoré.

Este vaso, emfim, na opinião geral, era uma das joias da exposição franceza em Vienna.

VIII

Parece-nos que não deixarão de ter cabimento aqui, para concluirmos este rapido artigo ácerca das bellas ar-

[1] Segundo livro de critica.

tes na exposição de Vienna de Austria, a menção das impressões apresentadas pelo sr. Wolowski á academia franceza.

O illustre academico elogiou com elevação os esforços da Austria, apenas saída de uma gravissima crise, para effectuar a grande exposição, e disse que por isso merecia os applausos da Europa.

Na opinião do sr. Wolowski, via-se que se estava em Vienna como em uma zona mixta. O Oriente estava alli melhor representado que em Londres e Paris; e se o Oriente colhia vantagens do seu contacto com o Occidente, era forçoso reconhecer que havia lição nos trabalhos orientaes. O Occidente representa, é certo, o movimento e a variedade; e tem em segura base o equilibrio das forças e das fórmas: mas o Oriente representa a grandeza e a serenidade, e possue muitos segredos da harmonia dos tons e das côres.

Hoje, accrescentou o illustre academico, póde haver firmeza nas apreciações a respeito da arte oriental; a China não tem mysterios, o Japão é da moda, a Persia sae da sua immobilidade e a India entende-se com a Europa. Parece incontestavel que se o capricho, a fantasia, o esplendor constituem qualidades predominantes na arte oriental,—faltam-lhes todavia o sentimento, o gosto do bello, tudo o que falla á alma na linguagem elevada, tudo que purifica e ennobrece. A opulencia das côres, o primor do desenho, a elegancia na fantasia, que são qualidades brilhantes no Occidente, tem monotonia no Oriente. Procurar-se-hia baldadamente alli um trabalho que sequer fizesse lembrar as obras admiraveis que se chamam Venus de Milo ou Virgens de Raphael.

O sr. Wolowski declarou á academia, não só com o sentimento nobilissimo do bom francez, mas tambem de certo como homenagem á verdade, que a França, não obstante as espantosas calamidades dos ultimos annos e apesar do pagamento de sua indemnisação que assombrou a Europa, mostrou que tinha energia e recursos, e apresentou-se na exposição de Vienna de Austria como se não atravessasse uma época de afflicções e desgraças.

Á exposição franceza em Vienna, portanto, a muitos respeitos, e segundo o parecer confirmado do proprio jury, competia-lhe um logar distincto.

B. A.

A VENDA DO NINHO

FALTAM-LHE apenas as rosas, o mais o quadro está completo—aves e creanças. Que mimoso e variado grupo! Que pequenino drama a ler-se n'aquelles rostos, queimados um pouco do sol dos campos! Que alegria infantil a encher o albergue pobre e nú!

São como as trepadeiras as creanças. Está uma parede velha, arruinada, escura; vão as trepadeiras e forram tudo de verdura e cobrem de flôres as ruinas. As creanças enchem de vida os casebres; com as suas cabecinhas loiras são como os trigueiraes no campo; com o seu chalrar, ás vezes inintelligivel, são como os passaros nos choupos da margem do ribeiro.

Analysemos o grupo; tres indubitavelmente são de casa; são tres irmãos. O mais velho veio da escola. Todos aquelles caminhos e azinhagas soffreram da sua impetuosidade. Elle era como o leãosito encerrado na jaula; deixou de ser dominado pelo olhar do professor e eil-o que expande a alegria irrequieta dos seus oito annos. É agil e bom trepador. Sóbe ás arvores, no outomno, para colher os fructos amadurecidos e na primavera para observar os ninhos e arrancal-os do musgoso dos troncos. É o seu grande prazer cruel. Não comprehende ainda o que seja o mundo do amor compendiado n'aquellas palhinhas d'onde sáe o bico incipiente dos passaros. Mal póderá sentir o que seja a dôr dos filhos e a saudade dos paes. Como que tem necessidade de aquecer os dedos no quente envolucro, onde se cria uma familia de cantores.

Tem nas mãos o ninho e aos pés o livro. De tudo se esqueceu e só ali tem concentrado o pensamento. No entanto, ao que parece, já ha o que quer que seja de malicioso, de mercantil, n'aquella sua concentração. É o unico que está senhor da sua importancia e como que a meditar n'um problema. Aquella sua seriedade precoce denuncia-o diplomata. Parece o sr. de Bismark em miniatura a regatear á Dinamarca um palmo do Schleswig.

Todos têem os labios mais ou menos descerrados; só elle conserva a bôca fechada. Como que está avaro da sua mercadoria. Lança de soslaio o olhar para o barrete das cerejas e para a moeda de cobre, mas tudo aquillo não lhe faz arregalar o olho. Não é como Esaú, que vende a benção por um prato de lentilhas. Por que se conservará indeciso? Terá um certo amor pelo ninho ou achará que é mau o contracto que lhe propõem?

O irmão mais novo tem a expressão agaiatada. É um pouco indifferente ao negocio e o seu sorriso talvez seja para mostrar uns bellos dentes capazes de trincar todos os fructos do universo, quanto mais a barretada das cerejas.

Mas o typo graciosissimo, mas a imagem da candura e da innocencia, mas a alma compadecida e amorosa está na irmãsita, cujos cabellos loiros resaltam da orla de pelles do seu barretinho de lã. Ella não vê mais ninguem senão os passarinhos. Tem as mãos atraz das costas; tem talvez medo que elles lhe piquem os dedinhos, mas não tardará muito a que lhes amacie a cabeça, a que os achegue ao seio e os beije emfim. Será um dia de tristeza para ella se o rapaz da corneta ao tiracolo levar a dôce presa do irmão.

É este o quadro e será para sentir que o leitor desvie o olhar da gravura para percorrer esta prosa, que não vale sequer uma das cabecitas do ninho. Não é preciso uma grande intelligencia para comprehender a idéa do artista. O grupo impressiona sufficientemente de per si e não requer commentarios de critico.

A arte antiga, como que respirando a athmosphera do heroismo, talvez se envergonhasse de descer das suas creações olympicas, para tratar d'estes assumptos na apparencia indignos das imaginações poderosas. Os grandes mestres da antiguidade amavam a natureza, mas precisavam de a divinisar, de lhe dar a fórma dos deuses. As florestas, os rios, os mares, tudo tinha uma alma celeste, que se desenhava gigantescamente nos marmores resplandecentes de Paros.

Mas a arte moderna levou muito mais longe o sentimento, sem desfigurar a natureza, sem recorrer ao sobrenatural. Acompanhou o estudo das sciencias naturaes e espiritualisou para assim dizer toda a materia. Nem só os heroes e os semi-deuses respiram o halito divino. Hoje o que se procura é traduzir em todo o organismo a sua força intima, a sua alma, mais ou menos rude, mais ou menos aperfeiçoada. Os leitores das *Artes e Letras* tem tido occasião de verificar mais de uma vez a corrente da arte contemporanea. No olhar dos animaes ha um raio de philosophia. O homem vive na convivencia e não no dominio da natureza. Elle não é independente; é preciso não des-

conhecer os élos da cadeia, que o prendem a todas as cousas.

A vida compõe-se de todas as luctas e não vive sómente aquelle que respira a athmosphera dos combates.

A arte moderna não podia esquecer as creanças; segue o preceito do Christo. A religião do crucificado talvez tenha influenciado debaixo d'este ponto de vista com a sua amorosa lenda do Jesus Menino. As creanças têem o rosto



A venda do ninho

Nos episodios mais serenos e dôces é quando se revelam os mysterios mais sublimes da alma. Nada se deve desprezar; nada se deve esquecer. Quem lê, por exemplo, os poemas de Homero, sente um prazer indefinido, quando penetra com o divino *ædos* na vida lararia da civilisação grega.

sereno, mas n'essa serenidade offerecem o mais vivo contraste. Vêde o grupo da nossa gravura e dizei-nos se o artista não se sentiu inspirado e não fez de cada cabeça um delicado poemeto.

SOUSA VITERBO.

NO PENSAMENTO

É triste como as plantas a que roubaram o sol, ou como as almas a que roubaram o amor. Tem o gesto lento, o olhar apagado, a humildade serena dos opprimidos.

Nasceu no campo, e no campo se creára, pobre mas livre como a corça das matas e a madresilva dos vallados.

Não conhecêra pae nem mãe; chamavam-lhe *a engeitada;* mas haviam-na todos adoptado pelo coração.

Dormia ora aqui, ora ali, umas vezes nas quentes arribanas dos casaes, ao pé dos grandes bois nedios, mansos e luzidios, que ruminavam lentamente, olhando para ella com o olhar benevolo dos fortes, outras vezes ao ar livre, debaixo das arvores, no leito cheiroso e macio dos fenos ceifados de fresco. Tinha um defeito.

Era preguiçosa.



No pensamento

Preguiçosa como as flôres, como os passaros, como as borboletas. Depois dera-lhe Deus o amor instinctivo das cousas luminosas e transparentes. Levava horas e horas deitada nas hervas, bebendo a plenos tragos o ar balsamico das charnecas floridas, embriagando-se de luz e de harmonias, olhando para as estrellas com os seus grandes olhos illuminados de extranhas curiosidades, ou namorando cá de muito longe as magneticas phosphorecencias do mar.

Gostava das historias maravilhosas, das lendas phantasticas, julgava ouvir ao luar os risos das fadas boas, e sabia contar as suas allucinações inoffensivas com uma graça pittoresca e bravia que era só d'ella.

Confiavam-lhe os seus rebanhos de cabras os lavradores do sitio, e ella selvagem como ellas seguia-as pelos pincaros recortados da serra, saltando de penhasco em penhasco esbelta e ligeira, ou velava-as de longe n'algum recanto escuso onde o mato se entrellasse de mais flôres, onde os giestaes exhalassem mais penetrante aroma.

Era uma vida risonha e miseravel. Alimentava-se e vestia-se da caridade das almas como o lyrio se veste e se alimenta da luz e do orvalho dos céos. Só ella sabia os extranhos gosos do seu desconfortado existir; o caso é que a viam alegre e palreira, lavando nas fontes o rosto crestado e enfeitando de malmequeres os loiros cabellos em desordem.

Um dia porém entristeceu de repente, sem que ninguem lograsse adivinhar as causas da estranha mudança.

Tornou-se mais sisuda, mais laboriosa e mais calada, e nunca mais se ouviram pelas quebradas do monte os eccos da sua voz fresca e impregnada de não sei que feitiços namorados.

Perguntavam-lhe o que tinha, e ella respondia com um olhar humilde e triste, um d'estes olhares que entram no coração da gente e o dilaceram.

Até que emfim sumiu-se de todo. Veio servir para a cidade. Ella que era livre, irrequieta e vagabunda como as cabras que guardava, prendeu-se voluntariamente nas paredes estreitas de uma casa de burguezes.

Como sabia pouco tratavam-na despiedadamente.

Ella porém aprendêra em não sei que dolorosa iniciação a não queixar-se nunca.

Ás vezes, depois de feito o trabalho do dia, sentava-se n'uma larga cadeira antiga, de altas costas e torneados pés, e ahi se deixava ficar pensando... pensando no que só ella sabia.

Então abria-se a porta, e um cherubim loiro, risonho, mimoso de mil carinhos, entrava na cosinha escura, como um raio de aurora, vinha pousar no regaço d'ella os seus bracinhos de leite roliços e nús; e fazia-lhe perguntas pueris n'essa lingua mysteriosa e encantadora que só fallam as creanças e que só entendem as mães.

Por que o entendia ella tão bem? Porque se fixavam com tão saudoso enlevo os olhos da pobre aldeã nos loiros cabellos da creança, e nos seus olhos azues, serenos e limpidos como uma nesga do céo da primavera.

Quem sabe a visão de azas brancas que a infeliz havia tido, e que ella deixára perder-se nas urzes do seu ingrato caminho! Sabe-o Deus, e adivinhava-o talvez a dôce creatura que abandonava as bonecas e o regaço materno, para deixar chover n'aquella alma entristecida as perolas crystallinas do seu riso infantil.

Pinteus.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

VI

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.

O cão Pagé perdeu inteiramente o sentimento da propria dignidade na scena final das onças. Tendo-se deixado ficar um pouco atraz de nós, talvez para se despedir dos restos do almoço, no momento em que a onça viva se arremessou sobre o cadaver da companheira partiu elle a fugir, com a cauda sumida entre as pernas, e soltando gritos tão dolorosos, que nos persuadimos de que a féra lhe tivesse arrancado algum osso... dos d'elle. Vendo porém a atitude de Ferrugem, quando este apostrophava a femea que comia o macho, virou-se tambem para traz e entrincheirando-se com as nossas pernas começou a ladrar furiosamente.

—Vae-te d'aqui, parlapatão!—lhe gritou o nosso chefe, que acabára o seu discurso á onça.—Com as tuas valentias de parada, estiveste em risco de ser comido e de nos deixares comer, que era peior um pouco!

Deu-lhe brutalmente um pontapé, que obrigou o pobre cão a engolir o ultimo latido, indo cair atordoado alguns passos distante.

—Olhe que o mata!... E faz-nos falta,—observei eu, escandalisado com a selvajaria do meu patricio.

—Qual historia! Repare como elle se meche! Parece que até lhe fez bem!

Effectivamente o Pagé, que fôra impellido para a banda do ribeiro, na direcção em que a onça estava rosnando e comendo o marido, levantára-se de chofre e despedira em corrida veloz para o nosso lado. Era o medo quem lhe dava azas!

Eu preparava-me para atirar ao hospede, que tão sem cerimonia almoçava á nossa vista; mas Ferrugem impediu-me.

—Poupemos a polvora... e o corpo. Qem sabe lá o que succederia?! Vossê já escapou por uma unha negra! Não nos mettâmos n'outra sem necessidade; nem percâmos tempo com divertimentos inuteis.

Pozemo-nos a caminho novamente, não sem pezar meu que preferia mandar primeiro uma bala ao feroz animal, que fingindo não reparar em nós, não nos perdia comtudo de vista! Eu não me certificára ainda de quanto é perigoso o combate do homem com aquella especie de féras, quando o primeiro tiro não as põe logo fóra de combate; a lição perigosa da noite havia sido inteiramente perdida para os meus poucos annos, e para a minha temeridade intempestiva!

Ao fim de duas horas de marcha a floresta escureceu de repente e começaram a caír grossas gotas de chuva, que resoavam sobre a folhagem como se batessem em telhados de zinco!

—Não nos faltava mais nada!—exclamou o mameluco.—Vem ahi agua que mette medo!

—É andar depressa!—gritou Antonio Ferrugem.

—O terreno por onde vamos agora é muito baixo e alaga-se facilmente! Se nos apanha aqui uma cheia, estamos aviados! Teremos de esperar em cima das arvores, na companhia das cobras, que ella se escôe, o que não será em menos de dois dias!

Ficámos atterrados, todos os que não conheciamos a localidade, e apressámos o passo quanto nol-o permittiam as difficuldades da espessura, augmentadas com a escuridão, que era cada vez maior.

—Não se vê já signal de picada!—murmurou Agapito cheio de terror.—Se nos perdemos, ha de ser bonito!

—Haverá risco de nos perdermos?—perguntei eu a Ferrugem.—O sr. Agapito diz, que já não vê a picada.

—Tudo é possivel n'estas alturas,—volveu philosophicamente o meu compatriota.

—Mau!... e uma vez perdidos?...

—Ficavamos peior.

—E... Como haviamos de saír da situação?

—Procurando o rumo.

—Traz bussola?

—Eu?!... E lembra bem! Seria muito util n'estas florestas!

—Se a não tem, arriscamo-nos a ficar por ahi, n'esta ou n'outra occasião, até que...

—Até que tornemos a achar o caminho.

—E se se acabar a polvora?

—Restam-nos as frechas.

—E perdidas ou quebradas ellas?

—O Pagé encova pacas e cotias.

—E se elle fôr comido por alguma onça?

—Tanto lhe póde acontecer a elle, como a nós.

—Isso é consolador!

—Quem se aventura á vida das florestas é como se fizesse da pelle um alvo para atiradores inexperientes. Alguma vez podem-lhe acertar, por acaso!... Porém, não faltam fructas, peixe e caça, quando a gente se perde nos bosques do Xingú; e se um homem faz proposito de resistir á morte, atrapalha-a por muito tempo e não a deixa metter-lhe o dente. Eu cá sou duro de roer; e declaro que não hei de deixar-me ir por mal cosinhado!

Os nossos companheiros escutavam com visivel interesse a nossa conversa. Os dois tapuios caminhavam, guardando sinistro silencio, atraz de Ferrugem; Agapito, que costumava ir adeante, dava suspiros ruidosos e fazia esforços por encobrir o medo que o dominava. A chuva ía engrossando a ponto de nos molhar os restos do fato, que os espinhaes e ramarias nos tinham até ali poupado.

—Parece-me prudente acampar,—disse o chefe da expedição.—Desconfio que o Agapito tem rasão e que perdemos a picada.

—Perdemos a picada!—exclamaram como um echo os dois tapuios.

—Perdemos a picada!—repetiu lugubremente o mameluco.

—Deixem-se de lamurias!—gritou Ferrugem.—Emquanto se vê ainda alguma cousa, tratem de cortar folhas de ubim e façam barraca para se accender o lume.

Os indios não esperaram a repetição da ordem. A palmeira ubim, que cresce rente do chão nas florestas virgens do Xingú, abundava em torno de nós. Com os seus ramos, do tamanho de tres metros, pouco mais ou menos, armou-se uma choupana, sobre a parte mais elevada do terreno, e accendeu-se immediatamente uma fogueira, em torno da qual nos reunimos.

Os indios do Brazil, emquanto bravos, percorrem as suas florestas como verdadeiros animaes ferozes. Logo, porém, que se domesticam, tornam-se inteiramente outros. Ninguem se arreceia mais que elles dos seus antigos companheiros, da existencia errante das selvas, e da propria tribu a que pertenceram! Perdidos no mato, não é para as bandas do berço que tentam encaminhar-se; não é a mãe, o irmão, a familia, o rio natal, o bosque amigo da infancia que os attrahe e que procuram com anciedade. O logar habitado pelos indios mansos, a aldeia ou a villa dos brancos, a servidão mal retribuida mas que elles terminam quando querem, a variedade das residencias, o contacto da civilisação elementar, é tudo isso ou é sómente isso que deploram haver perdido e que se esforçam para reachar immediatamente. Esquecidos os habitos da vida primitiva, como que perdem tambem a memoria do passado! E, diga-se a verdade, o temor que lhes inspiram os parentes e amigos dos primeiros annos não é nada infundado; se estes os apanham, tratam-n'os com a semcerimonia que usam com os que nunca viram. Se são tribus de boa indole, olham-n'os apenas com desconfiança; se das menos benevolas, acolhem-n'os a frechadas.

Justificava-se pois a crescente inquietação dos nossos tapuios, quando se souberam perdidos. Que importava que os jurunas, a quem íamos visitar, fossem considerados dos melhores? Estavamos transviados na floresta e para o indio todo o que não é amigo é inimigo; o desconhecido representa um perigo. Mas o lume, calor e alegria do homem em todas as circumstancias da vida dos bosques, companheiro constante, e ás vezes perfido, porque o denuncia áquelles de quem se esconde, o lume, accendido rapidamente no tejupar improvisado, mudou-os inteiramente. A medida que o clarão das chammas se espalhava em torno de nós, alumiando a floresta, reapparecia no rosto dos dois indios senão a alegria o ar de indifferença e insensibilidade, que affecta a maioria d'elles. E quando Ferrugem puchou pelo enorme frasco de aguardente e declarou que era chegado o momento solemne de o passear pelas bôcas de todos os membros da caravana, desenhou-se-lhes nos labios um sorriso triste, que era a mais suprema demonstração de contentamento a que elles tinham podido attingir até então.

A chuva caía em torrentes; os ramos sêccos estalavam no lume; Pagé resonava com estrondo, enroscado quasi sobre os páus incendiados; o mameluco resava a *Magnificat* para conjurar os trovões, que se ouviam a distancia; Ferrugem dava estalos com a lingua e passava-me o frasco amigo; os tapuios preparavam a carne para o jantar; e ao longe troava com medonho fragor o ruido immenso da cataracta!

A aguardente reanimou-nos e aqueceu-nos; o jantar, que nos serviu egualmente de ceia, pôz-nos em estado de fazer frente á noite, que avançára cheia de mysteriosos terrores. Conseguimos atar as redes, cobrindo os espaços occupados por ellas com grandes ramos e folhas de palmeira; mas, pouco a pouco, as gotas d'agua foram-se introduzindo por entre as ramarias e ao cabo de poucos minutos tinham estabelecido canaes, que nos innundaram! O vento bramia furioso sobre as copas dos arvoredos, estorcia-os, abalava-os, e conseguia, nas clareiras, desarreigar um ou outro colosso vegetal, que de vez em quando sentiamos caír com terrivel estrondo. Então, ao ruido pavoroso da arvore que caía, reuniam-se mil gritos sinistros, de aves e féras, os gemidos dolorosos da selva, que perdia um irmão secular, as vozes plangentes da natureza e os rugidos da tempestade!

—Agapito?—gritou Ferrugem, deitando a cabeça fóra da rede;—vossê tem alma de dormir com uma noite d'estas? Palavra, que o invejo! Eu não sou difficil em cousa nenhuma; porém, agora, confesso que me é impossivel pregar olho!

—O seu Ferrugem está mangando!—respondeu o mameluco em tom lastimoso.—A minha rede é tão tapada que não deixa sair a agua que lhe cae dentro! Como hei de dormir, deitado n'uma pôça?!

—Pois levante-se e despeje-a! Eu tambem me sinto fresco. Que tal vae isso por lá, ó Chico?

—Estou n'uma sopa! Ainda faltará muito para amanhecer?

—É meia noite—disse um dos tapuios, indo atiçar o lume e deitando-lhe mais lenha.

—Qual meia noite! Nem dez horas.

—Eu ouvi cantar pela quinta vez o inambú-tóró...

—Vae para o diabo com o teu inambú-tóró! Ouves?...

—Crédo! É o jacurutú!

—Ai, Jesus! O jacurutú!

—É cousa má?—interrogou, transido de pavor, o mameluco.

—Se é cousa má?!—volveu um dos tapuios;—quando se ouve a voz d'elle, é contar com desgraça perto!

—Vem dizer-nos, que não tornâmos a achar a picada!—secundou o outro indio.

—Estamos promptos!—carpiu Agapito, deixando-se cair na rede, onde se havia sentado.

—Ó Chico, vossê que está mais perto do lume, passe-me para cá um tição e não dê ouvidos a esses papalvos.

Dei-lhe o lume e elle accendeu o cachimbo.

—Se tem ahi tabaco picado, dê-me um pouco.

Ferrugem deu-me o tabaco pedido, eu fiz com elle um cigarro, embrulhando-o na folha de tauary, e ambos começámos a fumar em silencio. Agapito resava, e os dois tapuios benziam-se ao menor rumor que sentiam.

O inambú-tóró *(Crypturus serratus,* Spix?) é um passaro que se ouve de noite nas florestas do Amazonas e Pará, e que parece repetir em seu canto as duas syllabas *tó-ró,* que lhe deram o appellido. Crêem os indios, e até alguns brancos, que elle canta de hora a hora e consideram-n'o o relogio infallivel das florestas, para medir o tempo durante a noite. O jacurutú *(Strix Nacurutú,* Vieill.) é uma das muitas aves nocturnas, tidas como agoureiras pelos indios, cujo canto os apavora mais que o de nenhuma outra.

—Lá canta outra vez o inambú!—disse Ferrugem;—ainda não passou uma hora e portanto é falso que elle cante a horas certas.

—Ouçam o jacurutú, que tambem repete!—exclamou o sempre atterrado Agapito.

—É que estão berrando á aposta,—volveu Ferrugem, rindo.

—Esperem-lhe a pancada!—murmurou um tapuio.

—Nunca eu viesse de Pombal!—suspirou o outro.

—*Oh! minha alma magnifica!...*—soluçava Agapito, estropeando com piedosa devoção o hymno religioso.

A noite corria lenta e cada vez mais pavorosa. Os clamores do vento, os rugidos das féras, o caír das arvores, os gritos das aves nocturnas, e o desabar da chuva em torrentes sobre a folhagem espessa formavam atterrador concerto. Todos estavamos mais ou menos encharcados nas redes; apesar d'isso, pela volta da madrugada o cansaço foi-se apoderando de alguns de nós e o somno fechou-nos momentaneamente as palpebras. A minha idade contribuiu para que eu fosse dos primeiros que adormeceram, se acaso era dormir o estado de torpôr em que me achava, ouvindo e sentindo tudo, sem estar desperto. Pouco a pouco os ruidos foram diminuindo aos meus ouvidos; pareceu-me que a chuva e o vento se afastavam e que a noite se tornára serena e tranquilla. Um somno mais reparador principiava realmente a apossar-se de mim quando fui acordado repentinamente pelos gritos de Agapito.

—Acudam! Jesus! Acordem, que morremos todos!

Saltei de um pulo fóra da rede, ainda com os olhos mal abertos; a sensação de frio desagradavel, que senti immediatamente nas pernas, fez-me dar tambem um grito.

—Ai!

—É a innundação prevista,—disse serenamente Ferrugem, que, como eu, saltára da rede meio adormecido e fôra logo acordado do mesmo modo.

A agua dava-nos pelo meio das pernas e parecia continuar a crescer! Agapito, que se tinha levantado para ir deitar lenha no lume, por não o vêr quando abriu os olhos, ao achar-se inesperadamente n'um lago, deixou-se caír com o susto e soltou os clamores afflictivos que nos tinham despertado. O fogo havia-se extinguido; o misero Pagé, empoleirado sobre os ultimos tições apagados, que a cheia não levára ainda, pedia soccorro, ganindo e uivando!

Felizmente, vinha rompendo o dia e tinha cessado a chuva. Os dois indios, sentados nas redes, com as pernas pendentes, olhavam com estupido esmorecimento para Ferrugem e para mim, que estavamos ajudando o mameluco a erguer-se.

—Pendurem as bagagens mais acima!—lhes gritou o chefe.

—Esperam, talvez, que a agua lhes chegue e estrague tudo?! Acudam á farinha! Se a deixam molhar, a cousa será mais seria!

Suspendeu-se tudo, incluindo as redes; tornámos a deitar-nos, á espera que amanhecesse inteiramente. Agapito foi assás bom ou assás cauteloso para recolher comsigo o infeliz Pagé, que ao sentir-se consolado com o calor do mameluco começou a rosnar de delicias. A cheia subia ainda. Apenas aclarou a manhã, alongámos a vista por entre os troncos e não vimos senão agua por todos os lados! Excepto Ferrugem, que, sempre philosopho e intrépido, encarava todos os acontecimentos com inalteravel sangue frio, todos os mais desanimaram.

—É preciso partir immediatamente,—ordenou elle.—Convem procurarmos logar alto para se fazer o almoço. A nossa boa fortuna será que esta innundação provenha dos igarapés que hontem deixámos atraz; se trasbordou dos que estão para diante, não poderemos ir longe.

—E se as aguas vierem crescendo sempre?—interroguei eu.

—As arvores são altas! Iremos subindo tambem. Não tenha medo que ellas se afundem de todo.

Cada um tomou rapidamente a sua bagagem.

—E o cão?—perguntou Agapito consternado.

—Que nade atraz de nós,—tornou Ferrugem.

—Coitado!

Partimos; não havia corrente, mas era impossivel poder-se caminhar por muito tempo com agua pelos joelhos. A cada passo tropeçavamos nos troncos e raizes mergulhados. As cobras de todos os tamanhos, que fugiam da innundação, serpenteavam pelos ramos em torno de nós; os jabotys fluctuavam; as pacas e cotias, acocoradas timidamente sobre as arvores caídas, pareciam pedir-nos auxilio; Pagé, nadava, ladrando ou carpindo-se, e descansando, sempre que encontrava um commodo geitoso. Ao fim de duas horas trabalhosissimas, deparámos com terreno ainda não alagado e respirámos. Quando porém nos preparavamos para accender lume, reconhecemos que a praça fôra occupada antes de nós, por grande quantidade de caça, cobras e onças! Estas ultimas afastaram-se modestamente, para nos dar logar, deixando-nos os restos de um veado, que estavam comendo. Os reptís não foram tão amaveis nem tão faceis de desalojar; só á força de fogueiras cederam o campo. Quanto á caça miuda,



Pv. SLINGELANDT pinxt. W. FRENCH sc.

A OFFERTA.

Editores Rolland & Semiond Lisboa

deixava-se ficar, julgando-se protegida pela sua innocencia, como se estivesse no Paraiso!...

A tempestade da noite succedêra um dia sereno e um sol explendido. No sitio onde acampámos havia uma clareira, que nos permittiu enchugar a roupa emquanto se fazia o almoço. Os rugidos surdos, que não cessavamos de ouvir muito proximos, e o pello irriçado de Pagé, que descançava em posição de poder ser assado, aconselhavam-nos a velar attentamente e a ter as armas sempre á mão. Depois do almoço, verificámos com alegria que a cheia baixava.

—A caminho!—intimou o nosso chefe.—Sigamos por esta barreira de terra preta; palpita-me que vamos dar com a picada dentro em poucos minutos.

Ferrugem enganava-se. Andámos todo o dia, por terrenos quasi sempre encharcados, e ao escurecer fomos parar ao sitio onde tinhamos almoçado! O mameluco chorava; os tapuios davam indicios de quererem assassinar Ferrugem, que, sem os perder de vista, fumára todo o dia placidamente no seu cachimbo de viagem; eu e Pagé guardavamos silencio; mas, n'essa noite pareceu-me prudente não dormir e passei-a contando historias, das que tinha lido nas *Mil e uma noites,* com as quaes consegui sempre captivar a attenção dos indios.

No dia seguinte recomeçámos a procurar a picada perdida, e foram ainda baldados os nossos esforços para encontral-a! Já ía anoitecendo, e o terror dos tapuios dava-lhes cada vez mais sinistro aspecto, quando Ferrugem parou e tirando o cachimbo da bôca, exclamou:

—Que corja de estupidos que nós sômos! Andâmos ha dois dias perdidos, ouve-se o estrondo da cachoeira, e ainda ninguem se lembrou de que deviamos encaminhar-nos para a margem do Xingú!

—É verdade!—respondemos todos com admiração e alegria.

No dia seguinte partimos em direcção á cataracta; encontrámos a picada e vinte horas depois chegámos ao territorio dos indios jurunas.

(Continúa.) F. GOMES DE AMORIM.

VIOLANTE

Que linda! quem não te adora
raio de luz da manhã?
loura, rosada, louçã,
innocente e scismadora!

E por que scismas, querida?
receia, acaso, a tua alma
de não encontrar a palma,
que a gente sonha na vida?

É muito cedo, vê bem;
deixa lá scismar o triste,
que, na soidão em que existe,
nada espera e nada tem;

mas tu!... Sabes, innocente,
que me faz mal vêr-te assim?
arôma d'este jardim,
aurora do fulvo oriente!

A cada qual seus cuidados:
tu és a copla d'um hymno,
canta! cumpre o teu destino,
ave dos flóridos prados.

Tu és mulher anjo e flôr,
toda luz e riso e gala;
branca,—um champó de Bengala;—
bella,—uma rosa d'Onor.—

Que linda! quem não te adora
raio de luz da manhã?
loura, rosada, louçã,
porém sempre scismadora!

tu, a quem por um sorriso
déra o seu nome *Angediva,*
que até no seres esquiva
dás mostras de paraiso,

por que has de scismar? e então
na terra onde ha tanta palma!
Deixa voar a tua alma...
e acautela o coração.

É como avesinha solta,
que um foco de luz attrahe,
e assusta-se e lucta e cáe...
e as azas queima e não volta.

Tens o olhar no oceano immerso?
serão saudades? responde!
Talvez, que onde o sol se esconde
fica o teu berço e o meu berço.

Tu nunca o viste, bem sei,
mas n'uma alma dolorida
ha saudade indefinida,
que chama, que attrahe, que é lei.

Quando eu voltar, se algum dia
volvo á terra de meus paes,
tu vaes comigo! oh! sim vaes!
dou-te a nau e a companhia.

Vaes na galera doirada
da minha musa formosa;
é toda sandalo e rosa;
tu chamas-lhe Genio e eu, Fada.

Vão comnosco inspirações,
que brotam do seio amante;
vae o estro delirante
a derramar-se em canções.

Vae o bem-querer sem meta
e a liberdade sem fim;
vae teu seio junto a mim...
ventura e gloria completa!

Nas vélas de seda, flôres;
a flux, crystaes e brocados;
a guarnição, de cuidados,
a tripulação, d'amores.

Dará dia ou noite aos céos
o capricho dos teus sonhos;
dia, os teus, que são risonhos,
noite, a tristura dos meus.

Teu olhar será meu astro
e a vaga ha de acompanhar
uma harpa eolia a cantar,
pendente de cada mastro.

Verás como se delira
na solidão luminosa!
quando cançares, formosa,
embalo-te ao som da lyra,

e vou encostar-te, ó flôr,
sobre o teu coxim bordado,
e hei de ajoelhar-me a teu lado
a segredar-te d'amor.

Oh! para bem longe a praia,
onde a visão se desfaz!
onde a miragem, falaz,
mas tão risonha, desmaia!...

Quebre-se embora a galera
morramos ambos, querida,
e continuemos a vida,
longe, escondidos na esphera.

Nova Goa, maio de 1871.

THOMAZ RIBEIRO.

A OFFERTA — O BANHO DAS CREANÇAS

A que recebe o presente é, sem duvida alguma, excellente dona de casa. Os seus braços brancos e roliços não brilham á luz dos bailes, mas arregaçam-se com presteza quando se trata de ajudar a cozinheira na manipulação de um guisado de maior responsabilidade. Anda tudo em casa limpo e arranjado; em cima dos moveis não ha um atomo de poeira, o sobrado reluz com os esfregados; nas gavetas cheias de maçãs a roupa perfumada e alvissima estende-se com uma regularidade admiravel. A boa mãe de familia começa a entrar no outomno da existencia, mas a placidez do seu viver honesto conservou-lhe toda a frescura da primavera, e deu-lhe apenas as fórmas arredondadas da mulher já feita. Os filhos andam na escola; já passaram os primeiros cuidados da maternidade, e ella, esperando o marido que não tarda para o jantar, esperando os filhos que d'ahi a pouco entram pela casa dentro, ruidosos, palradores, com os livros apertados pela correia tradicional, contando á mãe, que os escuta sorrindo, os incidentes pueris da escola, ella, sentada ao sol, junto da janella banhada de luz, cuida com enlevo dos seus, e a sua fronte sem rugas illumina-se com esse reflexo do esplendor do céo, com que Deus já corôa na terra os simples e os bons.

Contemplando a gravura, esperâmos a cada instante vêr abrir-se a porta, e apparecer a cozinheira corada que vem pedir instrucções, ou submetter uma duvida á dona da casa. É que n'esse dia o jantar não se póde fazer assim sem mais nem menos; ha festa de familia; vae grande azafama lá dentro. Preparam-se surprezas, um jantar pantagruelico. Assim o denuncia a *offerta* da velha visinha. É que a boa dona de casa espalha em torno de si o bem-estar e as bençãos. Não ha visinha que lhe não deva um favor. Como o céo lhe concedeu a aurea mediocridade, todos os que batem á porta vão remediados e alegres. E não é necessario que a procurem; ella saberá descobrir as miserias escondidas, ella saberá dar com a sua mão suave e branca o lenitivo aos afflictos. Por isso tambem a festa de familia é festa para a visinhança. Todos se julgam na obrigação de trazer á boa senhora um presente que mostre o seu reconhecido affecto. A boa velha, que não é das mais pobres, trouxe a gallinha já morta, que não tardará a passar para as mãos exercitadas da cozinheira que a depennará n'um crédo.

Ha na gravura um personagem que destôa, emquanto a mim, da côr geral da scena. É um cãosito pequeno, feio, hediondo, de olhar maldoso, e venta arrenegada. Aquelle é o cão da solteirona rabujenta, está fóra do seu logar n'aquella casa tranquilla e boa. Um cãosito assim ha de ter um ladrar esganiçado, ha de revirar o dente para os pequenos, e ser o eterno tormento da cozinheira. Alli n'aquella sala antiga só devia figurar ou o gato que se aconchega e se enrosca, manso, pachorrento, familiar, ou o cão da Terra Nova forte e meigo, guarda fiel e amigo dedicado, ou o galgo de olhar terno e supplicante, que estende para o collo do dono o seu longo focinho que vem pedir caricias.

E acabo já o artigo, porque sinto diabolicas tentações de dar um pontapé no cão!

Fria manhã do norte! ao longe vem rompendo a aurora; mas a sua luz debil ainda não póde rasgar as sombras do aposento. Accendem-se os candieiros, porque é necessario levantar cedo, apesar de ser domingo; mas em primeiro logar o habito póde muito, em segundo logar trata-se de arranjar aquelle rancho de creanças, e não é pequeno trabalho para a mãe fecunda, que só tem para a ajudar a irmã mais nova, esbelta rapariga que assim se vae industriando nos dôces deveres maternaes. O pae faz a barba com luz, e a avó, que foi a primeira a levantar-se — ella que tem os somnos curtos e leves da velhice — foi aquecer ao lume os enregelados membros, e lá está já sentada na velha cadeira, onde passa os dias tomando o sol, e ralhando com os netos. A creançada doideja; lá vae tudo para o banho, que é a alegria dos pequenos... e não importa que faça frio, que a agua enrija e dá saude. Aquella manhosa de cama aproveita as occupações da mãe e da tia para se aconchegar com a roupa, e saborear o calor dos cobertores, mas não o somno da manhã, que isso é que lh'o não consente o irmão pequeno que, seguido

pelo cão traquina, vae trepando pela escada que dá serventia para o velho e monumental leito gothico, onde já dormiram quatro gerações.

Delicioso quadro este! e como o pintor percebeu bem a occasião em que devia apanhar as radiosas figuras dos pequeninos. O despertar das creanças é o momento mais alegre do seu dia. Como os passarinhos, saúdam a alvorada com os gorgeios das suas vozes infantis. Elles que estão na manhã da existencia como que se sentem melhor quando os vem banhar a frescura matinal, elles que são as flôres em botão espanejam-se ao sol nascente, como os botões das rosas á luz da aurora e aos orvalhos da madrugada. Enchem a casa os seus alegres rumores, chapinham na agua com gritos de prazer; correm pelo aposento, semi-nús, escapando ás mães, que se rejubilam ao contemplal-os, e nos seus olhos ri toda a pura alegria do seu immaculado alvorecer. E o homem, que passou a noite sentado á mesa do trabalho, acordando a meio com a matinada infantil, sorri-se vagamente, sente-se refrescado e alegre, e cuida que vê voltear em torno de si um bando de passarinhos, ou que as azas nevadas dos cherubins da Gloria vem com bafejos celestiaes refrigerar-lhe a fronte fatigada.

Triste da casa, onde o despertar é frio e silencioso, onde se abrem os olhos ainda carregados de somno, para se encontrar a sombra das janellas cerradas, sulcada vagamente por um raio do sol já alto que se insinúa pelas fisgas dos postigos, onde nos achâmos immersos no silencio triste da alcova, quebrado apenas pelo rumor banal dos criados que lá fóra sacodem o pó e preparam o almoço! Triste da casa onde o homem não encontra, quando acorda, o olhar limpido, alegre, immaculado das creanças que Jesus amava, onde se não tem o beijo dos filhinhos, a saudação jovial dos que deixam transparecer nos olhos todos os sentimentos da sua alma ingenua! e como, ao contemplar, com alegre sombra, o quadro familiar do pintor allemão, repetimos baixinho a admiravel estrophe de Victor Hugo:

> Seigneur! préservez-moi, préservez ceux que j'aime,
> Frères, parents, amis et mes ennemis même
> Dans le mal triomphants,
> De jamais voir, Seigneur, l'été sans fleurs vermeilles,
> La cage sans oiseaux, la ruche sans abeilles,
> La maison sans enfants!

PINHEIRO CHAGAS.

BACHANTE

(Fragmento de um livro inedito)

N'ella esplende a belleza voluptuosa
d'uma deusa do Olympo; os hombros nús
modelados no marmore de rosa
banhavam-se em torrentes d'aurea luz!

O cabello que lembra na desordem
a selvatica juba d'um leão
envolve-a nas fulgentes espiraes,
serpentes que se enroscam e que mordem
os mosaicos phantasticos do chão.

Relampeja-lhe em chispas infernaes,
a malicia nos olhos verde-mar,
onde ha trevas e ha luz que ninguem sonda
porque todos têem medo á inquieta onda
que passa ás vezes no seu fundo olhar.

Os labios sensuaes lembram dois gômmos
d'entr'aberta romã; e ha no seu riso
lampejos d'um vedado paraiso
onde medram lethaes e extranhos pômos.

Do bello e da justiça ella escarnece!
ella que tem do archanjo despenhado
a tenebrosa e indomita altivez.
Não acredita em Deus; nunca uma prece,
de su'alma no porto abandonado
veio ondular sequer uma só vez.

Mas é bella!... ha volupia, ha magnetismo
na felina indolencia do seu porte!
tem caricias de féra, e na pupilla
que ás vezes se dilata e que scintilla
entremostra-se um mysterioso abysmo
d'essas fataes delicias que dão morte!

Sómente falta á esplendida bachante
soberba estatua que deslumbra e cega
de pampanos a c'rôa verdejante
e o fundo azul d'uma paizagem grega!

Pinteus.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O TEMPLO ROMANO DE EVORA

> Se os homens, ainda aquelles a quem mais fallecem naturaes disposições para apreciar a graça e a belleza, contemplarem, todos os dias, obras primas da pintura, esculptura e architectura, se forem educados entre cousas taes, como em ar puro e saudavel, acabarão por ter o gosto de tudo o que é bello, decoroso e delicado; acostumar-se-hão a notar com verdade as perfeições e defeitos nas obras da arte e da natureza, e esta feliz rectidão de idéas tornar-se-lhes-ha habitual ao espirito.
>
> PLATÃO.

I

SÃO os monumentos religiosos aquelles que mais clara idéa nos dão da architectura e esculptura e, por conseguinte, do estado social dos povos que os edificaram. De tantos templos, porém, que, por inscripções, sabemos ter havido na Peninsula, durante a dominação romana, apenas subsiste de pé o de Evora, e, ainda assim, muito mutilado.

Os odios de religião, mais implacaveis que os de raça, explicam o total aniquilamento de edificios que, por sua perfeição e solidez, deveriam ser os ultimos a desapparecer da superficie da terra.

Se outras rasões ponderosas não houvera, bastaria esta da singularidade para que não faltassem áquellas venerandas ruinas eborenses com o respeito e consideração que merecem, para as conservarem como reliquias preciosas, que em verdade são, e as estudarem, com o expressivo monumento, unico representante, em seu genero,

da perfeição das artes introduzidas na Peninsula pela civilisação romana.

Todavia estariam hoje, ou ao menos dentro em poucos annos, inteiramente perdidas, se não residira alguns annos em Evora quem escreve estas linhas. E tambem é este nosso, que á falta de melhor e mais competente apresentâmos em publico, o primeiro estudo que em Portugal se faz de tão importante monumento. Por onde se prova o muito que esta nação despreza as memorias que as outras mais estimam.

Releve-nos, portanto, o leitor o tratarmos o assumpto com alguma dilação. Temos, por uma parte, de destruir opiniões que, á força de terem sido repetidas, sem que ninguem as impugnasse, deitaram fundas raizes. Por outra parte, cumpre-nos, a fim de substituir taes opiniões por outras mais arrazoadas, buscar e descobrir a verdade por entre as densas trevas que a involvem.

Primeiro que tudo vejamos qual é a historia do templo, segundo os nossos escriptores e mais em particular os eborenses. E examinemos conjunctamente alguns factos historicos correlativos, porque, se bem que pareçam estranhos ao assumpto, n'elles acharemos provas interessantes ao que nos propômos demonstrar.

II

Pelos annos de 87 antes de Jesus Christo assenhorearam-se de Roma tres grandes capitães á frente de seus exercitos. Era Mario, o vencedor dos cimbros e teutões; Cinna, o turbulento adversario de Cneio Octavio; e finalmente Sertorio já então famoso pela guerra de Italia, e que mais tarde havia de ser, como Viriato, illustre e valoroso propugnador das liberdades lusitanas.

Alguns annos depois, coroado com os loiros de muitas victorias, Sylla regressava do oriente, vencia Mario e entrava triumphante em Roma, assassinando uns e proscrevendo outros de seus inimigos.

Um dos proscriptos foi Sertorio, que de Italia passou á Hespanha, esperando talvez aproveitar-se das resistencias que os povos da Peninsula offereciam ao jugo romano para suscitar a Sylla embaraços e difficuldades. Os roubos e vexames dos proconsules e as exacções do fisco faziam os romanos odiosos, e instigavam os indomitos habitantes da Iberia a pugnar pela perdida independencia, revoltando-se, sempre que podiam, contra seus poderosos dominadores.

Sertorio diminuindo os impostos e seguindo em tudo um systema contrario ao das auctoridades romanas, constituiu um partido numeroso nas principaes cidades da Celtiberia. Porém, como lhe faltassem as forças necessarias para resistir ao exercito que Sylla mandára á Hespanha, capitaneado por Caio Annio, teve de refugiar-se na Mauritania com os soldados que lhe restavam.

Entretanto progredia a revolta dos lusitanos que deportaram alguns de seus principaes ao proscripto, pedindo-lhe que viesse capitaneal-os.

Annuiu Sertorio ao pedido e, voltando no anno de 80 com os seus soldados á Peninsula, e reunindo-se a alguns milhares de lusitanos, assenhoreou-se dentro em pouco da Lusitania e Betica.

Logo Sylla intentou suffocar esta revolução que ameaçava comprometter e prejudicar gravemente o dominio e os interesses de Roma na Peninsula. Mandou em 79 Lucio Domicio contra Sertorio. Mas o pretor foi vencido e forçado a fugir. Veio depois Manilio, pretor da Gallia Narboneza, que teve a mesma sorte do seu predecessor. Seguiu-se Metello Pio, um dos famosos generaes do partido de Sylla, que teve ainda de retirar-se desbaratado por Sertorio.

No anno de 77 antes de Christo, sendo já morto Sylla, veio Perpenna da Italia continuar a guerra por sua propria conta. Porém os seus soldados, que eram em numero de doze mil, o obrigaram a reunir-se áquelle contra quem se propunha combater.

Por determinação do senado entrou em 78 na Peninsula novo exercito ás ordens de Pompeu, que, mal succedido logo em principio, teve de acolher-se á cordilheira dos Pyrenéus.

Nos annos seguintes correu a guerra com vario successo. Hirtuleio, um dos generaes de Sertorio, pereceu com seus irmãos junto de Italica na Betica, depois de ter perdido dezoito mil soldados, combatendo contra Metello. Tanto este general, como Pompeu, se assenhorearam de muitas cidades.

Alcançou, porém, Sertorio no anno de 75 uma assignalada victoria, desbaratando o exercito de Pompeu que fugiu só e com grande risco de ser assassinado.

Não se conhecem os successos militares dos annos de 74 e 73, o que induz a crer que n'este curto espaço de tempo viveria Sertorio menos desassocegadamente que nos annos anteriores, até que em 72 foi morto á traição, n'um banquete, por Perpenna e outros romanos que a este se associaram na conspiração.

Sertorio não foi sómente um habil e valoroso guerreiro. Nobres qualidades, espirito culto e bom coração, tanto como o seu valor, o faziam querido dos povos da Peninsula, que ambicionava transformar de provincia romana em nação independente e rival de Roma. N'este intuito a dividiu em duas grandes provincias ou districtos; a Lusitania e a Celtiberia, fazendo Evora capital da primeira e capital da segunda Osca (hoje Huesca).

Até aqui a historia; agora a lenda:

Quando Sertorio regressava a Evora, carregado com os despojos dos exercitos vencidos ou das cidades saqueadas, occupava-se de fortificar e engrandecer com sumptuosas fabricas a sua patria adoptiva [1].

Cercou-a de muros com vinte e cinco palmos de grossura, revestidos de enormes silhares e entrecortados de magestosas torres. Construiu um aqueducto de dezesete mil passos de comprido, que trazia a agua ás maiores alturas da cidade. Edificou o seu magnifico palacio exornado de preciosas estatuas e columnas, onde é hoje o convento das freiras do Salvador, na praça do Peixe. Foi tambem obra sua o templo romano que dedicou á deusa Diana a quem adorava, fingindo que ella, por meio de uma corsa que sempre o seguia, lhe revelava os segredos do céo e os designios dos inimigos contra quem tinha de combater [2].

[1] Mendes de Vasconcellos, Severim de Faria, Fialho e Fonseca são todos de opinião que Evora se assimilhava a Roma, o que a tornava predilecta de Sertorio. O primeiro escreveu: «Se algum pois considerar não uma vez sómente e de passagem os grossos campos de Evora, os altos montes que ao redor a cercam a modo de amphitheatro, este, se alguma vez viu Roma e seu termo, grande similhança achará entre um e outro terreno; tirando sómente não ter Evora ribeira e ser inteiramente sertã.» E prosegue comparando a serra de Ossa aos montes Tiburtinos; e as de Portel, Vianna e Alcaçovas aos montes Sabinos, Prœnestinos, Tusculanos e Albanos. Liv. v do municipio eborense. Traducção de B. J. de Sousa Farinha.

[2] Seguiram ainda modernamente estas idéas, ácerca da origem sertoriana do templo e outros monumentos, os srs. Ignacio Vilhena Barboza no *Archivo Pittoresco*, tomo VIII, pag. 313 e no *Commercio do Porto* de 16 de novembro de 1872, e Antonio Francisco Barata, no jornal *Instituto Vasco da Gama*, tomo I, pag. 202. E tambem Romey, *Hist. d'Espagne*, tomo I, pag. 262.

III

Quem tiver escutado attentamente esta narrativa, não precisará de grande reflexão para a julgar contradictoria. Com effeito, importando em todos os povos ao os lusitanos e dar-lhes a instrucção e a cultura que em todas as nações antecedem a perfeição, o desenvolvimento e o gosto das artes?

Em vista das imperfeitas condições sociaes da Peninsula antes da vinda de Sertorio, e do modo por que



Ruinas do templo romano de Evora, vistas da parte do norte

desenvolvimento das artes uma paz firme e duradoura, como foi que Sertorio, no breve espaço de poucos annos e occupado quasi sempre em resistir aos exercitos de Roma, pôde edificar todos esses monumentos e os demais de que se perderiam totalmente os vestigios? Como poderia distrahir para construcções dispendiosas o dinheiro e os braços de que tanto necessitava para a guerra? Como, finalmente, introduziria na Lusitania uma consequencia da civilisação, sem ter podido civilisar primeiro em seu tempo foram alteradas, o mais que racionalmente poderiamos conceder aos sectarios d'aquella opinião, seria que Sertorio tivesse fortificado Evora ou outras cidades para resistir aos ataques dos inimigos que de continuo o ameaçavam.

Aqueductos, templos e outros edificios ornados de marmores seriam obras de luxo entre povos que não o podiam ainda ter, e provariam ao mesmo tempo notavel imprevidencia de quem os fundasse, sem attender que,

de um para outro momento, viriam a ser destruidos pelos soldados inimigos que entrassem na cidade. E nem de entrar n'ella ou, ao menos, de aproximar-se muito precisavam para demolir o aqueducto que por mais de tres leguas se estendia para além dos muros.

É verdade que André de Resende se refere a uma inscripção, que diz ter largamente tratado na apologia contra o bispo de Vizeu em favor da existencia do aqueducto que Sertorio construíra [1]. Essa inscripção, que Vasconcellos, Morales e Brito publicaram, conserva-se na praça de Evora, na parede dos paços do concelho, esculpida modernamente n'um marmore em tudo similhante a outros dois que alludem a D. João III e a Filippe II com as datas de 1522 e 1605.

A inscripção tal qual se lê n'aquelle marmore, para onde parece ter sido trasladada, é a seguinte:

Q· SERTOR······ ······
HONOREM NOMINIS SVI ET COHORT FORT
EBORENSVM MVNIC VET EMER VIRTVTIS ERGO
DON DON BELLO CELTIBERICO DEQVE MANVBIIS
IN PVBLIC MVNIC EIUS VTILITATEM VRB ··
MOENIVIT EOQVE AQVAM DIVERSEIS IN DVCT
VNVM COLLECTEIS FONTIB PERDVCENDAM CVRAV·

Assim a deu Gruter e tambem com as grandes variantes das copias de Strada e Schott, pondo-a, tanto de um como de outro modo, na classe das espurias [2]. Hubner igualmente a considera apocrypha [3]. O proprio Resende parece ter tido escrupulos de lhe dar logar em suas obras, excepto na mencionada apologia, que se perdeu inedita, e talvez o proprio auctor não tencionasse imprimir quando a escreveu.

E muito é para estranhar que, ascendendo as artes, como dizem, a tão alto gráu de perfeição em tempo de Sertorio, e sendo Evora o centro d'esta civilisação, não tenha apparecido dentro em seus muros n'uma só inscripção authentica o nome glorioso e memoravel do vencedor de Pompeu.

Posta de parte, com o voto dos mais auctorisados epigraphistas, a inscripção referida, não resta mais que o seguinte syllogismo para demonstrar a opinião dos que attribuem a Sertorio as edificações romanas de Evora:

Sertorio engrandeceu Evora, fazendo-a capital da Lusitania. Em Evora houve templo, aqueducto [4] e outras obras sumptuosas similhantes ás dos romanos. Logo foi Sertorio quem as mandou fazer.

A conclusão não se contém na premissa, e, se tantos escriptores desde o seculo XVI até hoje o não tem visto ou querido vêr, não lancemos a culpa senão ao exagerado patriotismo, que em todos os tempos tem falsificado a historia em muitos pontos importantes. Era Sertorio um capitão romano, mas combatia contra os romanos em prol da independencia da Peninsula. Pareceria, por tanto obra mui benemerita o tirar aos dominadores a gloria do engrandecimento de Evora para a dar tão sómente áquelle que trabalhára para repellir a dominação e, até certo ponto, o conseguira.

Demais, o espirito humano, sem as luzes da historia, propende naturalmente para reduzir a uma só época factos de épocas differentes, para attribuir a um homem só o que muitos fizeram. As grutas naturaes, as antas, os castellos dos seculos XII e XIII, diz o vulgo serem obras dos moiros. Não ha muitos annos que até pessoas muito illustradas suppunham do Grão Vasco todas as pinturas em madeira dos seculos XVI e XVII, que appareciam em Portugal. E, com effeito, seria mister que Vasco Fernandes vivesse dois e mais seculos, para que lhe não faltasse o tempo absolutamente indispensavel para a obra immensa que lhe attribuiam.

Não havendo pois um só argumento ponderoso em favor da hypothese que os suppunha de Sertorio, vejamos agora as rasões porque reputâmos posteriores á época d'aquelle guerreiro o templo e outros monumentos romanos da cidade de Evora [1].

(Continua.) A. FILIPPE SIMÕES.

[1] Historia da antiguidade da cidade de Evora, cap. VI.

[2] Gruter — *Inscriptiones antiquæ totius orbis romani*, tomo II, *Spuria ac Supposittia*, IV, 8 e 9.

[3] Noticias archeologicas de Portugal, pag. 43.

[4] A existencia do aqueducto romano prova-se não pela inscripção que dissemos ser falsa, porém pelos tanques que circumdavam o templo, cujos vestigios muito extensos, apparecidos modernamente, já tinham sido vistos no seculo XVI por André de Resende. Na bibliotheca publica de Evora se conservam fragmentos de cimento dos mesmos tanques.

[1] Ao sr. A. F. Barata (jornal citado em a nota 2.ª) não parece de todo o ponto inadmissivel a crença do povo eborense ácerca da origem sertoriana do templo e aqueducto pelas rasões seguintes:

1.º Entre os soldados que Perpenna trouxe de Italia poderiam ter vindo artistas.

Era isto possivel, e tambem o não terem vindo ou terem vindo para combater e não para edificar. Qual das tres supposições será mais provavel?

2.º A Peninsula estava já muito civilisada porque Sertorio fundou uma academia em Osca.

Se o facto é verdadeiro, apenas prova que Sertorio intentou civilisar a Peninsula por aquelle meio. Mas em oito ou dez annos nenhuma academia seria capaz de elevar á perfeição a architectura em qualquer povo, ou de fazer-lhe adoptar a que já fosse perfeita n'uma nação estranha, cujas artes, como tudo o que respeitasse a inimigos, deveriam repugnar a esse mesmo povo.

3.º Muito antes de Sertorio havia já aqueductos romanos e d'elles escrevêra Sexto Julio Frontino.

Havia aqueductos em Roma. Porém não se prova que os houvesse grandiosos, como o de Evora deveria ser, nas provincias que Roma não dominava ainda inteiramente, e que, andando em continuas guerras com a metropole, não podiam ter aqueductos, pela grande facilidade que havia em destruil-os fóra dos muros das cidades.

Sexto Julio Frontino escreveu de aqueductos anteriores a Sertorio, mas depois do tempo em que este capitão viveu.

CHRONICA DO MEZ

Com a aproximação do inverno e a animação dos espectaculos, crearam-se alguns novos jornaes de critica artistica e litteraria, que promettem, segundo se lê nos seus respectivos programmas, ser imparciaes nos juizos que fizerem dos artistas e das peças.

Bom será que esta parte do programma seja rigorosamente cumprida, porque da critica desapaixonada feita por escriptores competentes, todos têem a lucrar — o publico, que não é enganado nas apreciações dos espectaculos; os auctores, que tomarão conselho nas analyses judiciosas que mereçam as suas obras; os artistas, finalmente, a quem a critica illustrada deve servir de guia no seu trabalho de interpretação e execução.

Em Portugal usa-se muito fazer critica chamando bom a tudo, sem se dar a rasão porque; ou então — isso, porém, menos vezes — chamando mau a tudo, sem que tambem se explique o motivo da asserção. Quem conseguir, portanto, banir das suas analyses estas fórmas triviaes, dirigindo-se com desassombro pelo verdadeiro caminho, alcançará as bemquerenças dos que présam, acima de todas as considerações, a imparcialidade e justeza da opinião de cada um. Oxalá que os novos jornaes de critica artistica e litteraria, que ora se publicam na capital, e cuja remessa agradeço cordealmente, sigam sempre a boa escola, como parece desejarem, porque d'este modo prestarão grandes serviços á litteratura dramatica e não menores á arte de representar.

Os periodicos a que me refiro, são: — *Revista dos theatros*,

jornal de critica de arte, tendo por director o sr. Gervasio Lobato e — *A arte dramatica*, folha instructiva, critica e noticiosa, de que é redactor principal o sr. Sousa Bastos.

Além d'estes tres periodicos, que se occupam exclusivamente de theatros, publicam-se actualmente — *A arte musical*, o *Ecco musical* e a *Gazeta musical de Lisboa*, dos quaes a especialidade é a que se deprehende dos titulos. *A Gazeta musical de Lisboa* é redigida pelo sr. Carlos Borges; distribue-se quinzenalmente, conta mais de um anno de existencia e offerece em cada numero, um folheto de musica aos assignantes.

Tambem este mez começou a publicar-se um periodico destinado a prestar relevantes serviços, vista a promessa feita pelos redactores de se occuparem desassombradamente de critica scientifica.

Esta tentativa — como os proprios iniciadores da publicação lhe chamam — é mais uma prova da necessidade que se está sentindo em Portugal, de critica seria e auctorisada applicada aos trabalhos scientificos, litterarios e artisticos produzidos no paiz. Bom será que a nenhum dos que hasteiam esta bandeira, falleça o animo de a defender, pois não é tão facil, como parece, fallar desapaixonadamente de todos, sem benevolencia para amigos nem rancôr para inimigos.

Intitula-se o periodico de que faço menção — *Revista de Portugal e Brazil*; é dirigido por dois illustrados professores, os srs. Luciano Cordeiro e Rodrigo Affonso Pequito e conta em o numero dos seus collaboradores, homens competentes nos diversos ramos de que promette occupar-se.

Já que estou fallando do movimento litterario d'este mez, citarei ainda a recente apparição de um livro do sr. Miguel J. T. Mascarenhas, intitulado — *Um conto portuguez, episodio da guerra civil a Maria da Fonte*, editado no Porto.

É assumpto melindrosissimo para um livro, qualquer facto politico da historia contemporanea do paiz, mormente se a lucta dos partidos foi tão encarniçada, que levou os filhos da mesma terra a decidil-a no campo da batalha. A revolução chamada da Maria da Fonte está n'estes casos. Ainda vivem quasi todos os que tomaram parte n'ella, quer por um lado, quer pelo outro, e por isso ainda não é tempo da historia avaliar com imparcialidade factos cuja recordação, além de avivar saudades em corações de mães e de viuvas, seria menos agradavel para aquelles, a quem não coubesse o melhor quinhão dos louvores.

O auctor do — *Conto portuguez* bem compenetrado, certamente, d'esta verdade, evitou o mais possivel occupar-se da historia politica da época em que faz passar a historia ficticia do seu livro, porquanto poucos factos se encontram n'elle inherentes á revolução, e nenhuns commentarios ás causas nem aos effeitos d'ella.

Vê-se, pois, que a parte historica pouco avulta no — *Episodio da guerra civil da Maria da Fonte*. Quanto á parte romantica póde-se dizer que desperta interesse, é escripta em linguagem clara e não pecca por gravissimas inverosimilhanças. Merece, portanto, ser lido por todos os que desejam estar ao corrente do movimento litterario do paiz, o livro do sr. Miguel J. T. Mascarenhas, escriptor que tem, afóra outros merecimentos, o de não se deixar cegar pela vaidade, como muito bem attestam as poucas linhas que antecedem o livro.

É para notar a animação que, durante estes ultimos tempos, tem havido em Portugal no commercio de livros. Lisboa conta hoje muitas livrarias recentemente estabelecidas, e no Porto não tem havido menos tentativas, aliás bem succedidas, n'este genero de commercio.

Agora se annuncia a abertura de uma nova loja no largo dos Loyos, d'aquella cidade, que se denominará — *Livraria universal* e da qual são proprietarios os srs. Magalhães & Moniz.

Conta, pois, o Porto além da nova casa que vae estabelecer-se, quatro principaes livrarias: — a da Viuva Moré, hoje a cargo de um importantissimo homem de letras, o sr. José Gomes Monteiro; a do sr. Chardron, incansavel editor de obras de utilidade e de recreio; a do sr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho; a do sr. Jacinto Pinto da Silva; a do sr. José Lourenço de Sousa e a dos srs. Peixoto & Pinto Junior, todas muito conhecidas e acreditadas.

Seguindo o systema adoptado n'esta chronica de registar os espectaculos que se realisaram durante o mez, acompanhando a menção de ligeiras apreciações que estão bem longe de merecerem o nome de critica, fallarei das seguintes peças: — *Recordações da mocidade*, no Gymnasio; O *pharoleiro, salvador dos principes*, no Principe Real; *A cruz de oiro*, na Trindade e *A idiota* e *Uma visita de casamento* em D. Maria II.

Recordações da Mocidade é uma comedia-drama em quatro actos, traduzida do francez pelo sr. Correia de Barros, na qual se pintam com vivas côres os costumes da vida airada de París. Inferior á *Vie de Bohème*, de H. Murger, na fidelidade e graça com que este retrata o singular viver dos estudantes e das *grisettes* do bairro latino da grande capital, leva-lhe comtudo a vantagem de ter sido logo do principio destinada e escripta para o theatro, emquanto que aquella foi extrahida de um romance. Tem boas situações comicas e dramaticas e obteve no Gymnasio o melhor desempenho que se póde exigir de artistas que não conhecem, senão pelos livros, o genero de vida chamada a *bohemia de París*, tão peculiar a um povo alegre e folgasão e por isso mesmo tão estranho á nossa indole grave e sorumbatica. A peça, apesar de não ser nova, porque já ha annos se representára tambem no Gymnasio, ainda conseguiu dar bons lucros á empreza.

O perigo que parte da familia real portugueza correu n'uma das praias proximas de Cascaes, e do qual todos os periodicos, tanto nacionaes como estrangeiros, se occuparam largamente, suggeriu ao sr. Luiz de Araujo a idéa de pôr em acção no theatro, aquelle acontecimento, fazendo figurar como principal personagem o pharoleiro que salvou os principes.

Como é facil de suppôr, não dando o acontecimento para grandes peripecias dramaticas, teve o auctor de limitar-se a escrever um unico actò que é mais uma narração do que um drama.

A pompa do cartaz e o desejo que todos tinham de ver representado, por assim dizer, ao vivo, um facto que alvoroçou todo o paiz, attrahiram na primeira noite grande numero de espectadores. A peça representou-se, e, se não foi reprovada pelo publico, tambem não obteve grandes manifestações de enthusiasmo.

Cumpriu entretanto o seu dever, dando á empreza algumas casas cheias, pois que para isso tinha ella sido escripta.

O successo theatral mais digno de menção, foi o apparecimento no theatro da Trindade da opera comica em dois actos *A cruz de oiro*, com musica do sr. Augusto Machado.

Enriqueceu o sr. Augusto Machado um simples poema traduzido de uma peça franceza regularmente enredada, com magnificos trechos de musica, que revelariam o grande talento do joven compositor, se elle o não tivesse manifestado já em outra peça dada, ha tempos, tambem na Trindade, e que poucas vezes se repetiu porque o poema desagradou.

Na *Cruz de oiro* ha numeros de musica muito apreciaveis, quer pelo sentimento que exprimem, quer pelo jubilo que despertam e sempre pela propriedade com que traduzem o assumpto.

O publico tem festejado, como deve, o distincto compositor, que é, na sua especialidade artistica, um dos mais promettedores talentos de Portugal.

Os artistas que interpretaram a peça mereceram tambem geraes applausos, pelos esforços que fizeram para dar todo o realce á partitura portugueza, que não é inferior ás melhores composições estrangeiras que se têem dado no theatro da Trindade.

Em D. Maria II representaram-se duas peças novas: — *A idiota*, drama em tres actos e um prologo, traduzido pelo sr. E. Biester e a comedia em um acto, de Alexandre Dumas, filho, *Uma visita de casamento*, traduzida pelo sr. Julio Cesar Machado. Este espectaculo subiu pela primeira vez á scena em beneficio da actriz Emilia Adelaide.

O drama é inverosimil e talhado por antigos moldes. Só tem de bom o principal papel que se presta a um bom trabalho artistico, como o que fez a actriz Emilia Adelaide que se encarregou d'elle.

A comedia é bem feita, cheia de observação e de espirito, mas com o senão de se conversar n'ella em assumptos um pouco livres para se referirem no theatro. D'aqui o protesto lavrado por alguns espectadores mais meticulosos, contra as palmas dos que só attenderam aos chistes do dialogo, tão esmeradamente conservados pelo traductor.

O desempenho da *Visita de casamento* foi muito bom por parte de Santos, Cesar de Lacerda, Emilia Adelaide e Amelia Vieira. O primeiro disse algumas scenas com primor inexcedivel e ensaiou a peça com o cuidado que sempre lhe merecem as producções dos primeiros escriptores.

Abriu o theatro de S. Carlos com a opera de Donizetti, a *Favorita*, agradando, como era de esperar, a dama Galleti, já conhecida em Lisboa, desagradando o tenor Sani, e obtendo mediocre attenção o barytono Bertolazi e o baixo Berberat.

As impressões da primeira noite, porém, não podem servir para devidamente se avaliar do merecimento da companhia, porque os artistas se apresentam geralmente receiosos e os espectadores nem sempre estão dispostos a animal-os.

Só depois de algumas representações, quando se conhecer toda a companhia e os cantores estiverem mais senhores de si, é que se poderá determinar melhor o conceito em que o publico tem

os cantores que vieram na presente época, escripturados para S. Carlos.

Mais regularmente do que as do Campo Grande, se effectuaram este mez, nas proximidades de Cintra, corridas de cavallos.

Foi por diante felizmente a idéa de implantar em Portugal uma distracção proveitosa adoptada em todos os paizes civilisados.

As corridas de Cintra, verificadas em terreno apropriado e com todos os preceitos usados, assistiu grande numero de pessoas que muito contribuiram para o luzimento do espectaculo.

Se a festa não foi tão explendida como costuma ser em Longchamps ou Vincennes, onde se fazem apostas fabulosas e o champagne trasborda dos copos para os ricos vestidos das elegantes que a ella assistem em custosos *landaus*, teve comtudo o attractivo da novidade e sobretudo o interesse que dispertavam os cavalleiros, alguns dos quaes, em vez de serem jockeys pagos para correrem nos cavallos, eram, rapazes da primeira sociedade, para os quaes os perigos de uma corrida a cavallo são quasi indifferentes, comparados com aquelles a que se têem exposto correndo toiros.

A festa, pois, foi magnifica e promette repetir-se. Assim as corridas de cavallos pudessem acabar com as de toiros; teriam então, em vez de um, dois fins uteis: — o de estabelecer uma diversão proveitosa e civilisadora, e o de acabar com outra barbara e retrograda.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

——— As exequias de sir Edwin Landseer effectuaram-se em Londres no dia 11 d'este mez. Os restos mortaes do celebre animalista foram depositados com grande pompa na cathedral de S. Paulo, ao lado dos de Reynolds, de Turner e de outros notabilissimos pintores inglezes. Van Dyck, embora flamengo, foi enterrado no mesmo logar, mas o monumento que encerrava suas cinzas foi destruido pelo grande incendio que houve em Londres, no reinado de Carlos II.

——— Falleceram: o pintor inglez sir Edwin Landseer, de cujos merecimentos se trata em artigo especial n'este numero; o esculptor René Prieur, e o pintor Paulo Millery, francezes; o critico de artes Carl Cikank, o esculptor americano Harry Martyns e o fundador do importante museu de antiguidades de Wilna, o conde de Tyszkrewicz.

——— O sr. D. Rodrigo Amador de los Rios vae publicar em Hespanha uma obra intitulada — *El Alcázar de Alhambra*, collecção de lendas historicas arabe-granadinas, comprehendendo a historia da dinastia Nassrita. O auctor já publicou um ensaio historico da indole do que vae emprender, o qual teve o melhor acolhimento da imprensa e do publico hespanhol; é, pois, natural que o seu novo trabalho mais desenvolvido e de maior folego, obtenha igual fortuna á do precedente.

——— N'uma venda de objectos de arte verificada ultimamente em Dresda, appareceu a famosa rebeca que o conde Trautmannsdorf, grande escudeiro do imperador Carlos VI, comprou ao celebre fabricante de instrumentos Jacob Steiher, nas mais originaes condições. Deu-lhe logo por ella *66 carolus* em ouro, compromettendo-se a fornecer-lhe, emquanto elle Jacob vivesse, um jantar todos os dias, 100 florins em generos cada mez, uma veste com alamares de ouro todos os annos e mais dois toneis de cerveja, morada, lenha e luz. Se o fabricante viesse a casar, receberia tantas lebres quantas precisasse e doze cabazes de fructa, por anno, para si, e outros tantos para a sua velha ama. Como Steiner viveu ainda dezeseis annos depois que concluiu este admiravel negocio, veio a rebeca a custar ao conde Trautmannsdorf 20:000 florins em especies. O instrumento que ora pertencia a um fidalgo austriaco, foi adjudicado em hasta publica a um russo pela quantia de 2:500 thalers (1:800$000 réis).

——— Descobriu-se n'uma das paredes da igreja da pequena aldeia de Mitschdorf (Wissemburgo) uma pintura notavel representando o *Juizo final*. Está bastante deteriorada, mas é por muitos motivos digna da attenção dos que se entregam ao estudo da archeologia.

——— Os americanos começam a cuidar dos trabalhos para a exposição universal, que deve effectuar-se, como dissemos, em 1876, para celebrar o centenario da sua independencia. O terreno escolhido é o parque Fairmount na Philadelphia. Na secção americana da exposição de Vienna, vê-se actualmente o plano do terreno, que mede 2:740 geiras, está situado no centro da cidade e é cortado pelo rio Schuykill. O solo não é raso como o do Prater de Vienna, mas desegual, coberto de collinas e pequenas eminencias, sobre as quaes se projectam construir os pavilhões para as exposições especiaes. Diz-se que os objectos serão collocados segundo a ordem do seu desenvolvimento, isto é, desde o seu estado natural ou primitivo até a sua transformação actual. Será pois seguida a ordem historica, formando-se quatro classes: 1.ª productos naturaes da terra como base das manufacturas; 2.ª productos manufacturados; 3.ª meios pelos quaes se obtiveram taes resultados; 4.ª effeitos da actividade productiva. Sobre as bases d'esta classificação formar-se-hão dez secções com o nome de departamentos. Cada departamento dividir-se-ha em dez grupos e cada grupo em dez classes. Espera-se na America que todos os paizes civilisados do globo sejam brilhantemente representados na exposição da Philadelphia, e para isso todas as vantagens serão concedidas para o transporte dos objectos.

——— Vendeu-se ultimamente em Bruxellas uma reducção magnifica do *Casamento de Henrique IV*, que está no museu do Louvre. A tela mede 1m,75 de largura por 0m,80 de altura, e parece ter saído dos pinceis do grande mestre de Anvers. Comprou-a um amador hollandez por 22:850$000 réis.

——— Vendeu-se em Londres a bibliotheca do antigo conservador dos manuscriptos do Museu britannico, sir Frederic Madden. Entre varios livros de valor, contava-se uma notavel collecção de 27:000 canções populares publicadas nos seculos XVIII e XIX, canções das ruas, impressas em folhas soltas. Estas folhas vendiam-se no seu tempo a ½ penny. A collecção foi adjudicada por 443 libras; o producto total da venda subiu a 1:520 libras.

——— Contam os periodicos diarios, que a um kilometro da cidade de Leiria, na estrada que conduz á Figueira e no logar designado pelo nome de Martim Gil, descobriu o sr. architecto Silva as ruinas romanas de tres casas contiguas, tendo cada uma d'ellas mosaicos com differentes desenhos. Para o Museu da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, foi escolhido o maior dos mosaicos descobertos, cujos embutidos são de cinco differentes côres. Dentro da argamaça pegada ao mosaico, encontrou-se uma medalha de bronze do Baixo Imperio, no melhor estado de conservação, a qual representa a effigie do imperador Maguencia, dando a conhecer, por conseguinte, qual a época em que foi feita aquella construcção romana; isto é, entre 350 a 353 da era vulgar.

——— O Athenêo que figura na exposição de Vienna, creado para instrucção dos operarios e aprendizes, estabelecer-se-ha, depois de encerrada a exposição, no centro dos bairros industriaes de Neubau, Schottenfeld, Mariahilf, etc. É fundado pelo modelo do Conservatorio das artes e officios de Paris e do Museu de industria de Bruxellas. Os objectos que muitos expositores têem abandonado, ser-lhe-hão entregues. Conterá series de desenhos, de modelos, de instrumentos, de machinas e de utensilios; collecções de amostras, de materias primas e de productos completamente ou meio fabricados. O Athenêo austriaco será provido, tambem, de uma bibliotheca, á qual o director da exposição, o barão de Schwarzsenborn acaba de offerecer uma collecção de livros, reunida por elle de 1845 para cá, e que dizem respeito ás exposições universaes. Esta bibliotheca, ora em principio, conta já 3:412 volumes ou 2:205 obras. O Athenêo dispõe de um capital de 115:618 florins.



1967 — IMPRENSA NACIONAL — 1873



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

A MÃE E O FILHO

Quadro de Beyschlag

ARTES E LETRAS



Lisboa—Novembro de 1873

A MÃE E O FILHO—OS IRMÃOS



Um dos peccados das mães é o demasiarem-se no amor.

Não se lembram de que a creança chora porque a vida é um livro de tristezas, que principia n'uma lagrima, e acaba n'um suspiro.

Chora porque soffre! pensam ellas.

E começam a executar prodigios de phantasia, milagres de dedicação, para que a creança sorria, não a ellas, que a amam, mas ao divertimento, que a seduz.

É como se atirassem para dentro da alma em flôr um germen de egoismo.

Vêem no filho do seu amor um principe. Cama afofada em cambraias, cortinado de seda, lençol de rendas, pouca luz, pouco ar, menos rumor ainda...

O berço de um rei pequenino!

Ao lado, ella, a sentinella dedicada, a primeira sombra protectora, a primeira luz, o primeiro sorriso, o primeiro amor.

Oh! mães! vêde que sobram regalos nos affectos que desentranhaes do coração amantissimo!

Berço são os vossos braços, cortinado os vossos cabellos, lençol de rendas o vosso seio...

Bem sei que o esculptor que modela a estatua, não faz senão contornal-a, bordal-a, brunil-a.

Mas lembrae-vos de que as tempestades da vida pódem mutilar a vossa estatuasinha por formosa que vos pareça.

Bella era a Venus de Milo, e o tempo não a respeitou.

Não se póde pedir ás mães que não pensem nos filhos, mas o que se lhes póde e deve pedir é que tambem pensem em si mesmas. Se o amor escurecer a rasão, não poderão ser educadoras; se a rasão escurecer o amor, não poderão ser mães.

É preciso o meio termo,—esse ponto tão difficil de fixar no labyrintho dos affectos.

A alma da creança é como um vaso sem flôr. Cumpre preparar o terreno para a cultura. Importa joeirar as sementes antes que as deixe caír a mão.

Se a mãe trata de colorir exteriormente o vaso, e não estuda a natureza, e não escolhe os bolbos, assemelha-se ao derviche a quem um soberano da Persia encarregára de guardar uma estatua de oiro, e que, só a examinando na apparencia, deixou que fossem roubando a preciosa massa do interior.

Não cuideis só do que sorri, porque o sorriso que vos gratifica póde ser interesseiro; curae do que pensa, do que sente, do que ama, porque o amor não se póde fingir, e o amor será a vossa verdadeira recompensa.

Vêde bem como plantaes os vossos cuidados, como semeaes as vossas lagrimas.

Disse um dos maiores poetas-philosophos da antiguidade:

Nec vero terræ ferre omnes omnia possunt.

É preciso escolher o logar, ó mães, porque nem tudo se procria em todos os logares e em todas as almas.

Olhae para dentro de vossos filhos pela porta que a innocencia conserva aberta, e que a velhice ha de fechar.

Não prodigaliseis em vão os vossos cuidados, que são perolas. Guardae os vossos thesouros para suavisardes a aprendizagem,—a aspereza do desbravar o terreno inculto. Isso sim que é larga recompensa! O mais, o transigir com todos os caprichos, o enxugar todas as lagrimas, não é educar, é perverter.

Quer a creança que a levantem á altura do espelho? A mãe obedece, fazendo do seu direito um dever, do seu amor uma escravidão. D'ahi a instantes a creança pede que a levantem á lua. Mas a lua está no céo e a mãe na terra... Mãe e filho sentem no peito a magoa inconsolavel do impossivel.

Magoas, esperem-se as que o tempo trouxer; dôres, as que dia a dia virão.

Emquanto a vergontea é flexivel, acamaia-a. Ámanhã será tronco, depois de ámanhã floresta. O que hoje é folha será sombra ámanhã, e se não purificardes a seiva, a sombra cairá funesta como a da mancenilha.

A loucura da cruz! disse S. Paulo.

A loucura da maternidade! pódem dizer os Paulos de todos os tempos.

A infancia é a primeira chave do futuro. Entreabre uma nesga da porta da vida, e deixa vêr um pedacinho da alma,—a cellula do que ha de ser flôr.

A precocidade de Beethoven deslumbrou Mozart; os primeiros traços de Raphael assombraram Perugino.

Ha excepções, porque as ha em tudo. Mas a lei é que a verdade anda sempre ao de cima da agua, e a verdade da alma anda, por conseguinte, ao de cima da vida.

Uma das excepções é ainda, ó paradoxo! um assombroso exemplo de precocidade.

Conta-se que um escriptor do nosso seculo viandava em menino por deante da portaria de um mosteiro.

Entenderam com elle dois frades palreiros, e um dos dois, surprehendido da vivacidade do rapazinho, conjecturou-lhe prospero futuro, ao que a outra reverendissima respondeu:

—Isto ás vezes muda. A esperteza de certas creanças encrespa-se depois em lã de camello!

Offendeu-se o menino, e replicou colerico:

—Bem se vê que vossa reverendissima foi muito esperto em pequeno!

Eloquente e transparente resposta. Bem sei que a alma de quem a deu não foi das mais sãs, não foi. Mas ainda assim persisto na minha idéa. A resposta deixou vêr um espirito lucido e uma alma inflammavel.

Isto foi ao depois o escriptor portuguez.

Ao frade sentencioso cabem as honras da excepção.

Posta a lei, vamos a vêr se, no caso que temos presente, a achâmos observada e confirmada.

Achâmos.

São dois irmãos. O mesmo sangue,—e indoles diversas. A natureza é tão prodigiosa na variedade, que faz ás vezes de uma familia um album de caracteres.

Um quer ser fidalguinho. Entraja-se ao garrido, como diziam os nossos classicos. Sapatinhos de fivella e cabeção de rendas: um Narciso-stanhope. O outro, não. É como os lyrios da biblia, que não trabalhavam nem fiavam, e tinham mais grandeza que Salomão. Deixa-se andar descalço e arremangado. É um homemsinho que desabrocha. Em compensação tem tambem os seus caprichos. Do que elle gosta é de vêr livros. O irmão pouco se lhe dá d'isso. Sentam-se ás vezes a par. O fidalguinho distrae-se; o outro interessa-se. Ha em casa um livro de historia natural, que tem figuras. Sempre o acha novo o menino descalço. Não admira tanto o elephante, por ser muito grande, como a formiga, por ser minima. Quem sabe o que virá a ser menino tão perscrutador? Alfredo de Musset devia talvez começar assim, porque chegou a dizer a Deus:

> Et pour une goutte de pluie
> Des milliers d'êtres t'ont béni.

Os infinitamente pequenos é que o nosso menino admira. Talento observador, que começa pela gota de agua para chegar á estrella, e assim é que irá caminhando da terra para Deus, das reflectidas analyses para as syntheses brilhantes!

O irmão fidalguinho esse tem desgostos por causa das fivellas dos sapatos, e falla sempre. O estudioso é calado. O pae repete, a respeito de ambos, uma anecdota antiga:

—Tenho dois filhos, conta elle. Um não sabe o que diz; o outro não diz o que sabe.

E ambos crescerão.

O fidalguinho, que é mais velho, será par do reino n'um tempo em que em Portugal já se ha de fallar na camara dos pares. O outro adormecerá porventura na enxerga de Camões, se n'esse tempo os grandes homens de Portugal ainda tiverem enxerga...

ALBERTO PIMENTEL.

O GRANDE ANIMALISTA

(Continuação)

«Elles são dotados dos mesmos orgãos, dos mesmos sentidos que nós, muitas vezes mais perfeitos e subtis; respiram, movem-se, gosam, soffrem e morrem; têem affeições e antipathias, instinctos que parecem idéas, communicam-se por gritos, chamam-se, advertem-se, como o homem póde observar com alguma attenção e como percebem os selvagens, os camponios, os pastores, todos os que vivem na solidão, em presença da natureza.

«Nós que temos domado e domesticado, que paciente doçura! que resignação corajosa! que attenta intelligencia! como se associam aos nossos trabalhos de todo o coração e com todas as forças! como procuram adivinhar o que se quer d'elles, e que olhar cheio de interrogações elevam para o dono quando hesitam e não sabem!

«E para este leal concurso que recompensa ha?

«Uma alimentação parcimoniosa, pancadas de azorrague ou picadas de aguilhão; depois, quando a velhice vem, accelerada pelas fadigas excessivas, o cutelo cortador, o martello do *équarriseur*, o gancho do trapeiro. Tão aspero destino e tanta innocencia! Tão commovedora passividade e tão crueis supplicios!

«Que falta original expia o cavallo da traquitana?

«Que herva defeza ruminou no Eden o boi de soga ou o pobre jumento cortado de chicotadas e cujas pernas emagrecidas oscillam sob uma carga enorme?

«Quando eramos pequenos este pensamento importunava-nos muito, e na simplicidade infantil arranjavamos paraizos para os animaes que tivessem sido bons; cavalhariças de marmore com mangedouras de marfim cheias de cevada doirada, recebendo depois da morte os cavallos muito espancados e maltratados em vida; abegoarias muito aquecidas e perfumadas de trevo, verdes prados sombreados por grandes arvores e cuja herva estrellada de margaritas lhes chegasse aos joelhos, esperando lá em cima os pobres bois moidos pelo jugo e pelo aguilhão; anjos-palafreiros e seraphins-boieiros cuidando eternamente d'elles e ameigando-os com mãos mais brandas do que a plumagem do cisne. Os jumentos pastavam cardos de um sabor exquisito e que renasciam por si mesmos entre os dentes. Não era talvez muito orthodoxo isto, mas parecia-nos conforme á justiça divina.

«S. Francisco de Assis chamava ás andorinhas «minhas irmãs»; esta denominação amigavel fazia-o passar por um pouco doido, apesar da sua santidade, e comtudo elle tinha rasão; não são os animaes para o homem humildes irmãos, amigos de uma classe inferior, creados por Deus como elle e seguindo com uma placidez enternecedora o caminho que lhes foi traçado desde o começo do mundo? Bater n'um animal é uma acção impia e barbara como bater n'uma creança. A idade media nas suas sombras teve quasi medo dos animaes, cujos olhos cheios de mudas interrogações e de pensamentos indefinidos lhe pareciam illuminados de uma malicia demoniaca; accusou-os algumas vezes de feiticeria e queimou-os como queimava homens.

«Será uma gloria da civilisação ter melhorado a condição dos animaes, e te-los poupado á tortura inutil. Os inglezes precederam-nos de ha muito n'este campo.

«Já ninguem ri hoje do seu amor pelos cavallos e pelos cães, thema ordinario das caricaturas de 1815.»

* * *

Suggeriu-nos estas considerações a noticia da morte de um homem que era justamente considerado o primeiro animalista contemporaneo. Ha dias annunciou-nos o telegrapho que morrera Edwin Landseer.

Os burguezes, os nossos pobres burguezes pertinazmente alheios ao que se passa para além do seu mundo egoista e pequenino do *make money*, e sempre inclinados a vêr nos nomes de que o telegrapho se occupa ou de que se occupa a Europa, grandiosos sujeitos embuçados em glorias bellicas, em fartas reputações politicas, em estrondosas notoriedades financeiras, ou então heroes do Crime e do Escandalo,—de certo que esbugalharam muito

os olhos para este nome desconhecido e que vociferaram injurias e desdens quando souberam que era simplesmente o nome de um artista, de um pintor, e de um pintor de cães, de cavallos e de vaccas. E que dirão quando souberem, — se quizerem dar-se ao ligeiro incommodo de saber, — que este homem cuja morte pareceu assumir as proporções de um acontecimento europeo, — chegou, pintando animaes, a accumular uma riquesa enorme e a conquistar um logar distincto e considerado no seio d'aquella arrogante aristocracia ingleza!

Não pensâmos em fazer a biographia do illustre pintor.

Que Edwin Landseer ou *Sir* Edwin Landseer, nasceu em Londres em 1803; que era filho segundo de um excellente gravador fallecido em 1852; que só depois do exito auspicioso dos seus primeiros quadros, — o *Combate dos cães* (1819) e os *Cães do monte S. Gothard* (1821) por exemplo, é que se resolveu a frequentar os estudos n'uma academia por conselho do seu honrado amigo e illustre pintor Haydon, para se aperfeiçoar no conhecimento da anatomia animal; que em 1827 foi feito academico associado e em 1830 academico titular, e em 1847 membro da Academia Real da Belgica; que recebeu em 1855 a grande medalha de honra do jury internacional da exposição parisiense, e que em 1850 fôra feito cavalleiro *(kinghted)* pelo governo inglez: — são indicações facilmente obtidas em qualquer Diccionario de contemporaneos illustres. A proposito da elevação de Landseer á *order of kinghthood* achâmos curioso dizer como a recebeu o *Art-journal,* registro magnifico e sério das glorias da arte ingleza; que registrára já as do illustre alimalista agraciado. A mesma graça dispensada a este, fôra feita ao mesmo tempo a John Watson Gordon, retratista, presidente da *Royal Scottish Academy* e illuminista da rainha na Escossia *(Queen's Linmer for Scotland);* sujeito cuja reputação não parece ter passado as costas inglezas. Noticiando o facto dizia o *Art-Journal,* que a graça a Gordon era «em virtude do velho costume e de certo tambem em testemunho de consideração pelos seus talentos como pintor retratista», e a Landseer «em reconhecimento do seu engenho *(genius)* como artista», e acrescentava logo: «Desejariamos que outros pintores tivessem obtido tambem a honra dispensada a Sir Edwin Landseer. Ninguem contestará que elle não tem rival na especialidade do seu trabalho artistico, mas essa especialidade não é a mais elevada, e não devemos esquecer que temos artistas, dos quaes os nomes é escusado mencionar, cujas glorias são mais categoricamente glorias da arte e da patria.»

Comprehende-se como na arte ingleza se reflecte o preconceito da hierarchia e da classificação aristocratica. A troca porém do modesto *Esquire* pelo fidalgo *Sir* não foi que tornou Landseer um artista de reputação europea. Desde os seus primeiros ensaios, desde a exhibição do *«Combate dos cães»,* aquella poderosa vocação de pintor animalista se affirmou com as melhores promessas. Não podia ser mais favoravel o meio em que ella nascia e tinha de expandir-se. «A existencia do inglez» diz ainda Gauthier «muito menos distrahida e muito menos exterior do que a nossa, o seu *home* rigorosamente fechado, a sua vida de castello e de *cottage,* os seus habitos reflectidos e espontaneamente taciturnos, a sua concentração intima no lar domestico, tornam-lhe necessaria a sociedade d'estes companheiros silenciosos, com os quaes o mais timido se sente á vontade: Byron o dandy tinha por amigo Boatswain, um terra-nova; Cowper o melancholico domesticava lebres e falla d'ellas largamente nas suas memorias.

«Notâmos que não se encontra quadro algum na galeria ingleza da exposição universal (1855), onde não tenha seu papel um cão e quasi sempre é o personagem melhor tratado. Este gosto geral na Inglaterra explica a pureza de raça, admirada e sentida pelo mais ignorante, dos cães, dos cavallos, dos bois, dos carneiros d'aquelle paiz, e a immensa popularidade que pôde adquirir um pintor como Sir Edwin Landseer, que de certo não teria obtido entre nós um tal exito porque a nossa admiração está reservada para os grandes quadros de assumptos historicos, de scenas classicas em que só o homem tem importancia.

«Não que não tenhamos animalistas muito notaveis. Rosa Bonhéur, Brascassat, Troyon, Jadin, F. Rousseau, Decamps, trataram este genero com incontestavel superioridade, mas de uma maneira completamente differente e com um sentimento por assim dizer contrario. Os artistas que acabâmos de citar consideraram o animal sob o ponto de vista puramente pittoresco; procuraram dar com a maior verdade possivel a fórma, a côr, a *pose,* os pellos da pelle, a melania e os listões dos seus trajos; mas não acreditando que tivessem alma não a procuraram n'elles...»

De triumpho em triumpho, do *combate dos cães* (1819) aos *cães de S. Gothard* (1821), e principalmente da *caça dos Falcões* (1832) a Sir *Walter Scott e os seus cães* (1833), á *Abbadia de Bolton* (1834), á *Partida do gado* (1833), á *Volta da caça* (1837), ao *Honorable membro da Sociedade humana* (1838), á *Casa do pastor* (1842), á *Lontra* (1844), á *Paz* e *a Guerra* (1846), a *Van Amburgh* (1847), ao *Dialogo em Waterloo* (1850), ao *Sonho de uma noite de estio* (1851) á *Noite e á manhã* (1853), etc., etc., o antigo Edwin Landseer *Esquire,* ou o novo *Sir* Edwin Landseer foi conquistando com as sympathias e o applauso crescente dos seus compatriotas um dos primeiros logares tão difficeis de conquistar na arte ingleza e no qual se apresentou a receber a consagração europea na grande exposição de Paris de 1855, e a affirmar a pujança original do seu talento artistico no meio d'aquelles opulentos *thesouros da arte* (treasures of art) reunidos em Manchester em 1857.

(Continua.) LUCIANO CORDEIRO.

PRIMEIRO AMOR

Amanhã rompêra festiva e radiosa. Toda ella tepidos orvalhos, doces murmurios, ineffaveis, frescos aromas que se levantam do seio da terra, como se a terra fosse a eterna esposa dos biblicos cantares, ungida de balsamos para as festas do noivado mystico.

As arvores cheias de seiva, sacodem a rama em vagos estremecimentos indiziveis; por entre a relva estrellada aqui e ali de congossa e violetas, zumbe n'um raio de sol, um enxame de abelhas loiras, os passaros têem d'estes chilros agudos que não são talvez a cadenciada harmonia dos poetas, mas que são em todo o caso a expansiva alegria dos ninhos, e por todo o campo em festa derrama a deusa das mythicas legendas a opulencia das sazonadas messes, dos avelludados e maduros pomos, das sebes em flôr, da luz que vivifica e que fecunda.

É certo que o campo passou de moda, e que a gente não se atreve já a confessar o culto que elle inspira a todas as almas simples, sem com isso provocar a felina iro-

nia mephistophelica da legião de pequenos Satanazes, que negam a existencia do lilaz e da rosa silvestre em nome



do bom senso, em nome do realismo e em nome da arte.

Que culpa tenho eu, porém, de que n'aquelle sitio o campo fosse um idyllio de Florian, uma paizagem de Watteau, uma estrophe *arrulhadôra* de Gessner?

Como hei de eu evitar que a alma se dilate no alvôr das ethereas madrugadas, ao contemplar sob os entrelaçamentos lascivos da folhagem aquella creança que vae ligeira, levemente inclinada, pisando com o seu passo ondulante e miudinho a herva humedecida e fresca das alamedas sombrias?

As aves caseiras saudam-n'a espanejando-se, grasnando, batendo as azas, fallando cada qual a lingua que



Deus lhe ensinou; ella porém não pára.

Vae absorta, sabe Deus em que visões que se não traduzem, e não repara sequer que alguem, um pobre camponio que vae para o trabalho, a mira de longe, com o cubiçoso olhar, que tanta vez a gente lança ás estrellas.

Quando uma creança tem quinze annos, e foi creada no campo, com os bichos que são a humildade e a meiguice, com as flôres que são o luxo de Deus, com as nuvens côr de rosa do alvorecer estivo, embalada na mu-

sica mysteriosa que se exhala de todas as cousas, tem segredos no coração que os outros não têem, e vê passar ao longe na luz radiosa ou nas brumas do crepusculo apparições fugitivas, que são como as perolas da phantasia juvenil, e que subvertem comsigo no fundo oceano do sonho, a alma que n'ellas se prendeu.

E aquella tem quinze annos. Não sabe nada do mundo, mas diante das magnificencias do céo e da terra estremece vagamente enleiada, e tem desejos do que não conhece, saudades do que nunca viu, amor ao que nem ousou sonhar.

Tambem lá dentro d'aquelle mundo intimo, banhado em castos arreboes, alguma cousa mysteriosa e indefinivel alvorece e se desabotôa em flôres.

E ella caminha graciosa e leve, levando pendido do braço o cestinho de milho que vae encher de alegria o pombal.

Depois lá chega ao sitio predilecto onde as suas aves a esperam.

São aquelles por ora os seus amores.

Na curva do pequenino seio, na suavidade do gracioso perfil, no contorno eburneo do braço que se arredonda mollemente, nas ondas loiras do solto cabello que lhe cáe nas espadoas, sorri-se a adolescencia em promessas encantadoras. É a idade de Margarida e de Julieta, mas o Fausto não trouxe ainda as joias prismaticas, nem Romeu soluçou na varanda illuminada pelas scintillações magneticas do luar, os seus voluptuosos carinhos.

Só os pombos a interessam. Para ser toda d'elles desnudou o alvo pé, arregaçou a manga do vestido, desmanchou despiedosamente a symetria do singelo trajo.

E os pombos têem arrulhos morbidos, languores cariciosos, ninhos onde alvejam uns pequenos ovos tentadores; e por sobre os muros do pombal as trepadeiras em flôr sacodem o embalsamado pollen. Por isso, diante de todas aquellas festas e estremecimentos e mysterios, emquanto os pequenos gulosos, muito alegres, muito espertinhos e muito meigos, devoram o abundante almoço que ella lhes trouxe, a dôce creatura deixa pender com suave cansaço o corpo debil, e sente em assomos vagos, o desejo de saber tambem a lingua universal que tudo falla ao pé d'ella e que só ella não logrou ainda entender.

Não tenhas pressa, creança!

O meio dia não tarda, e com elle os ardores do sol, que ha de talvez queimar-te.

Emquanto os dôces clarões da manhã brincam e scintillam nos teus cabellos doirados, que só os pombos te acariciem, e só na alva cabecinha dos innocentes a tua bôca desfie o rosario perfumado dos seus beijos.

Pinteus.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



O TEMPLO ROMANO DE EVORA

IV

(Continuação)

N'UMA extensa collina, alta bastante para ao longe parecer notavel eminencia, jaz edificada a cidade de Evora. Vastos campos a circumdam, os quaes se dilatam por muitas leguas até acabarem nas serras de Ossa, Arrayolos, Montemuro, Vianna e Portel, que limitam com uma curva irregular, ora angulosa, ora ondulada, toda a circumferencia do horisonte.

Na parte culminante da collina, acima dos edificios da cidade, em frente dos vastos campos, e como senhoreando tudo, construiram os romanos o alteroso templo. Já se não ergue, porém, livre e desaffrontado como outr'ora. Sobrepuja-o a agigantada cathedral e acercam-se-lhe de mais perto, de todas as partes excepto do norte, o paço dos arcebispos, a bibliotheca publica, as casas em que transformaram o tribunal da inquisição e finalmente o vasto palacio dos duques de Cadaval, ainda com mascarados vestigios do nobre solar dos condes de Olivença e do antigo castello com suas torres ameiadas.

O templo é de fórma quadrangular. Representa a sua planta um parallelogrammo perfeito com o eixo maior dirigido de norte a sul.

O envasamento ou pedestal continuo é feito de alvenaria, e, em contrario do que se poderia julgar pela perfeição das columnas e por outras obras congeneres de França ou Italia, não o reveste o grande, médio ou pequeno apparelho, nem ainda o reticulado. É o *opus incertum,* como se encontra em construcções mais vulgares. Todavia em varios pontos conservam-se restos de um cimento ou formigão hydraulico que parece ter revestido todas as paredes. O serem tão poucos estes restos explica-se pelas restaurações que modernamente se fizeram em muitos logares, onde a continuação do ar humido ou da chuva desaggregava as pedras exteriores. Similhante a este é o cimento que guarnecia os tanques adjacentes ao templo [1].

O envasamento está desmoronado na parte meridional, como se tivessem arrancado grandes pedras de cantaria que por este lado o cobrissem em alambôr. De certo eram aqui as escadas que davam accesso para a parte superior do pedestal e interna do edificio.

Sómente o dado do envasamento é de alvenaria. A cornija, a base e o socco, são de granito apparelhado.

Quando se restauraram as ruinas, fez-se n'esta parte do templo uma excavação profunda, na direcção diagonal, e não appareceram mais que as varias camadas de alvenaria de que é formada. Ao lado do poente e em meio do comprimento do templo encontrou-se um poço circu-

[1] Conservam-se na bibliotheca publica de Evora alguns fragmentos grandes do cimento dos tanques. Appareceram estes fragmentos quando em 1862 ou 1863 se rebateu o terreno junto do templo para alargar e macadamisar as ruas Oriental e Occidental de Diana. Resende vira tambem estes e outros vestigios do aqueducto.

lar, excavado na alvenaria e com a côr vermelha em partes[1].

Sobre o envasamento erguem-se as columnas em numero de quatorze e mais a base de outra, guarnecendo todas a metade septentrional do edificio. Seis preenchem o lado menor do envasamento, na parte que olha ao norte; e de cada lado maior, attendendo a proporção em que está com o lado menor, deveria haver onze columnas, comprehendendo as dos angulos e por tanto as duas extremas das seis já mencionadas. Faltam os capiteis a duas das cinco columnas restantes no lado occidental.

Os capiteis e bases das columnas são de marmore branco, os fustes de granito, a ordem corinthia. É para admirar-se tanto a perfeição com que foram lavradas as folhagens dos capiteis; como a grande elegancia com que ainda hoje, apesar de mutilados, servem de graciosos remates ás altas columnas.

Os fustes, clausteados com doze meias canas cada um, são feitos de peças de granito de menor altura que o diametro da columna. As bases não têem ornatos.

Do entablamento resta a architrave de granito e em cima d'ella alguns fragmentos do friso tambem de granito e inteiramente lisos[2].

Pela grande mutilação que padeceu o templo, desappareceram todos os vestigios da *cella* ou santuario que era a sua parte essencial. Adeante da cella para o lado do sul deveria ter sido o *pronaos* ou vestibulo. Por detraz, ou da parte do norte era o *posticum*, do qual restam as columnas que o limitavam, sendo entre ellas as seis do lado septentrional. E, como a estas columnas correspondiam outras seis no lado meridional ou na fachada, pertence o templo de Evora á classe dos *hexastylos*. Poderia tambem ser *periptero* porque totalmente o guarneciam as columnas. Mas, como no templo congenere de Nimes as lateraes estão encostadas ás paredes da cella, e no de Evora a largura total é ainda menor que n'aquelle, ha plausivel rasão para suppôr que tambem aqui as columnas estariam unidas ás paredes da cella. Parece pois que o nosso templo teria sido antes *pseudo-periptero*.

Emquanto aos tanques adjacentes que se descobriram em 1840 ou poucos annos depois nas excavações dirigidas pelo sr. Rivara[3], observaremos que em Nimes, não no templo a que alludimos *(maison carrée)*, mas n'outro que chamam de Diana, appareceram tambem vestigios que persuadiram ao sr. Pelet que a porta do edificio ficava entre duas cascatas[4].

[1] A altura de todo o envasamento é de 3m,45: da moldura 0m,45, do nato ou dado 2m,10, da base 0m,35, do socco 0m,55. A largura medida no socco é de 15m,25; o comprimento 25m,18.

[2] A altura da columna comprehendendo capitel e base é de 7m,68; do capitel 1m,01, do fuste 6m,19, da base 0m,48. O diametro da base e da parte interior do fuste em contacto com ella é de 1 metro. A distancia de eixo a eixo de duas columnas proximas é de 2m,25 no lado maior e de 2m,68 no lado menor. Os intercolumnios no lado maior medem 1m,35, no lado menor 1m,68. A altura da architrave com os fragmentos do friso que ainda restam é 1m,71.

Todas estas medidas excepto as do envasamento, intercolumnios e diametro do fuste foram tomadas com o graphometro, pela grande difficuldade que havia de chegar com alguma escada á architrave. Por isso não deverão reputar-se rigorosamente exactas, porém aproximadas.

[3] *Instituto Vasco da Gama*. Additamento do sr. Rivara a um artigo do sr. A. F. Barata. N.º 8.º Agosto de 1872, pag. 210.

Acharam-se tambem vestigios dos tanques quando se fizeram as excavações citadas na nota 1.ª

[4] De Caumont—Abécédaire d'archéologie—*Ere gallo-romaine*, 2.ª edit., pag. 235.

V

Houveram de correr muitos seculos primeiro que em Roma se aperfeiçoasse a arte de edificar. Não tinham os romanos genio artistico. Antes da conquista da Grecia, o desenvolvimento das artes não correspondia de modo nenhum entre elles ao da organisação militar e das instituições politicas, que lhes promettiam já o dominio do mundo.

Até ao anno de 470 da fundação de Roma ou 283 antes de Christo, nem ao menos conheciam o uso das telhas para cobrir as casas em que habitavam. Na edificação dos templos seguiram durante muitos seculos a pesada e disforme architectura dos etruscos, menos atrazados nas artes do que elles proprios. Eram estes edificios quadrilateros e de um estylo dorico ainda mais pesado que o primitivo da Grecia.

Definitivamente conquistado este paiz, o gosto da architectura não se introduziu desde logo em Roma. Desenvolveu-se mais tarde, quando as grandes riquezas das nações subjugadas geraram no povo romano o amor do luxo, dos prazeres, das obras primas da arte, de tudo emfim, que por qualquer modo podia deleitar-lhe os sentidos ou lisonjear-lhe a vaidade.

Este grande e rapido desenvolvimento das artes succedeu nos ultimos annos da republica e mais particularmente no imperio de Augusto. Pelos annos de 676 da fundação de Roma (77 antes de Christo), diz Plinio, não havia em todo o recinto da cidade casa mais bella que a de Lepido, e trinta e cinco annos depois esta mesma casa nem já merecia ser classificada em centesimo logar.

Só muito tarde começaram a ser exploradas as pedreiras de marmore da Italia. Aquelle de que se faziam em principio os templos mais sumptuosos vinha, como os artistas, ou como as estatuas, da Grecia. Até columnas de lá traziam, arrancadas aos monumentos primorosos da arte grega. O primeiro templo de marmore em Roma edificou-o Quinto Metello, consul 138 annos antes de Jesus Christo[1].

Não é, portanto, admissivel que, ao tempo em que a architectura principiára a aperfeiçoar-se e desenvolver-se em Roma, se fizessem já edificios sumptuosos, adornados de marmores, em provincias, a cujos habitantes davam em geral na metropole o nome de barbaros.

A historia demonstra irrefragavelmente que em povo nenhum florescem as artes sem primeiro decorrerem largos annos de paz e prosperidade que favoreçam o estudo e a cultura intellectual e permittam aos chefes do governo e aos principaes cidadãos enthesourar riquezas que paguem o trabalho dos artistas. Estaria, porém, n'essas condições a Peninsula durante os dois ultimos seculos decorridos antes de Jesus Christo? Não por certo. A sua historia por esse tempo, que, sem os auctores romanos, ignorariamos totalmente, não é mais que uma relação continua de guerras, invasões e revoltas. Este estado incompativel com a cultura das artes prolongou-se até ao anno de 45 antes de Christo, que foi quando Julio Cesar alcançou finalmente reduzir á inteira sujeição as provincias, dando-lhes constituição politica e civil e sobretudo governo regular.

Depois de estabelecida a paz, e postas em relações commerciaes a metropole e as provincias, sómente depois é que os lusitanos como os outros povos da Peninsula, poderiam acceitar com a religião, leis e costumes romanos a architectura usada em Roma. Sómente depois de longa paz não alterada por muitos annos se poderiam

[1] *Mommsen's history of Rome*, vol. III, pag. 475 e 476.

abrir estradas que não fossem vias militares destinadas a assegurar a dominação, fazer aqueductos, edificar templos, levantar arcos de triumpho, construir thermas, circos, theatros, palacios, e lavrar inscripções commemorativas d'essas grandes obras.

VI

Edificaram os romanos innumeros templos na Peninsula iberica. Além das ruinas do que existiu em Evora, têem apparecido em Portugal inscripções ou vestigios de outros junto de Terena e Villa Viçosa, em Beja, perto de Arrayollos, na villa do Torrão, em Lisboa, etc.; na Hespanha, em Tarragona, Coruña del Conde, Murviedro, Saragoça, etc., etc. Mas em parte nenhuma se conservou, como em Evora, todo o envasamento do templo, e metade ou mais das columnas com seus capiteis e architrave. São por conseguinte as ruinas do nosso templo as mais importantes em toda a Peninsula. Dão clara idéa do monumento, cuja fórma, plano, magestade e perfeição artistica ainda hoje com evidencia demonstram.

Não podem os nossos visinhos hespanhoes determinar rigorosamente as eras em que foram construidos muitos dos templos e outros monumentos que houve em Hespanha durante a dominação romana. Attribuem-os, porém, quasi todos ao periodo dos dois seculos, decorridos desde o principio do imperio de Augusto até ao de Septimio Severo [1].

Aquelles a quem interessar a historia das artes em Portugal, não se contentarão de certo com tão vaga determinação. É muito longo o espaço de duzentos annos, e um monumento, como o de Evora, merece que mais aproximadamente se lhe rastrêe a idade.

Julio Cesar, conquistando no centro e no meio-dia da Europa a Gallia, a Hespanha e a Lusitania, introduziu n'estes povos as leis, os costumes e a civilisação romana.

Todavia não é provavel que desde logo se aperfeiçoassem as artes a ponto de produzirem monumentos, que mais correspondem ao apogeu do que aos principios de uma civilisação. Assim, nem ao tempo da dictadura de Cesar nem ao imperio de Augusto attribuiremos os vestigios mais perfeitos da architectura e da esculptura romana que têem apparecido em Portugal. E n'isto vamos conformes com os archeologos francezes e hespanhoes relativamente a França e Hespanha.

Depois com as devassidões e crueldades de Tiberio, Caligula, Claudio e Nero, coincidiu a decadencia rapida das artes. Emfim, nos reinados de Adriano, Trajano, Antonino e Marco Aurelio, o imperio resurge do abatimento em que jazêra e as artes, por effeito de uma benefica reacção, brilham de novo com vivos resplandores.

Eram naturaes da Peninsula os dois primeiros, e, por isso, mais em particular deveriam empenhar-se em engrandecel-a com obras magnificas para utilidade de seus compatriotas. A famosa ponte de Alcantara sobre o Tejo foi Trajano quem a mandou fazer; e outras obras sumptuosas, fundada ou infundadamente lhe andam attribuidas.

Demais, com relação ao templo de Evora, a perfeição dos capiteis corinthios, as boas proporções das columnas, a magestade do todo patenteada na parte restante persuade que, bem como os melhores monumentos peninsulares do estylo greco-romano, seria edificado antes dos seculos III ou IV, em que era já grande a decadencia da arte.

[1] Caveda — Ensayo historico sobre los diversos generos de arquitectura empleados en España, pag. 38.

A fórma do templo, os lavores das columnas e capiteis são de um typo que se nos depára n'outros monumentos congeneres edificados no seculo II, tanto em Roma como nas provincias. É o typo do templo de Antonino e Faustina, transformado na igreja de S. Lourenço *in Miranda* em Roma [1] e tambem o do templo de Nimes *(maison carrée)* em França [2].

D'onde concluiremos que o templo romano de Evora foi com toda a probabilidade edificado no seculo II da era christã.

VII

A tentativa mais importante que se tem feito para determinar a idade de monumentos romanos de Portugal, é de ha poucos dias e de um illustrado academico hespanhol. O sr. D. José Amador de los Rios, tendo estudado attentamente em Lisboa e Porto os sarcophagos romanos que se guardam nos museus d'estas cidades, escreveu uma noticia critica e descriptiva dos citados monumentos [3].

Suppõe o auctor que o sarcophago mais perfeito, o que foi achado em Reguengos, no districto de Evora, se não ha de attribuir senão ao tempo de Trajano. Reputa-o obra prima de esculptura, parecendo-lhe que tão sómente poderia ser lavrado no tempo em que as artes mais floresceram na Peninsula.

Com effeito, este sarcophago juntamente com o templo romano de Evora e o torso de uma estatua achado nas cercanias de Beja [4] são os specimens mais perfeitos que da arte luso-romana se têem descoberto em Portugal. Pertencem evidentemente á mesma época e não muito longa, porque a perfeição que patenteiam não poderia subsistir por largos annos atravez das vicissitudes e alternativas do imperio romano.

Por conseguinte, diremos que se o templo de Antonino, o de Nimes e o sarcophago apparecido no monte da Azinheira junto de Reguengos, são obras do seculo II, o templo romano de Evora tambem o deve ser. Avançar mais longe, determinar, como fez o sr. Amador de los Rios, com relação ao sarcophago, o reinado em que o templo seria construido, parece-nos exagerar muito a importancia dos dados que a historia e as artes nos ministram para a solução do problema.

VIII

A que divindade foi o templo consagrado?

Em Evora todos lhe chamam *templo de Diana* e al-

[1] Montfaucon — L'antiquité expliquée. Tom. 2e, 1e part. pag. 111, planche XXII.

[2] Vej. o desenho do templo e dos elementos que o constituem em Gaiihabaud — Monuments anciens et modernes, tom. 1er

Sabe-se que a inscripção d'este templo, feita de letras de bronze estava no friso, d'onde foi arrancada antes de ser conhecida. O sr. Séguier, pelos vestigios dos cravos que firmavam os caracteres na pedra, restituiu a inscripção de modo que o templo seria dedicado aos filhos adoptivos de Augusto. Mas, segundo a correcção do sr. Pelet, a inscripção referir-se-hia antes aos filhos adoptivos de Antonino. Confessando a nenhuma certeza de qualquer restituição por meio de tão duvidosos vestigios, é certo que os mais auctorisados archeologos francezes attribuem a edificação do templo a esta ultima época. Vej. De Caumont — op. cit.

[3] Publicada com as gravuras respectivas no tomo II do *Museu español de antigüedades*. Já em 1867 o sr. E. A. Allen, director do museu municipal do Porto, escrevêra e publicára uma noticia em que attribuíra o sarcophago, existente n'aquelle museu ao periodo de 96 a 260 «ou *ainda para alem* d'este ultimo anno um quarto ou uma ametade de seculo. *Noticia e descripção de um sarcophago romano, descoberto ha annos no Alemtejo e recentemente comprado pela cidade do Porto para o seu museu municipal.* Porto, 1867, pag. 17, nota 2.ª

[4] Este precioso fragmento pertence á collecção de antiguidades que ajuntámos em Evora e se guarda hoje na galeria dos paços de D. Manuel no Passeio publico.



C.L.VOGEL pinxt W.FRENCH sc.

OS IRMÂOS.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

guns escriptores lhe têem dado esta mesma designação, que o sr. Hubner attribue falsamente a André de Resende [1]. O antiquario eborense parece não ter sabido que ao monumento se deveria chamar templo. Não lhe deu outro nome senão o de *portico* [2]. Assim o denominou tambem Diogo Mendes de Vasconcellos [3]. *Portico de columnas corinthias* lhe chamou ainda Gaspar Estaço [4].

Severim de Faria, no elogio de Evora, menciona apenas as *fabricas corinthias* de Sertorio. Brito não diz nada.

Onde primeiro se menciona o *templo de Diana edificado por Sertorio*, é na *Evora Illustrada* do padre Manuel Fialho. Por onde se vê que sómente nos fins do seculo XVII se veio a saber que as ruinas incorporadas na velha casa, que servia de açougue, eram de um templo romano. Classificadas as ruinas como de um templo, nada mais natural que attribuil-o, como os outros monumentos romanos de Evora a Sertorio, e julgal-o sagrado a Diana por causa das revelações que fingia ter d'esta deusa aquelle capitão.

O sr. abbade de Castro entende ter sido outra a dedicação do templo de Evora, porque a Diana competiam os de estylo jonico e não os de estylo corinthio. Confirma o sr. Rivara esta observação, lembrando o resultado das recentes excavações nas ruinas do templo de Diana em Epheso, que era em verdade da ordem jonica [5].

As leis mencionadas por Vitruvio [6] designam, com effeito, o estylo jonico para os templos de Juno, Baccho e Diana. Mas estas leis parecem apenas directivas, ou meras indicações, porque se prova em muitos casos não terem sido observadas.

Segundo as leis ou indicações de Vitruvio, o estylo corinthio conviria a Venus, Flora, Proserpina e ás Nayades. Isto, porém, não basta para resolver o problema. Ainda, segundo Vitruvio, a situação na parte culminante conviria aos deuses tutelares da cidade e tambem a Jupiter, Juno e Minerva. Finalmente, não é impossivel que a dedicação fosse a algum imperador.

Nas excavações que pelos annos de 1840 se fizeram em redor do templo appareceu um dedo agigantado de marmore branco sublamellar. A estatua a que pertenceu deveria ter mais de quatro metros de altura.

Dentro no templo está um grande fragmento do altar de marmore [7].

(Continua.) A. FILIPPE SIMÕES.

1 *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 47.

2 *Historia da antiguidade da cidade de Evora*, cap. iij.

3 *Livro V do municipio eborense.*

4 *Varias antiguidades de Portugal*, cap. 44. B. J. de S. Farinha annotando o texto do auctor, suppôz que este portico seria o mesmo que o arco triumphal da praça. Não attendeu que este nome de *portico* procedêra de engano de Resende nas palavras seguintes: «.... e assi fez trazer (Sertorio) ha agua da Pratta a ho portico en ho mais alto da cidade, donde se repartia per has regiões della». Na maior altura da cidade não ha outro monumento senão o templo e tanques adjacentes a que Resende poderia referir-se.

E quanto o mesmo Farinha refere do arco é fabuloso, excepto o alvará da demolição, firmado pelo cardeal D. Henrique. Não ha outras columnas que pertencessem ao arco romano senão as oito que estão no refeitorio do collegio dos jesuitas, hoje da casa pia.

5 *Instituto Vasco da Gama*, tomo I, pag. 203.

6 *Archit.* lib. I, cap. II.

7 Mede 0m,90 de altura. Vêem-se n'um dos topos restos de moldura, denticulos, ovos, etc. Tinha o altar, que o sr. Hubner chamou pedestal de uma estatua imperial, uma grande inscripção, da qual restam as letras SAC... da primeira linha e restos das ultimas letras das linhas seguintes, que eram seis, ao todo sete. As letras da primeira linha tem 0m,09 de alto. As das linhas inferiores eram pouco menores.

N'esta mesma face vêem-se ainda os vestigios das cunhas de ferro com que fizeram saltar em pedaços o letreiro e com elle boa parte do altar.

UM GRUPO

I

Eu tenho á cabeceira do meu leito,
não um poema, como o heróe antigo,
mas dois retratos que em convivio estreito
conversam alta noite a sós comigo.

Ás vezes, quando a insomnia me descerra
as palpebras cançadas,
contemplo essas imagens adoradas
de seres que não vejo sobre a terra.

São dois vultos que vivem na memoria
das gerações libertas dos tyrannos,
e que só morrerão quando os gusanos
carcomerem as paginas da historia.

Um, chama-se Espartaco; o outro, Bonhome:
martyres ambos, ambos torturados
da oppressão entre os braços bronzeados,
da deshonra e da fome.

II

Espartaco sentiu profundo o travo
do fel da escravidão;
tentou um golpe nos grilhões do escravo,
e resvalou exanime no chão.

Caíu vencendo! O sangue do valente
foi para a humanidade
uberrima semente
de luz e liberdade.

Os seculos branqueiam as ossadas
das victimas de Crasso,
mas d'entre essas necrópoles caladas
hirto se eleva de Espartaco o braço;

marco erguido nas sombras do passado,
mostra bem alto uma legenda eterna:
—Protesto!—eis o que lê, passando ao lado,
a geração hodierna.

III

—Protesto!—é a bandeira levantada
no braço de Bonhome,
quando elle expande a mágua que o consome,
vendo a sua cabana incendiada;

quando os algozes vís da liberdade
lhe violam a filha estremecida,
e assolam e devastam sua herdade
e apagam á consorte a luz da vida.

A dôr fez-te gigante!
ergueste a consciencia recalçada,
e caminhaste ávante,
soltando a voz que ainda hoje brada!

IV

Alçae a fronte nobre,
filhos augustos de uma era ingrata,
e possa herdar de vós o escravo e o pobre
a força que alevanta e que resgata.

Aos vossos cinerarios,
cobertos de sarcasmo e esquecimento,
vão hoje em romaria os proletarios,
para adorar o santo monumento;

e vão os opprimidos,
os párias, os ilotas, o engeitado,
famintos, maltrapidos,
dar-vos o preito que vos foi negado;

e estes romeiros, este povo mixto,
irá salvar do olvido a vossa gloria,
como o Bouillon da historia
foi libertar o tumulo de Christo.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

. . . .

VII

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.



NAS proximidades da *taba* ou povoação não tinhamos encontrado nenhum signal que nos denunciasse a presença do homem; nenhuma plantação, nenhum caminho, nenhuma habitação separada do povoado!

A floresta acabou repentinamente, deixando-nos n'um largo espaço desarvorisado, e vimos diante de nós uma estacada, em fórma circular, feita com troncos de paxiúba (Palma *Iriartea exorrhiza),* por traz da qual se elevavam um pouco mais os tectos de palha de muitos tejupares. Ao centro da tranqueira havia uma abertura que servia de porta, e que n'aquella occasião estava desobstruida dos troncos com que costumava fechar-se. A paliçada era toda tecida com cipós, tendo, de espaço a espaço, estacas aguçadas, mais altas, que eu depois soube serem destinadas para se espetarem n'ellas as cabeças dos inimigos em occasiões de guerra.

Tal era a fortificação, que defendia a taba do povo juruna.

Antes de penetrarmos n'ella, parámos um instante á entrada e eu relanceei rapidamente a vista para o interior da original fortaleza. Ao centro da praça havia uma edificação comprida, com paredes muito baixas, construidas de terra e palha, tendo uma unica abertura de um dos lados, e o tecto, de feitio de arco, coberto com folhas de palmeira bussú *(Atalea spectabilis,* Mart.) Parecia um *tunnel,* superior ao solo! Era ali, como depois soube, a residencia do chefe. Em torno d'ella erguiam-se, com proporções mais modestas, as habitações dos guerreiros, similhantes ás choupanas que na Europa se levantam ao pé das eiras, para abrigo dos guardas, mas um pouco maiores. Ao fundo da estacada passava o Xingú; e no porto da povoação viam-se, a par uns dos outros, numerosos ubás de cedro, amarrados em varejões espetados na terra baixa da margem.

Quando chegámos á entrada do cercado estavam no meio do terreiro alguns gentios, que eu tomei por mulheres. Traziam o cabello comprido, caído para as costas, e os rostos e corpos mais ou menos saranpitados com tintas de côres azuladas ou pretas. Nenhum tinha barbas; e esta circumstancia, bem como a de usarem longos cabellos, fez com que eu me equivocasse com o seu sexo á primeira vista.

—São mulheres nuas!—exclamei com pasmo.—Dar-se-ha caso que viessemos surprehendêl-as em occasião de banho?!

—São homens—replicou Ferrugem, fazendo um gesto amigavel aos selvagens, que acabavam de avistarnos e partiam a correr para a barraca do chefe;—são homens e estão vestidos com a maior decencia usada entre jurunas.

—Vestidos?!

—Sim senhor; repare bem.

Parte dos gentios, que corriam para as habitações, provavelmente a fim de se armarem, pararam ao gesto de Ferrugem; os outros continuaram a andar e foram talvez prevenir os companheiros de que havia gente estranha á entrada da sua tranqueira. Em poucos momentos appareceram ás portas de todos os tejupares mais algumas caras novas, olhando-nos com ares que não promettiam nada bom. Os primeiros que se detiveram, vendo que o nosso chefe continuava a fazer-lhes signaes familiares, encaminharam-se para nós, andando vagarosamente, em linha obliqua e separados uns dos outros. Foi quando Ferrugem me recommendou que reparasse bem no modo porque elles vinham vestidos.

Eram quatro ou cinco homens, ainda moços, de mediana estatura, rosto oval, craneo arredondado e um pouco deprimido na região frontal, com feições que apesar de desfiguradas pelas pinturas me pareceram regulares; olhos vivos, pequenos, escuros, e raros pellos na cara. A sua côr natural, que transparecia aqui e ali por entre espaços não pintados, era acobreado-vermelha.

Aproximavam-se com hesitação, que todavia tentavam disfarçar, e volviam a miude a vista para traz, como que para retemperarem o animo com a presença dos companheiros. Percebia-se que a curiosidade os attrahia para o nosso lado e que só não corriam por prudencia. Em vez do ar feroz que eu lhes tinha imaginado, eram physionomias simples, ingenuas, primitivas; assimilhavam-se mais a grandes creanças sem educação, timidas e desconfiadas, do que a homens intrepidos e aguerridos, como me constava que realmente eram os da sua nação.

Ferrugem fallou-lhes no seu dialecto e elles pararam estupefactos um momento; depois sorriram-se uns para os outros, olharam para os que das portas os estavam vendo, sem ousarem imital-os, e recomeçaram a andar com menos cautela.

—É o amigo Ferrugem,—lhes disse, em juruna, o nosso chefe.

—Ferrugem!—repetiram elles aos seus.

—Ferrugem!—gritaram todos os que estavam ao pé das casas.

E como se esperassem unicamente esta declaração para lhes dar animo, moços, velhos, mulheres e creanças, correram todos ao nosso encontro!

—Repare, que só os homens é que andam vestidos,—me segredou rapidamente Ferrugem.

—E a dar-lhe! Vestidos?! Ah!...

Foi só então que dei pela ironia do meu compatriota. O trajo alludido consistia n'uma estreita folhinha de palmeira que os indios traziam preza á cintura, e com as extremidades da qual fingiam prestar ao pudor uma irrisoria homenagem. Quanto ás mulheres, nem isso tinham; andavam simplesmente vestidas de innocencia, segundo a feliz expressão de Milton.

Todos os habitantes da taba nos rodearam n'um instante. O chefe, que andava por fóra com alguns dos seus, e que era amigo de Ferrugem, chegou ao tempo em que íamos entrando com a sua gente para dentro da estacada e fez-nos um acolhimento digno... de um guerreiro selvagem. Eu tive a honra de ser apresentado a esse grande homem, que se dignou atirar-me ao ar e dar-me duas pauladas nas costas, em signal de affectuosa fraternidade, com uma espada de pau, que trazia pendurada ao pescoço. O meu patricio aconselhára-me antecipadamente que fizesse um discurso, em tupy, que parte dos selvagens comprehendiam, dizendo «que a fama das acções heroicas e da provada valentia do povo juruna fôra levada por Ferrugem e outros brancos e tapuios ás terras distantes d'onde eu vinha, e me despertára os desejos de conhecer pessoalmente e travar amigaveis relações com os guerreiros do Xingú; que não medissem o meu animo e os meus desejos pelo meu tamanho e curta idade porque eu descendia de gente costumada a todas as emprezas grandes e que me considerava homem desde os dez annos, que fôra quando tinha começado a desprezar perigos e a affrontar a morte.»

O effeito d'estas basofias foi prodigioso! Os povos barbaros nada admiram tanto como a audacia e a ostentação do esforço varonil, porque usam tambem alardear o seu valor e gabar-se de seus feitos mais assignalados com ruidosa vaidade; Ferrugem ía-lhes traduzindo do meu discurso as palavras que elles não entendiam, e eu via-os entreolharem-se com enthusiasmo, fazerem gestos de contentamento e darem gritos de applauso, que n'outras circumstancias me teriam sido mediocremente agradaveis.

Quando cessei de fallar, deitaram a correr á roda de mim, com as mãos erguidas, rugindo não sei que elogios capazes de aterrar um tigre, e por fim agarraram-me cada um por seu lado e arremessaram-me ao seu maioral, que, depois de me dar novo boléo, assentou-me outras duas lambadas e declarou-me, por intermedio do meu patricio, que ficavamos sendo amigos e que eu promettia vir a ser um grande chefe!

É claro que a prudencia me obrigava a receber estes cumprimentos, manifestando a maior satisfação, comquanto interiormente estivesse dando os jurunas a todos os diabos e arrepellando-me por ter ido visital-os. Depois de bem moido com as suas caricias, tive ainda que presentear o chefe com parte das minhas ferramentas, deixando assim reduzido a bem pouco o que tinha levado para negociar! Devo porém confessar, antes de passar adiante, e para credito do illustre gentio, que no momento de nos separarmos elle pagou generosamente a minha lembrança, offerecendo-me seis macacos, tres papagaios, doze periquitos, um magnifico arco e oito ou dez frechas excellentes. Pagava como rei. Porém a maioria dos seus mimos tinha o inconveniente de ser demasiado incommoda, e eu fui-a largando pelas margens do Xingú, á medida que nos aproximámos da cachoeira; quando passámos esta, não me restava um unico bicho!

Ferrugem expôz o principal motivo da sua missão e não foi difficil resolver o chefe a ir com parte da sua tribu a Pombal. Promettiam-se-lhe todas as ferramentas que desejasse, para si e os seus, com a condição de trazerem comsigo um missionario, dar-lhe casa, respeital-o e provêr á sua subsistencia, deixando-lhe a liberdade de poder explicar a doutrina e proceder como entendesse para plantar de vez o christianismo entre os jurunas. Estas propostas eram feitas á vista dos mimos enviados pela auctoridade brazileira, os quaes Agapito ía entregando ao chefe e aos do seu conselho no meio dos gritos de admiração geral e do contentamento dos presenteados.

Assentou-se desde logo, que a expedição desceria pelo Tucuruí, dentro em dez ou doze dias, e que Agapito ficaria para ir com ella. Ferrugem, eu e os dois tapuios desceriamos antes d'isso o Xingú, como se tinha assentado no começo da viagem, para levarmos com antecipação a noticia do bom exito das negociações. Os indios não podiam partir mais cedo pela necessidade que tinham de fazer mantimentos, que consistiam simplesmente em farinha de mandioca, misturada com peixe sêcco desfiado, a que elles dão o nome de «farinha de guerra».

Agapito não se mostrou demasiado satisfeito com a combinação, que o deixava sósinho entre os gentios; vendo porém que elles pareciam os mais empenhados na ida proxima, sem duvida por interesse ou espirito de curiosidade, e não pelo desejo de se baptisarem, declarou que se resignaria. Talvez que tambem contribuisse para isso outra circumstancia, que adiante será referida.

Os jurunas, contentes com os nossos mimos, festejavam a nossa presença e obsequiavam-nos, a seu modo, o melhor que podiam. Deram-nos uma das maiores habitações, ao pé da do cacique, e este foi pessoalmente instalar-nos; mas, e seja dito sem offensa da sua franca e generosa hospitalidade, o tejupar, que tinha sufficiente comprimento para se atarem as nossas cinco redes umas a par das outras, parecia mais o antro de uma féra do que habitação de creaturas humanas! Não recebia ar nem luz, senão da porta de entrada, buraco por onde apenas cabia um homem, curvando-se; os meus companheiros batiam com as cabeças na parte mais alta do tecto; e, ás vezes, eu proprio arranjava galos, que, se não cantavam, tinham o condão de me fazerem cantar a mim! Entre as nossas redes accendia-se o lume, no chão, para se fazer a comida e intreter a illusão de que o fumo afugenta os mosquitos. Imagine-se que noites deliciosas passariamos n'aquella caverna quando a temperatura ao ar livre não baixava nunca de 30º centigrados.

O chefe juruna mandou-nos comestiveis, e cinco das mais jovens e formosas mulheres da tribu para nos servirem. Esta delicadeza sensibilisou extraordinariamente o nosso camarada Agapito. Quando se faziam as combinações da viagem dos gentios, notára eu que, reagindo elle a principio contra a idéa de separar-se de nós, mudára de repente de opinião e se resignára a ficar. Procurando, mentalmente, a rasão d'essa versatilidade, reparei que o excellente mameluco não tirava os olhos das mulheres e attribui essa fixidez de olhar ao facto de ellas se lhe mostrarem «unicamente vestidas de innocencia».

—Esta attenção do chefe juruna—disse elle, mirando e remirando as cinco raparigas—captiva-me completamente!

—É o costume—volveu Ferrugem.—São as maio-

res demonstrações que estes indios pódem dar ás pessoas que estimam.

—E são bem boas! É pena estarem besuntadas de tinta! Isto não se tirará?—continuava o bom Agapito, esfregando com o dedo molhado em saliva as pinturas do peito de uma das selvagens.

A india sorriu-se melancolicamente e depôz no chão o paneiro de bananas que trazia. As outras eram tambem portadoras de diversos objectos, enviados pelo maioral juruna: farinha, peixe moqueado, goiabas e outros fructos. Arrumaram tudo a um lado e em seguida uma foi buscar agua, outra accendeu o lume e as tres ultimas começaram a desembrulhar as nossas redes para as atarem.

—Gosto d'isto!—exclamava Agapito, andando á roda d'ellas com enternecimento.—Gosto d'isto!... E convem-me.

Havendo eu declarado, que prescendia do serviço da india que me vinha destinada, gritou o patife:

—Isso parece mal!... É feio! Não a mande embora; olhe que escandalisa esta boa gente!... E, se não a quer, ficarei eu tambem com ella...

—Oh! sr. Agapito!...

—É por deferencia... para não o comprometter com os gentios.

Tinha anoitecido. Depois de nos darem de ceiar, as indias dispunham-se a tomar posse das nossas redes. Quando eu lhes declarei, que não podiam alli dormir, e que era necessario irem para suas casas, encararam-me todas com supremo espanto, e insistiram por deitar-se.

—Não faça tolices!—me gritou o mameluco enfurecido.—Quer ir contra os costumes da terra?! Deixe-se de asneiras!

Os tapuios tomaram o partido de Agapito; e Ferrugem hesitava em decidir-se, olhando ora para mim e elles, ora para as mulheres.

—São usos que não se devem desprezar...—disse elle;—comtudo...

—Nós não somos selvagens, para vivermos como elles. Eu, pelo menos, não quero parecêl-o.

—Respeitemos os seus escrupulos—volveu Ferrugem, depois de breve pausa, dirigindo-se a Agapito, que offerecia a rede a duas gentias.

—Quaes escrupulos, nem qual carapuça?—berrou o tratante.—Quem o manda vir a terras aonde as mulheres andam núas?! Ó seu Ferrugem! Agora é vossê que as põe fóra!... Pois regalem-se; durmam ambos aqui sósinhos, que eu vou arranjar outra casa para mim!

—Para nós tres!—clamaram os dois tapuios, saindo atraz d'elle e das indias e levando cada um sua rede, como fizera o mameluco.

Ferrugem ficou embatucado um instante; depois riu-se, deitou-se na rede com o inseparavel cachimbo na bôca e disse, voltando-se para o meu lado:

—Fizeram-nos um grande favor!

—Tambem me parece.

—Ellas não eram feiasinhas!...

—Boa noite.

—Já quer dormir?

—Se lhe parece que estarei pouco moido?!...

—Tem rasão. Boa noite.

N'uma descripção de costumes selvagens é difficil, senão impossivel, compôr o quadro de modo que satisfaça todos os gostos. Embora se diga tão pouco do muito que ha para dizer-se, por mais ao de leve que se toquem certos assumptos, o viajante que respeita o pudor e o melindre dos que o lêem, temerá sempre ter ido além das conveniencias. É por isso que eu supplico a todas as pessoas que lançarem os olhos sobre estas minhas recordações, que se dignem perdoar-me tudo quanto n'ellas me tenha escapado, susceptivel de ferir as organisações delicadas e as almas castas.

As mulheres jurunas, como em geral todas as selvagens, são destituidas do pejo natural, que tanto realça a belleza feminina. Aos doze annos, pouco mais ou menos, entram na puberdade e recebem marido. É este quem as escolhe, toma quantas quer, e importa-lhe pouco que ellas procedam do mesmo modo. Ha comtudo excepções, ainda que raras, e exemplos de se disputar com as armas na mão a posse de uma amante. Á mulher pertence fazer todo o trabalho da casa e o das roças; plantações de maniba (planta que produz a mandioca), arranque das suas raizes, deitál-as de môlho, ralál-as, e expremêl-as, manipular a farinha, os vinhos inebriantes do cajú e do aipy (outra especie de mandioca), semear e apanhar o tabaco, o algodão e todos os fructos. O homem, caça, pesca, derruba os arvoredos para as roças, fabrica as canôas de cedro de uma só peça (ubá), as casas, as armas de toda a especie, e faz a guerra.

Um dos costumes mais singulares é ser o marido quem se deita quando a mulher passa pela mais dolorosa de todas as provas da maternidade! A mãe, apenas dá o filho á luz vae laval-o e lavar-se ao rio; depois trata do pae, que está na rede recebendo as visitas dos amigos e parentes; dá-lhe os melhores bocados, as comidas e bebidas de que elle mais gosta, e, durante tres dias, não o desampára como se o tivesse realmente doente! Ao fim d'esse tempo volta cada um ao seu trabalho. O filho, que a mãe amamenta, anda sempre com ella até dar os primeiros passos. D'ahi por deante cria-se no terreiro, com os cães lazarentos, que abundam nas povoações selvagens, e com os macacos de toda a especie, que os indios têem presos ás portas. Chegando á idade de dez ou doze annos começa o pae a leval-o comsigo ás expedições de caça, pesca, ou á guerra. O commando da tribu pertence ao mais valente, que o conquista pelos seus feitos contra o inimigo ou por alguma acção que surprehenda o povo e o leve a elegêl-o por acclamação. Quando morre o chefe, se tem um filho esforçado, não é raro que este obtenha o mando; mas ás vezes concorrem ao poder supremo dois pretendentes, que têem de se bater diante dos anciãos para que estes decidam qual é o mais habil e valoroso e lhe dêem a preferencia. O maioral não póde resolver a paz nem a guerra sem ouvir os velhos, que estejam ainda capazes de combater; os invalidos não são consultados porque as virtudes mais respeitadas pelos jurunas são o valor, a destreza e a força physica. A velhice inutil é desprezada. Apesar de não terem nenhuma moral e de se entregarem aos mais torpes excessos, os homens costumam ser fieis áquelles com quem se aliam, se reconhecem que os tratam com lealdade e boa fé; se desconfiam porém que os enganam, são terriveis inimigos porque sabem dissimular até terem opportunidade para a vingança. Uma das suas vaidades é julgarem-se superiores a todas as outras tribus suas visinhas, dizendo que só os jurunas descendem dos antigos tupis, conquistadores do Brasil. De todas as vezes que os tratei de perto, julguei-os susceptiveis de se civilisarem facilmente, se fosse outro o systema de cathechese que n'esse tempo se emprehendia. Tinham intelligencia sufficiente para comprehender tudo quanto Ferrugem e eu lhes diziamos, e provam, ainda hoje, o seu genio industrioso, fabricando com perfeição varios tecidos de pennas, redes, frechas e canôas. A região em que habitam é immensamente fertil em caça e fructos, e o rio abunda em peixe. Do lado opposto á povoação tinham as suas roças, que eu fui vêr e achei

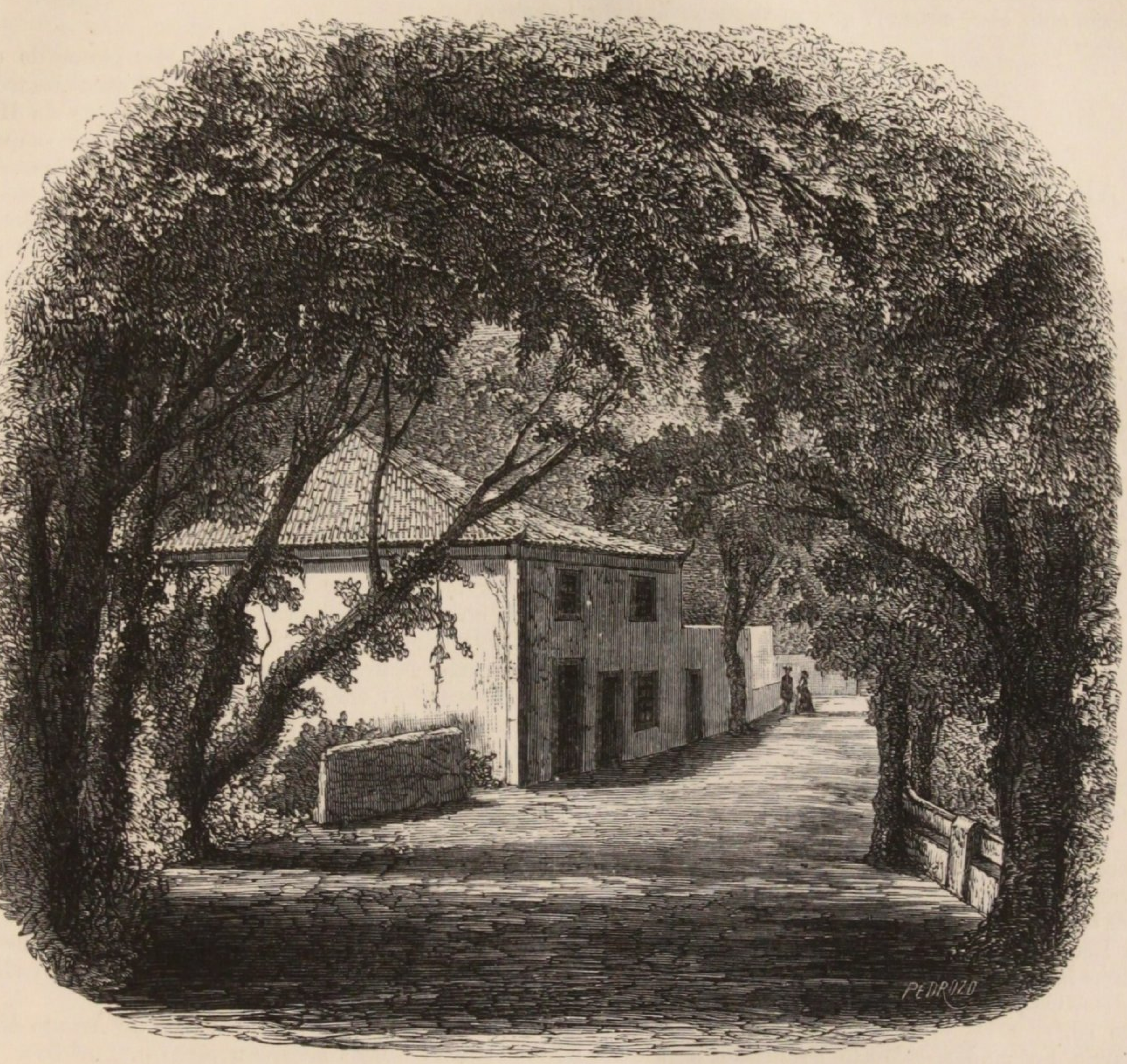
mais bem cultivadas do que as de muitos indios mansos. N'aquelle tempo não se julgavam já antropophagos; nunca vi despojos humanos pendurados ás portas dos seus tejupares; nem ouvi fallar nas cabeças das suas victimas, que, pintadas de urucú, constituem um dos seus ramos de commercio e se vendem na Europa a 500 francos cada uma, segundo affirma um viajante moderno [1].

(Continúa).

F. G. DE AMORIM.

campo, na aldeia, caracterisavam de certo modo a paizagem. Pois n'uma télasinha em que se debuxa qualquer nesga de Collares, é indispensavel que appareçam duas pessoas de sexo differente, para um expressar segundo o *Codigo civil*, e que um sopro de ternura agite brandamente as ramadas.

Elles, pelo que dão mostras, acham-se embebidos na contemplação dos horisontes, gravemente aprumados, junto áquella muralha branca.



COLLARES

D'aqui lá são dois passos. Então agora com o caminho de ferro, é n'um abrir e fechar d'olhos. Varzeas floridas, collinas por onde os pampanos se enredam, frescuidões que são balsamos, e tudo isto coberto por um céo que nem turquezas lhe ganham. Bem fez o pintor em me bosquejar o quadro. Depois, como todos estes idyllios da natureza, — os passaros que noivam e as flôres que desabrocham, — estão pedindo o idyllio humano, o artista apanhou em flagrante aquelle homem e aquella senhora, que fallam provavelmente no estylo dos velhos poetas, — suspirando mansinho: *uma cabana e o teu amor!* —

Diz o Garrett, n'aquelle livro que eu nunca me farto de relêr, as *Viagens na minha terra*, que os frades, no

1 Paulo Marcoy — *Le Tour du Monde*, 1867, pag. 125.

— «Um excellente dia!» —
— «Um dia excellente!» —
— «Veja como aquelles tentilhões se debicam...» —
— «São lindos.» —
— «E amam-se.» —
— «Talvez!» —

O dialogo prosegue n'esta innocentissima toada, que faz lembrar as eclogas de rabicho, trescalando um cheiro de benjoim de boninas.

Nada mais dôce nem mais inoffensivo!

Ha outros para quem este nome *Collares* traz comsigo um sentido mais plastico. Dispensam, razoavelmente, o espectaculo das verduras floridas, e apontam para o nectar das cêpas com a commoção propria... dos brios nacionaes.

— «Abençoado torrão é este. Aqui ha de tudo e para tudo. Madeira para a sôpa, Bucellas para o peixe, Collares em seguida, e o Porto para o *toast*.»

—«E dizem que não sômos uma nação rica?...»—

—«Riquissima!»—

—«E vinhateira...»—

—«Como a melhor!»—

Ó folhagens densas, que eu estou d'aqui a vêr, com tantas saudades de me abrigar á vossa sombra; ó fontes amenas, que deveis a esta hora soluçar nos tanques alvissimos; ó genio dos campos, abrigado decerto no tronco de algum castanheiro annoso,—fazei medrar a poesia, que vive d'um raio de sol entre os lyrios, sem que fique em esquecimento essa outra... que se vende a oito vintens a garrafa.

E. A. VIDAL.

APONTAMENTOS ARTISTICOS

Miguel Angelo.—Por uma carta de Balthasar de Faria, agente da côrte de Portugal em Roma, escripta a Simão da Veiga, que tratava n'ella do estabelecimento da inquisição, em nome de D. João III, vê-se que Miguel Angelo fôra encarregado pelo mesmo rei de uma obra de arte. Diz a carta datada de Roma a 30 de outubro de 1545: Michael Angelo mente todo o possivel co'a cousa de Nossa Senhora da Misericordia. Parece-me que quer dinheiro. Eilho de dar por concluir coele.

(Archivo nacional. Collecção Moreira, Quadro 2.º no fim.)

Francisco Henriques.—Em 1518 ou 1519 el-rei D. Manuel encarregou este habil artista (o melhor d'esse tempo, segundo o documento de que estrahimos esta noticia) de executar as importantes pinturas da Casa da Relação. Vieram sete ou oito pintores de Flandres, para o ajudarem, e a obra promettia grande actividade; mas ficou incompleta por causa da morte de todos, pois tódos caíram victimas da peste que então flagellava a cidade de Lisboa.

Francisco Henriques estava tambem pintando por esse tempo as bandeiras que deviam servir na recepção da rainha D. Leonor.

Tinha-lhe sido concedido o officio de arauto.

(Idem, Corpo Chronologico, parte 3.ª, maço 15.º, documento 13.º)

Garcia Fernandes.—Morto Francisco Henriques e os seus companheiros procurou el-rei quem o substituisse; mas como aquelle recebêra quantia superior ao trabalho feito, foi-lhe difficil encontrar pessoa que o quizesse concluir pelo dinheiro que faltava para a quantia de principio estipulada. Recorreu então el-rei a Garcia Fernandes e propoz-lhe que acabasse a obra n'estas condições e cazasse com a filha do fallecido Francisco Henriques, pois lhe daria, além de uma certa somma para occorrer ás despezas do cazamento, o officio de arauto, que ficára vago pela morte do mesmo. Tratando este enlace matrimonial, D. Manuel cumpria a promessa que fizera a Francisco Henriques, quando ao mandar-lhe que não saisse de Lisboa, apesar da peste, pelo muito desejo que nutria de ver prompta a Relação, lhe assegurou que, no caso de morrer do contagio, cuidaria da sua familia. Acceitou Garcia Fernandes as propostas d'el-rei e acabou as pinturas, menos tres paineis que o marido da ama de el-rei, por ordem d'este, lhe não entregou; mas vinte e dois annos depois ainda a palavra de D. Manuel não fôra satisfeita, como se mostra de um requerimento do mesmo Garcia Fernandes (de 16 de abril de 1540) a D. João III pedindo-lhe o logar de assellador do sal e pescado da alfandega de Lisboa, em compensação do officio de arauto e do dinheiro para o seu casamento, que el-rei seu pai lhe promettêra e não dera.

Garcia Fernandes foi encarregado por D. Manuel de outras obras, além d'esta, para Coimbra, S. Francisco d'Evora, Leiria, Montemor e para a India, assim como do retabulo de Santo Eloy de Lisboa, o qual não poude acabar.

(Idem.)

Christovão de Figueiredo.—Era pintor do cardeal infante D. Henrique, e foi um dos officiaes que trabalharam com Francisco Henriques nas pinturas da Relação, o que fez por mandado d'el-rei. Foi tambem companheiro de Garcia Fernandes em varias obras artisticas.

(Idem.)

Jorge Affonso.—Era cunhado de Francisco Henriques e pintor d'el-rei, pelo que tinha 10$000 réis de tença cada anno, na casa da Mina, como se vê de um recibo seu de 7 de agosto de 1516, e da sua carta de nomeação. Diz esta o seguinte: D. Manuel, etc. Sabendo nos quão sofyciente oficial he Jorge Affonso pymtor para todalas cousas que a noso serviço cumprirem, & e & avendo respeito aos serviços que delle temos recebido, & temos por bem e o filhamos ora novamente por noso pymtor, e queremos que ele seja examinador e veador de todalas obras de pymtura, que se para nos ou para hobra que nos ouvermos de pagar fizerem por alguns outros oficiaes de seu oficio, e asy nas que se ouuerem de avaliar elle seja por nosa parte avaliador, com o qual oficio queremos e nos praz que elle tenha e aja de nos, em cada hum anno, emquanto nossa merce for, dez mil réis e todos outros privilegios e liberdades que hão e sempre tiveram os semelhantes nosos oficiaes, & os quaes dez mill réis lhe serão asentados na nosa casa da mina, & e, allem deles, quando quer ho dito Jorge Affonso for chamado por noso mandado ou enviado algumas partes e nyso perder alguns dias, quando quer que tall amostrar, nos lhe faremos por yso aquella merce que justa for e nos bem parecer & Cintra 9 de agosto de 1508.

Esta carta foi confirmada por D. João III a 9 de de dezembro de 1529.

(Idem, Corpo Chronologico, maço 6.º, documento 27.º e livro 33.º da Chancellaria de D. João III, folha 76.)

Jorge Affonso exerceu o officio de Arauto Malaca.

(Idem, Cartas Missivas, maço 3.º, n.º 57).

Rainha D. Catharina.—O paragrapho da carta que abaixo transcrevemos e o rol que o acompanha não provam que a mulher de D. João III pintasse; mas o fervor com que é feita a encommenda e a pessoa que a faz levam-nos a suppôr, não sei se com muito ou pouco fundamento, que era para obra a que ella ligava particular interesse, pelo que pômos aqui o seu nome, se não como artista, ao menos como amadora.

A carta é dirigida a Balthazar de Faria, encarregado dos negocios de Portugal em Roma e deve ter a data de 13? de janeiro de 1545. É o paragrapho a que alludimos o seguinte:

Com esta vos mando hum rol de certas cousas que queria que me dela enviasseis, segundo vereis pelo dito rol, porque tenho delas muyta necessidade. Encomendo vos que procureis de as aver todas da maneira que per o dito rol se declara, e com tanta perfeiçam de cada huũa delas como ey por certo que os vós buscareys. E porque eu tenho necessidade delas e folgaria muyto de

me virem com brevidade, encomendo vos muyto que todas aquelas que poderem vyr por correo a boom recado e sem receberem dano, mas envieys por eles; e assy concertadas que não possam receber nojo. E as que logo folgaria de me enviardes he o oleo e as conchas de ouro e prata muyda. O dinheiro que tudo custar, que seram os setenta escudos de ouro como o apontamento diz, tomareys pera qua, e eu os mandarey logo pagar á pessoa a que a letra disser e no tempo em que declarar.

Segue-se o rol:

De Roma

Oleo de Saxa muito fino e verdadeiro pera pintar a oleo escolhido com algum bom pintor. E venha nũa aredoma liada muy bem;

Azul ultramarino muito fino pera pintar;
Lacra, e roxo, e sinopla de Veneza muito finos;
Verdes muito finissimos de toda las sortes;
Alvayde que chamam biacha muito fino e bianco;
Vermelhos muito finos e rosados;
Pretos muito finos;

E quaesquer outras cores que se em Roma acharem de pintar, e luminar, que sejam finas, assi per casas de pintores como na Strada do peregrino.

Item

Todas as sortes de colores pera pintar a fresco na parede, assi das compostas de esmaltes, como das de terra naturaes, em que entrem:

Azues muito finos e pavonazos;
Roxos e vermelhos de toda las sortes;
Verdes e ocres e gialos e pretos;
E toda las mais cores de pintar a fresco.
Duas duzias de conchas d'ouro moido;
Duas duzias de prata muida muito fresca e fina;
Quatro duzias de pinceis muito bem feitos pera pintar a fresco e a oleo.

E tudo isto em preço de setenta escudos douro, bem envolto em papeis e em pano encerado.

(Idem, Collecção Moreira, caderno 6.º)

RAMOS COELHO.

CHRONICA DO MEZ

O interesse que o publico tem mostrado este inverno pelos espectaculos novos dados nos theatros de declamação, não afrouxou com a abertura de S. Carlos. E não se julgue que a notavel affluencia de espectadores aos theatros portuguezes, provém da opera italiana estar abandonada pelo publico. A companhia lyrica, á excepção das damas Galleti e Marchisio e do tenor Massini, tem recebido demonstrações de desagrado tão violentas, que se espera que o governo intervenha de qualquer modo para pôr cobro ás hostilidades em que andam os artistas com a arte e a platéa com os artistas; mas nem por isso os espectadores têem abandonado os seus logares, de sorte que o theatro conta ainda hoje as enchentes pelas representações.

A concorrencia aos espectaculos de Lisboa póde attribuir-se ou ao consideravel augmento que ultimamente se tem observado na população fluctuante da cidade, ou então á grande folga de representações dramaticas que o publico teve no verão durante o qual estiveram fechados quasi todos os theatros. Á boa escolha dos espectaculos é que não se póde attribuir a influencia do publico pelo theatro, porque até hoje ainda não appareceu opera, comedia ou drama verdadeiramente notavel.

Em D. Maria II representou-se o drama — *Gusmão o bom*, traduzido em prosa pelo fallecido escriptor L. A. Rebello da Silva, da peça em verso, de Mery — *Gusman le brave*.

O publico recebeu-o nas primeiras recitas com applauso, mas não se mostrou enthusiasmado por elle. E, todavia, a intriga da peça é bem urdida e o dialogo tão portuguez e brilhante como o sabia escrever o auctor da *Mocidade de D. João V*. Comtudo a fórma e as molas sobre que assenta a acção, passam por antigas, e o publico geralmente não perdôa esse peccado senão ás peças que têem qualidades theatraes muito superiores.

O desempenho foi razoavel, distinguindo-se o actor Theodorico n'um papel muito apropriado ao seu genero artistico.

A comedia de E. Pailleron, traduzida pelo sr. Gervasio Lobato — *O outro fim* é formosissima e desempenhada com muito primor pelas actrizas Gertrudes e Falco, e pelo actor Brazão, unicos interpretes d'aquelle mimoso acto. Está perfeitamente ensaiada, sendo notavel a scena em que uma das actrizes muda de vestido n'um quarto de toucador, á vista do publico.

Verificou-se no Gymnasio o beneficio do actor comico Izidoro, muito apreciado por todas as platéas, desde as mais illustradas até as menos cultas.

Representou-se n'essa noite, pela primeira vez, a comedia em quatro actos, traduzida pelo beneficiado — *Castro & Filho*. É composição de uma simplicidade inoffensiva. A acção que nasce, se desenvolve e termina em quatro actos, podia facilmente concentrar-se, quando muito, em dois. Tem comtudo um final de acto perfeitamente calculado e de seguro effeito. Izidoro representa-o com talento. Os espectadores commovem-se repentinamente com o actor que até ali os tem feito rir, e não pódem deixar de romper em applausos quando, depois de correr o panno, avaliam todas as difficuldades d'aquella transição magnifica.

Taborda, que tambem entra na peça, fez um papel no genero das suas antigas creações, com muita naturalidade. Os demais interpretes foram bem.

N'essa mesma noite reproduziu-se a comedia — *Nas armas do toiro*, versão do hespanhol, em que o actor Izidoro é inimitavel.

Além d'estas peças, representaram-se, durante o mez, no Gymnasio, duas comedias em um acto — *O Diario do Governo*, traduzida do hespanhol pelo sr. Maximiliano de Azevedo e — *Um criado brioso*, traduzida pelo sr. Sousa Bastos da comedia franceza — *Le piège au mari*, já representada, ha tempos, em portuguez, com outro titulo. Ambas agradaram.

Como o diabo as tece é o titulo da nova opera comica da Trindade, traduzida do hespanhol com muito esmero pelo sr. Christovam de Sá.

O poema é delicadamente architectado, prestando-se a situações de bastante graça, mas de graça fina e comedida como é, em geral, a das altas comedias. Enriquecida por excellente musica do maestro Gaztambide e interpretada pelos artistas da Trindade muito regularmente, constitue esta peça um espectaculo agradavel, que desperta os applausos do publico mais illustrado, contentando menos os espectadores que preferem a graçola pesada aos ditos espirituosos e subtis, que não chegam muitas vezes a comprehender.

Nas demais casas de espectaculos só houve digno de menção o antiquissimo drama de espectaculo — *O almirante da esquadra azul*, traduzido do francez pelo sr. Eça Leal e representado no theatro do Principe Real.

A peça tem attrahido espectadores, apesar de não ser das que promettem sustentar-se por mais tempo em scena. As vistas pintadas pelos scenographos Procopio e Lambertini são de bom effeito.

Tenho occasião de fallar de varios livros que me foram enviados, entre os quaes figuram alguns de bastante importancia litteraria e um de verdadeiro interesse e utilissima coadjuvação para quem quizer occupar-se do estado de desenvolvimento em que se acha o imperio do Brazil.

Denomina-se este volume, nitidamente impresso na typographia nacional do Rio de Janeiro — *O imperio do Brazil na exposição universal de 1873 em Vienna de Austria*. Da situação geographica, extensão do imperio, constituição politica, agricultura, instrucção publica, industria, bellas artes, de tudo, emfim, porque se póde aferir a importancia, progresso e civilisação de um povo, nos falla scientemente o livro, elaborado por uma ou mais pessoas

profundamente conhecedoras do paiz, e que tiveram á sua disposição todos os dados estatisticos de que tão importante obra carecia. No fim do volume encontra-se um extenso mappa do imperio, appenso indispensavel em obra d'aquella valia.

É este livro, pois, um trabalho, por assim dizer, nacional, que faz, por todas as rasões, a maior honra ao imperio.

Tratando dos livros de litteratura amena que recebi, compete o logar de honra á primeira parte da obra que, sob o titulo de *Jornadas*, começou a publicar o sr. Thomaz Ribeiro. Este volume intitula-se *Do Tejo ao Mandovy*, e contém, como facilmente se presume, as impressões de viagem que o auctor experimentou quando, para ir exercer o logar de secretario do governo da India, saíu de Lisboa, seguindo por Hespanha, França e Egypto até fundear no rio que banha a capital d'aquella nossa tão celebre possessão asiatica.

O livro lê-se de um folego, tal é a facilidade com que está escripto e o interesse que desperta desde os primeiros capitulos. Encerra descripções formosissimas e conceitos preciosos, tudo illuminado por côres tão vivas e naturaes, que o leitor, durante o tempo que dedica a folhear a obra, acha-se como que assistindo ao desenrolar de um panorama grandioso e esplendido, tendo ao lado um amigo instruido e de espirito que tudo commenta, ora com o sorriso nos labios, ora com o fogo da inspiração na palavra.

E já que fallei de um livro que nos conduz tão agradavelmente, em espirito, aos palmares da India, permittam-me que lhes apresente o folheto publicado pelo sr. Candido de Figueiredo, contendo o episodio — *Morte do Yaginadatta*, extrahido do poema epico indiano — *O Ramayana* e traduzido em decasyllabos portuguezes com o perfume litterario que recendem sempre as obras de tão primoroso poeta. A versão é dedicada ao orientalista Max Muller.

O sr. Magalhães Lima tambem publicou, em folheto, alguns artigos que inserira ha tempos no *Diario da Tarde*, folha portuense, e na *Republica portugueza*, periodico de que é redactor. A esses artigos addicionou outros, escriptos, como aquelles, com a energia que revelam todas as suas obras e tendentes a ferir batalha entre as idéas avançadissimas que professa, e os principios que denomina de conservadores e a cuja influencia attribue alguns dos grandes males que affligem a sociedade.

O folheto do sr. Magalhães Lima merece ser lido não só pelos que militam no mesmo campo em que o auctor se collocou, porque hão de honrar-se com a camaradagem do estudioso escriptor, mas pelos que occupam logar nas fileiras contrarias, os quaes não desdenharão de certo medir suas forças com tão energico inimigo.

Amores malditos é o titulo de uma comedia-drama em cinco actos, original do sr. Cesar de Sá, representada em Coimbra no theatro de D. Luiz I e impressa n'aquella cidade.

Conheço a comedia pela simples leitura que fiz d'ella, mas não é esse, como se sabe, o melhor meio de avaliar as composições destinadas ao theatro. Entretanto, parece-me que o auctor tem vocação para a litteratura dramatica, porque na sua peça ha, se não estou em erro, bastantes condições de agrado. Pelo que me diz respeito, basta-lhe a recommendação de ser original para eu a applaudir da melhor vontade, não só como leitor, mas como espectador, se alguma vez tiver a fortuna de a vêr em scena.

Annunciar a publicação do *Almanach de caricaturas*, pelo sr. Bordallo Pinheiro e a do *Almanach das horas romanticas*, pelo sr. Manuel Macedo, é tempo quasi perdido, porque raros serão os leitores que têem a curiosidade de colleccionar estas publicações passageiras como um meteoro, mas, pela maior parte, brilhantes como este phenomeno, que não conheçam as duas referidas obrinhas. Estimo porém ter occasião de as citar, porque além do prazer de me referir a dois folhetos contendo graciosos desenhos e escriptos curiosos, experimento o de inscrever n'estas columnas dois nomes de artistas sympathicos e de experimentado talento.

No *atelier* do sr. Lupi encontram actualmente as pessoas que têem a satisfação de ser ali recebidas pelo distincto artista, tres retratos notaveis. Um é do sr. visconde de Castilho e os outros dois dos viscondes de Pernes. O do sr. visconde de Castilho é o que attrahe mais a attenção, não só pela similhança, mas pelo bom effeito geral da luz e colorido. Comparado com os outros dois, facilmente se conhece que elle é feito do natural, emquanto que os dos viscondes de Pernes são pintados de cór.

A expressão da cabeça do eminente poeta, o primor com que as mãos estão pintadas e a harmonia e socego que reina em todo o quadro, são as principaes qualidades que tornam recommendavel a ultima obra do sr. Lupi, obra que os amadores terão de certo occasião de vêr em exposição publica.

Agora uma pequena anecdota que prova mais uma vez como o nosso povo, até o das classes menos humildes, vive alheio a tudo que é bellas artes.

O notavel pintor castelhano Palmerol esteve durante o mez passado em Lisboa. Um dia tirou-se dos seus cuidados, deitou a caixa das tintas ás costas, pôz na cabeça um chapéo desabado e saiu de casa para ir pintar ao campo. Dirigiu-se a Cascaes. Ao atravessar, porém, a villa, reparou em que uma senhora elegante e bem vestida o chamava de uma porta. Aproximou-se e qual não foi a sua admiração quando, por algumas palavras trocadas entre ambos, percebeu que a senhora, em consequencia dos petrechos de pintura que elle levava comsigo, o tomára... por um vendilhão de agulhas e alfinetes!

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

—— Organisa-se em Bale uma exposição das obras de Winterhalter, fallecido ha pouco.

—— No mosteiro de S. Donato, Italia, descobriram-se ultimamente uns magnificos frescos do seculo XIV, que se attribuem a Agnolo Gaddi.

—— Aos 70:000 objectos, pouco mais ou menos, que figuram na exposição universal de Vienna, foram distribuidas nem menos de 26:002 recompensas, pois tal é a cifra a que subiram as menções honrosas, medalhas de progresso e de merito, diplomas de merito, medalhas de bom gosto, de arte e de cooperação que foram distribuidas. Estas 26:002 recompensas dividem-se em: 421 menções honrosas, 3:024 medalhas de progresso, 10:465 diplomas de merito, 8:800 medalhas de merito, 8:326 medalhas de bom gosto, 978 medalhas de arte e 1:998 medalhas de cooperação. O numero total das recompensas recebidas por cada paiz representado na exposição, é: Belgica 612, Brasil 202, China 118, Dinamarca 309, Allemanha 5:066, Egypto 75, Inglaterra e colonias 1:156, França 3:142, Grecia 183, Italia 1:908, Japão 217, Madagascar, etc. 10, Marrocos, Tunis e Tripoli 20, Mexico 1, Monaco 9, Paizes Baixos 284, Estados Unidos da America do norte 411, Austria (sem a Hungria) 5:991, Persia 29, Portugal 441, Roumania 238, Russia 1:018, ilhas de Sandwich 8, Suecia e Norwega 534, Suissa 722, Sião 1, Hespanha 1:157, republicas da America central e meridional 44, Turquia 470, Turkestan 1, Hungria 1:604. D'aqui se vê, que Portugal não foi, relativamente, dos paizes menos contemplados.

—— O celebre esculptor francez Carpeaux acaba de expôr o busto de Gounot, feito em terra cozida. O busto foi modelado em Londres.

—— A sr.ª Liotard, viuva do neto do celebre desenhador a pastel genovez Liotard, morreu ultimamente em Amsterdam, onde o marido exercia o logar de consul geral de Italia. Legou no seu testamento ao museu de Amsterdam *(Ryks Museum)* muitas obras notaveis de Liotard, figurando entre outras um pastel que representa a condessa de Coventry vestida á oriental. Esta obra de rara elegancia e distincção infinita, é muito superior á *Bella chocolateira* da galeria de Dresde.

—— Estevão Le Roy concluiu ultimamente a restauração da obra prima de Quintino Massys, do museu de Anvers, com igual felicidade á das suas admiraveis restaurações da *Elevação da cruz* e da *Descida da cruz*, de Rubens.



1967 — IMPRENSA NACIONAL — 1873



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

TENTAÇÃO

Quadro de Hermann Kaulbach

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



LISBOA—DEZEMBRO DE 1873

TENTAÇÃO



DIGAM o que disserem os seculares, ser leigo era bom, e foi pena acabarem os conventos, especialmente por acabarem os leigos. Eu entrava para o officio e... o leitor tambem. Compartia-se do mosteiro o que no seu refeitorio havia de salutarmente substancioso, e do mundo o que elle tinha de substanciosamente salutar. O que fazia bem ao corpo e ao espirito! Um pé na igreja e outro no mundo! De permeio apenas um parapeito. E como fosse maxima indispensavel da velha educação o *mens sana in corpore sano*, acontecia que os leigos conseguiam distender as pernas o bastante para ultrapassarem sem incommodo nem perigo os parapeitos, quando as pernas eram arrastadas pelos olhos e os olhos pela tentação.

Conta-se que um leigo, ao saltar de uma vez uma grade para ir no encalço de uma penitente formosa, com tamanha tentação e tão pouca gymnastica fizera o salto, que fôra bater com o peito no pavimento do templo.

Acudiu, ao baque do corpo, o frade director do culto divino, e o leigo, ao sentir que se aproximava alguem, começou a dizer como se se estivesse penitenciando:

—A minha alma mereceu esta dôr!

A dôr a que o leigo se referia era a que resultava da contusão na rotula da perna traiçoeira.

Ossos do officio. E que officios os não têem? Bons são elles, ainda hoje, quando os direitos de mercê, os emolumentos e o sêllo não pulverisam o osso já esburgado pelos que á mesa do orçamento se repastam na carne do estado! Os ossos do officio do leigo tinham siquer medula. Hoje, depois que se deu em trabalhar o osso para castões de bengala e botões, não ha osso que não seja ôco como tibia peruviana.

Vamos saber lá se o leigo da nossa estampa acabaria por penitenciar a rotula de qualquer perna menos firme.

Digamos que elle ía ás primeiras horas do dia renovar na alampada a luz que ao romper da manhã bruxuleava.

De repente, na penumbra da nave, ouviu ciciar.

—Olá! disse elle surprehendido. Passarinhos não entram á igreja, que não têem por onde!

Se realmente fossem avesinhas, iria buscar visco para lhes pôr armadilha. Não eram; era uma mulher que resava.

Seguindo o exemplo de um santo, que via para crêr, porque emfim os leigos tinham de seguir os santos exemplos em alguma cousa, deitou de esconso um olhar viscoso,—unicamente para ficar crendo com toda a segurança, como S. Thomé, que não eram passaros.

E deu-se pressa em accender a alampada. Vendo melhor, melhor devia crêr.

Viu.

Bonita mulher! Olhos no chão, mãos erguidas, cabellos por sobre as costas, e véo por sobre os cabellos.

—Magoas de amor! pensou o frade.

E eram.

E acudiu-lhe de repente esta tradição poetica dos seus tempos de rapaz:

> A nodoa que põe a amora
> Com outra amora se tira.

Fez rumor. Nada! A mesma devoção.

De uma vez, ao perpassar, ouviu distinctamente, nos labios da desconhecida, um nome de homem.

Zangou-se d'esta feita com a amora, por ella não ter pontualmente as qualidades dos sabonetes de alcatrão.

Quiz vingar-se. Bateu no hombro da desconhecida, e disse velhacamente:

—Eu queria fechar a porta.

ALBERTO PIMENTEL.

O GRANDE ANIMALISTA

(Conclusão)



GLORIOSO e significativo facto!

Elle, um simples retratista de cães, no meio dos esplendores venerandos, das velhas opulencias, das fidalguias tradicionaes das escolas do norte e do sul; ao lado dos Van-Eych, de Durer, de Van-Dyck, de Rembrandt, de Cimabue, de Fiesole, de Rafael, de Murillo, de quantas magestades da arte puderam os brios inglezes congregar no seio da industrial Manchester!

Elle, um simples pintor de animaes, abrindo a sua illiada dos *Terra Nova;* a sua Odyssea suave e modesta dos bois; os seus poemas e os seus dramas dos curraes e dos campos; — junto, ao lado, a par dos santos anciãos espalmados nas magnificencias do Bysantino; das virgens esguias e mysticas do Gothico; das idealidades pagãs e sensuaes da Renascença; dos Christos cheios de tristezas e reprehensão; dos papas, dos imperadores, dos reis; das espadas flamejantes dos heroes, das lendas escuras do mal, das estrophes luminosas da crença e do amor, estampadas pelo genio na eterna epopea da arte!

É que esta, como Antheo, tocou uma vez mais o seio uberrimo da natureza, sua mãe, realentando a pujança para as novas luctas e evoluções da alma social.

É que ella, — esgotada a crença e aspirar mystico, baqueadas as velhas instituições, apagados os esplendores dos velhos ideaes, abandonadas as inspirações de outras eras e de outras sociedades, — entrou com a alma moderna nas regiões vivificadoras, jocundadas, illimitadas da verdade da vida e da harmonia universal, das concepções, das relações, das explorações positivas do grande e eterno drama da natureza.

Quando Darwin procura na serie animal e Hœckel no transformismo da vida organica, os traços genealogicos do homem; quando a psychologia humana se prende ás revelações desprezadas da psychologia da *besta,* e entra definitivamente no largo quadro da phenomenalidade biologica; quando o sentimento e a idéa deixam de ser um privilegio do homem ou passam a fazer parte da serie physiologica dos organismos, — sem que a vida humana deixe de occupar o ponto extremo e culminante, conhecido e actual, da serie; — a arte sincera, a arte honesta, a arte sciente e conscientemente contemporanea, emfim a verdadeira arte não póde ficar-se na servil adoração dos altares que ruiram de ha muito, no serviço humilhante dos privilegios que se foram, na imitação systematica dos modelos que deixaram de ser, na exploração dos ideaes a que falta a contemporaneidade da idéa, — porque a verdadeira arte é manifestação expontanea, natural da consciencia; é contemporanea d'ella, por conseguinte, não póde desmentil-a nem impôr-se-lhe, é um producto, uma elaboração, uma revelação fatal d'ella; e na consciencia moderna não existe já a fé n'esses altares, a comprehensão d'esses privilegios, os canons que davam esses modelos, as idéas que produziam esses ideaes.

A pintura ingleza, — porque ha uma arte ingleza e até uma escola ou muitas escolas inglezas, de que n'outra occasião fallaremos, — nasceu ou começou a ensaiar o vôo proprio e original, quando a inspiração artistica, resultante da evolução da alma social, ia já entrada n'este caminho positivo, naturalista. Hogarth, um dos patriarchas, é principalmente um caricaturista: tem o *humour* caustico, o riso escarnicador dos periodos da desillusão, da analyse e das decadencias dos velhos ideaes e das velhas crenças. É uma especie de Rabelais da pintura. Elle *analysa* a belleza: — é uma obra não do seu pincel mas da sua penna; — *analysa,* vêde bem, — analysa o bello, — esta entidade metaphysica, quasi mystica, que alguns pobres sujeitos do nosso tempo querem ainda que seja *inanalysavel,* indescutivel, inimitavel, incomponivel, absoluta.

Joshua Reynolds, outro patriarcha, — é um retratista.

Gainsborongh, — outro ainda, — tem em si, constantemente, como observa Burger, — a importunação, o tormento da natureza e dos meios de a exprimir sinceramente. Como dizia o seu amigo Reynolds, «o seu talento não tem nada de academico ou de antigo: pertence todo á grande escola da natureza.» Elle não quiz nunca tratar assumptos heroicos e mythologicos.

«Em qualquer parte que se achasse», — diz ainda Burger — «elle estudava as particularidades, as combinações accidentaes da figura humana, os effeitos de luz e de sombra no céo e na terra. Quando, em passeio, encontrava algum individuo que o impressionava, inventava qualquer meio de o attrahir ao seu *atelier.*»

Voltemos porém a Landseer. O logar que elle occupou em Manchester não lhe foi contestado. Waagen, considerava-o já por aquelle tempo a par dos maiores animalistas de todas as escolas passadas. Um dos melhores quadros que elle expôz ali foi o intitulado «Filhos do nevoeiro» *(Children of the mist),* pertencente a Joseph Mill. «Estes filhos do nevoeiro, — diz o critico citado, — são uns cervos que bramam n'alguma cumiada de uma montanha da Escossia, no meio das nuvens. O effeito é admiravel e eminentemente poetico.» Uns quinze a vinte Landseer acompanhavam este: os seus felizes proprietarios eram W. Wells, J. Bickerstaff, John Naylor, Jacob Bell, J. Watts Russell, Sir P. M. de Grey Egerton, general C. R. Fox, conde de Essex, marquez de Breadalbane e rei da Belgica. A rainha Victoria não enviou os seus, que eram dos mais afamados.

Na exposição franceza de 1855, — Landseer conquistára já, como dissemos, a consagração europea, no meio dos primores da arte moderna de toda a Europa. Como infelizmente as gravuras dos quadros do illustre animalista são quasi tão desconhecidas como elles em Portugal [1], vou transcrever de Gautier a descripção de alguns dos que maiores applausos receberam n'aquelle vasto congresso artistico.

«Os *Animaes na Ferraria,* — dizia Gautier, — são, pela dimensão, o quadro mais importante que Landseer

[1] As *Artes e Letras* publicaram já em o n.º 3 do 2.º anno (1873) uma formosa gravura do *Stag at bay.* Tenho deante dos olhos reproducções de quatro Landseer dos melhores em magnificas gravuras de Beckwith, Outrin e Cousen. Recommendo-os aos amadores: são *Highland Music, High-life* e *Low-life* (um cão fidalgo e um cão plebeu), *The cavalier's pets* (dois cachorrinhos) e *The death of the stag* (a morte do veado). Este ultimo fórma um bello *pendant* com o reproduzido já n'este periodico.

enviou á exposição universal. A composição é muito simples. N'uma loja de ferrador, cujas paredes escurecidas pelo fumo e pelo pó do carvão formam um fundo de uma neutralidade favoravel, um cavallo baio, de pello assetinado e scintillante, de fórmas cheias e arredondadas, deixa resignadamente trabalhar n'um casco um ferreiro e volta a cabeça como que seguindo o trabalho que o interessa. Junto d'elle, um pequeno burro ao qual a mocinha que o conduz, Titania rustica ornando o seu Bottom, pôz na orelha uma flôr vermelha, espera a sua vez com um ar tranquillo e modesto; Sterne não escolheria outra cavalgadura para Maria, nem Janin para Henriqueta; um cão magro collocado no primeiro plano parece apanhar no ar as lascas do casco que o seu dono tira; junto da porta aberta um melro na gaiola canta ao céo azul. Nós, os francezes, desejariamos uma pasta mais alta, um toque mais firme, um desenho mais severo; mas que encanto, que sentimento!

«É um curioso quadro de costumes,—interessante como uma pagina roubada a Walter Scott,—a *Partida dos conductores de gado para o sul;*—os rebanhos agrupados, bois de diversas côres, carneiros de chifres retorcidos como os de Jupiter Ammon, vão metter-se a caminho, e descer das alturas ás planicies; já alguns grupos estão em movimento e tomam a dianteira;—é o momento dos adeus:—o poney branco esperando que o dono lhe salte para a sella, inclina a cabeça para o solo e trata de apanhar algum pedaço de herva com a extremidade do focinho; as mulheres abraçam os seus maridos ou os seus noivos; um velho carrega philosophicamente o cachimbo, emquanto lhe enchem o chifre de wiskey; um rapazito,—muito novo para comprehender já as melancolias da partida,—mira um pequeno cão ladrando a uma gallinha que o ameaça, furiosa, com o bico e cobre os pintainhos com as azas.

«Nos dois extremos da vida a mesma indifferença.

«Ha mil pequenas minudencias n'este quadro encantador, cujo primeiro pensamento tem algumas relações com o do quadro de Leopoldo Robert, a *Partida dos pescadores do Adriatico.* Mas que differença no effeito produzido!

«Não é a dôr, o desalento profundo, as frias tintas do outono, mas uma tristeza que magôa o coração como um presentimento, mas uma tristeza ligeira sorrindo atravès das lagrimas que a esperança do regresso dissipa. O céo claro, salpicado de alguns flocos de nuvens não faz ameaça alguma sinistra;—os longes azulados alegremente sob um raio de sol;—e depois, segundo o seu habito, Landseer deu o logar de honra aos animaes e o homem não é na sua téla mais do que um accessorio.»

«O *Almoço na montanha* é uma bella idéa traduzida da maneira mais graciosa. A scena tem por theatro uma das pobres cabanas dos *high landers:* uma barraca de madeira, de taipa e de pedras, ao lar sem chaminé e saindo pelo tecto o fumo, está pendurada uma cadeia para o caldeirão;—uma luz diffusa entra por uma fresta;—a casa não é esplendida, mas não se morre de fome ali;—está posta a mesa para todos. Uma deliciosa rapariga, vestida de azul e com uma pequena touca de percal branco, dá de mamar a uma creancinha sobre a qual se inclina amorosamente, e faz brilhar na sombra o delicado perfil argentado de suaves reflexos. Eis um que almoça! Em redor de uma celha mexem-se cinco cães de raças e pello differentes mas de igual avidez, que mergulham n'umas abundantes sopas os focinhos curtos ou afilados, ruivos, negros ou amarellos;—dois ou tres cachorrinhos mamam na mãe, que não perde bocado. Cada qual governe-se.»

Fiquemos por aqui na transcripção que longo vae já o artigo.

A maioria, senão todos os quadros de Landseer estão reproduzidos pela gravura. A popularidade immensa do illustre animalista, a procura extraordinaria das reproducções dos primores saídos do seu lapis e do seu pincel, fizeram-n'o victima por vezes de abusos e mystificações por parte do industrialismo dos editores. Citaremos um facto. Sob os titulos de *Coming Events.—The Huntsman and Hounds. Engraved by H. T. Ryall from Drawings by E. Landseer R. A.,* publicou em Londres em 1850 um editor, J. L. Grundy, duas gravuras, de uns desenhos feitos por Landseer para o album da condessa de Blessington, a tinta da India, que o illustre animalista não pensára em que vissem a luz publica e que não passavam de uma insignificante offerta de amisade, feita n'uma hora de desleixo ou de importunação.

Para que se avalie o atrevimento da exploração basta vêr a maneira por que ella se systematisára.

HUNTSMAN AND HOUNDS,—artist'proofs;—*two guineas.*
Fac similes, in tints;—*one guinea.*
Print;—*half-a-guinea.*
COMING EVENTS,—artist'proofs;—*two guinea.*
Proofs before letters;—*one guinea.*
Prints;—*half-a-guinea.*

Mas se o nome de Landseer enriqueceu muitos, não é menos certo que o seu eminente talento lhe adquiriu uma excellente *fortuna,* como se costuma dizer.

A *maneira* de Landseer é desigual e ao seu processo apontam-se defeitos importantes. Elle não era um colorista e muitas vezes o seu desenho peccava por incorrecto e falho de largueza perante os canons academicos. Mas era um genio eminentemente artista, um compositor,—porque não dizer assim?—admiravel, um psychologista dos animaes como poucos apresenta a historia da arte. Elle retratava com uma naturalidade inexcedivel não só as fórmas,—o que seria pouco,—mas os habitos, os movimentos, os instinctos, a alma da pobre e desdenhada *besta.*

«Dizei a Landseer,—escrevia em 1855, o illustre critico francez que temos citado,—«dizei a Landseer... que os animaes não têem alma e não pensam, e vereis como elle vos recebe apesar da sua delicadeza de *gentleman.* Não poderá conter-se e deixar de vos collocar, por tal absurdo, muito abaixo d'aquelle asno que tem tão gentilmente na orelha uma flôr vermelha, do seu quadro da «Ferraria.»

«Landseer dá aos seus queridos animaes a alma, o pensamento, a poesia, a paixão. Fal-os viver uma vida intellectual quasi similhante á nossa; se ousasse, tirar-lhes-hia o instincto para lhes dar o livre arbitrio; o que o estimula não é a exactidão anatomica, os toques peritos, a solidez da pasta, a mestria do toque: é o proprio espirito do animal, e sob este ponto de vista, ninguem o igualou; penetra o segredo d'estes cerebros obscuros; sabe o que faz pulsar estes pequenos corações inconscientes; lê n'aquellas pupillas sonhadoras o vago assombro que lhes produz o espectaculo das cousas. No que pensa o perdigueiro junto do lar, o carneiro que rumina sobre os joelhos dobrados; o veado erguendo para o céo o focinho negro e lustroso d'onde pendem os filamentos da baba?

«Landseer contar-vol-ha em quatro pinceladas. Está na confidencia dos animaes: o cão dando-lhe com a pata como n'um camarada, recita-lhe a gazeta do canil; o carneiro movendo o olho pallido, bala-lhe os seus pezares innocentes; o gamo, que tem o dom das lagrimas como a

mulher, vem chorar-lhe no seio a crueza do homem; e o artista consola-os como póde, porque os ama com uma ternura profunda e não tem pelos seus pezares o desdem do tolo.»

E assim é que Edwin Landseer, cuja morte o telegrapho acaba de noticiar-nos foi um dos mais pujantes, dos mais originaes, dos mais sympathicos e dos mais honestos artistas dos nossos tempos: um verdadeiro artista.

LUCIANO CORDEIRO.



Edwin Landseer

A GUARDADORA

Destemida e robusta.

O cão emprôa-se-lhe ao lado com um certo geito de valentia serrana, mas ella nem presente o perigo, nem sequer o receia. Tem os pés na terra e os olhos n'uma difusão amortecida.



Levanta-se cedo, quando ainda luz a estrella boieira, e parte para o campo, com o rebanho a saltitar na herva humida.

Devia ter sido bonita.

Os cabellos são rijos, mas fartos, a musculatura sadia e possante, o collo magnifico a pedir o afogador de dois braços cariciosos. Fórmas amplas, seio dilatado pelo ar da montanha, todos os espiritos feminis a despertarem, acordados pelo estimulo das sebes, — e depois a contemplação da natureza, desde que os musgos tremem, até que os astros scintillam...

Por isso ella está melancolica!

É só, quasi só, pelo menos assim a consideram.

Vae pouco á aldeia, conhece muito de longe as raparigas, e quando todas se enfeitam ao domingo, para

assistirem á sua missa piedosa, ella, como outr'ora em Chaldêa, fica-se a mirar as nuvens que corôam os pincaros e que tão perto estão do céo.

Ás vezes, — mas essas poucas, lá lhe dão tarefas de recovagem, e então, com o seu pacotinho de missivas, dirige-se ao povoado, por uns ceitis que recebe.

Industrias com que se ajuda a vida!

Talvez d'aqui lhe venham tambem aquelles ares sentidos.

Cartas... cartas, o que dirão ellas, se virão de longe, e com que olhos serão lidas?... Fica-se então queda um pedaço, como está agora, até que os fumos se dissipam.

Costumou-se áquelle viver selvatico e aspero; nem os frios a inteiriçam, nem os calores a aljofram. Quando chove muito acoita-se n'alguma cavidade da rocha ou sob a ramada espessa dos azinheiros, e ahi fica a vêr de longe o almalho, que tosa pelas encostas, sacudindo os vellos a miude.

Ora por aquelles desvios não é só ella que apparece.

Os gados são por ali muitos, e a verdura cresce em bamburraes soberbos.

Um dia o cão, o *Fiel,* pôz-se a latir, a latir, como quem via inimigo. Do largo respondeu-lhe outro ladrar roufenho. Os carneiros que andavam dispersos aconchegaram-se previdentes, e a guardadora subiu a pequena eminencia, para saber o que era de novo.

N'isto viu descer a quebrada outro rebanho, e atraz d'elle um rapagão espadaudo.

Não se lembrou de o já ter visto. Pouco importava.

As montanhas familiarisam-se.

— «Cala-te, *Fiel!*» — disse a rapariga ameaçando o rafeiro.

O de lá fez um movimento ao cajado, que vinha a dizer na sua:

— «Deus vos salve!» —

O homem seguiu para o outro lado dos campos, e ella deixou-se estar como d'antes.

Todos sabem que os pastos escassêam. O pastor é originariamente peregrino. Tem que caminhar sempre, caminhar muito, para que as ovelhas se lhe não tracilhem. Foi o que succedeu a estas. Devoraram tudo, até as ultimas folhas que viçam por entre os tojaes do mato.

Era preciso ir em busca de novos pastios. Como ella era cuidadosa no seu mester, disse comsigo e ás companheiras:

— «É mudar de sitio, que n'este nem malmequeres amarellejam!» —

Viria isto a significar que era de seu uso esfolhal-os?

Quem sabe!

O caso é que se aproximou do outro rebanho.

Os cães rosnaram a principio desconfiados, mas com o seguir do tempo já se comprimentavam n'uma grunhidura mais dôce, até que acabaram por se tornar amigos.

Sejâmos modestos: o exemplo colhe-se em tudo. O homem tem a estulticia de querer primar sobre a creação inteira, mas ás vezes até n'um insecto acha um mestre.

Se os cães se juntavam, porque não fariam o mesmo os guardadores?

D'aqui tinha que saír naturalmente a ecloga.

Nem Almeno e Belisa.

Conversavam muito, um conversar em monosylabos truncados, que não é de certo o dos vates bucolicos, mas que o coração d'elles entendia, e com o qual se deleitava.

Quando o sol descaía por detraz dos montes, e logo apoz elle *a escura claridade das estrellas,* como diz Bernardim Ribeiro, lembrava que era já tempo de se acolherem á arribana, os dois punham olhos um no outro, com aquella brandura intensa das saudades, e tomavam o rasto da casa.

Isto é o que o luar via, sem que o desmentissem as sombras!

Agora está ella inquieta. O cão presentiu rumor e endireitou-se logo. Como é dia fóra e bem nado, é de crêr que o companheiro se avisinhe.

Por isso aquelle olhar ficou languido.

Se por ali passasse Guarini, o poeta do *Pastor Fido,* repetiria com certeza:

> — «Pasce le verdi erbette
> La greggia a lei commessa, ed ella pasce
> De' suoi begli occhi il pastorello amante.»

Que Deus t'o traga e sem delongas, minha guardadora pensativa. Que has de tu fazer na solidão d'esse escampado? Povoal-o de alguma cousa boa, de alguma visão de oiro, de algum sonho, ou, se quizeres, — lembra-te dos silvanos, das dryades, das hamadryades, das querquetulanas, e deixa, pobre rapariga, deixa que o amor te transforme essa campina... em qualquer pedacinho da Arcadia!

E. A. VIDAL.

A ALCOVA

Atravez das cambraias transparentes
E sobre o azul papel cheio de lyrios,
Vê-se do Christo os olhos innocentes
E a cabeça crivada de martyrios.

Murcham n'um jarro de ideal opala
As rosas do Japão e as margaridas:
Pairam no ambiente as auras adormidas,
Que a aza dos sylphos pela noite exhala...

Sobre o tapete branco ao pé do leito
Vê-se uma fita... além vê-se a botina...
Uma botina cujo molde estreito
Diz que é do céo o pé d'essa menina.

E o travesseiro então? E os alvos folhos
D'esse lençol em que ella scisma e gosa,
Quando do somno a garra carinhosa
Cerra a cortina de seus negros olhos?

E é tal o encanto d'esse puro ambiente,
E é tão profundo esse bemdito encanto,
Que a alma ao entrar ahi, a um tempo sente
Ondas e ondas de sorriso e pranto.

E como os crentes, que da falta isentos,
Libam as auras d'uma vida nova,
Quem atravessa a porta d'essa alcova
—Casta morada de alvos pensamentos; —

Quem vê do Christo a fronte omnipotente,
A cruz eburnea, os cravos sacrosantos,
Nos olhos baços os gelados prantos,
Na terna bôca a perola cadente;

Pensa no dia do final juizo,
Farto de auroras, de delicias farto:
E não sabe se aquella alcova é um quarto
Ou se esse quarto é já o Paraiso.

Rio de Janeiro, 1873.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

VIAGENS PELO INTERIOR DO BRAZIL

VIII

Nova terra da promissão.—Expedição ao rio Tucuruí.—Os meus tapuios.—A Jutahycica.—Indias domesticas.—O portuguez Ferrugem.—Caçada.—Viagem atravez da floresta virgem.—As onças.—A picada perdida.—Chegada á aldeia dos indios jurunas.—Usos e costumes d'estes selvagens.—Descida pelo Xingú e salto da Cachoeira grande.

Como a maior parte dos indios do Brazil, costumam os jurunas metter os seus mortos em vasilhas de barro, umas vezes sem os queimar e outras depois de terem reduzido os corpos a cinzas. Quando os não queimam, enterram o vaso em que recolhem o cadaver n'um logar commum, denominado *tibicoára* (de *tibi,* jazigo, e *coára,* buraco); alguns enterram-n'os dentro da propria habitação; e raros os guardam, para levarem comsigo quando mudam de residencia, como fazem varias tribus do alto Amazonas.

Eram tão vagas, confusas ou absurdas as poucas idéas que conservavam de sua antiga theogonia, que eu nada pude apurar d'ellas que se me fixasse na memoria. Os conhecimentos que tinham do christianismo não eram mais accentuados nem mais claros, apesar de não se ter ainda extinguido a geração que vivera em contacto com os missionarios! Lembravam-se da cruz, sem saberem o que significava; e alguns velhos, deante dos quaes eu me persignei, imitaram-me o gesto, rindo estupidamente. Apesar de similhante ignorancia, Ferrugem affirmou-me que muitos d'elles tinham sido baptisados antes da revolução dos cabanos!

Excessivamente dados á embriaguez, praticam durante ella actos da mais torpe sensualidade, sem respeito por nenhuma lei humana ou divina; não é raro matarem-se uns aos outros n'essas occasiões pela mais pequena rixa. As bebidas de que usam com maior frequencia são caxiri, guariba e payuarú, feitas da mandioca; vinhos de cajú e aipy; e ainda outros, de varias fructas silvestres. Tambem provocam a bebedeira fumando as folhas torradas de uma leguminosa, chamada por elles paricá *(Mimosa acacioides,* Bth.), que são inebriantes como as da *cannabis indica,* com que os orientaes preparam o hachisch.

A pedido de Ferrugem, obsequiaram-nos com uma das suas danças guerreiras, especie de pyrricha grotesca, em que simulavam lutas e combates, ora parciaes, entre duas ou tres pessoas, ora geraes, entre muitas. Apesar das figuras estupendas, das visagens, contorsões e gritos dos luctadores havia o que quer que fosse de grandioso e heroico na liberdade dos seus movimentos, no impeto com que arremettiam uns aos outros e na força e destreza que todos revelavam. Infelizmente, ou por ser esse o costume ou porque a falta do inimigo lhes não pudesse alimentar o ardor marcial, íam a miude procural-o aos potes, onde guardavam os vinhos; e em poucos minutos a embriaguez incutiu-lhes furor verdadeiro e principiaram a aggredir-se sériamente.

O meu compatriota, que lhes sabia das manhas, tinha tido a prudencia de impedir que o chefe e alguns dos seus logar-tenentes bebessem com grande enthusiasmo; e conseguiu que estes fizessem parar a dansa, dando nova direcção á furia dos contendores. Tornaram-se inauditas, repugnantes, nauseabundas e impossiveis de descrever as scenas que se seguiram! As mulheres, que assistiam ao combate, atiçando os combatentes, foram então forçadas por elles a tomar parte no resto do espectaculo, de um modo que me obrigou a velar o rosto!...

Mas, que poderia esperar-se de individuos creados quasi como irracionaes, dominados pela embriaguez?! Eu ignorava a esse tempo a historia da revolução franceza; porém, quando a li, mais tarde, reconheci com horror que na Europa havia povos capazes de se mostrarem, em certas circumstancias, moralmente inferiores aos jurunas. As atrocidades commettidas em Paris, no mez de setembro de 1792, as torpezas e as matanças auctorisadas por miseraveis, a quem alguns historiadores chamaram homens de estado (!) deixam a perder de vista todos os selvagens e todas as selvajarias antigas e modernas!

Antes de concluir estas breves noticias, ácerca dos costumes e usos dos jurunas, repito, que, apesar de tudo, aquelles indios são muito susceptiveis de se civilisarem; aprendem com pasmosa facilidade tudo que se lhes ensina; têem extraordinaria aptidão para as artes e officios, e até mesmo para a musica! No estado inculto fabricam as suas canôas, auxiliados apenas por um machado (que antes do commercio com os brancos era de pedra!) e acabam-n'as com tanta perfeição, que parecem trabalhadas com a plaina e a lixa! Depois de mansos, tornam-se excellentes carpinteiros, marceneiros, e, como o geral dos tapuios, têem tão apurado ouvido que tocam na viola as musicas mais difficeis, unicamente pelas verem e ouvirem tocar a outros!

Isto parece confirmar a opinião de que a maioria das tribus do Pará e Amazonas descende das raças superiores, que fundaram as antigas civilisações do Perú e do Mexico e que a invasão obrigou a deixar o solo natal para se internarem nas solidões sombrias e profundas do Brasil. A vida dos bosques embruteceu-as e aviltou-as.

Os esplendidos vestidos de pennas de arara, papagaio e tucano, que usa cada chefe, nos dias de grande cerimonia ou nas occasiões de combate, não serão, por ventura, a ultima reminiscencia de sua passada grandeza?... Já disse que os jurunas andam inteiramente nús; porém, essa circumstancia não impede que sejam apaixonadissimos por adornos de toda a especie. Depois das armas e ferramentas nada estimam tanto como alguns fios de missanga. Com elles fazem pulseiras, que usam indifferentemente nos braços e nas pernas, tecidas com pennas curtas e finissimas do peito do tucano *(Rhamphastos discolorus).* Todos os enfeites brilhantes os seduzem; e muitos andam com as gargantas cobertas de collares de insectos, beija-flôres, dentes de cotias, de inimigos mortos em combate (!) e de caroços de palmeira polidos. Durante a guerra o chefe veste-se de pennas; cobre-se com a pelle de uma onça, a que deixára pegada parte da cabeça e queixo para lhe servir de capacete; pinta-se de novo, arranjando-se de modo que pareça bem horrivel, para metter medo aos adversarios. Os seus guerreiros renovam igualmente as pinturas e põem sobre si tudo quanto os possa tornar terriveis e medonhos. Essas pinturas não são porém arbitrarias; é por ellas que se reconhece cada tribu; e ter-se-hia como covarde aquelle que as supprimisse ou não avivasse no momento do perigo. São feitas com tintas de genipapo *(Genipa brasiliensis,* Mart.), muruxi *(Byrsonima verbascifolia?)* anil e murta. Por armas levam arco, frechas com ferros de osso, de ferro, e de taboca *(Arundo);* estes têem feitio de punhal, com dois gumes finissimos, e denominam-se *tacuáras.* Ao pescoço penduram uma especie de espada ou maça acha-

tada, de páu mui rijo, a que chamam *tacápe* ou *tangapema*. Embraçam escudos, de fórma eliptica ou quadrilonga, feitos de coiro de anta e forrados com taboca. Alguns servem-se tambem de lanças de arremesso, de madeira quasi tão pesada e resistente como o ferro.

Disse que elles não tinham conhecimentos religiosos; devo, porém, mencionar que em todas as tribus do Pará e Amazonas ha um charlatão chamado Pagé ou Piaga, que é o sabio por excellencia. Comquanto o vocabulo tupy signifique litteralmente—feiticeiro—o individuo a que elle pertence era, no tempo em que as tribus hoje degeneradas conquistaram o Brazil, o sacerdote do seu povo; depois, foi-se convertendo em augure; desceu, mais tarde, a simples feiticeiro; e hoje contenta-se com o papel de curador ou medico, e com o de cantor da tribu durante a guerra. É elle quem conduz, ao lado do chefe, o *maracá* sagrado (especie de chocalho feito de cabaço), que é um dos distinctivos do poder e tem sobre os indios a influencia que exerce a bandeira nos regimentos de soldados. Durante o assalto, o Pagé agita com furia o maracá, e canta os feitos heroicos da nação, descrevendo o modo porque ella costuma tratar os inimigos e ameaçando com o exterminio immediato aquelles com quem está pelejando.

Ferrugem tinha-me affirmado que os jurunas não comiam os seus prisioneiros e que nem sempre os matavam, salvos os casos de represalias. Interpellado novamente por mim, quando eu os estudava, tornou-me sorrindo:

—Roguemos a Deus que nos livre de nos vermos em circumstancias de experimentar a sua magnanimidade!

—Não crê que elles deixassem inteiramente de ser antropophagos?

—Creio que o não são, em geral; mas... tenho-os visto comer bichos horriveis, crus, nojentos!... e o selvagem é tão caprichoso nos seus appetites! Francamente: os jurunas não costumam comer os seus similhantes; mas são homens... e eu julgo os homens capazes de tudo.

—Tambem os civilisados?!

—Sobretudo os civilisados.

O modo e o tom com que foram proferidas estas palavras atterrou-me. Se uma pessoa de juizo, um philosopho consumado, emittia aquella opinião é porque tinha razões para isso. Os sujeitos que eu considerava como glorias da terra eram pois peiores do que os jurunas! Os grandes oradores, os poetas illustres, os sabios de todos os tamanhos estavam abaixo dos gentios do Xingú!

—N'esse caso—dizia eu comigo—não tenho nada que fazer fóra d'estes bosques? Foi a Providencia quem me inspirou esta viagem; vou inscrever-me juruna e estudar a maneira de me sarapintar menos horrorosamente do que elles. Sendo os civilisados peiores...

—Ámanhã de madrugada vamos embora—disse Ferrugem, interrompendo as combinações que eu mentalmente fazia.

—Como é isso?! Vamos?! Bem... n'esse caso...

—Quer demorar-se mais tempo?

—Não; parecia-me que... sendo a civilisação peior do que a barbárie, poderiamos muito bem ficar aqui para sempre.

—Ah! meu caro amigo!... nas occasiões de perigo todos os marinheiros juram que não tornarão a embarcar; e apenas chegam a terra, impacienta-os a demora de se fazerem novamente ao largo! Quem sabe se eu me deixarei morrer nas solidões do Tucuruí ou se trocarei ainda a barraca solitaria do tapuio improvisado pela vida das cidades?!

Mordeu o cachimbo e voltou o rosto, provavelmente para impedir-me de lhe vêr uma lagrima.

Era um homem extraordinario em tudo aquelle bom Ferrugem!

Fizemos as nossas despedidas ao chefe e aos seus amigos. O meu compatriota comprára um excellente ubá, dentro do qual embarcámos as mercadorias, que tinhamos adquirido por troca, e os presentes que nos deram os gentios; preparámos tudo para saírmos com o romper da lua, a fim de chegarmos de manhã cedo ao salto da cachoeira.

Agapito foi despedir-se de nós antes da noite. Os tapuios dormiram no ubá, por cautela, para impedir que alguns dos gentios não fossem ali buscar o que outros nos tinham dado ou vendido.

—Então, adeus até á vista?—nos disse Agapito, da porta do tejupar.

—Que é isso?! Não entra?—perguntou Ferrugem.

—Não lhes quero tomar tempo.

—Nem o quer perder, provavelmente? Dá-se bem com os costumes da terra, hein?

—Parece que foram inventados de proposito para mim!

—Tome cautela!...

—Não ha de haver novidade.

Ferrugem piscou-me o ôlho e continuou:

—Por ora, não; mas, depois da nossa partida... quando ficar só... Alguns d'estes, que parecem agora mais amigos, são os menos certos.

—Que me diz?!

—Digo-lhe, que os conheço muito. Fingem não ter ciumes e são uns tigres!

Agapito começou a tremer e entrou na barraca.

—Esperam occasião, e... de repente...

—De repente?—interrogou Agapito pallido como um defunto.

—Zás!

—Zás?!... o quê?!

—Frechada na barriga.

—Ai, ai!

O misero saíu a correr, emquanto nós ríamos a bandeiras despregadas. Poucos instantes depois voltou elle, com a rede ás costas.

—Tambem parto; já botei no ubá todas as minhas cousas e venho dormir para aqui até a hora do embarque.

—Não póde ser!—lhe gritou Ferrugem, rindo cada vez mais. E a descida dos gentios? Se vossê parte, quem ha de acompanhal-os?

—Não quero saber d'isso. Baptisem-se ou morram pagãos, como quizerem; comtanto que eu parta!... Ciosos como tigres!...—murmurava elle.—E... zás! Frechada na barriga!...

Temendo que se perdesse o fructo da nossa penosa viagem, Ferrugem confessou-lhe que tinha estado a gracejar e que se demorasse para ir com os indios; não houve logica que o convencesse! O meu compatriota viu-se obrigado a ir fallar novamente com o chefe juruna, dizendo-lhe que Agapito se resolvêra a partir tambem, a fim de participar pessoalmente ao seu superior os resultados da sua missão; e que confiava que este facto não prejudicasse a proxima descida d'elle e dos seus, como estava combinado. O chefe, que estava de boa fé, concordou com a partida do mameluco, protestando que não faltaria ao promettido; e lealmente cumpriu depois a sua palavra.

Embarcámos á meia noite, alumiados por numerosas fogueiras, accesas na praia pelos nossos hospedeiros. A lua começava a espelhar-se nas aguas do Xingú, quan-



RAPHAEL SANZIO pinx^t W. FRENCH sc.

NOSSA SENHORA, S. JOÃS E O MENINO.

Editores Rolland & Semiond Lisboa

do o ubá, solto da vara que o prendia á terra, se arremessou na corrente como um cavallo na carreira. Ferrugem entregou-me o jacumá ou governo, por ter visto provada no Tucuruí a minha aptidão de piloto... selvagem. Desculpe-me o leitor benevolo esta vaidade ou basofia, que por vezes paguei bem cara! posso dar-lhe por testemunhas, de nunca ter sido vencida na rapidez a canôa em que eu estivesse ao leme... as aguas do Xingú, do Tapajós, do Surubiú, e do Amazonas; de mil rios e lagos, que presencearam os meus triumphos e os dos meus tapuios.

Oh! saudade!... Oh! glorias fluviaes!...

Ferrugem e Agapito remavam no banco immediato ao meu; os dois tapuios íam á prôa, remando igualmente a par um do outro. Entre os remeiros de prôa e os de ré íam arrumadas as nossas bagagens e sobre ellas, para nos prolongar a sensação que produz a floresta virgem, a bicharada com que nos tinham mimoseado o povo e a nobreza juruna. De vez em quando conseguia um macaco soltar-se; depois outro; e a final começaram todos a correr por cima de nós, guinchando e mordendo-nos, para cortar a monotonia da viagem, quando pretendiamos chamal-os á ordem. Como seguiamos pelo meio do rio, e não os queriamos afogar, aturamos-lhes as picardias com paciencia, até o momento de passarmos encostados a uma ponta de terra. Ahi, fizemol-os voar todos por cima das ramarias, uns atirados e outros varridos a remo.

—Vão dizer aos nossos amigos jurunas, que passámos por este sitio sem novidade!—lhes gritou Ferrugem.

Os papagaios, araras e piriquitos, que eram numerosos, agitados com o reboliço dos macacos, ficaram fazendo uma bulha infernal.

—Esperem, que eu já os arranjo!—exclamei eu, incommodado sériamente com a berraria.

—Quer que os despache tambem?—interrogou o meu patricio.

—Faça-me esse favor.

—Vou expedir correios de cinco em cinco minutos ao nosso hospede, para que elle tenha sempre noticias frescas.

Em pouco tempo haviam partido todos; mas tivemos a desconfiança de que nenhum foi assás condescendente para ir ao campo juruna levar as nossas saudades!

—Era uma sucia de ingratos!—dizia depois Ferrugem.

Vinha rompendo a manhã quando nos aproximámos da cachoeira grande do Xingú, cujo estrondo se ouvia a distancia de tres leguas! Ferrugem havia-nos dado as suas instrucções muito antecipadamente, recommendando silencio absoluto, para se poder ouvir a sua voz, se algum incidente inesperado provocasse novas ordens. Escolhendo entre os dois tapuios o que lhe merecia mais confiança, passou com elle para a prôa e tomando cada um seu varejão, collocaram-se ambos de pé, costas contra costas. O outro indio veio para junto de Agapito.

A sciencia da navegação, para os temerarios que passam a cachoeira, reduz-se a conservar o ubá perfeitamente direito na linha da corrente para dar sem maior perigo o salto de frecha. A salvação ali depende tanto da habilidade de quem vae ao jacumá, como da firmeza dos proeiros; se o impulso dado pelas varas não fôr igual e simultaneo, e se o piloto não souber manter o equilibrio, o ubá atravessa antes do salto e o naufragio é inevitavel.

Com a primeira claridade da manhã notei que o rio começava a estreitar-se, apertado por grandes rochedos escuros. O estampido era medonho! Olhei para os dois proeiros e vi-os immoveis, como dois athletas de pedra, empunhando os varejões em attitude de se servirem d'elles. Dos proeiros passei a examinar os meus visinhos remadores; o tapuio pareceu-me impassivel; estava no seu elemento. Agapito olhava com terror para a massa enorme de agua negra, que se desenrolava deante de nós, sumindo-se a quinhentos ou seiscentos metros da prôa. Todos íamos silenciosos; ninguem remava. Eu apertei o punho do jacumá, desejoso de imprimir-lhe a minha vontade, para conduzir a canôa bem no centro da corrente, que nos arrastava para o abysmo com uma velocidade de muitas milhas por hora.

O sol mostrou-se repentinamente sobre os arvoredos da margem oriental e deu ao quadro, em que nós eramos accessorios infimos, um aspecto phantastico e grandioso, que eu já não tive tempo para admirar detidamente.

O rio, que se fôra apertando gradualmente, mostrou-nos então a poucas varas da prôa uma especie de garganta, por onde se precipitavam, em fórma de rôlo aberto ao centro, todas as suas aguas, que caíam espumando e rugindo com indescriptivel fragôr n'uma bacia immensa. Ao tempo em que entravamos n'esse passo temeroso o ubá tocou em um rochedo e eu ouvi a voz potente de Ferrugem elevar-se acima da voz da cataracta, bradando:

—Contro! Contro!

E vi o intrepido portuguez caír no abysmo.

O ubá atravessou-se, voltando para baixo a pôpa com a rapidez do relampago; e este movimento, que era a nossa perda, permittiu-me deitar a mão ao naufrago e suspendel-o um momento fóra de agua; mas não podendo embarcal-o, nem conseguindo elle voltar-se, e tendo a canôa, por uma especie de prodigio, retomado a posição parallela com a corrente, saltou, ao mesmo tempo que eu, não querendo largar o meu companheiro e amigo, caía tambem pela borda fóra.

Tudo isto, que leva agora tanto tempo a descrever, foi instantaneo. A curta distancia da queda ha um grande baixo de areia e ali nos achámos, Ferrugem e eu, com a agua pelo meio do corpo, sem termos uma unica arranhadura! São milagres, que a Providencia parece comprazer-se em conceder aos temerarios! Por quê? Sabe-o só Deus, que os permitte.

Ai! Se eu pudesse tornar a ir ali vêr o sol, como n'aquelle dia, atravez das nuvens formadas pelo vapor da cataracta, que pareciam envolvel-o n'uma rede de crystal, de purpura e de oiro!... Que importa que a furia das correntes, atacando sem cessar os rochedos que formam a cachoeira, tenha reduzido immensamente a grandeza d'esta? Talvez que eu lá achasse novamente o enthusiasmo, a inspiração, a força e a alegria... se tambem pudesse achar a mocidade!...

F. G. DE AMORIM.



MADONNA DE RAPHAEL

A mais alta, e quem sabe se temeraria, concepção a que possa a arte aventurar-se é a representação da divindade pelas fórmas e pelas côres. É encerrar o infinito no que para ser painel ou imagem, tem de ser forçosamente limitado; é inscrever n'uma figura a immensidade, é illuminar com o suave mas frouxissimo clarão da palheta ou do buril o que mesmo entre os jorros de luz da natureza, nem a vista póde alcançar, nem o entendimento discernir.

O *bello*, como noção pura e transcendente conceito da razão, é de si ideal e illimitado. Mas a sua realisação concreta suppõe nas artes figurativas a fórma finita, individual, determinada. E como pretendeis vós, pintores e imaginarios, ao que é immenso, incomprehensivel, clausural-o na fórma definida pelos contornos, que são geometricamente a negação do infinito? Presuppõe a idéa de Deus a sua absoluta independencia em relação ao tempo e ao espaço, e vós aventuraes-vos a exprimil-a na fórma, que só póde conceber-se e realisar-se, tendo o espaço e o tempo como suas condições essenciaes?

Que o pensamento nos seus vôos mais audazes se alteie e se arremece a inquirir a essencia e os attributos da divindade e busque enuncial-os pela palavra, não será para estranhar, porque são ideaes as pinturas do entendimento, espirituaes as côres da phantasia, incorporeas as figuras e os *schemas*, com que o espirito a si mesmo representa o mundo intelligivel e as suas admiraveis creações.

O contemplativo, que depurando a alma de todas as suas mundanidades, chegou em seu parecer a conversar com Deus, admira a imagem do Creador atravez da fé ardente e da piedade enthusiasta, que, á semelhança de um poderoso telescopio espiritual, lhe magnifica o que está longe da visão. O pantheista vê o rosto da divindade a debuxar-se a cada passo, a cada instante, nas grandiosas apparições da natureza e nos phenomenos mudaveis da vida universal. O pensador christão contempla indecisas e veladas por um sendal de escassa transparencia, as feições do Creador, reflectidas no espelho do universo. E quem sabe se os que souberam lêr mais largamente nas paginas do mundo, se os que melhor trasladaram para os livros da sciencia as harmonias dos céos, e pesaram na balança intellectual os corpos planetarios e mediram as distancias que os separam, e traduziram na linguagem humana o codigo da naturesa, descobrindo as suas leis, não tiveram porventura com maior lucidez do que os artistas o remoto e imperfeito simulacro da divina physionomia? Pythagoras, o mystico da sciencia, melhor que Phidias, o mundano? Newton, o geometra da fé, melhor do que Buonarotti, e Raphael, pagãos na arte, christãos só pelo berço?

Não se contenta o homem com a noção espiritual da divindade. É mister que as linhas e as côres, a luz e os perfis apresentem personificada a imagem do Omnipotente. E este empenho insaciavel de contemplar visualmente, n'uma expressão convencional, mas sensivel e formosa, o que transcende os limites da razão, e ainda mais o dominio dos sentidos, é uma clara demonstração de que ainda aos mais altos conceitos intelligiveis, e ás cousas mais absolutamente espirituaes, o homem se compraz em associar as delicias da sensação e as scenas da phantasia.

Apoz a diuturna decadencia das artes figurativas, remittidas já de sua antiga e piedosa austeridade as repugnancias dos christãos contra o genio da classica gentilidade e contra as suas mundanas, mas admiraveis creações, de novo principiam a alvorecer na Europa a pintura e a estatuaria. O sentimento religioso predomina sobre todas as relações da vida social na meia idade. Em vão os iconomachos assolam durante largos annos a igreja do Oriente com as lastimosas contenções sobre o uso legitimo dos simulacros e das imagens. Em vão, invocando a priméva simpleza dos tempos apostolicos, os mais severos ou os mais fanaticos intentam desterrar as artes do recinto dos templos christãos. A idéa esthetica, mal apagada na proscripção geral das tradições pagãs, reapparece no seio da christandade. A arte classica irrompe desfigurada, mas triumphante, por entre a evangelica singeleza da nova religião. A basilica do paganismo dá o modelo á basilica da cruz. O Pantheon gentilico, expulsos os numes antigos, dá logar ás pompas mysticas da nova crença espiritual. A arte, ainda nos seus estreitos incunabulos, sente-se dominada pelo desejo ambicioso de altear-se ás celestes regiões. O mundo não póde bastar-lhe por campo de suas conquistas. E necessario que ella empreste as côres e as fórmas terrenaes aos assumptos do céo e aos paineis da immortalidade. Não se contenta agora a arte, como o austero symbolismo e a singela iconographia do christianismo primitivo, com representar na mão mysteriosa, surgindo d'entre as nuvens, a energia creadora; não lhe basta já esconder na figura do cordeiro, do peixe ou do leão, como em novo hieroglypho, a figura divina do Salvador. O sentimento, consubstanciando-se com a arte, aspira ousadamente ao infinito, alonga-se em demanda do que transcende os sentidos e a razão, e como que desprendendo-se do seu mundano invólucro, propõe-se estampar na téla as fórmas, com que a phantasia artistica debuxa em seu retrato a divindade.

O symbolo e a allegoria, por incolores e inestheticos, não satisfazem a devoção ou a gloria do imaginario ou do pintor, quando as artes, principiando a despertar de sua larga decadencia, para assumptos grandiosos temperam a palheta ou apparelham o buril. O symbolo e a allegoria são apenas signaes ideographicos, hieroglyphos, que pódem fallar ao mysticismo da fé, mas são perpetuamente mudos para o enthusiasmo da imaginação. A symbolica do christianismo vae cedendo o passo á representação anthropomorphica das divinas hypostases. Deus apparece humanado nos paineis e nas imagens. O dogma da encarnação torna mais soluveis os problemas da arte christã. Ao Homem-Deus póde a arte sem irreverencia e sem temeridade, dar logar nas suas mais sublimes concepções.

O anthropomorphismo, que no Zeus olympico de Phidias dá apenas a expressão de um homem ideal, mas physico e mundano, agora sanctificado pela crença na humanação de um divino Mediador, abre á arte christã novo caminho.

Na antiga Hellade a arte, ainda nos seus primordios, quando antes *significa* do que *representa* a divindade nas suas imagens toscas e primitivas, no *xoanon* ou nos *andriantes* [1] é essencialmente religiosa. Os proprios he-

[1] In Diensten der Priester machte sie Bilder, welche die Göttheit vielmehr bedeuten, als darstellen sollten. *Gesch. der griech. Künstler*, von dr. H. Brunn. I. 56.

roes, com a sua popular significação na vida e nas tradições da Grecia, não acham a principio logar nas concepções plasticas do genio hellenico. Quando a arte se levanta depois aos seus mais esplendidos triumphos, com o cinzel de Phidias e o escopro de Polycleto, é ainda a idéa religiosa, a representação anthromorphica da divindade, que demanda os vôos mais sublimes do artista no apogêu das suas glorias.

Assim tambem a arte christã vota as suas primeiras inspirações á honra e ao culto da divindade. Libertando-se da barbarie, que a dominava durante os primeiros seculos da idade media, principia com Cimabué a sua regeneração no ideal e no technismo, até florescer no seu inexcedivel explendor, illuminado pelos clarões quasi divinos de Raphael e Miguel Angelo. Os assumptos religiosos são os que absorvem quasi inteiramente as attenções da arte mediéva até ao ponto, em que o renascimento, desentranhando as quasi obliteradas tradições e os esquecidos ou pouco estudados monumentos da arte classica, vem conciliar em intima união o *bello* sensual da gentilidade antiga e o sombrio mysticismo da meia idade.

Os grandes triumphos da arte religiosa realisa-os o genio fecundo e original dos dois grandes artistas encyclopedicos, do que traçou e coloriu a transfiguração de Christo, e do que concebeu e debuxou na capella Sixtina a apocalyptica epopéa do juizo final. Mas o genio de Miguel Angelo era porventura mais varonil e mais austero. Comprazia-se ao revez o amante da Fornarina em animar nas suas telas e nos seus frescos o gracioso, o feminil, o sentimental, o delicado. No pincel de ambos, embora christianisado, andam brincando as graças pagãs e os espiritos hellenicos. As suas imagens religiosas não têem a severa gravidade e o rude ascetismo, que distinguia as figuras sacras da idade media, os paineis devotos de frá Angelico de Fiesole, assim como a basilica de S. Pedro, comparada com os monumentos hieraticos do estylo ogival, ganha em correcção e em harmonia geometrica o que perdeu na sublime expressão do sentimento religioso.

E comtudo, apesar de que em Raphael de Urbino se pudéra dizer em certa maneira redivivo o genio da antiguidade, ninguem melhor do que elle reuniu no seu engenho florentissimo as faculdades, que sabem alliar na tela a graça e o donaire, a ternura affectuosa e a grave austeridade. O seu animo, quasi diriamos infantil como o seu rosto formoso, comprazia-se nas scenas, onde brilha o affecto maternal, onde a infancia e a innocencia se estreitam em amoravel fraternidade. Por isso ninguem o excedeu nas pinturas a Sacra Familia, nas *Madonnas* inimitaveis, onde envidou a arte, e ideou a phantasia quanto ha de grande e familiar, de austero na representação das divinas historias e de gracioso na expressão das suas figuras; onde os personagens apparecem admiraveis por formosos, venerandos por divinos.

No quadro, de que é copia a nossa estampa, que doce e ao mesmo tempo sobrehumana formosura, não transparece no semblante da *Madonna!* Como é viva a expressão do carinho materno, que se delicia em contemplar o filho pequenino, que ao mesmo tempo é o Redemptor da humanidade! Como a arte quasi vence o impossivel de exprimir nas linhas e nas côres este infinito amor que não é só de mãe vulgar para o fructo do seu seio, senão de mãe immaculada e virginal para o proprio Creador, de virgem *theótoca* para Deus feito menino! Como é formosissima a figura do Christo, que no regaço maternal anda já traçando a empreza divina de resgatar os homens do peccado! Como entre Jesus e o Baptista, parece travar-se uma infantil contenda, sobre qual dos dois ha de levar a cruz, que o Precursor tem de sua mão, e o Menino-Deus como que procura conquistar!

De Raphael e dos seus quadros seria um attentado de lesa-esthetica encarecer com palavras o merito e o louvor. As suas creações sentem-se, admiram-se, veneram-se; não se pódem descrever, nem criticar.

J. M. LATINO COELHO.

O TEMPLO ROMANO DE EVORA

IX

(Conclusão)

FOI, por certo, obra de homens a demolição da grande parte que hoje falta ao templo romano de Evora. Se o não fôra, se uma causa natural a derribára, appareceriam indicios no envasamento, cuja inteireza está mostrando o não ter padecido algum abalo ou commoção violenta.

Do attentado ficaram impressos signaes denunciadores nó fragmento do altar. Em sua face anterior permanecem os vestigios das cunhas de ferro, com que fizeram saltar em estilhaços a inscripção da dedicação do templo.

Estas e similhantes destruições se attribuem geralmente aos vandalos e outros barbaros que no seculo V invadiram a Peninsula. Sem pretender de modo nenhum attenuar a culpa que taes povos tiveram no estrago e ruina dos monumentos da architectura e da esculptura, observaremos que o templo de Evora e os edificios congeneres poderiam ter sido total ou parcialmente demolidos antes d'aquella invasão. Sirvam de prova os factos seguintes:

Pelos annos de 399 Gaudencio e Jovino, por ordem do imperador Honorio, demoliram em Africa todos os templos e aras da idolatria. Governava a Hespanha Macrobio, e aqui já se dilatara tanto a nova religião que o vigario e os christãos, por iniciativa propria ou á ordem do imperador, demoliram os templos das divindades fabulosas. E chegou o zêlo a ponto de quererem tambem, por que não ficasse rastro da idolatria, deitar por terra todos os edificios publicos adornados com estatuas dos falsos deuses. Atalhou, porém, o imperador tamanho excesso, prohibindo terminantemente que se destruissem ou mutilassem os edificios de utilidade publica e sem caracter religioso [1].

Em Evora grande foi a sanha dos demolidores, quem quer que elles fossem. Puzeram por terra o frontão, o entablmento, mais de metade das columnas; fizeram saltar a ferro a face do altar, e despedaçaram finalmente a estatua da divindade por modo tal que até hoje não appareceu do colosso de marmore mais que um dedo!

Á obra de demolição seguiu-se na idade media uma reconstrucção, á qual, posto que incongruente, se deve o ter-se conservado a parte restante do templo. Na borda do envasamento e no plano das columnas construiram grossas paredes de alvenaria, guarnecidas de ameias. Na

[1] Ferreras — *Historia de España*, parte 2.ª, pag. 325.

parte septentrional as columnas e a architrave ficaram embutidas nas paredes, sobresaíndo apenas tanto, quanto bastava, para se differençarem dos materiaes involventes[1].

Esta reconstrucção, que transformou o templo n'uma especie de torre, parece ter sido feita nos primeiros seculos da monarchia. Os arcos das portas nas paredes do norte e sul eram ogivas muito largas e imperfeitas, como as primeiras que se construiram em Portugal.

Que destino dariam em principio á torre ou casarão em que ficaram incorporadas as ruinas do templo romano? Ninguem o saberá dizer ao certo. Se é verdade ter havido uma casa da camara junto da Sé, como nos parece ter lido algures, muito bem poderia ser aquelle edificio. Que de ha muito pertence ao municipio prova-se com documentos do seculo XV que estão no archivo da camara de Evora[2]. E que já no seculo XIV servia de açougue, como ainda ha quarenta annos, dil-o Fernão Lopes na chronica de D. João I[3].

X

Era em janeiro de 1384. Decorrêra um mez depois que o mestre de Aviz fizera justiça por suas proprias mãos no amante da rainha D. Leonor. O povo applaudira amotinando-se, e chegára a precipitar de uma das torres da Sé o bispo de Lisboa. Sabidos nas provincias os motins da capital, haviam tido imitações n'algumas terras. Tomados tinham sido já pelos populares os castellos de Beja, Estremoz e Portalegre. Por toda a parte o partido do mestre se engrossava e fortalecia.

O alcaide mór da cidade de Evora, Alvaro Mendes de Oliveira, conhecendo quanto era para receiar o perigo do contagio, chamou aos seus criados, ao juiz Martim Affonso de Carvalho, casado com uma donzella da rainha, ao escrivão da camara do concelho, Vasco Martins Pousado, ao alcaide pequeno Gonçalo Lourenço e a outros *honrados do logar,* na phrase singela de chronista, e todos juntos se encerraram no castello, no dia 11 de janeiro, para o defenderem.

No mesmo dia Diogo Lopes Lobo, Fernão Gonçalves de Arca e João Fernandes, seu filho, *que erão hũs dos grandes que hi havia,* com todo o povo da cidade se levantaram contra os que se tinham encerrado no castello, e os foram combater, arremessando-lhes virotes de cima da Sé e do *açougue*.

E para os fazerem render mais depressa tomaram-lhes as mulheres e filhos, que encontraram na cidade, e os amarraram em cima de carros, e, levando-os á porta do castello, bradaram aos de dentro que o desamparassem logo, senão que lhes queimariam ali á vista as mulheres e filhos.

Sortiu o desejado effeito este ardil, que Fernão Lopes chama *hũ jogo que os pouos meudos em semelhante caso muyto acustumauão de fazer*.

Saíram dissimuladamente os defensores do castello pela porta de traição para fóra dos muros; e para que a populaça não se fosse vingar n'elles ao caminho, os que os protegiam tiveram de cerrar todas as portas da cidade, a fim de que pudessem retirar-se em paz, como lhes tinham promettido.

Entrado o castello, a ferro e fogo destruiram boa parte d'elle. Deixaram, porém, uma torre a par do templo e outra mais abaixo, as quaes depois vieram a ficar incorporadas nos paços do conde de Olivença, hoje de seus descendentes os duques de Cadaval.

Continuou o templo a servir de açougue até ao anno de 1836, em que, sendo governador civil do districto de Evora o sr. Antonio José de Avila (depois marquez de Avila e Bolama), acertadamente fez que cessasse aquella ignobil applicação de tão venerando monumento, mandando fechar as portas e entregar as chaves á camara municipal.

XI

Em 1863 tinha desabado já a parte media do telhado que cobria o recinto da torre ou das ruinas. Algumas lapides, interessantes por seus lavores ou por inscripções que continham, ali haviam sido depositadas. Á falta de logar mais conveniente, outras muitas, por diligencia de quem escreve estas linhas, se recolheram tambem no mesmo recinto.

Todavia, as paredes construidas na idade media estavam em risco de vir a terra, pelas grandes fendas que as dividiam, em particular as dos lados do sul e do nascente. A falta parcial do telhado augmentava ainda o perigo da ruina, em que inevitavelmente se perderiam as columnas e a architrave ou toda a parte superior ao envasamento.

Não havia senão dois meios de prevenir tamanha perda: ou reparar as paredes arruinadas, ou demolil-as, deixando unicamente o que fosse obra romana. O primeiro alvitre, além de exigir maior despeza, perpetuaria um barbarismo, toleravel sómente no caso, em que importasse á conservação dos restos do templo. O segundo tinha a seu favor todas as razões da economia e da esthetica. Era a obra unica racionalmente admissivel. Por isso a propuzemos em 1869 á camara municipal n'um relatorio, que se imprimiu no mesmo anno[1].

Por infelicidade manifestava-se adversa a uma obra tão necessaria a opinião de muita gente em Evora. Uns, sequazes, inscientemente, das doutrinas utilitarias, entendiam que as ruinas do templo não passavam de uma antigualha improductiva, que se havia de deixar cair ou até de pôr por terra para desembaraçar o espaço que occupa. Outros, pelo contrario, filiados, tambem sem o saberem, na escola tradicional, pretendiam que se conservasse religiosamente não só a parte romana, mas ainda a da idade media, que suppunham representante da dominação arabe.

[1] Quem desejar fazer idéa do modo por que estas construcções alteravam o aspecto das ruinas do templo, compare a estampa gravada no *Archivo Pittoresco*, tomo VIII, pag. 313, com a gravura que appareceu n'este jornal com a primeira parte do nosso artigo.

[2] Citados pelo sr. A. F. Barata no *Instituto Vasco da Gama*, tomo I, pag. 204.

[3] *Chronica d'el-rey D. João I*, parte 1.ª, pag. 80.

[1] *Relatorio ácerca da renovação do museu Cenaculo, dirigido ao ex.mo sr. visconde da Esperança, presidente da camara municipal de Evora, por Augusto Filippe Simões.* Evora, 1869. N'este relatorio apresentavamos a idéa de conservar dentro no templo, depois de demolidas as paredes da idade media, a collecção archeologica ali depositada.

Conhecendo-se, porém, que os fragmentos de architectura e esculptura, especialmente os maiores alterariam a perspectiva das columnas, tirando ás ruinas o aspecto severo e magestoso, mudaram-se para uma casa inferior da galeria dos paços reaes no passeio publico, onde hoje se conservam. Perder-se-ha, porém, tão valiosa collecção, se as camaras municipaes persistirem na desarrazoada idéa de não completar a restauração d'aquella galeria, começada pelas vereações que emprehenderam os mais valiosos melhoramentos da cidade. D'esta galeria escrevemos no *Archivo Pittoresco*, tomo XI, n.os 1 e 6. Ainda hoje, como em 1868, a abobada fendida em varios logares está em perigo de abater, desmoronando a galeria. No caso em que ás vereações continue a repugnar a idéa racional da restauração, seria conveniente transferir para o museu do Carmo em Lisboa a collecção de Evora, que conterá uns setenta exemplares, muitos d'elles romanos.

Era vulgar a idéa de que o templo, por ter ameias, servíra de mesquita aos moiros. E corre até impressa esta fabula com as outras de que tinham tecido commodamente a historia d'aquelle edificio. Como prova irrefragavel de que fôra mesquita, não faltou em Evora quem allegasse o campanario que estava entre as ameias. Ora o *campanario moirisco,* mandara-o construir em 1500 elrei D. Manuel para o sino de correr [1]!

Presidia á camara municipal um cavalheiro illustrado que nos honrava com a sua amisade e que de boa-ficação das ruinas, n'uma terra em que os documentos d'esta especie tantas vezes servem para se fazer o contrario do que demonstram; se outro amigo nosso, o sr. Manuel de Paula da Rocha Vianna, official da bibliotheca publica, não succedesse na presidencia da camara ao sr. visconde da Esperança. Comprehendendo a necessidade da demolição das paredes e a grande vantagem que resultaria de expurgar a parte romana de todos os accrescentamentos posteriores, resolveu logo effeituar, custasse quanto custasse, uma obra indispensavel á conservação



Ruinas do templo romano de Evora, vistas da parte do sul

mente nos auxiliara, mandando transportar e collocar á custa do municipio as lapides que tratavamos de colligir. Mas, ou porque, relativamente ás ruinas, não ousasse contrariar a opinião geral, ou antes porque poucos mezes faltassem para terminar a gerencia da vereação presidida pelo sr. visconde da Esperança, findou o anno de 1869, sem que se desse um só passo para levar a effeito a obra do templo.

O relatorio ficaria, pois, sem ter outro resultado mais que o de prejudicar em vez de favorecer a idéa da puri-

1 *Archivo municipal Eborense. Liv.* III *dos originaes, fol.* 37. O sino de correr era o que nas cidades tocava a recolher a horas certas da noite.

de um dos monumentos mais interessantes ao estudo das artes em Hespanha e Portugal.

N'aquelle tempo ía muitas vezes a Evora o sr. José Cinatti dirigir a execução do plano que traçára para o passeio publico. Sem prevenção alguma, lhe pedimos que examinasse attentamente as ruinas e dissesse a obra que mais conviria fazer para que de todo se não perdessem. A sua opinião saíu conforme á idéa fundamental do projecto. Completou-o, porém, com particularidades technicas, e obsequiosamente se offereceu para dirigir a obra, da qual se tornou desde logo defensor ardente e apaixonado.

O coração do artista pulsava com a idéa de libertar as ruinas das pesadas construcções que as opprimiam e

occultavam, restituindo-lhes a graça e magestade que tiveram outr'ora e assimilhariam de novo o nosso templo aos monumentos congeneres da sua patria.

Tinha então o sr. José Cinatti grande popularidade em Evora. Todos viam maravilhados como a phantasia do artista transformára em formosissimo jardim uns logares que os muros arruinados, os montões de entulho e as plantas bravias faziam repugnante e desprazivel á vista. A transformação dera tal auctoridade a quem a imaginara e dirigira que, em coisas de arte, as suas palavras, como de oraculo, eram acolhidas e respeitadas.

Todavia a voz do sr. Cinatti não fez as conversões que se esperavam relativamente á obra do templo. A opinião geral continuou-lhe adversa. Apenas alguns cavalheiros, por sua illustração ou por amisade para comnosco, Vianna ou Cinatti, ousavam affrontar os obcecados contradictores do projecto.

Não desesperámos ainda de fazer persuadir uma idéa rasoavel. Como presidente da camara, Manuel Vianna consultou muitos dos homens mais competentes em Portugal ácerca da obra que se pretendia fazer para conservar as ruinas. Alguns não deram resposta, ou prometteram ir a Evora e não foram. Responderam, porém, e todos conformes em approvar e até em instar pela demolição das excrescencias que conspurcavam as ruinas, os srs. Abbade de Castro, Francisco de Assis Rodrigues, Ignacio de Vilhena Barbosa, José Maria Eugenio de Almeida, Victor Bastos, visconde de Castilho e visconde de Juromenha [1]. O sr. Alexandre Herculano, sem ter promettido cousa alguma, foi a Evora e deu verbalmente o seu parecer favoravel ao projecto. Lembrou tambem as indagações que, por interesse da archeologia, se haveriam de fazer, quando se demolissem as paredes construidas na idade media.

A unanimidade e ainda mais a qualidade dos votos eram para convencer os mais contumazes. Pois nem assim. Uns não se converteram, porque não conheciam aquelles nomes, excepto o de José Maria Eugenio de Almeida, que viam ás vezes em Evora e sabiam possuir algumas herdades proximas da cidade; outros porque se julgavam a si proprios superiores a todas e quaesquer auctoridades n'este ou n'outros assumptos.

Dirigida pelo sr. Cinatti, fez-se em 1871 a demolição das paredes que deformavam as magestosas ruinas. Ao vêr-se quanto ganhara a perspectiva do templo, por se projectarem no fundo azul do céo as columnas totalmente livres, mudou a opinião de muitos que se não convencem com palavras, mas com os factos. Outros, porém, permaneceram firmes como rochedos. Tal foi a camara que succedeu áquella que tivera Manuel Vianna por presidente. Um anno depois, em 1872, chorava ainda com lagrimas de crocodilo n'um documento official *as obras com que tinham desmantelado o templo de Diana!*

XII

Decorreram dois annos depois de concluida a obra da restauração das ruinas. Em Portugal não foi ainda, que nos conste, julgada por algum escriptor ou por alguma corporação. Não é para estranhar. Por uma parte, Evora, apesar do caminho de ferro, está tão longe de Lisboa e das provincias do norte, como as terras do Algarve. Por outra parte, os assumptos d'esta natureza não são por certo dos que andam mais em voga.

Um estrangeiro escreveu a respeito do templo, tal qual o vemos hoje, o seguinte:

[1] O sr. A. F. Barata no artigo citado publicou os trechos mais importantes das cartas a que alludimos.

«Pero lo mas importante que encierra Evora, es una veneranda reliquia, sin rival en toda la Peninsula, una construccion del pueblo romano. No se sabe el año en que se erigio, ni esta probado el nombre de *Templo de Diana* que por tradicion lleva esta preciosidad arquitectonica, desmantelada ya en la edad media y aprovechada para servir de una de las muchas torres con que aquel tiempo fué fortificada Evora. Desde entonces hasta el presente año, sus elegantes columnas han estado envueltas en grosera albañileria, hasta los capitelos, soportando el arquitrave el enorme peso de arruinados paredones de ocho a diez metros de altura, que si tardan mas en derribarse, hubieron arrastado en su ruina al templo romano. Libres hoy de tan barbaras embolturas, ostentan ya la gracia esbelta del estilo corintio las preciosas columnas, cuya base es de marmol blanco [1].»

Não foi nova a idéa da restauração da parte restante do templo romano de Evora.

Pelos annos de 1840, pouco mais ou menos, os srs. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e João Raphael de Lemos haviam tentado esta obra, posto que, segundo julgâmos, em seu projecto entrava a conservação de uma parte das paredes construidas na idade media. Chegaram a conseguir que a duqueza de Palmella cedesse para ser demolida, como em verdade foi, a casa velha da inquisição que se encostava ao templo por todo o lado occidental e parte do septentrional e meridional. Descoberto o terreno depois d'esta demolição, fizeram-se excavações em redor do envasamento e descobriram-se os tanques adjacentes [2]. Estes vestigios, que deveriam ser tão cuidadosamente conservados como o proprio templo, já os não chegámos nós a vêr. Tinham sido destruidos antes de 1863 para embellesar o largo e as ruas proximas.

Não puderam aquelles benemeritos cidadãos eborenses levar a cabo a sua idéa. E nós da mesma sorte veriamos baldados todos os esforços, se não tiveramos a fortuna de achar empenho igual ao nosso no sr. Manuel Vianna, presidente da camara municipal de Evora no biennio de 1870 e 1871.

Ao sr. José Cinatti deve-se a obsequiosa direcção da obra, por amor da qual foi a Evora algumas vezes.

Infelizmente, quando se aprestavam para a começar, tivemos, por motivo de doença, de ausentar-nos para Coimbra. Suppriu a nossa falta o sr. Antonio Francisco Barata que vigiou com o maior zêlo e dedicação o trabalho dos operarios, obstando a que se perdessem ou estragassem tanto as lapides que estavam no recinto do templo, como as que se encontraram ao demolir as paredes e que deveriam ser guardadas.

Emfim, do sr. Caetano Xavier da Camara Manuel, digno engenheiro districtal em Evora, obtivemos alguns esclarecimentos, sem os quaes ficaria menos completa a descripção das ruinas.

Aqui, longe d'estes nossos amigos, lhes testemunhamos vivo reconhecimento e a saudade do tempo em que lidámos todos na mesma campanha, como leaes e briosos camaradas.

A. FILIPPE SIMÕES.

[1] *Una semana en Lisboa — Guia del viagero por la ciudad, sus contornos y cercanias*, pag. 31.

[2] Additamento do sr. Rivara ao artigo citado do sr. Barata no *Instituto Vasco da Gama*, tomo I, pag. 209 e 210.

AO OUVIR-TE...

A primavera esplendida estendia,
Por sobre o campo o seu lençol de flôres,
E um canto vago e dôce aos céos subia,
De harmonias, de arômas, de fulgores!—

Era noite! Uma noite de tristeza,
Em que a mente namora embevecida,
Umas visões de pallida belleza,
Que nos relembram sonhos d'outra vida!

Eu scismava á janella, a vêr na sombra,
Do luar o phantastico lavôr,
Bordados d'oiro em perfumada alfombra,
Imagens leves de indeciso alvôr.

Não sei que vagos filtros de saudade,
N'essa noite desciam sobre mim!
E eu murmurava: «ó loira mocidade,
Nem um lyrio me dás do teu jardim?

Nunca á morbida luz de tantos astros,
Has de vêr-me com languido carinho,
Seguir co'a a vista os luminosos rastros,
Que outro olhar fôr deixando em meu caminho?

Não correrei jámais por esses campos,
Solto o cabello á voluptuosa aragem,
Entre a relva buscando os pyrilampos;
Nas fontes namorando a minha imagem?

Confiando do céo ás nuvens d'oiro,
Do meu sonho as delicias immortaes!
Tendo n'alma opulencias d'um thesouro,
Jorros de luz, concertos festivaes?

Ai! sempre, sempre quando a vida abranjo
Hei de achar desconfôrto e solidão?
Sou condemnada como o bello archanjo
Que Deus baniu da celica mansão?»

E a noite a distillar os seus languores!
E a seiva do arvoredo a estremecer,
E os ninhos revelando um céo de amores,
E a vida a palpitar em cada ser!

Foi n'ess'hora de sonhos dolorosos,
Foi n'ess'hora de calidos desejos,
Que sobre mim desceram caricioso[s],
Da tua lyra os languidos harpejos!

Hoje... meu Deus! Hoje a existencia é bella
Canta um hymno de graças cada aurora!
Vem-me filtros d'amor de cada estrella,
E é de ventura que a minh'alma chora!

Pinteus.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

CHRONICA DO MEZ



Os amadores de boa musica estiveram privados, quasi todo o mez, de ouvir cantar em S. Carlos.

O governo entendendo que a actual empreza não podia satisfazer ás principaes condições do contracto, em consequencia da mediocridade da companhia escripturada, mandou suspender, como se previa, as recitas lyricas até que viessem novos artistas substituir os que, por não agradarem, tiveram rescisão de contracto.

A empreza, porém, solicitou licença para dar alguns concertos e para representar o *Poliuto*. O governo accedeu ao pedido. A opera não desagradou e nos concertos houve bastantes applausos, especialmente ao contralto, a sr.ª Marchisio.

Parece que a empreza escripturou os conjuges Tiberini, soprano e tenor, que se achavam disponiveis por não terem querido acceitar compromisso para theatro algum. Da dama ha as melhores informações e julga-se que agradará muito; outro tanto se não espera do tenor.

Diz-se que se estreiarão no meado do proximo mez de janeiro, a dama nos *Puritanos* e o tenor na *Mathilde de Chabran*.

Bom será que a empreza seja mais feliz com estes artistas do que o foi com aquelles a quem rescindiu a escriptura. Lucram com isso os que tomaram a seu cargo a direcção dos espectaculos lyricos de Lisboa, e o publico, que terá occasião de ouvir em S. Carlos companhia digna d'aquelle theatro, um dos primeiros da Europa.

Nos theatros de declamação nenhum espectaculo houve que mereça menção especial.

Muitos artistas de nomeada fizeram beneficio—Taborda, Delfina, Theodorico, Joaquim de Almeida e outros, escolhendo todos peças novas, excepto Joaquim de Almeida que se lembrou de reproduzir a notavel comedia de V. Sardou *A familia Benoiton*. Boa lembrança teve aquelle actor porque a producção de Sardou tem chamado, como da primeira vez em que foi dada em Lisboa, a attenção do publico. As demais peças, embora não se recommendassem pela novidade da concepção nem pela verosimilhança do enredo, foram acolhidas benevolamente pelo publico.

Continua a escassez de originaes; apenas no theatro do Principe Real subiu á scena um drama portuguez, intitulado o *Cardeal-rei* para fazer face ás traducções que enxameiam os demais theatros.

O drama tem quatro actos, foi escripto pelo sr. F. Costa, que, segundo creio, se estreiou com elle no theatro, e é baseado nos acontecimentos succedidos na época em que no throno de Portugal se assentou o cardeal D. Henrique.

O publico applaudiu o trabalho do sr. F. Costa, coroando assim os esforços de um moço que principia, e incitando-o a tentar novas producções. O drama revela inexperiencias proprias de quem se aventura pela primeira vez a trabalhos d'aquella ordem, mas denota qualidades muito apreciaveis no auctor, que deve aproveital-as seguindo animosamente a carreira de escriptor dramatico, onde infelizmente encontrará hoje tão poucos competidores.

As diversões da capital não se limitaram este inverno aos theatros. No circo Price trabalha uma companhia de acrobatas e gymnastas, da qual fazem parte alguns artistas de merecimento, e no Casino entoam canções mais ou menos livres, meia duzia de francezas, que tambem dansam o *cancan* nos bailes de mascaras dados aos domingos e dias santificados n'aquella sala.

Honra-me sobremaneira ter de fallar de um livro notavel que viu a luz da publicidade este mez.

Refiro-me á comedia em quatro actos de Calderon de la Barca *Casa de dos puertas mala es de guardar*, accommodada á scena portugueza pelo sr. Francisco Serra.

Tem o sr. Francisco Serra procurado durante a sua carreira litteraria, tornar conhecidas do publico portuguez algumas obras

dramaticas mais salientes tanto de escriptores da nação visinha como de poetas italianos. D'esta vez escolheu para traduzir em melodiosos versos portuguezes uma das melhores composições do celebre classico hespanhol, que tanto enriqueceu o theatro da sua nação com obras immortaes. É serviço prestante o do sr. Serra, traduzindo producções de verdadeiro merecimento, a fim de as pôr ao alcance dos que não conhecem as linguas em que ellas foram originalmente escriptas.

Na obra dramatica de Calderon, a que me refiro, foi o traductor fidelissimo, modificando apenas o indispensavel para dar á peça tanta unidade de logar, quanta o theatro moderno requer. A comedia é admiravelmente enredada, tem dialogo e situações engraçadissimas, o que deve convidar alguma empreza a pôl-a em scena. Os bons resultados colhidos pelas excellentes traducções feitas ultimamente pelo sr. visconde de Castilho das principaes comedias de Molière, devem animar as emprezas a experimentar o effeito que na scena portugueza produzirá o excellente theatro de Calderon de la Barca.

Não posso terminar esta simples noticia sem mencionar o eloquente appello que o sr. Francisco Serra faz aos poderes publicos, em carta dirigida ao sr. Andrade Corvo, a quem dedica a sua excellente traducção, pedindo que se olhe convenientemente para o estado de abatimento em que está o theatro portuguez, e se ponha remedio a este mal, restabelecendo o subsidio, que, apesar de escasso, alguma influencia podia exercer nos futuros destinos da arte dramatica e da litteratura.

Como muito bem diz o sr. Francisco Serra, subsidiando o estado varias escolas, *não ha rasão plausivel para deixar de estender o seu auxilio efficaz ao theatro, como escola de tirocinio para a litteratura, de modelo para a arte dramatica e de moralidade e bons costumes para o publico.* Não haverá, de certo, quem se apresente a combater estas idéas; antes pelo contrario, hoje que o estado das finanças do paiz se afigura tão lisonjeiro, todos pugnarão para que se renove o auxilio ao theatro portuguez, necessidade que o proprio actual sr. ministro do reino já reconheceu por escripto.

Tambem antecedem o livro dois formosos artigos criticos dos srs. Pinheiro Chagas e Julio Cesar Machado, escriptos com muita erudição e em estylo sympathico.

O sr. Miguel Angelo Lupi, pintor historico e professor da academia de bellas artes, teve em exposição publica, durante alguns dias, no seu *atelier*, o retrato do sr. visconde de Castilho, de que fiz menção na chronica do mez passado, e varias outras obras de pintura. O publico concorreu ao *atelier* do distincto artista e louvou os trabalhos expostos, os quaes são effectivamente dignos de apreço.

Bom será que o systema iniciado pelo sr. Lupi de expôr ao publico as suas melhores producções, seja continuado pelo esclarecido professor e seguido pelos seus collegas. O publico e os artistas lucram com a exhibição das obras de arte; o publico vae a pouco e pouco aprendendo a vel-as e apreciaI-as, os artistas tornam-se conhecidos grangeando assim admiradores.

Ao sr. Lupi que se tem ultimamente applicado quasi exclusivamente á pintura de retratos, compete emprehender obras de maior vulto. Sabe o talentoso artista que os retratos têem secundaria importancia na arte, e que não é permittido a um pintor de historia, principalmente depois de haver produzido composições de tanta valia como as que têem saido dos habeis pinceis do sr. Lupi, consagrar os seus estudos e talentos sómente á reproducção das feições e expressão de qualquer individuo, acompanhadas de accessorios mais ou menos difficeis, mas cuja execução requer mais habilidade do que talento.

O sr. Lupi tem começado um quadro de composição formosamente concebido; espero, portanto, que a nova exposição que se annunciar no *atelier* d'este artista, seja para chamar o publico a apreciar um trabalho, que, por todas as razões, ha de ser superior ao melhor retrato pelos mesmos pinceis produzido.

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

A poesia que publicâmos do notavel escriptor brasileiro o sr. Luiz Guimarães Junior intitulada — *A alcova*, faz parte de um volume de versos intitulado — *Cantares*, que está sendo impresso no Rio de Janeiro por conta do conhecido editor d'aquella cidade, o sr. B. L. Garnier. É o caso de se dizer, que pela belleza de *alcova* bem se póde avaliar o primor dos demais *aposentos*.

Falleceram os seguintes artistas estrangeiros: — F. Pigeory, architecto francez; R. Arlett, gravador inglez; J. d'Armann, gravador allemão e A. de Tranchaut, conhecido pelo nome de Mirecourt, pintor de talento, discipulo de Ingres e antigo director do theatro do Odeon.

Fazem-se preparativos para uma exposição universal em 1875, na cidade de Genebra. O plano do palacio é do architecto Julio Chatron, o constructor do de Sião. O palacio não terá menos de 300:000 metros de superficie, afóra 60:000 reservados para diversos embellesamentos; será edificado á borda do lago no logar mais risonho e poetico que é possivel imaginar-se. Terá uma grande cupula, a maior que se tem construido, ao centro da qual se levantará uma columna monumental de 120 metros de altura, com um elevador mechanico que permittirá aos visitantes o contemplarem não só o interior da exposição mas tambem o mais formoso panorama da Suissa. Da plataforma descobrir-se-ha o lago Léman em toda a sua extensão, as montanhas do Jura, os Alpes Suissos e o monte Branco.



1967 — Imprensa Nacional — 1873



ARTIGOS

GRAVURAS

